



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



NORMA URBANA, Identidade Social e Variação
(TOMO I)

por

MARCELA MOURA TORRES PAIM

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Suzana Alice Marcelino Cardoso

SALVADOR
2007



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



NORMA URBANA, Identidade Social e Variação
(TOMO I)

por

MARCELA MOURA TORRES PAIM

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Suzana Alice Marcelino Cardoso

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutora em Letras.

SALVADOR
2007

Biblioteca Reitor Macêdo Costa - UFBA

P143 Paim, Marcela Moura Torres.

Norma urbana, identidade social e variação / Marcela Moura Torres Paim. - 2007.
1v. + anexos.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Suzana Alice Marcelino Cardoso.

Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2007.

1. Língua portuguesa - Advérbios. 2. Identidade social. 3. Sociolinguística. 4. Linguística. I. Cardoso, Suzana Alice Marcelino. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDU - 81'1
CDD - 401.43

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística

MARCELA MOURA TORRES PAIM

NORMA URBANA, Identidade Social e Variação

Tese para obtenção do grau de Doutora em Letras

Salvador, 27 de junho de 2007

Banca Examinadora:

Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso

Doutora em Letras, UFRJ
Universidade Federal da Bahia

Judith Hoffnagel

Doutora em Linguística, Indiana University
Universidade Federal de Pernambuco

Alda Britto da Motta

Doutora em Educação, UFBA
Universidade Federal da Bahia

Jacyra Andrade Mota

Doutora em Letras, UFRJ
Universidade Federal da Bahia
Sônia Bastos Borba Costa

Doutora em Letras, UFBA
Universidade Federal da Bahia

A

Maria de Lurdes e Djalma,

Josemar,

Marciano, Marcos Vinícius e Priscila.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado forças e muita coragem para seguir os caminhos que sempre desejei.

A Djalma e Maria de Lurdes, meus pais, pelos ensinamentos e estímulo.

A Josemar, meu companheiro, com quem reparto minha vida, meu tempo, minha filha, tudo.

A minha filhinha, Priscila, que conta e canta a vida, e não me deixa esquecer que nem só de cabeça vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus – principalmente Amor.

Aos meus irmãos, Marciano e Marcos Vinícius, sobretudo por me terem ensinado a riqueza do repartir e compartilhar.

À Prof^ª. Dr^ª. Judith Hoffnagel, minha orientadora do curso de graduação, a quem eu devo muito pelas grandes mudanças que ocorreram em minha vida.

À Prof^ª. Dr^ª. Suzana Alice Marcelino Cardoso, orientadora, sempre tão atenciosa, paciente, compreensiva, receptiva e, acima de tudo, incentivadora.

À Prof^ª. Dr^ª. Jacyra Andrade Mota pela disponibilidade de me ajudar com apoio bibliográfico e através das críticas e das sugestões que muito enriqueceram a minha pesquisa.

Ao CNPq pelo apoio financeiro e estímulo proporcionado pela seleção do meu projeto.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da UFBA, pelo apoio e pela qualidade dos seus professores, pesquisadores e funcionários.

Aos colegas do Instituto de Letras da UFBA pelo companheirismo, pela troca de idéias e de livros.

SUMÁRIO

	LISTA DE QUADROS	8
	LISTA DE GRÁFICOS	11
	RESUMO	13
	ABSTRACT	14
	INTRODUÇÃO	15
I.1	COMEÇANDO A TRAJETÓRIA	15
I.2	O DIRECIONAMENTO DA TESE	17
1	REFLEXÕES INICIAIS: UM OLHAR SOBRE A NORMA, O DISCURSO E A IDENTIDADE SOCIAL	20
1.1	AS NORMAS DA LÍNGUA	24
1.2	DISCURSO, AÇÃO SOCIAL E IDENTIDADE SOCIAL	28
1.3	O DISCURSO URBANO ORAL CULTO	33
1.4	A IDENTIDADE SOCIAL DE FAIXA ETÁRIA	39
1.5	A IDENTIDADE SOCIAL DE GÊNERO	44
2	CONSIDERAÇÕES SOBRE A VARIAÇÃO DA LÍNGUA E A SUA RELAÇÃO COM O ESPAÇO E O TEMPO	51
2.1	A SOCIOLINGUÍSTICA	53
2.2	O CONCEITO DE VARIEDADE DE USO	54
2.3	UM ENFOQUE LEXICAL	56
2.4	UM ENFOQUE GEOGRÁFICO	58
2.4.1	Porto Alegre	60
2.4.2	Recife	62
2.4.3	Rio de Janeiro	63
2.4.4	Salvador	64
2.4.5	São Paulo	66
2.5	UM ENFOQUE ETÁRIO	69
2.5.1	A vida e o tempo	71

2.5.2	A categoria idade/geração	78
2.5.3	A relação entre as idades	80
2.5.4	Os jovens e idosos no Brasil	84
2.5.5	A variável faixa etária	93
3	O PAPEL DO ADVÉRBIO, DAS EXPRESSÕES DE TEMPO E DO LÉXICO NA CARACTERIZAÇÃO DO DISCURSO DA PRIMEIRA E DA TERCEIRA FAIXA ETÁRIA	97
3.1	AS REFLEXÕES SOBRE O ADVÉRBIO NA PERSPECTIVA DE BOMFIM	98
3.2	AS REFLEXÕES SOBRE O ADVÉRBIO NA PERSPECTIVA DE PERINI	104
3.3	AS REFLEXÕES SOBRE O ADVÉRBIO NA PERSPECTIVA DE MOURA NEVES	107
3.4	AS REFLEXÕES SOBRE O ADVÉRBIO NA PERSPECTIVA DE BECHARA	113
3.5	ADVÉRBIOS DE TEMPO	122
3.5.1	Os Advérbios de Tempo na visão de Bomfim	122
3.5.2	Os Advérbios de Tempo na visão de Moura Neves	128
3.6	A ABORDAGEM DAS EXPRESSÕES DO TEMPO NA PERSPECTIVA DE ILARI	132
3.7	AS REFLEXÕES SOBRE O LÉXICO	140
3.7.1	O Léxico no Discurso	144
3.7.2	Os Itens Lexicais Genéricos, os Antropônimos e os Topônimos	149
4	O <i>CORPUS</i>	160
4.1	ESCOLHA DO <i>CORPUS</i>	162
4.2	METODOLOGIA	167
4.3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	171
5	OS DADOS NA REVELAÇÃO DAS IDENTIDADES SOCIAIS	177
5.1	OS MARCADORES TEMPORAIS DOCUMENTADOS NO <i>CORPUS</i>	178
5.1.1	Levantamento das ocorrências de marcadores temporais na perspectiva estrutural	178
5.1.2	Análise dos marcadores temporais sob a perspectiva da reiteração	203
5.1.3	Análise quantitativa dos marcadores temporais	213
5.2	OS ITENS LEXICAIS DOCUMENTADOS NO <i>CORPUS</i>	226

5.2.1	Levantamento das ocorrências dos itens lexicais reveladores da faixa etária	227
5.2.2	Análise quantitativa dos itens lexicais reveladores da faixa etária	234
5.3	COMO SE APRESENTAM OS MARCADORES TEMPORAIS E O LÉXICO NOS INQUÉRITOS: AMOSTRA E ANÁLISE DE ALGUMAS OCORRÊNCIAS	245
	CONCLUSÃO	295
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
	ANEXO I	
	ANEXO II	

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	A ligação entre os advérbios e o contexto	100
Quadro 2 –	Possibilidades de funções sintáticas desempenhadas pelos advérbios	105
Quadro 3 –	Características semânticas dos adverbiais	111
Quadro 4 –	Os advérbios e suas relações intensificadoras graduais	120
Quadro 5 –	Síntese da reflexão sobre advérbio na perspectiva de Bechara	121
Quadro 6 –	Resumo sobre os advérbios de tempo na perspectiva de Bomfim	127
Quadro 7 –	O plano semântico dos advérbios de tempo	130
Quadro 8 –	Os adjuntos de tempo e os processos de dêixis e anáfora	136
Quadro 9 –	Características do <i>corpus</i> selecionado	162
Quadro 10 –	Características dos informantes	169
Quadro 11 –	CrITÉrios de Análise dos Marcadores Temporais	173
Quadro 12 –	Tipologia de seleção lexical	174
Quadro 13 –	CrITÉrios de Análise dos Itens Lexicais	175
Quadro 14 –	Características dos informantes entrevistados em 2006	176
Quadro 15 –	Levantamento de Marcadores Temporais nos Inquéritos do tipo DID	213
Quadro 16 –	Levantamento de Marcadores Temporais nos Inquéritos do tipo D2	221
Quadro 17 –	Levantamento de Itens Lexicais nos Inquéritos do tipo DID	234
Quadro 18 –	Levantamento de Itens Lexicais nos Inquéritos do tipo D2	239
Quadro 19 –	Apresentação dos marcadores temporais (DID – 121/POA)	246
Quadro 20 –	Apresentação dos marcadores temporais (DID – 150/RE)	247
Quadro 21 –	Apresentação dos marcadores temporais (DID – 251/SP)	248
Quadro 22 –	Apresentação dos marcadores temporais (DID – 08/POA)	249
Quadro 23 –	Apresentação dos marcadores temporais (DID – 012/RJ)	250
Quadro 24 –	Apresentação dos marcadores temporais (DID – 004/RE)	250
Quadro 25 –	Apresentação dos marcadores temporais (DID – 084/RJ)	251
Quadro 26 –	Apresentação dos marcadores temporais (DID – 138/SSA)	252
Quadro 27 –	Apresentação dos marcadores temporais (DID – 173/SSA)	253
Quadro 28 –	Apresentação dos marcadores temporais (DID – 161/SP)	253

Quadro 29 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 344/POA)	254
Quadro 30 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 06/POA)	255
Quadro 31 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 156/RE)	256
Quadro 32 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 145/RE)	257
Quadro 33 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 112/RJ)	258
Quadro 34 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 250/SP)	258
Quadro 35 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 242/SP)	259
Quadro 36 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 317/RJ)	260
Quadro 37 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 094/SSA)	260
Quadro 38 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 159/SSA)	261
Quadro 39 – Apresentação dos marcadores temporais (D2 – 283/POA)	262
Quadro 40 – Apresentação dos marcadores temporais (D2 – 151/RE)	263
Quadro 41 – Apresentação dos marcadores temporais (D2 – 147/RJ)	264
Quadro 42 – Apresentação dos marcadores temporais (D2 – 095/SSA)	265
Quadro 43 – Apresentação dos marcadores temporais (D2 – 343/SP)	265
Quadro 44 – Apresentação dos marcadores temporais (D2 – 365/POA)	266
Quadro 45 – Apresentação dos marcadores temporais (D2 – 266/RE)	267
Quadro 46 – Apresentação dos marcadores temporais (D2 – 374/RJ)	268
Quadro 47 – Apresentação dos marcadores temporais (D2 – 298/SSA)	269
Quadro 48 – Apresentação dos marcadores temporais (D2 – 333/SP)	270
Quadro 49 – Apresentação do léxico – ocorrências de <i>Vitrola</i> e <i>Eletrola</i>	270
Quadro 50 – Apresentação do léxico – ocorrência de <i>Parada</i>	271
Quadro 51 – Apresentação do léxico – ocorrências de <i>Bonde(s) elétrico(s)</i>	272
Quadro 52 – Apresentação do léxico – ocorrência de Crayon , Ruge e <i>Na crista da onda</i>	273
Quadro 53 – Apresentação do léxico – ocorrência de <i>Na onda</i>	274
Quadro 54 – Apresentação do léxico – ocorrência de <i>Gagá</i>	275
Quadro 55 – Apresentação do léxico – ocorrência de <i>Transa</i>	275
Quadro 56 – Apresentação do léxico – ocorrência de <i>Zoeira</i>	276
Quadro 57 – Apresentação do léxico – ocorrência de <i>Praça da alegria</i> , <i>Caça</i> e <i>Balança mas não cai</i>	277
Quadro 58 – Apresentação do léxico – ocorrências de <i>Radiola</i>	277

Quadro 59 –	Apresentação do léxico – ocorrências de <i>O inspetor e avacalhar</i>	278
Quadro 60 –	Apresentação do léxico – ocorrência de <i>Bela da Tarde</i>	278
Quadro 61 –	Apresentação do léxico – ocorrências de <i>Cruzeiro(s)</i>	279
Quadro 62 –	Apresentação do léxico – ocorrência de <i>Normalista</i>	281
Quadro 63 –	Apresentação do léxico – ocorrência de <i>Carniceiro</i>	281
Quadro 64 –	Apresentação do léxico – ocorrência de <i>Baile de gala e casaca</i>	281
Quadro 65 –	Apresentação do léxico – ocorrências de <i>Sabatina(s)</i>	282
Quadro 66 –	Apresentação do léxico – ocorrência de <i>Palmatória</i>	282
Quadro 67 –	Apresentação do léxico – ocorrência de <i>Trem de bitola larga, Trem de bitola estreita, Trem a lenha e Morosa</i>	283
Quadro 68 –	Apresentação do léxico – ocorrência de <i>Bonde, Caradura e Taioba</i>	284
Quadro 69 –	Apresentação do léxico – ocorrência de <i>Bonde, Bonde misto e Banco para transporte de carga</i>	284
Quadro 70 –	Apresentação do léxico – ocorrências de <i>Bonde de burro</i>	285
Quadro 71 –	Apresentação do léxico – ocorrências de Ruge	286
Quadro 72 –	Apresentação do léxico – ocorrências de <i>Anágua e Combinação (ões)</i>	286
Quadro 73 –	Apresentação do léxico – ocorrências de <i>Ceroulas e Chambre(s)</i>	287
Quadro 74 –	Apresentação do léxico – ocorrências de <i>Pulôver</i>	287
Quadro 75 –	Apresentação do léxico – ocorrência de <i>Diabo a quatro</i>	288
Quadro 76 –	Apresentação do léxico – ocorrências de <i>Contos</i>	288
Quadro 77 –	Apresentação do léxico – ocorrência de <i>O diabo perdeu as precata e nunca mais vortou pa buscá</i>	289
Quadro 78 –	Apresentação do léxico – ocorrências de <i>Mirréis</i>	289
Quadro 79 –	Apresentação do léxico – ocorrências de <i>Crause, Catirina e Café Amazonas</i>	290
Quadro 80 –	Apresentação do léxico – ocorrências de <i>Comer</i>	290
Quadro 81 –	Apresentação do léxico – ocorrências de <i>Madame, Coleteira(s) e madamia</i>	291
Quadro 82 –	Apresentação do léxico – ocorrências de <i>O Bem Amado</i>	292
Quadro 83 –	Apresentação do léxico – ocorrências de <i>Rainha Diaba e A Estrela Sobe</i>	293

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Marcadores temporais segundo a variável faixa etária nos inquéritos do tipo DID	215
Gráfico 2 –	Marcadores temporais segundo a variável gênero nos inquéritos do tipo DID	215
Gráfico 3 –	Marcadores temporais segundo a variável gênero e 1º faixa etária nos inquéritos do tipo DID	216
Gráfico 4 –	Marcadores temporais segundo a variável gênero e 3º faixa etária nos inquéritos do tipo DID	216
Gráfico 5 –	Marcadores temporais segundo a variável cidade nos inquéritos DID	217
Gráfico 6 –	Marcadores temporais segundo a variável cidade nos inquéritos da 1º Faixa Etária do tipo DID	217
Gráfico 7 –	Marcadores temporais segundo a variável cidade nos inquéritos da 3º Faixa Etária do tipo DID	218
Gráfico 8 –	Marcadores temporais segundo as variáveis cidade e gênero feminino nos inquéritos da 1º Faixa Etária do tipo DID	218
Gráfico 9 –	Marcadores temporais segundo as variáveis cidade e gênero masculino nos inquéritos da 1º Faixa Etária do tipo DID	219
Gráfico 10 –	Marcadores temporais segundo as variáveis cidade e gênero feminino nos inquéritos da 3º Faixa Etária do tipo DID	220
Gráfico 11 –	Marcadores temporais segundo as variáveis cidade e gênero masculino nos inquéritos da 3º Faixa Etária do tipo DID	220
Gráfico 12 –	Marcadores temporais segundo a variável faixa etária nos inquéritos do tipo D2	222
Gráfico 13 –	Marcadores temporais segundo a variável gênero nos inquéritos do tipo D2	223
Gráfico 14 –	Marcadores temporais segundo a variável cidade nos inquéritos D2	224
Gráfico 15 –	Marcadores temporais segundo a variável cidade nos inquéritos da 1º Faixa Etária do tipo D2	224
Gráfico 16 –	Marcadores temporais segundo a variável cidade nos inquéritos da 3º Faixa Etária do tipo D2	225
Gráfico 17 –	Marcadores temporais segundo a variável faixa etária nos inquéritos DID e D2	225
Gráfico 18 –	Marcadores temporais segundo a variável cidade nos inquéritos DID e D2	226
Gráfico 19 –	Itens lexicais segundo a variável faixa etária nos inquéritos do tipo DID	235
Gráfico 20 –	Itens lexicais segundo a variável gênero nos inquéritos do tipo DID	236
Gráfico 21 –	Itens lexicais segundo a variável gênero e 1º faixa etária nos inquéritos do tipo DID	237
Gráfico 22 –	Itens lexicais segundo a variável gênero e 3º faixa etária nos inquéritos do tipo DID	237

Gráfico 23 – Itens lexicais segundo a variável cidade nos inquéritos DID	238
Gráfico 24 – Itens lexicais segundo a variável cidade nos inquéritos da 1º Faixa Etária do tipo DID	238
Gráfico 25 – Itens lexicais segundo a variável cidade nos inquéritos da 3º Faixa Etária do tipo DID	239
Gráfico 26 – Itens lexicais segundo a variável faixa etária nos inquéritos do tipo D2	241
Gráfico 27 – Itens lexicais segundo a variável gênero nos inquéritos do tipo D2	241
Gráfico 28 – Itens lexicais segundo a variável cidade nos inquéritos D2	243
Gráfico 29 – Itens lexicais segundo a variável cidade nos inquéritos da 1º Faixa Etária do tipo D2	243
Gráfico 30 – Itens lexicais segundo a variável cidade nos inquéritos da 3º Faixa Etária do tipo D2	244
Gráfico 31 – Itens lexicais segundo a variável faixa etária nos inquéritos DID e D2	244
Gráfico 32 – Itens lexicais segundo a variável cidade nos inquéritos DID e D2	245

RESUMO

Essa pesquisa, apresentada em três tomos, toma por objeto a análise dos inquéritos do tipo DID – Diálogo entre Informante e Documentador – e D2 – Diálogo entre Dois Informantes – da primeira e da terceira faixa etária das cidades de Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo do Projeto NURC, investigando como os marcadores temporais e os itens lexicais denotadores de faixa etária manifestam os diversos conteúdos/significados da representação de faixa etária. Examinado esse corte na perspectiva teórica e segundo a prática de uso desses informantes, no primeiro tomo, toma-se como ponto de partida uma concepção de identidade social etária desenvolvida no campo das ciências sociais e procura-se explicitar como se dá o comportamento lingüístico dos informantes no que se refere à utilização dos marcadores temporais e dos itens lexicais denunciadores de faixa etária. Foram analisados vinte inquéritos do tipo DID e dez inquéritos do tipo D2, da década de setenta e procedeu-se ao levantamento das ocorrências em que os interlocutores revelavam o trabalho de seleção lexical propriamente dito. Os resultados desse estudo mostram que: 1) não há uma hipótese fixa a ser postulada no sentido de explicar o porquê da predominância de marcadores temporais ou itens lexicais denunciadores de faixa etária em tal ou qual cidade; 2) não houve unanimidade em relação à predominância de usos dos elementos lingüísticos em questão no que se refere à terceira faixa etária nos resultados obtidos, já que no caso dos marcadores temporais no diálogo entre dois informantes é a primeira faixa etária quem apresenta maior presença de marcadores temporais; 3) não houve unanimidade em relação à predominância de usos dos elementos lingüísticos em questão no que se refere ao gênero nos resultados obtidos, pois a ordem de predominância dos gêneros não é a mesma: marcadores temporais (masculino-masculino, feminino-feminino e masculino-feminino) e itens lexicais denunciadores da faixa etária (masculino-feminino, feminino-feminino e masculino-masculino). Na análise do discurso de algumas ocorrências, foi possível perceber que a riqueza de detalhes com a temática da comparação passado X presente, o apelo às narrativas e a valorização do tempo anterior estão presentes na linguagem dos informantes da primeira e da terceira faixa, entretanto são bem mais fortes no discurso dos idosos, pelo fato de eles possuírem uma larga experiência e, ainda, a vontade de compartilhá-la. No segundo tomo, encontram-se os anexos constituídos pela listagem das estruturas de tempo (pontuais e fraseológicas) em ordem alfabética, a listagem das expressões de tempo em seus contextos de ocorrência e no terceiro tomo estão a ficha utilizada no teste de identificação, a listagem dos itens lexicais denunciadores da faixa etária em ordem alfabética e uma outra listagem desses itens lexicais contextualizados. Assim, essa pesquisa que define por objeto a análise do discurso de informantes da primeira e da terceira faixa etária de informantes do Projeto NURC se propõe contribuir para o desenvolvimento dos estudos na área da Sociolingüística.

Palavras-chave: identidade social; faixa etária; marcadores temporais; itens lexicais.

ABSTRACT

The present research, made up of three volumes, has the aim of analyzing inquiries of the kind DID – Dialogue Between Informer and Documentarist, and D2 – Dialogue Between Two Informers – belonging to the first and third age groups from the cities of Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, and São Paulo of the NURC Project, investigating how temporal markers and lexical items pertaining to each age group embody the diverse contents/meanings of the age group representation. By examining these two kinds of interviews under a theoretical perspective and according to the these informers' practice of use, in the first volume, the starting point was a conception of social identity related to age, developed in the field of social sciences and attempting to explain how the linguistic behavior of informers occurs in relation to the use of temporal markers and lexical items denouncing the age group. Twenty inquiries from the 1970's belonging to the DID kind, and ten questionnaires of the D2 type were analyzed; then the occurrences where the interlocutors revealed the choice of lexical selection were gathered. The findings of this kind of study show that: 1) there is no fixed hypothesis on why there was a predominance of temporal markers or lexical items denouncing the age group in this or in that city. 2) there was no unanimous consensus regarding the predominance of uses of the linguistic elements being analyzed in relation to the third age group in the results obtained, since, as far as temporal markers in the dialogue between two informers are concerned, it was the first age group who presented the greatest number of temporal markers; 3) there was also no unanimous consensus in relation to the predominance of uses of linguistic elements as far as gender was concerned, because the predominance of genders is not the same: temporal markers (masculine-masculine, feminine-feminine and masculine-feminine) and lexical items that would denounce the age group (masculine-feminine, feminine-feminine, and masculine-masculine). In the analysis of the speech of some of these occurrences, it was possible to perceive the wealth of details with the comparison thematic of past versus present; the appeal for narratives and the previous valorization of time are present in the language of informers belonging to the first and third age groups. However, they are much stronger in the speech of elderly people because they have a larger experience and the wish to share it. In the second volume, one can find annexes comprising a list of time expressions (punctuated and phraseological) in alphabetic order, the list of time expressions within the context of their occurrences, and in the third volume the index card used in the identification test and another list of contextualized lexical items. So, this research that defines as its objective the analysis of the speech of informers from the first and third age groups of the NURC Project proposes to contribute for the development of studies in the area of Sociolinguistics.

Key-words: social identity; age group; temporal markers; lexical items.

INTRODUÇÃO

I. 1 COMEÇANDO A TRAJETÓRIA

Refletir sobre identidades sociais tem sido práticas cada vez mais constantes atualmente, pois as transformações sociais recentes podem levar a uma procura de quem cada um é no mundo. Mudanças, por exemplo, no papel da mulher na sociedade fizeram com que o homem se voltasse para a busca de sua própria identidade social.

As múltiplas identidades que se articulam nas diversas situações que são vivenciadas são construídas a partir das relações que se estabelecem com os outros na vida social. Estas relações não são autônomas, mas dependentes apenas dos interlocutores. Todas as relações que se estabelecem com os outros são moldadas pelo meio cultural ao qual cada um pertence, isto é, as percepções, convicções, comportamentos, atitudes, e modos de posicionamento estão impregnados pelas diferentes arenas culturais às quais os indivíduos pertencem. A família, a escola, a classe social, a região, a religião, a nação etc. pressupõem procedimentos, rituais, comportamentos e crenças que lhes são particulares.

Nesta Tese, a identidade social é tratada como sendo construída à medida que as pessoas interagem com o outro, ou seja, os indivíduos constroem uns aos outros nas interações comunicativas. Assim, o discurso é compreendido aqui a partir de uma visão socioconstrucionista, isto é, como uma forma de construir o mundo e as identidades sociais. O mundo é marcado por circunstâncias sociais e históricas específicas e é também permeado por relações de poder que se constituem em formas de produzir discursos socialmente legitimados como regimes de verdade, ou seja, a sociedade apóia e legitima determinados tipos de discurso.

Ao abordar a sociedade, o discurso, remete-se diretamente à vida, porque eles são processos indissociáveis. Desenvolve-se uma infinita rede de relações por meio de várias histórias colhidas e tecidas durante todo o percurso da vida humana. Assim, cada indivíduo está desde a concepção, envelhecendo e vivendo, vivendo e envelhecendo, nunca sendo os

mesmos, porque envelhecer é um processo contínuo de transformação do ser humano como único em seu tempo vivido.

Assim, o indivíduo, nas suas interações pela vida, utiliza-se da língua, um fenômeno heterogêneo, variável, indeterminado sob o ponto de vista semântico e sintático e situado em contexto concreto, como o discurso, seja na modalidade oral ou na modalidade escrita. E, ao utilizar-se da língua, ele apresenta marcas de sua identidade social, afinal, assim como os traços físicos ou dinâmicos, o discurso se incorpora à identidade das pessoas, trazendo-lhes maior ou menor prestígio, no contexto social em que se envolvem.

Nesse sentido, a linguagem culta é aquela de maior prestígio social, isto é, a que se impõe como uma marca característica dos falantes com maior grau de escolaridade. Embora tal afirmação tenha de ser considerada, o problema de prestígio das variantes lingüísticas pode ser ampliado, considerando-se não apenas a variante escolaridade, mas também os grupos sociais e as condições históricas em que se situam, bem como os gêneros textuais e as situações de comunicação em que os falantes atuam.

No estudo da linguagem da primeira e da terceira faixa etária dos informantes do Projeto NURC das cidades de Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo, objeto deste trabalho, um nível possível de análise é examinar como estes falantes utilizam os marcadores temporais e os itens lexicais denunciadores de faixa etária no seu discurso para construir, manter e projetar as suas identidades sociais etárias.

Com essa abordagem, é possível reiterar a premissa básica do socioconstrucionismo, segundo a qual o ser humano é um organismo ativo que processa informação, e não um intelecto passivo situado na sociedade. Dessa forma, pode-se tomar o conceito de velhice como uma categoria social, assim, à medida que a identidade das pessoas da primeira e da terceira faixa etária é construída, torna-se importante a inserção dessas pessoas dentro do mundo social mais amplo. Ou seja, os jovens e os idosos são partes integrantes do processo social e, portanto, através de seus discursos constroem a sociedade em que se inserem.

Esta proposta de trabalho volta-se para a análise dos inquéritos do tipo DID – Diálogo entre Informante e Documentador – e D2 – Diálogo entre Dois Informantes – da primeira e da terceira faixa etária do Projeto NURC, investigando como os marcadores temporais e os itens lexicais denotadores de faixa etária manifestam os diversos conteúdos/significados da representação de faixa etária.

Nessa perspectiva, a questão “o que faz ser jovem ou idoso” é abordada pela articulação dos seguintes fatores:

- a) a disponibilidade de um referencial histórico e socialmente construído que é ser da primeira ou da terceira faixa etária;
- b) a dinâmica do jogo de reconhecimento de ser jovem ou idoso onde se articulam os marcadores temporais referentes ao passado e ao presente e imputações de identidade, que são impostas pelo outro.

Em grandes linhas, este é o trabalho desenvolvido que constitui um ponto de partida para esta pesquisa no campo da lingüística, em que são reorientadas as perspectivas de abordagem.

I.2 O DIRECIONAMENTO DA TESE

Esta Tese é resultado da continuação dos estudos de identidade social etária iniciados no Mestrado em Diversidade Lingüística, cuja Dissertação foi defendida na UFBA, e escrita com a intenção de mostrar a discussão do conceito de identidade social etária a partir de um enfoque centrado na construção, manutenção e projeção da identidade social de falantes idosos da cidade de Salvador, na atividade comunicativa falada.

Nesse novo estudo, constituído por três tomos, considerado como uma Tese de caráter contínuo, pela razão exposta acima, propõe-se a identificar e analisar as formas de referência ao passado e ao presente no discurso de falantes femininos e masculinos da primeira e da terceira faixa etária das cinco cidades do Projeto NURC para verificar as preferências de utilização dos marcadores temporais nos dois gêneros, nas duas faixas etárias e nas cinco cidades em estudo e caracterizar o léxico do discurso desses informantes.

De modo a situar a pesquisa diante do conhecimento da área, o Capítulo 1 trata das abordagens das questões da norma, do discurso e da identidade social desenvolvidas em domínios da lingüística. Além de apresentar reflexões em torno do conceito de norma culta, esse capítulo também expõe que a visão do discurso e da identidade social é de natureza socioconstrucionista já que tanto o discurso como as identidades sociais são construídas socialmente. Isso quer dizer, por um lado, que o significado é construído pelos participantes

do discurso, no passo a passo da interação, no processo de se tornar o que está sendo dito compreensível para o interlocutor, e, por outro, que cada um ao se envolver nesse processo constrói a si próprio e também aos outros em sua volta.

O Capítulo 2 volta-se para as considerações sobre a variação da língua e a sua relação com o espaço e o tempo, enfocando aspectos básicos da Sociolingüística, o conceito de variedade de uso, evidenciando aspectos lexicais geográficos e etários. Nesse sentido, o capítulo trata da variabilidade da língua relacionada aos indivíduos da primeira e da terceira faixa etária considerados como indivíduos sem fronteiras nos quais todas as práticas sociais, como todas as pessoas estão infinitamente interligadas.

Seguindo uma indicação proposta para os preparativos da análise do *corpus* – a necessidade de aprofundar os conceitos básicos de advérbio, das expressões de tempo e do léxico na caracterização do discurso da primeira e da terceira faixa etária – examinam-se, no Capítulo 3, a abordagem, de um lado, da gramática tradicional de Bechara e, de outro, das teorias lingüísticas vigentes de Bomfim (1988), Perini (1996), Ilari (1997) e Moura Neves (2000), além de traçar considerações teóricas acerca do léxico por meio de autores como Marcuschi (2004), Biderman (1984), Correia (1992), Miller (1991), Fiorin (2000), Coulon (1995), Ventura (2005), entre outros estudiosos.

Dedicado à caracterização do *corpus* trabalhado, o Capítulo 4 expõe a trajetória do Projeto NURC e sua importância para a Lingüística. Esse Capítulo apresenta como ocorreu a seleção do *corpus* constituído de vinte inquéritos do tipo DID e dez inquéritos do tipo D2, todos da década de setenta, além de explicitar informações sistematizadas expostas através dos procedimentos metodológicos que foram submetidas a controle, análise e observação sistemática dos dados coletados.

Com o intuito de apresentar os dados na revelação das identidades sociais, o Capítulo 5 contempla o levantamento das ocorrências encontradas de marcadores temporais (estruturas pontuais e fraseológicas), dos itens lexicais denunciadores de faixa etária, com o número de ocorrências presentes desses recursos lingüísticos nos inquéritos do tipo DID e D2, e também a amostra de algumas ocorrências de discurso de como se apresentam os marcadores temporais e os itens lexicais em estudos nos inquéritos analisados.

A presente pesquisa é um trabalho teórico e prático que adota procedimentos lingüístico-discursivos diversos, colocados em pauta pela análise empírica. Como já foi

mencionado, para que a reflexão teórica não se desenvolvesse em abstrato, foi selecionado um *corpus*, inquéritos do tipo DID – Diálogo entre Informante e Documentador – e D2 – Diálogo entre Dois Informantes – da primeira e da terceira faixa etárias pertencentes às cinco cidades que o Projeto NURC contempla. No segundo tomo, encontram-se os anexos constituídos pela listagem das estruturas de tempo (pontuais e fraseológicas) em ordem alfabética, a listagem das expressões de tempo em seus contextos de ocorrência e no terceiro tomo estão a listagem dos itens lexicais denunciadores da faixa etária em ordem alfabética e uma outra listagem desses itens lexicais contextualizados.

A opção por este tipo de *corpus* analisado justifica-se porque esses inquéritos envolvem, necessariamente, a construção de uma “imagem” de pessoas da primeira e da terceira faixa etária, imagem esta que incorpora representações de identidade. Pelo vínculo conceitual entre identidade social etária e reconhecimento, os inquéritos analisados possibilitam análises bastante ricas, pois permitem a realização de um estudo dos marcadores temporais e dos itens lexicais denotadores de faixa etária, relacionando-os com as variáveis faixa etária, gênero, e localidade.

Esta pesquisa, enfim, fundamenta-se em dado empírico e tem como base uma seleção de inquéritos extraídos do *corpus* do Projeto NURC. Examinado esse corte na perspectiva teórica e segundo a prática de uso desses informantes, toma-se como ponto de partida uma concepção de identidade social etária desenvolvida no campo das ciências sociais e procura-se explicitar como se dá o comportamento lingüístico dos informantes no que se refere à utilização dos marcadores temporais e dos itens lexicais denunciadores de faixa etária.

1 REFLEXÕES INICIAIS: UM OLHAR SOBRE A NORMA, O DISCURSO E A IDENTIDADE SOCIAL

As transições rápidas que as sociedades estão experimentando devido ao processo de globalização – por exemplo, a compressão do tempo e do espaço, as redes de televisão internacionais, os meios eletrônicos de comunicação etc. – têm sido responsáveis por novos modos de pensar o mundo como também as próprias pessoas, em seus esforços para compreender o que está acontecendo em sua volta e em seus embates cotidianos de construção do significado.

Isso fez com que a questão da identidade se tornasse um tópico central, já que uma das mudanças mais importantes em muitas sociedades, atualmente, se relaciona à compreensão política de que a experiência humana é limitada a um grupo étnico particular, a uma raça, a um gênero, a um modo de expressão da sexualidade etc. Tal fato tem sido evidenciado por uma pluralidade de esforços democráticos que se têm tornado cada vez mais aparentes nos contradiscursos das organizações políticas de grupos minoritários (grupos étnicos e raciais, mulheres etc).

Portanto, a visão homogênea da identidade tem sido substituída por uma percepção heterogênea das pessoas, isto é, como expõe Bauman (1992, p. 35), “a pós-modernidade é marcada por uma visão do mundo humano como totalmente pluralista”, ou como uma visão multifacetada das identidades, isto é, da mesma forma que identidade, diferença, diversidade e fragmentação são palavras-chave no vocabulário pós-moderno. Contudo, é necessário levar em consideração que as forças globais capitalistas estão esforçando-se para dar estrutura e unidade a um mundo muito fragmentado e plural. Por outro lado, a percepção de que se vive em uma sociedade mais fragmentada implica que a percepção humana pode ser mais facilmente alcançada ao se tornar mais difícil para as forças capitalistas se relacionarem à sociedade como uma unidade ao mesmo tempo em que isso aumenta a possibilidade de as pessoas participarem na construção do significado em bases mais igualitárias.

Nesse contexto, o discurso tem sido cada vez mais representado como um processo de construção social tendo em vista que:

a) como seres humanos, os indivíduos usam a linguagem em relação a alguém que, da mesma forma, usa a linguagem em relação a si próprio, isto é, o discurso tem uma natureza dialógica, como expõe Bakhtin (1998, p. 79);

b) os seres humanos constroem o mundo e as pessoas nas circunstâncias culturais, institucionais e históricas nas quais estão situados, isto é, a natureza constitutiva ou socioconstrucionista do discurso.

Conforme Moita Lopes (2002, p. 31), o discurso como uma construção social é, portanto, percebido como uma forma de ação no mundo. Investigar o discurso a partir dessa perspectiva é analisar como os participantes envolvidos na construção do significado estão agindo no mundo por meio da linguagem e estão, desse modo, construindo a realidade social e a si mesmos, pois segundo o autor através da comunicação social as pessoas definem e constroem sua realidade social, dão forma e agem sobre ela.

Nesse sentido, os seres humanos são vistos como entrando em contato com, e criando, seu mundo social tanto quanto a si mesmos através das ações nas quais se engajam. Isso quer dizer que a unidade básica de análise é a interação, já que é por meio delas que as pessoas constroem os significados com os quais vivem. Portanto, a análise da dinâmica da interação torna possível compreender quem tem responsabilidade por qual atividade na construção social dos significados de qualquer comunicação. Nessa perspectiva do discurso como ação, a análise dos diferentes meios usados pelos participantes para agir no mundo através do discurso é tão importante quanto a análise dos significados construídos nesse processo, já que dá acesso a como os participantes vêem o mundo e a si mesmos no mundo.

Se o significado é uma construção social, duas questões são centrais nessa visão: alteridade e contexto. Seguindo a visão bakhtiniana de linguagem, o fato de que todo enunciado envolve pelo menos duas vozes é central aqui: a voz do eu e a voz do outro, isto é, os pares na interlocução. Como diz Bakhtin (1998, p. 113):

(...) essa orientação da palavra em relação ao interlocutor é muito importante. Na verdade, toda palavra contém duas faces. Isto é determinado pelo fato de que ela procede de alguém assim como pelo fato de que é direcionada a alguém. É o produto da interação entre o falante e o ouvinte.

É, portanto, a presença do outro com o qual se está engajado no discurso (tanto no modo oral quanto no modo escrito) que, em última análise, molda o que se diz, e, portanto, como se percebe a luz do que o outro significa para si. Sobre esse aspecto, Markova (1990, p. 3) acrescenta que o indivíduo torna-se consciente de si mesmo no processo de tornar-se consciente dos outros. Assim, o que cada um é, suas identidades sociais, portanto, são construídas por meio das práticas discursivas com o outro. Como expõe Moita Lopes (1995, p. 15), esta é a razão pela qual os processos envolvidos no discurso, isto é, na elaboração do significado, tornaram-se tão centrais nas Ciências Sociais em geral, pois pesquisadores de diversas áreas de investigação (Psicologia, Educação, Sociologia, Lingüística etc) têm cada vez mais discutido a necessidade de focalizar a interação/o discurso para entender a vida humana.

Outra noção importante nessa visão do significado é o contexto. Com a finalidade de construir significados com o outro, os participantes discursivos criam contextos mentais ou enquadres interacionais ao interagirem e os projetam na interação para indicar como pretendem que o significado seja construído: o contexto não é um traço material, mas uma produção dos próprios participantes, isto é, uma construção interpretativa através da qual definem a situação com o objetivo de resolver tarefas práticas. Nesse processo de contextualização, os participantes fornecem as pistas de contextualização que indicam como um enunciado particular deve ser contextualizado ou interpretado.

Fairclough (1989, p. 8) esclarece que esses processos de construção de significado, em que alteridade e contexto são cruciais, são situados cultural, institucional e historicamente. Os participantes discursivos estão agindo no mundo em condições sócio-históricas particulares, que estão refletidas em seus projetos políticos e nas relações de poder nas quais operam. Essa é a razão pela qual Markova (1990, p. 3) indica que todas as ações individuais são fenômenos sociais e históricos. Os participantes estão cientes de sua vinculação a eventos sócio-históricos já que todos escrevem e falam de um lugar e momento particulares, de uma história e de uma cultura que são específicas, ou seja, o que se diz está sempre em contexto, posicionado.

Nesse sentido, como mostra Moita Lopes (1996, p. 42), a projeção de enquadres interacionais ou contextos mentais na interação é dirigida pela posição que os participantes ocupam em relações simétricas/assimétricas na sociedade ou, como Foucault (1971, p. 11)

diz, “sabemos muito bem que não somos livres para dizer qualquer coisa, que não podemos falar qualquer coisa quando e onde queremos, e que uma pessoa, em resumo, não pode falar qualquer coisa”.

Nessa visão do discurso como construção social por meio da qual os participantes constroem a realidade social e a si mesmos através do discurso, a construção da identidade social é vista como estando sempre em processo, pois é dependente da realização discursiva em circunstâncias particulares: os significados que os participantes dão a si mesmos e aos outros engajados no discurso. Nesse sentido, conforme Hall (1990) indica:

Ao invés de pensarmos identidade como um fato já concluído, (...) devemos pensar a identidade como uma “produção”, que nunca está completa, que está sempre em processo, sempre constituída dentro e não fora da representação, isto é, do discurso. Assim, as identidades nunca são fixas, mas complexas, diferenciadas e constantemente reposicionadas. (HALL, 1990, p. 222)

Essa visão da identidade como construção social também implica o fato de que as pessoas são criadas da forma que são pelos outros a sua volta. Ao antecipar como os participantes podem responder na interação, com base em quem eles são, os indivíduos compõem-se de formas diferentes, isto é, posicionam-se de modo diferente. Isso quer dizer que as pessoas são essencialmente seres produzidos por outros seres. Assim, os que ocupam posições de maior poder nas relações assimétricas são, conseqüentemente, mais aptos a serem produtores de outros seres, por assim dizer. Segundo Moita Lopes (2000, p. 82), devido ao seu papel mais predominante na projeção de contextos mentais ou enquadres interacionais no discurso, esses participantes são mais aptos a definir a construção social do significado, exercendo, portanto, poder na construção social de identidades.

A identidade é o que você pode dizer que você é, de acordo com o que dizem que você é. Segundo o autor, pode-se dizer também que identidades não são propriedades dos indivíduos, mas sim construções sociais, suprimidas ou promovidas de acordo com os interesses políticos da ordem social dominante.

Esses pontos, portanto, chamam atenção para o fato de que o modo como o poder é distribuído na sociedade é uma característica central da visão de identidade como construção social. Foucault (1972, p. 16) argumenta que as identidades não são escolhidas, mas são inscritas em relações discursivas de poder específicas nas quais são construídas.

Ele também chama atenção para o modo como o poder disciplinar tem-se instalado nas instituições (em escolas, por exemplo) a ponto de que os indivíduos nessas práticas discursivas são construídos para exercer poder sobre si próprios.

Portanto, os processos discursivos constroem certas identidades para terem voz na sociedade embora estas possam se alterar em épocas e espaços diferentes. Como Foucault (1971, p. 217) indica, o poder gera resistência; portanto, nas práticas discursivas, identidades na posição de resistência são também construídas, embora uma pessoa possa estar posicionada de certa forma em um discurso específico, ela pode resistir a esta posição ou mesmo criar um contradiscurso que a coloque em uma posição de sujeito e não de marginal. Isso quer dizer que o poder não é monolítico e que não vai somente em uma direção.

Além disso, como indica Cameron et al (1992, p. 19), as pessoas têm identidades sociais múltiplas na sociedade. As mesmas pessoas são inscritas em práticas discursivas diferentes por meio de identidades sociais diferentes e contraditórias. O poder atravessa a sociedade em diferentes direções, dependendo das relações sociais nas quais as pessoas se envolvem por meio de diferentes práticas discursivas, afinal as identidades sociais são estruturadas como uma língua no sentido de que podem ser articuladas em uma gama de posições contraditórias de um contexto discursivo ao outro. Nesse sentido, as identidades sociais de classe social, gênero, sexualidade, raça, idade, profissão etc. são simultaneamente exercidas pelas mesmas pessoas nas mesmas ou em práticas discursivas diferentes. Assim, uma pessoa pobre não é só pobre, mas também é uma mulher ou um homem, heterossexual ou homossexual, negro ou branco, jovem ou velho professor ou aluno etc. Dessa forma, como mostra Cameron et al (1992, p. 20), “a pessoa é um mosaico intrincado de diferentes potenciais de poder em relações sociais diferentes”.

1.1 AS NORMAS DA LÍNGUA

Preti (2003, p. 48) esclarece que há várias fontes de informação que permitem chegar à identidade social das pessoas. Algumas são de natureza estática, como os traços físicos, a

postura, o vestuário. Assim, muitos jovens se apresentam com cabelos cujo corte e a cor mudam frequentemente, roupas extravagantes, liberalidade excessiva na exposição do próprio corpo, enfim, hábitos que indicam sua oposição às convenções sociais, o que parece ser uma característica essencial de sua identificação como jovens, estudantes etc.

Outras pessoas marcam sua identidade por características dinâmicas, como movimentos, gestos que indicam autoridade, extroversão, submissão etc. O dedo em riste, por exemplo, é um índice de autoridade, assim como as mãos para trás indicam submissão. Sobre esse aspecto, Preti (2003, p. 49) cita o caso dos jogadores de futebol, que devem manter respeito ao juiz no campo de jogo e dirigir-se a ele numa atitude de submissão. Qualquer diálogo, qualquer reclamação deve ser feita, com os braços às costas e as mãos presas atrás.

A língua falada representa, igualmente, uma das mais imediatas marcas de identidade social:

A fala de uma pessoa pode indicar seus sentimentos, o tipo de personalidade que tem, quem é. Alguns modos de falar são indicadores de características demográficas, tais como idade, sexo, ocupação, grau e tipo de educação, nação ou região de origem. Pode também haver ligação com a personalidade, isto é, características relativamente duradouras referidas por meio de palavras como inteligência, extroversão, neuroticidade etc. há traços paralingüísticos e lingüísticos que assinalam estados emocionais em andamento. (PRETI, 2003, p. 49)

Assim como os traços físicos ou dinâmicos, a fala se incorpora à identidade das pessoas, trazendo-lhes maior ou menor prestígio, no contexto social em que se envolvem. Um exemplo comum da vida cotidiana é o uso, no discurso, de vocábulos técnicos, de conhecimento restrito, que podem sugerir que o falante esteja atualizado em relação ao assunto de que trata na interação, dando-lhe, pois, um prestígio que nem sempre corresponde à sua identidade real. Ou, então, o emprego de palavras estrangeiras, para indicar o domínio de outras línguas, o que constitui, para muitos, um inegável sinal de prestígio social do falante.

No estudo da variação lingüística, parece consenso geral que a linguagem culta é aquela de maior prestígio social, isto é, a que se impõe como uma marca característica dos falantes com maior grau de escolaridade. Embora tal afirmação tenha de ser considerada, o

problema de prestígio das variantes lingüísticas pode ser ampliado, considerando-se não apenas a variante escolaridade, mas também os grupos sociais e as condições históricas em que se situam, bem como os gêneros textuais e as situações de comunicação em que os falantes atuam.

Sob um ponto de vista sociolingüístico, pode-se dizer, de acordo com Santos (2002), que o prestígio de uma língua decorre diretamente do prestígio dos que a falam:

Do mesmo modo que, ao nível dos grupos tomados em seu conjunto, uma língua vale o que valem aqueles que a falam, ao nível das interações entre os indivíduos, o discurso deve sempre uma parte muito importante do seu valor ao valor daquele que o domina. (SANTOS, 2002, p. 36)

Além disso, a variação lingüística apresenta alterações que se processam, no tempo e no espaço, nos critérios de aceitabilidade social da linguagem, como, de resto, acontece nos costumes de uma sociedade. Tal fato se liga ao processo de variação de prestígio de formas lingüísticas, muito em geral, ao léxico.

Nesse contexto, percebe-se uma preocupação grande em relação ao conceito de norma culta, afinal sendo a norma o obrigatório lingüístico (o “dever-ser”), a norma culta é o obrigatório a que um falante considerado culto tem de se submeter. O falante culto, contudo, é aquele que domina outras formas lingüísticas e tem competência lingüístico-discursiva para adaptar-se a uma gama de situações de comunicação, sem embarçar-se ou frustrar-se.

Como expõe Leite (2003, p. 18) a dicotomia culto X popular é problemática, pois, em geral, o termo culto refere-se predominantemente a quem estudou e acumulou conhecimentos, quem detém informações sobre diversos domínios da realidade (por exemplo, história, geografia, artes-plásticas, literárias, musicais, cinematográficas –, política etc.), e o termo popular, por sua vez, refere-se a quem não detém uma quantidade suficiente desse tipo de conhecimento. O maior ou menor domínio de conhecimentos adquiridos por meio de leituras, estudos específicos, pesquisas etc., obviamente, leva as pessoas a um desempenho lingüístico diferenciado no que tange, primeiro, ao manejo de estratégias discursivas e, segundo, ao manejo da língua, nos seus aspectos lexicais e gramaticais.

Entretanto, ao se referir ao Brasil, pensando na dicotomia norma culta X norma popular, sabe-se que há muito mais do que simplesmente acúmulo de conhecimento X ignorância. Pode-se dizer que existe nesse campo uma referência a um grave problema político-social em consequência da profunda desigualdade aqui existente. Essa desigualdade, por sua vez, é fruto da falta de compromisso político com o problema da distribuição de renda, que é resultado da industrialização, do aumento da população não contemplada pelo capital, do descaso histórico com o ensino, dentre outros fatores. Nesse sentido, o culto e o popular retratam uma referência clara ao problema de classes sociais: o rico e o pobre, ou seja, as classes A e B, de um lado, e C e D, do outro.

No âmbito lingüístico, essa situação tem consequências importantes e precisa ser cuidadosamente avaliada, afinal não se pode partir da premissa de que as normas culta e popular sejam estanques, isoladas uma da outra. Ao contrário, ambas se enriquecem mutuamente pelo contato de seus usuários, e, como se sabe, essa é uma das causas que levam à variação lingüística.

Conforme esclarece Leite (2003, p. 190), a norma lingüística culta, formada a partir da efetiva prática lingüística de falantes considerados cultos, está mais próxima da tradição da língua e revela maior consciência e domínio de estratégias lingüísticas por parte de seus usuários. E quem são esses usuários? Como explica Bagno (2003, p. 51), os usuários da norma culta são os cidadãos que pertencem aos segmentos mais favorecidos da nossa população. Esta é a noção de norma culta que vem sendo empregada em diversos empreendimentos científicos como, por exemplo, o Projeto NURC (Norma Urbana Culta), que desde o início dos anos 1970 vem documentando e analisando a linguagem efetivamente usada pelos falantes cultos de cinco grandes cidades brasileiras (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), sendo estes falantes cultos definidos por dois critérios de base: escolaridade superior completa e antecedentes biográfico-culturais urbanos. Trata-se, portanto, de um conceito de norma culta, um termo técnico estabelecido com critérios relativamente mais objetivos e de base empírica.

Segundo Bagno (1999, p. 69), o que as pesquisas científicas feitas no Brasil nos últimos trinta anos têm revelado é o seguinte: existe uma diferença muito grande entre o que as pessoas em geral chamam de norma culta, inspiradas na longa tradição gramatical normativo-prescritiva, e os que os pesquisadores profissionais chamam de norma culta, um

termo técnico para designar formas lingüísticas que existem na realidade social. Essa diferença se reflete também na postura que a pessoa assume diante dos fatos lingüísticos. Nesse sentido, as pessoas que usam a expressão norma culta como um pré-conceito, no sentido de um conceito anterior ao conceito de norma culta, tentam encontrar em todas as manifestações lingüísticas, faladas e escritas, esse ideal de língua, esse padrão pré-estabelecido que, como uma espécie de lei, todos teriam obrigação de conhecer e de respeitar. Como é virtualmente impossível encontrar esse modelo abstrato na realidade da vida social, os defensores dessa noção de norma culta consideram que praticamente todas as pessoas, de todas as classes sociais, falam “errado”.

A norma popular, por sua vez, também, está, em graus variados, mais distante dos cânones da língua e é formada da prática lingüística de usuários menos conscientes das possibilidades da elaboração lingüística baseada na tradição. Numa comunidade lingüística, especialmente nas das grandes cidades, os usuários praticantes das duas normas estão em contato direto entre si, e isso os leva a uma troca lingüística e, conseqüentemente, a um aproveitamento recíproco de normas. Por isso, não é incomum se verificar marcas da linguagem culta na norma popular, e vice-versa, a depender da situação da comunicação.

No Brasil, a variabilidade da norma culta tem, ao longo do tempo, incomodado os que se incumbem de “guardar e preservar” a língua das “influências maléficas” da modernidade, do afastamento da tradição da língua portuguesa. Pode-se, todavia, observar, pela análise da história do comportamento e atitude do povo brasileiro, uma falta de apego, em geral, à tradição. Afinal, percebe-se que o brasileiro não dá, como o francês ou o espanhol, atenção especial à tradição da língua, ao que é originariamente português. Primeiro, porque tal conscientização seria decorrente da escolarização engajada a essa ideologia, depois, porque – como é normal a um país colonizado, depois de libertado da exploração do colonizador –, no Brasil, não houve preocupação, por parte do aparelho difusor da cultura, de ensinar e de pregar nem a valorização e o respeito aos marcos históricos que representam a ação do colonizador, nem quanto à língua, o estudo e a observação de suas marcas tradicionais, que aos poucos vão, como é natural, sendo transformadas. Segundo Leite (2003, p. 21), a falta de compreensão desse movimento da língua, entre o tradicional e o moderno, tem, de certo modo, criado alguns conflitos entre gramáticos, professores de língua portuguesa e leigos.

Nesse sentido, pode-se dizer que a falta de apego à tradição deixa o espírito dos brasileiros aberto às novidades lingüísticas. Assim, de um lado, há o contato intenso e direto entre usuários das normas culta e popular, o que, naturalmente, leva a uma simbiose, e tanto a norma popular fica marcada pela culta quanto a culta pela popular; de outro, a fraca ligação dos falantes com a tradição leva-os à fácil aceitação de modismos lingüísticos (estrangeirismos, especialmente anglicismos, ou outras modificações, passageiras ou não, no léxico e na sintaxe), e não lingüísticos amplamente divulgados pela mídia e apreciados pela população.

A língua praticada pelos falantes considerados cultos revela, como afirma Preti (1997, p. 32), “o nível de alta escolaridade do falante, ao lado de marcas da linguagem popular, que se incorporam ao que se denomina linguagem comum”. É dessa linguagem que se conforma o que se pode entender por norma culta, nesse caso específico, praticada pelos falantes cultos. Segundo o referido autor, como marcas específicas da linguagem culta, notam-se, principalmente, o emprego de vocabulário amplo e de significação precisa, de menor uso na linguagem comum, o emprego de estruturas sintáticas tradicionais da língua e a concordância e regência nominal e verbal.

Quanto às marcas da linguagem popular notam-se, por exemplo, a ausência da marca de plural no determinante do sintagma nominal que tem o determinado no plural; a utilização de gírias e vocábulos de expressões de intensidade; mistura de tratamento tu/você; uso do pronome sujeito na posição objeto; formas irregulares do subjuntivo confundidas com o infinitivo; formas onomatopaicas; italianismos; discordâncias entre verbo e sujeito, especialmente do sujeito posposto; regências do verbo de movimento com preposição *em*.

1.2 DISCURSO, AÇÃO SOCIAL E IDENTIDADE SOCIAL

Fairclough (1992, p. 63) explica que o discurso é ação social, pois as pessoas estão constantemente criando o mundo em volta delas tão bem como elas mesmas e os outros nas práticas sociais onde atuam. Nas suas próprias palavras, “o discurso é um modo de ação

social, uma forma na qual as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente umas sobre as outras, tão bem como um modo de representação”. Ou, como Van Dijk (1997, p. 21) indicou, “ao se engajarem no discurso, as pessoas realizam atos sociais”. Nesse processo, elas constituem o mundo e a si mesmas, afinal as pessoas estão construindo o significado sobre a vida social e sobre si mesmas e sobre os outros nas práticas discursivas onde agem, sendo essas práticas situadas sócio-historicamente.

Nessas circunstâncias, os participantes estão posicionados em relações de poder que definem como podem agir em relação a alguém e vice-versa. Contudo, como Fairclough (1992, p. 45) argumenta, essas relações de poder não são fixas e podem ser contestadas, pois os sujeitos sociais são formados por práticas discursivas, sendo capazes de remodelarem e reestruturarem estas práticas.

Um outro traço da natureza social do discurso é o fato de que ao mesmo tempo em que se leva em consideração a alteridade quando se engaja no discurso, também pode-se alterar o outro e o outro pode modificar o seu interlocutor. É neste sentido que Rosaldo (1984, p. 139), argumentou que conceitos tais como si-mesmo e sentimento se desenvolvem não de uma essência interior relativamente independente do mundo social, mas da experiência em um mundo de significados, imagens e ligações sociais, nas quais todos estão inevitavelmente envolvidos.

A alteridade molda o que cada um diz e, da mesma forma, como se percebe à luz do que o outro representa para cada um: “a identidade não é uma qualidade inerente de uma pessoa, (...) ela nasce na interação com os outros, isto é, as práticas discursivas moldam as identidades sociais”. Nessa perspectiva, Connel (1995, p. 35), referindo-se ao gênero, diz : “o gênero não é fixado antes da interação social, mas é construído na interação”. Em outras palavras, as identidades são construídas, mantidas e projetadas no discurso, sendo, portanto fragmentadas, contraditórias e ambíguas: “não é mais fácil se falar do indivíduo ou de si mesmo como uma unidade autônoma e coerente, ao contrário, cada indivíduo possui como característica elementos contraditórios”.

Nesse sentido, visões marxistas das identidades de classe social são entendidas em relação a outros aspectos das identidades sociais, pois as pessoas constroem o seu sentido de identidade a partir de um escopo mais amplo de recursos, incluindo gênero, idade, estado civil, sexualidade, padrões de consumo ou tornou-se quase um lugar-comum dizer

que as classes sociais são marcadas pelo gênero e que as relações de gênero são perpassadas pelas classes sociais.

Da mesma forma, as outras dimensões de raça/etnia e idade atuam sobre uma experiência individual de classe e de gênero tão bem quanto em outros traços de nossas identidades sociais. Isso é o que tem sido chamado de uma mudança de classe para uma política da diferença na medida em que as possibilidades políticas por meio das quais as pessoas se posicionam no discurso não são restritas à classe social.

Segundo Mercer (1990, p. 57), as distinções de identidades que atravessam as pessoas podem fazê-las similares de algumas maneiras – no que se refere à sexualidade, por exemplo – e diferentes em outras – no que se refere ao gênero e à classe social, por exemplo. Isso tem chamado atenção para posições contraditórias de identidades co-existindo na mesma pessoa e fez com que se correspondesse às identidades sociais em termos de semelhança e diferença. Ou como está explícito na pergunta citada pelo referido autor: “o que há de comum entre um sindicalista, um membro do partido conservador, um cristão, um homem que espanca a mulher e um consumidor? Eles todos podem ser a mesma pessoa”. (MERCER, 1990, p. 57)

Fundamentando-se em Fairclough (1992, p. 44), pode-se dizer que essa visão situa o sujeito como descentrado, constituído, reproduzido e transformado na e através das práticas sociais, assim, pode-se dizer que a identidade é construída por discursos conflitantes. Dessa forma, as identidades sociais só podem existir em contextos sociais porque a capacidade de pensar das pessoas é constituída em práticas sociais, tendo o discurso como seu instrumento de mediação principal. Nesse sentido, percebe-se que qualquer estudo sobre a identidade deve ser localizado no espaço e no tempo, pois apreende-se a identidade não no abstrato mas sempre em relação a um lugar e tempo específicos e, certamente, em relação aos interlocutores.

A natureza sociodialógica do discurso minimamente envolve dois traços, que foram enfatizados por Bakhtin (1998). Por um lado, o fato de que o significado é co-construído, isto é, sempre se usa a linguagem em relação a alguém no sentido de que a alteridade é inerente ao modo como se usa a linguagem, e, por outro lado, o fato de que o discurso é multivocal, isto é, todo discurso ecoa outros discursos de outras práticas discursivas. Isso quer dizer que uma pluralidade de discursos coexistem em qualquer discurso, gerando um

dinamismo dialógico entre eles mesmos, é nesse sentido que as identidades sociais têm sido concebidas como tendo uma natureza socioconstrucionista.

Isso quer dizer que as identidades sociais não são inerentes às pessoas. Conforme Moita Lopes (2002, p. 137), elas são construídas no processo de tornar o significado (in-)inteligível para os outros, nesse sentido, a alteridade é fundamental aqui também. Afinal, ao mesmo tempo em que se está considerando as identidades dos interlocutores numa interação, o indivíduo está simultaneamente (re-)construindo suas identidades sociais ao mesmo tempo em que o interlocutor está reconstruindo a do indivíduo. Conforme Van Dijk (1997, p. 3) indicou: “ao realizar ações discursivas em situações sociais, os usuários da linguagem, ao mesmo tempo e ativamente, constroem e demonstram suas identidades”.

Nessa abordagem, é típica uma visão não-essencialista das identidades sociais, pois estas não são definidas por fatores biológicos, mas por como esses e outros fatores são representados no discurso e, portanto, na história, na cultura e na vida institucional. Ao contrário de visões essencialistas, percebe-se que as pessoas que são identificadas como tendo uma identidade social não têm uma essência comum a ser revelada como se pudessem ser separadas por características, experiências ou interesses comuns.

Nesse sentido, a visão do discurso e da identidade social é de natureza socioconstrucionista já que tanto o discurso como as identidades sociais são construídos socialmente. Isso quer dizer, por um lado, que o significado é construído pelos participantes do discurso, no passo a passo da interação, no processo de se tornar o que está sendo dito compreensível para o interlocutor, e, por outro, que cada um ao se envolver nesse processo constrói a si próprio e também aos outros em sua volta.

Dessa forma, o significado é compreendido como dialógico, isto é, envolve o interlocutor no processo de construção do significado. Como diz Bakhtin (1998, p. 13), toda palavra, em qualquer interlocução escrita ou oral, acarreta, diretamente, a palavra de quem ouve ou lê, pois o significado é construído pelos participantes discursivos ao agirem no mundo social.

Isso indica também que o discurso é uma prática social situada sócio-historicamente, como já apontado anteriormente. Nas práticas discursivas em que as pessoas se envolvem, elas estão posicionadas em relação de poder de acordo com o papel que desempenham nas assimetrias interacionais em que atuam. Essas práticas incluem também a possibilidade de

contradiscursos que se articulam, como forma de resistência, no processo de agir socialmente através da linguagem, ou seja, no processo social de construção do discurso, refletindo as visões de mundo e os projetos políticos daqueles envolvidos nos embates discursivos.

Assim, as pessoas ocupam posições diferentes na construção do discurso a partir de como estão situadas nas práticas discursivas. Nesse sentido, se o discurso é de natureza social, a linguagem é vista como uma série de estratégias para negociar a paisagem social, portanto os significados que as pessoas constroem quando agem nas práticas discursivas são reveladores de como compreendem o mundo a sua volta, a si mesmas e os outros como participantes desse mundo.

As pessoas, portanto, têm suas identidades sociais construídas nos encontros interacionais dos quais participam na medida em que aprendem a se construir a partir da palavra dos interlocutores. Logo, o discurso tem papel central como força mediadora dos processos de construção das identidades sociais, já que o que cada um é constrói-se a partir do papel que a pessoa representa para a outra por meio da palavra.

Desse modo, as pessoas sabem o que podem dizer umas para as outras e vice-versa a partir de como estão posicionadas nas práticas discursivas nas quais atuam com base nas identidades sociais que desempenham. Essas identidades são múltiplas, posto que dependem das práticas discursivas em que se atua, e estão sempre em processo, já que estão se construindo e reconstruindo nessas práticas.

Moita Lopes (2002, p. 62) apresenta que três traços têm sido apontados como característicos das identidades sociais: fragmentação, contradição e processo. Para o autor, a natureza fragmentada das identidades sociais se refere ao fato de as pessoas não terem uma identidade social homogênea como se pudessem ser explicadas somente por sua raça, por exemplo. As identidades sociais são complexas: gênero, raça, classe social, sexualidade, idade etc. coexistem na mesma pessoa.

O referido autor comenta que outro traço explica a natureza contraditória das identidades sociais coexistindo nas mesmas pessoas e ressalta o fato de essas identidades sociais virem à tona na dependência de práticas discursivas específicas em que as pessoas estejam agindo e de como estejam posicionados nelas. A título de exemplo, o autor menciona:

(...) a identidade social de um rapaz homoerótico, atrás de sua mesa de atendente de um hospital público, no exercício de poder em relação a pacientes homens heterossexuais, é contraditória com a identidade do mesmo rapaz em relação a esses homens em um bar localizado nas proximidades do hospital em que predomine um sentimento de homofobia, que situa o mesmo rapaz em posição de desigualdade. (MOITA LOPES, 2002, p. 62)

Dessa forma, o autor explicita a idéia de que o ser humano é feito de e vive como uma massa de fragmentos contraditórios. Nesse sentido, o fato de aspectos diferentes e contraditórios das identidades dos indivíduos virem à tona em diferentes práticas discursivas explica também o terceiro traço característico das identidades sociais. Tal traço resulta do fato de que as identidades sociais não são fixas, isto é, estão sempre em processo: se (re-) construindo ao fazer o significado compreensível para o outro, ou, como diz Sarup (1996, p.47), “a identidade social é necessariamente incompleta, interminável – é o sujeito em processo e construída na e através da linguagem”. É nesse sentido que Shotter e Gergen (1989, p. 10) argumentaram que:

(...) em vez de assumir quando investigamos a significância do mundo social, ou a natureza das identidades daqueles que o habitam, que ambos já estão fixos, achamos mais útil assumirmos que ambos estão ainda no processo de serem feitos, e ainda abertos a mais mudanças e desenvolvimento.

Ao mostrar que as identidades são fragmentadas, contraditórias e fluidas, essa visão da identidade social como construção social implica que o modo como as pessoas se posicionam ou são posicionadas no discurso é contingente às circunstâncias nas quais se situam ou às práticas discursivas múltiplas onde atuam, isto é, não é predeterminado.

Nessa visão sociointeracionista das identidades sociais está implícita uma posição antiessencialista já que ao compreender as identidades sociais como fragmentadas, contraditórias e em processo, depreende-se a impossibilidade de se revelar uma essência comum a todos os membros de uma identidade social particular.

Em resumo, as identidades sociais são construídas, mantidas e projetadas no discurso. Portanto, as identidades sociais não estão nos indivíduos, mas emergem na interação entre os indivíduos agindo em práticas discursivas particulares nas quais estão posicionados. Também fica claro aqui que o mundo social e as identidades não são fixos, estão em construção, isto é, no processo de tornar o significado inteligível ao outro. Portanto, está expressa neste capítulo a idéia de que as identidades estão sujeitas a mudanças, isto é, podem ser reposicionadas.

1.3 O DISCURSO URBANO ORAL CULTO

Nesse contexto, percebe-se uma preocupação grande em relação ao conceito de norma culta, afinal dicotomias de diferentes ordens podem ser arroladas para a conceituação de norma culta: igualdade *vs* superioridade funcional, normal *vs* normativo, uso *vs* norma, sistema *vs* norma etc. Sobre esse aspecto, Barros (1997, p. 29), apoiando-se nas idéias do canadense Stanley Aléong (s/d), expõe que existem as normas explícitas e as implícitas.

Assim, a norma explícita compreende o conjunto das formas lingüísticas que tenham sido objeto de uma tradição de elaboração, de codificação e de prescrição. Ela constitui-se segundo processos sócio-históricos. Codificada e consagrada em um aparelho de referência, essa norma é socialmente dominante, no sentido de que ela se impõe como o ideal a respeitar nas circunstâncias que pedem um uso refletido ou controlado da língua, isto é, nos usos oficiais, na imprensa escrita e audiovisual, no sistema de ensino e na administração pública. Quanto às normas implícitas, trata-se dessas formas por meio dos quais o indivíduo se apresenta na sociedade imediata.

Dessa forma, a Lingüística preocupa-se com o funcionamento e a organização das várias normas implícitas, procurando descrevê-las e explicá-las, sem valorizá-las de modo diferente. Se é esse o interesse do lingüista, o fantasma da norma lingüística paira sobre os estudos da linguagem, já que os usuários da língua estão sempre muito preocupados com problemas de “correção” lingüística, com os “belos” e “bons” usos da linguagem. Há, portanto, uma norma lingüística explícita, legitimada em cada sociedade.

Para precisar o estudo da norma explícita, que se confunde com o de norma culta, Barros (1997, p. 30) propõe que se considerem três pontos:

- 1- a existência de um discurso da norma que classifica os fatos lingüísticos em bons, corretos, errados, belos, etc, de que decorre o caráter prescritivo da norma culta;
- 2- a remissão a um aparelho de referência, isto é, a usuários de autoridade e prestígio em matéria de linguagem e a academias, gramáticas e dicionários;
- 3- a difusão e imposição na escola, na imprensa e na administração pública.

Segundo a autora, é possível considerar que a norma explícita diz respeito à modalidade escrita. Quando se afirma que a norma explícita deve ser referendada por usuários de autoridade e de prestígio e por dicionários, gramáticas e academias, já se aponta que a norma explícita não se diferencia das demais por “qualidades” lingüísticas, mas por elementos sócio-históricos: necessidades de organização política, de unificação nacional, de domínio de grupos ou de classes. Em outras palavras, a norma explícita (ou “cultura”) é a norma dos locutores de autoridade e prestígio. São eles que respondem pelos usos literários e sagrados da língua, pelos usos das classes dominantes.

Conforme aponta Barros (1997, p. 31), essa ambigüidade da norma culta, ao mesmo tempo uma entre as demais normas e a norma do prestígio e da autoridade, presidiu também a organização do material do Projeto NURC. O Projeto não diz em nenhum momento que considera como norma culta a dos falantes “literatos” ou a dos falantes da classe dominante, mas sim a dos “falantes cultos”. O termo “culto” deve ser aí entendido em uma de suas acepções, a de “instruído”. Assim os informantes do projeto NURC devem ter nível universitário. Pode-se dizer que são falantes que na escola “aprenderam” ou “confirmaram” a norma explícita, já que a escola é um dos lugares estratégicos de sua difusão. Dessa forma, ao mesmo tempo que se reconhece a “igualdade” intrinsecamente lingüística das diferentes normas, aceita-se a diferença “extrínseca” que existe entre elas e que assegura a uma dessas normas um papel, nesse caso também lingüístico, diferenciado na sociedade, como a norma dos falantes “cultos” ou “instruídos”.

Essa remissão ao “falante culto” – de prestígio, de autoridade, pertencente a certas classes, com instrução – ocorre tanto para a escrita quanto para a fala. Não há, porém, para a fala um aparato institucionalizado de referência e de difusão como há para a escrita – dicionários, gramáticas, academias. Não se pode pensar que falem à sociedade e sobretudo

às classes dominantes os meios para organizá-los ou que eles estejam abrindo mão de um de seus instrumentos de poder. Ao contrário, essa “ausência” de remissão institucional não deve ser tomada como uma falta e sim como uma das características da norma explícita na fala, a que possibilita ao falante “culto” maior variedade de usos. É a capacidade de variação e não o “purismo” de um único uso que separará de um lado os falantes cultos, de outro os que “não sabem falar”, não são maleáveis, não se adaptam às necessidades dos diferentes momentos e situações.

Segundo Preti (1997, p. 17) quando se iniciaram as análises das gravações do Projeto NURC/SP, havia a expectativa de se encontrar nos diálogos e entrevistas a linguagem de falantes que correspondessem à classificação antecipada de culta. Porque na escolha desses informantes foi levada em conta sua formação universitária e essa variável – grau de escolaridade – constituiu a base para a formação do *corpus*.

Segundo o autor, essas primeiras análises, no entanto, revelaram resultados inesperados e até contraditórios. Considerando que as situações de interação eram praticamente sempre as mesmas, isto é, gravações conscientes, monitoradas por um documentador, com fases mais espontâneas e outras mais tensas, com variações de nível de intimidade entre os interlocutores dos diálogos ou das entrevistas, os inquiridos acabaram revelando um discurso que se identificava, na maioria das vezes, com o do falante urbano comum. Isto é, o de um falante de um dialeto social dividido entre as influências de uma linguagem mais tensa, marcada pela preocupação com as regras da gramática tradicional, e uma linguagem popular, espontânea, distensa.

Portanto, essa hipotética linguagem urbana comum comportaria oposições como a presença de uma sintaxe dentro das regras tradicionais da gramática ao lado de discordâncias, regências verbais de tendência uniformizadora, colocações dos componentes de frase justificadas pelos elementos prosódicos, como nos casos dos pronomes pessoais; abrangeeria a precisão de um vocabulário técnico, ao lado da abertura de significado de vocábulos gírios; utilizaria vocábulos raros, de significação precisa, específica, concomitantemente com vocábulos populares de uso constante e de significado aberto.

Portanto, os componentes desse discurso urbano comum se adequariam às variações de interação a que estão sujeitos os falantes nas cidades grandes, ajudando a expressar os vários papéis sociais que desempenham, respeitadas as características da situação

interacional. Trata-se, pois, de um dialeto social que atende tanto aos falantes cultos como aos falantes comuns, com menor grau de escolaridade. Dessa forma, fica claro que falantes cultos podem utilizar uma variedade de registros que vai do formal ao coloquial, em função de suas necessidades de comunicação.

Nesse sentido, pode-se afirmar que, hoje, pelo menos entre os estudiosos da linguagem, há um consenso sobre esses problemas de variação de linguagem dos falantes cultos, isto é, aqueles que sabem escolher a variante adequada, de acordo com as situações de interação. Nessa linha de raciocínio, Preti (1997, p. 18) expõe que se for levada em consideração à idéia de que as gravações do projeto NURC se processaram dentro de uma situação de interação quase sempre igual – exceção feita, talvez, das elocuições formais, realizadas para um público ou então de alguns diálogos e entrevistas de que participaram interlocutores mais formais, pela própria personalidade ou pelas funções de que estavam investidos – pode-se observar que, na grande maioria das vezes, a linguagem se identifica com a de falantes que estão fora dos grupos dos cultos e que falam normalmente a linguagem comum que se fala na cidade grande.

Diante dessa realidade, surge o seguinte questionamento: como se explica que os falantes cultos não apresentem (como todos desejariam) um discurso bem característico, em que a cultura lingüística ficasse suficientemente comprovada?

Primeiramente, é preciso lembrar que, dentro do contexto social das últimas décadas do século, tem predominado, no Brasil, um processo de uniformização cultural, em decorrência de um fenômeno político de democratização, acentuado, nos anos noventa, mas já perfeitamente observado nos fins da década de setenta. Esse processo vem estendendo a uma faixa cada vez maior da comunidade urbana as possibilidades de acesso à escola (e até mesmo à universidade), assim como lhe tem proporcionado um acesso mais rápido e intenso à informação, às fontes de notícia, aos meios informatizados. Por outro lado, um lazer, de certa maneira, uniforme, preparado para atingir indistintamente todas as classes sociais, vem aumentando de forma acentuada a presença da mídia, na cultura contemporânea, levando a sua linguagem oral e escrita a tornar-se padrão até para estudos da norma escolar.

Segundo Preti (1997, p. 19) um dos índices mais expressivos desse processo democratizador da cultura e de sua representação na linguagem espontânea ocorre, em nível

de léxico, com o uso crescente das formas gírias, nas mais variadas situações de interação, com os mais variados tipos de falantes (inclusive os cultos).

Esse painel cultural e suas conseqüências lingüísticas favorecem decididamente a linguagem popular, aumentam-lhe o prestígio. Pode-se afirmar que muitas de suas formas expressivas, embora em desacordo com a tradição gramatical, se incorporaram definitivamente à linguagem oral urbana comum, incluindo-se também na fala das pessoas cultas e nas suas expectativas com referência aos interlocutores, durante uma interação. Assim, por exemplo, não seria mais possível a um falante culto, em qualquer tipo de situação interacional, evitar sempre o uso do pronome proclítico, em início de frase, como determina a gramática tradicional.

Nesse sentido, a maneira de diferenciação dos falantes urbanos cultos dos falantes chamados comuns deve acontecer dependendo da situação de interação como mostram os exemplos a seguir:

(1):

Inf. 2- quanto mais você se distancia da natureza... mais você perde a *percepção* de que as coisas... se dão em ciclos..." (NURC/SP 343 – D2, 841-843)

Esse exemplo traz o discurso de um falante culto que pode ser identificado pela marca de um vocabulário mais amplo, de menor uso na linguagem comum e mais preciso em sua significação. Além dessa característica, o discurso dos falantes cultos pode ser identificado também pelo uso de vocábulos técnicos como mostra o exemplo 2:

(2):

Inf. 1- problema emocional para a cidade seria... *saneamento... despoluição...* seria analogia de *terapia* com o indivíduo... (NURC/SP 343 – D2, 220-221)

Ao mesmo tempo, pode-se observar que esse discurso incorpora, talvez para efeito expressivo, mas certamente por influência do uso comum, várias marcas da linguagem popular como, por exemplo: gírias e vocábulos de intensificação expressiva, de efeito hiperbólico:

(3):

Inf. 2- uhn o nazismo matou... dez milhões

Inf. 1- então... o nazismo... matou:: uma *cacetada* de:: judeus... mas também não passa de um por cento... e:: já podaram o nazismo

Inf. 2- uhn uhn (NURC/SP 343 – D2, 1480-1485)

Segundo Preti (1997, p. 24), a ocorrência de vocábulos gírios, se testada no discurso dos falantes cultos, hoje, certamente seria bem mais intensa, porque a gíria adquiriu, nas décadas 80 e 90, um prestígio crescente, surgindo até em interações de natureza mais formal como a mistura de tratamentos gramaticais *tu/você* e os pronomes pessoais *eles* e suas variações como objeto direto:

(4):

Inf. 2- acho que::... sabe *você* vai saber controlar se for consciente a *tua* criação se souber por que você está fazendo aquilo (NURC/SP 343 – D2, 1435-1437)

(5):

Inf. 1- então os homens ainda estão num esquema bem bolado... que não não foram eles que criaram mas... *deixa eles irem* para a frente... (idem, 1422-1424)

Nesse sentido, considerando-se esses fatos pode-se admitir a hipótese de que o grau de escolaridade (nível universitário), variável básica para a escolha dos falantes cultos no Projeto NURC, embora ajude a identificação, não é suficiente para marcar um discurso próprio dos falantes cultos que, até em situação de gravação consciente, revelaram uma linguagem que, em geral, também pertence aos falantes comuns.

Assim, pode-se constatar que os dados até agora analisados do *corpus* do Projeto NURC têm revelado que os falantes cultos, por influência das transformações sociais contemporâneas (fundamentalmente, o processo de democratização da cultura urbana), o uso lingüístico comum (principalmente, a ação da norma empregada pela mídia), além de problemas tipicamente interacionais, utilizam praticamente o mesmo discurso dos falantes

urbanos comuns, de escolaridade média, até em gravações conscientes e, portanto, de menor espontaneidade.

1.4 A IDENTIDADE SOCIAL DE FAIXA ETÁRIA

Tem só duas idades: a da minha nascença e a da minha morte. Entre uma e outra cousa todos os dias são meus.
Fernando Pessoa

Como esclarece Ochs (1996, p. 410), a identidade social não é fixa, categórica, e tal atribuição também refere-se à identidade social de faixa etária. Observa-se que em cada sociedade e na mesma sociedade, em momentos históricos diferentes, a velhice e o envelhecimento ganham especificidade, papéis e significados distintos em função do meio ser rural ou urbano, da classe social, do grupo profissional e de parentesco, da cultura, da ideologia dominante, do poder econômico e político que influenciam o ciclo da vida e o percurso de cada indivíduo, do nascimento à morte.

Dessa forma, como aborda Magalhães (1989, p.17), biologicamente o ser humano percorre o ciclo de vida, interrompido ou não, mas inevitável que vai do nascimento até a morte, passando pelas etapas de concepção, desenvolvimento intra-uterino, nascimento, infância, adolescência, maturidade, velhice e morte. É uma questão social e cultural a consideração dessas ou de outras etapas. Assim também pode-se falar no ciclo ternário da vida, ou seja, nos períodos de formação, de produção e de inatividade, correspondendo tal modelo social ao que foi constituído, após o advento e expansão da aposentadoria. Em todos os casos, há o envolvimento de construções sociais que não só descrevem, mas também atribuem significados, valor e função social aos diversos momentos e espaços e etapas da existência.

Seguindo essa linha de raciocínio, o conceito de idade torna-se alvo de reformulações, pois uma pessoa de trinta anos na década de sessenta não se assemelha a uma pessoa de trinta anos da contemporaneidade. E mesmo os sessenta anos, vividos nos anos oitenta e início dos anos noventa, também carregam um outro significado na atualidade, na medida

em que o tempo de vida se estende. Como assinala Néri (1991, p. 25), o conceito de infância data dos séculos XVIII e XIX e o de juventude e velhice dos anos setenta. E acrescenta a autora: a repetição desses construtos acabou por legitimar padrões de comportamento de acordo com a faixa etária. Dito de outra forma, se um adolescente não é rebelde, ou um velho deprimido e marginalizado, são considerados exceções à regra, na medida em que fogem dos padrões estipulados por aquela idade.

Embora a idéia de etapas do desenvolvimento ou o conceito de idades do homem sejam criações da psicologia do desenvolvimento, disciplina que passa a existir a partir da segunda metade do século XIX, o conceito de idade, como uma verdade que fala por si só, é um fenômeno irrefutável na sociedade.

O primeiro problema a definir neste trabalho seria o conceito de jovem/idoso, uma vez que, conforme será possível observar, essa definição se reveste, muitas vezes, de características individuais de natureza psicológica: uma pessoa é tão velha quanto julga ser. E, portanto, alguns indivíduos se entregam muito cedo a um sentimento de marginalização por causa da idade, enquanto outros, embora possuam profundas marcas físicas da velhice, persistem em mostrar-se jovens, acomodando-se aos novos comportamentos, inclusive na linguagem.

Como mostra Preti (1991, p. 21), o aumento da população idosa, um fenômeno que ocorre praticamente em todo o mundo, começa a ser sentido no Brasil. De fato, pode-se afirmar que os idosos constituem, mais do que uma simples faixa etária, uma verdadeira “categoria social” da população, profundamente estigmatizada, por oposição à categoria dos “jovens”. Para essa concepção de classe à margem da sociedade, inútil, muito tem colaborado também a visão que a mídia, em especial a televisão, tem divulgado a propósito do idoso, considerado, por muitos, como imprestável, motivo de irrisão pelos seus desacertos nas tarefas sociais.

Nesse sentido, Preti (1991, p. 23) expõe que tudo contribui para que se destrua no idoso a ilusão de uma expectativa social, no sentido de que venha a encontrar, dentro de parâmetros reais, o verdadeiro papel que lhe deve estar reservado na sociedade, única forma que esta deixe de exigir-lhe um comportamento decalcado nos mais jovens, inclusive na linguagem. Esse impasse em que se encontra permanentemente essa “classe social”, em busca de padrões de comportamento de maior prestígio que lhe resguarde a imagem social,

torna-a ainda mais insegura, preocupada em autocorrigir-se, temerosa de cometer erros que infrinjam quaisquer modelos aceitos pelos mais jovens. E, quando falha essa tentativa constante de adaptação, os idosos adotam uma atitude bem característica de autodesvalorização, subestimando-se, o que constitui um dos estereótipos mais marcantes da própria velhice.

O processo discriminatório com relação à idade estende-se pela sociedade brasileira. Uma prova disso é que, nas últimas décadas, o aumento desenfreado, nas grandes capitais, das casas de repouso e asilos destinados a segregar os idosos, é um expressivo índice da situação. Ora, tais ambientes, longe de proporcionarem uma integração dos idosos, na verdade, servem para condená-los a uma vida isolada, silenciosa, introspectiva. A ordem é descansar, os diálogos escasseiam, cortando-se as amarras com a comunidade e com a família.

A verdade é que as transformações sociais, especialmente no âmbito urbano, têm influído decisivamente nos hábitos familiares, alterando costumes arraigados no tempo que, repentinamente, perdem sua razão de ser, por motivos vários, entre os quais o excesso de atividades nas grandes cidades. Gradativamente, pois, a segregação do idoso, que não tem função na vida dos grandes centros urbanos, passa a ser aceita como um novo comportamento cultural, tolerado pela família, incentivado pela sociedade e até admitido como uma necessidade, sob o argumento simplista de que os mais jovens também precisam viver sua vida ou de que os velhos já viveram a sua.

Quando se estuda a linguagem reveladora da identidade social de uma determinada faixa etária, podem-se ter em mente várias perspectivas. Primeiramente, uma de caráter cultural, isto é, os jovens e os idosos devem ter um papel específico na sociedade em que vivem, de acordo com a tradição cultural a que pertencem; em segundo lugar, uma de caráter social, ou seja, a sociedade possui uma postura em relação aos jovens e aos idosos e, de acordo com ela, processam-se as relações sociais entre estes e outros grupos etários; por último, uma perspectiva de caráter psicológico individual: uma pessoa é tão velha quanto imagina ser.

Nesse sentido, Preti (1991, p. 26) explicita que essas três perspectivas mantêm pontos de ligação e não são estáticas. Quanto à última, deve-se ter em conta que a velhice nunca é um fato total, pois ninguém se sente velho em todas as situações ou se define como tal em

todos os contextos. Mas, colocando-se de lado a questão de que existe uma margem de julgamento pessoal sobre o conceito de velhice, pois alguns idosos se consideram ainda jovens, quer dizer, não assumem a condição reservada ao idoso na sociedade, enquanto outros se consideram velhos precocemente, pode-se dizer que, em geral, a partir dos 80 anos é mais freqüente a consciência da velhice.

Por isso em torno dessa idade, o idoso começa a aceitar sua posição na sociedade como tal, visto que fatores de ordem físico-psicológica o levam forçosamente a conscientizar-se do envelhecimento. Assim, Preti (1991, p. 26) propõe a divisão entre “idosos jovens” e “idosos velhos”: os primeiros teriam de 60 a 80 anos de idade; os segundos, mais de 80. Considerando-se o problema dos idosos velhos, é possível afirmar que, em geral, o envelhecimento afeta sua condição de relacionamento social pela linguagem. Assim, as causas de natureza física, decorrentes da idade, que interferem, de maneira às vezes decisiva, nas atividades dos idosos, quer sobre sua vida exterior, quer sobre suas reações psíquicas, seu poder de reflexão e análise, atingem consideravelmente sua capacidade comunicativa e receptiva e, por conseqüência, a própria habilidade conversacional.

É preciso ter em mente, porém, que as marcas lingüísticas próprias da linguagem da primeira e da terceira faixa etária decorrem não só da idade, mas das relações entre eles e a comunidade em que vivem. Conforme Preti (1991, p. 28), tais marcas podem ser de várias naturezas: prosódicas, sintáticas, léxicas, discursivas ou conversacionais. Muitas vezes, trata-se de características que ocorrem em falantes de faixa etária jovem e idosa ao mesmo tempo, mas que ganham intensidade nos idosos. Sob o aspecto conversacional, revela-se a importância da categoria tempo e a presença constante do passado, como um ponto de referência constante para o discurso que, ainda quando centrado em temas do presente, articula-se com base em duas realidades, a do ontem e do hoje.

Os lapsos de memória constituem uma característica bem mais marcante na linguagem da terceira faixa etária do que da primeira faixa. Segundo Preti (1991, p. 56), isso acontece porque a rememoração de acontecimentos ocorridos há mais tempo se torna mais fácil do que a memória recente, além dos acontecimentos mais antigos serem mais facilmente preservados do que os mais próximos. Acerca do discurso dos idosos, pode-se pensar, então, numa categoria tempo de vigência dos acontecimentos dentro da qual os falantes da terceira faixa etária construiriam boa parte de seu discurso, relacionado com um passado

sobre o qual ainda tem pleno domínio de memória; ao qual, ainda, de certa forma, está muito preso; e dentro do qual estão acontecimentos, lugares, coisas, pessoas, frases, que fazem parte, ainda, de sua história e de sua maneira de analisar o tempo presente.

Para os idosos, talvez mais do que para qualquer outro período de idade, os lugares são repletos de memória e, como interlocutores, os locais das narrativas pessoais podem adquirir imediatamente uso interacional, por meio de memórias relacionadas com pessoas públicas ou eventos. Essa característica de lembrar do passado não está ausente na linguagem de falantes da primeira faixa etária, pois todos têm um passado a que se referir, mas ganha posição muito especial, na fala dos idosos que relata o passado e o projeta a todo momento em seu presente.

Dessa forma, Preti (1991, p. 62) esclarece que as informações sobre o passado, que transparecem constantemente no discurso dos idosos, muitas vezes, são expressas por um léxico em que aparecem vocábulos, expressões, estruturas formulaicas, formas de tratamento, relacionados com sua época. Esse vocabulário, muitas vezes, pode tornar-se incompreensível à audiência mais jovem, ou porque seus vocábulos se arcaizaram ou porque emigraram para fora do ambiente urbano em que vivem ou viveram os entrevistados, ou ainda porque perderam seu referente. Pode ocorrer, então, um constante processo de explicação, característica que, de certa forma, casa-se com a própria natureza do idoso, seu desejo de ensinar, de transmitir experiência às gerações mais jovens.

Neste sentido, podemos dizer que as categorias espaço e tempo podem transparecer nas seguintes marcas lexicais: *Arcaísmos* (utilização de vocábulos, formas de construções frasais que saíram do uso na língua corrente e nela refletem fases anteriores nas quais eram vigentes), *Arcaísmos gírios* (vocábulos que têm referentes limitados no tempo e oferecem, não raro, sérias dificuldades de compreensão para os ouvintes mais jovens, podendo ter significados diversos em outras épocas e lugares), *Expressões formulaicas* (são as frases-feitas, provérbios, refrões, expressões que, muitas vezes, remontam à sua infância e a melodia e a rima que, não raro, as acompanham, favorecem a permanência na memória) e as *Formas de tratamento* (que constituem um dos índices sociolinguísticos mais expressivos, para evocar as relações sociais entre falante/ouvinte).

Embora haja algumas marcas lexicais do tempo, na fala das pessoas mais velhas especialmente, é preciso reconhecer que nem por isso essa linguagem se tornou

ininteligível aos mais jovens, mesmo porque os próprios idosos se encarregam de buscar artifícios para explicar os arcaísmos, as expressões formulaicas fora de uso, a gíria de seu tempo. E são esses artifícios que constituem precisamente as marcas mais expressivas da linguagem desse “grupo social”.

Parece uma tendência natural do homem, por ocasião de seu envelhecimento, agarrar-se a valores do passado para marcar sua oposição a um tempo presente em que, por causa da idade, sente-se progressivamente marginalizado. Dessa forma, em muitas passagens de seu discurso, os falantes, principalmente os de terceira faixa etária, manifestam a tendência psicológica de proteger o passado e valorizar o seu tempo, recorrendo constantemente a ele na comparação com o presente. Além disso, a constante referência ao passado constitui uma forma de encaminhar a análise do presente, que só adquire significado a partir dos modelos a que é submetido.

Assim, é possível reiterar a premissa básica do socioconstrucionismo, segundo a qual o ser humano é um organismo ativo que processa informação, e não um intelecto passivo situado na sociedade. Dentro dessa perspectiva, pode-se tomar o conceito de velhice como uma categoria social, dessa forma, à medida que a identidade das pessoas da primeira e da terceira faixa etária é construída, torna-se importante a inserção dessas pessoas dentro do mundo social mais amplo. Ou seja, as pessoas jovens e idosas são partes integrantes do processo social e, portanto, através de seus discursos constroem a sociedade em que se inserem.

1.5 A IDENTIDADE SOCIAL DE GÊNERO

Masculino não existe sem feminino e vice-versa, no entanto ser homem ou ser mulher no Brasil, no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre ou no Bom Fim, é muito diferente do que ser homem ou mulher numa tribo indígena da Amazônia ou mesmo em outros lugares do Ocidente (Grossi, 1992, In: Moita Lopes, 2003, p. 233)

Talvez o fato mais marcante da identidade social do indivíduo se relacione ao modo como ele se posiciona e é posicionado pelos outros em termos da sexualidade. Isso se torna

central desde a adolescência, momento em que as pessoas começam a se envolver com os significados/discursos do amor, do afeto e do sexo.

Conforme Hall (2000, p. 15), dinamismo, multiplicidade e contradição são traços fundamentais para se compreender o sujeito pós-moderno. Nessa perspectiva, portanto, destaca-se o gênero, segundo Crawford (1995), como um construto social e plural, apontando para o fato de que existem múltiplas representações de masculinidade e feminilidade, múltiplas maneiras de ser homem e de ser mulher.

Sobre esse aspecto, Moita Lopes (2003, p. 139) esclarece que os termos masculinidades e feminilidades (isto é, no plural) são mais apropriados, assim, para dar conta das múltiplas e fragmentadas formas de ser dos homens e das mulheres e suas construções sociais e históricas. Sendo assim, segundo o referido autor, deve-se evitar pensar em masculinidade e feminilidade em termos de categorias homogêneas e distintas.

Um aspecto relevante em relação ao gênero é salientado por Louro (1998, p. 27) o qual destaca que esse conceito, na sociedade brasileira, está profundamente relacionado ao conceito de sexualidade, mas que gênero e sexualidade não são a mesma coisa. A autora aponta ainda que, nessa relação, o gênero é usado como uma forma de controlar, de vigiar a sexualidade. Logo, quando se afirma que as identidades de gênero e as identidades sexuais se constroem em relação, se quer significar algo distinto e mais complexo do que uma oposição entre dois pólos: pretende-se dizer que as várias formas de sexualidade e de gênero são interdependentes, ou seja, afetam umas às outras.

Como apresenta Moita Lopes (2002, p. 100), a sexualidade é um traço da identidade socialmente construída em termos de como se aprende a representar à luz de como os outros os representam e vice-versa nas práticas discursivas onde se atua. Em outras palavras, como expõe Heilborn (1996, p. 137) a sexualidade não expõe uma essência a ser desvelada, mas é antes um produto do aprendizado de significados socialmente disponíveis para o exercício dessa atividade humana. Também pode-se dizer que a sexualidade é dinâmica e não vai em uma só direção a vida toda. Ou seja, posiciona-se diferentemente em identidades sexuais diferentes em períodos diferentes da vida e em práticas discursivas diferentes.

Nesse sentido, Moita Lopes (2003, p. 100) considera que a sexualidade humana é plural, para além de etiquetas tais como heterossexual, gay, lésbica, bissexual, transexual

etc., e que a identidade sexual tem que ser vista em relação a outras identidades sociais que se tem (classe social, gênero, etnia, raça, profissão etc.). Como Hall (1990, p. 233) aponta “talvez em vez de pensarmos a identidade como um fato já completo, (...) deveríamos pensar a identidade como uma ‘produção’, que nunca está completa, sempre em processo, e sempre constituída dentro, e não fora das representações”.

A respeito da representação da sexualidade na adolescência no Brasil, Paiva (1996, p. 216) indica que, da perspectiva essencialista do sexo normalmente seguida, a adolescência no Brasil é tradicionalmente entendida como um período natural para a sexualidade se desenvolver: o poder dos hormônios é típico dos discursos de educadores e sexólogos. Não é comum que as pessoas considerem os aspectos culturais da sexualidade adolescente.

Portanto, como Paiva (1996, p. 214) acrescenta:

(...) no Brasil, espera-se que a sexualidade apareça naturalmente na adolescência e é amplamente aceitável que jovens sejam sexuados. Mas essa sexualidade deve ser diferenciada por gênero e se estabelece como uma sexualidade heterossexual e não-reprodutiva.

Assim, garotas devem controlar seus impulsos sexuais ou usar meios contraceptivos enquanto os meninos são criados para não resistir a nenhuma chance de se envolver em uma prática sexual, embora as experiências sexuais variem de acordo com as classes sociais na medida em que a vida sexual começa mais cedo nas classes sociais de menor prestígio.

Em seu trabalho, Davies (1989, p. 240) mostra como o gênero é criado pelos indivíduos e nos indivíduos à medida que eles aprendem as práticas discursivas por meio das quais se localizam como indivíduos e como membros do mundo social. Sobre isso, deve-se dizer ainda que as faces diferentes da identidade social podem desempenhar papéis primários ou secundários em termos da proeminência que assumem nos eventos discursivos dos quais as pessoas participam. Mas, em geral, a representação do outro se dá em termos do binômio igualdade/diferença, que define como as pessoas se engajam no discurso com o outro. O outro é negro/branco, homoerótico/heterossexual, pobre/rico etc.?

Existem ainda outros matizes de identidade social como bissexual, mulato etc. e, ainda que esses não sejam necessariamente fixos, as pessoas podem não ter sempre o mesmo tipo

de desejo sexual, por exemplo. O que se deve considerar é como as representações da diferença afetam o modo como se vê os outros e como cada participante da interação os constroem no discurso.

Moita Lopes (2002, p. 202) aponta que não tem sido comum o tratamento do gênero e da sexualidade no âmbito da identidade social no campo literário do Brasil. Assim, a questão da existência de sexualidades diferentes daquela centrada no sexo oposto, entre outros aspectos da identidade social da pessoa, como a raça, por exemplo, tem sido evitada, como se isso não fizesse parte da identidade social de uma pessoa.

A compreensão de como as identidades sociais são constituídas é tão central nas práticas discursivas tendo em vista os espaços que ocupam como legitimadores de significados e, portanto, de identidades sociais. Como Freire Costa (1992, p. 16) aponta as subjetividades, então, são como uma decorrência dos vocabulários [práticas discursivas] ou da maneira como se ensina e aprende a ser sujeitos, ou ainda:

(...) nós somos (...) aquilo que a linguagem nos permite ser; acreditamos naquilo que ela nos permite acreditar e só ela pode fazer-nos aceitar algo do outro como familiar, natural, ou pelo contrário, repudiá-lo como estranho, antinatural e ameaçador. (FREIRE COSTA, 1992, p. 18)

Nos processos de construção de suas identidades de gênero, as mulheres, por exemplo, aprendem sobre o que podem falar, como e com quem, embora, em alguns espaços sociais cada vez mais, da mesma forma de que pessoas homoeróticas aprendem a resistir a práticas discursivas que cassam sua voz, através de formulação de contradiscursos. Para ilustrar isso, Moita Lopes (2002, p. 204) cita o exemplo de uma amiga francesa, que, tendo aprendido português com seu marido brasileiro, usou o seguinte enunciado ao se retirar de uma reunião informal da qual participava: “pera aí que eu vou mijar”. Tal escolha de item lexical, no contexto citado, causou risos, tendo em vista o fato de que, ao se construir como mulher em certos espaços sociais no Brasil, o uso desse item, em geral, não faz parte das regras implícitas de como as mulheres podem falar, isto é, nesse caso, que itens podem escolher das opções lexicais que a língua oferece.

Conforme Gleason (1987, p. 1), a linguagem usada com crianças é diferente, com base em seu gênero, tanto em termos do alvo quanto da fonte da mensagem. Em outras palavras, “os pais falam diferentemente entre si; falam diferentemente com meninos e com meninas; e meninos e meninas falam diferentemente”. É a partir dessa visão que Beauvoir (1981) afirma que ninguém nasce mulher mas é construído como tal: o mundo social traz essa identidade à tona. Em outras palavras, muito o que parece ser tomado como diferenças entre os homens e as mulheres é criado no discurso da mesma forma que muitas diferenças entendidas como naturais entre pessoas de sexualidades diferentes são construídas no discurso.

Deve-se acrescentar ainda que, conforme já indicado, as identidades sociais são múltiplas na medida em que uma mulher não é só construída como tal, mas também como heterossexual/homoerótica, branca/negra, rica/pobre etc. O modo como as mulheres são construídas na sociedade envolve essas múltiplas faces, o que lhes confere uma representação específica no discurso. Isso quer dizer, porém, que ao se cruzarem essas múltiplas faces da identidade social, é possível conceber o fato de que uma mulher rica tenha mais semelhança com um homem de sua classe social do que com uma mulher pobre. É assim que Corson (1993, p. 126) indica que mulheres de classe média ou mulheres brancas em muitos espaços sociais têm consideravelmente mais poder comparado com outros grupos, mais talvez do que muitos homens de classes trabalhadoras ou mais dos homens de culturas minoritárias.

Como neste trabalho adota-se uma visão do discurso como uma forma de ação no mundo e um meio pelo qual a cultura e as identidades são constituídas e definidas, da mesma forma, concebe-se o gênero, pois este não existe naturalmente como parte essencial do indivíduo, mas sim é construído na interação social.

Com relação às questões de gênero, Backhurst e Sypowich (1995) apontam que o social não serve para moldar um ser ou identidade pré-existente, mas para fazer esse ser existir. Desde pequenos, meninos e meninas são posicionados em ambientes de aprendizados diferentes com categorias de padrões sociais distintos nos quais aprendem seus gêneros. Assim, por serem tratados de forma diferenciada nas interações sociais do cotidiano, tanto homens quanto mulheres, agirão de forma diferente.

Sobre esse aspecto, Crawford (1995, p. 13) argumenta que o gênero é o que a cultura constitui a partir da matéria-prima do sexo biológico, ou seja, homens e mulheres encontram vários padrões e normas de comportamento socialmente instituídos e apropriados (como agir, perguntar, responder etc.) para pessoas dos seus respectivos gêneros e para gêneros diferentes dos seus.

Dessa forma, ao considerar as questões de gênero, a visão essencialista enfatiza as características biológicas e reduz a importância do contexto sócio-histórico, naturalizando o poder do homem e as desigualdades social e econômica estabelecidas entre o gênero masculino e feminino. Isto é, as desigualdades são percebidas como conseqüências naturais e inevitáveis da natureza biológica das mulheres e dos homens e não são entendidas como historicamente construídas e modificáveis.

Segundo Kleiman (1998, p. 299), as pressuposições veladas sobre sexo e gênero permanecem embutidas nos discursos culturais, instituições sociais e nas mentes dos indivíduos que invisível e sistematicamente reproduzem o poder masculino geração após geração. Como conseqüência, preconceitos explícitos e implícitos sobre a suposta inferioridade feminina têm contribuído para manter o silêncio histórico das mulheres.

Nessa perspectiva, Louro (1998, p. 21) aponta a necessidade de se posicionar o debate sobre as desigualdades entre os sexos na esfera social, já que é nela que as relações, incluindo as de desigualdade, entre os agentes sociais são construídas e reproduzidas. Segundo essa autora, o debate vai se constituir, então, por meio de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental. Para ela, o termo gênero, distinto de sexo, é adotado pelas feministas anglo-saxãs para rejeitar um determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual. Adotar esse conceito significa compreender como as características sexuais são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas e que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico.

Connel (1995a, p. 99) argumentou que a vida institucional é detectada em várias partes do mundo atualmente como resultado dos esforços de globalização das forças capitalistas de modo que tais esforços fornecem uma base institucional sólida para mudanças na ideologia e imagens de gênero, e mudanças nas práticas cotidianas. Nessa linha de pensamento, Crawford (1995, p. 12), com o intuito de analisar os efeitos do gênero no uso

da linguagem, concebeu o gênero como um sistema que opera em três níveis: social, interpessoal e individual.

O primeiro desses níveis é o da estrutura social, isto é, o gênero é compreendido como um sistema de relações de poder. Neste nível, Crawford (1995, p. 13) levanta, em primeiro lugar, a questão da primazia do poder público masculino na maior parte das sociedades, controlando o governo, as leis, o discurso público e a academia. Essa primazia sufoca a possibilidade de visões alternativas de gênero e representa as mulheres como um grupo culturalmente silencioso. A compreensão do gênero nesse nível, segundo ela, possibilita trazer um tipo de pesquisa que tenta revelar e entender significados ocultos que concebem as mulheres dessa forma.

O segundo é o nível interpessoal. Nesse, o gênero é considerado uma pista de como se deve comportar e o que se deve fazer ou falar. Conforme ela indica, sugestões de gênero são usadas para dizer como se comportar em relação aos outros nas interações sociais. Portanto, por receberem tratamentos distintos, tanto as mulheres quanto os homens poderão ter comportamentos diferentes.

No nível interpessoal, as pistas de comportamento e de contextualização que os seres humanos recebem na vida social criam diferenças de gênero. Essas diferenças são combinadas à categorização sexual e, como consequência, a crença na diferença sexual é confirmada. Um exemplo típico é a idéia de que homens não devem chorar. Em geral, desde pequenos, os meninos são estimulados a não chorar em situações de dificuldade ou tristeza. Como consequência, as mulheres, por não receberem o mesmo estímulo, são vistas como pessoas mais emotivas.

O terceiro nível é o individual. Nesse nível, observa-se que o gênero é considerado intrínseco ao indivíduo, dicotômico (masculino e feminino) e o pólo masculino é o mais valorizado. Observa-se ainda que características, comportamentos e interesses fixos são associados a cada sexo e assume-se que eles são apropriados para pessoas daquele sexo específico.

Nesse sentido, Louro (1998, p. 45) confirma a existência do nível individual do sistema de gênero. Conforme ela indica, teorias foram construídas e utilizadas para provar distinções físicas, psíquicas, comportamentais; para indicar diferentes habilidades sociais, as possibilidades e os destinos próprios de cada gênero. Segundo a autora, a visão

dicotômica e polarizada sobre os gêneros é predominante nos estudos e na compreensão das sociedades, pois usualmente se concebem homens e mulheres como pólos opostos que se relacionam dentro de uma lógica invariável de dominação-submissão. Afinal, o homem, por ser a medida, o padrão, a referência de todo discurso legitimado, tem estado, portanto, na maior parte das situações, na posição de dominante.

Essas são questões que deveriam ser debatidas no campo social, uma vez que os arranjos sociais, a história, as condições de acesso aos recursos da sociedade e as formas de representação é que determinam as desigualdades e não as diferenças biológicas. Dessa forma, como aborda Connel (1995b, p. 186), precisa-se observar e desconstruir não as diferenças entre mulheres e homens mas sim focalizar como os discursos, as práticas discursivas e as instituições que sustentam a primazia masculina transformam essas diferenças em desvantagens para as mulheres. Nessa pesquisa, será por meio da análise dos diálogos selecionados do projeto NURC que será investigado como as diferenças entre homem e mulher são construídas no contexto do diálogo com relação à utilização dos marcadores temporais e aos itens lexicais denunciadores de faixa etária.

Para Fabrício (1996, p. 52), durante uma realização comunicativa, a participante aciona um esquema de conhecimento individual que a ajudará a detectar/interpretar o quadro interacional do momento, nele atuando de acordo com suas expectativas. Essa dinâmica cria uma série de subenquadres ou microenquadramentos, chamados de alinhamentos. Goffman (1981, p. 4) utiliza o conceito de alinhamento para expressar uma outra forma de se falar de uma mudança no enquadre de eventos, o que evidencia que falante e ouvinte mudam constantemente seus alinhamentos ao longo de suas falas, sendo essas mudanças uma característica constante da fala natural. Então, a mudança de alinhamento pode conduzir à mudança de enquadre em relação aos papéis sociais assumidos no discurso pelos(as) participantes. Isso dá conta da posição do(a) falante em relação ao que fala, e frente ao(à) interlocutor(a).

Seguindo a visão socioconstrucionista do gênero, entende-se que o gênero é produto de uma negociação social e não um atributo dos indivíduos. Assim, a (re)construção da identidade social de gênero, um dos focos desta pesquisa, é compreendida como construída por meio do discurso. Não é o sexo que determina o gênero, mas sim as práticas sociais, o momento histórico e a cultura da sociedade na qual a pessoa está inserida.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A VARIAÇÃO DA LÍNGUA E A SUA RELAÇÃO COM O ESPAÇO E O TEMPO

A Língua Portuguesa não se realiza de maneira única ou uniforme; antes, apresenta-se riquíssima em variações decorrentes de quem a utiliza, de como ou quando é usada, de para que ou para quem é empregada etc. Assim, conforme expõem Barros Ferreira et ali (1996, p. 479), “a língua que usamos está sujeita a variação”, afinal a língua é viva. Por sua vez, a variação, a hesitação entre diversas formas, ocorrida num dado momento, produz a longo termo mudança na língua.

No entanto, como explicam Barros Ferreira et ali (1996, p. 479) só se pode estudar a variação se a relacionarmos com algo que consideremos minimamente estável e homogêneo. Nesse sentido, a maior parte das teorias lingüísticas que se desenvolveram no século XX fazem abstração dos fenômenos de variação lingüística, por motivos teóricos e metodológicos, estudando as regularidades da língua enquanto sistema. Mas, na realidade, a língua vive através da diversidade.

A lingüística estruturalista européia (da escola de Eugenio Coseriu), utilizando o prefixo *dia-*, que significa “ao longo de, através de”, estabeleceu uma série de compartimentos com o objetivo de delimitar os campos de estudo da variação: diacronia, diatopia, diastratia e diafasia.

Fala-se em variação diacrônica (do grego *dia+Kronos*, “tempo”) ou histórica, para designar as diversas manifestações de uma língua através dos tempos. É evidente que as mudanças que ocorrem nunca são repentinas, não se dão em saltos bruscos. Há geralmente um período de transição, onde encontramos variação sincrônica entre duas ou mais formas concorrentes, acabando uma delas por prevalecer. Assim, a substituição de uma forma por outra é progressiva e nem sempre sistemática. Esse tipo de variação é estudada pela Lingüística Histórica.

Quando a variação está relacionada com fatores geográficos – diferentes usos da língua em regiões diferentes – fala-se em variação diatópica (do grego, *topos*, “lugar”) ou geolingüística ou ainda dialetal. Nesse sentido, a Dialectologia é a disciplina que procura descobrir e descrever a fala utilizada em diferentes regiões, tentando identificar áreas mais ou menos coesas, assim como determinar os fatores que levaram à sua formação.

Ao tipo de variação lingüística, relacionada com fatores sociais, costuma chamar-se variação social (do grego *stratos*, “camada, nível”). Cabe à Sociolingüística estudar este tipo de variação, tentando estabelecer correlações entre variáveis sociais e fenômenos lingüísticos e, modernamente, a Dialectologia Pluridimensional vem analisando, como objeto de estudo, as variáveis sociais. Foi a Sociolingüística que permitiu observar que a “heterogeneidade faz parte integrante da economia lingüística da comunidade e é necessária para satisfazer as exigências lingüísticas da vida cotidiana” (LABOV, 1982, p. 62) e que a estratificação do uso da língua na sociedade não é caótica, obedecendo antes a determinadas regularidades, por vezes extremamente sutis.

Existe ainda um aspecto de língua que tem merecido estudo. Consoante a situação mais ou menos formal em que se encontra ou o tipo de situação discursiva (oralidade, escrita) cada falante pode usar diversos estilos ou registros lingüísticos. À variação que está relacionada com estes fatores pragmáticos e discursivos e que implica o conhecimento por parte do falante de um código socialmente estabelecido para cada situação, dá-se o nome de variação diafásica (do grego *phasis*, “fala, discurso”).

Nesse sentido, é possível perceber a vitalidade da língua, simultaneamente una e múltipla, que se decompõe numa rede de variedades, comprovando a concepção de língua, defendida por Marcuschi (2003, p. 43), enquanto fenômeno heterogêneo (com múltiplas formas de manifestação), variável (dinâmico, suscetível a mudanças), histórico e social (fruto de práticas sociais e históricas), indeterminado sob o ponto de vista semântico e sintático (submetido às condições de produção) e que se manifesta em situações de uso concretas).

Vale salientar que não se pode perder de vista que a pluralidade das variações presentes na Língua Portuguesa é um fato. O Português é prolífero em variedades de uso. Restringir-se, pois, à “norma culta”, a uma língua padrão inflexível, implica vilipendiar elementos imanentes à comunicação entre seus usuários: sua região de origem, o grupo social no qual está inserto, sua idade e sexo, sua noção da necessidade de se expressar de forma mais ou menos formal para atingir plenamente a sua eficiência comunicativa.

Conforme Moreno Fernández (1998, p. 17), a língua é variável e se manifesta de forma variável. Dessa forma, os falantes podem recorrer a elementos lingüísticos

distintos para expressar-se em determinadas situações comunicativas específicas ou podem usar elementos lingüísticos diferentes para dizer uma mesma informação.

Nesse sentido, esse capítulo tratará da variação da língua e da questão geográfica e da faixa etária examinada, prioritariamente, na perspectiva do léxico, sob a forma dos seguintes enfoques: a sociolingüística, o conceito de variedade, um enfoque lexical, um enfoque geográfico e um enfoque etário.

2.1 A SOCIOLINGÜÍSTICA

Duranti (2001, p. 21) expõe que a sociolingüística nasceu no começo dos anos 1960 como o estudo das formas lingüísticas em relação ao contexto social do seu uso. Ambos os tipos de fenômenos estudados e os métodos para seu estudo variaram, dependendo dos pesquisadores envolvidos. Um exemplo pode ser percebido com Charles Ferguson e John Gumperz (1960) que estiveram interessados em compreender o contato lingüístico através de métodos qualitativos envolvendo trabalho com informantes, observações informais e (às vezes) questionários.

Começando uns poucos anos mais tarde, William Labov esteve interessado em fornecer uma base empírica para o estudo da mudança lingüística que pudesse começar do uso lingüístico real em comunidades urbanas. Ele seguiu essa meta ao desenvolver um método para o estudo da fala em contexto social baseado na análise estatística de um grande *corpus* de dados extraído de entrevistas gravadas. Em colaboração com Joshua Waletzky, Labov também desenvolveu uma análise da sintaxe e organização estrutural das narrativas elicitadas que exerceu muita influência sobre um número de campos.

A orientação metodológica e as metas teóricas diferentes produziram escolas distintas de pesquisa sobre o uso lingüístico, mas o termo sociolingüística tem sobrevivido, com vários qualificadores fazendo o trabalho de reconhecer algumas diferenças entre abordagens. Assim, a sociolingüística laboviana tem sido conhecido como “quantitativa”, “macro” ou “urbana”, enquanto a sociolingüística gumperiana tem sido chamada de “qualitativa”, “micro” ou interacional”.

Em parte, devido à colaboração entre Gumperz e Hymes nos anos 1960 (quando Hymes esteve na Universidade de Califórnia, Berkeley), o termo sociolingüística foi

usado para cobrir uma gama ampla de abordagens, incluindo algumas perspectivas distintamente antropológicas e sociológicas. Por exemplo, tais coletâneas como a de Bright (1996), *Sociolinguistics: Proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference*, 1964 e a de Gumperz e Hymes (1972) *Directions in Sociolinguistics: The Ethnography of Communication* incluem estudos quantitativamente orientados da variação e mudança lingüística em contextos urbanos, estudos correlacionais entre formas lingüísticas e o *status* social dos falantes, guias específicos para as descrições etnográficas do uso lingüístico dentro duma comunidade, análise componencial, a etnociência, a etnometodologia e a análise da conversação.

A maioria dos sociolingüistas, especialmente aqueles orientados pelos princípios da análise quantitativa, continua a usar hoje em dia a mesma metodologia introduzida por Labov nos anos 60, isto é, eles tipicamente dependem na análise estatística de dados coletados através de entrevistas. Através deste método, sociolingüistas produziram um corpo impressionante de trabalho que pode dizer muito sobre a dinâmica interna de comunidades de fala e a relevância da classe social, do gênero e da idade para um número de fenômenos lingüísticos, mais tipicamente a variação dialetal e mudanças fonológicas em progresso.

2.2 O CONCEITO DE VARIEDADE DE USO

A variação é uma propriedade inerente a qualquer língua (viva) e pode observar-se quer sincronicamente, manifestando-se quer como diversidade dialetal ou sociolingüística, quer historicamente, revestindo então a feição de mudança lingüística. Os dois tipos de variação encontram-se profundamente imbricados, sendo as variações dialetais ora vias de acesso ao passado da língua (oferecidas ao observador contemporâneo) ora manifestação de novas mudanças.

O conhecimento consciente de uma língua (por quem dela queira ser mais do que utilizador) implica o reconhecimento dessa dinâmica evolutiva e diversificante que torna qualquer língua resistente à normalização. De fato, as variantes normativas são,

como as não normativas, eventualmente passageiras, mudando ao longo do tempo o modo como os falantes encaram os mesmos fatos lingüísticos.

Como aborda Silva-Corvalán (1989, p. 22), a Sociolingüística centraliza uma parte importante de suas preocupações no estudo da variação e das variedades lingüísticas. Diante disso, uma pergunta que pode ser feita é como se definem e caracterizam as variedades das línguas.

A primeira dificuldade que surge ao estudar as variedades lingüísticas é a de fixar o próprio conceito de variedade. Para Hudson (1981, p. 31), uma variedade lingüística é uma manifestação de um fenômeno chamado linguagem que se define como um conjunto de elementos lingüísticos de similar distribuição social. Dentro desta definição, ficam incluídas as línguas de um falante ou de uma comunidade de fala, os dialetos e qualquer outra manifestação lingüística na qual se possa observar um determinado uso ou valor social. Segundo o referido autor, as variedades lingüísticas, assim definidas, revelam problemas consideráveis na hora de distinguir variedades da mesma classe (uma língua de outra, um dialeto de outro) e para a delimitação de diferentes tipos de variedades (língua de dialeto).

Diferentemente de Hudson (1981), Charles A. Ferguson (1971) propôs uma definição de variedade com um caráter mais concreto. Para este, uma variedade é um conjunto de padrões lingüísticos o suficientemente homogêneo para ser analisado mediante técnicas lingüísticas de descrição sincrônica; tal conjunto estaria formado por um repertório de elementos suficientemente extenso e poderia operar em todos os contextos de comunicação. Seguindo ao pé da letra esta definição, seriam variedades as línguas, os dialetos, mas talvez não o seriam os estilos, que poderiam interpretar-se, em todo caso, como manifestações de uma determinada variedade.

Sobre o conceito de variedade, Moreno Fernández (1998, p. 86) comenta que muitos estudiosos trabalham com definições amplas e outros com definições mais restritas, mas que ele prefere visualizar as variedades como conjunto de elementos ou de padrões lingüísticos associados a fatores externos, sejam contextos situacionais, sejam profissionais, sociais ou geográficos. É nessa última abordagem que esse estudo se insere.

Nesse sentido, ao identificar um fenômeno de variação, as perguntas que surgem de modo imediato, em qualquer nível lingüístico são: por quê? Como se originou? E as respostas requerem o auxílio de disciplinas como a dialectologia ou da história da língua porque é habitual que haja fatores extralingüísticos implicados na variação: fatores como a geografia (variação geográfica), a história (variação histórica) ou a situação comunicativa, em seu sentido mais amplo (variação estilística). Todos esses fatores podem ser responsáveis ou explicar muitos casos de variação, inclusive os sociolingüistas além de responder a essas perguntas, podem responder outras do tipo: como se manifesta tal variação? Que fatores a determinam? Que capacidade de determinação tem cada um dos fatores concorrentes? Que variantes lingüísticas caracterizam determinados grupos sociais? A sociolingüística se preocupa desses assuntos porque os fatores sociais também podem determinar e explicar a variação.

No âmbito da variação lingüística, os seguintes tipos de variação, em especial, serão enfocados: a variação lexical, geográfica e etária.

2.3 UM ENFOQUE LEXICAL

Como apresenta Velasco (2003, p. 158), o léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-lingüístico-cultural. Na medida em que o léxico se configura como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas numa sociedade.

Como mostra Moreno Fernández (1998, p. 28), o estudo da variação lexical enfrenta alguns problemas. Entre estes é possível destacar o estabelecimento de equivalências entre supostas variantes, as sinonímias.

No nível do discurso, a sociolinguística defende a existência da sinonímia, pois é no discurso, no uso comunicativo da língua, que as unidades léxicas, como ocorrem com determinadas construções sintáticas, podem ver-se neutralizadas semanticamente. Tal aspecto não deixa de lado a dificuldade que pode existir para demonstrar que existe realmente uma neutralização, ou seja, que duas ou mais variantes sejam equivalentes. Isso se torna mais nítido quando o uso de certas formas linguísticas vem acompanhado de valores ou certas conotações particulares ou quando o falante maneja em sua seleção léxica critérios que podem passar por despercebido pelos ouvintes. Além das intenções comunicativas, de considerações de estilo e de outros fatores que possam surgir no discurso.

Diante desse quadro, é possível chegar à seguinte pergunta: o que é que se busca ao estudar a variação léxica? A essa pergunta, Moreno Fernández (1998, p. 29) responde expondo o fato de que esse tipo de variação objetiva explicar o uso alternante de umas formas léxicas em umas condições linguísticas e extra-linguísticas determinadas: podem ser unidades de diferentes origens geolinguísticas que estiveram presentes em uma comunidade, de estilo mais ou menos formal, entre outras possibilidades. Ao mesmo tempo, busca-se identificar o léxico característico dos diferentes grupos sociais: léxico de faixa etária, de profissão etc.

Como mostra Moreno Fernández (1998, p. 79), as dificuldades existentes em analisar a variação léxica são muitas. Isso é possível visualizar no momento de descobrir quais variáveis sociais ou estilísticas explicam o uso de certas variáveis léxicas, além das dificuldades de coletar dados válidos e suficientes do discurso falado e, por outro, de demonstrar que certas variantes léxicas são realmente variantes de uma mesma variável.

Para descobrir que tipo de léxico caracteriza os grupos sociais que formam uma comunidade, existem vários itinerários metodológicos. Um deles é o estudo de corte etnográfico: mediante a convivência continuada dentro de um grupo social ou a observação direta dos discursos. Este procedimento tem um enorme interesse, especialmente se a pretensão é fazer uma análise qualitativa, isto é, determinar quais são os itens lexicais que aparecem de forma característica em cada grupo social.

Outra possibilidade metodológica, para o estudo sociolingüístico do léxico, é a entrevista, procedimento que permite a análise quantitativa da variação. Nesse método, existem alguns inconvenientes porque não é habitual que em um período de tempo determinado, geralmente curto, saiam não só todas as variantes da variável léxica que possa interessar, e em quantidades suficientes, mas a mesma variável: por mais dirigida que esteja uma entrevista, nunca se tem a absoluta segurança de que se conseguirão amostras da variação léxica em estudo, a menos que o investigador induza ou provoque sua aparição mencionando-a expressamente, o que iria em detrimento do interesse da entrevista sociolingüística com tal para a coleta da variação léxica.

Se um sociolingüista decidisse, partindo de um conjunto de entrevistas realizadas sobre uma amostra de uma comunidade de fala, fazer uma caracterização léxica dos grupos sociais de uma comunidade (jovens ou idosos, escolarizados ou não escolarizados), ficaria a seguinte pergunta em evidência: será que foram coletadas as formas léxicas realmente caracterizadoras de cada grupo nas entrevistas? Tal pergunta pode ficar sem uma resposta convincente se não se utilizam mecanismos de controle (por exemplo, os resultados de análises complementares), porque as diferenças léxicas entre grupos sociais são muitas vezes quantitativas e não qualitativas, como ocorre nos demais níveis da língua. Entretanto, não se pode dizer que seja impossível o estudo pelo método quantitativo do léxico a partir de materiais coletados em entrevistas: é possível, mas difícil.

A terceira técnica que permite abordar a pesquisa sociolingüística do léxico é o questionário. Este tipo de coleta de dados garante o surgimento de certas unidades léxicas em uma quantidade determinada e, portanto, revela-se o mais satisfatório para os estudos quantitativos. Nesse sentido, os possíveis objetos de estudo do léxico são ilimitados: pode-se analisar a preferência de um ou mais grupos de uma comunidade por certas formas léxicas segundo o tipo do interlocutor, segundo a situação (estilo formal-informal); pode-se analisar a maior ou menor presença em certos grupos sociais de formas antigas ou modernas, padrão ou não-padrão.

Dessa forma, é possível observar que a sociolingüística vê na utilização do léxico um instrumento que lhe permite estabelecer estratificações de comunidades de fala de acordo com os fatores sociais enfocados.

Neste estudo, a variação lexical será visualizada com as variáveis extra-lingüísticas: localidade, gênero e faixa etária.

2.4 UM ENFOQUE GEOGRÁFICO

- “Há diferenças muito grandes.
Uma vez, eu ´tava a falar, em Portalegre. [...]
E depois eu perguntei assim:
- Ó amigo! ‘Cê fazia favor, dizia-me aqui onde é que era o caminho... p’ra ir... [...] ... dizia-me o caminho
aqui p’ro... p’ra Torre de Palma [...]
Dizia-me assim uma pessoa [...];
- Olhe, cê não se engana. Você vai por esta carretêra fora... uma carretêra é uma estrada, lá [...]. ‘Cê acolá
adiante mete p’la linda abaixo – uma linda é uma estrema – realmente é um nome bem empregado: uma
linda é uma estrema; uma estrema é bonito – ... Vá pl’ aquela linda fora... lá mais adiante encontra um
arrebenta-diabos... você volta à sua esquerda, tá uma b’reda mal seguida, vai lá ter mêmo ao casal.
Mas depois mais tarde é que a gente foi descobrir isto: o arrebenta-diabos era um ‘encruzilhada [...] e
uma b’reda mal seguida era um carrêro... um caminho... um carrêrozito que ia por ali fora.
Tá a ver? Como isto há diferenças de nomes de terras p’ra terras?!”
- (BARROS FERREIRA, Manuela et ali. Variação lingüística: perspectiva dialectológica. In: FARIA, Isabel Hub et ali. (Org.). *Introdução à lingüística geral e portuguesa*. Lisboa: caminho, 1996, p. 479)

A língua pode variar em vários aspectos. O mais evidente deles é o regional/geográfico, ou seja, as diferenças nos falares de um lugar (região) para outro, conforme ilustra o trecho acima transcrito. Percebemos nitidamente que a maneira de o carioca falar é diferente da do paulista, do cearense, do gaúcho. A diferença pode ser tanto no nível fonético, com as variadas realizações para o que na escrita se representa por "r" e "s", quanto no léxico (vocabulário): quem come jabá com jerimum no nordeste come a mesma coisa que no sudeste é chamado de carne seca com abóbora.

Outra variação simples de entender é a de classe social. Os filhos de uma elite que freqüentou os colégios mais rigorosos, cuja própria família já utiliza dentro de casa uma linguagem organizada, oriunda desses mesmos colégios, utilizam uma linguagem mais sofisticada. Ao passo que, na outra extremidade da escala social, os filhos de analfabetos muitas vezes não têm sequer o incentivo para se alfabetizar, pois os recursos para essa empreitada são caros para quem precisa se preocupar em alimentar-

se. Assim, percebe-se que a questão de letrar-se é muito mais complexa, pois até mesmo na pressionada classe média existe uma dificuldade em desenvolverem-se a leitura e a produção textual. A diferença lingüística entre classes sociais não se restringe às classes alta, média e baixa. A classe médica, por exemplo, utiliza uma linguagem própria, assim como os adolescentes criam sua própria linguagem para se distinguirem por uma identidade de grupo.

A variação nas várias fases por que uma pessoa passa também não é muito complicada para se entender. Em casa usamos uma linguagem familiar; no trabalho, principalmente devido a hierarquias, utilizamos formalidades; no domingo de jogo, a linguagem no barzinho também é outra, diferente daquela formal do trabalho e da familiar.

Mas as variações não param por aí, afinal não se pode esquecer que existem expressões que já não se usam mais, outras que não eram usadas e que hoje são. É a variação histórica (ou de geração). É possível observar, também, que se fala de uma maneira aos 10/15 anos e de outra, mais amadurecida, dos 35/40; é a variação por idade. Até mesmo a diferença de sexo gera diferença de linguagem, isto é, a seleção de vocabulário e “modos de se expressar” é diferente entre homens e mulheres. Como é possível visualizar, são muitas as variações que ocorrem dentro de uma mesma língua. Diante dessas variedades, este item enfocará o aspecto geográfico da variação.

López García (1995, p.12) aponta a geografia como o determinante da definição de local, mas explicita que ela tem de ser cruzada com o social. Para este autor, o local é um espaço territorial singularizado, sendo que essa singularidade se manifesta em especial no campo social. "Nas sociedades atuais é no âmbito local que se produz (...) a particularidade mais acentuada", escreve López García (1995, p.12).

Do ponto de vista espacial, pode ser observado que numa comunidade lingüística relativamente extensa, onde todos falam o mesmo idioma, notam-se variações que se traduzem na forma de pronunciar os sons, nas construções sintáticas e no uso característico do vocabulário, à medida que se afasta de determinado ponto de referência em direção de outro.

Caracteriza-se, de certo modo, a pronúncia de toda região nordestina a abertura sistemática da vogal pretônica, como em “dezembro” e “colina”, regularmente fechada em outras regiões.

A personificação mais comum de um gaúcho não pode omitir a realização de *e* e *o* átonos finais, pronunciados com grau médio de abertura e não como vogais altas, como ocorre em São Paulo. É característico também do falar gaúcho a realização de lateral alveolar em final de sílaba, que em São Paulo é realizada como semivogal posterior.

Na região do Rio São Francisco, *dama*, vocábulo de certa forma em desuso na área paulista, nem por isso pejorativo, tem o significado de “meretriz”. Ainda no sertão baiano, a oclusiva alveolar surda, após semivogal anterior, palataliza-se na africada [tʃ]; assim, *oito* diz-se [oʃú].

Camacho (1990, p. 44) aborda que essa diversidade lingüística decorre do fato de que nativos de determinada localidade (cidade, estado ou região), orientados para um centro cultural, política e economicamente polarizador, constituem uma comunidade lingüística, geograficamente limitada, no interior de uma mais extensa (a nação), através do desenvolvimento de um comportamento cultural próprio que os identifica e os distingue de outras comunidades, afinal a procedência geográfica do falante é variável pertinente para a interpretação de alguns fenômenos lingüísticos.

Segundo expõe o referido autor, é importante lembrar que o limite geográfico de uma comunidade lingüística não se confunde exatamente com os limites políticos de um estado ou região em que se divide um país. Tais limites são relativamente fixados, porque graduais, e se às vezes a rotulação de determinado falar regional corresponde aos limites políticos, será por necessidade prática.

Apresenta-se a seguir um breve comentário das cidades contempladas nesta pesquisa com o objetivo de apresentar características gerais de cada uma delas.

2.4.1 Porto Alegre

Porto Alegre é a capital do Estado do Rio Grande do Sul e encontra-se localizada junto ao Guaíba no extremo sul do país. A cidade se constituiu a partir da chegada de casais açorianos portugueses em 1742. No século XIX, contou com o influxo de muitos imigrantes alemães, poloneses e italianos. A Região Metropolitana de Porto Alegre conta com mais de 30 cidades. Entre elas as principais são: Canoas, Novo Hamburgo, São Leopoldo e Gravataí.

O primeiro nome dado à atual Porto Alegre foi o de Porto de Viamão, no século XVIII. Como ainda não existia um centro urbano, os estancieiros da região aproveitavam o Guaíba como meio de comunicação com Rio Grande e Rio Pardo. A região, na época conhecida como campos de Viamão, era um distrito de Laguna (em Santa Catarina). O porto, assim, era conhecido como Porto de Viamão.

Em 1740, a área foi concedida como sesmaria a Jerônimo de Ornelas Meneses de Vasconcelos, português nascido na ilha da Madeira. Em decorrência, o porto passou a ser chamado de "Porto do Dorneles". De acordo com o historiador Walter Spalding, o porto propriamente dito ficava na foz de um pequeno riacho, onde atualmente está localizada a Ponte de Pedra do Largo dos Açorianos.

Nessa mesma época, o governo português incentivou a vinda de casais açorianos à região, com o intuito de resolver dois problemas: o primeiro era o superpovoamento das ilhas dos Açores, e o segundo era assentar a dominação portuguesa no sul do Brasil, região ameaçada pelas colônias espanholas do sul e oeste do continente sul-americano. Assim, em 1752, chegou a primeira leva de casais açorianos, que se instalaram no então Porto de Dorneles e serviram de ponto de apoio aos novos casais imigrantes que chegavam para se instalar em outras regiões do Rio Grande do Sul. Com essa leva de casais, o porto passou a ser conhecido como o "Porto dos Casais".

Em 1763, com a invasão espanhola da cidade de Rio Grande, então capital do Estado, a sede do governo acabou por ser transferida para Viamão, cidade adjacente ao Porto dos Casais. Com o desenvolvimento do porto e sua posição estratégica à beira do rio Guaíba, o governador da época, José Marcelino de Figueiredo, resolveu transferir a capital de Viamão para Porto dos Casais em 1773, trocando nessa ocasião o nome para Porto Alegre.

No âmbito político, foi administrada por 16 anos pelo Partido dos Trabalhadores, PT. Em 1988, Olívio Dutra foi eleito, seguido por Tarso Genro, Raul Pont, Tarso Genro (novamente) que renunciou a fim de concorrer ao Governo do Estado (no que não obteve êxito) dando lugar a seu vice, João Verle. Em 2004, foi eleito José Fogaça, que concorreu pelo PPS e assumiu a prefeitura em 1 de janeiro de 2005.

De acordo com dados do IBGE, no ano de 1970, existiam 885.545 habitantes em porto Alegre. Tais números aumentaram para 1.428.696 na estimativa feita para o ano de 2005.

2.4.2 Recife

Recife é a capital do estado brasileiro de Pernambuco. Apesar de Olinda, situada na região metropolitana do Recife, ter sido a primeira capital da capitania de Pernambuco, Recife é a capital mais antiga do Brasil, fundada em 1537 e localizada no litoral do oceano Atlântico. Tem uma área de 209 km² e uma população de 1.501.008 de pessoas, conforme mostra a estimativa do censo para o ano de 2005.

A Região Metropolitana do Recife é a maior da Região Nordeste do Brasil e a 5ª do Brasil. Como cidade, é a 3ª da Região Nordeste do Brasil, com um PIB de quase 12 bilhões de reais, é considerada a cidade mais rica da Região. Recife é o maior centro regional brasileiro no setor de comércio e de prestação de serviços, e pode ser considerada a metrópole que comanda a rede urbana da região Nordeste.

Em Recife acontece o encontro do Rio Beberibe com o Rio Capibaribe que desaguam no Oceano Atlântico. Cercada por rios e cortada por pontes, Recife é cheia de ilhas e mangues que magnificam sua geografia. É conhecida como Veneza americana - graças à semelhança fluvial com a cidade européia.

A cidade foi fundada pelos portugueses em 1537 e permaneceu portuguesa até a independência do Brasil, com a exceção de um período de ocupação neerlandesa no

Século XVII, entre 1630 e 1654. A aldeia foi elevada a vila e concelho com o nome de *Santo Antônio das Cacimbas do Recife do Porto* em 1709, e tornou-se cidade em 1823.

Sua região metropolitana compreende ainda as cidades de Jaboatão dos Guararapes, Olinda, Paulista, Abreu e Lima, Igarassu, Camaragibe, Cabo de Santo Agostinho e São Lourenço da Mata, Araçoiaba, Ilha de Itamaracá, Ipojuca, Moreno e Itapissuma.

Berço de poetas e escritores como Manoel Bandeira, Carlos Pena Filho, Sebastião Uchoa Leite, Nelson Rodrigues, Gilberto Freyre, Paulo Freire e João Cabral de Mello Neto, Recife é um dos principais pólos culturais do Brasil.

Cidade que guarda grandes riquezas histórico-culturais e belas praias urbanas, Recife é parada obrigatória para turistas do mundo todo. Especialmente por suas manifestações culturais e a pujança da participação popular nas manifestações folclóricas do carnaval, a cidade ostenta títulos interessantes, como a de integrar a maior agremiação carnavalesca do mundo - o Galo da Madrugada.

De acordo com dados do IPEA do ano de 1996, o PIB era estimado em R\$ 8,25 bilhões, sendo que não houve registro de atividades baseadas na agricultura e na pecuária (0,0%), a indústria representou 16,5% e o setor do comércio e serviços 83,4%. O PIB *per capita* era de R\$ 6.126,83.

Em 2002, conforme estimativas do IBGE, o PIB havia evoluído para R\$ 11,410 bilhões e o PIB *per capita* para R\$ 7.822,00.

2.4.3 Rio de Janeiro

A cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro é a capital do Estado de mesmo nome, situado no sudeste do Brasil. A cidade é famosa por suas praias turísticas, como Copacabana e Ipanema, pela estátua do Cristo Redentor no morro do Corcovado, e por seu Carnaval. A cidade tem o epíteto de Cidade Maravilhosa e aquele que nela nasce é chamado de "carioca".

As estimativas do IBGE para o ano de 2005 indicam uma população de 6.094.183 habitantes. A Região Metropolitana do Rio de Janeiro tem cerca de 11,6 milhões de

habitantes, estando localizada em 22 Graus e 54 minutos da latitude sul, 43 Graus e 14 minutos longitude Oeste (22°54' S 43°14' W). A cidade é considerada a segunda cidade mais portuguesa do mundo, depois de Lisboa, sendo a segunda maior cidade do Brasil em tamanho e população.

Nos últimos anos, a situação de violência cresceu muito na cidade, que está tomada pelo tráfico de drogas e entorpecentes, tendo uma significativa parcela de sua população sendo de baixa renda e morando em favelas. Na opinião de alguns, governantes corruptos e incompetentes levam o Rio cada vez mais para o fundo do poço, a situação apenas piora.

Apesar de tudo, o Rio (como os cariocas se referem a sua cidade), é uma cidade de muitos contrastes, apresentando também áreas bastante calmas, paisagens rurais, a maior floresta urbana do mundo que é o Parque Estadual da Pedra Branca (alguns acham que é a Floresta da Tijuca, mas o Parque da Pedra Branca tem uma área de 12.500 ha, enquanto o Parque Nacional da Floresta da Tijuca tem 3.360 ha) e áreas em que se concentra a parcela mais abastada da população, geralmente na Zona Sul, onde ficam as praias mundialmente famosas.

A baía ao redor de onde a cidade se organizou, Baía da Guanabara, foi descoberta pelo explorador português Gaspar de Lemos em 1º de janeiro de 1502. O nome da cidade foi escolhido porque ele achou que a Baía de Guanabara se tratava de um rio. Em 1º de março de 1565, a cidade foi fundada por Estácio de Sá. Rio de Janeiro foi a capital do Brasil de 1764 a 1960, quando o governo foi transferido para Brasília, mas se mantém a segunda maior cidade do país, depois de São Paulo.

Entre 1808 e 1815 foi a capital do Reino Unido de Portugal e Algarves, como era oficialmente designado Portugal na época. Entre 1815 e abril de 1821, foi a capital do Reino Unido de Brasil, Portugal e Algarves após a elevação do Brasil a parte integrante do Reino Unido.

Após a mudança da Capital Federal para Brasília em 1960, esta cidade até 1974 foi transformada numa cidade-estado com o nome de Estado da Guanabara. Ocorreu então sua fusão com o antigo Estado do Rio de Janeiro em 15 de março de 1975 e em 23 de julho foi a promulgação da constituição do Estado do Rio de Janeiro.

A cidade do Rio de Janeiro é a que mais recebe turistas estrangeiros no Brasil, sendo, por isso, considerada a "porta de entrada" do país. É conhecida mundialmente por suas belas praias, seu lindo carnaval e pela grandiosa festa do reveillon. Além disso, o Rio de Janeiro tem muitos entretenimentos para o turista e por ter sido por mais de 200 anos a capital do Brasil, a cidade está repleta de história e cultura, porém só há pouco tempo o turismo cultural vem sendo descoberto na cidade.

2.4.4 Salvador

Salvador é a capital do Estado brasileiro da Bahia. Situada no Recôncavo Baiano é a terceira cidade mais populosa do Brasil (2.673.560 habitantes) pelas estimativas do IBGE para o ano de 2005, depois de São Paulo e Rio de Janeiro, e quarta maior economia, depois de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. A Região Metropolitana de Salvador tem cerca de 3,3 milhões de habitantes.

A superfície do município de Salvador é de 313 km² e suas coordenadas a partir do marco da fundação da cidade, no Fortaleza de Santo Antonio são 13° sul e 38° 31' 12" oeste. Centro econômico do estado - é porto exportador, centro industrial e turístico, tem diversas universidades e uma base naval.

A cidade, antes mesmo de ser fundada, já era habitada desde o naufrágio de um navio francês, em 1510, de cuja tripulação fazia parte Diogo Álvares, o Caramuru. Em 1534, foi fundada a capela em louvor a Nossa Senhora da Graça, porque ali viviam Diogo Álvares e sua esposa, Catarina Paraguassú. Em 1536, chegou à região o primeiro donatário, Francisco Pereira Coutinho, que recebeu donataria de El-Rei D.João III. Fundou o Arraial do Pereira, nas imediações onde hoje está a Ladeira da Barra.

Este arraial, 12 anos depois, na época da fundação da cidade, foi chamado de Vila Velha. Os índios não gostavam de Pereira Coutinho por causa de sua crueldade e arrogância no trato, por isso, aconteceram diversas revoltas indígenas enquanto ele esteve na vila. Uma delas o obrigou a ir refugiar-se em Porto Seguro, com Diogo Álvares; na volta, já na Baía de Todos os Santos, enfrentando forte tormenta, o barco, à

deriva, chegou à praia de Itaparica. Nesta, os índios o fizeram prisioneiro, mas deram liberdade a Caramuru. Francisco Pereira Coutinho foi retalhado e servido numa festa antropofágica.

Em 29 de Março de 1549, chegam, pela Ponta do Padrão, Tomé de Souza, com ordens do rei de Portugal de fundar uma cidade-fortaleza chamada *do São Salvador*. Após Tomé de Souza, Mem de Sá, que governou até 1572, também contribuiu com uma grande administração. A cidade foi invadida pelos holandeses em 1598, 1624-1625 e 1638. O açúcar, no século XVII, já era o produto mais exportado pela colônia. No final deste século, a Bahia se torna a maior província exportadora de açúcar. Nesta época, os limites da cidade iam da freguesia de Santo Antônio Além do Carmo até a freguesia de São Pedro Velho.

A Cidade do São Salvador foi sede da administração colonial do Brasil até 1763. Em 1798, ocorreu a Revolta dos Alfaiates, na qual estavam envolvidos homens do povo como Lucas Dantas e João de Deus, e intelectuais da elite, como Cipriano Barata e outros profissionais liberais. Em 1809, o Conde d'os Arcos iniciou sua administração, a qual foi muito benéfica à cidade. Em 1812, ele inaugurou o Teatro São João, onde mais tarde Xisto Bahia cantaria suas chulas e lundus, e Castro Alves inflamaria a platéia com seus maravilhosos poemas líricos e abolicionistas. Ainda no governo do Conde d'os Arcos, ocorreram os grandes deslizamentos nas Ladeiras da Gameleira, Misericórdia e Montanha.

Em 1835, ocorre a revolta dos escravos muçulmanos, conhecida como Revolta dos Malês. Durante o século XIX, Salvador continuou a influenciar a política nacional, tendo emplacado diversos Ministros de Gabinete no II Reinado, tais como Saraiva, Rio Branco, Dantas e Zacarias. Com a proclamação da República, e a crise nas exportações de açúcar, a influência econômica e política da cidade no cenário nacional passa a ser cada vez menos importante.

Quanto aos aspectos étnicos, segundo dados divulgados pelo IBGE no censo demográfico de 2000, 23% da população é da cor branca, 20,4% da cor preta, 54,8% da cor parda, 0,3% da cor amarela e 0,8% de origem indígena. Nesse sentido, Salvador é a cidade com o maior número de descendentes de africanos no mundo, seguida por Nova York.

2.4.5 São Paulo

São Paulo (ou oficialmente Estado de São Paulo) é um estado brasileiro localizado na Região Sudeste. Tem como limites: Minas Gerais (N e NE), Rio de Janeiro (NE), oceano Atlântico (L), Paraná (S) e Mato Grosso do Sul (O). Possui 645 municípios e ocupa uma área de 248.808,8 km². Sua capital é a cidade de São Paulo e seu atual governador é José Serra.

Suas cidades mais populosas (dados oficiais de julho de 2004) são São Paulo (10.838.581), Guarulhos (1.218.862), Campinas (1.031.887), São Bernardo do Campo (773.099), Osasco (695.879), Santo André (665.923), São José dos Campos (589.050), Sorocaba (552.194), Ribeirão Preto (542.912), Santos (418.255), Mauá (398.482), São José do Rio Preto (398.079), Diadema (383.629), Carapicuíba (375.859), Moji das Cruzes (359.519), Piracicaba (355.039), Bauru (344.258) e Jundiaí (340.907).

Apresenta 85% de sua superfície entre 300 e 900 metros de altitude. Tietê, Paranapanema, Grande, Turvo, Pardo, do Peixe, Paraíba do Sul e Piracicaba são seus rios principais e seu clima varia entre tropical (norte), tropical de altitude (leste - Vale do Paraíba), e subtropical (sul - região de Apiaí, Itapeva).

Estado mais desenvolvido do país, São Paulo tem como base de sua economia a agricultura, a pecuária, o comércio, os serviços e a indústria. Segundo o IBGE, seu Produto Interno Bruto em 2001 foi 400,629 bilhões de reais, o que equivale a 33,4% do PIB total do Brasil.

No início do século XVI o litoral paulista é visitado por navegadores portugueses e espanhóis, mas somente em 1532 se dá a fundação da primeira povoação, São Vicente na Baixada Santista por Martim Afonso de Sousa. A procura de metais preciosos levou os portugueses a ultrapassarem a Serra do Mar, pelo antigo caminho indígena do Peabiru e em 1554, no planalto existente após a Serra do Mar, é fundada a vila de São Paulo de Piratininga, pelo padre jesuíta José de Anchieta.

Em 1681, é formada a Capitania de São Paulo, com um imenso território compreendendo aproximadamente as áreas atuais dos Estados de São Paulo, Minas Gerais (exceto o vale do Rio São Francisco), Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do

Sul, Goiás e Mato Grosso. No final do século XVII, bandeirantes paulistas descobrem ouro na região do Rio das Mortes, nas proximidades da atual São João del Rei.

Como compensação, a vila de São Paulo é elevada à condição de cidade em 1710. Assim, o êxodo em direção às Minas Gerais provocou a decadência econômica na Capitania, e ao longo do século XVIII esta foi perdendo território e dinamismo econômico até ser simplesmente anexada em 1748 à Capitania do Rio de Janeiro.

A capitania ganha peso político durante a época da Independência através da figura de José Bonifácio, natural de Santos e em 7 de setembro de 1822 a Independência é proclamada às margens do riacho Ipiranga, em São Paulo, por Dom Pedro I. Em 1824, a capitania transforma-se em Província. Já em 1817, é fundada a primeira fazenda de café de São Paulo, no vale do Paraíba, e após a Independência o cultivo de café ganha força nas terras do Vale do Paraíba, enriquecendo rapidamente cidades como Guaratinguetá, Bananal, Lorena e Pindamonhangaba.

A migração do café rumo ao oeste provoca grandes mudanças econômicas e sociais na Província: a proibição do tráfico negreiro em 1850 leva a necessidade de busca de nova forma de mão-de-obra para os novos cultivos; a imigração de europeus passa a ser incentivada pelo governo imperial e provincial; o escoamento dos grãos passa a ser feito via porto de Santos, o que leva a fundação da primeira ferrovia paulista, a São Paulo Railway, construída por capitais ingleses e do Visconde de Mauá, ligando Santos à Jundiaí, passando por São Paulo, que começa a se transformar em importante entreposto comercial entre o litoral e o interior cafeeiro.

O café vai adentrando paulatinamente o oeste paulista, passando por Campinas, Rio Claro, Porto Ferreira e em 1870 este encontra a área de maior propício ao seu cultivo, as férteis terras roxas do nordeste paulista, próximas a Ribeirão Preto, onde surgirão as maiores e mais produtivas fazendas de café do mundo. Dessa forma, atrás de novas terras para o café, exploradores adentram o até então desconhecido quadrilátero compreendido entre a Serra de Botucatu e os rios Paraná, Tietê e Paranapanema, onde fundarão cidades como Bauru, Marília, Araçatuba e Presidente Prudente no final do século XIX e início do século XX.

Após a Primeira Guerra Mundial, o cultivo do café começa a enfrentar crises de excesso de oferta e concorrência de outros países. O cultivo começa a ser controlado

pelo governo, a fim de evitar crises e fazendas fecham, levando imigrantes em direção a São Paulo, onde se tornam operários.

Em 1930, o café entra em sua derradeira crise com a Crise de 1929 e o crash da Bolsa de Nova Iorque no ano anterior, o colapso dos preços externos dos grãos e a Revolução de 1930, que retira os paulistas do poder. Dois anos depois, em 1932, São Paulo combate Getúlio Vargas na Revolução Constitucionalista, em uma tentativa de retomar o poder perdido, porém é derrotado militarmente, além disso, a crise do café se amplifica e o êxodo rural em direção à São Paulo esvazia o interior do Estado.

A Segunda Guerra Mundial interrompe as importações de produtos e a indústria paulista inicia um processo de substituição de importações, passando a produzir no Estado os produtos até então importados. O processo de evolução intensifica-se no governo de Juscelino Kubitschek, que lança as bases da indústria automotiva no ABC paulista.

Para suprir a mão-de-obra necessária, o Estado passa a receber milhões de nordestinos, vindos principalmente dos Estados da Bahia, Ceará, Pernambuco e Paraíba, que substituem os antigos imigrantes, agora compondo a classe média paulista, como operários. Estes se fixam principalmente na periferia de São Paulo e nas cidades vizinhas, como Osasco e Guarulhos. Este rápido aumento populacional promove um processo de metropolização, onde São Paulo se aglomera com as cidades vizinhas, formando a Região Metropolitana de São Paulo.

Em 1960, a cidade de São Paulo torna-se a maior cidade brasileira e principal pólo econômico do país, superando o Rio de Janeiro. Nas décadas de 1960 e 1970, o governo estadual promove diversas obras que incentivam a economia do interior do Estado, esvaziado desde a quebra do café em 1930. Nesse sentido, a abertura e duplicação da Via Dutra (BR-116) recupera e industrializa o Vale do Paraíba, que se concentra em torno da indústria aeronáutica de São José dos Campos.

Este processo de recuperação econômica do interior intensifica-se a partir da década de 1980, quando inúmeros problemas urbanos, como violência, poluição e ocupação desordenada, afligem a Região Metropolitana de São Paulo. Entre 1980 e 2000, a grande maioria dos investimentos realizados no Estado é feito fora da Capital, que passa de uma metrópole industrial para um pólo de serviços e finanças. O interior,

em especial o eixo entre Campinas - Ribeirão Preto e São José dos Campos - Taubaté torna-se industrializado e próspero. Entretanto, mesmo com o enriquecimento e industrialização do interior, outros Estados passam a ter uma taxa de crescimento econômico ainda mais elevada que São Paulo, principalmente as regiões Sul e Centro-Oeste.

Atualmente, ainda que o crescimento não seja mais tão alto e haja concorrência de outros Estados, São Paulo é o principal pólo econômico, político e industrial da América do Sul, sendo o maior mercado consumidor do Brasil.

2.5 UM ENFOQUE ETÁRIO

Os paradigmas simplificadores que controlam a ciência clássica não respeitam e valorizam a singularidade do indivíduo, dando passagem ao paradigma da generalidade. Este paradigma, segundo Morin (1999, p. 20), retira o indivíduo do campo científico, colocando-o entre parênteses, contornando-o e negligenciando-o, fazendo dele uma amostra, reduzindo-o ao não individual. O determinismo da ciência clássica exclui por completo toda a autonomia individual, não concebendo o ser humano como inserido em uma sociedade com sua cultura.

A individualidade é indivisa e irredutível, portanto o envelhecimento biológico humano não pode ser entendido por mensurações deterministas, classificados por idades cronológicas. Nesse sentido, envelhecer é um processo do sujeito que vive o seu próprio tempo, ou seja, é um processo particular e peculiar a cada um, afinal os sujeitos são seres individuais que nascem, envelhecem, evoluem, morrem. Esse é o sentido do caminho que trilham.

O indivíduo vivo surge no mundo (nascimento) e desaparece dele para sempre (morte). Acendendo à existência, emerge do nada ao todo, uma vez que se torna unidade e totalidade. Perdendo a individualidade, passa do todo ao nada. (MORIN, 1999, p. 137).

O processo dinâmico da vida caracteriza-se por continuidades nas quais todos os indivíduos oscilam entre o surgir e o desaparecer, o todo e o nada, a vida e a morte. Portanto, o ser com sua existência é muito maior que modelos mensuráveis. Enquanto a ciência se fundamentar nesses modelos, mais distante estará do entendimento do universo humano.

Conforme Morin (1999, p. 41), em todos os níveis de organização e de constituição do ser humano existe um caráter de individualização que é a singularidade. Entretanto, o geral acaba por banir e esconder o individual, o original, o único. Devido a esta singularidade que, não raro, as pessoas se manifestam com surpresa quando alguém que lhe é apresentado parece mais jovem ou mais velho do que a sua idade cronológica. É tão comum se estar tão preso aos modelos sociais de escalas etárias, que se quer preencher as expectativas normativas com aquilo que se acredita fazer parte de um modelo preestabelecido, que categorize determinados indivíduos.

Dessa forma, quando a aparência de uma pessoa mostra-se inferior em relação ao modelo conceitual de idade cronológica, não há problema, pelo contrário, é motivo de congratulação. Entretanto, quando a aparência mostra-se superior em relação às expectativas cronológicas, é importante praticar a polidez do silêncio, lamentando e/ou até mesmo sentindo-se bem pelo fato de acreditar estar melhor do que a outra pessoa que se encontra à frente.

Larrosa e Lara (1998, p. 15) assinalam que, desde muito cedo, escutam-se as diferenciações etárias nos discursos cotidianos que dizem que tal ou tal pessoa é homem ou mulher que tem 40 ou 50 anos de idade, um velho ou uma velha de 70 ou 80 anos ou, ainda, um menino ou menina de 7 ou 10 anos. Desse modo, ao invés de se ter uma idade, pertence-se a uma idade. São os anos que as pessoas têm que as classificam em grupos socialmente definidos de crianças, adultos, velhos.

A idade cronológica, assim como o tempo, é uma abstração e, portanto, cada um pode apresentar formas diferenciadas de acreditar no seu próprio tempo. Como expõe Monteiro (2003, p. 60) o tempo é um problema que se enfrenta na vida moderna e, pelo fato de algumas pessoas ainda terem uma percepção limitada, baseada em pares de

opostos, que obriga a fracionar a unidade, acredita-se na linearidade do tempo, assinalando um “antes” e um “depois” em todos os acontecimentos vivenciados.

Nesse sentido, o tempo é uma abstração, ele só existe na consciência de cada um. Portanto, tem-se todos os tempos. Infelizmente, a sociedade força os cidadãos a pertencerem a grupos de idade específica, impondo normas a serem cumpridas e estabelecendo o que deve ou não ser feito. Viver a idade acarreta a preocupação da normalidade, do enquadramento e adaptação ao modelo. Assim, se os idosos não cumprem com as normas precisas, são descritos como ridículos, repugnantes, inconvenientes, pois as regras sociais são impostas de modo preciso e rígido do que deve ser feito para o velho, para a criança e para o adulto.

Por isso, existem “carros de senhores”, “roupas de senhoras”, atividades específicas que parecem exclusividades dos idosos, como: bingo, dominó e dama, o famoso “baile para a terceira idade”, e assim por diante. Aqueles que não possuem inclinação para nenhuma dessas atividades e se encontram em um determinado grupo que participa de todas elas – ou são forçados a aprender a gostar ou são banidos do grupo recebendo rótulos de “velho chato”, “velho ranzinza”, “velho esclerosado”, perdendo por completo seu poder de escolha e decisão.

Como mostra Monteiro (2003, p. 63), essas generalizações tomam formas tão agudas que passam a construir em série os “robôs da terceira idade”. Por isso, não parece difícil entender porque uma pessoa não queira dizer sua idade cronológica, ou mesmo a subtraia, tentando a todo custo não ser julgado através de um atributo cronológico, como também não ficar preso nas “grades de idade”, que indica quem as pessoas são, o que podem e devem fazer.

2.5.1 A vida e o tempo

Como esclarece Monteiro (2003, p. 33), o processo de sentir é essencial à comunicação com o mundo, pois é através da combinação das diversas modalidades sensoriais que se passa a formar conceitos a respeito das próprias sensações recebidas.

Esses conceitos são o fundamento da linguagem humana, que opera como processo intermediário entre os símbolos formados em nossa mente e o mundo externo.

Então, a linguagem verbal pode ser entendida como uma conversão de símbolos, formados a partir das sensações, em uma sintaxe compreensível ao outro que participa do diálogo. Decerto, através da participação entre os indivíduos, surgirá a cultura que passará a nortear o comportamento social. Através da linguagem, as pessoas interagem de modo coordenado, recebendo e expressando símbolos que se transformam em ações dentro do contexto social.

Desse modo, pode-se dizer que a relação humana está baseada em significações que surgem a partir da experiência de cada um, que busca nos laços de relação social formas diferenciadas para se realizarem como indivíduos, visando construir o próprio mundo, um mundo que pareça familiar a cada um.

Sendo assim, o ser humano é humano a partir de suas interações sociais, que lhe possibilitam o aprendizado pela conformidade de um ritmo de convivência. É através dessa convivência que se constrói e desconstrói os conceitos que se tem do mundo, dando feições diferenciadas aos padrões de pensamento, criando desejos no âmbito da imaginação, reorganizando a dinâmica do aprendido e mantendo o ritmo de pulsação para continuar a vida, afinal é no espaço da convivência que se constitui o modo de ser de cada um.

Sobre esse aspecto, Monteiro (2003, p. 34) explica que as relações humanas e os processos biológicos são condições importantes para a vida, porque a dinâmica dos organismos depende dos laços de relação social. Assim, quando surge algum conflito na convivência, por exemplo, altera-se imediatamente a dinâmica biológica, gerando compensações na estrutura do organismo, ameaçando diretamente a capacidade do indivíduo em se desenvolver plenamente como ser social.

Na trajetória da vida, surgem, em alguns momentos, pontos de bifurcação, o que possibilita o ser humano experienciar as transformações, as incertezas, o desconhecido, a mudança de qualquer previsão de reinventar o hábito, de descobrir novos traços para compor a história de cada um pela passagem do tempo.

Nesse sentido, envelhecer é a maneira como o organismo individual se desenvolve, definida por seus estados dinâmicos nos quais as forças internas criam tensões

produtivas, gerando expansão e crescimento em algumas dimensões, contração e degradação em outras, evitando qualquer padrão de permanência. Por isso, o envelhecimento é um processo contínuo de transformação do humano como ser único em seu tempo vivido. Isto é, o ser humano envelhece com o passar do seu próprio tempo, um tempo interno, subjetivo, que pertence a cada um individualmente.

Ao contrário do que muitas pessoas pensam, o tempo não é o inimigo, mas sim totalidade na existência, possibilidade de realização e cumprimento de missões ao longo da vida. Afinal, é através do tempo que se nutre o fruto da experiência de toda uma vida, que se pode modificar as perspectivas e direções a serem tomadas na trajetória da vida, usufruindo de escolhas para que se possa contribuir na orientação dos mais novos, criando dessa forma comunidades sustentáveis. Ou seja, espaços sociais e culturais onde se satisfaz as necessidades individuais e aspirações, ao mesmo tempo em que se preocupa em não diminuir as chances das gerações futuras.

Monteiro (2003, p. 28) explica que esse é o verdadeiro sentido da colheita do fruto da experiência. Segundo o autor, se o ser humano consegue alcançar este objetivo, pode estar certo de que a sua passagem pela vida teve sentido e valor, porque deixou marcas no tempo daqueles que os sucedem. Nesse sentido, é possível visualizar que somente através do envelhecimento, o homem conseguirá compreender o quando a vida possibilita perplexidade e ansiedade, como também fascinações e deslumbramento frente ao desconhecido, ao estranho, à incerteza.

Somente através de padrões diferenciados, tem-se a possibilidade de passar de uma etapa à outra, especializando-se, melhorando o modo de ser e de viver. Felizmente, por ser constituído por sistemas dinâmicos, o ser humano tem a certeza de que quando um ciclo termina, outro estará pronto a inibir-se, permitindo a mudança de aspectos antigos da vida, que desperta para uma nova situação.

Isso acontece a todo momento, portanto, é um equívoco assim pensar: “se pudesse fazer tudo de novo, agora faria de maneira correta”. Sempre se tem chances e opções de escolha do caminho pelo qual se deve trilhar. É neste sentido que o envelhecimento é a única oportunidade que se possui para mudar. Através do processo de envelhecimento, os organismos vivos são mobilizados sempre em direção a estruturas totalmente novas para uma melhor adaptação e sobrevivência.

Dessa forma, continuamente, as pessoas exercem influências no mundo, como também são influenciadas por ele, obtendo qualidades sensoriais indivisíveis. Esta influência permite ao indivíduo transformar estímulos em aprendizado, formando conceitos específicos para as qualidades sensoriais. Nesse sentido, os estímulos são organizados na mente para se converterem em padrões motores variados, orientando o comportamento de cada ser humano, o que passará a representar o seu modo de ser e de existir no mundo.

Conforme Monteiro (2003, p. 30), a coerência vital entre o organismo humano e o meio ambiente surge do modo que sua organização e adaptação ao meio se mantenha em um nível satisfatório, possibilitando-o alcançar recursos para novos aprendizados. Esse dinamismo recíproco entre organização e adaptação propicia o viver. Pode-se assim dizer que o ser humano está no mundo pelo conhecer, afinal ele é um peregrino aprendiz em busca do conhecimento que se renova a cada nova experiência, favorecendo a caminhada rumo à evolução.

Segundo o referido autor, não existe outra maneira de compreender o mundo que não seja através dos sentidos. Assim, o conhecer surge mediante estímulos sensoriais que atingem o corpo, possibilitando examinar as sensações produzidas e preparar o corpo para devolver ao mundo o que foi descoberto, em forma de movimento. Portanto, pelo sentir e pelo movimento descobre-se o mundo, adquirindo o conhecimento necessário que servirá de base para o organismo se adaptar adequadamente a cada circunstância que o envolve. O que comprova, conforme explica o autor, que viver é conhecer.

A partir do momento em que o organismo perde o sentido de conectividade com seu ambiente, perde também o seu conhecimento. Dessa forma, Monteiro (2003, p. 3) acrescenta que não se pode viver sem o sentir porque se é a partir dos sentidos, pois são estes que especificam a *práxis* do viver, sendo esses um processo vital tanto quanto a respiração.

Viver é estar consciente dos movimentos nascentes do corpo que clama por conhecimento. Se as pessoas esquecem do corpo, esquecem também de como viver, deixando de ser. Infelizmente, esta é uma situação que se observa com frequência entre muitos idosos da sociedade, que se encontram isolados e excluídos. Estar sozinho e

isolado é estar em silêncio, no abandono que rompe o contato vital com o mundo, favorecendo a inércia do corpo, que rouba a possibilidade do conhecer. Nesse sentido, o isolamento reduz a capacidade em adquirir sensações novas e variadas, propiciando a acomodação dos sentidos, deixando esses indivíduos entregues à privação sensorial e afetiva.

A sociedade, com sua cultura de exclusão, deixa à parte esse outro que ninguém quer como espelho, porque, talvez, anuncie a possibilidade do próprio futuro que cada um poderá vir a ter. E como a velhice é vista como algo triste, e só diz respeito ao outro que nela se encontra, o melhor, talvez, a ser feito é esquecê-la, acreditando que suas necessidades básicas estão sendo atendidas de acordo com as demandas de um corpo que já viveu o que tinha para ser vivido e agora o que resta é o descanso da “máquina” desgastada pelo tempo, esperando o momento para sair de cena.

Assim, os idosos são tratados como uma espécie estranha que não possui as mesmas necessidades e sentimentos que as pessoas mais jovens. A eles, muitas vezes, é somente dado o que é básico a sua sobrevivência, não mais que isso, ou seja, uma alimentação sem sabor, roupas antigas porque o corpo não oferece mais nenhum tipo de sedução, um lugar para o seu descanso, com espaço reduzido porque não há mais necessidade de expandir seus desejos, mesmo porque o desejo, para muitos, é exclusividade dos jovens. Mas será que entre jovens e idosos só existem diferenças? Segundo Sagrera (1992, p. 18), não, pois o autor apresenta que por trás das superficiais oposições edadistas, o preconceito em relação à idade, existe uma profunda semelhança entre ambos grupos discriminados:

1. Ambos grupos não são levados a sério. É dito aos velhos: “já não fazemos desse modo”, enquanto que é dito aos jovens: “não sabes ainda o que estás falando”.
2. Ambos grupos têm limitados seus ingressos.
3. Ambos grupos experimentam fortes mudanças corporais. Os jovens estão crescendo os pêlos e os idosos estão perdendo os seus.
4. Ambos podem estar em um mundo de drogas, ainda que estas sejam de diferentes tipos e promovidas por grupos distintos.
5. Ambos encontram-se em diferentes estados de conflito com a geração intermediária.

6. Ambos encontram dificuldade para conseguir um emprego fixo porque ainda há uma forte discriminação contra os jovens e os idosos.
7. Ambos estão disponíveis para serem agentes da mudança social. Quando trabalham juntos, as mudanças podem ser enormes.

Assim, o autor esclarece que a luta contra a discriminação com relação à idade surgiu primeiramente em relação aos idosos, grupo composto pelos “sobreviventes” do alongamento da vida e classe que se encontra discriminada pela aposentadoria ou expulsão da vida ativa, e foi liderada por um movimento nos Estados Unidos que conscientizou os demais cidadãos, demonstrando as vantagens quantitativas e qualitativas existentes ao relacionar-se com os idosos e ajudando para que haja o fim da discriminação pela idade.

Beauvoir (1990, p. 52) também assinala que se os idosos manifestam os mesmos desejos, sentimentos e reivindicações dos jovens, eles escandalizam. Neles, o amor e o ciúme são vistos como ridículos, a sexualidade repugnante, a violência irrisória. Nesse sentido, os idosos devem dar o exemplo de boa conduta e de todas as virtudes, devem demonstrar serenidade, aceitando sua infelicidade sem reclamar, se reclamam, estão se excedendo, fazendo exigências desnecessárias.

Conforme mostra a autora, muitas vezes, a imagem de sublimação imposta aos idosos é aquela do velho sábio de cabelos brancos, que acumulou experiências ao longo da vida para ser bom e correto em suas atitudes, que já alcançou o apogeu dominando com sabedoria a condição humana. Se o idoso se afasta desta imagem, é visto como louco, “caduco”, de quem as pessoas zombam e acham graça. Neste sentido, tanto a imagem de virtude quanto a de degradação sempre demonstram que os velhos estão fora do sentido de humanidade. Dessa maneira, pode-se recusar-lhe o mínimo necessário para levar uma vida digna dos humanos.

Monteiro (2003, p. 43) comenta que se as pessoas quiserem pensar um novo modo de ver a situação dos idosos na sociedade, devem compreender que toda relação está baseada na reciprocidade. Nesse sentido, qualquer relação em que haja dominação é uma relação que coloca as pessoas em uma posição auto-limitante, passiva, sem oportunidades de serem realmente quem são, de viverem o que desejam para sua vida.

Assim, somente através da aceitação de que os idosos possuem formas diferenciadas de viver, assim como as crianças em sua fase de gracejo, os adolescentes em fase de rebeldia, e os próprios adultos em sua fase de obrigação produtiva, é que haverá transformação das interações e dos comportamentos que estas interações desencadeiam. Por isso, a importância do encorajamento aos idosos em redescobrirem inicialmente, o próprio espaço perdido, ou seja, ter consciência de sua importância como ser que se mantém situado no espaço e no tempo, possuindo sua forma própria de viver como humano.

Nesse sentido, acredita-se que a educação possui um papel fundamental, pois o encorajamento advém da percepção de processos de aprendizado que mostrem o quanto as pessoas podem estar atadas em armadilhas socioculturais, que penalizam os idosos por serem diferentes em sua forma de viver. Se o entendimento for atingido com sucesso, os idosos poderão, através de sua própria transformação, criar novos comportamentos e, conseqüentemente, novos acordos, reencontrando o espaço familiar e social perdidos.

Maturana (1997, p. 15) afirma que é através do amor que é aberto o espaço de existência para o outro, o que propicia uma ação conjunta de interações, formando relações sociais legítimas. Portanto, o amor é um fenômeno biológico que se justifica pelo compartilhar, fundamentando o sentido existência do ser. Segundo o autor, o amor é um fluxo emocional que percorre todos os níveis da convivência, nos quais qualquer modelo hierárquico de dominação se direciona em sentido contrário à sobrevivência do humano. Nesse sentido, o autor esclarece que a dominação destrói o amor porque implica no afastamento e na negação do outro e, conseqüentemente, propicia a auto-negação e o auto-afastamento de quem a pratica, violentando o seu próprio ser biológico básico.

A idéia de divisão, de separação imposta pela sociedade, como forma de organização social, corrobora a crença, baseada em diversas justificativas ideológicas, de que as pessoas devem ser cuidadosas ao ultrapassar determinadas fronteiras em direção aos outros, classificados como “estranhos”, “esquisitos”, “desconhecidos”, “indeterminados”. Os outros, que não possuem atributos bem definidos por determinado grupo social como “normais” ou “comuns”, devem ser mantidos afastados.

Este pensamento corrobora a idéia de que os idosos não precisam experimentar mais nada na vida, devido a deficiências físicas em decorrência de patologias próprias da idade, ou por um protecionismo daqueles que cuidam, acreditando que agora chegou o momento do descanso tão esperado, não deixando a eles nenhuma chance de escolha. Entretanto, sentir limitada a experiência do corpo é perder a possibilidade de buscar “novos mundos”. Isso ocasionará definhamento do conhecimento na mesma proporção da degeneração do corpo.

Monteiro (2003, p. 38) aborda que os idosos que buscam refúgio no passado, construindo pelo silêncio situações que possam dar um sentido ilusório de satisfação, minimizam suas chances de descobrir novas sensações presentes que propiciem movimentos com mais liberdade. O autor acrescenta que com isso não quer dizer que o passado não seja um lugar a ser revisitado, pois as pessoas fazem isso a todo momento com o intuito de configurar a sensação presente. Isto é, qualquer processo perceptivo estará sempre impregnado de diversas imagens de situações passadas.

A percepção é uma imagem do todo que é caracterizada por aspectos do passado associados com a configuração da sensação presente. No entanto, passado e presente se contemplam em um só movimento que propicia ao indivíduo reconstruir sua história perspectiva. Mesmo que o momento atual possa parecer igual a momentos remotos, não existem momentos que possam se repetir de forma idêntica porque um padrão perceptivo é sempre uma combinação das sensações atuais, memória, ação do corpo, sensação do movimento realizado, aspectos afetivos da experiência presente associados à lembrança afetiva de eventos passados.

Efetivamente, como afirma Monteiro (2003, p. 38), a estrutura do organismo possui traços de memória que buscam coerência com situações semelhantes às aquelas já vivenciadas, mas, pelo fato de ser um sistema altamente plástico, toda experiência nova é sempre uma maneira que o organismo tem de mudar o curso de sua história. Sendo assim, o viver humano constitui-se em possibilidade de construção, desconstrução e reconstrução de configurações totalmente diferenciadas a cada instante em suas experiências, formando o seu sentido histórico através do espaço relacional com o mundo e com os outros.

Assim, a liberdade pertence ao ser em sua totalidade, de acordo com o modo que ele vive, na reflexão a respeito de sua própria vida. Não existe fase da vida que impeça ou diminua as escolhas. Nesse sentido, o idoso que não aceita fazer escolhas porque acredita que não há mais nada a ser feito ou que é o outro que deverá decidir por ele, está simplesmente escolhendo não fazer.

Sobre isso, Monteiro (2003, p. 39) explica que o ser humano é livre na criação do mundo que deseja viver. Sem dúvida, não se faz isso sozinho, ou seja, o outro faz parte de decisões consensuais, já que trilha junto a outro ser humano o mesmo caminho, pois ninguém está em uma relação sozinho, porque todas as relações são recíprocas.

Portanto, quem pratica o isolamento e a exclusão dos idosos está também se isolando de si mesmo, e descartando a grande possibilidade de estar reconhecendo na história destes parte de sua própria história. O reconhecimento dos conteúdos de toda uma vida pode proporcionar a aquisição de aspectos diferenciados do conhecimento que auxilie em uma melhor adaptação ao meio.

O idoso que se encontra no processo de interação social faz parte de uma história na qual outros participantes estão também inseridos, e se os sujeitos da relação conseguirem retirar o egocentrismo de cena, poderão constatar que esta divisão ilusória que estão habituados a conceber se converterá em crescimento e, conseqüentemente, envelhecerão sempre rumo ao desenvolvimento e descobertas de elos perdidos que constituem parte de cada um.

Desse modo, os idosos precisam compreender que eles detêm a soma de várias experiências recrutadas ao longo dos anos de vida. Por isso, é necessário que eles revejam e revisem suas condutas, abandonando algumas e inventando outras para que continuem no caminho da ação, da flexibilidade e da possibilidade humana.

Nesse sentido, o isolamento protetor imposto aos idosos é uma conduta cruel que diminui suas oportunidades de aprender, com conseqüências marcantes em seu processo de viver. Com isso, a sociedade, com sua cultura de exclusão e afastamento, assina em silêncio a sentença de morte desses indivíduos, quando minimiza as suas chances de relacionamento com seu ambiente e com outras pessoas, a fim de adquirirem o conhecimento tão essencial à sua sobrevivência.

2.5.2 A categoria idade/geração

Conforme esclarece Britto da Motta (1994, p. 32), a categoria idade/geração expressa-se no marco das relações sociais de poder e configura-se com grande complexidade analítica, pois além de referir-se a uma dimensão fundante de relações sociais, em articulação inextricável e outras categorias de semelhante magnitude, projeta-se, mais que aquelas, em uma outra dimensão (ou abrangência), atemporal, ao mesmo tempo “natural” e social, através da qual faz e refaz seus sentidos.

Assim, é possível perceber que as idades podem ser consideradas como importantes fatores de organização social, mesmo no capitalismo, com posições e situações definidas em todas as sociedades, e variados graus de formalização e reconhecimento institucional. Sobre esse aspecto, Mead (1970, p. 56) expressa essa sucessão organizatória das idades, referindo-se particularmente aos idosos como “os imigrantes no tempo”, o que, em certo grau, todos os grupos de idade também são.

Buscando a idéia de temporalidade em Bourdieu (1990), encontra-se essa concepção como inerente ao conceito de *habitus* – um tempo social, uma construção de práticas “imediatamente ajustadas ao presente”. Esse conceito multívoco (*habitus* de classe, talvez também de gênero), poderá, ainda mais, contribuir para a compreensão da categoria velhice no processo de reprodução social. Nesse sentido, pode-se dizer que há muito a refletir sobre o sentimento do idoso no mundo, e neste mundo atual, considerando-se que muitas das suas construções mentais e experiências foram forjadas e vivenciadas em um outro tempo social, desde um tempo passado.

Conforme Britto da Motta (1999, p. 34), a idéia de tempo social concentra outras articulações e formas de análise possíveis entre o tempo histórico e o tempo biográfico, ou como expressa Zárraga Moreno (1992, p. 1-2), o tempo da mudança social e o tempo dos indivíduos enquanto agentes sociais. Ou em tempo social etário e um tempo social geracional. Muitas categorias e enfoques para expressar as clássicas dimensões da relação indivíduo/coletivos/contexto social. Impossível a análise sem articulá-las, ainda que em intensidades muito diferenciadas de abordagem.

O tempo dos indivíduos é expresso mais perceptivelmente pela idade, mas, sabemos, é socialmente construído, e institucionaliza-se, isto é, adquire significado mais diretamente social, como grupos de idade – jovens, adultos, velhos – ou como legitimidades para realizar, ou não, tal ou qual ação social. Por sua vez, o tempo das gerações tem um sentido eminentemente social e histórico, conta com uma tradição de análise filosófica e tem um estatuto teórico construído nas Ciências Sociais.

Na discussão sobre categorias relacionais e construções culturais, tem-se sugerido a equivalência do par de conceitos idade/geração com outros pares já mais trabalhados teoricamente: geração estaria para idade como gênero está para sexo e etnia para raça.

Zárraga Moreno (1992, p. 28) com sua asserção exemplifica a inseparabilidade e intercambialidade analítica das duas categorias de experiência: “toda geração é determinada pela sucessão de conjunturas históricas em que vive, ainda que o efeito de cada conjuntura seja distinto de acordo com a categoria de idade em que se encontra cada geração”.

De acordo com o exposto, percebe-se que as gerações figuram, então, uma categoria mais ampla que as idades – em relação à sucessão no tempo e sobretudo a esse sentido coletivo que encerram – mas não em todos os sentidos. Nesse sentido, idades e gerações são importantes fatores de organização social, sendo a condição etária e, principalmente, o envelhecimento, mecanismos fundamentais de classificação e separação de seres humanos.

Assim como expõe, Britto da Motta (1999, p. 35), numa perspectiva de idade/geração, ser jovem, ou ser idoso, é uma “situação”, vivida em parte homogeneamente e em parte diferencialmente segundo o gênero, afinal a trajetória de vida de homens e mulheres, como construção social e cultural, vem determinando diferentes representações e atitudes em relação à condição de idoso(a). Portanto, gênero e idade/geração são dimensões fundantes de análise da vida social e expressam relações básicas, por onde se tecem subjetividades, identidades e se traçam trajetórias.

2.5.3 A relação entre as idades

Magalhães (1989, p. 15) mostra que a concepção de idade envolve múltiplas dimensões, entre as quais se ressalta a biológica, a cronológica e a social.

A idade biológica, a “idade das artérias”, pode não coincidir, e de fato freqüentemente não coincide, com a idade cronológica. Biologicamente, e em termos gerais, o ser humano tende a melhorar e alongar o percurso da vida, uma vez que as condições farmacêuticas, médicas e sanitárias generalizam-se mais rapidamente do que as condições econômicas, sociais e culturais, indispensáveis para assegurar uma boa qualidade de vida. Em conseqüência se está criando o idoso rico, com qualidade de vida idêntica ou assemelhada a dos países desenvolvidos e o idoso pobre e hipodotado, que sobrevive graças aos avanços e à difusão dos benefícios da medicina e da saúde, mas sem condições sociais e materiais para assegurar-lhe qualidade de vida.

Cronologicamente, o prolongamento da vida se expande nas camadas mais elevadas e nas regiões mais desenvolvidas do país, coexistindo com a massa de indivíduos de curta existência das regiões e camadas mais pobres do país.

A idade social, por sua vez, varia, em uma mesma sociedade, segundo a perspectiva de quem avalia a idade, como varia em função do momento histórico que se está considerando. Socialmente, Magalhães (1989, p. 19) chama atenção para o fato de que se está construindo um modelo social dominante de rejuvenescimento dos homens e mulheres de cinqüenta anos ou mais nas elites urbanas. Mas caminha-se para um modelo de morte social, pelo isolamento, nas camadas médias, assim como se forja um modelo de marginalidade, socialmente antecipada, para a maioria dos trabalhadores assalariados de baixa renda, desprovida de patrimônio e renda.

A título de exemplificação, a autora apresenta:

Sabemos que um homem de classe mais abastada pode ter 50 anos cronologicamente, mas sua idade biológica pode ser de 45 ou menos, se utiliza os meios de que dispõe para conservar a sua saúde. Assim como pode ser considerado jovem como acontece com muitos atores e atrizes e galãs de cinema que com essa idade fazem papéis de jovens enamorados; ou com esportistas, políticos ou empresários, em plena vitalidade e atividade. Ao contrário, um

trabalhador assalariado de 50 anos, no meio rural, pode ter biologicamente idade muito mais avançada, devido ao desgaste produzido pela vida e o trabalho adverso, assim como socialmente já é considerado um velho trabalhador sem força e capacidade produtiva. (MAGALHÃES, 1989, p. 18).

Realizada a distinção da tipologia das idades, é possível perceber que diferentes pessoas praticam ações em diferentes idades cronológicas. Isso pode ser visualizado na própria sociedade, pois todos conhecem crianças que foram obrigadas a se comportar como adultos em seus primeiros anos, e se tornaram “velhos antes do tempo”, ou jovens brilhantes que carregavam “velhas cabeças sobre ombros jovens”. Da mesma forma, é possível ver pessoas tratadas como crianças a vida toda. Dentro dos limites impostos pelo envelhecimento fisiológico, as pessoas agem e pensam como jovens ou idosos, em função do que acontece e do que, como resultado, fazem.

Diante desse aspecto, é possível fazer o seguinte questionamento: que significa, para uma pessoa, ter uma determinada idade? Ser parte de uma geração?

Conforme Britto da Motta (1999, p. 14), as sociedades, em diferentes momentos históricos, atribuem um significado específico às etapas do curso de vida dos indivíduos: infância, juventude, maturidade, velhice. Também estabelecem funções e atribuições preferenciais para cada grupo de idade, na divisão social do trabalho e dos papéis na família. Essas atribuições são, em boa parte, arbitrárias, porque nem sempre se firmam numa materialidade ou numa cronologia de base biológica, quanto às reais aptidões e possibilidades, e sim, em relações construídas em um tempo social essencialmente dinâmico, mutável.

Essa historicidade encontra-se bem comentada em Ariès (1978, p. 480) que analisa: “(...) a cada época corresponderiam uma idade privilegiada e uma periodização particular da vida humana: a ‘juventude’ é a idade privilegiada do século XVII, a ‘infância’, do século XIX e a ‘adolescência’, do século XX”.

Ao mesmo tempo, estão-se construindo/ideologizando outras idades. Lenoir (1979, p. 57) analisa a mais atual e difundida dessas invenções, a “terceira idade”, como uma invenção capitalista para justificar e discutir uma nova gestão da vida dos idosos trabalhadores, os sem herança ou patrimônio. Mas sem demora a classificação vai-se estender à classe média, com a qual como que adquire a plena expressividade, porque

ela, sim, vai ter alguma renda – salário, aposentadoria ou pensão – para ser gerida, aplicável em lazer e atividades culturais que para essa idade são definidos como “próprios”.

Como expõe Britto da Motta (1999, p. 57), com a recente extensão do percurso de vida, crescendo a população de velhos e também a sua longevidade, já se inicia a referência a uma “quarta idade”. Menos eufemística, porque inapelavelmente designativa dos idosos mais velhos – mais fragilizados e desgastados pela idade, por isso mesmo necessitando de outros serviços profissionais. Para essa faixa etária, Preti (1991, p. 16) designa a seguinte classificação: os “idosos jovens” com 60 a 80 anos, e os “idosos velhos” com mais de 80 anos, faixa etária a partir da qual é mais freqüente a consciência da velhice.

Acerca dessas construções de sentido relacionados à idade, fica o questionamento direcionado à nitidez e à demarcação das idades no capitalismo, será que a demarcação etária estaria num quadro delimitado e completo?

Conforme apresenta Lenoir (1979, p. 26) a resposta é não, pois os elementos fundamentais da organização e da cultura das sociedades, as idades participam da sua dinâmica – constroem-se, reconstroem-se e mudam seus significados. O próprio Áries já apontava, por um lado, o privilegiamento social de certas idades, e por outro, que o ancião havia desaparecido. Lenoir (1979, p. 26) indica o sentido de negação da velhice na referência à terceira idade.

Debert (1993, p. 7) aponta uma tendência atual à homogeneização das idades, concomitante e contraditória com esse movimento de “transformação das idades em um mecanismo privilegiado na criação de atores políticos e na definição de novos mercados de consumo”.

Efetivamente, as crianças são reenviadas ao mundo dos adultos jovens, enquanto os idosos “rejuvenecem”, física e socialmente, cada vez mais. Completa-se a tendência à realização daquele padrão de sociedade jovem que Morin (1967, p. 159) já discernia na década de 60, à ampliação de um mercado que a serve, e se serve dela.

Tratando-se, então, de situações que se definem e delimitam socialmente, as relações que se estabelecem em função das diferentes idades ou gerações se revelam como de poder. Como apresenta Foucault (1986, p. 42), entre classes sociais, sim, mas

também intraclasse, em âmbito de “classes” de idade, na medida em que o poder está disseminado por toda a estrutura social e freqüentemente geminado à produção do saber e de hierarquias.

Sobre esse aspecto, Britto da Motta (1999, p. 15) também apresenta:

É, igualmente, referenciada a poder a interpretação de Bourdieu (1983, p. 112) ao enfatizar como as divisões por categorias sociais, por idade ou gerações, são construídas: “as classificações por idade (também por sexo e classe) acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter em seu lugar”. Como divisões de poder, essas relações podem ser objeto de manipulação. Lembre-se a antiqüíssima referência bíblica de Esaú e Jacó pelo direito de primogenitura, ou as clássicas questões de herança e assunção de títulos nobiliárquicos nas realezas e casas nobres, ao longo dos séculos. Na modernidade capitalista, outras definições/manipulações são produzidas: idades para entrar ou sair do mercado de trabalho, para voltar e ser votado, para casar. Até para morrer; pelo menos socialmente. Diferentes atribuições de jovens, adultos plenos e velhos. Momentos tão demarcados e importantes, que se fazem ritualizados como aponta Van Genep (1974, p. 69). A transitoriedade e, sobretudo, a relatividade da situação etária ou geracional dos indivíduos expressam-se, à perfeição, na bela fase de Bourdieu (1983, p. 113): “somos sempre o jovem ou o velho de alguém”.

Sobre essas passagens, é possível visualizar em Redondo (1992, p. 1) que:

Em uma cultura estruturada a partir do trabalho produtivo fora da unidade doméstica, a entrada e a saída do mundo do trabalho determinam mudanças importantes no ciclo de vida, contribuindo para estabelecer as grandes transições na biografia pessoal.

Do mesmo modo que a participação do jovem no mercado de trabalho o assinala como adulto responsável (e a sua assunção social formal ao público), um dos momentos cruciais da passagem da maturidade à velhice dá-se com a aposentadoria (reenvio de trabalhador ao privado e à inatividade oficial).

Como esclarece Britto da Motta (1999, p. 16), o outro âmbito ou ponto de partida de definição social etária e geracional é o casamento, e seus desdobramentos reprodutivos. A ampliação da rede de relações sociais e a existência de filhos, principalmente (também por isso, o descasamento desestrutura). Casar-se é também “tornar-se adulto” – até em termos legais. Uma outra forma de alcance de maioridade

social, embora, no caso da sociedade moderna, pela participação no privado. Por outro lado, mas em seqüência cronológica, o casamento dos filhos, a saída deles de casa, assinalam o cumprimento de uma etapa de vida também para os mais velhos, como provedores/socializadores, quase tanto quanto para os jovens.

Segundo também expõe a referida autora, quando se somam a cessação do compromisso de trabalho e a diminuição das obrigações de família (filhos adultos, trabalhadores, casados) dá-se uma transição especialmente significativa na vida dos indivíduos em direção à velhice social. Porque, como mostra Lenoir (1998, p. 68), nem sempre, a essa altura da vida, se está biologicamente velho, mas apenas “velho”, demais para exercer determinadas atividades ou ter acesso a certas categorias de bens ou posições sociais. O que é parte da dinâmica das relações de poder e luta entre as gerações, característica histórica tão onipresente quanto a solidariedade.

2.5.4 Os jovens e idosos no Brasil

Segundo Monteiro (2003, p. 85), as separações e distinções de tudo e de todos, que se costuma estabelecer no mundo, nada mais são do que uma grande ilusão na qual se está envolvido, pois a relação entre os fenômenos percebidos e o observador que os percebe são aspectos da mente, uma vez que as percepções são mentais.

Pode-se, então, dizer que a concepção de que o idoso está separado do jovem, assim como o jovem está separado da criança, são ilusões criadas a partir de classificações, na maioria das vezes rígidas, a fim de determinar espaços específicos de convivência dessas pessoas. O condicionamento social que determina que as “coisas são assim”, impede as considerações de novas formas de pensar, exercendo forte pressão para que mantenha o que nos é familiar e antigo. Contudo, pode-se dizer que os seres humanos são indivíduos sem fronteiras nos quais todas as práticas sociais, como todas as pessoas estão infinitamente interligadas.

Nesse sentido, a consciência humana e a realidade física não podem ser vistas como entidades separadas, fracionadas, pois a existência humana é a própria existência

do mundo externo. A partir das perspectivas subjetivas individuais, as pessoas criam relação com o mundo, o qual apresenta características semelhantes aos seus próprios processos mentais.

Baseando-se nisso, é possível afirmar que todos têm um mundo próprio que busca compartilhar com o outro para não ficar isolado e solitário no próprio imaginário. Esse é o verdadeiro sentido da caminhada pela vida. Mesmo assim, ainda se é relutante em aceitar o sentido de conectividade com o universo, obscurecendo a percepção de inseparabilidade com o todo, mantendo a dissociação entre o que se percebe e o que é percebido, acreditando que os acontecimentos que são exteriores não fazem parte de si mesmo.

No Brasil, na relação entre jovens e idosos é notória – sobretudo nas classes médias e nas elites – uma visão distorcida e preconceituosa em relação aos idosos. Uma situação carregada de distanciamentos ou indiferença ou muitas vezes de preconceitos ostensivos e velados em relação à competência para o trabalho, para a vida social, política e cultural ou para a simples convivência no lazer. Suas experiências e seu saber são dispensados, quando não desprezados, na sociedade que valoriza a inovação e subestima o antigo. Tal procedimento faz os idosos sentirem-se como “imigrantes perdidos no espaço”.

É nesse mundo de inovações em que os jovens e idosos encontram-se inseridos. Nesse contexto, é possível começar a observar em propagandas televisivas uma tendência em aproximar a linguagem entre as duas faixas etárias como, por exemplo, no comercial de uma empresa de empréstimo financeiro, Losango, em que a idosa utiliza em seu discurso: “você não sabe quem eu estou pegando”. Além dessa, uma outra situação é possível notar através de uma propaganda de biscoito em que no café da manhã a avó fala para neta: “namorando não, eu estou ficando”.

Nesse sentido, o antigo tem de lutar para sobreviver, afinal a tendência é que tudo tende a ser substituído pela última moda. Dessa forma, a sociedade contemporânea parece perder o sentido e a importância da memória histórica, cultural.

De acordo com Bohm (1998, p. 87), a idéia cresce como uma semente a partir da ordem implícita, desdobrando-se em ordem explícita. Ele escreve:

A idéia é um instrumento de trabalho que, de alguma forma, traz para perto de nós uma certa parte da realidade, ou até mesmo ajuda a determinar a realidade. E a realidade do homem é inteiramente modelada por idéias. A realidade natural vai além de qualquer idéia humana, mas o quanto dela nós podemos trazer para o nosso mundo depende de nossas idéias. (BOHM, 1998, p. 87)

Dessa forma, de acordo com o autor, é possível perceber que ao conteúdo de uma idéia, então, expressa-se na forma e, conseqüentemente, essa forma passa a ter uma qualidade singular para cada indivíduo. Assim, a idéia de idoso que a sociedade possui está formada na mente dos indivíduos por uma combinação de imagens apreendidas, que possuem formas e significados característicos, determinados por uma identidade negativa e depreciativa.

Tal fato pode ser evidenciado quando se pergunta a alguém, por exemplo, qual a imagem que possui a respeito do corpo de um idoso. Muitas vezes, a resposta é a de um corpo curvado, fazendo uso de bengala, apresentando passos lentos e curtos, não enxergando e escutando adequadamente, com morosidade na fala, presença de cabelos brancos e pele enrugada em decorrência do “castigo do tempo”. A imagem vem sempre associada a um conceito, portanto, além da imagem de um corpo idoso, acompanha-se também a idéia de que os idosos, em geral, são doentes, incapazes, deficientes, impotentes, dependentes, um peso para família.

Essas imagens de idosos, muitas vezes, são formadas desde a infância, inicialmente pelos pais, com grande contribuição da sociedade e dos meios de comunicação. Elas estão tão fortemente enraizadas em cada um que se transformou em uma convicção oculta, um comportamento “natural”. Assim, passa-se a não mais prestar atenção nos símbolos com que se entra em contato com a vida cotidiana. Existem as propagandas que anunciam seus produtos utilizando estereótipos de velhos “dementes”, “surdos”, “sem ocupação”.

Ao tomar como base o fato de toda idéia se esforçar por manifestar-se no corpo fica explícito que o ser humano é o que acredita ser, e toda percepção que tem a respeito do mundo está enraizada profundamente no sistema de crenças que, por sua vez, faz parte do corpo.

Infelizmente, no Brasil, a velhice ainda é vista por muitos como sinônimo de doença e, assim sendo, quando o idoso possui alguma limitação corporal, ele se enquadra no modelo social preestabelecido que não reserva possibilidades.

Baseado na preocupação com as limitações físicas e as mudanças estéticas que anunciam a velhice, várias pessoas buscam reverter um processo que é irreversível simplesmente por se fundamentar em crenças negativas. Esquecem que se envelhece porque se vive, ou seja, as pessoas envelhecem e morrem. Não há outra alternativa. Portanto, pode-se pensar que, de qualquer forma, todos serão sempre o velho de alguém. Sobre isso, Messy escreve:

O lugar de velho, que evito, é ocupado por mim, apesar de mim, no olhar de outros mais jovens. Assim, para meu irmão caçula fiquei velho quando a minha idade chegou ao dobro da dele, assim como para meus filhos, segundo a fala familiar, eu sou o “velho”. (MESSY, 1993, p. 10)

Como é possível perceber, ser jovem ou velho são apenas pontos de referência, recortes do tempo que se busca compartilhar com o outro a fim de se localizar no tempo e no espaço em que se vive. E é nesse trânsito de partilha que se procura o reconhecimento. Por isso, é importante a busca das pessoas pelos relacionamentos sadios que favoreçam a construção do conhecimento de que tanto se depende para dar continuidade à caminhada na vida.

A população idosa no Brasil, para efeito de levantamento demográfico, é computada a partir de 60 anos. Nos últimos tempos, percebe-se que a questão demográfica no país é bastante complexa, pois é possível observar que há uma nítida elevação do percentual de idosos e uma queda da natalidade e da fecundidade.

Mendes (2001, p. 73) aborda que as tendências demográficas da população jovem no Brasil demonstram traços importantes que merecem ser sintetizados. Inicialmente, em nível nacional, verifica-se que este contingente populacional, embora venha incrementando-se em termos absolutos, vem experimentando uma desaceleração desde 1970. Entre 1991 e 1996, a taxa de crescimento do grupo formado pelos jovens de 15 a

24 anos eleva-se em relação ao período anterior, como consequência do efeito das estruturas etárias passadas.

A partir da série dos censos demográficos brasileiros é possível visualizar que a população jovem entre as décadas de 40 e 50 era de 2,4%. A partir de 1960, esse percentual aumentou para 2,5%, depois, em 1980, aumentou para 3,1%, sofrendo uma queda para 1,7% em 2000.

Esta desaceleração no ritmo de crescimento da população jovem justifica-se pelo fato de contemplar gerações nascidas sob o efeito de uma fecundidade declinante. De qualquer forma, é importante ressaltar que o efeito da transição da fecundidade para baixos níveis no Brasil somente se concretiza em meados dos anos 80, com a constatação do estreitamento da base da pirâmide etária oriunda do Censo Demográfico de 1991.

De acordo com a projeção da população brasileira consolidada pelo IBGE, o volume de jovens de 15 a 24 anos de idade continuará apresentando taxas declinantes, chegando a apresentar valores negativos por volta de 2010.

Em contrapartida, o grupo etário dos idosos passou a ter mais representatividade. Sobre esse aspecto, Paim (2004, p. 29) mostra que entre as décadas de 40 e 50 a população de mais de 60 anos permaneceu a mesma em termos de percentuais relativos: 4,1%. Decorridos 20 anos esta população passava de 4,1% para 4,7%. A partir de 1960, o contingente de 60 anos começa a crescer ininterruptamente, alcançando 6,5% em 1980 e 7,6% em 2000.

Se for colocado em evidência o impulso de atenção em saúde para contingentes crescentes da população idosa e para todas as faixas etárias, especialmente para a população infantil, esses números denunciam uma tendência segura de crescimento. Mesmo levando em consideração as oscilações dos índices de mortalidade, a taxa de natalidade mantém-se em declínio e, tudo indica, deverá reduzir-se aceleradamente, junto com a redução dos índices de fecundidade.

No âmbito biológico, é possível observar, atualmente, no Brasil, um aumento do percurso de vida da população brasileira, em virtude da difusão dos benefícios farmacêuticos, médicos e sanitários, que caminham à frente das condições sociais econômicas, culturais e políticas, indispensáveis para que o ser biológico esteja

envolvido por circunstâncias favorecedoras do bem-estar social e da elevação da qualidade de vida. Ao passo que no meio social das elites estas condições já equivalem às dos países desenvolvidos, nas camadas populares e marginalizadas, tanto no campo como na cidade, tem-se uma velhice hipodotada, subdesenvolvida e precocemente envelhecida.

No âmbito cronológico, o prolongamento da vida se expande nas camadas sociais elevadas, chegando à esperança de vida de 70 a 80 anos em média, enquanto se mantém em patamares críticos de 40 a 50 anos nas camadas e regiões de baixa renda. Já socialmente, o brasileiro está avançando a fronteira da juventude e da meia idade para indivíduos de 50 a 60 anos das camadas sociais mais privilegiadas, enquanto se mantém uma velhice precoce e excluída pelo desgaste biológico e perda da capacidade produtiva, antes dos 50 anos, nas camadas assalariadas de baixa renda.

Paim (2004, p. 30) comenta que em termos de ciclo de vida, o prolongamento da existência biológica, cronológica e social tem aproximado o Brasil, nos estratos superiores, aos países europeus e aos EUA, onde prevalece o ciclo ternário de formação, atividade produtiva e inatividade remunerada. Nas regiões mais desenvolvidas, a tendência é o alongamento do período de formação e a transformação desta etapa do ciclo de vida naquela que recebe maiores investimentos de saúde, educação, lazer, etc. É no período de formação que se dá o maior consumo, embora com as desigualdades correspondentes de um sistema econômico que concentrou demasiadamente a renda nacional e ensaia medidas de desconcentração e de redução da população carente. Mas são ainda medidas tímidas, que não permitem uma avaliação otimista de seus progressos e resultados.

Sobre esse assunto, Magalhães (1989, p. 49) aborda que de um modo geral a autonomia biológica tende a encontrar maiores meios de preservação e exercício nas elites e nas camadas médias altas, enquanto se reduz com maior rapidez e sem assistência social à medida em que se desce na escala social, em virtude da ausência de cuidados médico-sociais e em consequência de uma vida de privações que não permite a conservação da saúde.

Nos dias de hoje, quando se pensa em ser o velho de alguém, todas as perspectivas modificam-se, porque é essencial que cada um tenha o seu “jovem”, pelo qual se nutre

sentimentos de afeição, amor, generosidade, criando na vida um palco de apresentação, onde se pode representar o papel existencial, transcorrendo em aprendizado ininterrupto de várias formas; onde os outros personagens ofereçam a oportunidade para se realizarem como humanos; onde reconhecem que o seu papel é de extrema significação para o desenvolvimento dos outros que participam da mesma esfera em que se vive. Assim, ser o velho de alguém é estar ao lado, é a proximidade que aquece não apenas o corpo mas também os sentimentos e, conseqüentemente, a própria existência.

No meio social, os meios de comunicação, tais como o rádio, jornais e sobretudo a televisão, começaram a mostrar receptividade às mobilizações que apontam para o novo modelo e repudiam os velhos modelos de asilamento e segregação. Todavia, a comunicação vive na ambigüidade e contradição das fontes de que se alimenta. Se veicula notícias e entrevistas sobre movimento de idosos, novos métodos e sistema de vida, reivindicações em favor de melhores aposentadorias e benefícios, não deixa de apresentar em suas novelas e shows humorísticos a imagem estereotipada do velho: limitado em sua capacidade biológica, isolado e intransigente em seus valores e padrões culturais, estranho e alheio ao mundo contemporâneo e inovador.

Ainda acerca da participação dos idosos nos meios de comunicação, Paim (2004, p. 31) comenta que por serem pequenos consumidores, os idosos ocupam pequenos espaços e pouco tempo nas imagens televisivas, quase sempre e na maior parte dedicadas a crianças, jovens e adultos de meia idade. São esses os grupos abrangidos pelo período de formação e produção, os grandes consumidores dos bens e serviços anunciados. Dessa forma, Magalhães (1989, p. 53) explica que a figura estereotipada, cômica e muitas vezes ridícula do idoso é, consciente ou inconscientemente, uma forma de estimular os padrões inovadores e a novidade, em oposição ao gosto pelo antigo e tradicional que, cultivados, podem ser uma barreira, mesmo frágil, ao consumismo que domina o principal veículo de comunicação de massa.

É preciso pensar que o envelhecimento e as condições em que o indivíduo chega a ser velho resultam de uma longa existência onde Saúde, Educação, Trabalho, Lazer, Alimentação etc. entram no somatório dos ganhos e perdas de cada um, a partir de seu nascimento. Por isso, pensar numa velhice saudável é pensar sobretudo nas condições que permitem ao adulto bem envelhecer, assim como pensar o adulto como resultado do

jovem e deste, como a continuidade da criança. Pensar, portanto, em uma verdadeira Política de Envelhecimento é pensar, a rigor, na futura geração, pois será ela a que efetivamente poderá ser beneficiária ou vítima do que se faz hoje.

Monteiro (2003, p. 114) mostra que alguns estudos demonstraram que a imagem corporal dos idosos não sofre distorções simplesmente porque estas pessoas são idosas, isso porque a imagem corporal ajusta-se gradualmente ao corpo físico durante o processo de envelhecimento. Porém, ela pode sofrer alterações quando o corpo físico apresenta-se com limitações de seus movimentos, devido a comprometimentos patológicos ou devido a distúrbios de motivação, que conseqüentemente, acarretarão distúrbios de movimento.

Segundo o autor, este fato poderá ocorrer da mesma forma entre os jovens. Afinal, não existe uma distinção entre a imagem corporal de uma pessoa jovem e de uma pessoa velha, mesmo porque a imagem não sofre mudanças devido a alterações biológicas, mas sim devido às circunstâncias pelas quais o sujeito vivencia suas experiências.

Nesse sentido, as alterações do tipo físico, psicológico e social não são inerentes à idade avançada como muitos insistem em acreditar, mas às situações comuns de serem encontradas, devido a limitações impostas por outros que possuem a crença de que o velho não deve participar de determinadas atividades a não ser aquelas específicas para velhos. Sempre a intenção está voltada para atividades que não exijam esforços para não causar danos aos “frágeis”, “lentos”, “cansados” senhores e senhoras “de idade”.

Sem dúvida, o corpo passa por mudanças, mas não é certo pensar que tais mudanças são exclusivamente em decorrência do processo de envelhecimento biológico. Do mesmo modo, não é certo pensar que as alterações, mesmo que estejam associadas a processos patológicos, são irreversíveis.

Esse fato é, atualmente, comprovado por várias pesquisas, como mostra o “Estudo Longitudinal de Baltimore sobre o Envelhecimento” (BLSA) apresentado em Hayflick (1997). Esse estudo é considerado o mais abrangente e ambicioso estudo sobre o envelhecimento tentado até então, tendo o seu início em 1958 e só divulgado em 1997, mostrando informações valiosas a respeito dos efeitos físicos, mentais e emocionais do envelhecimento em pessoas saudáveis. Os resultados desse estudo mudaram muito a

compreensão do processo de envelhecimento, derrubando alguns mitos que até então faziam parte do imaginário social.

O BLSA revelou muitas informações novas e confirmou algumas idéias que eram apenas imaginadas. Por exemplo:

- Descobriu-se que não há uma causa única para as mudanças associadas ao envelhecimento. Em geral, determinam os pesquisadores que estas mudanças possuem muitas causas, algumas das quais podem interagir com outras de formas extremamente complexas.
- Revelou-se que a maioria das mudanças que ocorrem são concernentes, em grande parte, ao desuso, ou seja, à diminuição das atividades físicas.
- Descobriu-se que muitas pessoas mais velhas tiveram um desempenho tão bom quanto o de pessoas mais jovens nos vários testes fisiológicos e psicológicos.
- Em alguns casos, foi possível verificar que as atividades intelectuais eram melhoradas com o tempo, como resultado de mudanças do estilo de vida, como, por exemplo, a iniciação de um programa de exercícios.

Assim, percebe-se que muitos dos declínios físicos encontram-se associados a uma perda de motivação e interesse por parte dos idosos em manter-se ativos para continuar a busca da realização de seus objetivos. Dessa forma, os objetivos, mesmo que sejam simples, são essenciais à manutenção da vida. Quando os idosos mantêm os seus objetivos, não correm o risco de perder a direção de seus movimentos rumo à experiência e o aprendizado.

Acerca desse aspecto, Monteiro (2003, p.117) explica que o idoso precisa manter o seu senso de pertinência para ter a certeza de estar sempre conectado ao mundo. Através de relações fundadas em trocas mútuas, será possível a ele continuar agregando significados à sua construção pessoal, mantendo a integridade de sua imagem corporal. E, através de sua imagem corporal íntegra, que serve como base à execução dos movimentos, conseguirá realizar-se em suas experiências, adquirindo subsídios para o contínuo preenchimento da própria imagem corporal. Este processo circular não somente possibilita ao idoso realizar os seus movimentos de forma adequada, mas também adquirir o conhecimento de si mesmo.

Muitas pessoas também subestimam a capacidade do idoso em reinventar sua história, pela crença de que seu tempo é formado apenas por passado e, portanto, não possuindo nenhuma aplicabilidade no presente e, muito menos com possibilidades de futuro. Muitos jovens não aceitam o passado, vivem na ilusão de um futuro que nunca chega, e quando pensam que vão angariá-lo, já se deslocam para o passado porque são velhos.

O que não pode deixar de ser comentado é que o conflito de gerações, não raro de ser visto na sociedade, provoca desperdícios de possibilidades tanto para os jovens que possuem uma menor bagagem histórica, quanto para os idosos que, em geral, são tolhidos de sua expressão. Ambos perdem a possibilidade de descobrirem novos arranjos e interpretações para as suas experiências.

Uma história de vida não pode ser concebida apenas pela passagem dos anos, ou pelas aquisições e perdas, mas também pelo momento atual no qual abre para o outro como para si mesmo novas possibilidades de resgate de alguns fragmentos importantes para o preenchimento das lacunas que ficaram em branco ao longo dos anos. Esse é o sentido dos laços que são formados durante toda a vida, independente de ser jovem ou idoso.

Nesse sentido, é primordial que se esteja aberto para compreender que todos necessitam um do outro para se construir, por isso é necessário unir as imagens corporais, dissolvendo a angústia da separação, afastando a confusão própria das coisas: bons e maus, jovens e idosos, feios e bonitos, trazendo o outro para perto para encontrar o verdadeiro sentido de integridade.

2.5.5 A variável faixa etária

A idade dos falantes, como foi apontado pela Dialectologia, ao estabelecer a relevância de dados coletados de informantes de faixa etária mais avançada, é um dos fatores sociais que com maior força e clareza podem determinar os usos lingüísticos de

uma comunidade de fala. De certo modo, pode-se afirmar que a idade condiciona a variação lingüística com mais intensidade que outros fatores, também importantes, como o sexo ou a classe social. Contrariamente ao fator classe social ou gênero, a idade é um fator constante já que sua realidade não se vê alterada por mudanças sócio-econômicas, de atitudes ou de organização.

Moreno Fernández (1998, p. 40) explica que a idade, conforme o tempo transcorre, vai determinando e modificando as características e os hábitos sociais dos indivíduos, incluindo os comunicativos e os puramente lingüísticos, por isso é possível distinguir na vida lingüística de um indivíduo distintas etapas. Além disso, pode ocorrer que a idade, como fator social, covarie com outros fatores, como o nível de instrução. Tal aspecto acontece na Espanha, onde é habitual que as pessoas de faixa etária mais jovem sejam, em conjunto, as de instrução mais elevada, o que as convertem em usuárias de características lingüísticas mais próximas do modelo normativo. Em qualquer caso, tanto as diferenças que se derivam da idade, como a relação que a idade estabelece com outros parâmetros sociais, oferecem implicações sociolingüísticas muito diversas, segundo a cultura ou o tipo de comunidade de que se trate.

Chambers e Trudgill (1980, p. 97) partem do fato de que as variáveis lingüísticas e alternância de estilos desenvolvem-se conjuntamente com a fonologia e a sintaxe desde o começo do processo aquisitivo e propõe a existência de três períodos formativos na aquisição dos socioletos: em primeiro lugar, a infância, durante a qual se desenvolve a língua sob a influência da família e dos amigos; em segundo lugar, a adolescência, fase em que os usos lingüísticos vão mais além dos limites estabelecidos pela geração anterior, com grande influência dos indivíduos que fazem parte da mesma classe social; em terceiro lugar, a idade adulta que tende a fazer um maior uso da variedade normativa ao menos naqueles contextos ou ocupações em que a utilização da língua é importante uma vez que se procura fixar uma variedade sociolingüística de acordo com certas aspirações e preferências sociais. Depois dessa terceira etapa, supõe-se que os falantes estabilizam seu repertório lingüístico.

Sobre esse aspecto, Moreno Fernández acrescenta que é possível relacionar tais grupos de idade a objetivos sociolingüísticos específicos. No caso dessa pesquisa, o objetivo encontra-se em analisar a utilização das expressões de tempo e dos itens

lexicais denunciadores da faixa etária no discurso dos falantes possuidores de nível superior completo das cidades de Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo que integram o Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta (Projeto NURC).

Como mostra Moreno Fernández (1998, p. 44), os grupos geracionais podem determinar o uso de certas variáveis ou traços lingüísticos que servem para marcar distâncias entre crianças e jovens, entre jovens e adultos. São elementos que funcionam como indicadores de pertinência a um grupo geracional determinado e que podem proceder de qualquer nível lingüístico. Ocorre aqui, entretanto, o mesmo que se comprova a propósito de outras variáveis: são os níveis mais superficiais da língua – o léxico, a fraseologia, o discurso – os que acusam mais claramente a determinação do fator idade. Do mesmo modo que certas peças do vestuário, certos gostos e atitudes, certos modos de diversão consideram-se característicos de tal ou qual geração, existem usos lingüísticos que se consideram próprios de certos grupos de idade, que acabam convertendo-se em autênticos símbolos geracionais e que vão renovando-se conforme chegam as novas gerações.

A respeito da abordagem teórica sobre gerações, Scharfstein (2003, p. 39) explica que desde os tempos antigos até os dias de hoje, o conceito de velhice e, conseqüentemente, o lugar social da pessoa idosa, foi retratado de forma derogatória ou honrosa, dependendo do contexto histórico-social em vigor. Nos períodos em que o poder físico foi priorizado, a pessoa idosa foi alvo de desvalorização. Assim, no período da Idade Média, caracterizado por guerras e armas, os idosos foram excluídos da vida pública. Esta realidade se transforma com o surgimento da burguesia, no século XIV, quando o poder econômico se funda na compra de terras e bens materiais, e não mais na força física.

Vale lembrar que na Grécia antiga, por exemplo, a velhice foi associada à idéia de honra, e o chefe da Polis era assistido por um conselho de anciãos. Ou seja, em épocas ou culturas que valorizavam a sabedoria acumuladas de seus cidadãos idosos, esses ocuparam um lugar de prestígio e honra. Daí as palavras *géra* e *géron*, em grego, designarem não só a idade avançada, mas também o privilégio da idade, isto é, o direito da ancianidade. Portanto, a velhice enquanto destino biológico é uma realidade

inquestionável, assim como o declínio do corpo físico. Porém, o destino psicossocial da pessoa idosa é uma realidade socialmente construída segundo o contexto sócio-político-cultural no qual ela se insere.

Tendo em vista o crescente aumento da população idosa no mundo e no Brasil, a questão da velhice tornou-se um desafio social, pois, se por um lado, a realidade atual testemunha o prolongamento dos anos de vida, por outro, a sociedade precisa atender esta população idosa para que haja qualidade de vida nestes anos prolongados. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o país que possui 7% ou mais de idosos em sua população é considerado envelhecido e são categorizadas como idosas, as pessoas acima de 65 anos nos países desenvolvidos, e acima de 60 anos nos países em desenvolvimento.

Segundo o censo de 2000, as pessoas com 60 anos e mais totalizavam 14.536.029 de pessoas, isto é, 8,6% da população brasileira. Portanto, o Brasil já se tornou um país envelhecido. Essa mudança insere-se em um contexto de transformações ocorridas no século XX, no qual as sociedades modernas são definidas como sociedades de mudança constante, rápida e permanente.

Seguindo essa linha de raciocínio, Sagrera (1992, p. 15) esclarece que cada idade tem sua filosofia, que é parcialmente verdadeira, e isto deve ser considerado para que não haja um favorecimento e um desfavorecimento para algumas etapas da vida com relação a outras. Tal aspecto, segundo mostra o referido autor, não se trata de ignorar ou negar a idade de ninguém, mas sim de amar aos outros com a sua idade, qualquer que seja esta, afinal espera-se sempre passar por todas as idades.

Sobre isto, Paim (2004, p. 35) comenta que a luta contra a discriminação com relação à idade deve persistir, afinal os jovens e os adultos não se reterão nessa sua etapa privilegiada durante quase toda sua vida, além disso é conveniente lembrar que deve haver uma consciência por parte dos adultos de que se já foi jovem ontem e conseqüentemente se será velho amanhã.

Nesse sentido, os jovens e velhos discriminados pelo edadismo devem evitar cair no erro de pensar que as dificuldades enfrentadas na vida advêm de si mesmos, aceitando o ser menos e o estar marginalizado por ser somente “jovem” ou “velho”.

Além disso, deve também evitar imaginar que a origem da discriminação enfrentada e dos males que por ela padecem corresponde ao grupo em que se encontra.

Assim, Sagrera (1992, p.20) esclarece que a luta contra a discriminação com relação à idade surgiu primeiramente em relação aos idosos, grupo composto pelos “sobreviventes” do alongamento da vida e classe que se encontra discriminada pela aposentadoria ou expulsão da vida ativa, e foi liderada por um movimento nos Estados Unidos que conscientizou os demais cidadãos, demonstrando as vantagens quantitativas e qualitativas existentes ao relacionar-se com os idosos e ajudando para que haja o fim da discriminação pela idade.

Dessa forma, pode-se expor, como menciona o autor, que o preconceito com relação à idade é um prejuízo que afeta a todos ao longo da vida. Por isso, deve ser combatido por todos, sem se deixar enganar pela tática de opor os jovens aos velhos, pois ao combater essa discriminação pela idade haverá uma possibilidade de se viver em uma sociedade mais justa.

3 O PAPEL DO ADVÉRBIO, DAS EXPRESSÕES DE TEMPO E DO LÉXICO NA CARACTERIZAÇÃO DO DISCURSO DA PRIMEIRA E DA TERCEIRA FAIXA ETÁRIA

Há muito se desdobram discussões sobre o conceito de advérbio, a abordagem sobre os advérbios de tempo e a importância do léxico no discurso. Ao longo de tal abordagem, encontram-se, de um lado, a gramática tradicional e, de outro, as teorias lingüísticas

vigentes. Como o objeto de estudo, nesta parte, é o tratamento teórico dado aos advérbios como um todo e, em especial, aos advérbios de tempo e ao léxico no discurso, considera-se como um passo inicial caracterizar as obras selecionadas para a análise em busca de subsídios teóricos para a pesquisa.

Para efeito de seleção de uma gramática normativa, optou-se por um autor muito citado em relações bibliográficas – de livros didáticos, concursos públicos, de vestibulares etc. – e, a par disto, um dos mais indicados também por professores de língua portuguesa do Ensino Fundamental e Médio, quando solicitados a orientar sobre estudos gramaticais, considerando-se, conseqüentemente, que esse autor com sua gramática deveria exercer, ainda hoje, uma grande influência na formação de professores de qualquer disciplina assim como dos alunos. Trata-se de Bechara e a *Moderna gramática portuguesa*, editada pela Lucerna, em 2004, já em 37ª edição.

Para a elaboração desse capítulo, outros autores como Bomfim (1988), Perini (1996), Ilari (2001) e Moura Neves (2000) foram considerados. Esses teóricos foram abordados por considerarem a questão dos advérbios aberta à discussão e à compreensão, propondo uma maneira lingüística e/ou pedagógica de enfrentamento da questão do advérbio que seja coerente com as possibilidades da língua portuguesa de, apesar de possuir um componente lexical tão vasto, estar atrelada a uma teoria gramatical que persiste e insiste em manter um rol heterogêneo de palavras sob a mesma categoria, independente dos outros componentes gramaticais.

Convém esclarecer, a título dos procedimentos metodológicos utilizados, que ao longo dessa abordagem teórica, os exemplos que se encontram em itálico e com a ocorrência sublinhada pertencem ao *corpus* desta Tese e os demais exemplos referentes à obra do estudioso em foco têm apenas em destaque os itens sobre os quais se discute, conforme exemplos:

- 6) José escreve *muito* bem. (advérbio em referência ao advérbio *bem*).
(BECHARA, 2004, p. 274)
- 7) “[...] *sinceramente... tem certos momentos que eu não sei como a psicologia... iria resolver essa questão de... de de de aÇÃO [...]*”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 275-276)

3.1 AS REFLEXÕES SOBRE O ADVÉRBIO NA PERSPECTIVA DE BOMFIM

Acerca das reflexões sobre o advérbio, Bomfim (1988, p. 5) explica que não existe correspondência entre a conceituação de advérbio e o comportamento lingüístico dos componentes dessa classe de palavra. Assim, no sentido de questionar algumas afirmações que têm sido feitas sobre o assunto, a autora explicita os seguintes aspectos:

⇒ O advérbio se junta a verbos para exprimir circunstâncias.

Com referência à primeira observação, a autora afirma que, a rigor, só os advérbios de modo dizem respeito ao verbo. Ainda assim, por influência da presença do sufixo *mente*, as fileiras do grupo vêm sendo engrossadas com um bom número de intensificadores ou outros vocábulos de natureza subjetiva, na maior parte, modalizadores.

Segundo Bomfim (1988, p. 65), alguns gramáticos modernos concordam com a modificação restrita ao verbo, considerando o advérbio *adjetivo do verbo* e admitindo que construções como *muito eloqüentemente*, *pouco prudentemente* são superlativos.

Para exemplificação de sua posição, a autora expõe os seguintes exemplos:

8) Andou *muito*. (BOMFIM, 1988, p. 7)

9) Amou *muito*. (BOMFIM, 1988, p. 8)

10) Trabalhou *pouco*. (BOMFIM, 1988, p. 8)

Conforme explicita a referida autora, no exemplo 8) não há incidência de *muito* sobre o verbo, mas sobre o resultado ou a consequência do processo verbal. Já nos exemplos 9) e 10) é o processo verbal que é atingido.

Ao acrescentar ao exemplo 8) um substantivo no feminino plural a frase ficaria:

11) Andou *muitas* léguas. (BOMFIM, 1988, p. 8)

Assim, a necessidade de concordância é confirmada pelo exemplo 11, percebe-se, portanto, que a intensificação incide sobre o verbo. Para reforçar a observação, a autora propõe a frase 12):

12) Na juventude amou *muito muitas* camponesas. (BOMFIM, 1988, p. 8)

Exposta a frase, a autora explica que existem os seguintes tipos de intensificadores: intensificadores de adjetivos e advérbios (ligados à gradação); intensificadores de verbos (independentes do regime do verbo).

No que diz respeito ainda a intensificadores, a autora expõe alguns casos em que um advérbio seria modificador do substantivo como demonstra a frase 13:

13) Gonçalves Dias era *verdadeiramente* poeta. (BOMFIM, 1988, p. 9)

Com relação à parte da definição explicitada que diz respeito à expressão de circunstâncias, a autora esclarece que será grande a classe de advérbios, pois, muitos respondem, pelo menos, às perguntas: *quando? Onde?* Entretanto, poucos são os que têm qualquer relacionamento com o verbo. Assim, correspondem, parcialmente, à conceituação tradicional como demonstra o exemplo:

14) Realmente choveu *muito*. (BOMFIM, 1988, p. 10)

É possível constatar a partir desse exemplo que o advérbio explícito não se concilia com a definição proposta: não expressa circunstância, não diz respeito ao processo verbal nem é intensificador, apresentando-se como quantificador.

Nesse sentido, cria-se um impasse: se tal palavra for considerada como advérbio, tem-se que reformular a conceituação da classe. Segundo a autora, os chamados adjuntos adverbiais de lugar preenchem em melhores condições o requisito da expressão de circunstância. Não são, entretanto, advérbios nem tampouco locuções adverbiais. Admiti-lo seria confundir função com classe, já que Bomfim mostra que os advérbios de tempo e de lugar devem ser incluídos na classe dos pronomes.

⇒ O advérbio se junta a adjetivos, para intensificar uma qualidade.

Bomfim (1988, p. 8) mostra que os intensificadores vêm sendo chamados, tradicionalmente, de advérbios. Nesse sentido, a autora atribui, em parte, a confusão à dupla coincidência de características formais dos grupos (semelhança de significante, não flexionamento), observáveis em exemplos como:

15) Dormiu um sono *bem* repousante. (BOMFIM, 1988, p. 8)

16) Comeu um vatapá *muito* gostoso. (BOMFIM, 1988, p. 8)

⇒ O advérbio pode juntar-se a outro advérbio ou a toda a oração.

Nesse sentido, Bomfim (1988, p. 14) explica que advérbio de advérbio, geralmente, é intensificador, como é possível notar em:

17) Chegou *bem* cedo. (BOMFIM, 1988, p. 8)

18) Saiu *muito* tarde. (BOMFIM, 1988, p. 8)

Nesses casos, a autora esclarece que deve ser considerado juntamente com os intensificadores de adjetivos. A posição é coerente, pois o reconhecimento de que o advérbio é passível de gradação é geral. Nessa perspectiva, a autora aponta a possibilidade de um chamado advérbio de tempo, como *cedo/tarde* , estar incidindo sobre outro da mesma natureza conforme ilustra o exemplo:

19) Chegou agora *cedo* . (BOMFIM, 1988, p. 28)

Assim, a autora expõe como esses dois vocábulos estão ligados, o primeiro ao contexto e o segundo a um ponto de vista arbitrário do emissor, mostrando que os advérbios de frase representam uma interferência do sujeito da enunciação no enunciado.

A autora também estabelece uma série de ligações entre os chamados advérbios e os fatores integrantes do ato de fala. Segundo ela, nenhuma outra classe de palavras tem situação igual à do advérbio nesse particular e embora reconheça que, nesse aspecto, a estilística tenha feito incursões de importância, a autora insiste numa pesquisa, não dos efeitos estéticos, mas das possibilidades de que a língua dispõe para a atualização de construções dessa natureza.

Nesse sentido, o contexto ou a situação interessam apenas sob dois aspectos: fator de estímulo da emotividade do emissor e ponto de referência para qualquer tipo de localização (espacial ou temporal), quer da mensagem, quer de elementos que a integram. Acresce ainda que as possibilidades de atualização desses efeitos estão no código. Para ilustrar tal aspecto, Bomfim (1988, p. 61) apresenta o seguinte quadro:

Quadro 1 – A ligação entre os advérbios e o contexto

	Motivação	
	Contexto	Mensagem
Ligados ao emissor subjetivamente	Interjeição isolada.	Denotativas, intensificadores, advérbios de frase, advérbios de dúvida, <i> cedo/tarde </i> , longe/perto, interjeição integrada na frase, advérbios ligados a aspecto.

Ligados ao emissor objetivamente (como ponto de referência)	Aqui, cá.	
Ligados ao receptor	Aí.	
Ligados ao contexto	Ali, acolá, agora, hoje etc., outrora, antes etc.	
Ligados à mensagem		Aquém/além, antes/depois, dentro/fora, abaixo/acima etc.

Dessa forma, a autora discute a interligação entre os advérbios e os fatores constitutivos da comunicação verbal.

Bomfim (1988, p. 6) também aborda outros aspectos relacionados aos advérbios tais como:

⇒ A falta de oposição entre *sim* e *não*, em português.

Para a autora, *não* é a marca negativa, é um elemento de que os falantes se servem para negar e que incide diretamente sobre a palavra cujo sentido deve ser marcado negativamente. Não se opõe a *sim*, mas à *ausência de não*, como comprova o exemplo:

20) Os cartões *não* foram entregues. (BOMFIM, 1988, p. 6)

Pode-se, entretanto, usar *sim* como um reforço da afirmação.

21) Os cartões foram entregues, *sim*. (BOMFIM, 1988, p. 6)

Nesse sentido, Bomfim (1988, p. 7) explica que não é possível considerar advérbios as palavras rotuladas como advérbios de afirmação e de negação, pois eles não expressam circunstância, não dizem respeito ao processo verbal nem são intensificadores.

⇒ O caráter subjetivo da maioria dos advérbios e sua ligação com o sujeito da enunciação.

Sobre esse aspecto, a autora aponta o caráter subjetivo de alguns advérbios e de outras palavras, que, embora tradicionalmente consideradas como advérbios, não se comportam como tais. Estão nesse caso os advérbios de dúvida e a maior parte dos advérbios de frase, pois muitas dessas palavras estão ligadas ao sujeito da enunciação, isto é, ao emissor, aquele que é responsável pelo enunciado, como mostram os exemplos:

22) *Realmente* o dia está lindo. (BOMFIM, 1988, p. 10)

(Opinião do emissor a respeito da declaração)

23) *Realmente*, o dia está lindo. (BOMFIM, 1988, p. 11)

(Confirmação do emissor a respeito da declaração)

No último caso, a confirmação tem caráter duplo. Segundo a autora, é possível que exemplos dessa natureza tenham levado alguns a propor o advérbio de afirmação. No entanto, a presença ou a ausência dessas palavras, não alteram nem o processo verbal, nem tampouco o enunciado, já que elas expressam apenas a opinião do emissor.

⇒ As observações feitas sobre os advérbios de tempo e de lugar.

Nessa perspectiva, a autora apresenta a proposta de incluir *ontem/hoje/amanhã* e os advérbios dêiticos (*aqui, cá, aí, lá*) na classe dos pronomes por terem um ponto de referência no contexto extralingüístico e poderem exercer função sintática do mesmo modo que os pronomes. Sobre esses aspectos, apresenta os seguintes exemplos:

24) *Aqui* é o melhor lugar do mundo. (BOMFIM, 1988, p. 36)

25) *Lá* continua um paraíso. (BOMFIM, 1988, p. 36)

A partir dessas exemplificações, demonstra que *aqui* e *lá* comportam-se como pronomes que exercem a função de sujeito.

E os exemplos:

26) *Hoje e amanhã* são dias de festa. (BOMFIM, 1988, p. 31)

27) *Ontem* foi um dia péssimo. (BOMFIM, 1988, p. 31)

28) *Amanhã* será outro dia. (BOMFIM, 1988, p. 31)

Dessa forma, a autora chama a atenção para o fato de julgar necessário refletir sobre a pertinência da inclusão desses elementos na classe dos advérbios, mesmo reconhecendo que tais palavras partilham com os advérbios a noção de tempo e respondem à pergunta (quando?), a autora também argumenta, por outro lado, que tais palavras partilham com os pronomes a dêixis, a referência e a possibilidade de exercer a função de sujeito.

Tais reflexões acerca dos advérbios de tempo serão discutidas mais profundamente no item 3.5.1 desse capítulo.

⇒ A eliminação da classe dos advérbios dos advérbios de dúvida, de afirmação e de negação.

Para a autora, os advérbios de afirmação e de negação e os advérbios de dúvida não se conciliam com a definição proposta para os advérbios: não expressam circunstância, não dizem respeito ao processo verbal nem são intensificadores. Essas palavras, excetuando-se *sim* e *não*, bem como locuções adverbiais do mesmo tipo, revelam ou expressam uma opinião do locutor ou sua dúvida sobre o enunciado ou parte dele, como demonstram os exemplos:

29) *Realmente* choveu muito. (BOMFIM, 1988, p. 6)

30) *De fato* ele se equivocou. (BOMFIM, 1988, p. 6)

31) *Provavelmente* choverá hoje. (BOMFIM, 1988, p. 6)

32) *Talvez* ele não tenha conhecimento do fato. (BOMFIM, 1988, p. 6)

⇒ A eliminação da classe dos advérbios dos advérbios de intensidade, incluindo-os entre as palavras denotativas, como intensificadores.

Segundo Bomfim (1988, p. 8), os intensificadores não devem adquirir a etiqueta de advérbios de intensidade, pois em exemplo como em 33) não há incidência de muito sobre o verbo, mas sobre o resultado ou a conseqüência do processo verbal.

33) Andou *muito*. (BOMFIM, 1988, p. 7)

Tal fato não ocorre em 34) e 35) em que o processo verbal é atingido

34) Amou *muito*. (BOMFIM, 1988, p. 8)

35) Trabalhou *pouco*. (BOMFIM, 1988, p. 8)

Nesse sentido, a autora expõe a existência dos tipos de intensificadores explícitos nos exemplos abaixo:

36) Amou *muito*. (Intensificador de verbo) (BOMFIM, 1988, p. 7)

37) Na juventude amou *muito muitas* camponesas. (Intensificador de verbo)
(BOMFIM, 1988, p. 8)

38) Gonçalves Dias era *verdadeiramente* poeta. (Intensificador de substantivo)
(BOMFIM, 1988, p. 9)

⇒ A necessidade de revisão dos elementos do léxico ora listados como advérbios, ora como palavras de classificação à parte, os quais estão presos à função textual e atuam na ordenação do texto ou de suas partes.

Nesse sentido, Bomfim (1988, p. 63) explica que julga ser de grande importância observar o relacionamento de alguns advérbios e dos pseudo-advérbios (advérbios de dúvida e advérbios de frase) com a enunciação, bem como constatar que o comportamento lingüístico de alguns dos chamados advérbios de lugar (*aqui, aí, etc.*) e de tempo (*ontem, hoje, amanhã*) não difere do de certas subclasses de pronomes. Assim, a autora acrescenta que o traço comum aos advérbios, pseudo-advérbios e intensificadores é serem todos elementos terciários na frase.

Diante de todas as reflexões, expostas aqui de forma sintética, a posição de Bomfim (1988) é a de que a imensa classe dos advérbios não condiz com as conceituações que circulam em muitas gramáticas normativas.

3.2 AS REFLEXÕES SOBRE O ADVÉRBIO NA PERSPECTIVA DE PERINI

Perini (1996) apresenta, assim como também fez Bomfim (1988), seus argumentos em torno da classificação e função dos advérbios. Segundo o autor, esta é uma classe de palavras que por conta de conceitos e forma de ser apresentada nas gramáticas, torna-se um depósito de palavras em busca de uma classificação, melhor dizendo, o advérbio é um desafio lingüístico, um problema gramatical – como se fosse uma classe que todos sabem que existe, mas não se consegue definir com coerência ou determinar um modelo de regras em que se enquadrem as palavras, tidas como tais, a partir de uma teoria coerente.

Perini (1996) pretende uma gramática pedagógica sistemática, teoricamente consistente e livre de contradições, exatamente o oposto às críticas tecidas à gramática tradicional. Nela estarão as reflexões do autor sobre os conceitos sedimentados da gramática tradicional e os conceitos da lingüística, impondo-se mais pela discussão dos fatos comprováveis que pela autoridade do livro ou do professor.

Para o interesse mais imediato deste trabalho importa abordar o que o autor considera sobre classes e funções. Segundo Perini (1996, p. 316), uma classe é um conjunto (não necessariamente finito) de formas lingüísticas e uma função é um princípio organizacional

da linguagem. Nesse sentido, pode-se dizer que se trata de separar fenômenos distintos. O exemplo é o fato das gramáticas tradicionais não considerarem o sintagma – qualquer seqüência de elementos da língua que possam desempenhar funções sintáticas – como uma classe.

Dessa forma, para o referido autor, as classes exercem funções que só a elas serão pertinentes no contexto sintático e estendendo-se esta noção de classe ficaria mais fácil entender-se que uma classe pode desempenhar várias funções, assim como a partir da função existe a possibilidade de determinar a classe. Nesse sentido, o autor admite que as classes de palavras são importantes porque além de permitir a descrição econômica e coerente de seu comportamento gramatical, evita que se classifique individualmente as palavras, reconhecendo-se que as classes têm comportamento sintático semelhante.

Segundo Perini (1996, p. 338), a categoria tradicional dos advérbios encobre uma série de classes, às vezes de comportamento sintático radicalmente diferente. Conforme o autor, a situação é tal que não parece ser possível dar uma visão abrangente das diversas classes, nem mesmo uma lista completa delas, por isso o autor limita-se a algumas exemplificações.

Acerca das definições de classes de palavras, Perini (1996, p. 338) expõe que essas devem ser feitas em termos de seu potencial funcional. A partir dessa observação, o autor expõe que a definição tradicional fala da propriedade de “modificar” itens de outras classes – ou mesmo de “modificar o próprio advérbio”, o que introduz na definição um elemento de circularidade que a inviabiliza. Para discutir as diferenças de potencial funcional e, portanto, de classe, o autor apresenta as seguintes palavras tradicionalmente chamadas advérbios: *não, rapidamente, completamente, muito, francamente*.

Perini (1996, p. 339) apresenta que essas cinco palavras são todas classificadas como “advérbios” e subclassificadas segundo um critério semântico (“de negação”, “de modo”, “de intensidade”) que não se pode levar em conta dentro de um estudo sintático. Nesse sentido, o autor mostra que, sintaticamente, as cinco palavras podem ser encontradas desempenhando diversas funções sintáticas a saber:

Quadro 2 – Possibilidades de funções sintáticas desempenhadas pelos advérbios

Negação verbal	Ex.: Seu tio <i>não</i> apareceu na estação. (PERINI, 1996, p. 339)
<i>Intensificador</i>	Ex.: Almeida é <i>muito</i> magro. (PERINI, 1996, p. 339) Ex.: Almeida estava <i>completamente</i> bêbado. (PERINI, 1996, p. 339) Ex.: Essa proposta é <i>francamente</i> ilegal. (PERINI, 1996, p. 339)
<i>Adjunto circunstancial</i>	Ex.: Ela ri <i>muito</i> . (PERINI, 1996, p. 339)
<i>Atributo</i>	Ex.: Terminamos a pintura <i>rapidamente</i> . (PERINI, 1996, p. 339) Ex.: Ela me revelou tudo <i>francamente</i> . (PERINI, 1996, p. 339)
Adjunto adverbial	Ex.: Ela decorou o apartamento <i>completamente</i> . (PERINI, 1996, p. 339)
<i>Adjunto oracional</i>	Ex.: <i>Francamente</i> , acho que ele nos enganou. (PERINI, 1996, p. 339)

Segundo o autor apresenta em suas reflexões, essas cinco palavras podem ocupar pelo menos seis funções; e algumas podem ocupar mais de uma função. Acerca dessas palavras, o autor aponta que elas constituem cinco potenciais funcionais distintos e, por conseguinte, cinco classes dentro do grupo tradicional dos advérbios.

Nesse sentido, Perini (1996, p. 339) aborda que a partir desses exemplos é possível notar como a classificação tradicional deixa de exprimir as diferenças encontradas entre esses itens, no que diz respeito a seu comportamento gramatical. Afinal, a subclassificação em advérbios “de modo”, “de intensidade” etc. não corresponde a classificação sintática mencionada, pois entre essas cinco palavras apresentadas, três são advérbios de modo: *rapidamente*, *completamente* e *francamente*, que, no entanto, são sintaticamente bem diferentes.

A partir dessas reflexões, o autor afirma que não existe uma classe que compreenda, mesmo aproximadamente, os itens tradicionalmente chamados de advérbios, pois as diferenças sintáticas entre os advérbios são muito profundas, em parte comuns a palavras de outras classes tradicionais, e não autorizam a postulação de uma classe única. Nesse sentido, o autor expõe que se trata, na verdade, de diversas classes, que podem, sem dúvida, agrupar-se, mas dificilmente de maneira análoga à proposta pela análise tradicional.

Prosseguindo nas reflexões sobre os advérbios, Perini (1996, p. 340) aborda que a definição tradicional menciona o fato de o advérbio modificar determinadas classes (entre

os quais o próprio advérbio). A respeito dessa noção de modificação, o autor comenta que ela é bastante obscura, seria um misto de semântica e sintaxe.

Semanticamente, “modificação” significa que um advérbio teria seu significado amalgamado ao de um outro elemento, formando um todo semanticamente integrado como mostram as frases:

39) *Corremos* (exprime uma ação). (PERINI, 1996, p. 340)

40) *Corremos depressa* (exprime a mesma ação, acrescida de algum ingrediente de significado). (PERINI, 1996, p. 340)

Dessa forma, tanto *Corremos* como *Corremos depressa* seriam unidades no plano semântico. Segundo o autor, essa observação, embora vaga, é provavelmente correta, mas não ajuda a caracterizar o advérbio, por que se aplica a outras classes como mostram as frases:

41) *Comi* (exprime uma ação). (PERINI, 1996, p. 340)

42) *Comi uma peixada* (exprime a mesma ação, acrescida de um ingrediente semântico que a especifica melhor). (PERINI, 1996, p. 340)

Sintaticamente, a noção de “modificação” parece referir-se à ocorrência conjunta dentro de um constituinte; o que se chama em sintaxe estar em construção com. Desse modo pode-se dizer que:

43) *Corremos depressa* forma um constituinte (*corremos* está em construção com *depressa*). (PERINI, 1996, p. 340)

Segundo Perini (1996, p. 341), isso, por si só, não é suficiente para definir o advérbio, pois *comi* e *uma peixada* estão em construção em:

Comi uma peixada

Assim, se o critério de definição do advérbio fosse considerar esta classe de palavra como o elemento que ocorre em construção com o verbo, uma peixada teria de ser um constituinte adverbial. Nesse sentido, percebe-se que “estar em construção” com este ou aquele termo não é uma propriedade fundamental das funções sintáticas, pois é possível encontrar atributos (assim como várias outras funções) em posições tão variadas na oração que a solução mais prudente, segundo o autor, seria considerá-lo simplesmente um constituinte de nível oracional, ou seja, está em construção com todos os demais constituintes de nível oracional, para formar a oração.

Como se vê, há poucas esperanças de se chegar a uma definição adequada de qualquer classe em termos dos elementos que ela “modifica”. Por isso, Perini (1996, p. 342) propõe lançar mão das funções, pois, como foi possível visualizar, a diferença entre *uma peixada* e *depressa* é que o primeiro elemento é objeto direto, e o segundo é adjunto circunstancial. Dessa forma, “estar em construção com um verbo” não caracteriza um advérbio frente a um sintagma nominal; o que os diferencia claramente são as diferentes funções que desempenham quando estão em construção com o verbo.

Portanto, o fato de estar em construção com verbo, ou com o adjetivo etc. não pode ser utilizado como critério definatório de nenhuma classe. Assim, o autor, como também já havia mencionado Bomfim (1988), propõe que a definição de advérbio (se for possível, o que o autor duvida) deverá ser formulada em termos de funções, pois sob o rótulo de “advérbio” se esconde uma variedade irreduzível de classes.

3.3 AS REFLEXÕES SOBRE O ADVÉRBIO NA PERSPECTIVA DE MOURA NEVES

Assim como foi realizada em Paim (2004), a sistematização das características dos advérbios também seguirá a perspectiva da abordagem da autora Moura Neves (2000) em seu estudo *Gramática de Usos do Português*. A escolha mais uma vez deste estudo justifica-se pelo fato de novamente perceber que a autora apresenta as informações de que já se dispõe sobre essa classe, acrescentando sua contribuição pessoal, ordenadamente e de maneira atual.

Nesse sentido, pretende-se destacar as contribuições de Moura Neves sobre a forma dos advérbios, as características morfológicas, sintáticas e semânticas, abordadas pela autora.

O primeiro aspecto, em relação aos advérbios, abordado por Moura Neves (2000, p. 231) é em relação ao seu aspecto formal. Nessa perspectiva, segundo a autora, pode-se classificar os advérbios em:

a) advérbios simples, como amplamente e justamente, em:

44) Espero continuar cada vez mais firme na execução do meu programa de Governo, que um dia há de ser *amplamente* compreendido e *justamente* julgado. (MOURA NEVES, 2000, p. 231)

b) advérbios perifrásticos, ou locuções adverbiais, como de todo, e sem dúvida, em:

45) Quando escureceu *de todo*, ele saiu da toca. (MOURA NEVES, 2000, p. 231)

46) O inconsciente é, *sem dúvida*, universal. (MOURA NEVES, 2000, p. 231)

Segundo a autora, a conceituação de advérbio pode ser realizada de um ponto de vista morfológico, sintático ou semântico.

Do ponto de vista morfológico, Moura Neves (2000, p. 233), a princípio, expõe que o advérbio é uma palavra invariável. Entretanto, apesar de reconhecer que esse traço da invariabilidade é uma característica freqüente na definição tradicional dos advérbios, a autora chama a atenção para os casos de advérbio de intensidade *meio* que apresenta flexão de gênero, como mostra o exemplo a seguir:

47) Será que você não tem por lá alguma enxada assim *meia* velha pra ceder para a gente?. (MOURA NEVES, p. 234).

Conforme expõe a referida autora, o exemplo evidencia uma questão complexa e interessante para futuros estudos que não estão em pauta para este trabalho.

Além das formas simples, a autora admite os advérbios perifrásticos (locuções adverbiais) e derivados. Lembra que não é um critério seguro admitir-se a plena correspondência semântica entre advérbios e as alegadas locuções para acolher-se a seqüência como uma locução, como na relação do advérbio “totalmente com a locução de todo, já que a existência, ou não, de um advérbio correspondente é questão do léxico e não da gramática da língua”. (MOURA NEVES, 2000, p. 231).

Quanto aos advérbios derivados, Moura Neves (2000) não os refere explicitamente, mas lista casos em que os advérbios se formam a partir de sufixação, que é um processo derivacional, como mostra o exemplo:

48) O povo esquece *loguinho*. (MOURA NEVES, 2000, p. 234).

Do ponto de vista sintático, ou relacional, Moura Neves (2000, p. 234) explica que o advérbio é uma palavra periférica, isto é, ele funciona como satélite de um núcleo, podendo incidir sobre variados elementos lingüísticos, desde uma palavra até todo um enunciado. Nesse sentido, a autora apresenta que os advérbios podem operar sobre:

→ verbo

49) [...] *eu rezo sempre a ele*. (Projeto NURC/ D2 – 354- Inf. 1 -linha 897);

→ adjetivo ou sintagma com valor adjetivo

50) *É legal a Cidade Baixa, agora um lugar muito agradável que eu achei foi Parintins.* (Projeto NURC/ D2 – 354- Inf. 1 –linhas 113-114);

→ advérbio ou sintagma com valor adverbial

51) *É muito badalada o cinema do Iguatemi, mas é muito longe e aí eu não fui não.* (Projeto NURC/ D2 – 354- Inf. 1 -linha 897);

→ numeral

52) *O salário melhorou muito, mas eu era professora primária, uma babá de europita mil réis, e isso há 26 anos passados, 25 ou mais 29.* (Projeto NURC/ D2 – 354- Inf. 1 -linhas 154-156);

→ substantivo

53) [...] *lá em casa é uma epidemia agora.* (Projeto NURC/ D2 – 346- Inf. 1 -linha 415);

→ pronome

54) E por isso *mesmo* tão cansados e não querem saber de arriscar o emprego. (MOURA NEVES, 2000, p. 235);

→ a conjunção embora

55) Alguns inquéritos solicitados pelo Saps à polícia arrastam-se morosamente sem chegar à apuração policial dos crimes, *muito* embora as autoridades da mais alta hierarquia se empenhem nisso. (MOURA NEVES, 2000, p. 235).

Moura Neves (2000, p. 235) expõe que o advérbio é periférico em um enunciado, incidindo sobre a oração, ou proposição:

56) [...] *felizmente amanheceu o dia.* (Projeto NURC/ D2 – 354- Inf. 2 -linha 439));

e também é periférico no discurso, incidindo sobre todo o enunciado:

57) [...] *então, o carnaval daqueles tempos, se respeitava muito.* (Projeto NURC/ DID 14R – linhas 215-216)).

A autora defende a idéia de que os advérbios podem operar junção de sintagmas ou orações, pois, como afirma, alguns elementos, classificados, pela gramática tradicional, como conjunções coordenativas, são advérbios. As formas expostas à argumentação são: *porém, contudo, entretanto, todavia, no entanto*, que não preencheriam, sob testes que propõe, condições típicas de conjunções, a saber: a) nem sempre ocorrem encabeçando a

oração; b) podem coocorrer com outras conjunções coordenativas, inclusive com *e* e *mas*, apontadas como conjunções coordenativas prototípicas. Podem-se observar essas características nos exemplos que apresenta:

58) e a tribo está revoltada contra o teu procedimento? Esteve no começo (...) Quando, *porém*, souberam da verdade, não deram mais ao caso a mínima importância. (MOURA NEVES, 2000, p. 272) e

59) não havia ninguém. Pode escutar *entretanto* pisadas rápidas se afastando, em seguida um como tropel de cavalo. (MOURA NEVES, 2000, p. 275).

Tomando como enfoque a valência¹, Moura Neves (2000, p. 261) aborda os advérbios de acordo com os seguintes traços:

→ de transitividade, quando são completáveis

60) Parou *antes* de chegar em casa. (Moura Neves, 2000, p. 261)

→ de intransitividade, quando não são completáveis

61) Bentinho viu *logo* que o ataque a Jatobá não podia ser mais naquele tempo. (Moura Neves, 2000, p. 261).

O aspecto da grande mobilidade dos advérbios na ordem da frase ou do enunciado também é citado como um dos traços caracterizadores do advérbio. Ao tratar de advérbios de verificação, Moura Neves diz que “atuam como focalizadores da parte do enunciado que vem a seguir” (2000, p. 241). A referida autora lista casos em que os advérbios podem ser antepostos (a SADJs, a SNs) ou pospostos (a SADVs, a uma predicação); podem vir intercalados entre elementos do sintagma verbal; podem vir no início ou no final do enunciado.

A característica de alguns advérbios determinarem formas integrantes de seu escopo também é retratada por Moura Neves que faz referência a adverbiais que interferem na seleção mórfica de formas que integram o elemento sintático sobre o qual incidem. Nesse sentido, as formas *talvez* e *eventualmente* (para a autora, advérbios modalizadores asseverativos relativos) selecionam, respectivamente, o modo verbal subjuntivo, com raras

¹ Valência é o traço que implica na seleção de argumentos internos: o sintagma resultante pode, portanto ser, em conjunto, intransitivo, visto que não promove junção.

exceções, e o futuro do pretérito do indicativo, preferencialmente, como se vê dos seguintes exemplos:

62) *Eventualmente, poderia* testar o conhecimento teórico utilizado. (MOURA NEVES, 2000, p. 272) e

63) *Eventualmente*, quase por farra e não por prazer ou necessidade *cometia* uma reincidência. (MOURA NEVES, 2000, p. 272).

Moura Neves (2000, p. 249) também afirma que alguns advérbios podem funcionar sozinhos como respostas, conforme pode ser visualizado no exemplo a seguir:

64) se você recorre à História, verá que as concepções variam. Resposta: *exatamente*. (MOURA NEVES, 2000, p. 250).

De um ponto de vista semântico, Moura Neves (2002, p. 236) expõe que os advérbios formam uma classe heterogênea quanto à função e que tradicionalmente abrigam-se sob o rótulo de advérbios duas grandes subclasses:

- a. os advérbios modificadores – que afetam o significado do elemento sobre o qual incidem, fazendo uma predicação sobre as propriedades desses elementos, isto é, modificando-os.
- b. os advérbios não-modificadores – que não afetam o significado do elemento sobre o qual incidem.

Apresenta a autora, às páginas 236 a 241, a classificação que vem reproduzida, a seguir, com o objetivo de explicitar as características semânticas que são atribuídas aos adverbiais. A esse quadro foram acrescentados a título de exemplificação exemplos extraídos do *corpus* dessa Tese que vêm com a identificação do Projeto NURC.

Quadro 3 – Características semânticas dos adverbiais

<i>Características semânticas dos adverbiais (Segundo MOURA NEVES)</i>		
1. Modificadores	1.1. De modo: qualificam uma ação, um processo ou estado expressos num verbo ou num adjetivo	Exemplo: “Tenho uma cabeça que <i>pensa</i> muito <i>depressa</i> ”. (MOURA NEVES, 2000, p. 236).
	1.2. Intensificadores: intensificam o conteúdo de um adjetivo, um verbo ou um advérbio.	Exemplo: “[...] <i>mas, hoje o social esportivo é aquela roupa que até inclusive não usa gravata, né, tem... blazer mais claro.</i> ” (Projeto NURC/ DID 14R – linhas 48-50).
		1.3.1. Epistêmicos asseverativos: indicam uma crença, uma opinião, uma expectativa sobre a asserção. Exemplo: “[...] <i>realmente, ela sempre foi muito covarde [...]</i> ” (Projeto NURC/ D2 – 354- Inf. 2 -linha 258).

	1.3. Modalizadores: modalizam o conteúdo de uma asserção	1.3.2. Delimitadores: delimitam o ponto de vista sob o qual uma asserção pode ser considerada verdadeira. Exemplo: “O ferro já está <i>quase</i> afiado”. (MOURA NEVES, 2000, p. 237). 1.3.3. Deônticos: apresentam como obrigação uma necessidade. Exemplo: “Tinham <i>necessariamente</i> de estar exaustos, sedentos de sono e descanso, depois de tantos dias de provação”. (MOURA NEVES, 2000, p. 238). 1.3.4. Afetivos: indicam um estado de espírito do falante em relação ao conteúdo da asserção. Exemplo: “[...] <i>felizmente amanheceu o dia</i> ”. (Projeto NURC/ D2 – 354- Inf. 2 -linha 339).
2. Não-modificadores	2.1. Operam sobre o valor de verdade	2.1.1. De afirmação: Exemplo: “ <i>Inf. 2. E você seria a madrinha?</i> ”. (Projeto NURC/ D2 – 354- linhas 147-148). 2.1.2. De negação: Exemplo: “[...] <i>o shampoo... o creme... eu não uso ainda... não acostumei</i> ”. (Projeto NURC/ DID 14R – linha 441).
		2.2. Não operam sobre valor de verdade.
	2.2.2. de inclusão. Exemplo: “ <i>Laio apenas resmunga, mas não desperta</i> ”. (MOURA NEVES, 2000, p. 240).	
	2.2.3. de exclusão. Exemplo: Wj= índice diário da remuneração média, sendo “j” cada dia entre as datase “m”, inclusive, e “n”, <i>exclusive</i> . (MOURA NEVES, 2000, p. 240).	
	2.2.4. de verificação: Exemplo: “O outro sabe que não é <i>bem</i> assim”. (MOURA NEVES, 2000, p. 240).	
	2.3. Juntivos anafóricos: ocorrem numa oração ou num sintagma, referindo-se a alguma porção da oração ou do sintagma anterior.	2.3.1. Indicando contraste. Exemplo: “ <i>Alguns empresários, entretanto, preferem o sistema de parceria a 35%</i> ”. (MOURA NEVES, 2000, p. 241)
2.3.2. Indicando conclusão. Exemplo: “[...] <i>então... eu... eu, já não como peixe</i> ”. (Projeto NURC/ D2 – 362- Inf. 1- linha 781).		

Portanto, da abordagem de Moura neves (2000), pode-se depreender que os advérbios, no plano mórfico, são invariáveis e podem ser simples, perifrásticos (locucionais) e derivados; no plano sintático, são satélites de um elemento sintático, intra ou extra-sentencial, são não-juntivos e bastante deslocáveis na sentença e, no plano semântico, podem ser modificadores ou não do elemento que satelizam.

3.4 AS REFLEXÕES SOBRE O ADVÉRBIO NA PERSPECTIVA DE BECHARA

Segundo Bechara (2004, p. 274), o advérbio é a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial como exemplificam as frases:

65) “[...] *quando nós chegamos aqui não havia nenhuma casa [...]*”. (tempo, lugar e negação) (DID – 004/RE/70 – linhas 172)

66) “[...] *se introduz uma como que lingüeta de matéria plástica, para que o colarinho fique bem [...]*”.(modo) (DID – 159/SSA/70 – linhas 360-362)

67) “[...] *em casa eu ouvia muito [...]*”.(intensidade) (DID – 121/POA/70 – linha 50)

Conforme o autor aborda, o advérbio é constituído de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira, como mostram os exemplos dessa Tese e do autor em questão:

68) “[...] *quando estava em casa eu ouvia muito porque eu gosto de música [...]*”.(advérbio em referência ao verbo). (DID – 121/POA/70 – linhas 50-52)

69) “[...] *hoje não... se estuda doutra maneira comPLEtamente difeREnte [...]*”. (advérbio em referência ao adjetivo *diferente*) (DID – 06/POA/70 – linha 510)

70) José escreve *muito* bem. (BECHARA, 2004, p. 274) (advérbio em referência ao advérbio *bem*).

71) “[...] sinceramente... tem certos momentos que eu não sei como a psicologia... iria resolver essa questão de... de de de aÇÃO [...]”.(D2 – 266/RE/70 – linhas 275-276) (advérbio em referência a toda a declaração: tem certos momentos que eu não sei como a psicologia iria resolver essa questão de ação; o advérbio deste tipo geralmente exprime um juízo pessoal de quem fala).

Bechara (2004, p. 274) apresenta que os advérbios assinalam a posição temporal (os de tempo) ou espacial do falante (os de lugar), ou ainda o modo pelo qual se visualiza o “estado de coisas” designado na oração. O referido autor também chama atenção, assim como o fez Bomfim (1988), sobre certos advérbios que são assinalados

em função de modificador de substantivo, principalmente quando este é entendido não tanto enquanto substância, mas enquanto qualidade que esta substância apresenta:

72) “os cintos podem ser de material variado... geralmente de couro... creio que é o mais comum... largura variável... ou pode ser de matéria plástica... pode ser de... de elástico... de linha... de crochê... uma coisa assim”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 219-223)

Também certos advérbios funcionam como predicativo, à maneira dos adjetivos:

73) A vida é *assim*. (BECHARA, 2004, p. 274)

Bechara (2004, p. 274) também chama atenção para as combinações com advérbios esclarecendo que há advérbios de tempo e lugar que marcam melhor sua função ou designação mediante o emprego de uma preposição:

74) *Por agora*, estão encerrados os trabalhos. (BECHARA, 2004, p. 274)

75) “[...] *do quarto ano nós estão íamos ter aula na Santa Casa... aí nós começávamos a ter contato com os doENtes... só aí... que até então... nós só tínhamos... de huMAno na nossa FRENte... os cadáveres [...]*”.(DID – 06/POA/70 – linhas 337-341)

76) *Desde cedo* já havia compradores de ingresso. (BECHARA, 2004, p. 274)

77) *De longe* já se viam as chamas. (BECHARA, 2004, p. 274)

78) *Por aqui* se pode entrar na cidade. (BECHARA, 2004, p. 275)

79) “*Inf. 2- [...] eu acho que o estudante de hoje não vê sentido prático nisso que ele (es)tá dando na escola*”. (DID – 145/RE/70 – linhas 99-100)

80) Eles sempre se apresentam com as promessas *de sempre*. (BECHARA, 2004, p. 275)

Assim, o autor mostra que alguns advérbios – como as preposições – precedem o transpositor que para marcar a circunstância, formando o que a gramática tradicional chama de locuções conjuntivas adverbiais. A rigor, trata-se de um grupo de palavras que, por hipotaxe, funciona como conjunção.

81) *Agora que* tudo serenou, podemos retornar. (BECHARA, 2004, p. 275)

82) Sabíamos que ele estava errado *sempre que* gaguejava. (BECHARA, 2004, p. 275)

83) “*Inf. 2- [...] depois que o Guinde fundou os bondes lá em cima, tomou a compainha lá embaixo, acabou foi aí que uniformizaram os antigos bondes [...]*”. (D2-298/SSA/70 – linhas 279-278)

84) *Já que* não me responde, sinto-me desobrigado de convidá-lo. (BECHARA, 2004, p. 275)

85) *Assim que* chegou, começou a trabalhar. (BECHARA, 2004, p. 275)

Dessa forma, o autor chama atenção para certos advérbios que, graças à sua mobilidade posicional, se colocam – quase sempre no início – de maneira tal, que têm levado alguns gramáticos a classificá-los como conjunção coordenativa explicativa (causal), conclusiva etc. É o caso de advérbios como *pois, logo, entretanto, contudo, por conseguinte*, em construções do tipo:

86) Ele saiu cedo, *por conseguinte* encontrou facilidade de condução. (BECHARA, 2004, p. 275)

87) Tudo estava preparado, *logo* se poderia começar a reunião. (BECHARA, 2004, p. 275)

O autor também reflete sobre alguns advérbios que se constituem pela união de preposição a substantivos, adjetivos ou a próprio advérbio, apresentando-se, conforme a ortografia vigente, ora escritos numa só palavra, ora separadamente. Assim, menciona que unido o grupo a preposições tem-se um conjunto que, por hipotaxe, funciona como simples preposição a introduzir um adjunto adverbial: *apenas, em frente, em cima, depressa, debaixo, em baixo (embaixo), detrás* etc.

88) “[...] *no Ginásio Rosário... era comum... nós irmos... irmos... para atrás do quadro negro na aula com Todos os livros debaixo do braço [...]*”. (DID – 06/POA/70 – linhas 281-283) (sob o braço)

89) O carro estacionou *em frente da casa*. (BECHARA, 2004, p. 275)

90) “*esse trem era aquele trem de madeira... está ouvindo? E locomotiva puxada a carvão... então um bocado de fa/ fâisca caindo em cima da gente... e poeira à vontade durante... durante a viagem toda*”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 16-19) (sobre a gente)

Segundo o autor, construções como:

91) O vizinho escreveu *contra* o argumento. (BECHARA, 2004, p. 275)

permitem a passagem da preposição a advérbio pela redução da unidade introduzida pela preposição, construção breve, mas sem circulação freqüente no idioma:

92) O vizinho escreveu *contra*. (BECHARA, 2004, p. 276)

93) Já falei *a respeito*. (BECHARA, 2004, p. 276)

Numa perspectiva mais reflexiva de análise dos advérbios, Bechara (2004, p. 276) expõe, assim como Moura Neves (2000), que o advérbio estabelece a transição dos vocábulos variáveis para os invariáveis; a rigor não tem flexão propriamente dita, mas há uns tantos advérbios que admitem graus de qualidade como os nomes.

A respeito da locução adverbial, o autor informa que essa é o grupo geralmente constituído de preposição + substantivo (claro ou subentendido) que tem o valor e o emprego de advérbio. A preposição, funcionando como transpositor, prepara o substantivo para exercer uma função que primariamente não lhe é própria: *com efeito, de graça, às vezes, em silêncio, por prazer, sem dúvida* etc.

Na constituição das locuções adverbiais, o substantivo que nelas entra pode estar no masculino ou no feminino e no singular ou no plural, segundo as normas fixadas pela tradição.

Outras vezes o substantivo vem com acompanhante e pode ocorrer até a omissão do substantivo, em expressões fixas: *na verdade, de nenhum modo, em breve* (subentende-se tempo), *à direita* (ao lado de *à mão direita*), *à francesa* (subentende-se *à moda*) etc.

Freqüentemente se cala a preposição nas locuções adverbiais de tempo e modo:

94) Esta semana (por *nesta semana*) teremos prova. (BECHARA, 2004, p. 276)

95) Espingarda ao ombro (por *de espingarda ao ombro*), juntou-se ao grupo de pessoas. (BECHARA, 2004, p. 276)

Constituindo o advérbio uma classe de palavra muito heterogênea, torna-se difícil de atribuir-lhe uma classificação uniforme e coerente. Em geral, seu papel na oração se prende não apenas a um núcleo (verbo), mas se amplia na extensão em que se espraia o conteúdo manifestado no predicado. Isto lhe permite, em primeiro lugar, certa flexibilidade de posição não só no espaço em que se prolonga o predicado (com seu núcleo verbal), mas se estende aos domínios de sujeito, podendo anteceder-lo ou vir-lhe posposto. Este papel singular do advérbio lhe dá também certa autonomia fonológica, de contorno entonacional muito variado, a serviço do intuito comunicativo do falante.

Assim, há advérbios de papel semântico-sintático mais internamente ligados ao núcleo verbal (e estes não gozam das flexibilidades de posição e entoação atrás referidas), e há os advérbios mais extremamente ligados ao núcleo verbal. Daí escapar ao analista uma classificação unitária que abarque todos os casos possíveis.

Na classificação do advérbio, ora se pauta pelos valores léxicos (semânticos) das unidades que o constituem, ora por critérios funcionais. No primeiro caso, são os advérbios classificados como denotadores de tempo (agora, antes, tarde etc.), de lugar (aqui, fora etc.), de quantidade (tanto, muito, bastante etc.), de quantidade (tanto, muito, bastante etc.) pelo segundo critério, tem-se os demonstrativos (aqui, então, agora, aí etc), os relativos (onde, como, quando etc) e interrogativos (quando? onde? como?).

Segundo Bechara (2004, p. 276), as principais circunstâncias expressas por advérbio ou locução adverbial são:

- 1) *assunto*: “*Inf. 1- olha I. ... eu... como você sabe... u::ma pessoa um diretor lá da Folha... certa feita me chamou... e me incumbiu de escrever sobre televisão[...]*”. (D2– 333/SP/70 – linhas 3-5)
- 2) *causa*: *Morrer de fome*. (BECHARA, 2004, p. 276)
- 3) *companhia*: “[...] *ia pro colégio com a com as irmãs mais moças*”. (DID – 06/POA/70 – linhas 80-81)
- 4) *concessão*: “[...] *apesar de ser... feito muitos anos após o Michigan fiz em quinquen/sessenta e seis... já não era muito criança também... competi com outros... colegas... e:: ... me sai muito bem [...]*”. (DID – 344/POA/70 – linhas 38-42)
- 5) *condição*: *Só entrará com autorização. Não sairá sem licença*. (BECHARA, 2004, p. 277)
- 6) *conformidade*: *fez a casa conforme a planta*. (BECHARA, 2004, p. 277)
- 7) *dúvida*: “[...] *não não fiquei à margem já desde o primeiro vestibular... e se fosse hoje... possivelmente ficaria à margem talvez um ano dois anos e talvez toda vida... porque hoje... eu sei que é muito difícil uma classificação [...]*”. (DID – 06/POA/70 – linhas 19-23)
- 8) *fim*: “[...] *agora... estou sem empregada... mas ela está só procurando... dar à filha... as melhores oportunidades para que estude e está incentivando... e está procurando entende? ah:: DESVIA-la da necessidade de se tornarem domésticas [...]*”. (DID – 344/POA/70 – linhas 626-631)
- 9) *instrumento*: *Escrever com lápis*. (BECHARA, 2004, p. 277)
- 10) *intensidade*: “*Inf. 1- agora... eu acho () éh éh estamos vendo... a tentativa de um cinema... mais... expressivo do que seja... do Brasil [...]*”. (D2– 333/SP/70 – linhas 694-696)
- 11) *lugar*: “*Inf. 1- [...] nós estamos aqui dando um depoimento sobre esse aspecto da linGUAgem [...]*”. (D2– 333/SP/70 – linhas 65-66)

- 12) *modo*: “[...] vou confessar porque disseram que eu tenho que dizer tudo aquilo... honestamente que estou pensando [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 122-124)
- 13) *referência*: O que nos sobra em glória de ousados e venturosos navegantes, minguanos em fama de enérgicos e previdentes colonizadores. (BECHARA, 2004, p. 277)
- 14) *tempo*: “[...] o Beco de Maria Paz... por exemplo... O beco era o tipo de rua que hoje está realmente desaparecendo?” (DID – 094/SSA/70 – linhas 169-170)
- 15) *negação*: “Inf. 2- H. ... nós estamos num país em que durante alguns anos não houve prova de redação de português... o o que você quer mais depois disto?”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 137-139)

Bechara (2004, p. 278) no que toca particularmente a certos advérbios, assim como Bomfim (1988) e Moura Neves (2000), chama atenção para a camada da antitaxe, que diz respeito à retomada ou substituição de uma unidade de um plano gramatical qualquer, já presente ou virtualmente presente ou previsto no discurso, poder ser retomada ou antecipada por outra unidade, num ponto do discurso individual ou dialogado. A substituição ou retomada já vinha sendo posta em evidência pela gramática tradicional no caso dos pronomes; mas a noção da antitaxe é mais ampla e vai desembocar no papel textual de alguns advérbios, como pode ser percebido nos exemplos 96), 97), 98) e 99).

Nesse sentido, o autor esclarece que não são advérbios mas substitutos de oração (proorações ou protextos) *sim*, *não*, *talvez*, *também*, quando retomam, como respostas, enunciados textuais:

- 96) “Inf. 1. Então... o senhor recita pra ela?
Inf. 2. Não”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 495-496)
- 97) Você vai ao cinema? – *Talvez*. (BECHARA, 2004, p. 278)
- 98) Ela fez os exercícios? – *Sim*. (BECHARA, 2004, p. 278)
- 99) Tu não foste escolhido? *Também*. (BECHARA, 2004, p. 278)

Segundo o autor, estão no mesmo caso as unidades de valor circunstancial (advérbios) que aparecem em orações do tipo seguinte, mas que retomam “estados de coisas” designados ou intuídos anteriormente, que exprimem relações ligadas ao sentido do discurso:

- 100) *De fato* nós saímos cedo. (BECHARA, 2004, p. 278)
- 101) Isto, *sem dúvida*, está errado. (BECHARA, 2004, p. 278)

Estes casos de antitaxe (retomada ou substituição) se combinam com outra camada de estruturação gramatical que é a hipertaxe ou superordenação, fenômeno pelo qual uma

unidade de camada inferior pode funcionar sozinha em camadas superiores. É o caso de advérbios em –mente quando saem da camada no nível da palavra para funcionar no nível da cláusula e daí no nível da oração ou do texto, em exemplos como:

102) *Certamente!* (BECHARA, 2004, p. 279)

103) *Naturalmente!* (BECHARA, 2004, p. 279)

Ambos no nível da oração e do texto, ou em:

104) *Certamente* ela não virá hoje. (BECHARA, 2004, p. 279)

105) “*Inf. 1- [...] agora no cinema parece também que está havendo essa desvinculação... do figurino europeu do figurino americano... infelizmente há muito também da chamada pornochanchada não é?*”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 670-674)

106) “[...] *íamos pro vestibular na faculdade... naturalmente um vestibular/vestibular diferente de hoje... o número de vagas... geralmente... era maior que o número de candidatos [...]*”. (DID – 06/POA/70 – linhas 14-18)

todos no nível da cláusula-comentário.

Bechara (2004, p. 293) menciona que também merecem referência especial os advérbios que estão no papel de diferenciar as orações pelo seu valor de existência que se atribui ao “estado de coisas” designado pela oração (existência certa, negada, duvidosa, desejada etc), como também aborda Bomfim (1988), é o caso dos advérbios de negação e de dúvida.

107) Ele veio/ Ele *não* veio. (BECHARA, 2004, p. 279)

108) Ela chega/ Ela *talvez* chegue. (BECHARA, 2004, p. 279)

Além desse aspecto, o autor acrescenta que o advérbio, pela sua origem e significação, prende-se a nomes e pronomes, havendo, por isso, advérbios nominais e pronominais.

Entre os nominais se acham aqueles formados de adjetivos acrescidos do sufixo –*mente*: *rapidamente* (=de modo rápido), *pessimamente*. Na realidade ficam a meio caminho, fonológica e morfologicamente, da derivação e da composição (locução).

Entre os pronominais apresentam-se:

109) *demonstrativos*: aqui, aí, acolá, lá cá. (BECHARA, 2004, p. 280)

110) *relativos*: onde (em que), quando (em que), como (por que). (BECHARA, 2004, p. 280)

111) *indefinidos*: algures, alhures, muito, pouco, que. (BECHARA, 2004, p. 280)

112) *interrogativos*: onde?, quando?, como?, por que? (por quê?). (BECHARA, 2004, p. 280)

Os advérbios relativos, como os pronomes relativos, servem para referir-se a unidades que estão postas na oração anterior. Assim, nas idéias de lugar emprega-se onde, em vez de em que, no qual (e flexões):

113) “*Inf. 2- A Avenida Sete de Setembro foi (inint) com aquela abertura onde tem o quartel no Forte de São Pedro [...]*” (D2 – 298/SSA/70 – linhas 157-158)

Precedidos da preposição *a* ou *de*, grafa-se *aonde* e *donde*:

114) O sítio *aonde* vais é pequeno. (BECHARA, 2004, p. 280)

115) É bom o colégio *donde* saímos. (BECHARA, 2004, p. 280)

Ainda como os pronomes relativos, os advérbios relativos podem empregar-se de modo absoluto, isto é, sem referência a antecedente:

116) Moro *onde* mais me agrada. (BECHARA, 2004, p. 280)

Os advérbios interrogativos de base pronominal se empregam nas perguntas diretas e indiretas em referência ao lugar, tempo, modo ou causa:

117) Onde está estudando o primo? Ignoro onde estuda. (BECHARA, 2004, p. 280)

118) Quando irão os rapazes? Não sei quando irão os rapazes. (BECHARA, 2004, p. 280)

119) Como fizeram o trabalho? Perguntei-lhes como fizeram o trabalho. (BECHARA, 2004, p. 280)

120) Por que chegaram tarde? Dir-me-ás por que chegaram tarde. (BECHARA, 2004, p. 280)

Em seu estudo, Bechara (2004, p. 281) aborda que muitos adjetivos, permanecendo imóveis na sua flexão de gênero e número, podem passar a funcionar como advérbio:

121) Fala *claro* na hora da sua defesa. (BECHARA, 2004, p. 281)

122) Compraram *caro* a fazenda. (BECHARA, 2004, p. 281)

123) Agora estão vivendo *melhor*. (BECHARA, 2004, p. 281)

Segundo o autor, o critério formal de diferenciação das duas classes de modificador (adjetivo: modificador nominal; advérbio: modificador verbal) é a variabilidade do primeiro e a invariabilidade do segundo:

124) Eles vendem muito *cara* a fruta. (adjetivo) (BECHARA, 2004, p. 280)

125) Eles vendem *caro* a fruta. (advérbio) (BECHARA, 2004, p. 280)

Apesar de expor tais exemplos, o autor reconhece que a concordância atrativa e intenções estilísticas e rítmicas podem desfazer as fronteiras apontadas.

Ainda fazendo um paralelo dos adjetivos com os advérbios, o autor expõe que certos advérbios, principalmente os de modo, podem manifestar uma relação intensificadora gradual, empregando-se, no comparativo e superlativo, de acordo com as regras que se aplicam aos adjetivos que se procurou esboçar na forma do quadro 4:

Quadro 4 – Os advérbios e suas relações intensificadoras graduais

COMPARATIVO DE	a) <i>inferioridade</i> : Falou <i>menos</i> alto <i>que</i> (ou <i>do que</i>) o irmão.	
	b) <i>igualdade</i> : Falou <i>tão</i> alto <i>quanto</i> (ou <i>como</i>) o irmão.	
	c) <i>superioridade</i> :	1) <i>analítico</i> : Falou <i>mais</i> alto <i>que</i> (ou <i>do que</i>) o irmão.
2) <i>sintético</i> : Falou <i>melhor</i> (ou <i>pior</i>) <i>que</i> (ou <i>do que</i>) o irmão.		
SUPERLATIVO ABSOLUTO	a) <i>sintético</i> : Falou <i>pessimamente</i> , <i>altíssimo</i> , <i>baixíssimo</i> , <i>difícilimo</i> .	
	b) <i>analítico</i> : Falou <i>muito</i> ruim, <i>muito</i> alto, <i>extremamente</i> baixo, <i>consideravelmente</i> difícil, <i>o mais</i> depressa possível (indica o limite da possibilidade).	

Segundo Bechara (2004, p. 281), tais intensificações ou gradações do advérbio – como do adjetivo – se expressam por estruturas sintáticas que devem merecer atenção no estudo dos padrões frasais do português.

Nesse sentido, o autor também expõe que, em linguagem familiar, pode-se expressar o valor superlativo do advérbio pela sua forma diminutiva, combinada com o valor lexical das unidades que com ele concorrem:

126) Andar *devagarzinho* (muito devagar, um tanto devagar). (BECHARA, 2004, p. 282)

127) Saiu *agorinha*. (BECHARA, 2004, p. 282)

128) Acordava cedinho e só voltava à *noitinha*. (BECHARA, 2004, p. 282)

Acerca desses advérbios, o autor informa que o diminutivo das fórmulas de recomendação não indica mais lentidão ou ligeireza da realização do fato, mas serve para expressar ou acentuar a recomendação como mostram os exemplos:

129) Vá *depressinha* apanhar o meu chapéu. (BECHARA, 2004, p. 282)

130) É bom que estudes *devagarinho*. (BECHARA, 2004, p. 282)

Nesse sentido, o percurso que se procurou tratar para os advérbios, na perspectiva de Bechara, permite a síntese que a seguir se apresenta:

Quadro 5 – Síntese da reflexão sobre advérbio na perspectiva de Bechara

ADVÉRPIO	<p>⇒ É a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial. Ex.: “<i>Aqui</i> tudo vai <i>bem</i>”. (lugar e modo). (BECHARA, 2004, p. 287)</p> <p>⇒ É constituído de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira. Ex.: “<i>Felizmente</i> José chegou”. (BECHARA, 2004, p. 288) (advérbio em referência a toda a declaração: José chegou;).</p>
LOCUÇÃO ADVERBIAL	<p>⇒ É o grupo geralmente constituído de preposição + substantivo (claro ou subentendido) que tem o valor e o emprego de advérbio. Ex.: “<i>Nesta semana</i> teremos prova”. (BECHARA, 2004, p. 290)</p>
CIRCUNSTÂNCIAS ADVERBIAIS	<p>⇒ São as circunstâncias expressas por advérbio ou locução adverbial: <i>assunto, causa, companhia, concessão, condição, conformidade, dúvida, fim, instrumento, intensidade, lugar, modo, referência, tempo e negação</i>. Ex.: “<i>Conversar sobre</i> música”. (BECHARA, 2004, p. 290)</p>
COMBINAÇÕES COM ADVÉRBIOS	<p>⇒ Referem-se aos advérbios de tempo e lugar que marcam melhor sua função ou designação mediante o emprego de uma preposição. Ex.: “<i>Por agora</i>, estão encerrados os trabalhos”. (BECHARA, 2004, p. 288)</p>
ADVÉRPIO E PREPOSIÇÃO	<p>⇒ Refere-se aos casos que permitem a passagem da preposição a advérbio pela redução da unidade introduzida pela</p>

	preposição, construção breve, mas sem circulação freqüente no idioma. Ex.: “O vizinho escreveu <i>contra</i> o argumento”. (BECHARA, 2004, p. 289)
ADVERBIALIZAÇÃO DE ADJETIVO	⇒ Refere-se aos casos de muitos adjetivos, que permanecendo imóveis na sua flexão de gênero e número, podem passar a funcionar como advérbio. Ex.: “Eles vendem muito <i>cara</i> a fruta”. (adjetivo) (BECHARA, 2004, p. 280) e “Eles vendem <i>caro</i> a fruta”. (advérbio) (BECHARA, 2004, p. 280)
INTENSIFICAÇÃO GRADUAL DOS ADVÉRBIOS	⇒ Refere-se a certos advérbios, principalmente os de modo, que podem manifestar uma relação intensificadora gradual, empregando-se, no comparativo e superlativo, de acordo com as regras que se aplicam aos adjetivos. Ex.: “Falou <i>pessimamente</i> ”. (BECHARA, 2004, p. 295)
O PLANO TRANSFRÁSTICO E OS ADVÉRBIOS	⇒ Refere-se a alguns advérbios que podem exercer o papel de substituto de uma oração: “ <i>Inf. 1. Então... o senhor recita pra ela?</i> <i>Inf. 2. Não</i> ”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 495-496)

3.5 ADVÉRBIOS DE TEMPO

Este item se constrói a partir das considerações sobre os advérbios de tempo expostos na obra *Advérbios* de Eneida Bomfim (1988) e na *Gramática de Usos do Português* de Maria Helena de Moura Neves (2000). As noções expostas pelos autores que serão de grande valia para a constituição das observações sobre os advérbios de tempo na medida em que explicitam e discutem a parte teórica embutida nos conceitos das gramáticas e esclarecem, numa linguagem bastante acessível, sobre os critérios de estudos para os advérbios de tempo.

3.5.1 Os Advérbios de Tempo na visão de Bomfim

Conforme Bomfim (1988, p. 27), costuma-se dizer que os advérbios de tempo devem responder à pergunta: *quando?*. As gramáticas incluem, na mesma lista: *hoje, amanhã, ontem, agora* e outros como *cedo, tarde, antes, depois, nunca, sempre* etc. Nesse sentido, o primeiro passo que se pode notar é que *cedo* e *tarde* não respondem a essa pergunta, no entanto não é esse o único traço que o diferencia dos demais.

Para disciplinar as observações acerca dos advérbios de tempo, a referida autora constitui

cinco subgrupos (*cedo/tarde, ontem/hoje/amanhã, antes/depois, antigamente/atualmente/futuramente* e *nunca/sempre/às vezes*) com base numa maior afinidade semântica entre os componentes. Posteriormente, verifica se os agrupamentos são sintaticamente pertinentes.

Começando pelo subgrupo constituído pelo par *cedo/tarde*, a autora observa os exemplos:

131) João dorme *cedo/tarde*. (BOMFIM, 1988, p. 27)

132) João falou *cedo/tarde*. (BOMFIM, 1988, p. 27)

133) João começou a trabalhar *cedo/tarde*. (BOMFIM, 1988, p. 27)

Conforme expõe a autora, nesses três casos supracitados, o elemento em estudo se liga ao processo verbal. Não se pode, entretanto, dizer que indique posição no tempo em relação ao momento em que se fala, nem tampouco a um momento focalizado a não ser que esse seja entendido como um ponto neutro convencional, impreciso, subjetivo, com respeito ao qual houvesse uma anterioridade (*cedo*) e uma posterioridade (*tarde*). Nesse sentido, Bomfim (1988, p. 28) apresenta as seguintes características desse subgrupo:

→ *Cedo/tarde* podem coocorrer com outros indicadores de tempo como mostram os exemplos:

134) Chegou *cedo* hoje. (BOMFIM, 1988, p. 28)

135) Virá *cedo* amanhã. (BOMFIM, 1988, p. 28)

136) Chegou *tarde* hoje. (BOMFIM, 1988, p. 28)

137) Virá *tarde* amanhã. (BOMFIM, 1988, p. 28)

A respeito desses exemplos, a autora menciona que *cedo* e *tarde* referem-se ao processo verbal, ou seja, tem-se a determinação de advérbio por advérbio.

→ *Cedo/tarde* podem ser intensificados, mesmo que ocorram com outros indicadores de tempo.

138) O padeiro costuma passar *bem cedo*. (BOMFIM, 1988, p. 29)

139) O jornalista passou *hoje bem cedo*. (BOMFIM, 1988, p. 29)

140) O carteiro passou *bem cedo hoje*. (BOMFIM, 1988, p. 29)

141) Costumo acordar *muito cedo*. (BOMFIM, 1988, p. 29)

142) Pretendo acordar *muito cedo amanhã*. (BOMFIM, 1988, p. 29)

143) Só vou fazer as malas, *amanhã bem cedo*. (BOMFIM, 1988, p. 29)

144) Ele chegou *cedo demais hoje*. (BOMFIM, 1988, p. 29)

A respeito dos exemplos, a autora comenta que as leituras de 138) e 139) são diferentes assim também como de 142) e 143). Em 144) observa a posposição de *hoje*, a *cedo demais*, o que reforça o caráter da sua incidência sobre *cedo* e não sobre o verbo.

Outro subgrupo apresentado é *ontem/hoje/amanhã* que permite uma localização no tempo a partir de pontos referenciais precisos.

Hoje indica uma coincidência entre o tempo do enunciado e o momento de sua emissão, tomando como ponto de referência uma extensão definida, o dia (24 horas). Em outras palavras, *hoje* indica o espaço de 24 horas no qual está inserido o momento da enunciação.

Ontem e amanhã indicam respectivamente o dia antes de hoje e o dia depois de hoje e estão, conseqüentemente relacionados à anterioridade no tempo (passado) e à posterioridade (futuro). Referem-se ao enunciado todo, ao fato ou acontecimento tomado globalmente e também ao verbo. Da sua posição depende a interpretação da frase.

145) João chegou da Europa *hoje*. (BOMFIM, 1988, p. 30)

146) *Hoje* João chegou da Europa. (BOMFIM, 1988, p. 30)

147) João *hoje* chegou da Europa. (BOMFIM, 1988, p. 30)

148) João chegou *hoje* da Europa. (BOMFIM, 1988, p. 30)

Segundo a autora, como um fato ou acontecimento pode também ser expresso por construções nominais, essas também podem estar sujeitas a esse tipo de determinação, como mostra o exemplo a seguir:

149) A chegada de João *hoje* atrapalhou meus planos. (BOMFIM, 1988, p. 30)

A respeito desse subgrupo, Bomfim (1988, p. 31) explica que *ontem/hoje/amanhã* se diferenciam do subgrupo anterior *cedo/tarde* por: não serem passíveis de intensificação;

terem um ponto de referência no contexto extralingüístico do mesmo modo que os pronomes.

Além dessa identificação com os pronomes, a autora aponta o fato de eles exercerem a função de sujeito, como exemplificam as frases:

150) *Hoje e amanhã* são dias de festa. (BOMFIM, 1988, p. 31)

151) *Ontem* foi um dia péssimo. (BOMFIM, 1988, p. 31)

152) *Amanhã* será outro dia. (BOMFIM, 1988, p. 31)

Exposto isto, a autora refere-se à necessidade de refletir sobre a pertinência da inclusão desses elementos na classe dos advérbios, pois embora partilhem com os advérbios a noção de tempo e respondam à pergunta *quando?*, por outro lado, partilham com os pronomes a dêixis, a referência e a possibilidade de exercer a função de sujeito.

O terceiro subgrupo analisado por Bomfim (1988) é o de *antes/depois*, que também pode ser usado, segundo a autora, com respeito ao espaço. Como indicador de tempo, expressa uma relação de anterioridade ou de posterioridade, a partir de um ponto de referência que tanto pode ser exterior ao enunciado (o momento da emissão) quanto pertencente a ele, como mostram os exemplos:

153) *Antes* você gostava de passear. (ponto de referência externo) (BOMFIM, 1988, p. 32)

154) Feche as janelas, *depois* apague as luzes. (ponto de referência interno) (BOMFIM, 1988, p. 32)

155) Devo viajar, mas *antes* comunico-me com você. (ponto de referência interno) (BOMFIM, 1988, p. 32)

Acerca desses exemplos, Bomfim (1988, p. 32) comenta que em 153) a idéia de anterioridade é vaga. Indica que a declaração contida no enunciado é válida quanto a uma época anterior a sua emissão. Em 154) e 155), existe uma ordenação cronológica dos fatos. Nos três casos a localização no tempo diz respeito à oração inteira, mas não especificamente ao verbo.

Segundo a autora, as principais características deste subgrupo são:

→ Ao contrário dos subgrupos anteriores, pode vir seguido de um termo estruturado com preposição + substantivo ou pronome, o qual constitui ponto de referência da localização temporal como em:

156) Venha *depois do jantar*. (BOMFIM, 1988, p. 32)

157) Chegou *antes de mim*. (BOMFIM, 1988, p. 32)

→ Pode ocorrer com outros indicadores de tempo, esteja ou não explícito o ponto de referência como em:

158) Todos os dias espero o sinal, *hoje* vou sair *antes*, *amanhã* talvez saia *depois*.
(BOMFIM, 1988, p. 32)

159) Chegou hoje *antes de mim*. (BOMFIM, 1988, p. 32)

→ É passível de intensificação como em:

160) Só saiu *bastante depois* do jantar. (BOMFIM, 1988, p. 33)

161) Chegou hoje *muito antes* de mim. (BOMFIM, 1988, p. 33)

Nos exemplos 156), 157), 159), 160) e 161), *antes* e *depois* estão formando, com a preposição *de*, uma locução prepositiva.

Outro subgrupo apresentado por Bomfim (1988, p. 33) é *antigamente/atualmente/futuramente*. Sobre eles, a autora expõe que não estão ligados a um ponto de referência definido. Prendem-se a passado, presente e futuro, de uma maneira geral, e não a partir do momento do ato de fala. Não são dêiticos, portanto. Estão ligados, também, à categoria de aspecto, como se pode observar:

162) *Antigamente* chegava (e não, chegou) às dez horas. (BOMFIM, 1988, p. 33)

163) *Atualmente* chega às dez horas. (BOMFIM, 1988, p. 33)

164) *Futuramente* chegará às dez horas. (BOMFIM, 1988, p. 33)

Os exemplos 163) e 164) demonstram que, em *atualmente* e *futuramente*, tempo e espaço estão fundidos. O exemplo 162) não é esclarecedor, pelo fato de o verbo estar no imperfeito.

Comparando esses elementos com os subgrupos anteriores, Bomfim (1988, p. 33) explicita que: referem-se ao enunciado; não são passíveis de intensificação; podem coocorrer com *cedo/tarde*, na mesma frase (neste caso, *cedo/tarde* relacionam-se ao verbo).

O último subgrupo apresentado por Bomfim é *nunca/sempre/às vezes*. Segundo a autora, embora estes elementos respondam à pergunta *quando?*, indicam frequência, hábito, repetição. Estão mais ligados, portanto, a categoria de aspecto. A respeito desse subgrupo, a autora apresenta os seguintes exemplos:

165) Eu durmo *sempre* bem. (BOMFIM, 1988, p. 34)

166) Eu durmo bem *sempre*. (BOMFIM, 1988, p. 34)

167) Eu durmo *sempre* cedo. (BOMFIM, 1988, p. 34)

168) Eu durmo cedo *sempre*. (BOMFIM, 1988, p. 34)

169) Eu durmo *sempre* às dez horas. (BOMFIM, 1988, p. 34)

170) Eu durmo às dez horas *sempre*. (BOMFIM, 1988, p. 34)

A partir desses exemplos, a autora comenta que a frequência pode incidir em 165) e 167) (no modificador do verbo); em 166), 168) e 170) (em toda a oração); em 169) (no adjunto adverbial; no caso, o horário de dormir).

A respeito de *nunca*, a autora explica que essa palavra expressa a frequência reduzida a zero; por isso, pode confundir-se com o tempo. Corresponde: à ausência de frequência; a tempo nenhum. Nesse sentido, o caráter freqüentativo de *nunca* pode ser comprovado pela oposição:

Nunca (nenhuma vez)	X	Sempre (todas as vezes) muitas vezes às vezes
------------------------	---	---

Frequência negativa	Frequência positiva
---------------------	---------------------

Concluindo as reflexões sobre os advérbios de tempo, a autora expõe que é possível acreditar que os agrupamentos, propostos inicialmente a partir da afinidade semântica dos elementos integrantes dos mesmos, evidenciaram-se pertinentes do ponto de vista do seu comportamento lingüístico, como se pode verificar no resumo a seguir proposto por Bomfim (1988, p. 35):

Quadro 6- Resumo sobre os advérbios de tempo na perspectiva de Bomfim

cedo/tarde	<ul style="list-style-type: none">• são passíveis de intensificação;• coocorrem com outros indicadores de tempo, embora com incidências diferentes;• ligam-se ao processo verbal ou a um elemento dêitico (hoje/amanhã);• não respondem à pergunta: <i>quando?</i>.
ontem/hoje/amanhã	<ul style="list-style-type: none">• não são passíveis de intensificação;• coocorrem com outros indicadores de tempo;• da sua posição depende a interpretação da frase;• são dêiticos; como os pronomes, têm um

	<p>ponto de referência extralingüístico; identificam-se ainda com os pronomes pelo fato de poderem exercer a função de sujeito;</p> <ul style="list-style-type: none"> • respondem à pergunta: <i>quando?</i>.
antes/depois (também usado com relação ao espaço)	<ul style="list-style-type: none"> • são passíveis de intensificação; • coocorrem com outros indicadores de tempo; • podem juntar-se à preposição <i>de</i> para formar locução prepositiva; • respondem à pergunta: <i>quando?</i>.
antigamente/atualmente/futuramente	<ul style="list-style-type: none"> • não são passíveis de intensificação; • podem coocorrer com <i>cedo/tarde</i>, quando esses incidem sobre os verbos; • relacionam-se a toda a frase; • respondem à pergunta: <i>quando?</i>.
nunca/sempre/às vezes	<ul style="list-style-type: none"> • não são passíveis de intensificação; • não coocorrem com outros indicadores de tempo; • podem relacionar-se com toda a frase ou são modificadores de verbos; • respondem à pergunta: <i>quando?</i>, mas indicam a frequência, o hábito, a repetição.

Esse resumo esquemático permite uma visão de conjunto que autoriza uma subclassificação dos advérbios de tempo, no entanto, a autora faz ressalva a *ontem/hoje/amanhã* que deveriam ser incluídos na classe dos pronomes. A autora também chama atenção para o fato de o momento da enunciação *agora* estar inserido no espaço de 24 horas, convencionalmente designado por *hoje*. *Ontem* ser o dia anterior e *amanhã*, o posterior. Essas indicações, que dizem respeito à comunicação interpessoal, têm correspondentes na narrativa. Assim, o advérbio *agora* corresponde a *então*; *ontem* equivale a expressão *na véspera*; *amanhã* é correspondente a *no dia seguinte*.

3.5.2 Os Advérbios de Tempo na visão de Moura Neves

Moura Neves (2000, p. 256) apresenta que os advérbios de tempo fazem parte da classificação dos advérbios circunstanciais. Segundo esclarece a referida autora, o tempo é uma categoria dêitica, isto é, categoria que faz orientação por referência ao falante e ao

aqui-agora, que constituem o complexo modo-temporal que fixa o ponto de referência do evento de fala.

Nesse sentido, a autora declara que o subagrupamento básico dos advérbios circunstanciais é governado pelas relações que se dão dentro do enunciado e pelas relações que se dão entre enunciado e enunciação. Dessa forma, existem, entre os advérbios de tempo, dois tipos de elementos: advérbios em si mesmos fóricos e advérbios não-fóricos.

Os advérbios de tempo fóricos indicam circunstância, que é referida ao momento da enunciação, numa escala de proximidade temporal. Um exemplo é *hoje*, que pode indicar um período (maior ou menor) considerado próximo do momento da enunciação, e, portanto, ligado ao enunciador. Isso pode ser percebido no seguinte exemplo:

171) “[...] *eu acho que o ensino era melhor por isso... não... por/ porque nós tínhamos aquela possibilidade de ter os professores que se dedicavam MUITO mais do que hoje [...]*”. (Projeto NURC/ DID – 242/SP/70 – linhas 199-201)

Por outro lado, a expressão de tempo também pode ligar-se a escalas concretas de medição determinadas fisicamente: a relação com o momento da enunciação (o falante-agora) pode representar um período demarcado. Um exemplo disso é *hoje*, que pode significar “neste dia do calendário civil em que o falante emite o enunciado”, como em:

172) “[...] *eu gosto de planta... hoje mesmo saiu nessas revistas... CLÁudia saiu como cultivar plantas [...]*”. (Projeto NURC/ DID – 156/RE/70 – linhas 301-302).

Moura Neves (2000, p. 259) acrescenta que os advérbios não ligados a escalas concretas de medição, como *agora*, não exprimem momento ou período fisicamente delimitado; apresentam variação de abrangência que pode reduzir-se a um mínimo (pontual), mas pode abranger um período maior ou menor, não só do presente, mas também do passado ou do futuro, desde que toque o momento da enunciação ou se aproxime dele, como em:

173) “*Inf. 2- [...] quando eu era pequena diziam que era extremamente difícil criar peru... mas agora... a gente vê tanto peru... que eu tenho impressão que eles já descobriram uma técnica de... tratar o peru... uma coisa muito mais aperfeiçoada né?*”. (Projeto NURC/ D2 – 374/RJ/70 – linhas 307-310)

Os advérbios de tempo não-fóricos, por sua vez, efetuam simplesmente a expressão da circunstância de tempo que pode estar indicada por meio da idéia de cedo/tarde, que dá

idéia da relação de um momento ou período inicial/final com um período includente, como pode ser percebido em:

174) Meu marido é um homem muito regrado, querida. Dorme sempre *cedo*.
(MOURA NEVES, 2000, p. 259).

Além da noção de cedo/tarde, também abordada no estudo desenvolvido por Bomfim (1988), o fator tempo pode ser expresso por meio da idéia antes/depois, que denota a relação de anterioridade/posterioridade de um período ou momento com outro, como pode ser percebido em:

175) “[...] *you enter the gate... there is a ramp... then there is the house... then there is another ramp... there is a pool... there is a kiosk... then there is a garden* [...]”. (Projeto NURC/ D2 – 362- Inf. 2 -linhas 83-84)).

Moura Neves (2000, p. 260) chama a atenção para o fato de que havendo referenciação fórica no sintagma, ela pode ter expressão em um complemento iniciado por preposição, conforme pode ser percebido em:

176) “[...] *after... the death of my mother, I went to Amargosa*”. (Projeto NURC/ D2 – 357- Inf. 2 -linha 86)).

A autora também esclarece que os advérbios de tempo denotam circunstância relativa a participantes localizáveis no tempo, podendo ser tanto os fóricos como os não-fóricos, como pode ser visualizado no exemplo:

177) “[...] *today... now... at four o'clock will be buried the largest superintendent of the Hospital das Clínicas already had... J. C., J. M. [...]*”. (Projeto NURC/ D2 – 354- Inf. 1 -linhas 650-651)).

Segundo mostram as observações de Moura Neves (2000, p. 260), os advérbios também apresentam a função adjuntiva adverbial, pois o advérbio é periférico, ou satélite, no sintagma verbal. Dessa forma, ele efetua circunstanciação, sendo locativo (no tempo) do estado de coisas. Assim, podem comportar-se como adjuntos os advérbios fóricos e não-fóricos, como pode ser visto em:

178) Fala *logo*, Veludo! (MOURA NEVES, 2000, p. 260).

Uma das funções dos advérbios de tempo é a função adjuntiva adnominal, pois o advérbio é periférico no sintagma nominal, efetuando circunstanciação de nome de algo que seja situável no tempo. Nessa perspectiva, tanto os fóricos como os não fóricos podem comportar-se como adjuntos adnominais, como pode ser visto em:

179) “[...] *lá em casa é uma epidemia agora* [...]”. (Projeto NURC/ D2 – 346- Inf. 1 - linha 415));

Por último, a autora apresenta a função juntiva dos advérbios e acrescenta que há circunstanciais que operam na esfera das relações e processos, efetuando junções temporais de enunciados, de orações ou de sintagmas, conforme mostra o exemplo:

180) O mestre demorou-se um pouco, *depois* voltou-se para o companheiro num tom de mando. (MOURA NEVES, 2000, p. 261).

No plano semântico, a característica geral abordada, em relação aos advérbios de tempo, por Moura Neves (2000, p. 265), é que eles indicam circunstância de tempo que podem apontar: situação, duração e frequência. O quadro 7, que se apresenta a seguir, fornece uma síntese, com exemplificação, dos três elementos apontados pela autora.

Quadro 7 – O plano semântico dos advérbios de tempo

<p>Situação (resposta à pergunta “quando?”)</p>	<p>Absoluta → refere-se ao momento ou período situado na escala do tempo, tais como: hoje (= neste dia), amanhã (= no dia posterior a este dia ou em época posterior a esta), anteontem (= no dia anterior a ontem), trasanteontem e trasantontem (= no dia anterior ao dia anterior a ontem), agora (= neste momento ou na época atual ou neste momento ou período, prolongando-se para o período imediatamente seguinte a este ou no momento/período imediatamente anterior a este ou nos últimos tempos), hoje (= na época atual), anteriormente (= em momento ou período anterior ao presente) entre outros. Exemplo: “<i>Inf. 2 – na parte do telefone melhorou um bocado agora com essa expansão... você sabe que: anteriormente... nós tínhamos muitos poucos telefones... e: com essa expansão a coisa melhorou [...]</i>” (Projeto NURC – D2 – 151/RE/70 – linhas 426-428)</p> <p>Relativa → refere-se a um momento da enunciação ou do enunciado (fóricos), tais como: antes (= em período anterior a), depois (= em período posterior a), novamente, de novo (= outra vez, além desta/dessa/daquela vez), ainda, ainda uma vez (= em/até este/esse/ aquele momento ou período, considerado como subsequente a outro(s)), já (= neste/nesse/naquele momento ou período, considerado como precedente de outro(s)), simultaneamente (= ao mesmo tempo), finalmente (= no final, para encerrar), inicialmente (= de início, para começar) entre outros. Exemplo: “<i>inicialmente, protegê-la; depois, tentar recuperá-la; finalmente, julgá-la</i>”. (Moura Neves, 2000, p. 268).</p>
---	---

<p>Duração²</p>	<p>Absoluta → refere-se a um período num momento da enunciação (fóricos), tais como: ultimamente (= durante período passado próximo a este) e doravante (= em período posterior a este, a começar deste) e também a duração pode estar relacionada a um período não referido a um momento determinado da enunciação ou do enunciado (não-fóricos) tais como: temporariamente (= durante certo período, por algum período) indefinidamente (= por tempo indeterminado) entre outros.</p> <p>Exemplo: “[...] muitas vezes o profissional é buscado até em outro esTAdo é:: isso em função de um sistema de propaganda... agora:: u::/ ultimamente algumas empresas vê despertando para essa necessidade [...]”.</p> <p>(Projeto NURC – DID – 08/POA/70 – linhas 203-207)</p> <p>Relativa → relaciona-se a um período não referido a um momento determinado da enunciação ou do enunciado (não-fóricos) fazem parte desse grupo advérbios tais como: temporariamente (= durante certo período, por algum período) e indefinidamente (= por tempo indeterminado).</p> <p>Exemplo: “A cidade está em pé-de-guerra desde ontem”.</p> <p>(Moura Neves, 2000, p. 270).</p>
<p>Frequência</p>	<p>Refere-se a repetição/não-repetição de momentos ou períodos, todos os advérbios de frequência são não-fóricos, fazem parte desse grupo advérbios tais como: anualmente (= todos os anos), diariamente (= todos os dias), sempre (= contínuas vezes), de vez em quando - de quando em quando (= a intervalos).</p> <p>Exemplo: “[...] eu gosto imensamente de plantas... adoro... e desde pequena sempre cultivei plantas em jardim no meu jardim [...]”.</p> <p>(Projeto NURC – DID – 156/RE/70 – linhas 03-05).</p>

3.6 A ABORDAGEM DAS EXPRESSÕES DO TEMPO NA PERSPECTIVA DE ILARI

Conforme Ilari (2001, p. 11), a palavra tempo cria uma confusão indesejável entre dois planos de descrição que convém manter distintos: o da linguagem, onde se trata de morfemas, palavras e construções gramaticais, e o do mundo onde se registram fatos com

² Em Língua Portuguesa, só há advérbios para expressar a duração absoluta, ou a relacionada com o momento da enunciação. Para a expressão da duração relativa a um ponto de orientação (de partida ou de chegada), usa-se um sintagma preposicionado com núcleo indicativo de tempo.

determinadas relações cronológicas. Nesse sentido, em seu estudo, o autor aplica a palavra tempo apenas ao mundo, tratando por exemplo de durações e de relações de simultaneidade, anterioridade e posterioridade.

Segundo Ilari, o estudo da expressão lingüística de tempo, em português, deve dar conta das seguintes tarefas:

- 1) reconhecer as expressões e construções que indicam tempo, caracterizando sua contribuição à interpretação das sentenças em que ocorrem;
- 2) desenvolver um conjunto de noções e uma metalinguagem adequadas para a descrição das expressões e construções gramaticais que indicam tempo;
- 3) elaborar representações formais das sentenças que levem em conta as referências temporais nelas contidas, ou seja, definir procedimentos que permitam construir fórmulas de uma linguagem abstrata e isenta de ambigüidades cuja estrutura sintática permita exibir as referências temporais das sentenças da língua corrente.

Nesse sentido, o autor esclarece que as questões neste estudo referem-se, sem esgotá-las, às duas primeiras tarefas e receberam nele um tratamento tipicamente intuitivo. Ainda assim, o autor acrescenta que este tratamento da expressão lingüística do tempo é bastante complexo e articulado.

Para exemplificar tal complexidade, basta analisar a forma verbal do presente do indicativo que remete ora a fatos presentes, ora a fatos futuros ou mesmo passados, como nos exemplos:

181) X faz anos *hoje*. (ILARI, 2001, p. 9)

182) X faz anos *o mês que vem*. (ILARI, 2001, p. 9)

183) *Em 1834* Dom Pedro completa 15 anos e torna-se elegível para o trono imperial pela lei recém-aprovada. (ILARI, 2001, p. 9)

Ilari (2001, p. 13) expõe, em seu estudo, idéias que se enquadram numa tradição que remonta ao livro *Elements of Symbolic Logic*, do filósofo e lógico Hans Reichenbach, publicado no final da década de 40. Desse estudioso, representantes recentes e categorizados são Carlota Smith e Marion Johnson, na lingüística americana e, na brasileira, Maria Luisa Coroa.

Segundo o autor, depois de fazer uma alentada exposição da doutrina lógica da época, o livro de Reichenbach faz uma minuciosa resenha das propriedades lógicas das línguas

naturais e, ao tratar do verbo, aponta como característica fundamental dos morfemas de tempo (*tenses*) do inglês, a capacidade de relacionar cronologicamente três tempos ou momentos que seriam estruturalmente relevantes para sua compreensão:

- o momento da fala, MF (*speech time*)
- o momento da realização da ação expressa pelo verbo, ME (*event time*)
- o momento da referência, MR (*reference time*)

A idéia de Reichenbach é bastante próxima das instituições do falante e se aplica bem ao português. Redescoberta pelos lingüistas durante a década de 70, a proposta de Reichenbach vem exercendo desde então uma atração muito grande, que, provavelmente, se explica porque responde a duas exigências que têm um fortíssimo apelo intuitivo:

a) em primeiro lugar, fornece instruções para situar o “momento de evento”, isto é, para localizar no tempo a ação expressa pelo verbo. E esse é, intuitivamente, o objetivo último do uso dos tempos verbais;

b) em segundo lugar, ao levar sistematicamente em conta o “momento de fala”, confirma a intuição corrente de que o fundamento direto ou indireto da interpretação das formas verbais flexionadas e tempo é a dêixis, isto é, a referência à própria situação da enunciação. De fato, os tempos do verbo compartilham com os dêiticos mais típicos – os pronomes de primeira e segunda pessoa e os demonstrativos isto, isso e aquilo – a capacidade de identificar realidades (no caso, os momentos e períodos de tempo em que ocorrem as ações e os estados expressos pelo verbo) localizando-as relativamente ao ato de fala.

Ilari (2001, p. 15) expõe que um dos problemas das idéias de Reichenbach é a noção de momento, pois uma análise em termos de períodos ou lapsos de tempo, ao invés de “momentos”, é muito mais vantajosa. Para exemplificar a falha de Reichenbach, Ilari (1997, p. 16) mostra a partir dos exemplos:

184) *Hoje* faço trinta anos. (ILARI, 2001, p. 16)

Diante desse exemplo, fica a pergunta: a qual, dentre os momentos definidos por Reichenbach, se refere esse adjunto? Segundo Ilari (2001, p. 16), a resposta “tempo de fala” deve, obviamente, ser evitada, caso se queira tomar o exemplo 184) de maneira análoga a :

185) *Ontem* fiz trinta anos. (ILARI, 2001, p. 16)

Em 185), o momento da fala e o momento da realização do evento “completar 30 anos” obviamente não coincidem. Pareceria razoável afirmar-se que em ambos os casos o

advérbio indica o ME, havendo coincidência com MF em 184) e defasagem em 185); mas o exemplo mais complexo em 186) leva a rejeitar também essa resposta, identificando-se amanhã como o momento posterior a MF em relação ao qual se considera passado o evento “completar 30 anos”:

186) *Amanhã*, terei completado 30 anos. (ILARI, 2001, p. 17)

Segundo Ilari (2001, p. 17), analisando 184), 185) e 186) e assumindo o compromisso de caracterizar de maneira uniforme a relação entre os adjuntos que neles ocorrem e os três momentos estruturalmente relevantes, chega-se em suma à conclusão de que os adjuntos adverbiais fixam o MR da oração em que estão incluídos.

Nesse sentido, o autor adota duas hipóteses de trabalho, que podem ser encaradas como complementares.

- a) Qualquer adjunto se aplica diferentemente ao tempo de evento ou ao tempo de referência, sendo possíveis ambigüidades com aqueles morfemas verbais que supõem uma diferença entre ambos.
- b) A ambigüidade da aplicação do adjunto a ME ou MR só afeta aquelas formas em que MR e ME são diferentes.

Como se sabe, as sentenças das línguas naturais desempenham simultaneamente várias funções: representar uma experiência do mundo, organizar o intercâmbio e a negociação de papéis e valores entre os interlocutores, e controlar o fluxo de informações. Para este último efeito, a maioria das sentenças se repartem em um segmento “temático”, que contém as informações previamente apresentadas como novas.

187) Quando o cientista Hall levou sua descoberta ao congresso de Atlanta em 1943, não era a primeira vez que se falava em radiações nos meios científicos aliados: o fenômeno dos raios cósmicos já tinha sido registrado várias vezes *em 1940*. (ILARI, 2001, p. 18)

188) *Em 1940*, o fenômeno dos raios cósmicos já tinha sido registrado várias vezes. O livro de X, publicado em 1930, cita uma centena de trabalhos a respeito, apresentados entre 1870 e 1922. (ILARI, 2001, p. 18)

Nesse sentido, no contexto para o qual é apropriada a frase 188), *em 1940* pertence ao segmento temático: a conversa versa sobre o ano de 1940 e é apresentado como informação nova (rema) o registro dos raios cósmicos; significativamente, a data identifica o momento

de referência. No contexto para o qual é apropriado 187), o assunto da conversa é o registro pelos cientistas da existência dos raios cósmicos (tema) e a data de sua divulgação no congresso científico é apresentada como a informação nova (rema): o rema coincide com o momento de evento.

Segundo Ilari (2001, p. 19), a interação entre expressão de tempo e organização comunicativa da sentença é um pouco mais complexa do que se poderia supor a partir desses exemplos, mas eles bastam para apontar um tipo de regularidade só perceptível quando a língua é representada como aquilo que é: uma imbricação de diferentes sistemas.

Dessa forma, acerca dos marcadores temporais, pode-se dizer que estes servem, em geral, para localizar um evento no tempo. Respondem assim à pergunta *quando?* A localização pode ser mais ou menos exata, numa escala que vai desde a identificação de um momento, como em 189), até a inclusão num segmento suporte cujos limites são conhecidos, como em 192), passando pela localização relativa e momentos especificados, como em 190) ou 191).

189) *Às 22 horas do dia 6 de abril de 1978* a televisão anunciou mais um pacote fiscal.
(ILARI, 2001, p. 20)

190) *Antes de domingo* vou visitar você. (ILARI, 2001, p. 20)

191) *Entre 24 e 31* o Pedro vai passar por aqui. (ILARI, 2001, p. 20)

192) Esta associação começou a funcionar *na revolução de 32*. (ILARI, 2001, p. 20)

Ao construir e interpretar os adjuntos que localizam eventos, os falantes recorrem, em última instância, aos mesmos mecanismos pelos quais identificam pessoas e objetos. Há sempre necessidade de uma ancoragem no real, que pode ser dada pela situação de fala, quer pela escolha de algum ponto de referência ao qual tanto o locutor como o interlocutor têm acesso.

Na realidade, entre os adjuntos que se ancoram num fato conhecido vale distinguir aqueles que remetem a um marco disponível independentemente do texto que precede (ou segue), exemplificados por:

193) Um dia depois do meu casamento... (ILARI, 2001, p. 21)

[o ponto de ancoragem é o casamento, referido pela primeira vez na primeira oração]

194) Em 19 a.C. (ILARI, 2001, p. 21)

[o ponto de ancoragem é o nascimento de Cristo]

e aqueles que remetem a momentos referidos no próprio texto:

195) Vou conhecer primeiro o Brasil, *depois*, pretendo viajar para o exterior. (ILARI, 2001, p. 21)

[depois = depois de conhecer o Brasil, ancoragem num fato que vem indicado numa passagem anterior do texto]

Uma das características que distinguem os adjuntos adverbiais capazes de localizar eventos é com relação ao tipo de ancoragem. Na apresentação que acaba de ser feita dos exemplos 193), 194) e 195), a ancoragem dêitica foi oposta à ancoragem anafórica e à ancoragem calêndrica pelo fato de que as duas últimas remetem a uma realidade exterior ao ato de fala, mas ainda assim acessível. Essa é uma perspectiva bastante criticada nos estudos de coesão lexical, que preferem opor o uso de calendários aos outros dois tipos de ancoragem. Nesta perspectiva, a ancoragem textual e a ancoragem na situação de fala, descritas respectivamente como endofóricas e exofóricas, teriam em comum a propriedade de ser fóricas, ou seja, de identificar por remissão, numa espécie de “gesto de apontar” (para o texto ou para o mundo).

Uma vez distinguidos com clareza os processos da dêixis e da anáfora, torna-se fácil perceber que uma parte dos adjuntos de tempo podem ser empregados indiferentemente como anafóricos ou dêiticos ao passo que outros são apenas dêiticos, e outros ainda apenas anafóricos. O quadro a seguir apresentado por Ilari (2001, p. 22-23) dá uma idéia dessas possibilidades:

Quadro 8 – Os adjuntos de tempo e os processos de dêixis e anáfora

Adjuntos que localizam eventos		
	por dêixis	por anáfora
anterioridade	vinte anos atrás antigamente no meu tempo faz ... que há... o ano passado ultimamente, recentemente	vinte anos antes no tempo de... fazia ... que havia ... o ano anterior

	ontem	na véspera
	antes, anteriormente	
simultaneidade	agora, atualmente	então
	este ano	aquela semana
	???	
posterioridade	no... próximo	no ... seguinte
	neste ano de...	
	agora na Semana Santa	
	amanhã	
	amanhã ou depois	
	o ano que vem	no ano seguinte
	daqui a ...	daí a
	mais cedo ou mais tarde	
posterioridade	futuramente	sucessivamente
	depois, mais adiante	
	em breve, logo	
	qualquer dia	
	novamente	
	cada vez mais	

O tipo de ancoragem é apenas uma das características que distinguem os adjuntos capazes de localizar eventos. Uma, que está de certa forma representada no quadro apresentado, é a relação cronológica estabelecida com o momento de fala, que pode ser de simultaneidade, anterioridade ou posterioridade (o adjunto localiza o evento no presente, no passado ou no futuro), aspecto também observado na abordagem de Bomfim (1988), Moura Neves (2000) e Bechara (2004). Outra ainda é a sua maior ou menor abertura: alguns adjuntos remetem indeterminadamente ao passado ou ao futuro, sem precisar o momento em que o evento se realizou ou deve realizar-se; outros ainda fornecem indicações exatas.

Para exemplificar esses aspectos, Ilari (2001, p. 24) apresenta o exemplo:

196) Alguns minutos antes da chegada do embaixador. (ILARI, 2001, p. 24)

Segundo o autor, apesar da diversidade, esse tipo de construção tem uma estrutura bastante regular, onde é possível reconhecer a) uma relação de tempo; b) uma medida convencional; c) um argumento, que é o próprio ponto de ancoragem. Assim, em 196) é possível distinguir:

- a. unidade padrão: minuto
- b. relação temporal: anterioridade
- c. argumento/fato em que se dá a ancoragem: a chegada do embaixador

Nesse sentido, para medir a duração, o Português recorre a várias estratégias, sendo as mais comuns:

a) medir a duração em unidades-padrão de um tipo convencional:

197) Ficou três meses no submarino. (ILARI, 2001, p. 47)

b) indicar os limites do processo, referindo-os às datas de um calendário, a fatos conhecidos pelo texto ou pelo conhecimento de mundo que os interlocutores compartilham:

198) O japonês ficou aguardando o atol desde 1945 até 1982, e foi recebido em sua pátria como um herói ao ser encontrado. (ILARI, 2001, p. 47)

c) colocar o processo em paralelo com outros, de duração conhecida:

199) meu avô ficou bêbado durante toda a segunda guerra mundial. (ILARI, 2001, p. 47)

Assim, no primeiro tipo se enquadram tanto as construções que respondem à pergunta “por quanto tempo...?” (“Por quanto tempo morou em Paris?” Morou três anos), como as construções que respondem às perguntas “em quanto tempo...?”, “Quanto tempo levou para...?” (Quanto tempo levou para ele obter o passaporte? Levou três semanas, sem pistolão). Do ponto de vista estritamente temporal, as duas perguntas se equivalem, já que visam a apurar uma duração, mas, elas se aplicam a tipos distintos de predicados, que Ilari (2001, p. 47) chama-se de predicados de tempo escoado e predicados de tempo empregado; a possibilidade de empregar uma ou outra dessas perguntas, é, aliás, o critério utilizado para classificar processos.

Segundo Ilari (2001, p. 47), na estratégia (b), o falante tem em princípio a escolha de preencher os dois limites, como 200) ou apenas um deles, que funcionará como termo *ad quem* (201) ou como termo *a quo* (202).

200) O estado de guerra existiu formalmente de 1914 a 1918. (ILARI, 2001, p. 47)

201) O estado de guerra existiu formalmente até 1918. (ILARI, 2001, p. 47)

202) O estado de guerra existiu formalmente desde 1914. (ILARI, 2001, p. 47)

Nesse sentido, o autor comenta que todas estas opções estão minuciosamente gramaticalizadas, como se pode ver pela tentativa de substituir *desde* por *de* em 200).

Ainda sobre a estratégia b), o autor explica que ela mostra que o aparato sintático de que a língua lança mão para indicar duração incorpora, até certo ponto, os recursos para localizar eventos no tempo. Um bom exemplo dessa incorporação de recursos é o “adjunto” há cinco anos: por um lado, ela pode aplicar-se a eventos pontuais, que ficam assim localizados no tempo; por outro lado, quando aplicada a processos de tempo escoado, ela mede uma duração (“cinco anos”) que tem como limite final o momento de fala. Há cinco anos contrasta paradigmaticamente como havia cinco anos que também marca a duração de um processo anterior a um termo *a quo*: neste último caso, o termo *a quo* é um momento de referência recuperável no contexto.

Segundo o autor, embora as informações sobre tempo constituam um sistema, que pode ser objeto de uma análise específica, esse sistema mantém relações complexas, mas ainda pouco conhecidas com outros sistemas, como a modalidade, o aspecto verbal e os mecanismos de coerência e coesão textual. Nesse sentido, a localização no tempo expressa pelas sentenças da língua é basicamente o resultado de uma construção. Essa construção envolve também os marcadores temporais pontuais e fraseológicos e, eventualmente, informações que se busca em lugares bem determinados do contexto.

Como foi possível visualizar ao longo da fundamentação teórica a respeito dos advérbios, não são totalmente consensuais as abordagens apresentadas pelos autores em estudo.

Bomfim (1988) defende que não há correspondência entre a conceituação de advérbio e o comportamento lingüístico dos componentes dessa classe de palavra, que os advérbios de tempo devem ser agrupados a partir de afinidades semânticas entre as palavras e que, nesse sentido, os advérbios ontem/hoje/amanhã devem ser classificados como pronomes.

Perini (1996), assim como também propõe Bomfim (1988), aborda que o fato de estar em construção com verbo, ou com o adjetivo etc. não pode ser utilizado como critério definatório de nenhuma classe. Assim, explica que a definição de advérbio (se for possível, o que o autor duvida) deverá ser formulada em termos de funções, pois sob o rótulo de “advérbio” se esconde uma variedade irreduzível de classes.

Moura Neves (2000) expõe que os advérbios podem ser simples, perifrásticos (locucionais) e derivados; no plano sintático, são satélites de um elemento sintático, intra ou extra-sentencial, são não-juntivos e bastante deslocáveis na sentença e, no plano semântico, podem ser modificadores ou não do elemento que satelizam. No que se refere aos advérbios de tempo, a autora considera-os quanto à sua forma e conceitua-os do ponto de vista morfológico, sintático e semântico, levando em conta o seu caráter dêitico.

Bechara (2004) defende que o advérbio é a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial. O referido autor também chama atenção, assim como o fez Bomfim (1988), sobre certos advérbios que são assinalados em função de modificador de substantivo, principalmente quando este é entendido não tanto enquanto substância, mas enquanto qualidade que esta substância apresenta.

Bechara (2004, p. 278) no que toca particularmente a certos advérbios, assim como Bomfim (1988) e Moura Neves (2000), chama atenção para a camada da antitaxe, que diz respeito à retomada ou substituição de uma unidade de um plano gramatical qualquer, já presente ou virtualmente presente ou previsto no discurso, poder ser retomada ou antecipada por outra unidade, num ponto do discurso individual ou dialogado. A substituição ou retomada já vinha sendo posta em evidência pela gramática tradicional no caso dos pronomes; mas a noção da antitaxe é mais ampla e vai desembocar no papel textual de alguns advérbios.

Respeita-se, obviamente, a abordagem exposta por cada autor, seja a de considerar o advérbio como uma classe de palavra modificadora, ou de considerá-lo em termos de suas funções, ou de considerar os advérbios ontem/hoje/amanhã como pronomes, ou de tratá-lo quanto à sua forma e conceituá-lo do ponto de vista morfológico, sintático e semântico, considerando o seu caráter dêitico. No entanto, como poderá ser percebido nos capítulos a

seguir, os marcadores temporais nessa Tese serão analisados segundo dois critérios: o da estrutura e o do conteúdo que designam.

3.7 AS REFLEXÕES SOBRE O LÉXICO

Marcuschi (2004, p. 263) expõe uma das questões mais antigas, em Filosofia da Linguagem, Lingüística e Psicologia, na análise da relação entre linguagem e mundo: é saber como as pessoas se referem ao mundo com a língua. Conforme o referido autor, ao conceber a linguagem como atividade social, histórica e cognitiva, o essencial é achar uma forma de analisar as atividades sociais, históricas e cognitivas realizadas no ato de dizer. É provável que o segredo da cognição e dos modos de dizer o mundo esteja não na relação linguagem-mundo ou pensamento-linguagem e sim nas atividades ou ações praticadas entre os indivíduos que conhecem.

Considerando linguagem como atividade, este autor admite a atividade como unidade de análise e observação. Nesse sentido, entender é sempre entender no contexto de uma relação com o outro situado numa cultura e num tempo histórico e esta relação sempre se acha marcada por uma ação. Assim, Marcuschi (2004, p. 264) considera que o maior deslocamento metodológico e epistemológico seja o da relação para a ação. Essa perspectiva chama-se sócio-cognitiva, que não postula nenhuma relação natural nem convencional, mas uma relação instável, social, histórica e negociada entre linguagem e mundo, ou seja, relação como ação.

Nessa perspectiva sócio-cognitiva abordada por Marcuschi (2004, p. 268), não há uma relação direta entre linguagem e mundo e sim um trabalho social designando o mundo por um sistema simbólico cuja semântica vai se construindo situadamente. Dessa forma, o autor não nega que as pessoas constroem uma certa relação entre linguagem e mundo, mas nega que esta seja uma relação transparente, universal e a mesma para todo sempre.

Assim, conhecer um objeto como *cadeira, mesa, bicicleta* não é apenas identificar algo que está ali, nem usar um termo que lhes caiba, mas é fazer uma experiência de reconhecimento com base num conjunto de condições que foram internalizadas numa dada

cultura. Afinal, o mundo do discurso de cada um é sócio-cognitivamente produzido, pois o discurso é o lugar privilegiado da organização desse mundo.

Ao lado da sintaxe e da fonologia, o léxico é o terceiro grande pilar da língua. Sem léxico não há língua. Mas o léxico é o nível da realização lingüística tido como o mais instável, irregular e até certo ponto incontrolável. Afinal, enquanto a sintaxe e a fonologia dispõem de um conjunto fechado de possibilidades básicas de realização numa língua, o léxico é aberto e todo dia é possível visualizar novos termos e ver antigos desaparecerem. Esta volatilidade não se dá por mero capricho dos falantes e das línguas e sim porque o léxico recebe usos sempre renovados.

Biderman (1984, p. 2) esclarece que o léxico de uma língua engloba o conjunto de signos lingüísticos por meio dos quais o homem não só se expressa, se comunica, mas também cria novos conhecimentos e/ou assimila conhecimentos que outros homens criaram, não só na sua civilização mas também em outras civilizações. Nas civilizações mais avançadas tecnicamente o léxico da língua escrita constitui o veículo básico de armazenamento do conhecimento, sendo assim o léxico não pode ser pensado à margem da cognição social.

Segundo Correia (1992, p. 10), a propriedade geral da linguagem humana que melhor se aplica ao léxico de uma língua é a arbitrariedade, ou seja, o fato de os signos que constituem as línguas não serem icônicos, isto é, a relação que se estabelece entre eles e as entidades da realidade que denotam ser meramente arbitrária ou convencional.

Nesse sentido, a referida autora expõe que para alguns estudiosos o léxico era entendido como uma mera lista de unidades/palavras com as suas palavras idiossincráticas, isto é, não previsíveis a partir de qualquer regra geral da língua. Dentro desta perspectiva, o conhecimento lexical apresentar-se-ia bastante diverso dos conhecimentos fonológico, morfológico e sintático (fundamentalmente constituídos por regras prontas a serem aplicadas) e relevaria quase exclusivamente da memória. Dito de outro modo, o conhecimento lexical não seria mais do que a lista memorizada das palavras e das suas idiossincrasias, tomando-se o domínio privilegiado da irregularidade lingüística. Sobre esse aspecto, autores se manifestam da seguinte forma:

A linguagem humana é duplamente articulada. Pela primeira articulação da linguagem, as experiências a transmitir, as necessidades que se pretende revelar a

outrem, analisam-se numa série de unidades, cada uma delas possuidora de uma forma vocal e de um sentido. A segunda articulação é o modo como os vários segmentos sonoros do contínuo vocal se distinguem e articulam entre si para distinguir umas unidades lexicais de outras. (MARTINET, 1963, p. 11-12)

Um enunciado é um acontecimento datável, ligado a falante(s), ocasião e contextos particulares. Os enunciados ultrapassam os limites das gramáticas particulares, uma vez que um enunciado agramatical pode ser aceitável (entenda-se adequado) ao contexto em que se produz. Uma frase é um objeto abstrato, não ligado a nenhum contexto, falante ou situação particulares. Está ligada a uma gramática particular, no sentido em que uma frase não é gramatical por si, mas em relação às regras da gramática de uma língua. As frases são o objeto de estudo dos modelos de competência do estudo da gramática. (SMITH & WILSON, 1979, p. 45)

A partir dessas idéias, percebe-se que a linguagem humana, composta por signos lingüísticos, está atrelada ao contexto comunicativo como um todo. Estas visões de léxico é a que aparece em Chomsky (1978) e é perfilhada pelos seguidores da gramática gerativa. É esta também a visão do léxico que transparece quando se opõe léxico ou dicionário à gramática, contendo esta a descrição das regras da língua, enquanto aquele contém a lista das suas palavras e respectivas características particulares.

Miller (1991, p. 5) aborda que o léxico, enquanto conjunto das palavras de uma língua, contraria o princípio da economia lingüística. O referido autor, ao considerar a grande quantidade de conhecimento que o aprendizado de uma língua implica, expressa precisamente esta contrariedade, realçando que não são nem os sons da fala nem as regras para gerar frases gramaticais aquilo que requer maior quantidade de conhecimento. Segundo este autor, é o seu vocabulário: milhares de palavras, cada uma com a sua representação sonora, a sua grafia, o seu significado, a sua função, o seu uso, a sua história.

Além desse aspecto apontado por Miller (1991), percebe-se que se for analisada a relação entre linguagem e conhecimento de mundo é possível constatar que:

- a. a língua permite a qualquer falante, escolarizado ou não, falar sobre qualquer aspecto da realidade;
- b. a cada entidade do mundo corresponde à partida uma palavra/etiqueta diferente, cuja forma é arbitrária.

Nesse sentido, se o conhecimento lexical fosse apenas resultante de memorização de palavras, não havendo qualquer princípio de economia na sua gestão, a memória de cada

falante estaria tão sobrecarregada que este não seria capaz de produzir enunciados à velocidade que os produz.

Além disso, é necessário ter em conta os dois fatores seguintes:

- a. sendo o léxico um conjunto não delimitado de unidades, cada falante domina apenas um vocabulário mais ou menos extenso, consoante o seu grau de instrução; sobre esse fator, Correia (1992) expõe que:

Já as bases de dados lexicais informatizadas, ao tomarem por base os modelos de armazenamento na memória da informação lexical propostos pela psicolinguística fornecem-nos uma visão do léxico completamente diferente: “o léxico é entendido como uma complexa rede de relações (morfológicas, sintagmáticas, semânticas, paradigmáticas), onde o conhecimento sobre uma unidade lexical é composto a vários níveis ou camadas”. (CORREIA, 1992, p. 25)

- b. porém, por muito reduzido que esse vocabulário seja em termos numéricos, qualquer indivíduo é capaz de falar, sobre qualquer aspecto da realidade, concreto ou abstrato, real ou ficcional.

Nesse sentido, estas duas particularidades do conhecimento lexical provam que dentro do léxico existem certamente mecanismos que tornam também este conhecimento econômico dependente do contexto no qual as pessoas estejam presentes. Assim, embora o léxico seja uma parte muito central no discurso, ele é ao mesmo tempo muito vulnerável e incontrolável. É uma parte sobre a qual muito se discute no dia-a-dia.

A questão não é qual o papel do léxico na produção de sentido e sim qual a forma de operar com o léxico para produzir sentido, pois se o léxico é limitado e recorre a regras que são também limitadas, a produção de sentido não pode vir do sistema nem de alguma propriedade linguística apenas. Uma prova disso é que quando as pessoas falam ou escrevem podem dar a entender mais do que as suas palavras expressam, pois muito do que elas querem dizer ao menos é formulado, mas nem por isso os interlocutores deixam de saber o que as pessoas numa determinada interação querem dizer.

Nessa perspectiva, trata-se muito mais de observar como o léxico funciona no discurso e se ele é escolhido tendo em vista aspectos específicos de acordo com o gênero textual e a modalidade de uso da língua (fala ou escrita). Quando usados em situações discursivas

reais, os termos ou são ambíguos ou podem produzir efeitos diversos, já que como mostra Marcuschi (2004, p. 271), “a língua é opaca por natureza e as palavras não operam em ‘estado de dicionário’”. Assim, se a língua é um fenômeno que se estabiliza nas relações interpessoais e numa cognição social, ela dificilmente se presta a um simples papel de codificação. Ela vai além disso, sendo constitutiva de boa parte daquilo que se diz.

Marcuschi (2004, p. 272) expõe que há um terreno que é mais sensível ainda a essas questões categoriais. Trata-se do âmbito da ideologia ou das formações discursivas. Como exemplo, o referido autor cita o caso de Heloísa Helena³. Para alguns ela é execrável e para outros ela é elogiável. Afinal, pode-se dizer o que ela é de fato, ou isso é apenas uma indagação retórica, pois a categorização é sempre plural?

O homem, com sua necessidade de comunicar-se, e de obter respostas ao seu comportamento, usa a língua para interagir socialmente por meio do seu discurso. Essa linguagem é uma forma de ação carregada de intencionalidades e, portanto, veículo de ideologias, caracterizando-se pela argumentatividade. O ato de argumentar – “orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões –, constitui o fato lingüístico fundamental, pois em todo e qualquer discurso o sujeito falante é interpelado pela ideologia. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que pretende ser ‘neutro’ contém, também, uma ideologia – a de sua própria objetividade”. (KOCH, 1993, p. 12)

As categorizações e suas denominações lingüísticas com algum item lexical podem ser variadas e nunca devem ser analisadas fora de seus contextos etnográficos, seus cenários, seus personagens e assim por diante. Isso acontece porque o léxico é apenas um sistema indiciário e o cálculo desses indícios para determinação referencial é feito no discurso, como será discutido no item a seguir.

3.7.1 O Léxico no Discurso

Segundo Fiorin (2000, p. 226), o léxico de uma língua é constituído da totalidade das palavras que ela possui, consideradas do ponto de vista das invariantes semânticas,

³ Senadora que no ano de 2006 candidatou-se à Presidência da República Federativa do Brasil.

independentemente da função gramatical que exercem na oração. Além disso, permite verificar o grau de desenvolvimento social de um povo, porque mostra a quantidade e o tipo de conhecimentos que ele detém. É reflexo da vida sócio-econômico-cultural de um povo e, portanto, contém a cristalização de sua vida material e espiritual.

Dessa forma, o léxico possui um fundo comum, que caracteriza uma língua e é tão resistente quanto a gramática, porque as noções que ele expressa, de um lado, não são afetadas por mudanças econômicas e sociais e, de outro, porque são de uso geral e coloquial. Esse fundo comum é o sustentáculo da estrutura léxica de uma língua. O restante dos itens lexicais podem modificar-se mais ou menos rapidamente, porque refletem a vida sócio-econômica de um povo nas situações de comunicação.

Nessa perspectiva, ambos, emissor e receptor, são ativos a ponto de “ter de se admitir que a ‘chave’ (o código) que permite realizar as operações de codificação e decodificação, isto é, pôr em correspondência significantes e significados é em parte construída no curso do desdobramento da interação” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1995, p. 28). Não se nega, evidentemente, que as relações comunicativas venham presididas por regras relativamente estáveis, mas estas são constantemente reelaboradas pelo contexto. Mesmo o fazer uso das possibilidades pré-configuradas no sistema lingüístico é, na produção de textos, um processo criativo, na medida em que são criadas novas entidades que anteriormente não existiam. É preciso, portanto, considerar, como característico da abordagem interacionista,

que o sentido de um enunciado é o produto de um “trabalho colaborativo” que é construído em comum pelas diferentes partes em presença – a interação podendo então ser definida como o lugar de uma atividade coletiva de produção do sentido, atividade que implica a necessidade de negociações explícitas ou implícitas que podem chegar a bom termo ou a fracassar (como ocorre no caso do mal-entendido). (KERBRAT-ORECCHIONI, 1995, p. 28-29)

Na verdade, está-se trabalhando aqui com um conceito de co-enunciação, em que enunciador e enunciatário constituem o sujeito da enunciação, já que é, na atuação interativa de ambos, que as escolhas para a construção dos sentidos no texto são feitas. Nesse sentido, Fiorin (2003, p. 163) também esclarece que o enunciatário, como filtro e instância pressuposta no ato de enunciar, é também sujeito produtor do discurso, pois o

enunciador, ao produzir um enunciado, leva em conta o enunciatário a quem ele se dirige. Ambos, portanto, são responsáveis pelo fazer atribuidor de sentido.

Também a Etnometodologia preconiza ser o sentido produzido no uso da linguagem, na dinâmica da interação por força de determinações co-enunciativas. Nesse sentido, de acordo com Coulon (1995, p. 33), embora uma palavra tenha uma significação trans-situacional, tem igualmente um significado distinto em toda situação particular em que é usada. Assim, fica claro que a linguagem depende do contexto, pois não pode fazer sentido independentemente das suas condições de uso e de enunciação.

Sobre esse aspecto, Coulon (1995, p. 33) afirma que apesar da significação trans-situacional a que já se fez referência, as palavras se mantêm, do ponto de vista semântico, abertas e com limites indefinidos. A cada novo contexto, a cada nova situação de uso de uma palavra, os falantes se deparam com o desafio de redefinir-lhe o sentido. Se esse caráter é um problema para uma linguagem ideal ou formal da lógica, da filosofia, da ciência, para a linguagem cotidiana ele representa a grande vantagem, pois precisamente nessa fértil indecisão é que se tornam visíveis a riqueza e as possibilidades quase ilimitadas de uma linguagem usada para o diálogo.

Na construção do texto falado, os falantes estão constante e conscientemente empenhados em reduzir essa vaguidade, buscando formulações o mais possível precisas para as necessidades da mútua compreensão e os objetivos da comunicação. É justamente esse empenho que instala na enunciação procedimentos que explicitam o trabalho da seleção lexical, como adiante há de se mostrar nas análises.

Assim, com o objetivo de produzir os sentidos desejados, vai o enunciador explicitando – em função do conhecimento que ele tem do interlocutor e das reações e intervenções lingüísticas e paralingüísticas deste – o processo de escolha lexical, na tentativa de construir com ele uma proposta de compreensão.

Em síntese, diante do exposto, a seleção lexical não é uma tarefa unilateral do falante na procura da melhor formulação para transmitir a sua informação ao ouvinte. Ela consiste, isso sim, no trabalho do falante, determinado pelo ouvinte, em construir o sentido dos enunciados. E os sentidos são construídos em função de um fazer interpretativo do ouvinte. Também, do lado desse, não se verifica uma atuação isolada por meio da qual lhe caberia inferir de maneira isolada um conteúdo remetido pelo falante. A interpretação é construída

pelo ouvinte na esteira das instruções – da proposta de compreensão – fornecidas pelo falante. O que implica dizer que, assim como o fazer atribuidor de sentidos é determinado pelo ouvinte, o fazer interpretativo é orientado pelo falante. E o processo da seleção lexical, particularmente na construção do texto falado, se explica e se estende neste fazer convergente de produzir sentidos e construir a compreensão.

Com uma visão de língua como atividade sócio-interativa, tal como sugerido inicialmente, e uma hipótese sócio-cognitiva, tenta-se superar a noção meramente representacionista e referencialista da língua, para privilegiar as relações intersubjetivas instauradas pelos interlocutores mediante os recursos lingüísticos. Conforme Mondada e Dubois (2003, p. 17), os discursos são versões públicas do mundo em que a adequação se dá em termos de negociação pública, ajustes, acordos, desacordos etc. entre os interlocutores e não numa presumida relação objetiva e direta com um mundo exterior, pois os discursos se dão como atividades de enunciação em condições discursivas históricas e sociais, tornando a interação uma matriz de sentidos. Assim, é necessário observar o que os interlocutores fazem e como agem para construir um mundo público mediante a co-produção discursiva.

Na realidade, pode-se dizer que na atividade discursiva não se está tão centrado nas expressões referenciais como tal e sim naquilo que com elas se faz, isto é, nos objetos de discurso que são as entidades referenciais “permitidas” ou inferidas numa atividade interativa e no conjunto dos demais elementos do discurso já que o sujeito não é apenas enunciativo e sim também criativo e social nas suas ações cognitivas. Assim, na ação social situada, ele instaura e diz o mundo. Nesse sentido, pode-se dizer que o ato de referir é um ato criativo no contexto de ações lingüísticas sócio-historicamente situadas. Reflexivamente, a própria descrição faz parte do mundo que descreve. As produções discursivas são um contexto relevante para novas produções discursivas e assim sucessivamente.

Sobre esse aspecto, Fauconnier (1997, p. 34) explica que categorizar é uma maneira de pensar simbolicamente e não de nomear coisas, fatos, dados e assim por diante. De certo modo, as esquematizações nos processos discursivos são co-construções, o que leva a crer que as compreensões nunca são atividades unilaterais e sim colaborativas. Esta é a posição de Filliettaz (1996, p. 41) ao sugerir que a melhor forma de tratar a referenciação no

discurso é a interacionista em que o processo cognitivo tem uma dimensão social considerável. E a mente não fica circunscrita a uma espécie de depósito de representações mentais retratadas num léxico em que as palavras operam como simples rótulo. Assim, é possível perceber a noção de construção social da realidade em que o sujeito e os processos interativos se tornam centrais. Com isto surge, como frisa Mondada (1997, p. 297), o reconhecimento da natureza discursiva das categorias.

Segundo Mondada (1997, p. 298), o uso da língua, no que tange à referência, é muito mais uma questão da divisão do trabalho lingüístico, de modo que a referência é um fenômeno social. Um bom exemplo de que as pessoas não precisam saber tudo sobre os itens lexicais é dado por Marcuschi (2004, p. 280) que expõe o fato de as pessoas não precisarem saber o que é o “molibdênio”, por poderem confiar num especialista que diz que o “molibdênio” é um “Elemento de número atômico 42, metálico, branco, mole, resistente, utilizado em ligas”. É a esse tipo de atividade que Mondada (1997, p. 299) chama de divisão do trabalho lingüístico, observando que a língua é uma forma de atividade cooperativa e não uma atividade essencialmente individualista.

A referida autora observa que a referência é parcialmente fixada pelo próprio contexto, ou seja, a contribuição do contexto é essencial para que se chegue a utilizar os itens lexicais de acordo com o que os demais fazem no grupo social. Para autora, conhecer a significação de uma palavra, isto é, usá-la referencialmente de modo adequado, é ter um conhecimento tácito de sua significação no sentido de saber usar a palavra num discurso, e não saber traduzi-la ou saber o que ela designa ou denota. Em outros termos, pode-se dizer que conhecer a significação de uma palavra não é rigorosamente conhecer um fato.

Dessa forma, o conhecimento da língua é um conhecimento que deve ser público, no sentido de que deve circular socialmente, mas os fatos em si são outra questão. Acerca desse aspecto, Mondada (1997, p. 300) afirma que a significação é interacional, pois o entorno em si mesmo exerce um papel na determinação do que designam as palavras de um locutor ou de uma comunidade.

A sugestão da autora permite dizer que a cultura, os artefatos e os instrumentos produzidos por uma comunidade formam um todo que se expressa no discurso e tem no sistema simbólico uma contraparte importante. Sendo assim, o conhecimento lexical se dá não na forma de uma lista de itens e sim na forma de uma rede de relações. E no interior

dessa rede não há isolamento e sim distribuição do conhecimento, pois o léxico é um todo em que os elementos se integram com a cultura e as ações ali praticadas. Essa distribuição do conhecimento é essencial e fundamental, pois sem isso, não haveria entendimento intersubjetivo. Portanto, pode-se defender que o léxico em funcionamento na língua é uma questão de conhecimento distribuído.

Como produtores ou intérpretes de discursos, os falantes são sempre confrontados com o que Williams (1976, p. 19) chama de ‘grupos’ de palavras e significados, ao contrário de palavras e significados isolados. Afinal, a relação das palavras com os significados é de muitos-para-um e não de um-para-um, em ambas as direções: as palavras têm tipicamente vários significados, e estes são ‘lexicalizados’ tipicamente de várias maneiras. Isso significa que como produtores de discurso, os falantes estão diante de escolhas sobre como usar uma palavra e como expressar um significado por meio de palavras, e como intérpretes sempre se confrontam com decisões sobre como interpretar as escolhas que os produtores fizeram (que valores atribuir a elas). Segundo Fairclough (2001, p. 230) muitas dessas escolhas e decisões não são de natureza puramente individual, pois os significados das palavras e a lexicalização de significados são questões que são variáveis socialmente e socialmente contestadas, e facetas de processos sociais e culturais mais amplos.

Falar de uma multiplicidade de meios de expressar um significado, no entanto, conduz ao entendimento equivocado de que os significados são atribuídos antes de serem postos em palavras de várias maneiras, e de que eles são estáveis em várias palavras. Seria mais produtivo dizer que há sempre formas alternativas de significar – de atribuir sentido a – domínios particulares de experiência, o que implica ‘interpretar’ de uma forma particular, de uma perspectiva teórica, cultural ou ideológica particular. Perspectivas diferentes sobre os domínios da experiência implicam formas diferentes de expressar essas experiências; é nesses termos que se deve considerar lexicalizações alternativas, tais como as palavras como *influxo* ou *enchente* usadas para expressar imigração de forma oposta a ‘busca’ de uma vida nova. No sentido real, então, quando se troca a palavra também se troca o significado.

Como já foi mencionado, a língua não tem uma semântica interna definida e estável, pois as palavras têm uma significação dita “literal”, mas que serve apenas como uma base mínima para outros usos e no geral aquela significação é apenas uma parte do que entende

com os itens lexicais. O importante é perceber que é precisamente essa instabilidade sistemática que possibilita dizer tudo, pois apesar de ser a língua um sistema relativamente delimitado sob o ponto de vista formal, é possível utilizá-lo de forma generosa. Há um número limitado de regras, fonemas e formas lingüísticas, no entanto sua produtividade é infinita. Isto é o efeito da plasticidade e indeterminação.

3.7.2 Os Itens Lexicais Genéricos, os Antropônimos e os Topônimos

Conforme aponta Vidos (1996, p. 74), o método onomasiológico também conhecido como Onomasiologia, isto é, o estudo das designações, propõe-se a investigar os vários nomes atribuídos a um objeto, a um animal, planta, conceito etc. Esses estudos onomasiológicos ou monografias sobre palavras que, em certo sentido, são enciclopédias dos objetos usuais e/ou atividades de uma população, referem-se entre outras coisas, à casa, ao curral, à agricultura, à apicultura, ao pastoreiro, aos instrumentos agrícolas, ao mobiliário e utensílios de casa, aos fenômenos atmosféricos.

Em lugar de um só conceito, ou de poucos, pode ser investigada, onomasiologicamente, toda a cultura popular, todo o caráter folclórico de uma região ou de um país. Pode, além disso, priorizar o aspecto diacrônico ou o sincrônico, isto é, pode focalizar o assunto mais lingüisticamente com etimologias e reconstruções, ou, mais descritivamente, do ponto de vista dos objetos, da cultura popular. Nesse sentido, a onomasiologia foi praticada, inicialmente, e ainda mais tarde, com o Método Diacrônico, mas junto à diacronia, existe também uma Onomasiologia Sincrônica.

Vidos (1996, p. 75), citando a teoria de Trier (1931), expõe que nenhuma palavra vive isolada na consciência dos falantes, antes está rodeada de uma série de expressões ligadas por significado, que formam, no interior de todo o tesouro lexical, um campo de palavra mais ou menos fechado. Na base desse método, são estudadas de modo sincrônico, em certo período de tempo, as palavras de um campo conceitual determinado. Como o mesmo campo lingüístico é estudado em diversas épocas, porque são feitos diversos cortes horizontais, a sincronia se torna diacronia, o trabalho se faz comparativo, e, assim, como conseqüência dos confrontos de cortes sincrônicos sucessivos, as mudanças lingüísticas e

estruturais do léxico de uma época para outra são tomadas em consideração. Então, a Onomasiologia, graças a esse método que foi aplicado nas investigações de Trier e de sua escola, é praticada com uma combinação de diacronia/sincronia.

As investigações sobre os campos semânticos de Trier aperfeiçoaram o Método Onomasiológico, originalmente diacrônico, também porque tornaram possível o exame científico não só das denominações de “conceitos concretos em campo material (campo, mão, arado, foice), mas ainda conceitos dificilmente delineáveis no campo espiritual (beleza, orgulho etc), que são objeto de grandes mudanças”. (VIDOS, 1996, p. 75-76)

Os itens lexicais genéricos, os antropônimos e os topônimos foram os procedimentos lexicais selecionados para figurar na abordagem dos itens lexicais. Tal seleção objetiva visualizar como esses elementos lingüísticos podem denunciar a faixa etária do informante que os utiliza em seu discurso.

A nomenclatura itens lexicais genéricos engloba o conjunto de signos lingüísticos por meio dos quais o homem não só se expressa, se comunica e denuncia a faixa etária a que pertence. Configuram como exemplos desses itens as seguintes expressões : *zoeira* (presente no discurso de um informante da primeira faixa etária) e *palmatória* (presente no discurso de um informante da terceira faixa etária), como mostram 203) e 204):

203). “*EU pelo menos não poderia... fazer uma crônica ou escrever alguma reportagem dentro de uma zoadeira daquela... uma zoeira tremenda*”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 414-416)

204). “[...] *o: senhor Ministério da Educação não permite... não é?... que se to:que na criança... quando eu levei MUItO bolo... muito bolo... né? de palmatória... mu:itas vezes fiquei de joelho horas seguidas... e NEM por isso fiquei traumatizado... nem por isso eu fiquei traumatizado não sou doido... não é?... graças a Deus [...]*”. (DID – 145/RE/70 – linhas 349-353)

Após ter esclarecido o que vem a ser os itens lexicais genéricos, o próximo passo consiste em tecer uma discussão sobre os antropônimos e os topônimos.

Conforme esclarece Carvalhinhos (2004, p. 274), a ciência onomástica, a ciência dos nomes próprios, subdividida nos campos Antroponímia e Toponímia, foi efetivamente reconhecida como ciência apenas no século XIX, embora desde a Antiguidade Clássica

vários questionamentos fossem discutidos, tanto no enfoque da ciência dos signos como quanto ao próprio princípio onomástico, o *onoma*.

A seguir, apresentam-se considerações acerca do estudo dos nomes próprios classificados primordialmente em nomes de pessoas, a que se dá o título de Antroponímia (expressão que pela primeira vez foi empregada em 1887 por J. L. de Vasconcelos na Revista Lusitana, 1, 45), e dos nomes de lugares ou geográficos, que se denomina Toponímia (nomes de nações, províncias, cidades, sítios, montes, vales, rios etc).

Acerca dos antropônimos, pode-se dizer que segundo Guérios (1994, p. 18), a origem do dar nome às pessoas decorreu da necessidade de citá-las, de chamá-las, e de distingui-las entre as demais, dentro da família e dentro da comunidade. Nesse sentido, a existência dos antropônimos está documentada em todos os povos, em todas as línguas, em todas as culturas, em todos os tempos, desde os primórdios da humanidade. E quando eles surgiram, levavam consigo um significado que, em geral, traduzia qualquer realidade condizente com os indivíduos seus portadores.

Entretanto, as pessoas recebiam apenas um nome, o nome individual. O aparecimento do segundo nome, ou sobrenome, em certos povos verificou-se em tempos relativamente recentes. E o fato assim se explica. O nome de um indivíduo de tal família foi aplicado também a um membro de outra família, ambas da mesma comunidade. Percebeu-se, todavia, que no relacionamento direto ou indireto entre si, a homonímia gerava confusão ou possível confusão, e, para evitá-la houve necessidade de qualquer distinção, por algum destes recursos:

1º) Fulano filho (ou da família, do clã, etc.) de Beltrano.

2º) Fulano de Beltrano.

3º) Fulano do país, da província, da cidade, da aldeia, do solar, do monte, da plantação etc.

4º) Fulano o agricultor, o pastor, o guerreiro, o cavaleiro, o pedreiro, o açougueiro etc., ou Fulano filho do agricultor, etc.

5º) Fulano o gordo, o baixo, o coxo, o vesgo, o moreno, o loiro, o (de olhos) azuis, o (de nariz de) tucano etc.

6º) Fulano o esperto, o corajoso, o valente, o briguento, o pacífico, o religioso, o calado, o nobre, o sabichão, o casado, o solteiro, o pai, o filho, o velho, o moço etc.

7º) Fulano (parente ou vizinho) do conde, do duque, do padre etc.

Quase todos estes recursos são qualificados de alcunhas. E tais adendos, que eram peculiares a um indivíduo, vieram, contudo, a ser empregados pelos filhos, passando a ser herança da família, e daí aos outros, aos novos descendentes. A adoção de um sobrenome às vezes foi, entre certos povos, por obrigação de dispositivo legal.

Segundo Guérios (1994, p. 19), "sobrenome é um patronímico, nome de pessoa, expressão religiosa ou outra, que se junta imediatamente ao nome individual, com o qual como que forma corpo: Mêndiz, Augusto, César, da Conceição..." Em S. Francisco Xavier, Xavier é sobrenome. Apelido é, em Portugal, conforme o mesmo autor, "designação de família, transmitida ordinariamente de geração em geração". Exs.: Rui Queimado, Antônio Augusto de Aguiar.

Como explica o referido autor, a diferença fundamental entre sobrenome e apelido, na nomenclatura atual, e mais corrente, está em que aquele é individual, ou apenas comum a vários irmãos, embora às vezes transmissível a filhos, e o apelido é genealógico, isto é, comum na essência à família toda. Assim, o sobrenome pode resultar de um nome próprio, o qual representa por vezes o nome próprio ou o sobrenome do pai, do padrinho, de um parente, de um protetor, outras o nome do santo do dia do nascimento. Às vezes, resulta de arbítrio ou de causas que não podem reduzir-se a regra.

Também acontece com freqüência que não só o sobrenome se torna tradicional na família, correspondendo assim a um apelido, mas através de algumas gerações passa para o meio ou para o fim do nome, como Antônio Pedro, José Paulo, Fausto Tomás etc. Assim é, também, que de João Batista de Moraes, pode resultar que o filho assine Antônio Batista de Moraes.

No Brasil, não se dá a apelido o significado que se conhece em Portugal. Apelido, para todos ou quase todos, é sinônimo de hipocorístico (designação científica), isto é, expressão familiar, de carinho ou intimidade, geralmente não depreciativa. Exs.: Zezinho, Zeca, Zé, Juca, Maricota, Cota, Cotinha, etc. E, por alcunha, entende-se um nome bom ou mau dado a alguém, em vista de uma qualidade física ou moral ou de certa particularidade da sua vida (como profissão, religião etc). Exs.: Manuel o Venturoso, Isabel a Redentora, Ivã o Terrível, Ernesto Sabichão, etc., Terrão, Mostardeiro, Lavadeira, Guião, Virtuoso etc., eram primitivamente alcunhas, hoje sobrenomes.

Conforme aborda Claudino (1996, p. 10), na formação dos antropônimos brasileiros houve a influência de vários povos e idiomas. O português, o espanhol, o italiano, o alemão, o hebraico, o árabe, o inglês, o francês, o latim, o anglo saxão e outros com menor participação, como a nação indígena que habitava as terras brasileiras, antes do descobrimento.

No início da colonização do Brasil somente foram implantados Cartórios de Registro Civil nas principais cidades onde residia a maioria dos fidalgos. Ficou, então, para os padres da Igreja Católica, principalmente os jesuítas que catequizavam pelo interior, estabelecer através dos casamentos e batizados, os nomes e sobrenomes. Porém, somente as crianças com os nomes de origem bíblica, santos ou usados pelos fidalgos eram aceitos para batizar, enquanto os de procedência indígena ou negra (afro), eram aconselhados a trocar por um desses nomes mais conhecidos dentro das classes dominantes.

Deve-se reconhecer, entretanto, que foi muito proveitosa a colaboração cultural da Igreja na forma da antroponímia no início da colonização do Brasil. Apesar das censuras impostas, se não houvesse os livros de registros de batizados e casamentos da Igreja Católica, muitos nomes e sobrenomes de famílias que no país habitavam, teriam desaparecido no tempo e da história, já que os governantes da época tinham pouco ou nenhum interesse em saber de nomes e sobrenomes, onde e como viviam as famílias de então.

Claudino (1996, p. 14) mostra que o estrito acesso ao estudo e à cultura fez evidentemente com que durante quase 500 anos muitos erros gráficos e ortográficos cometidos por quem fosse oficializar o nome ou por quem registrou: Bibiano ou Bibiana, que devido à pronúncia do imigrante português, fez surgir Viviano ou Viviana; do erro de escrita do nome Ewaldo, nasceu Euvaldo; Alzira, que passou também a ser grafado Elzira; Eurides, que é Orides; José Sidnei, que passou a ser também José Sídio. E muitos outros.

Todavia tais equívocos que foram cometidos ingenuamente por padres e oficiais do Registro Civil, muito colaboraram para o enriquecimento do vocabulário de antropônimos brasileiros. Até o século passado predominaram os Antônio, os João, os José, os Maria, os Paulo, os Sebastião, os Pedro, os Luzias, os Terezinhas, os Francisco..., e alguns por serem de personalidades da Igreja Católica: Moisés, Abraão, Samuel, Sara, Salomão, Joab, Adão,

Eva, etc., todos citados na Bíblia. Os Joaquins e os Manuéis que eram muito populares em Portugal, vieram junto com a colonização.

Com as imigrações dos germânicos, anglo-saxões, espanhóis, italianos, que aqui foram chegando, começou também a se diversificar a antroponímia brasileira. Pois, se até então eram predominantes os Antônio, Maria e José..., a partir daí começaram a surgir Adalberto, Arlete, Cláudio, Clovis, Ewaldos, Giovanis, Gertrudes, Guilhermes, Robertos, Ronaldos, Walters, Wilsons etc. acrescentando assim, uma valiosa colaboração para o enriquecimento dos antropônimos brasileiros.

Não se pode esquecer a grande colaboração de José de Alencar, Anchieta, Lemos Barbosa, Gonçalves Dias, Taunay, Teodoro Sampaio e outros escritores que através de suas obras que fazem parte do patrimônio literário da nossa cultura, conseguiram integrar e popularizar dentro do costume de nomes próprios predominantemente das raças brancas, vários nomes indígenas na antroponímia brasileira, como: Guaraci, Iracema, Juçara, Juracy, Jurandir, Moacir, Ubiratã, Yara e muitos outros.

A participação do povo também foi importante dentro desta conjuntura, afinal, da criatividade popular, nasceram os nomes: Juliene, que é a justaposição de Júlia + Enio; Lucineide, que é a justaposição de Lúcio + Neide; Ezimar, que é a justaposição de Ezio + Maria; Genivaldo, que é a justaposição de Geni + Osvaldo; Josmari, que é a justaposição de José + Maria; Elenice, que é a justaposição de Hélio + Eunice etc.

O étimo dos antropônimos exerceu e exerce pouca influência quando da escolha de novos nomes. A Bíblia, a Igreja, a música, a política, a literatura, a televisão, tiveram e têm maior influência que os significados etimológicos na popularização dos nomes das pessoas.

Os nomes dos apóstolos e santos se popularizaram em todas as camadas sociais sem serem considerados os significados etimológicos. Também nomes como Adolfo, Afonso, Amélio, Benjamim, Carmem, Carlos, Carol, César, Cláudio, Dante, Elizabeth, Franklin, Getúlio, Guilherme, Henrique, Iracy, Iracema, Jânio, Joana, Julieta, Victor, Vladimir, Washington e Wellington, Yara, e tantos outros se tornaram populares por ser, cada um deles, nome de pessoa que se tornou admirada por suas qualidades de político, governador, herói histórico ou mitológico, personagem de um romance ou de novela, nome de música ou de artista, ou ainda, para homenagear pessoas amigas ou da família, e não pelo sentido étimo propriamente.

Dessa forma, pode-se perceber que os antropônimos podem ser estudados sob dois aspectos principais: o aspecto lingüístico, da sua origem ou criação (etimologia); e o aspecto social ou psicossocial, o da sua escolha ou das razões por que são ou foram sempre empregados (cresiologia).

Um exemplo desses tipos de estudos pode ser dado com o nome *Joffre*. Pelo aspecto lingüístico, este antropônimo francês é de remota procedência germânica, variante de Geofroi, o mesmo que Godefroy (port. Godofredo, al. atual Gottfried). Anatomizando-o, vê-se que há dois elementos: Fried ("em paz ou protegido") e Gott ("por Deus"), e então aí deve-se indagar a causa ou as causas por que tal nome foi dado pela primeira vez.

Pelo aspecto social ou psicossocial, trata-se de saber por que *Joffre* é mais ou menos usual, freqüente. Se, de certo tempo a esta parte, é possível considerá-lo comum, mesmo fora da França, por razões políticas, de fato, pela saliência do valoroso cabo-de-guerra francês — gen. José Jacques Cesário Joffre — que durante a conflagração mundial de 1914-1918, o ganhou numerosas simpatias, principalmente entre os aliados.

Guérios (1994, p. 20) aborda que o estudo dos antropônimos possui valor lingüístico importante. Segundo o autor, há duas correntes que se caracterizam por dois extremismos — uma afirma que os nomes próprios em geral e os antropônimos em particular sofrem alterações mais profundas, mais rápidas que os nomes comuns; outra corrente se opõe — os nomes próprios sofrem modificações menos profundas e menos rápidas que os comuns. De acordo com o referido autor, o recomendável é nem tanto seguir aquela, nem tanto esta, pois para ele é preciso fazer distinção, já que os nomes próprios, foneticamente, participam um pouco menos das transformações fonéticas que os nomes comuns. Morfologicamente, sim, há maiores alterações, em geral pelo princípio do menor esforço, que os abrevia, e pela freqüência dos hipocorísticos e diminutivos que de ordinário os alongam.

Além desse aspecto, os antropônimos oferecem particular interesse, porque são os fósseis da língua que vivem singularmente apenas do exterior, do corpo. E eles, com o auxílio dos topônimos, reconstituem numerosos elementos de uma língua, em grande parte ignorada, se bem que, no conjunto, os antropônimos são muito menos arcaicos que os nomes de lugares.

Um outro aspecto a ser mencionado é que assim como nomes comuns passaram para a classe dos próprios, por certa especialização do sentido (augustus > Augustus, crispus >

Crispus, pinto > Pinto), também muitos nomes próprios retornam à primitiva condição de comuns, por generalização de um sentido posterior, especializado, completamente independente do sentido primitivo, originário (Luís XIII, rei de França > Luís, "moeda de ouro"); Dahl, botânico sueco > Dália, "flor"; Dulcinea, enamorada de D. Quixote > Dulcinea, "namorada", e isto são fenômenos gerais da linguagem que merecem especial atenção.

Também há outros fatos notáveis como, por exemplo, o fato de haver patronímicos que foram a causa do desaparecimento de nomes comuns correspondentes. Fato curioso que, no francês, pela vez primeira foi exposto à luz pelo grande geolinguísta J. Gilliéron. Assim, *Lefèvre* ("o ferreiro") causou o desaparecimento do substantivo comum *fèvre* ("ferreiro"), porque um indivíduo desse nome era de fato ferreiro, e, como é vulgar distinguir um *Lefèvre* de uma profissão com o homônimo de outra, evitou-se a redundância *Lefèvre le fevre*, assim como também se fugiu da antinomia *Lefèvre le boucher*, ou símile. Sanou-se o inconveniente com ter-se criado nova palavra – *forgeron* – derivado do verbo *forger*.

Uma outra questão importante de ser mencionada do ponto de vista lingüístico é que as instruções para a organização do sistema ortográfico oficial brasileiro advertem que os nomes próprios, portugueses ou aportuguesados, estejam sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns, e concedem a quem quiser, a fim de salvaguardar direitos individuais, a manutenção de sua assinatura na forma consuetudinária.

Em vista disso, a grafia do nome ou do sobrenome se conserva, arcaíza-se através dos séculos, pois assim o portador o recebeu e assim o transmite aos descendentes, embora não raro a grafia não se justifique etimologicamente. São exemplos: Abrahão, Assumpção, Affonso, Archimedes, Anna, Aparecida, Arraes, Athayde, Benedicto, Braz, Britto, Christiano, Catharina, Cypriano, Dinorah, Edith, Eloah, Glyce, Ignácio, Jayme, Melchiades, Mello, Moraes, Mattos, Novaes, Philemon, Rodolpho, Sarah, Sebrão, Souza, Theodoro, Villela etc. Fato semelhante verifica-se em todas as línguas dotadas de escrita.

O aspecto psicológico e social dos antropônimos reflete as civilizações passadas com todas as suas instituições. Assim, os nomes são criados sob o influxo religioso, político, histórico, etc, de circunstâncias variadíssimas, e em que transparece viva a alma popular de todos os tempos e de todos os lugares.

No que se refere aos topônimos, Moreu-Rey (1982, p. 10) expõe que este termo pode ser entendido como o nome de lugar – ou nomes geográficos – no sentido mais amplo da expressão, todos os nomes simples ou expressões compostas que designam os lugares habitados, tanto antigamente como na atualidade (nomes de países, de comarcas, de territórios de qualquer tipo, de aglomerações urbanas ou rurais, cidades, vilas, povos e aldeias, ou subdivisões destas aglomerações, bairros, ruas, praças, ou nomes de edifícios etc.); como também os lugares desabitados; os nomes relativos ao relevo (chamados também orônimos), tanto de terras interiores como de zonas costeiras: montanhas, ilhas, baías; os nomes de lugar relativos à água (hidrônimos): mares, lagos, rios; os nomes das vias de comunicação (odônimos).

Nesse sentido, percebe-se que ao tratar do termo toponímia é necessário fazer uma abordagem de natureza interdisciplinar. A respeito desse aspecto, o canadense Poirier (1965, p. 4) aborda os três grandes blocos de ciências auxiliares da toponímia: a história, a geografia e a lingüística. Outro estudioso, Dauzat (1971, p. 9), preferiu relacionar a toponímia de um modo particular nas vertentes psicológica e sociológica, defendendo que esta ciência constitui um capítulo precioso de psicologia social, pois ensina como foram designados, segundo as épocas, as vilas, as propriedades, os campos, os rios, as montanhas. Em suma, permite compreender melhor a alma popular, suas tendências místicas ou realistas, seus meios de expressão.

Assim, a Toponímia pertence às chamadas ciências humanas, campo que abraça também os diferentes ramos da história, da economia, das instituições, da sociologia, da antropologia cultural, da geografia humana, da lingüística e da filologia. Dessa forma, é possível dizer que a Toponímia utiliza basicamente os serviços das três ciências já citadas: a história, a lingüística e a geografia, mas deve também recorrer ao auxílio complementar da arqueologia, da etnografia, do folclore, da psicologia social, da topografia ou da botânica.

Do referido, pode-se perceber que a Toponímia é uma das disciplinas que integram a ciência Lingüística por investigar o léxico toponímico considerando-o expressão lingüístico-social que reflete aspectos culturais de um núcleo humano existente ou preexistente; propõe o resgate da atitude do homem diante do meio, através do estudo da motivação dos nomes próprios de lugares. Esse caráter universalístico da Toponímia mostra

que ela é uma ciência ampla por manter-se no cruzamento de várias outras como a geografia, história, lingüística, antropologia, etnologia, entre outras.

Ventura (2005, p. 1) apresenta desde meados do século XIX a Toponímia revestiu no Brasil o papel de instrumento privilegiado de difusão política e de reprodução social, servindo ao mesmo tempo como veículo de afirmação do poder. Paralelamente, constituiu uma maneira legítima de homenagear quantos pugnam pela comunidade e/ou dignificaram a identidade local ou nacional. Nesse contexto, o autor demonstra que, em relação aos topônimos, tem-se de um lado o imobilismo e a estratificação sociais, a propaganda a regimes e a políticas. Do outro, os valores universais da solidariedade, da doação e da dignificação do homem, ao lado do interesse coletivo e dos laços de agregação identitária.

As pesquisas toponímicas desenvolvem-se em uma linha documental ou de campo e seguem o método onomasiológico em que o dado selecionado é observado, registrado, classificado, analisado e interpretado de acordo com a identificação dos fatores determinantes à configuração do *corpus*.

Os topônimos, de acordo com sua natureza, podem ser levantados em pesquisa documental, ou ainda pesquisa de campo, se necessário o levantamento de dados específicos, não documentados oficialmente. Nesse sentido, extraídos originalmente de uma língua viva, os topônimos são enunciados lingüísticos, formados por um universo transparente significante, passam pelo crivo de um denominador, que os seleciona e interpreta de acordo com seus conceitos, valores, intenções, códigos e usos convencionais que representam também os do seu grupo, a fim de tornar o termo escolhido um possível referente para o receptor.

Como expõe Meichtry et alii (2002, p. 1), os topônimos, além de ser fenômenos lingüísticos, são fenômenos históricos, já que seus conteúdos fazem parte de uma realidade sócio-histórica em cujo contexto se dá nome aos fatos ou acidentes geográficos, sejam eles naturais ou antrópicos. Portanto, são partes do patrimônio cultural e sua abordagem poderá ser feita dos pontos de vista da história, da antropologia social, da lingüística antropológica e da geografia.

Os nomes geográficos são um testemunho relevante e eloqüente do passado. Nasceram em uma determinada época histórica e em uma determinada etapa do desenvolvimento de

uma língua, por isso, ao longo do tempo, podem sofrer mudanças de forma, inclusive às vezes de conteúdo. Muitos topônimos se difundem através de acontecimentos históricos como migrações, guerras de conquista e, em geral, com qualquer tipo de contato inter-étnico.

Essa questão da memória coletiva constitui um ponto de referência fundamental na relação com a natureza do topônimo, pois, antes de mais nada, o topônimo é um modo que as pessoas têm de se comunicar. Por isso, a Toponímia, ciência de natureza pluridisciplinar, pode ser um instrumento muito útil para o estudo de realidades territoriais, sejam atuais ou históricas.

Assim, o estudo da Toponímia é muito mais do que a aproximação das denominações de lugar em sua estrita relação com o acidente que designam, porque os topônimos são todo um acúmulo de dados e informações que falam não somente do território com o que se identificam mas também de seus criadores, do ponto de vista coletivo, como representantes de uma sociedade, de uma cultura e de uma mentalidade.

Nesse sentido, os estudos toponímicos demandam muito esforço do pesquisador no que diz respeito às investigações, levantamento e análise dos dados que devem ser contextualizados com o auxílio de leituras, pois a Onomástica proporciona, ao pesquisador, alguns recursos que escapam às ciências sociais. Seu principal objeto de estudo, o nome, traz subsídios valiosos ao pesquisador por se tratar de expressão lingüística que, tão bem, reflete o ambiente, seja ele antropro-cultural, temporal ou físico, para ilustrar essa realidade, apresentam-se, a seguir, os exemplos:

205). “*Inf. 1*– mas você sabe que a eu me lembro *quando o:: o o chanceler Gibson Barbosa* era nosso... Ministro das Relações Exteriores não é?... éh eu estive com ele em Brasília... ((tosse)) então se dizia lá que ele... ah:: na na hora em que ia para o ar **O Bem Amado**... ele se trancava no:: gabinete dele... e dizia que ele tinha despachos urgentes... e ficava lá trancado...”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 447-452). Neste exemplo, *Gibson Barbosa* é o antropônimo.

206). “[...](1). “**Inf. 2- [...] já subia na rua de Baixo**
Inf. 1- Rua de Baixo é ...

Inf. 2- Rua de Baixo que hoje é a rua Carlos Gomes e que era estreita também... que era estreitíssima.

Inf.1- E que um argumento terrível porque uma parte é usada pelo meretrício né?

Inf. 2- Justo.

Inf. 1-Uma parte era a rua de Baixo

Inf. 2- Era... era a rua de Baixo

Inf. 1 - Decadência”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 213-220). Neste exemplo, *Rua de Baixo* é o topônimo.

Portanto, do exposto, fica claro que os itens lexicais genéricos – que não indicam, com precisão, os itens lexicais denotadores de nomes de pessoas (antropônimos) ou lugar (topônimos) mas que, como estes, também denunciam a faixa etária do informante –, os antropônimos – empregadas para designar os nomes de pessoas – e os topônimos – empregados para designar os nomes de lugar ou nomes geográficos; nomes próprios, compostos de um elemento específico e, geralmente, de um mais geral – foram os procedimentos lexicais selecionados para figurar nessa abordagem teórica que servirá de fundamentação para as análises dos itens lexicais que denunciam a faixa etária dos informantes nos inquéritos selecionados para análise e que se enquadram em duas categorias: o que na época em que o discurso foi produzido já era uma referência a fato anterior, portanto, antigo, e o que é considerado antigo com relação ao tempo atual.

4 O CORPUS

O *corpus* desta pesquisa está constituído a partir de inquéritos do Projeto da Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil (NURC) que tem como objetivo descrever os padrões reais de uso na comunicação oral, adotados por indivíduos portadores de nível superior.

Assim, esse Projeto representa uma notável mudança de rumo dos estudos dialetológicos, pois deixou-se de privilegiar o falar residual de pequenas comunidades e partiu-se para a linguagem padrão das grandes comunidades urbanas.

Conforme esclarece Castilho (1990, p. 142), no mundo latino-americano, aparentemente foi José Pedro Rona o primeiro a reclamar a necessidade de um novo tipo de Dialetologia, que explorasse as relações entre língua culta e ideal de língua. Ele formulou a hipótese de que na Europa o ideal da língua coincide com a língua culta, enquanto na

América esses conceitos se afastam, expondo-se o nível superior à fala popular, dialetando-se mais acentuadamente que na Europa.

A proposta de organização de um grande projeto coletivo para a descrição da norma culta partiu de Juan M. Lope Blanch, professor da Universidade Autônoma do México, que a apresentou à Comissão de Lingüística e Dialectologia Ibero-Americana do “Programa Interamericano de Lingüística e Ensino de Idiomas” (PILEI).

Essa proposta destaca a necessidade de passar da análise do dialetismo raro, anômalo para a descrição do falar urbano normal, cuja força de irradiação não se pode negar. Baseado nestas e em outras considerações, ele recomenda o “Estudo Coordenado das Diversas Normas Lingüísticas das Principais Cidades da Ibero-América”.

A integração do Brasil no Projeto de Lope Blanch se deu em janeiro de 1968, por ocasião do IV Simpósio do PILEI (México). Convidado desde o Simpósio anterior, realizado em Bogotá, a estudar a participação do Brasil, o professor Nelson Rossi, da Universidade Federal da Bahia, apresentou o estudo “O Projeto de Estudo da Fala Culta e sua execução no domínio da Língua Portuguesa”.

Nesse texto, de capital importância para a fundamentação da “Dialectologia Urbana” no Brasil, ele demonstra que, contrariamente à América Espanhola, no Brasil a execução do Projeto não poderia limitar-se à capital do país, nem mesmo ao Rio de Janeiro, sua terra natal. Nesse sentido, ele desenvolve então suas idéias sobre o policentrismo cultural brasileiro e argumenta que, desenvolvendo o Projeto em cinco capitais (Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife) estariam abarcados doze milhões e meio de habitantes aproximadamente, concentrados em quatro cidades fundadas no século XVI e uma – Porto Alegre – no século XVII.

Finalmente, a 11 de janeiro de 1969, aproveitando a presença de vários professores brasileiros reunidos em virtude do III Instituto Interamericano de Lingüística, promovido em São Paulo pelo PILEI, o Professor Nelson Rossi convocou uma reunião de que participaram Albino de Bem Veiga e Mário Klassmann (Porto Alegre), Nadja Andrade e Suzana Cardoso (Salvador), Isaac Nicolau Salum, Ataliba T. de Castilho e Célia Maria Moraes de Castilho (São Paulo).

Após relatar os entendimentos havidos no PILEI e esclarecer os procedimentos e objetivos do Projeto, declarou que como primeiro passo para sua efetivação no Brasil seria

necessário escolher os responsáveis pelo trabalho em cada uma das cinco cidades. Competiria a eles recrutar o pessoal necessário e levantar os fundos para o financiamento dos trabalhos.

O objetivo do Projeto NURC sempre foi o de documentar e descrever a norma objetiva do português falado culto, isto é, o uso lingüístico concreto, correspondente ao dialeto social praticado pela classe de prestígio cultural. Nesse sentido, o *corpus* do Projeto recolhe a fala de informantes de ambos os sexos, distribuídos por três diferentes faixas etárias – de 25 a 35 anos (faixa 1), de 36 a 55 anos (faixa 2) e de 56 anos em diante (faixa 3) – e preenchem os requisitos de serem nascidos na cidade objeto de estudo ou nela terem residido desde os cinco anos de idade; terem passado nessa cidade três quartas partes de sua vida e aí terem cursado o Ensino Fundamental e Médio; possuírem curso universitário completo e serem filhos de falantes nativos de língua portuguesa, preferentemente nascidos na cidade em exame.

A metodologia do Projeto compreende gravações em quatro tipos de entrevistas: gravação secreta de um diálogo espontâneo (60 horas), diálogo entre dois informantes (140 horas), diálogo entre um informante e o documentador (140 horas) e elocução em atitude formal (60 horas). Na X Reunião Nacional, que aconteceu em 1977, no Rio de Janeiro, decidiu-se eliminar as gravações secretas, as quais foram realizadas no âmbito da língua espanhola, mas não no Brasil, devido ao período de Ditadura enfrentado pelo país, por isso não foi possível realizar tal tipo de gravação, pois essas poderiam criar certas dificuldades para o Projeto e para os informantes por causa das circunstâncias políticas do Brasil.

Dessa forma, o *corpus* constituído em cada cidade do Brasil se compõe de três diferentes categorias de texto: elocuições em situações formais (EFs), diálogos entre informante e documentador (DIDs) e diálogos entre dois informantes (D2s). Os assuntos a versar constam de um Guia-Questionário especialmente elaborado para esse fim, composto de mais de 4.000 quesitos, distribuídos pelos seguintes centros de interesse: o corpo humano, a alimentação, o vestuário, a casa, a família, a vida social, a cidade, transportes e viagens, meios de comunicação e difusão, cinema, televisão, rádio, teatro, comércio exterior e política nacional, sindicatos e cooperativas, profissões e ofícios, dinheiro e finanças, instituições (o ensino, a igreja), meteorologia, o tempo cronológico, a terra, os vegetais e a agricultura, animais. Cada entrevista procuraria passar por pelo menos um

desses centros, salvo, evidentemente, as elocuições formais, que são aulas universitárias ou conferências não lidas.

Em âmbito nacional, o *corpus* perfaz um total de 1. 870 inquéritos – sendo 241 elocuições formais, 1. 143 diálogos entre informante e documentador e 486 diálogos entre dois informantes – em que foram registrados 2. 356 informantes e atinge, aproximadamente, 1. 570 horas de gravação.

Dessa forma, o Projeto NURC, felizmente, estende os materiais de pesquisa a um grande número de lingüistas e estudantes curiosos de conhecer a língua oral e de realizar, com o material, trabalhos de especialização, mestrado e doutorado, bem como apresentar estudos exploratórios em simpósios e congressos de Lingüística, em todo o país.

4.1 ESCOLHA DO *CORPUS*

Como já foi mencionado anteriormente, este trabalho apresenta um estudo sobre a emergência de identidade social de falantes da primeira e da terceira faixa etária das cinco cidades envolvidas pelo Projeto NURC através da análise dos marcadores temporais e do léxico presentes no discurso de indivíduos de 25 a 35 anos (faixa 1) e 56 anos em diante (faixa 3). Para isso, foram selecionados vinte inquéritos do tipo DID e dez inquéritos do tipo D2, todos da década de setenta, com as características explicitadas no quadro a seguir.

Quadro 9 – Características do *corpus* selecionado

Tipo de Inquérito	Cidade	Data de gravação	Nº do inquérito	Nº do informante	Gênero	Idade	Tema	Situação do inquérito
DID	POA	30/04/73	121	133	F	27	Cinema, televisão, rádio e teatro.	Publicado
DID	POA	28/12/71	08	08	M	25-35	Profissões e ofícios; tempo cronológico.	Publicado
DID	RE	25/09/78	150	165	F	25	Animais. Rebanhos.	Publicado
DID	RE	02/11/74	004	004	M	33	A casa.	Publicado
DID	RJ	05/11/71	012	NI	M	29	Vida social. Diversões.	Publicado
DID	RJ	18/08/72	084	NI	F	30	A casa.	Publicado
DID	SSA	17/04/75	138	167	M	31	O cinema. A televisão.	Publicado

DID	SSA	24/10/74	173	224	F	29	A casa.	Publicado
DID	SP	05/01/74	161	186	M	25	Teatro, televisão, rádio, cinema, vestuário	Publicado
DID	SP	08/11/74	251	288	F	34	Profissão e ofícios.	Publicado
DID	POA	24/09/75	344	416	F	68	Profissões e ofícios.	Publicado
DID	POA	14/12/71	06	06	M	56	Instituições: o ensino e a igreja.	Publicado
DID	RE	03/10/78	156	172	F	63	Vegetais, agricultura.	Publicado
DID	RE	18/09/78	145	160	M	62	A família, o ciclo da vida.	Publicado
DID	RJ	06/10/72	112	NI	M	62	Transportes e viagens.	Publicado
DID	RJ	03/12/75	317	NI	F	70	Vestuário	Publicado
DID	SSA	15/10/74	094	109	M	61	A cidade. O comércio.	Publicado
DID	SSA	11/06/75	159	203	F	57	O vestuário.	Publicado
DID	SP	08/11/74	250	287	M	69	Dinheiro, banco, finanças, bolsa.	Publicado
DID	SP	18/10/74	242	295	F	60	Instituições: o ensino, a igreja.	Publicado
D2	POA	NI	283	321-322	F-F	25-35 anos	Comércio exterior, política nacional, sindicatos, cooperativas, profissões e ofícios. O dinheiro, o banco, as finanças, a bolsa. Instituições: o ensino, a igreja.	Digitado
D2	RE	27/09/78	151	166-167	M-M	31-30	A cidade. O comércio. Meios de Comunicação. Transportes e viagens.	Digitado
D2	RJ	10/04/73	147	L1-L2	F-F	25-25	Vida social. Diversões. A cidade. O comércio.	Publicado
D2	SSA	NI	095	110-111	M-M	35-29	Meteorologia. O tempo cronológico. Terreno. Vegetais. Animais.	Digitado
D2	SP	15/03/76	343	442-441	M-F	26-25	A cidade. O comércio.	Publicado
D2	POA	NI	365	453-454	M-M	+ de 56 anos	Comércio exterior, política nacional, sindicatos, cooperativas, profissões e ofícios. O dinheiro, o banco, as finanças, a bolsa. Instituições: o ensino, a igreja.	Digitado
D2	RE	30/08/79	266	294-295	M-M	+ de 56 anos	A família, o ciclo da vida. A saúde.	Digitado
D2	RJ	06/03/78	374	L1-L2	F-F	69-63	Animais e rebanhos.	Publicado

D2	SSA	21/09/77	298	375-376	F-M	74-89	A cidade. O comércio. Transportes e Viagens. Os meios de Comunicação e Difusão. Cinema. TV. Rádio. Teatro	Digitado
D2	SP	07/04/76	333	419-420	F-F	60-60	Cinema, TV, rádio e teatro.	Publicado

Assim, o *corpus* compreende 28 horas e 7 minutos de registro magnetofônico e representa o desempenho lingüístico de quarenta informantes de ambos os sexos. Dessa forma, o levantamento de dados será feito em trinta inquéritos, sendo dez do tipo D2, enfocando as três modalidades de participantes – quatro do tipo masculino-masculino, quatro do tipo feminino-feminino e dois do tipo masculino-feminino – e vinte do tipo DID – sendo dez informantes masculinos e dez femininos.

A razão de ter sido escolhido este e não outro *corpus*, baseou-se no fato de o *corpus* do Projeto NURC encontrar-se constituído dentro de uma homogeneidade de critérios que permite uma análise sistemática, de ser um *corpus* que já se encontra constituído, com alguns inquéritos transcritos e outros não, e à disposição para pesquisadores, e por já conhecer tais inquéritos e se constatar que os informantes que neles participam demonstraram disposição para falar, não se negando a responder às perguntas feitas pelos inquiridores, com o gravador ligado, e, também, por ter como propósito focar, do ponto de vista da natureza do discurso, a interação sob a forma do diálogo, tanto o diálogo entre informante e documentador (DID) como o diálogo entre dois informantes (D2).

A interação, como afirma Bakhtin (1998, p. 112) é determinada pelas condições reais da enunciação, pela situação social mais imediata à qual os interlocutores são submetidos. Isso quer dizer que tudo o que se diz passa por uma espécie de filtro ideológico-social, e os discursos elaborados nas sociedades trazem a marca do estágio de desenvolvimento em que essa se encontra. Portanto, nada pode ser interpretado fora da interação.

Para ser fiel à idéia bakhtiniana, é preciso reafirmar que os princípios metodológicos de análise da língua são aqui respeitados. Em outras palavras, nesse contexto, o exame da língua foi antecedido da observação e consideração de que o enunciado analisado é produto de uma interação que se relaciona diretamente às suas condições de produção, e que a

enunciação foi decorrente de todos os fatores condicionantes dessa interação. Submetida então a esse quadro teórico-metodológico, esta pesquisa visa a analisar como os informantes da primeira e da terceira faixa etária das cidades de Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo constroem, projetam e mantêm a sua identidade social de faixa etária através da utilização dos marcadores temporais e do léxico.

Na verdade, mesmo tratando-se de uma conversação previamente combinada, isto é, os participantes sabiam que estavam sendo gravados e que o documentador, em certa medida, dirigiria a interação, funcionando como uma espécie de “audiência”, conforme expõe Preti (1991), pode-se dizer que a situação dá forma à enunciação, já que é determinada pelos participantes (falante/ouvinte), que se revezam nesses papéis discursivos e que estão ligados com uma situação específica: quem são os interlocutores possíveis, ou na perspectiva de Goffman (1976) quem são os ouvintes ratificados e os não-ratificados.

A observação lingüística centrada em um texto determinado, concreto e metodologicamente definido, evita uma discussão vasta e complexa relativa ao sistema lingüístico e à amplitude léxica do Português brasileiro. Cabe apontar que o fato de se partir da realidade empírica dos usos enunciativos, através das ocorrências levantadas no *corpus*, além de buscar o apoio da realidade das possibilidades selecionadas, permite uma oportuna consideração das necessidades enunciativas. Sobre esse aspecto, Brait expõe que:

A vertente bakhtiniana contribui teoricamente para uma concepção de linguagem, essencialmente interacional, que propõe conceitos de enunciação, de construção de sentido, de interdiscurso e de heterogeneidade discursiva, que combinadas com particularidades teóricas e descritivas da perspectiva conversacional, como por exemplo a topicalidade a progressão tópica, os pares dialógicos contribuem de forma decisiva para a descrição e análise das especificidades interacionais do texto oral. (BRAIT, 1999, p. 57)

Os conceitos de diálogo e dialógico são entendidos como relação entre falantes numa situação específica de comunicação e articulação existente entre um discurso e os demais que o atravessam e o constituem. São, portanto, dois níveis de interação verbal a partir dos quais se poderá observar a heterogeneidade enunciativa e discursiva que, sendo constitutiva de qualquer texto e de qualquer discurso, participa de forma explícita do texto oral. Tais

conceitos auxiliam a análise na medida em que, sendo o discurso um processo de intercâmbio entre eu/outro, o diálogo aparece como um gênero discursivo no qual o circuito dialógico pergunta-resposta pressupõe dois interlocutores ativos, histórica e socialmente e, também, os diversos discursos que os envolvem.

Essa alternância dos sujeitos falantes que trata fronteiras estritas entre os enunciados nas diversas esferas da atividade e da existência humana, conforme as diferentes atribuições da língua e as condições e situações variadas de comunicação, é diversamente caracterizada e adota formas variadas. É no diálogo real que esta alternância de sujeitos falantes é observada de modo mais direto e evidente; os enunciados dos interlocutores (parceiros do diálogo) a que se chama de réplica, alternam-se regularmente nele. Assim, o diálogo, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica de comunicação verbal.

Conforme Brait (2002, p. 155), ao interagir, em uma conversação, empregam-se vários gêneros, tal aspecto retoma o problema da significação, da construção do sentido, da entonação valorativa, das formas de incorporação da palavra do outro e da atuação do outro no próprio enunciado, da palavra em uso e não em estado de dicionário, das coerções discursivas. Apontando para o interdiscurso em vários momentos e especialmente quando se refere à escolha que o enunciador faz de uma palavra:

Quando escolhemos uma palavra, durante o processo de elaboração de um enunciado, nem sempre a tiramos, pelo contrário, do sistema da língua, da neutralidade lexicográfica. Costumamos tirá-las de outros enunciados e, acima de tudo, de enunciados que são aparentados ao nosso pelo gênero, isto é, pelo tema composição e estilo: selecionamos as palavras segundo as especificidades de um gênero. (BAKHTIN, 1998, p. 277)

Como o foco da análise é a identidade social que aparece na linguagem de falantes cultos, a escolha dos falantes envolvidos na interação social foi um ponto crucial do trabalho. A hipótese é a de que os marcadores temporais se apresentam com maior intensidade no discurso dos informantes da terceira faixa etária, em relação a informantes da primeira faixa etária, em decorrência de fatores culturais que agem sobre os falantes idosos, levando-os a estruturarem os seus atos de fala segundo parâmetros diversos dos adotados pelos falantes de outras faixas etárias, especialmente da primeira faixa etária; e

que os falantes da terceira faixa etária marcam a sua identidade etária pelo uso de marcadores temporais e de léxico diferenciados daqueles que são utilizados pela primeira faixa etária. Em resumo, parte-se do pressuposto de que os falantes mais velhos farão vir à tona fatos relacionados a épocas passadas e marcantes do ponto de vista pessoal e/ou do desenvolvimento social da época em que estavam inseridos.

Bakhtin (1998, p. 277) tratou da interação e descreveu como as enunciações são organizadas a partir do exterior, do social, e não do interior, ou seja, da própria língua. Goffman (1998, p. 11), também, em época muito posterior, e sob outro ponto de vista, observou a relevância da situação social e, então, chamou a atenção para importância de se estudar as variáveis sociais inerentes a cada situação de comunicação, especialmente na interação face a face. Afirmou o autor:

É quase impossível citar uma variável social que quando surge não produz um efeito sistemático sobre o comportamento lingüístico: idade, sexo, classe, casta, país de origem, geração, região, escolaridade; pressuposições cognitivo-culturais, bilingüismo e assim por diante. (GOFFMAN, 1998, p. 11)

Portanto, a hipótese de a linguagem dos falantes jovens indicar fatos da transformação social por que passa a sociedade daquele tempo (anos 70) fica autorizada.

Segundo se depreende, entretanto, a concepção de situação social de Goffman é mais restrita do que a de interação de Bakhtin. Para aquele a situação social deve ser compreendida com as condições do ambiente a que estão submetidos os interactantes, o que permite cada um comportar-se de acordo com um padrão esperado, como demonstra o seguinte excerto:

Eu definiria uma situação social como um ambiente que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento, qualquer lugar em que um indivíduo encontra acessível aos sentidos nus de todos os outros que estão “presentes”, e para quem os outros indivíduos são acessíveis de forma semelhante. (GOFFMAN, 1981, p. 13-14)

A situação social perceptível aos falantes pode ser examinada sob duas perspectivas, uma mais ampla e outra mais restrita, sendo que esta está sempre contida naquela. A mais

restrita é a que se configura imediatamente no entorno dos que mantêm a interação, isto é, “sob os olhos” de cada um deles; a mais ampla é a que conforma, de modo geral a sociedade em que vivem os interactantes.

Além do interesse de estudar essa tipologia da interação comunicativa, a eleição desses tipos de inquéritos como ponto central para a investigação justifica-se pela possibilidade que oferecem para um estudo sistemático dos marcadores temporais e do léxico, relacionando-os com as variáveis faixa etária, cidade e gênero.

4.2. METODOLOGIA

Ao se estudar a língua em uso numa comunidade, defronta-se com a realidade da variação. Os membros da comunidade são falantes homens e mulheres de idades e cidades diferentes, desenvolvendo atividades variadas, e é natural que essas diferenças, identificadas como sociais ou externas, atuem na forma de cada um expressar-se.

Dessa maneira, a variação lingüística é uma das características universais das línguas naturais que convive sistemática e regularmente em todas as línguas. Conforme esclarece Mollica (2003, p. 27), “aparentemente caótica e aleatória, a face heterogênea imanente da língua é regular, sistemática e previsível, porque os usos são controláveis por variáveis estruturais e sociais. Eles podem ser agentes internos e externos ao sistema lingüístico”.

Como mostra Moreno Fernández (1998, p. 30), é possível propor uma diferenciação entre os níveis da língua segundo a natureza das variáveis explicativas que nelas podem incidir: enquanto a variação fonético-fonológica e a de tipo morfológica e funcional determinam-se freqüentemente por fatores lingüísticos e extralingüísticos, a variação categorial e posicional (sintática) é explicada, em sua maioria, por fatores lingüísticos e a variação léxica por fatores extralingüísticos.

Nesse sentido, é possível perceber na variação sociolingüística que:

- ✓ por um lado, existe a interveniência de fatores de língua como também de fatores alheios a ela, que podem ser retratados em todos os níveis - fonético, gramatical, lexical, discursivo;

✓ por outro lado, também é possível visualizar a predominância dos fatores lingüísticos sobre os extralingüísticos.

Sobre esse aspecto, Moreno Fernández (1998, p. 31) enfatiza que as variáveis extralingüísticas, especialmente as sociais, atuam fortemente, revelando-se como mais determinantes no nível léxico, o mais sujeito às mudanças históricas, o de maior carga simbólica.

Nesta pesquisa, das variáveis externas ou não-lingüísticas, registram-se a localidade (Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo), faixa etária (primeira e terceira) e o gênero (masculino e feminino). Nas variáveis estruturais ou lingüísticas, destacam-se os marcadores temporais e os itens lexicais denunciadores da faixa etária do informante.

As variáveis, tanto lingüísticas quanto não lingüísticas, não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes.

Assim, a análise da relação linguagem e identidade social de falantes pertencentes à primeira e a terceira faixa etária das cidades de Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo será feita com base na modalidade oral: inquéritos da década de setenta do tipo DID – Diálogo entre Informante e Documentador – e D2 – Diálogo entre Dois Informantes.

No que diz respeito aos informantes, esses são todos de nível universitário, sendo vinte do sexo masculino e vinte do sexo feminino, com representantes da primeira e terceira faixa etária, sendo oito professores, seis advogados, seis médicos, seis engenheiros, três psicólogas, duas bibliotecárias, uma socióloga, um publicitário, uma funcionária pública, uma filósofa, uma bioquímica, uma pedagoga, uma dentista, uma jornalista e uma escritora.

No intuito de apresentar um perfil dos informantes, no quadro a seguir, resumem-se as suas características.

Quadro 10 – Características dos informantes

Tipo de inquérito	Cidade	Número do inquérito	Número do informante	Gênero	Idade	Profissão
DID	POA	121	133	F	27	Psicóloga

DID	POA	08	08	M	25-35	Advogado
DID	RE	150	165	F	25	Psicóloga
DID	RE	004	004	M	33	Advogado e Professor
DID	RJ	012	NI	M	29	Advogado
DID	RJ	084	NI	F	30	Socióloga
DID	SSA	138	167	M	31	Professor
DID	SSA	173	224	F	29	Professora
DID	SP	161	186	M	25	Publicitário
DID	SP	251	288	F	34	Professora
DID	POA	344	416	F	68	Bibliotecária
DID	POA	06	06	M	56	Médico
DID	RE	156	172	F	63	Funcionária Pública
DID	RE	145	160	M	62	Advogado e Professor
DID	RJ	112	NI	M	62	Professor
DID	RJ	317	NI	F	70	Médica
DID	SSA	094	109	M	61	Advogado e Professor
DID	SSA	159	203	F	57	Professora
DID	SP	250	287	M	69	Professor
DID	SP	242	295	F	60	Bibliotecária
D2	POA	283	321-322	F-F	25-35 anos	Professora Professora
D2	RE	151	166-167	M-M	31-30	Engenheiro Engenheiro
D2	RJ	147	L1-L2	F-F	25-25	Filósofa Bioquímica
D2	SSA	095	110-111	M-M	35-29	Engenheiro Engenheiro
D2	SP	343	442-441	M-F	26-25	Engenheiro Psicóloga
D2	POA	365	453-454	M-M	+ de 56 anos	Advogado Engenheiro
D2	RE	266	294-295	M-M	+ de 56 anos	Médico Médico
D2	RJ	374	L1-L2	F-F	69-63	Médica Pedagoga
D2	SSA	298	375-376	F-M	74-89	Médica Dentista
D2	SP	333	419-420	F-F	60-60	Jornalista Escritora

Dessa forma, analisa-se na atividade discursiva falada como os falantes representam o jogo passado X presente em seus discursos, ou seja, quais são os marcadores temporais e também quais são as utilizações do léxico que emergem durante a interação fazendo com

que seja percebida a identidade de pessoas pertencentes à primeira e a terceira faixa etária das cidades em estudo. Essa proposta de estudo leva em consideração o que propõe Carvalho (1999, p. 194) ao expor que a fala é liberdade de expressão, com finalidade de significação que se realiza num determinado momento histórico da língua.

Ainda segundo a referida autora, linguagem é falar, uma consciência que significa pressupõe uma consciência que interpreta, isto é, que acolha o signo e o compreenda, e comunicar é tornar algo comum. Assim, essa relação língua/sociedade também pode ser visualizada, segundo Benveniste (1989, p. 100), afinal esse estudioso expõe que tanto a língua como a sociedade mantêm entre si uma relação semiótica de interpretante (língua) e interpretado (sociedade), em que esta é contida por aquela, já que é a língua que explica, que diz a sociedade. Assim, enuncia o autor:

A língua engloba a sociedade de todos os lados e a contém em seu aparelho conceitual, mas ao mesmo tempo, em virtude de um poder distinto, ela configura a sociedade instaurando aquilo que se poderia chamar o semantismo social. (...) O vocabulário fornece aqui uma matéria muito abundante, de que se servem historiadores da sociedade e da cultura. (BENVENISTE, 1989, p. 100)

Sobre essa via de mão dupla em que correm língua e sociedade, Bakhtin (1992) também afirma:

A língua penetra na vida através de enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua. (BAKHTIN, 1992, p. 282)

O nível lingüístico em que a relação língua/sociedade é mais explícita, ou evidente, é o léxico, como reconheceu Benveniste. Como, porém, ressalta o autor, e como está explícito na citação a seguir, não é possível examinar o léxico fora de sua enunciação, afinal a língua tem de ser analisada em relação a sua realidade social. Assim, afirma o autor:

Os testemunhos que a língua dá deste ponto de vista [do vocabulário] só adquirem seu valor se eles forem ligados entre eles e coordenados à sua referência. Existe aí um mecanismo complexo cujos ensinamentos é preciso interpretar prudentemente. O estado da sociedade de uma época não aparece sempre refletido nas designações de que ela faz uso, pois as designações podem muitas vezes subsistir quando os referentes, as realidades designadas já mudaram. (...) o que se chama polissemia resulta desta capacidade que a língua possui de subsumir em um termo constante uma grande variedade de tipos e em seguida admitir a variação da referência na estabilidade da significação. (BENVENISTE, 1989, p. 100)

A afirmação do autor sobre a relação arbitrária existente entre designação e referente é antiga, mas importante para o trabalho de análise do léxico. Para chamar a atenção sobre um ponto de vista mais moderno dessa concepção, afirma-se que o léxico só pode ser adequadamente interpretado quando analisado a partir do contexto em que foi enunciado, ou seja, a partir de sua enunciação, da relação produto (enunciado)/ processo (enunciação).

Desse modo, sabe-se que os falantes, ao terem recebido a incumbência de falar sobre temas – como Cinema, televisão, rádio e teatro; Profissões e ofícios; tempo cronológico; Animais. Rebanhos; A casa; Vida social. Diversões; Profissões e ofícios; Instituições: o ensino e a igreja; Vegetais, agricultura; A família, o ciclo da vida; Transportes e viagens; Vestuário; A cidade. O comércio; Dinheiro, banco, finanças, bolsa; Instituições: o ensino, a igreja; Meteorologia. O tempo cronológico. Terreno. Vegetais. Animais; Comércio exterior, política nacional, sindicatos, cooperativas, profissões e ofícios. O dinheiro, o banco, as finanças, a bolsa; Instituições: o ensino, a igreja. – produziram, a respeito do tema designado, sentidos correspondentes ao que se compreende modernamente acerca de tais conceitos e que estão, conseqüentemente, armazenados na memória discursiva de cada um.

4.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Seria mais simples a realização de um trabalho em que fossem arroladas, em diversos autores, citações que tratassem o advérbio como um fenômeno com limites cristalizados pelos gramáticos na língua portuguesa, mas como foi possível perceber pelas discussões apresentadas, isso ainda não é possível. Entretanto, vários estudiosos buscam um caminho, uma forma de discutir o assunto, uma maneira de abordar a questão, como foi possível visualizar nas considerações apresentadas no capítulo 3.

Como não são consensuais as abordagens apresentadas acerca dos advérbios, para este trabalho adota-se a nomenclatura marcadores temporais para referir-se a palavras indicadoras de circunstância relativa a participantes localizáveis no tempo apresentadas por Bechara (2004), Perini (1996), Bomfim (1988), Moura Neves (2000) e Ilari (2001). Respeita-se, obviamente, a concepção defendida por cada estudioso, seja a de considerar o advérbio como uma classe de palavra modificadora, ou de considerá-lo em termos de suas funções, ou de considerar os advérbios ontem/hoje/amanhã como pronomes, ou de tratá-lo quanto à sua forma e conceituá-lo do ponto de vista morfológico, sintático e semântico, considerando o seu caráter dêitico.

Entretanto, nas análises serão abordados dois critérios: o estrutural e o semântico.

No plano da estrutura, tais marcadores podem apresentar-se em dois grandes grupos identificados com as seguintes denominações: marcadores temporais de estrutura pontual, constituídos apenas de uma palavra – o que seria denominado advérbio, na nomenclatura de Bechara (2002), Perini (1996), Moura Neves (2000) e Ilari (2001) e pronome, na nomenclatura de Bomfim (1988) – como em: ⁴“[...] a minha mãe... por exemplo... nunca chegou pra mim e me disse... L... você vai agir assim... ela me deu exemplos... por exemplo... esse negócio... minha, mãe era muito justa... quando uma filha... um filho errava... ela reconhecia o erro do seu filho... porque o que eu vejo *hoje*... M.H... é que... mais uma coisa... os pais têm medo dos filhos... segundo... os filhos são intocáveis... inatingíveis... impolutos [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 253-260) –, e marcadores temporais de estrutura fraseológica, constituídos de mais de uma palavra – o que seria denominado locução adverbial e oração temporal, na nomenclatura de Bechara (2002), Moura Neves (2000), Bomfim (1988) e Ilari (2001) e sintagma adverbial, sintagma

⁴ Os exemplos apresentados foram extraídos do *corpus* da Tese.

nominal e oração temporal, na visão de Perini (1996) – como em: “[...] no Ginásio Rosário *no meu tempo...* e se usava muito:: naturalmente caderno caderno de desenhos... caderno pros temas... afora os livros de de:: naturalmente de acordo com as matérias... e:: falar em tarefas de coLÉgio assiM... era muito interessante quando nós íamos pras Férias... terminava o ano letivo... então nós entrávamos em férias... que eu achava sempre as férias muito curtas e o ano letivo MUIto comprido”. (DID – 06/POA/70 – linhas 474-483), “[...] eu... eu noto... eu noto que... ah... essas meninas de hoje são todas bem lançadas... altas... esguias... sem barriga... pouco busto... ao passo que *o nosso tempo...* acho que era até era bonito mulher bem avantajada... né?” (DID – 317/RJ/70 – linhas 634-637) e “*Inf. 2- [...] quando eu era pequena* diziam que era extremamente difícil criar peru... mas agora... a gente vê tanto peru... que eu tenho impressão que eles já descobriram uma técnica de... tratar o peru... uma coisa muito mais aperfeiçoada né”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 307-310)

No plano do conteúdo, os marcadores temporais serão classificados e analisados, levando em consideração a proposta de Moura Neves (2000) – que os apresenta como indicadores de circunstância de tempo que podem apontar situação, duração e frequência – e Ilari (2001) que os apresenta como estrutura especificamente temporal (cuja nomenclatura adotada neste trabalho será a de temporal simples como, por exemplo, em: “*Inf. 1- [...] eu tinha um prazer...* o prazer não era estético naquela época... era um prazer incrível... eh:... era um prazer quase erótico... se eu posso dizer assim... me olhar no espelho e me ver toda cheia de badulaques... sabe... *desde aquela época* que () confusão psicológica”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 483-490) e como estrutura com ancoragem de referência (cuja designação será a de temporal referencial como, por exemplo, em: “*Inf. 2- [...] sendo o Uruguai um país pequeno como é... vindo de uma série de dificuldade que me parece que ainda está atravessando... se ele consegue manter o seu... o seu peso três vezes superior ao cruzeiro a gente fica em dúvida... né... como é que eles conseguiram isso... como... precisou haver uma ótima organização... uma... então a impressão que a gente tem... desde que o Uruguai saiu daquele governo colegiado... que já era... era a Suíça sulbra... sulamericana... etcétera... ele passou por uma série de dificuldades... tem ocorrido em todos os países*”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 737-745)

A título de ilustração pode ser visualizado o seguinte quadro:

Quadro 11 – Critérios de Análise dos Marcadores Temporais

Critérios de Análise dos Marcadores Temporais	
Estrutural	Semântico
Pontual	Situação
	Duração
Fraseológica	Frequência
	Temporal Simples
	Temporal Referencial

Após as análises voltadas para a variável lingüística marcador temporal, o enfoque passa a ser dos itens lexicais denunciadores da identidade social etária dos informantes, pois como aborda Biderman (2001, p. 11), o léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-lingüístico-cultural. Na medida em que o léxico se configura como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas numa sociedade.

Nesse sentido, nas análises tomou-se como parâmetro o fato de o “léxico de qualquer língua constituir um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos” (BIDERMAN, 1999, p. 201). Além desse aspecto, também foi utilizada a fundamentação teórica de Marcuschi (2004) que explica a grande complexidade das redes semântico-lexicais em que se estruturam o léxico, evidenciando como a palavra inserida num dado contexto pode gerar um labirinto infindo de significações lingüísticas. Afinal, a língua não tem uma semântica interna definida e estável, pois as palavras têm uma significação dita “literal”, mas que serve apenas como uma base mínima para outros usos e no geral aquela significação é apenas uma parte do que entende com os itens lexicais.

Com relação a esta variável lingüística, item lexical, procurou-se fazer o levantamento das ocorrências em que os interlocutores revelavam o trabalho de seleção lexical

propriamente dito. Procedeu-se, inicialmente, a uma listagem dessas ocorrências, organizadas em ordem alfabética, e, posteriormente, a uma outra listagem, também em ordem alfabética, situada dentro do segmento ou passagem de fala que lhes dão contexto – a localização desses segmentos é feita pelo número e tipo do inquirido e no levantamento no contexto além dessas informações apresentam-se as linhas que os limitam – e, portanto, condição de terem sentido e serem compreendidas. Após uma análise dessa listagem, distribuíram-se os segmentos em diferentes conjuntos, usando como critério de reunião os seguintes procedimentos de seleção lexical:

Quadro 12 – Tipologia de seleção lexical

Procedimentos de seleção lexical	
Antropônimo	Termo empregado para designar os nomes de pessoas.
Topônimo	Termo empregado para designar os nomes de lugar ou nomes geográficos; é um nome próprio, composto de um elemento específico e, geralmente, de um mais geral.
Genérico	Termo que não indica, com precisão, os itens lexicais denotadores de nomes de pessoas (antropônimos) ou lugar (topônimos) mas que, como estes, também denunciam a faixa etária do informante.

Tal levantamento também busca apresentar o grau de recuo no tempo (longo ou curto) e também a natureza de inserção do léxico no texto com o objetivo de evidenciar o sentido daquele determinado item lexical dentro do contexto comunicativo (reafirmar uma informação, situá-la no tempo). Nesse sentido, os itens lexicais serão analisados mediante duas categorias: o que na época em que o discurso foi produzido já era uma referência a fato anterior, portanto, antigo, e o que é considerado antigo com relação ao tempo atual.

Para exemplificar pode ser visualizado o seguinte quadro:

Quadro 13 – Critérios de Análise dos Itens Lexicais

Seleção Lexical	Natureza de inserção do léxico no texto	Categoria
Antropônimo Ex.: “[...] esse ano eu não	Reafirmar uma informação Ex.: “[...] o: senhor Ministério da	Referência considerada antiga no momento do discurso

<p>acompanhei agora o... o:: Último o priMEIro festival que houve há dois anos atrás eu acompanhei todinho... inclusive tinha filmes tinha aquele filme Um asilo muito louco com a:: <i>Leila Diniz</i> [...]" (DID – 121/POA/70 – linhas 694-700).</p>	<p>Educação não permite... não é?... que se to:que na criança... quando eu levei MUIto bolo... muito bolo... né? de <i>palmatória</i>... mu:itas vezes fiquei de joelho horas seguidas... e NEM por isso fiquei traumatizado... nem por isso eu fiquei traumatizado não sou doido... não é?... graças a Deus [...]" (DID – 145/RE/70 – linhas 349-353)</p>	<p>Ex.: “[...] fizemos um <i>baile de gala</i>... TODos nós de casaca... traje a rigor... que marcou época naquela ocasião esse baile [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 57-59)</p>
<p>Topônimo</p> <p>Ex.: “<i>Inf. 2.</i> [...] a Avenida Joana Angélica ainda era a <i>Rua Conselheiro Almeida Couto</i>”. (D2– 298/SSA/70 – linha 32).</p>	<p>Situar uma informação no tempo</p> <p>Ex.: “[...] a terceira peça... foi a que eu mais gostei na qual... eu::... sei lá me entrosei realMENte entende? me senti bem no:: no papel que me foi conferido e tudo... fo::i <i>O () inspetor</i> de J.B. () que inclusive foi apresentado... há pouco tempo atrás ((riu)) pela Rede Globo [...]”. (DID – 161/SP/70 – linhas 40-42)</p>	<p>Referência considerada antiga com relação ao tempo atual</p> <p>“[...] olha não gosto do <i>Chacrinha</i> porque acho que ele debocha muito da pessoa humana... apesar que todo mundo gosta mas eu não gosto eu acho que (a gente) tem que respeitar a pessoa humana [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 371-375)</p>
<p>Genérico</p> <p>Ex.: “[...] é dá pra lembrar alguma coisa... sim... só não dá pra lembrar o <i>bonde de burro</i> não... está ouvindo? ((risos)) porque o tempo já passou... mas eu não peguei o <i>bonde de burro</i>... quer dizer... não peguei não... pode ser que tenha pegado... mas não tenho lembrança nenhuma [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 589-592).</p>		

As informações sistematizadas expostas através dos procedimentos metodológicos foram submetidas a controle, análise, observação sistemática e verificação de consistência a partir da realização do teste de controle⁵ para averiguar se os itens lexicais classificados como denunciadores de faixa etária se confirmariam como tal, a partir da ótica dos entrevistados da cidade de Salvador pertencentes à primeira faixa etária e com nível

⁵ A ficha utilizada para realização dos testes de identificação de controle encontra-se no anexo II.

superior completo que foram consultados no ano de 2006, conforme características demonstradas no quadro a seguir:

Quadro 14 – Características dos informantes entrevistados em 2006

Gênero	Idade	Profissão
F	27	Professora
F	27	Professora
F	28	Professora
F	29	Professora
F	29	Bióloga
M	30	Professor
M	31	Professor
M	31	Biólogo
M	27	Engenheiro
M	34	Empresário

Desta maneira, os dados apresentados no capítulo 5 refletem o tratamento interdisciplinar aplicado ao *corpus* considerado.

5 OS DADOS NA REVELAÇÃO DAS IDENTIDADES SOCIAIS

Na verdade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que precede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. (MIKHAIL BAKHTIN, 1998, p. 99)

A maneira como cada pessoa narra os eventos à sua volta, e, portanto, historiciza a vida social, é um instrumento importante no processo de mediação de construção de sentido de si mesmo e dos outros, afinal como expõe Moita Lopes (2002, p. 143), os indivíduos

organizam suas memórias, intenções, histórias de vida, e idéias sobre si mesmos sobre suas identidades pessoais através do discurso.

Ao fazer isso, as pessoas estão se construindo como seres sociais, isto é, estão construindo suas identidades sociais. As interações sociais, como uma forma de organização do discurso, têm, portanto, o potencial de criar um sentido de si-mesmos ao permitir que negociem e construam suas identidades sociais por meio dos eventos narrados.

As interações fornecem meios de reconstruir o mundo social. Assim, pode ser mencionado que as histórias guiam a ação, pois como observa Moita Lopes (2003, p. 20), as pessoas constroem as identidades (ainda que múltiplas e em mudança) ao se localizarem ou ao serem localizadas dentro da interação comunicativa.

Dessa forma, quando interagem, as pessoas estão construindo, projetando ou mantendo as identidades sociais no próprio momento de interação, pois através das histórias que as pessoas contam, elas estão na verdade criando suas identidades através da fala. Nessa perspectiva, as análises apresentadas nesse capítulo evidenciam o papel que os elementos lingüísticos desempenham na construção da identidade social de faixa etária ao mostrar como os informantes se utilizam dos marcadores temporais e dos itens lexicais para construir significados sobre faixa etária.

A seguir, apresentam-se o levantamento das ocorrências encontradas de marcadores temporais (estruturas pontuais e fraseológicas), dos itens lexicais denunciadores de faixa etária, com o número de ocorrências presentes desses recursos lingüísticos nos inquéritos do tipo DID e D2, e também a amostra de algumas ocorrências de como se mostram os marcadores temporais e os itens lexicais em estudo nos inquéritos analisados.

5.1 OS MARCADORES TEMPORAIS DOCUMENTADOS NO *CORPUS*

No processo de construção das identidades sociais, mediado pelo discurso, os marcadores temporais como formas de organizar o discurso, estabelecendo a relação entre passado e presente, têm sido entendidos como desempenhando um papel central no modo como cada um aprende a construir a identidade social de faixa etária na sociedade.

Isso é possível porque através do discurso constroem-se as realidades sociais que se historicam à frente de cada um como também quem o indivíduo é e quem são os outros que

participam do processo discursivo. Portanto, as ocorrências de marcadores temporais legitimam certos sentidos e relações de temporalidade em contextos institucionais específicos ao se posicionarem uns informantes em relação aos outros e ao mundo da mesma forma que se posicionam os locutores em relação aos interlocutores.

5.1.1 Levantamento das ocorrências de marcadores temporais na perspectiva estrutural

Neste item, será apresentado o levantamento dos dados sob o enfoque do critério estrutural (estruturas pontuais e fraseológicas), contemplando a localização no qual a ocorrência do marcador temporal está inserida nos inquéritos do tipo DID e D2. Para isso, serão listadas, por ordem alfabética, as formas registradas, obedecendo aos seguintes critérios:

- 1) indicação do item em caixa alta acompanhado da frequência total sob a forma de índice;
- 2) classificação do tipo de inquérito – DID ou D2 – na primeira das ocorrências listadas para cada caso;
- 3) apresentação do número de inquérito com determinação da cidade de origem acompanhada da frequência sob a forma de índice;
- 4) exposição da faixa etária.

Lista das expressões de tempo de estrutura pontual⁶

AGORA ¹⁷⁸	DID	004/RE ¹	I
		084/RJ ¹	I
		138/SSA ¹	I
		173/SSA ¹	I
		121/POA ⁶	I
		08/POA ¹	I
		251/SP ⁷	I

⁶ As listas das expressões de tempo de estrutura pontual e fraseológica e as de itens lexicais estão formatadas em fonte 10 para melhor composição do texto.

		112/RJ ³	III
		317/RJ ⁹	III
		159/SSA ⁷	III
		344/POA ⁶	III
		06/POA ⁷	III
		250/SP ²	III
		242/SP ³	III
	D2	151/RE ¹²	I
		266/RE ¹⁴	I
		147/RJ ⁶	I
		283/POA ²⁷	I
		343/SP ¹⁴	I
		095/SSA ⁷	I
		298/SSA ⁴	III
		374/RJ ¹²	III
		365/POA ⁴	III
		333/SP ²³	III
ANTERIORMENTE ¹	D2	151/RE ¹	I
ANTES ⁶	DID	242/SP ¹	III
	D2	283/POA ³	I
		095/SSA ²	I
ANTIGAMENTE ⁶⁵	DID	173/SSA ²	I
		121/POA ³	I
		08/POA ²	I
		161/SP ¹	I
		156/RE ¹	III
		112/RJ ¹	III
		317/RJ ²	III
		094/SSA ²	III
		159/SSA ³	III
		06/POA ⁸	III
		242/SP ⁵	III
	D2	151/RE ⁷	I
		266/RE ⁷	I
		147/RJ ²	I
		283/POA ¹	I
		343/SP ¹⁰	I
		095/SSA ³	I
		374/RJ ²	III
		333/SP ¹	III
		298/SSA ²	III
ATUALMENTE ⁷⁵	DID	012/RJ ¹	I
		084/RJ ⁵	I
		138/SSA ¹	I
		173/SSA ²	I
		121/POA ⁸	I
		08/POA ¹	I
		251/SP ⁴	I
		156/RE ¹	III
		112/RJ ¹	III

		094/SSA ³	III
		242/SP ²	III
	D2	151/RE ⁹	I
		266/RE ²	I
		147/RJ ³	I
		283/POA ¹³	I
		343/SP ⁷	I
		095/SSA ⁹	I
		374/RJ ¹	III
		365/POA ²	III
DANTES ²	D2	365/POA ²	III
DEPOIS ⁷	DID	242/SP ²	III
	D2	283/POA ²	I
		343/SP ¹	I
		365/POA ¹	III
		333/SP ¹	III
HOJE ²⁷⁶	DID	004/RE ¹¹	I
		173/SSA ⁴	I
		121/POA ⁴	I
		08/POA ⁶	I
		161/SP ³	I
		251/SP ⁴	I
		156/RE ¹³	III
		145/RE ⁸	III
		112/RJ ⁷	III
		317/RJ ⁵	III
		094/SSA ¹⁹	III
		159/SSA ¹³	III
		344/POA ¹¹	III
		06/POA ³⁵	III
		250/SP ⁷	III
		242/SP ²⁰	III
	D2	151/RE ⁷	I
		266/RE ¹⁶	I
		147/RJ ⁷	I
		343/SP ²	I
		095/SSA ¹²	I
		374/RJ ³	III
		365/POA ²²	III
		333/SP ⁷	III
		298/SSA ³⁰	III
INICIALMENTE ¹	D2	343/SP ¹	I
NUNCA ²⁰	DID	156/RE ¹¹	III
		145/RE ⁸	III
	D2	374/RJ ¹	III
RECENTEMENTE ³	DID	242/SP ²	III
	D2	151/RE ¹	I
SEMPRE ⁸	DID	251/SP ¹	I
		156/RE ³	III

		145/RE ¹	III
		317/RJ ¹	III
	D2	266/RE ²	I
ULTIMAMENTE ⁵	DID	08/POA ¹	I
	D2	266/RE ¹	I
		333/SP ³	III

Lista das expressões de tempo de estrutura fraseológica

A CADA ANO ¹	D2	298/SSA ¹	III
A ÉPOCA ¹	DID	156/RE ¹	III
A ÚLTIMA VEZ QUE EU FUI À ARGENTINA ¹	D2	283/POA ¹	I
AGORA HÁ POUCO ¹	DID	161/SP ¹	I
AINDA HÁ POUCO ¹	DID	145/RE ¹	III
AINDA HOJE ²	DID	145/RE ¹	III
	D2	151/RE ¹	I
ALGUM TEMPO ATRÁS ¹	D2	283/POA ¹	I
ANTES DA REVOLUÇÃO ¹	D2	095/SSA ¹	I
ANTES DE SETE ANOS ¹	DID	317/RJ ¹	III
ANTES DISSO ¹	DID	242/SP ¹	III
ANTES DO GOVERNO TERMINAR ¹	D2	095/SSA ¹	I
AO LONGO DESSES QUATRO ANOS ¹	D2	283/POA ¹	I
AO SÉCULO PASSADO ¹	DID	159/SSA ¹	III
AOS SETE ANOS ¹	D2	147/RJ ¹	I
AQUELA ÉPOCA ²	DID	156/RE ¹	III
	D2	266/RE ¹	I
ATÉ AGORA ³	DID	344/POA ¹	III
	D2	283/POA ²	I
ATÉ BEM POUCO TEMPO ¹	D2	365/POA ¹	III
ATÉ HÁ POUCO	DID	242/SP ¹	III

TEMPO MESMO¹

ATÉ HOJE ¹⁴	DID	084/RJ ¹	I
		121/POA ¹	I
		145/RE ²	III
		242/SP ¹	III
	D2	266/RE ¹	I
		147/RJ ⁵	I
		343/SP ¹	I
		095/SSA ²	I
ATÉ O MÊS PASSADO ¹	D2	283/POA ¹	I
ATÉ OS DEZENOVE ANOS ¹	D2	298/SSA ¹	III
ATÉ POUCO TEMPO ¹	D2	374/RJ ¹	III
ATÉ TRINTA ¹	D2	298/SSA ¹	III
ATÉ TRINTA E QUATRO ¹	D2	365/POA ¹	III
ATÉ VINTE ¹	D2	298/SSA ¹	III
CEM ANOS ATRÁS ¹	D2	347/RJ ¹	III
CERTA FEITA ¹	D2	333/SP ¹	III
CINQUENTA ANOS ATRÁS ¹	D2	151/RE ¹	I
COM A IDADE HOJE OITENTA E NOVE ¹	D2	298/SSA ¹	III
COM CINCO ANOS ¹	D2	283/POA ¹	I
COM DEZENOVE ANOS ¹	D2	298/SSA ¹	III
COM DEZESSETE ANOS ¹	D2	298/SSA ¹	III
COM NOVE ANOS ¹	D2	298/SSA ¹	III
COM O TEMPO ²	D2	298/SSA ¹	III
		151/RE ¹	I
COM SETE ANOS ³	DID	242/SP ³	III
COM TRINTA E TRÊS ANOS ¹	D2	298/SSA ¹	III
COM VINTE E UM ANOS ¹	D2	298/SSA ¹	III
COMEÇO DO SÉCULO ¹	D2	333/SP ¹	III
DA ÉPOCA ⁵	D2	266/RE ¹	I
		095/SSA ¹	I
		365/POA ²	III

		298/SSA ¹	III
DA IDADE MÉDIA ²	D2	365/POA ²	III
DA MINHA ÉPOCA ²	DID	145/RE ¹	III
	D2	151/RE ¹	I
DA MINHA INFÂNCIA ¹	D2	374/RJ ¹	III
DA NOSSA GERAÇÃO ¹	D2	374/RJ ¹	III
DAÍ A POUCO ¹	D2	333/SP ¹	III
DAQUELA ÉPOCA ²	D2	151/RE ¹	I
		095/SSA ¹	I
DAQUELE TEMPO ¹	D2	333/SP ¹	III
DAQUELES TEMPOS DAS GUERRAS DO CACAU ¹	D2	092/SSA ¹	I
DE ALGUMAS DÉCADAS PASSADAS ¹	D2	365/POA ¹	III
DE DOIS OU TRÊS ANOS ¹	D2	365/POA ¹	III
DE ÉPOCA ¹	DID	156/RE ¹	III
DE ÉPOCAS ANTERIORES ¹	D2	365/POA ¹	III
DE HOJE ⁴	DID	145/RE ¹	III
		06/POA ¹	III
		250/SP ¹	III
		145/RE ¹	III
DE NOVEMBRO DE MIL E NOVECENTOS E QUARENTA E DOIS ¹	D2	365/POA ¹	III
DE PRIMEIRO MOMENTO ¹	D2	283/POA ¹	I
DE SESENTA E QUATRO ¹	DID	145/RE ¹	III
DE SESENTA E SETE ¹	DID	08/POA ¹	I
DE TRÊS A TREZE ¹	D2	298/SSA ¹	III
DE UMA ÉPOCA ¹	D2	333/SP ¹	III
DE UMA ÉPOCA PASSADA ¹	DID	08/POA ¹	I
DE UNS ANOS PRA CÁ ¹	D2	343/SP ¹	I
DE UNS VINTE ANOS PRA CÁ ¹	DID	145/RE ¹	III
DE VEZ EM QUANDO ¹	D2	095/SSA ¹	I

DE VINTE E NOVE DE ABRIL DE OITENTA E OITO ¹	D2	298/SSA ¹	III
DEPOIS DE CERTO TEMPO ¹	DID	06/POA ¹	III
DEPOIS DE DEZESSEIS ANOS ¹	DID	317/RJ ¹	III
DEPOIS DE PEQUENO ¹	D2	298/SSA ¹	III
DEPOIS DE QUASE UM ANO OU DOIS ¹	D2	095/SSA ¹	I
DEPOIS DE UMA SEMANA DE PERIPÉCIA ¹	D2	365/POA ¹	III
DEPOIS DE VIÚVA ¹	DID	344/POA ¹	III
DEPOIS DESSA HISTÓRIA ¹	D2	266/RE ¹	I
DEPOIS DESSE SURTO DE CONSTRUÇÕES ¹	D2	095/SSA ¹	I
DEPOIS DISSO ¹	D2	095/SSA ¹	I
DEPOIS DISTO ¹	D2	333/SP ¹	III
DEPOIS O HOMEM PASSOU A VALER O QUE TINHA ¹	D2	266/RE ¹	I
DEPOIS QUE CESSOU ESSA ÉPOCA ¹	D2	333/SP ¹	III
DESDE A GESTAÇÃO ¹	DID	145/RE ¹	III
DESDE AÍ ¹	D2	374/RJ ¹	III
DESDE AQUELA ÉPOCA ¹	D2	147/RJ ¹	I
DESDE AQUELE TEMPO ¹	D2	095/SSA ¹	I
DESDE MENINA ¹	DID	317/RJ ¹	III
DESDE MUITO TENRA IDADE ¹	DID	08/POA ¹	I
DESDE O PRIMEIRO ANO ¹	DID	242/SP ¹	III
DESDE O PRIMEIRO ANO PRIMÁRIO ¹	DID	242/SP ¹	III
DESDE O PROJETO ATÉ A ENTREGA DA OBRA ¹	D2	343/SP ¹	I
DESDE OS SETE ANOS ¹	D2	298/SSA ¹	III

DESDE PEQUENA ¹	DID	156/RE ¹	III
DESDE QUE ME FORMEI ¹	D2	095/SSA ¹	I
DESDE QUE O URUGUAI SAIU DAQUELE GOVERNO COLEGIADO ¹	D2	365/POA ¹	III
DESDE SEMPRE ¹	D2	283/POA ¹	I
DESDE SETE OITO ANOS ¹	D2	298/SSA ¹	III
DEZENOVE ANOS ¹	D2	298/SSA ¹	III
DO ANO PASSADO ¹	DID	159/SSA ¹	III
DO ANTIGO ¹	D2	298/SSA ¹	III
DO MEU TEMPO ⁴	DID	145/RE ¹ 094/SSA ² 06/POA ¹	III III III
DO SÉCULO DEZOITO ¹	D2	151/RE ¹	I
DO SÉCULO VINTE ²	D2	266/RE ²	I
DO TEMPO DE MEU PAI ¹	D2	151/RE ¹	I
DOS DIAS DE HOJE ¹	D2	147/RJ ¹	I
DOS TEMPOS HERÓICOS ¹	D2	333/SP ¹	III
DURANTE ALGUNS ANOS ¹	D2	374/RJ ¹	III
DURANTE AQUELE TEMPO TODO ¹	DID	250/SP ¹	III
DURANTE MÊS DE JUNHO JULHO ¹	D2	283/POA ¹	I
DURANTE MUITO TEMPO ²	D2	333/SP ²	III
DURANTE O MEU TEMPO ACADÊMICO ¹	DID	06/POA ¹	III
DURANTE O PERÍODO DO SÉCULO PASSADO ¹	DID	084/RJ ¹	I
DURANTE OS SEIS ANOS ¹	DID	06/POA ¹	III
DURANTE QUATRO ANOS ¹	DID	250/SP ¹	III
DURANTE UNS TRÊS MESES ¹	D2	095/SSA ¹	I

DURANTE VINTE E CINCO ANOS ¹	DID	242/SP ¹	III
DUZENTOS ANOS ANTES ¹	D2	343/SP ¹	I
É DE MEU TEMPO ¹	D2	298/SSA ¹	III
É DO SEU TEMPO ¹	D2	298/SSA ¹	III
EM CINQUENTA E QUATRO ¹	D2	343/SP ¹	I
EM CINQUENTA SESENTA E SEIS ¹	DID	344/POA ¹	III
EM CRIANÇA ²	DID D2	121/POA ¹ 151/RE ¹	I I
EM DEZ ¹	D2	298/SSA ¹	III
EM ÉPOCA ANTERIOR ¹	DID	173/SSA ¹	I
EM FEVEREIRO ¹	D2	095/SSA ¹	I
EM JULHO ¹	D2	095/SSA ¹	I
EM MIL E NOVECENTOS ²	D2	298/SSA ²	III
EM MIL NOVECENTOS E CINQUENTA ¹	D2	298/SSA ¹	III
EM MIL NOVECENTOS E DEZ ¹	D2	298/SSA ¹	III
EM MIL NOVECENTOS E DOZE ¹	D2	298/SSA ¹	III
EM MIL NOVECENTOS E QUARENTA E SETE QUARENTA E OITO ¹	DID	08/POA ¹	I
EM MIL NOVECENTOS E SESENTA ¹	D2	298/SSA ¹	III
EM MIL NOVECENTOS E TRINTA ¹	D2	343/SP ¹	I
EM MIL NOVECENTOS E TRINTA E CINCO ¹	DID	06/POA ¹	III
EM MIL NOVECENTOS E UM ¹	D2	298/SSA ¹	III
EM MIL NOVECENTOS E UM/ QUATRO DE MAIO ¹	D2	298/SSA ¹	III

EM MIL NOVECENTOS E VINTE E DOIS ¹	DID	145/RE ¹	III
EM MIL OITOCENTOS E POUCO ¹	D2	151/RE ¹	I
EM MIL OITOCENTOS E SETENTA ¹	D2	151/RE ¹	I
EM PEQUENA ¹	DID	156/RE ¹	III
EM POUCO MAIS DE DEZ ANOS ¹	D2	343/SP ¹	I
EM QUARENTA ¹	DID	08/POA ¹	I
EM QUARENTA E SETE ¹	DID	344/POA ¹	III
EM QUARENTA E SETE QUARENTA E OITO ¹	DID	08/POA ¹	I
EM QUATROCENTOS ANOS OU QUINHENTOS ANOS ¹	D2	266/RE ¹	I
EM SESSENTA ¹	D2	374/RJ ¹	III
EM SESSENTA E NOVE ¹	D2	374/RJ ¹	III
EM SESSENTA E OITO ¹	D2	298/SSA ¹	III
EM SESSENTA E SEIS ⁵	D2	283/POA ⁵	I
EM SESSENTA E SETE ²	DID D2	344/POA ¹ 283/POA ¹	III I
EM SETE ¹	D2	298/SSA ¹	III
EM SETEMBRO DE SETENTA E TRÊS ¹	D2	095/SSA ¹	I
EM SETENTA E QUATRO ¹	D2	095/SSA ¹	I
EM TERMOS ATUAIS ¹	D2	266/RE ¹	I
EM TERMOS DE IDADE MÉDIA ¹	D2	343/SP ¹	I
EM TRINTA ¹	D2	298/SSA ¹	III
EM TRINTA E DOIS ²	D2	365/POA ²	III
EM TRINTA E QUATRO ¹	D2	298/SSA ¹	III
EM VINTE E CINCO ¹	D2	298/SSA ¹	III

EM VINTE E UM DE OUTUBRO ¹	D2	095/SSA ¹	I
ERA UMA ÉPOCA QUE SE USAVA MAIS FLORES ¹	DID	156/RE ¹	III
ESSA NOSSA GERAÇÃO ¹	D2	147/RJ ¹	I
ESSE ANO ⁸	DID	084/RJ ¹	I
		121/POA ¹	I
		156/RE ¹	III
	D2	283/POA ³	I
		095/SSA ¹ 365/POA ¹	I III
ESTE ANO ²	D2	374/RJ ¹	III
		333/SP ¹	III
FAZ TEMPO ¹	DID	145/RE ¹	III
FOI UMA ÉPOCA MUITO GOSTOSA ¹	DID	156/RE ¹	III
HÁ ALGUNS ANOS ¹	D2	095/SSA ¹	I
HÁ ALGUNS ANOS ATRÁS ¹	DID	250/SP ¹	III
HÁ ANOS PASSADOS ¹	DID	06/POA ¹	III
HÁ BASTANTE TEMPO ¹	D2	333/SP ¹	III
HÁ BEM POUCO TEMPO ¹	D2	365/POA ¹	III
HÁ CEM ANOS ATRÁS ¹	DID	084/RJ ¹	I
HÁ CINQUENTA E TANTOS ANOS ¹	DID	145/RE ¹	III
HÁ CINQUENTA E TANTOS ANOS ATRÁS ¹	DID	145/RE ¹	III
HÁ DEZESSETE ANOS ¹	D2	298/SSA ¹	III
HÁ DOIS ANOS ATRÁS ¹	DID	121/POA ¹	I
HÁ MAIS ANOS ¹	DID	317/RJ ¹	III
HÁ MAIS DE CINQUENTA ANOS ¹	D2	266/RE ¹	I
HÁ MAIS DE QUINZE ANOS ¹	DID	251/SP ¹	I
HÁ MAIS DE VINTE ¹	DID	317/RJ ¹	III

HÁ MUITO ¹	D2	147/RJ ¹	I
HÁ MUITOS ANOS ⁶	D2	147/RJ ³	I
		095/SSA ¹	I
		333/SP ¹	III
		298/SSA ¹	III
HÁ MUITO TEMPO ⁷	DID	150/RE ²	I
		08/POA ¹	I
		159/SSA ¹	III
	D2	283/POA ¹	I
		095/SSA ¹ 333/SP ¹	I III
HÁ MUITO TEMPO ATRÁS ¹	DID	084/RJ ¹	I
HÁ POUCO ¹	DID	251/SP ¹	I
HÁ POUCO TEMPO ¹¹	DID	145/RE ¹	III
		242/SP ¹	III
	D2	266/RE ¹	I
		365/POA ³	III
		333/SP ³	III
		298/SSA ¹ 374/RJ ¹	III III
HÁ POUCO TEMPO ATRÁS ³	DID	161/SP ¹	I
	D2	151/RE ¹	I
		283/POA ¹	I
HÁ POUCOS DIAS ²	DID	156/RE ¹	III
		251/SP ¹	I
HÁ QUASE DEZESSEIS ANOS ¹	DID	317/RJ ¹	III
HÁ QUATRO ANOS ¹	D2	365/POA ¹	III
HÁ QUINZE DIAS ATRÁS ¹	D2	095/SSA ¹	I
HÁ SETE ANOS ¹	D2	283/POA ¹	I
HÁ TANTO TEMPO ¹	D2	333/SP ¹	III
HÁ TEMPOS ATRÁS ⁴	DID	012/RJ ¹	I
		251/SP ²	I
	D2	333/SP ¹	III
HÁ TRÊS ANOS ²	D2	266/RE ¹	I
		095/SSA ¹	I
HÁ TRINTA ANOS ¹	DID	344/POA ¹	III
HÁ TRINTA ANOS ATRÁS ³	DID	344/POA ²	III

	D2	343/SP ¹	I
HÁ UM ANO ATRÁS ¹	D2	095/SSA ¹	I
HÁ UM ANO PASSADO OU DOIS ¹	DID	159/SSA ¹	III
HÁ UM POUCO TEMPO ¹	D2	095/SSA ¹	I
HÁ UMA QUESTÃO DE SETE OU OITO ANOS ATRÁS ¹	DID	242/SP ¹	III
HÁ UNS ALGUNS ANOS PASSADOS ¹	DID	159/SSA ¹	III
HÁ UNS ANOS ¹	DID	156/RE ¹	III
HÁ UNS DEZESSEIS ANOS ¹	DID	317/RJ ¹	III
HÁ UNS QUINZE DEZESSEIS ANOS ¹	DID	317/RJ ¹	III
HÁ UNS TRINTA ANOS ¹	D2	365/POA ¹	III
HÁ UNS VINTE ANOS ¹	DID	145/RE ¹	III
HÁ VÁRIOS ANOS ¹	DID	145/RE ¹	III
HÁ VINTE ANOS ²	DID	145/RE ¹	III
	D2	298/SSA ¹	III
HÁ VINTE ANOS ATRÁS ¹	D2	283/POA ¹	I
HOJE EM DIA ⁶⁰	DID	150/RE ²	I
		084/RJ ¹	I
		08/POA ¹	I
		251/SP ⁴	I
		159/SSA ¹	III
		317/RJ ⁷	III
		06/POA ¹	III
	D2	266/RE ¹²	I
		147/RJ ¹³	I
		283/POA ⁵	I
		343/SP ³	I
		095/SSA ⁵	I
		374/RJ ³	III
		365/POA ²	III
JÁ ESTÁ EM TEMPO DE PINTAR ¹	D2	266/RE ¹	I
JÁ FOI O TEMPO QUE O HOMEM VALIA O QUE TINHA ¹	D2	266/RE ¹	I
JÁ TEM TANTO TEMPO	DID	159/SSA ¹	III

QUE EU JÁ ESQUECI¹

LOGO DEPOIS DO CASAMENTO ¹	D2	147/RJ ¹	I
LOGO NO INÍCIO DO SÉCULO ¹	D2	374/RJ ¹	III
LOGO QUE ELE ABRIU ¹	DID	121/POA ¹	I
LOGO QUE NÓS VIEMOS PRA AQUI ¹	DID	004/RE ¹	I
MIL NOVECENTOS E SETENTA ¹	DID	145/RE ¹	III
NA DÉCADA DE CINQUENTA MAIS OU MENOS ¹	D2	151/RE ¹	I
NA ÉPOCA ¹¹	DID D2	156/RE ¹ 151/RE ¹ 147/RJ ¹ 095/SSA ⁴ 374/RJ ¹ 365/POA ¹ 298/SSA ²	III I I I III III III
NA ÉPOCA ATUAL ¹	D2	365/POA ¹	III
NA ÉPOCA ÁUREA ¹	D2	365/POA ¹	III
NA ÉPOCA DA GESTAÇÃO ¹	DID	145/RE ¹	III
NA ÉPOCA DA GUERRA ²	DID	112/RJ ¹	III
	D2	365/POA ¹	III
NA ÉPOCA DA POLÍTICA ¹	D2	151/RE ¹	I
NA ÉPOCA DE APRESENTAÇÃO DO FILME ¹	DID	161/SP ¹	I
NA ÉPOCA DE EU ME MUDAR PRO APARTAMENTO ¹	D2	266/RE ¹	I
NA ÉPOCA DE MINHA FORMATURA ¹	D2	365/POA ¹	III
NA ÉPOCA DE ORQUÍDEAS ¹	DID	156/RE ¹	III
NA ÉPOCA DE POLÍTICA ¹	D2	151/RE ¹	I
NA ÉPOCA DO AUGUE DA INFLAÇÃO ¹	D2	095/SSA ¹	I
NA ÉPOCA DO CARNAVAL ¹	D2	095/SSA ¹	I

NA ÉPOCA QUE EU TIVE NO RIO ¹	DID	150/RE ¹	I
NA ERA DO CONCRETO ARMADO ¹	D2	151/RE ¹	I
NA HORA EM QUE EU IA PARA O AR O BEM AMADO ¹	D2	333/SP ¹	III
NA HORA QUE O INDIVÍDUO VAI PROCURAR UMA TERAPIA ¹	D2	343/SP ¹	I
NA IDADE MÉDIA ¹	D2	365/POA ¹	III
NA MESMA ÉPOCA ¹	D2	095/SSA ¹	I
NA MINHA ÉPOCA ²	DID	012/RJ ¹	I
	D2	283/POA ¹	I
NA MINHA INFÂNCIA ¹	DID	012/RJ ¹	I
NA OCASIÃO ²	DID	344/POA ¹	III
	D2	333/SP ¹	III
NA OCASIÃO EM QUE ¹	DID	344/POA ¹	III
NÃO SOU DO TEMPO ¹	D2	298/SSA ¹	III
NAQUELA ÉPOCA ³¹	DID	173/SSA ¹	I
		161/SP ²	I
		145/RE ²	III
		112/RJ ²	III
		317/RJ ¹	III
		06/POA ²	III
		242/SP ¹	III
	D2	266/RE ⁵	I
		147/RJ ²	I
		283/POA ⁵	I
		095/SSA ⁶	I
		298/SSA ²	III
NAQUELA ERA DOS MUSICAIS ¹	D2	333/SP ¹	III
NAQUELA HORA ¹	D2	333/SP ¹	III
NAQUELA OCASIÃO ¹⁰	DID	112/RJ ¹	III
		06/POA ⁷	III
	D2	365/POA ¹	III
		333/SP ¹	III
NAQUELE ANO ³	DID	121/POA ¹	I
		112/RJ ¹	III
	D2	151/RE ¹	I
NAQUELE DIA ¹	D2	147/RJ ¹	I

NAQUELE MOMENTO ¹	D2	365/POA ¹	III	
NAQUELE PERÍODO ¹	D2	151/RE ¹	I	
NAQUELE PERÍODO ÁUREO DE SESENTA E OITO ¹	D2	365/POA ¹	III	
NAQUELE PERÍODO ÁUREO DO EIXO ¹	D2	365/POA ¹	III	
NAQUELE TEMPO ³¹	DID	004/RE ²	I	
		08/POA ¹	I	
		156/RE ¹	III	
		145/RE ¹	III	
		159/SSA ³	III	
		112/RJ ³	III	
		317/RJ ³	III	
		344/POA ¹	III	
		06/POA ⁴	III	
		250/SP ¹	III	
		242/SP ¹	III	
		D2	151/RE ¹	I
			266/RE ¹	I
			095/SSA ³	I
			374/RJ ¹	III
365/POA ²	III			
298/SSA ²	III			
NESSA ÉPOCA ³	DID	112/RJ ¹	III	
		D2	283/POA ¹	I
		365/POA ¹	III	
NESSA OCASIÃO ¹	D2	365/POA ¹	III	
NESSA REVOLUÇÃO ¹	D2	095/SSA ¹	I	
NESSE DIA ¹	D2	333/SP ¹	III	
NESSE MÊS ¹	D2	095/SSA ¹	I	
NESSE TEMPO ²	DID	156/RE ¹	III	
		317/RJ ¹	III	
NESSES ÚLTIMOS ANOS ¹	DID	344/POA ¹	III	
NESSES ÚLTIMOS VINTE ANOS ¹	D2	365/POA ¹	III	
NESTA ÉPOCA ¹	DID	242/SP ¹	III	
NESTA OCASIÃO ¹	DID	242/SP ¹	III	
NESTE ANO ¹	D2	333/SP ¹	III	
NESTE EXATO MOMENTO ¹	D2	333/SP ¹	III	

NESTE TEMPO ¹	D2	374/RJ ¹	III
NO ANO DE TRINTA E UM ATÉ QUASE TRINTA E QUATRO ¹	D2	298/SSA ¹	III
NO ANO PASSADO ¹	DID	121/POA ¹	I
NO ANO RETRASADO ¹	DID	121/POA ¹	I
NO DIA DEZENOVE DE SETEMBRO DE MIL NOVECENTOS E TRINTA E CINCO ¹	DID	06/POA ¹	III
NO DIA DOIS DE JANEIRO ¹	DID	317/RJ ¹	III
NO DIA QUE EU ME FORMEI ¹	DID	004/RE ¹	I
NO FIM DE SESSENTA E SEIS ¹	D2	283/POA ¹	I
NO FIM DO GOVERNO JOÃO GOULART ¹	D2	095/SSA ¹	I
NO INÍCIO ¹	D2	095/SSA ¹	I
NO INÍCIO DO SÉCULO ¹	D2	374/RJ ¹	III
NO INÍCIO O HOMEM VALIA O QUE ERA ¹	D2	266/RE ¹	I
NO JARDIM DE INFÂNCIA ¹	D2	283/POA ¹	I
NO MEU TEMPO ³	DID D2	06/POA ¹ 283/POA ¹ 298/SSA ¹	III I III
NO MEU TEMPO DE FAZER CURSO DE PSICOLOGIA INFANTIL ¹	DID	084/RJ ¹	I
NO MEU TEMPO DE MENINO ¹	DID	094/SSA ¹	III
NO MEU ÚLTIMO ANO DE CURSO NORMAL ¹	DID	242/SP ¹	III
NO MOMENTO ⁵	D2	151/RE ¹ 266/RE ¹ 374/RJ ² 365/POA ¹	I I III III
NO MOMENTO EM QUE ELE IMIGROU ¹	D2	333/SP ¹	III
NO NOSSO TEMPO ²	DID D2	344/POA ¹ 283/POA ¹	III I
NO PRINCÍPIO DO SÉCULO ¹	D2	095/SSA ¹	I

NO SÉCULO DEZENOVE ¹	D2	343/SP ¹	I
NO TEMPO ¹	D2	283/POA ¹	I
NO TEMPO DA GUERRA ¹	D2	151/RE ¹	I
NO TEMPO DE D. PEDRO II ¹	D2	151/RE ¹	I
NO TEMPO DELE ¹	DID	250/SP ¹	III
NO TEMPO DO BRASIL IMPÉRIO ¹	D2	151/RE ¹	I
NO TEMPO EM QUE BOA VIAGEM ERA MAR ¹	DID	150/RE ¹	I
NO TEMPO EM QUE EU ¹ AINDA FIZ PROGRAMA EM TELEVISÃO ¹	D2 DID	333/SP ¹ 250/SP ¹	III III
NO TEMPO EM QUE EU TRABALHAVA NO CURSO SECUNDÁRIO ¹	DID	156/RE ¹	III
NO TEMPO QUE MEU MARIDO SERVIU NO EXÉRCITO NA GUERRA ¹	DID	161/SP ¹	I
NO TEMPO QUE SE USAVA PSICOLOGIA PORTUGUESA ¹	DID	317/RJ ¹	III
NO TEMPO QUE SÉCULOS E SÉCULOS ATRÁS O TEATRO FAZIA SUCESSO ¹	D2	266/RE ¹	I
NO TEMPO QUE TEVE AÍ UNS CABELO COMPRIDOS ¹	D2	095/SSA ¹	I
NOS DEZ DIAS DEPOIS ¹	D2	374/RJ ¹	III
NOS TEMPOS DE HOJE ¹	D2	266/RE ¹	I
NOS ÚLTIMOS TEMPOS ¹	D2	266/RE ¹	I
NOS ÚLTIMOS VINTE ANOS ¹	D2	283/POA ¹	I
NOSSO TEMPO DE PRIMÁRIO ¹	D2	343/SP ¹	I
NUM PERÍODO DE DECADÊNCIA NUMA ÉPOCA ANORMAL ¹	DID	112/RJ ¹	III
NUMA ÉPOCA EM QUE POR EXEMPLO O TRABALHO ERA BEM ARTESANAL ¹	D2	343/SP ¹	I

NUMA ÉPOCA OU NOOUTRA ¹	D2	343/SP ¹	I
NUMA OCASIÃO EM QUE EU MUDEI DE EDITORA ¹	DID	242/SP ¹	III
O ANO PASSADO ⁴	DID	156/RE ¹	III
	D2	151/RE ¹	I
		283/POA ¹	I
		333/SP ¹	III
O FIM DO SÉCULO PASSADO ¹	D2	333/SP ¹	III
O NOSSO TEMPO ¹	DID	317/RJ ¹	III
O TEMPO DE SEUS AVÓS/ SEUS BISAVÓS ¹	D2	151/RE ¹	I
OUTRA ÉPOCA ¹	D2	343/SP ¹	I
OUTRO DIA ⁴	DID	145/RE ¹	III
	D2	151/RE ¹	I
		333/SP ¹	III
		298/SSA ¹	III
PARA SÉCULOS E SÉCULOS ¹	D2	095/SSA ¹	I
POUCOS ANOS ATRÁS ¹	D2	151/RE ¹	I
POUCO TEMPO ATRÁS ¹	DID	317/RJ ¹	III
PRA ÉPOCA ¹	DID	121/POA ¹	I
PRA MINHA ÉPOCA ¹	D2	266/RE ¹	I
PRO MEU TEMPO DE ACADÊMICO ¹	DID	006/POA ¹	III
QUANDO A CRIANÇA NASCE ¹	DID	145/RE ¹	III
QUANDO A GENTE ATRAVESSASSE O RIO PARANÁ NAQUELE VAPORZINHO ¹	D2	374/RJ ¹	III
QUANDO A GENTE ESCOLHE UMA PROFISSÃO ¹	D2	283/POA ¹	I
QUANDO A GENTE IA FICANDO MAIS MOÇO ¹	DID	006/POA ¹	III
QUANDO A GENTE VINHA DE FARRA DE BOATE ¹	D2	151/RE ¹	I
QUANDO A IRMÃZINHA	D2	374/RJ ¹	III

FALECEU¹

QUANDO A MINHA CASA SILENCIOU ¹	D2	283/POA ¹	I
QUANDO ACABOU A HISTÓRIA ¹	D2	266/RE ¹	I
QUANDO ÁUREOS ERAM OS TEMPOS DO FASCISMO ¹	D2	365/POA ¹	III
QUANDO CAIU A BOMBA ATÔMICA ¹	D2	343/SP ¹	I
QUANDO CHEGAVA ¹	D2	374/RJ ¹	III
QUANDO CHEGUEI ¹	D2	374/RJ ¹	III
QUANDO COMEÇAMOS ¹	DID	004/RE ¹	I
QUANDO COMEÇARAM OS PRIMEIROS CONTATOS COM AQUELA GRANDE ESCOLA DE HISTÓRIA CULTURAL DE VIENA ¹	D2	374/RJ ¹	III
QUANDO CRIANÇA ¹	D2	374/RJ ¹	III
QUANDO DAVAM BONS RESULTADOS ¹	DID	161/SP ¹	I
QUANDO DEIXA PRA CASAR DEPOIS ¹	D2	266/RE ¹	I
QUANDO É QUE NÓS VAMOS TER METRÔ ¹	D2	343/SP ¹	I
QUANDO ELA CRESCE ¹	D2	343/SP ¹	I
QUANDO ELA NASCEU ¹	D2	283/POA ¹	I
QUANDO ELAS PÕEM AQUELE MANTO ¹	D2	333/SP ¹	III
QUANDO ELE ACABA DE PAGAR ¹	D2	266/RE ¹	I
QUANDO ELE ME INCUBIU DISSO ¹	D2	333/SP ¹	III
QUANDO ELE PRECISA DE DINHEIRO ¹	D2	283/POA ¹	I
QUANDO ELE VEIO PARA SÃO PAULO ¹	D2	343/SP ¹	I

QUANDO ELES VOLTAM DAS FÉRIAS ¹	D2	283/POA ¹	I
QUANDO ENTREI PRA ESCOLA ¹	D2	283/POA ¹	I
QUANDO ERA ALUNO DA ESCOLA ¹	DID	112/RJ ¹	III
QUANDO ERA CRIANÇA ¹	D2	374/RJ ¹	III
QUANDO ERA GRANDE ¹	D2	343/SP ¹	I
QUANDO ERA MENINA ¹	DID	173/SSA ¹	I
QUANDO ERA MENINO ¹	DID	012/RJ ¹	I
QUANDO ERA PEQUENA ¹	D2	343/SP ¹	I
QUANDO ERA PEQUENININHO ¹	D2	147/RJ ¹	I
QUANDO ERA PERTO DO NATAL OU DO SÃO JOÃO ¹	D2	151/RE ¹	I
QUANDO ÉRAMOS PEQUENA ¹	DID	156/RE ¹	III
QUANDO ESSAS GERAÇÕES MUDAREM ¹	D2	151/RE ¹	I
QUANDO ESTAVA EM CASA ¹	DID	121/POA ¹	I
QUANDO ESTAVA EM JUIZ DE FORA ¹	DID	112/RJ ¹	III
QUANDO ESTAVAM FAZENDO A OBRA DO ESGOTO ALI NA RUA DA PACIÊNCIA ¹	D2	095/SSA ¹	I
QUANDO EU AINDA ERA BEM MENINA ¹	DID	159/SSA ¹	III
QUANDO EU CHEGAVA DA FACULDADE ¹	DID	121/POA ¹	I
QUANDO EU COMECEI A DAR AULA NA UNIVERSIDADE ¹	D2	283/POA ¹	I
QUANDO EU ERA BEM RAPAIZ ¹	D2	095/SSA ¹	I
QUANDO EU ERA CRIANÇA ²	D2	151/RE ¹ 374/RJ ¹	I III
QUANDO EU ERA GURI ¹	DID	08/POA ¹	I
QUANDO EU ERA MENINA ²	DID	156/RE ¹ 159/SSA ¹	III III

QUANDO EU ERA MENOR ¹	D2	147/RJ ¹	I
QUANDO EU ERA MOÇA ²	DID	317/RJ ²	III
QUANDO EU ERA MOCINHA ²	DID D2	156/RE ¹ 333/SP ¹	III III
QUANDO EU ERA MUITO PEQUENA ¹	DID	150/RE ¹	I
QUANDO EU ERA PEQUENA ⁶	DID D2	150/RE ² 156/RE ¹ 147/RJ ¹ 374/RJ ²	I III I III
QUANDO EU ERA PROFESSORA ¹	D2	374/RJ ¹	III
QUANDO EU ERA PROFESSORA PRIMÁRIA ¹	D2	374/RJ ¹	III
QUANDO EU ESTIVE EM WASHINGTON ¹	DID	344/POA ¹	III
QUANDO EU ESTIVE UMA VEZ EM UBERABA ¹	D2	374/RJ ¹	III
QUANDO EU ESTOU PRECISANDO ¹	D2	283/POA ¹	I
QUANDO EU ESTUDEI ¹	D2	343/SP ¹	I
QUANDO EU FIZ O MEU CURSO ¹	DID	242/SP ¹	III
QUANDO EU FUI ¹	D2	283/POA ¹	I
QUANDO EU FUI ARTISTA ¹	DID	161/SP ¹	I
QUANDO EU FUI ÀS SETE ¹	D2	283/POA ¹	I
QUANDO EU IA DE FRANKFURT PRA MARBOURG ¹	D2	374/RJ ¹	III
QUANDO EU JÁ ESTAVA ACHO QUE COMEÇANDO NA MINHA CARREIRA DE JORNALISTA ¹	D2	333/SP ¹	III
QUANDO EU LEVEI MUITO BOLO ¹	DID	145/RE ¹	III
QUANDO EU ME CASEI ¹	DID	156/RE ¹	III

QUANDO EU ME LEMBRO ¹	D2	283/POA ¹	I
QUANDO EU MORAVA NA MINHA CASA ¹	DID	156/RE ¹	III
QUANDO EU MORAVA NA TIJUCA ¹	DID	317/RJ ¹	III
QUANDO EU NOIVEI ¹	DID	145/RE ¹	III
QUANDO EU PASSO MUITO TEMPO NA CIDADE ¹	D2	343/SP ¹	I
QUANDO EU PEGO O CARRO ¹	D2	343/SP ¹	I
QUANDO EU SAIO E COMPRO UM PERFUME CARO ¹	D2	147/RJ ¹	I
QUANDO EU TERMINEI A ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA ¹	DID	242/SP ¹	III
QUANDO EU TINHA DOIS ANOS E MEIO... TRÊS ANOS DE IDADE ¹	DID	08/POA ¹	I
QUANDO EU TINHA SEIS ANOS ¹	D2	266/RE ¹	I
QUANDO EU TIVE A ÂNGELA ¹	D2	283/POA ¹	I
QUANDO EU TIVE A MINHA FILHA ¹	D2	283/POA ¹	I
QUANDO EU TIVE NO RIO ¹	DID	150/RE ¹	I
QUANDO EU TIVE QUE TRABALHAR ¹	D2	283/POA ¹	I
QUANDO EU VEJO O ECUMENISMO ¹	DID	242/SP ¹	III
QUANDO EU VIA ESSES ANIMAIS COM ESSE PODER TODO ¹	D2	374/RJ ¹	III
QUANDO EU VIAJO ¹	D2	283/POA ¹	I
QUANDO EU VOU À SÃO PAULO ¹	D2	147/RJ ¹	I
QUANDO EU VOU ASSIM À FAZENDA ¹	DID	156/RE ¹	III
QUANDO EU VOU PARA O CENTRO ¹	D2	343/SP ¹	I
QUANDO EU VOU PRA ESTRADA ¹	D2	343/SP ¹	I

QUANDO FIZERAM A AV. SETE ¹	D2	095/SSA ¹	I
QUANDO FOI LANÇADA A PRIMEIRA TV ¹	D2	333/SP ¹	III
QUANDO FUI ¹	D2	095/SSA ¹	I
QUANDO INSTALAREM ESSAS NOVAS CENTRAIS ¹	D2	151/RE ¹	I
QUANDO ME CASEI ¹	D2	095/SSA ¹	I
QUANDO MEU IRMÃO DIVISOU DO OUTRO LADO DAQUELA FILA PRA ENTRAR ¹	D2	147/RJ ¹	I
QUANDO MEUS SOBRINHOS TAVAM LÁ ¹	D2	151/RE ¹	I
QUANDO MUITO PEQUENO ¹	DID	06/POA ¹	III
QUANDO NÃO EXISTIA O REGIME DE TEMPO INTEGRAL ¹	DID	08/POA ¹	I
QUANDO NÃO HAVIA GADO ¹	D2	266/RE ¹	I
QUANDO NO CINEMA ¹	D2	151/RE ¹	I
QUANDO NÓS CASAMOS ¹	DID	084/RJ ¹	I
QUANDO NÓS CHEGAMOS À IGUAÇU ¹	D2	374/RJ ¹	II
QUANDO NÓS CHEGAMOS AQUI ¹	DID	004/RE ¹	I
QUANDO NÓS ÉRAMOS MAIS VELHOS ¹	DID	06/POA ¹	III
QUANDO NÓS FOMOS FAZER AQUELA VIAGEM LÁ EM IGUAÇU E SALTO DAS SETE QUEDAS ¹	D2	374/RJ ¹	III
QUANDO NÓS ÍAMOS PRAS FÉRIAS ¹	DID	06/POA ¹	III
QUANDO NÓS NÃO NOS COMPORTÁVAMOS BEM ¹	DID	06/POA ¹	III
QUANDO NÓS TEMOS DE BOTAR FORA ¹	DID	156/RE ¹	III
QUANDO NÓS TERMINÁVAMOS O CURSO SECUNDÁRIO ¹	DID	242/SP ¹	III
QUANDO NÓS VAMOS	D2	095/SSA ¹	I

DESAPROPRIAR ALGUM TERRENO¹

QUANDO O CAMARADA CASA COM VINTE ANOS... COM VINTE E DOIS... COM VINTE E TRÊS ¹	D2	266/RE ¹	I
QUANDO O CHANCELER GIBSON BARBOSA ERA NOSSO MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES ¹	D2	333/SP ¹	III
QUANDO O FILHO NASCE ²	D2	266/RE ²	I
QUANDO O GOVERNO OBRIGOU A COMPANHIA A DEVOLVER ¹	D2	151/RE ¹	I
QUANDO O JAPÃO ATACOU OS EUA ¹	D2	365/POA ¹	III
QUANDO O PADEIRO TRAZIA O PÃO EM CASA E O VERDUREIRO BATIA NA PORTA... O CARNICEIRO TRAZIA CARNE ESCOLHIDA... O ARMAZÉM VINHA PERGUNTAR DE MANHÃ QUANTO QUE PRECISA ¹	DID	344/POA ¹	III
QUANDO O PALÁCIO IA DAR FESTA NO JARDIM ¹	DID	156/RE ¹	III
QUANDO O PESSOAL SAÍA DA CALÇADA ¹	D2	374/RJ ¹	III
QUANDO O SUJEITO PUDESSE BOTAR DE VINTE EM DIANTE ¹	D2	266/RE ¹	I
QUANDO PAPAI ERA DIRETOR DE UM DETERMINADO INSTITUTO AQUI DE RECIFE ¹	D2	151/RE ¹	I
QUANDO PASSA PARA ADULTO ¹	D2	343/SP ¹	I
QUANDO PEQUENO ¹	DID	08/POA ¹	I
QUANDO SE DÁ PREÇO ¹	D2	266/RE ¹	I
QUANDO SE FUNDOU A PRIMEIRA ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA DO BRASIL ¹	DID	242/SP ¹	III
QUANDO SE OUVI UM RÁDIO BRASILEIRO ¹	D2	333/SP ¹	III
QUANDO SE PEDE A TV ¹	D2	333/SP ¹	III

QUANDO SOMOS PEQUENOS ¹	D2	095/SSA ¹	I
QUANDO SOUBERAM QUE ERA PARTICULAR ¹	D2	283/POA ¹	I
QUANDO SURTIU ¹	D2	095/SSA ¹	I
QUANDO TEM FILHO ¹	D2	266/RE ¹	I
QUANDO TINHA SETE NOVE ONZE ¹	D2	343/SP ¹	I
QUANDO UM LOCUTOR IA FAZER UM TESTE ¹	D2	333/SP ¹	III
QUANDO UMA COISA DÁ CERTO ¹	DID	161/SP ¹	I
QUANDO UMA MÃE DÁ LIBERDADE TOTAL PRA CRIANÇA ¹	D2	283/POA ¹	I
QUANDO VÊ UMA GAROTA COM AQUELA ROUPA ¹	D2	147/RJ ¹	I
QUANDO VÊM OS FILHOS ¹	D2	343/SP ¹	I
QUANDO VIAJOU COM MEU PAI ¹	D2	095/SSA ¹	I
QUANDO VINHA O (SARRAZANE) AQUI NO RIO ¹	D2	374/RJ ¹	III
QUANDO VIRAM QUE ERA PARTICULAR ¹	D2	283/POA ¹	I
QUANDO VIVE NO INTERIOR ¹	D2	283/POA ¹	I
QUANDO VOCÊ CONSEGUE UMA MUDANÇA DE CASTA ¹	D2	343/SP ¹	I
QUANDO VOCÊ ESTÁ FALANDO DE AGORA SER MAIS FÁCIL ¹	D2	365/POA ¹	III
QUANDO VOCÊ LIDA COM GENTE QUE TEM UMA CERTA GENTE IMPORTANTE ¹	D2	095/SSA ¹	I
QUANDO VOCÊ VAI AO PARANÁ ¹	D2	147/RJ ¹	I
QUANDO VOCÊ VAI PARA ALIANÇA ¹	D2	343/SP ¹	I
QUASE UM ANO ¹	D2	095/SSA ¹	I
QUATROCENTOS E CINQUENTA ANOS ¹	D2	266/RE ¹	I

QUATROCENTOS E OITENTA ANOS ¹	D2	266/RE ¹	I
SÉCULO DEZENOVE ¹	D2	151/RE ¹	I
SESSENTA E NOVE ¹	D2	365/POA ¹	III
SETENTA ¹	D2	365/POA ¹	III
TEM VINTE E UM ¹	DID	317/RJ ¹	III
TINHA ÉPOCA QUE ¹	DID	156/RE ¹	III
TINHA ÉPOCAS QUE ¹	DID	121/POA ¹	I
TRÊS MESES ANTES ¹	D2	298/SSA ¹	III
TREZENTOS E SESSENTA ANOS ¹	D2	343/SP ¹	I
UM ANO ¹	D2	095/SSA ¹	I
UM DIA ⁶	D2	266/RE ¹	I
		283/POA ¹	I
		374/RJ ⁴	III
UM DIA DESSES ²	DID	344/POA ¹	III
	D2	095/SSA ¹	I
UM POUQUINHO ANTES ¹	D2	095/SSA ¹	I
UMA CERTA ÉPOCA ¹	D2	374/RJ ¹	III
UMA ÉPOCA ³	D2	343/SP ¹	I
		095/SSA ¹	I
		151/RE ¹	I
UMA ÉPOCA NA MINHA VIDA ¹	D2	333/SP ¹	III
UMA VEZ QUE FIZ TEATRO ¹	DID	161/SP ¹	I
UNS CEM ANOS ATRÁS ¹	D2	343/SP ¹	I
UNS POUCOS ANOS ¹	DID	317/RJ ¹	III
UNS TRÊS ANOS ATRÁS ¹	D2	147/RJ ¹	I
VINTE ANOS ATRÁS ¹	D2	365/POA ¹	III

5.1.2 Análise dos marcadores temporais sob a perspectiva da reiteração

No intuito de evidenciar os marcadores temporais sob o aspecto da reiteração, visualizou-se que nos dados coletados existem marcadores temporais reiterativos, ou seja, que se repetem na escala temporal, e os não-reiterativos, isto é, que não se repetem. Pelos dados expostos no quadro que a seguir se apresenta, é possível perceber que houve uma incidência maior de marcadores temporais não-reiterativos. Tal aspecto evidencia uma predisposição em se falar mais do que já se foi, do que está no passado.

Lista das expressões de tempo sob a perspectiva da reiteração

REITERATIVOS⁵⁰

A CADA ANO¹
A ÉPOCA¹
AINDA HOJE²
ATÉ AGORA³
ATÉ HOJE¹⁴
DE ÉPOCA¹
DESDE SEMPRE¹
DURANTE MÊS DE JUNHO JULHO¹
DURANTE MUITO TEMPO²
EM FEVEREIRO¹
EM JULHO¹
NA ÉPOCA DA POLÍTICA¹
NA ÉPOCA DE ORQUÍDEAS¹
NA ÉPOCA DE POLÍTICA¹
NA ÉPOCA DO CARNAVAL¹
QUANDO EU PEGO O CARRO¹
QUANDO EU VEJO O ECUMENISMO¹
 QUANDO EU VIAJO¹
QUANDO EU VOU A SÃO PAULO¹
QUANDO EU VOU ASSIM À FAZENDA¹
QUANDO EU VOU PARA O CENTRO¹
QUANDO EU VOU PRA ESTRADA¹
QUANDO O FILHO NASCE²
QUANDO TEM FILHO¹
QUANDO UMA MÃE DÁ LIBERDADE TOTAL
PRA CRIANÇA¹
 QUANDO VÊM OS FILHOS¹
QUANDO VIVE NO INTERIOR¹
QUANDO VOCÊ CONSEGUE UMA MUDANÇA
DE CASTA¹
QUANDO VOCÊ ESTÁ FALANDO DE AGORA
SER MAIS FÁCIL¹

NÃO-REITERATIVOS⁶⁷³

QUANDO VOCÊ LIDA COM GENTE QUE TEM
UMA CERTA GENTE IMPORTANTE¹
QUANDO VOCÊ VAI AO PARANÁ¹
QUANDO VOCÊ VAI PARA ALIANÇA¹

AGORA HÁ POUCO¹
AINDA HÁ POUCO¹
ALGUM TEMPO ATRÁS¹
ANTES DA REVOLUÇÃO¹
ANTES DE SETE ANOS¹
ANTES DISSO¹
ANTES DO GOVERNO TERMINAR¹
AO LONGO DESSES QUATRO ANOS¹
AO SÉCULO PASSADO¹
AOS SETE ANOS¹
AQUELA ÉPOCA²
ATÉ BEM POUCO TEMPO¹
ATÉ HÁ POUCO TEMPO MESMO¹
ATÉ O MÊS PASSADO¹
ATÉ OS DEZENOVE ANOS¹
ATÉ POUCO TEMPO¹
ATÉ TRINTA¹
ATÉ TRINTA E QUATRO¹
ATÉ VINTE¹
A ÚLTIMA VEZ QUE EU FUI À ARGENTINA¹
CEM ANOS ATRÁS¹
CERTA FEITA¹
CINQUENTA ANOS ATRÁS¹
COM A IDADE HOJE OITENTA E NOVE¹
COM CINCO ANOS¹
COM DEZENOVE ANOS¹
COM DEZESSETE ANOS¹
COM NOVE ANOS¹
COM O TEMPO²
COM SETE ANOS¹
COM TRINTA E TRÊS ANOS¹
COM VINTE E UM ANOS¹
COMEÇO DO SÉCULO¹
DA ÉPOCA⁵
DA IDADE MÉDIA²
DA MINHA ÉPOCA²
DA MINHA INFÂNCIA¹
DA NOSSA GERAÇÃO¹
DAÍ A POUCO¹
DAQUELA ÉPOCA²
DAQUELE TEMPO¹
DAQUELES TEMPOS DAS GUERRAS DO
CACAU¹
DE ALGUMAS DÉCADAS PASSADAS¹
DE DOIS OU TRÊS ANOS¹
DE ÉPOCAS ANTERIORES¹
DE HOJE⁴
DE NOVEMBRO DE MIL E NOVECENTOS E
QUARENTA E TRÊS¹
DE PRIMEIRO MOMENTO¹

DE SESSENTA E QUATRO¹
DE SESSENTA E SETE¹
DE TRÊS A TREZE¹
DE UMA ÉPOCA¹
DE UMA ÉPOCA PASSADA¹
DE UNS ANOS PRA CÁ¹

DE UNS VINTE ANOS PRA CÁ¹
DE VEZ EM QUANDO¹
DE VINTE E NOVE DE ABRIL DE OITENTA E
OITO¹

DEPOIS DE CERTO TEMPO¹
DEPOIS DE DEZESSEIS ANOS¹
DEPOIS DE PEQUENO¹

DEPOIS DE QUASE UM ANO OU DOIS¹

DEPOIS DE UMA SEMANA DE PERIPÉCIA¹
DEPOIS DE VIÚVA¹
DEPOIS DESSA HISTÓRIA¹
DEPOIS DESSE SURTO DE CONSTRUÇÕES¹

DEPOIS DISSO¹
DEPOIS DISTO¹
DEPOIS O HOMEM PASSOU A VALER O QUE
TINHA¹
DEPOIS QUE CESSOU ESSA ÉPOCA¹
DESDE A GESTAÇÃO¹
DESDE AÍ¹
DESDE AQUELA ÉPOCA¹
DESDE AQUELE TEMPO¹
DESDE MENINA¹
DESDE MUITO TENRA IDADE¹
DESDE O PRIMEIRO ANO¹
DESDE O PRIMEIRO ANO PRIMÁRIO¹
DESDE O PROJETO ATÉ A ENTREGA DA
OBRA¹
DESDE OS SETE ANOS¹
DESDE PEQUENA¹
DESDE QUE ME FORMEI¹
DESDE QUE O URUGUAI SAIU DAQUELE
GOVERNO COLEGIADO¹
DESDE SETE OITO ANOS¹
DEZENOVE ANOS¹

DO ANO PASSADO¹
DO SÉCULO VINTE²
DO TEMPO DE MEU PAI¹
DOS DIAS DE HOJE¹
DOS TEMPOS HERÓICOS¹
DURANTE ALGUNS ANOS¹
DURANTE AQUELE TEMPO TODO¹
DURANTE O MEU TEMPO ACADÊMICO¹
DURANTE O PERÍODO DO SÉCULO
PASSADO¹
DURANTE OS SEIS ANOS¹
DURANTE QUATRO ANOS¹

DURANTE UNS TRÊS MESES¹
DURANTE VINTE E CINCO ANOS¹
DUZENTOS ANOS ANTES¹
É DE MEU TEMPO¹
É DO SEU TEMPO²
EM CIQUENTA E QUATRO¹
EM CINQUENTA SESENTA E SEIS¹
EM CRIANÇA²
EM DEZ ¹
EM ÉPOCA ANTERIOR¹
EM MIL E NOVECENTOS²
EM MIL NOVECENTOS E CINQUENTA ¹
EM MIL NOVECENTOS E DEZ¹
EM MIL NOVECENTOS E DOZE¹
EM MIL NOVECENTOS E QUARENTA E SETE
QUARENTA E OITO¹
EM MIL NOVECENTOS E TRINTA¹

EM MIL NOVECENTOS E TRINTA E CINCO¹
EM MIL NOVECENTOS E UM¹
EM MIL NOVECENTOS E UM...QUATRO DE
MAIO¹
EM MIL NOVECENTOS E SESENTA¹
EM MIL NOVECENTOS E VINTE E DOIS¹
EM MIL OITOCENTOS E POUCO¹
EM MIL OITOCENTOS E SETENTA¹
EM PEQUENA¹
EM POUCO MAIS DE DEZ ANOS¹
EM QUARENTA¹
EM QUARENTA E SETE¹
EM QUARENTA E SETE QUARENTA E OITO¹
EM QUATROCENTOS ANOS OU

QUINHENTOS ANOS¹

EM SESENTA¹
EM SESENTA E NOVE¹
EM SESENTA E OITO¹
EM SESENTA E SEIS⁵

EM SESENTA E SETE¹
EM SETE¹
EM SETEMBRO DE SETENTA E TRÊS¹
EM SETENTA E QUATRO¹
EM SETENTA E SETE¹
EM TERMOS ATUAIS¹
EM TERMOS DE IDADE MÉDIA¹
EM TRINTA¹
EM TRINTA E DOIS²
EM TRINTA E QUATRO¹
EM VINTE E CINCO¹
EM VINTE E UM DE OUTUBRO¹
ERA UMA ÉPOCA QUE SE USAVA MAIS
FLORES¹
ESSA NOSSA GERAÇÃO¹
ESSE ANO⁸
ESTE ANO²
FAZ TEMPO¹

FOI UMA ÉPOCA MUITO GOSTOSA¹
HÁ ALGUNS ANOS¹
HÁ ALGUNS ANOS ATRÁS¹
HÁ ANOS PASSADOS¹
HÁ BASTANTE TEMPO¹
HÁ BEM POUCO TEMPO¹
HÁ CEM ANOS ATRÁS¹
HÁ CINQUENTA E TANTOS ANOS¹
HÁ CINQUENTA E TANTOS ANOS ATRÁS¹
HÁ DEZESSETE ANOS¹
HÁ DOIS ANOS ATRÁS¹
HÁ MAIS ANOS¹
HÁ MAIS DE CINQUENTA ANOS¹
HÁ MAIS DE QUINZE ANOS¹
HÁ MAIS DE VINTE¹
HÁ MUITO¹
HÁ MUITOS ANOS⁶
HÁ MUITO TEMPO⁷
HÁ MUITO TEMPO ATRÁS¹
HÁ POUCO¹
HÁ POUCO TEMPO¹¹
HÁ POUCO TEMPO ATRÁS³
HÁ POUCOS DIAS²
HÁ QUASE DEZESSEIS ANOS¹
HÁ QUATRO ANOS¹

HÁ QUINZE DIAS ATRÁS¹
HÁ SETE ANOS¹
HÁ TANTO TEMPO¹
HÁ TEMPOS ATRÁS⁴
HÁ TRÊS ANOS²
HÁ TRINTA ANOS¹
HÁ TRINTA ANOS ATRÁS³
HÁ UM ANO ATRÁS¹
HÁ UM ANO PASSADO OU DOIS¹
HÁ UM POUCO TEMPO¹
HÁ UMA QUESTÃO DE SETE OU OITO ANOS
ATRÁS¹
HÁ UNS... ALGUNS ANOS PASSADOS¹
HÁ UNS ANOS¹
HÁ UNS DEZESSEIS ANOS¹
HÁ UNS QUINZE, DEZESSEIS ANOS¹
HÁ UNS TRINTA ANOS¹
HÁ UNS VINTE ANOS¹
HÁ VÁRIOS ANOS¹
HÁ VINTE ANOS²
HÁ VINTE ANOS ATRÁS¹
HOJE EM DIA⁶⁰
NA ÉPOCA ATUAL¹
NA ÉPOCA ÁUREA¹
NA ÉPOCA DA GESTAÇÃO¹
NA ÉPOCA DA GUERRA²
NA ÉPOCA DE APRESENTAÇÃO DO FILME¹
NA ÉPOCA DE EU ME MUDAR PRO
APARTAMENTO¹
NA ÉPOCA DE MINHA FORMATURA¹
NA ÉPOCA DO AUGÉ DA INFLAÇÃO¹

NA ÉPOCA QUE EU TIVE NO RIO¹
NA ERA DO CONCRETO ARMADO¹
NA HORA EM QUE IA PARA O AR O BEM
AMADO¹
NA HORA QUE O INDIVÍDUO VAI
PROCURAR UMA TERAPIA¹
NA IDADE MÉDIA¹
NA MESMA ÉPOCA¹
NA MINHA ÉPOCA²
NA MINHA INFÂNCIA¹
NA OCASIÃO²
NA OCASIÃO EM QUE¹
NÃO SOU DO TEMPO¹
NAQUELA ÉPOCA³⁰
NAQUELA ERA DOS MUSICAIS¹
NAQUELA HORA¹
NAQUELA OCASIÃO¹⁰
NAQUELE ANO³
NAQUELE DIA¹
NAQUELE MOMENTO¹
NAQUELE PERÍODO¹
NAQUELE PERÍODO ÁUREO DE SESENTA E
OITO¹
NAQUELE PERÍODO ÁUREO DO EIXO¹
NAQUELE TEMPO³¹
NESSA ÉPOCA³
NESSA OCASIÃO¹
NESSA REVOLUÇÃO¹
NESSE DIA¹
NESSE MÊS¹
NESSE TEMPO²
NESSES ÚLTIMOS ANOS¹
NESSES ÚLTIMOS VINTE ANOS¹
NESTA ÉPOCA¹
NESTA OCASIÃO¹
NESTE ANO¹
NESTE EXATO MOMENTO¹
NESTE TEMPO¹
NO ANO DE TRINTA E UM ATÉ QUASE
TRINTA E QUATRO¹
NO ANO PASSADO¹

NO ANO RETRASADO¹

NO DIA DEZENOVE DE SETEMBRO DE MIL
NOVECENTOS E TRINTA E CINCO¹
NO DIA DOIS DE JANEIRO¹
NO DIA QUE EU ME FORMEI¹
NO FIM DE SESENTA E SEIS¹
NO FIM DO GOVERNO JOÃO GOULART¹
NO INÍCIO¹
NO INÍCIO DO SÉCULO¹
NO INÍCIO O HOMEM VALIA O QUE ERA¹
NO JARDIM DE INFÂNCIA¹
NO MEU TEMPO³

NO MEU TEMPO DE FAZER CURSO DE
PSICOLOGIA INFANTIL¹
NO MEU TEMPO DE MENINO¹
NO MEU ÚLTIMO ANO DE CURSO NORMAL¹
NO MOMENTO⁵
NO MOMENTO EM QUE ELE IMIGROU¹
NO NOSSO TEMPO²
NO PRINCÍPIO DO SÉCULO¹
NO SÉCULO DEZENOVE¹
NO TEMPO¹
NO TEMPO DA GUERRA¹
NO TEMPO DE DOM PEDRO SEGUNDO¹
NO TEMPO DELE¹
NO TEMPO DO BRASIL IMPÉRIO¹
NO TEMPO EM QUE BOA VIAGEM ERA
MAR¹
NO TEMPO EM QUE EU AINDA FIZ
PROGRAMA EM TELEVISÃO¹
NO TEMPO EM QUE EU TRABALHAVA NO
CURSO SECUNDÁRIO¹
NO TEMPO QUE MEU MARIDO SERVIU NO
EXÉRCITO NA GUERRA¹
NO TEMPO QUE SÉCULOS E SÉCULOS
ATRÁS O TEATRO FAZIA SUCESSO¹
NO TEMPO QUE SE USAVA PSICLOGIA
PORTUGUESA¹

NO TEMPO QUE TEVE AÍ UNS CABELO
COMPRIDO¹
NOS DEZ DIAS DEPOIS¹
NOS TEMPOS DE HOJE¹

NOS ÚLTIMOS TEMPOS¹

NOS ÚLTIMOS VINTE ANOS¹

NOSSO TEMPO DE PRIMÁRIO¹
NUM PERÍODO DE DECADÊNCIA¹
NUMA ÉPOCA ANORMAL¹
NUMA ÉPOCA EM QUE POR EXEMPLO O TRABALHO
ERA BEM ARTESANAL¹

NUMA ÉPOCA OU NOOUTRA¹
NUMA OCASIÃO EM QUE EU MUDEI DE
EDITORA¹
O ANO PASSADO⁴
O FIM DO SÉCULO PASSADO¹
O NOSSO TEMPO¹
O TEMPO DE SEUS AVÓS SEUS BISAVÓS¹
OUTRA ÉPOCA¹
OUTRO DIA⁴
PARA SÉCULOS E SÉCULOS¹
POUCOS ANOS ATRÁS¹
POUCO TEMPO ATRÁS¹
PRA ÉPOCA¹
PRA MINHA ÉPOCA¹
PRO MEU TEMPO DE ACADÊMICO¹
QUANDO ACABOU A HISTÓRIA¹

QUANDO A CRIANÇA NASCE¹
QUANDO A GENTE ATRAVESSASSE O RIO
PARANÁ NAQUELE VAPORZINHO¹
QUANDO A GENTE ESCOLHE UMA
PROFISSÃO¹
QUANDO A GENTE IA FICANDO MAIS
MOÇO¹
QUANDO A GENTE VINHA DE FARRA DE
BOATE¹
QUANDO A IRMÃZINHA FALECEU¹
QUANDO A MINHA CASA SILENCIOU¹
QUANDO ÁUREOS ERAM OS TEMPOS DO
FASCISMO¹
QUANDO CAIU A BOMBA ATÔMICA¹
QUANDO CHEGAVA¹
QUANDO CHEGUEI¹
QUANDO COMEÇAMOS¹
QUANDO COMEÇARAM OS PRIMEIROS
CONTATOS COM AQUELA
GRANDE ESCOLA DE HISTÓRIA CULTURAL
DE VIENA¹
QUANDO CRIANÇA¹
QUANDO DAVAM BONS RESULTADOS¹
QUANDO DEIXA PRA CASAR DEPOIS¹
QUANDO É QUE NÓS VAMOS TER METRÔ¹
QUANDO ELA CRESCE¹
QUANDO ELA NASCEU¹
QUANDO ELAS PÕEM AQUELE MANTO¹
QUANDO ELE ACABA DE PAGAR¹
QUANDO ELE ME INCUBIU DISSO¹
QUANDO ELE PRECISA DE DINHEIRO¹
QUANDO ELE VEIO PARA SÃO PAULO¹
QUANDO ELES VOLTAM DAS FÉRIAS¹
QUANDO ENTREI PRA ESCOLA¹
QUANDO ERA ALUNO DA ESCOLA¹
QUANDO ERA CRIANÇA¹
QUANDO ERA GRANDE¹
QUANDO ERA MENINA¹
QUANDO ERA MENINO¹
QUANDO ERA PEQUENA¹
QUANDO ERA PEQUENININHO¹
QUANDO ERA PERTO DO NATAL OU DO
SÃO JOÃO¹
QUANDO ÉRAMOS PEQUENA¹
QUANDO ESSAS GERAÇÕES MUDAREM¹
QUANDO ESTAVA EM CASA¹
QUANDO ESTAVA EM JUZ DE FORA¹
QUANDO ESTAVAM FAZENDO A OBRA DO
ESGOTO ALI NA RUA DA PACIÊNCIA¹
QUANDO EU AINDA ERA BEM MENINA¹
QUANDO EU CHEGAVA DA FACULDADE¹

QUANDO EU COMECEI A DAR AULA NA
UNIVERSIDADE¹

QUANDO EU ERA BEM RAPAZ¹

QUANDO EU ERA CRIANÇA²

QUANDO EU ERA GURI¹

QUANDO EU ERA MENINA²

QUANDO EU ERA MENOR¹

QUANDO EU ERA MOCINHA²

QUANDO EU ERA MOÇA²

QUANDO EU ERA MUITO PEQUENA¹

QUANDO EU ERA PEQUENA⁶

QUANDO EU ERA PROFESSORA¹

QUANDO EU ERA PROFESSORA PRIMÁRIA¹

QUANDO EU ESTIVE EM WASHINGTON¹

QUANDO EU ESTIVE UMA VEZ EM

UBERABA¹

QUANDO EU ESTOU PRECISANDO¹

QUANDO EU ESTUDEI¹

QUANDO EU FIZ O MEU CURSO¹

QUANDO EU FUI¹

QUANDO EU FUI ARTISTA¹

QUANDO EU... QUANDO EU FUI... EU FUI ÀS
SETE¹

QUANDO EU IA DE FRANKFURT PRA
MARBOURG¹

QUANDO EU JÁ ESTAVA ACHO QUE

COMEÇANDO NA MINHA

CARREIRA DE JORNALISTA ¹

QUANDO EU LEVEI MUITO BOLO¹

QUANDO EU ME CASEI¹

QUANDO EU ME LEMBRO¹

QUANDO EU MORAVA NA MINHA CASA¹

QUANDO EU MORAVA NA TIJUCA¹

QUANDO EU NOIVEI¹

QUANDO EU PASSO MUITO TEMPO NA

CIDADE¹

QUANDO EU SAIO E COMPRO UM PERFUME

CARO¹

QUANDO EU TERMINEI A ESCOLA DE

BIBLIOTECONOMIA¹

QUANDO EU TINHA DOIS ANOS E MEIO

TRÊS ANOS DE IDADE¹

QUANDO EU TINHA SEIS ANOS¹

QUANDO EU TIVE A ÂNGELA¹

QUANDO EU TIVE A MINHA FILHA¹

QUANDO EU TIVE NO RIO¹

QUANDO EU TIVE QUE TRABALHAR¹

QUANDO EU VIA ESSES ANIMAIS COM

ESSE PODER TODO¹

QUANDO FIZERAM A AVENIDA SETE¹

QUANDO FOI LANÇADA A PRIMEIRA

TELEVISÃO¹

QUANDO FUI¹

QUANDO INSTALAREM ESSAS NOVAS
CENTRAIS¹

QUANDO ME CASEI¹

QUANDO MEU IRMÃO DIVISOU DO OUTRO
LADO DAQUELA FILA PRA ENTRAR¹

QUANDO MEUS SOBRINHOS TAVAM LÁ¹

QUANDO MUITO PEQUENO¹

QUANDO NÃO EXISTIA O REGIME DE
TEMPO INTEGRAL¹

QUANDO NÃO HAVIA GADO¹

QUANDO NO CINEMA¹

QUANDO NÓS CASAMOS¹

QUANDO NÓS CHEGAMOS A IGUAÇU¹

QUANDO NÓS CHEGAMOS AQUI¹

QUANDO NÓS ÉRAMOS MAIS VELHOS¹

QUANDO NÓS FOMOS FAZER AQUELA

VIAGEM LÁ EM IGUAÇU E

SALTO DAS SETE QUEDAS¹

QUANDO NÓS ÍAMOS PRAS FÉRIAS¹

QUANDO NÓS NÃO NOS COMPORTÁVAMOS
MUITO BEM¹

QUANDO NÓS TEMOS DE BOTAR FORA¹

QUANDO NÓS TERMINÁVAMOS O CURSO
SECUNDÁRIO¹

QUANDO NÓS VAMOS DESAPROPRIAR
ALGUM TERRENO¹

QUANDO O CAMARADA CASA COM VINTE ANOS COM
VINTE E DOIS COM VINTE E TRÊS¹

QUANDO O CHANCELER GIBSON BARBOSA
ERA NOSSO MINISTRO DAS RELAÇÕES
EXTERIORES¹

QUANDO O GOVERNO OBRIGOU A
COMPAINHA A DEVOLVER¹

QUANDO O JAPÃO ATACOU OS ESTADOS
UNIDOS¹

QUANDO O PADEIRO TRAZIA O PÃO EM
CASA E O VERDUREIRO BATIA NA PORTA,

O CARNICEIRO TRAZIA CARNE

ESCOLHIDA, O ARMAZÉM VINHA

PERGUNTAR DE MANHÃ QUANTO QUE
PRECISA¹

QUANDO O PALÁCIO IA DAR FESTA NO
JARDIM¹

QUANDO O PESSOAL SAÍA DA CALÇADA¹

QUANDO O SUJEITO PUDESSE BOTAR DE
VINTE EM DIANTE¹

QUANDO PAPAI ERA DIRETOR DE UM

DETERMINADO INSTITUTO

AQUI DE RECIFE¹

QUANDO PASSA PARA ADULTO¹

QUANDO PEQUENO¹

QUANDO SE DÁ PREÇO¹

QUANDO SE FUNDOU A PRIMEIRA ESCOLA
DE BIBLIOTECONOMIA DO BRASIL¹
QUANDO SE OUVE UM RÁDIO BRASILEIRO¹
QUANDO SE PEDE À TV¹
QUANDO SOMOS PEQUENOS¹
QUANDO SOUBERAM QUE ERA
PARTICULAR¹
QUANDO SURTIU¹
QUANDO TINHA SETE NOVE ONZE¹
QUANDO UM LOCUTOR IA FAZER UM
TESTE¹
QUANDO UMA COISA DÁ CERTO¹
QUANDO VÊ UMA GAROTA COM AQUELA
ROUPA¹
QUANDO VIAJOU COM MEU PAI¹
QUANDO VINHA O (SARRAZANE) AQUI NO
RIO¹
QUANDO VIRAM QUE ERA PARTICULAR¹
QUASE UM ANO¹
QUATROCENTOS E CINQUENTA ANOS¹
QUATROCENTOS E OITENTA ANOS¹
SÉCULO DEZENOVE¹
SESENTA E NOVE¹
SETENTA¹
TEM VINTE E UM¹
TINHA ÉPOCA QUE¹
TINHA ÉPOCAS QUE¹
TRÊS MESES ANTES¹
TREZENTOS E SESENTA ANOS¹
UM ANO¹
UM DIA⁶
UM DIA DESSES²
UM POUQUINHO ANTES¹
UMA CERTA ÉPOCA¹
UMA ÉPOCA³
UMA ÉPOCA NA MINHA VIDA¹
UMA VEZ QUE FIZ TEATRO¹
UNS CEM ANOS ATRÁS¹
UNS POCOS ANOS¹
UNS TRÊS ANOS ATRÁS¹
VINTE ANOS ATRÁS¹

5.1.3 Análise quantitativa dos marcadores temporais

Neste item, busca-se evidenciar a relação entre as variáveis estruturais ou lingüísticas (marcadores temporais e itens lexicais) e as variáveis extra-lingüísticas (faixa etária, gênero

e cidade), por entender-se que a vida social é estruturada em conjuntos de relações que, em interface, ou articuladas dinamicamente, lhe dão sentido.

Dessa forma, inicialmente, as análises serão relacionadas aos marcadores temporais. Para essa variável lingüística, serão analisados os dados referentes aos inquéritos do tipo DID, em seguida, os dados referentes aos inquéritos do tipo D2 e, por fim, a apreciação da junção de dados dos dois tipos de inquéritos para obter respostas relacionadas à faixa etária, ao gênero e a cidade que detêm a predominância de marcadores de tempo.

Vale salientar que, no caso dos inquéritos do tipo DID, o tema de cada entrevista está vinculado a áreas semânticas contempladas pelo Projeto NURC. No *corpus* selecionado para essa pesquisa, o tema constitui-se das seguintes áreas temáticas que integram o rol mais amplo do projeto NURC: *A cidade. O comércio; O vestuário; Vida social. Diversões; Alimentação; Transportes e viagens; A família, o ciclo da vida e a saúde; Viagens e turismo;* e no caso dos inquéritos do tipo D2, por grupos de áreas como o grupo II: *A casa. A família. O ciclo da vida. Vida social. Diversões* e o grupo III: *A cidade. O comércio. Transportes e viagens. Os meios de comunicação e difusão. Cinema. TV. Rádio. Teatro.*

O levantamento realizado dos marcadores temporais nos inquéritos do tipo DID pode ser visualizado através do quadro que a seguir se apresenta, no qual se fornece o número total de ocorrências em cada inquérito.

Quadro 15 – Levantamento de Ocorrências de Marcadores Temporais nos Inquéritos do tipo DID

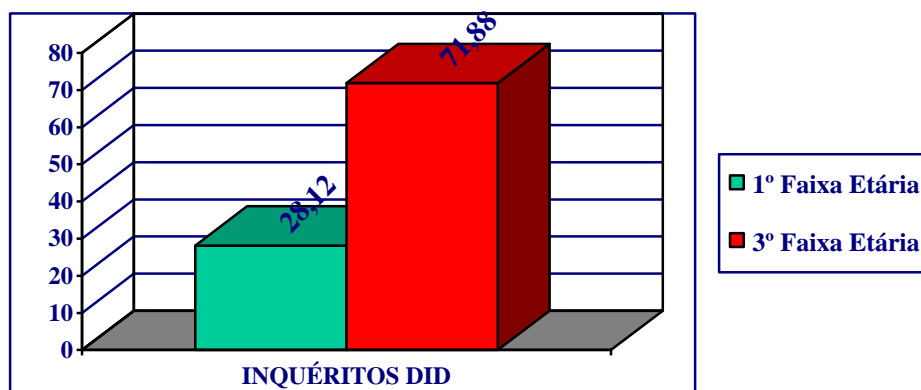
Cidade	Data de gravação	Nº do inquérito	Nº do informante	Gênero	Idade	Tema	Situação do inquérito	TOTAL
POA	14/12/71	06	06	M	56	Instituições: o ensino e a igreja.	Publicado	79
RE	03/10/78	156	172	F	63	Vegetais, agricultura.	Publicado	55
SP	18/10/74	242	295	F	60	Instituições: o ensino, a igreja.	Publicado	55
RE	18/09/78	145	160	M	62	A família, o ciclo da vida.	Publicado	45
RJ	03/12/75	317	NI	F	70	Vestuário	Publicado	40
SSA	11/06/75	159	203	F	57	O vestuário.	Publicado	35
POA	30/04/73	121	133	F	27	Cinema, televisão, rádio e teatro.	Publicado	33

POA	24/09/75	344	416	F	68	Profissões e ofícios.	Publicado	33
SP	08/11/74	251	288	F	34	Profissão e ofícios.	Publicado	28
SSA	15/10/74	094	109	M	61	A cidade. O comércio.	Publicado	27
POA	28/12/71	08	08	M	25-35	Profissões e ofícios; tempo cronológico.	Publicado	24
RJ	06/10/72	112	NI	M	62	Transportes e viagens.	Publicado	24
RE	02/11/74	004	004	M	33	A casa.	Publicado	18
SP	08/11/74	250	287	M	69	Dinheiro, banco, finanças, bolsa.	Publicado	16
RJ	18/08/72	084	N I	F	30	A casa.	Publicado	14
SP	05/01/74	161	186	M	25	Teatro, televisão, rádio, cinema, vestuário	Publicado	14
SSA	24/10/74	173	224	F	29	A casa.	Publicado	12
RE	25/09/78	150	165	F	25	Animais. Rebanhos.	Publicado	10
RJ	05/11/71	012	NI	M	29	Vida social. Diversões.	Publicado	5
SSA	17/04/75	138	167	M	31	O cinema. A televisão.	Publicado	2
TOTAL GERAL								569

De acordo com os dados apresentados, verifica-se que de todos os inquéritos analisados, o inquérito de número 06 da cidade de Porto Alegre, com um informante masculino da terceira faixa etária, destaca-se como o de maior número de marcadores temporais em relação aos outros inquéritos estudados.

Ao analisar os inquéritos do tipo DID sob o enfoque da faixa etária, percebe-se que dos 569 marcadores temporais, 160 marcadores de tempo estão presentes nos inquéritos da primeira faixa etária, o correspondente a 28,12%, e 409 marcadores de tempo estão presentes nos inquéritos da terceira faixa etária, o correspondente a 71,88%, conforme pode ser visualizado no gráfico seguinte:

Gráfico 1 – Marcadores temporais segundo a variável faixa etária nos inquéritos do tipo

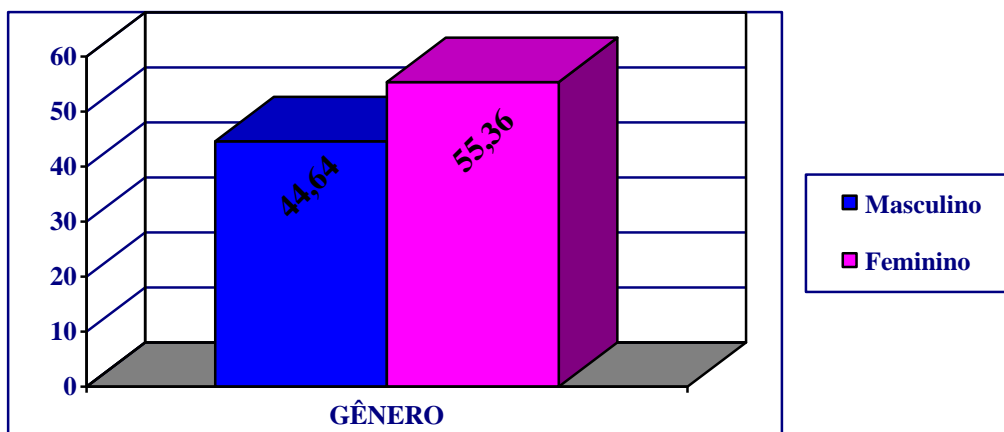


DID

Esses números relacionados aos inquéritos do tipo DID confirmam a hipótese de que realmente é a terceira faixa etária que apresenta maior índice de marcadores temporais em relação à primeira faixa etária.

Ao analisar o número de ocorrências dos marcadores temporais relacionados à variável gênero, nos inquéritos do tipo DID, verificou-se uma maior predominância de marcadores temporais em inquéritos com informantes femininos, 315 marcadores representando 55,36%, do que com informante masculinos, 254 marcadores representando 44,64%, como mostra o gráfico:

Gráfico 2 – Marcadores temporais segundo a variável gênero nos inquéritos do tipo DID



O maior número de marcadores temporais relacionados a informantes femininas também se faz presente no cruzamento da variável gênero com a variável faixa etária nos inquéritos DID, pois tanto nos inquéritos da primeira faixa etária – com 97 marcadores (60,63%) para as informantes femininas e 63 marcadores (39,37%) para os informantes masculinos – como nos inquéritos da terceira faixa etária – com 218 marcadores (53,30%) para as informantes femininas e 191 marcadores (46,70%) para os informantes masculinos – são as mulheres que lideram nos índices de marcadores temporais, conforme é possível perceber nos gráficos 3 e 4:

Gráfico 3 – Marcadores temporais segundo a variável gênero e 1º faixa etária nos inquéritos do tipo DID

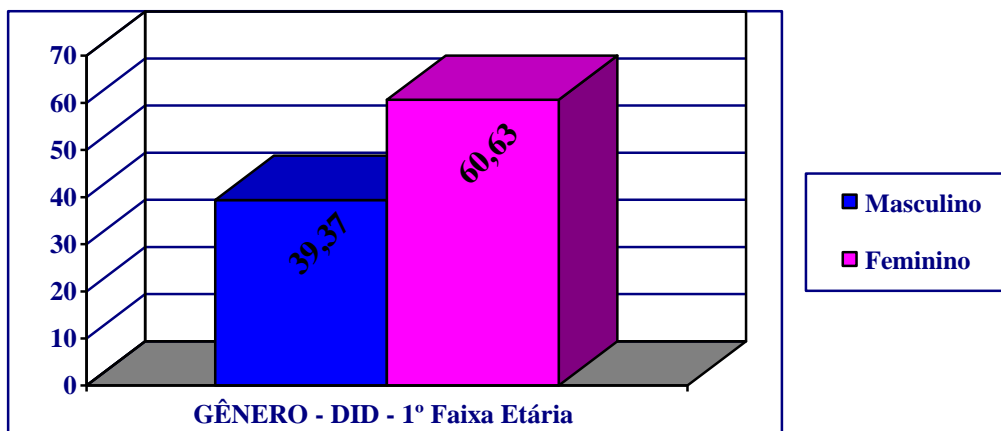
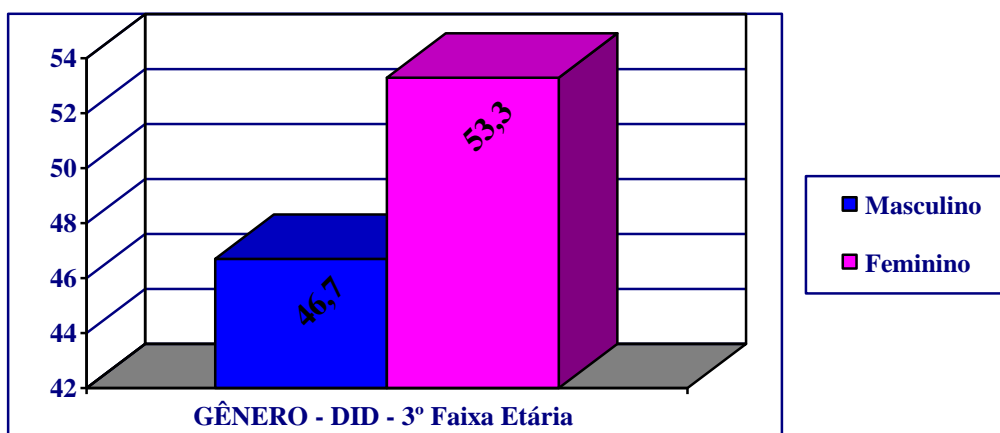
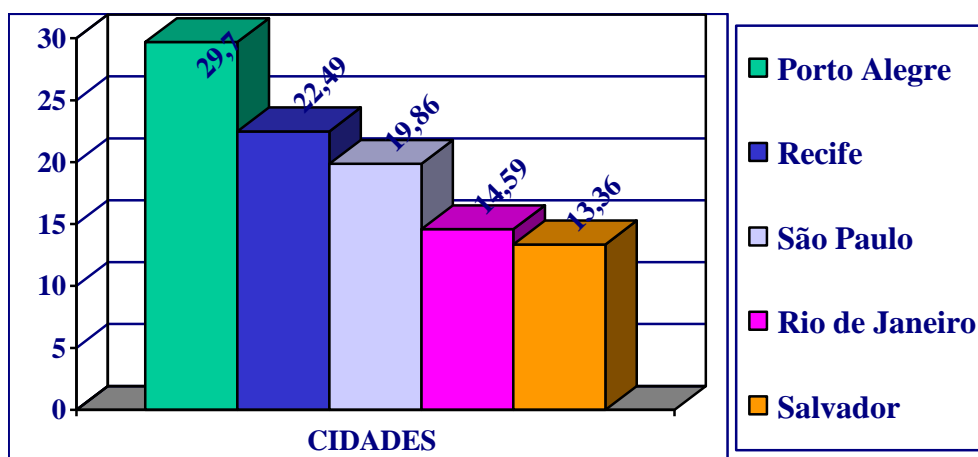


Gráfico 4 – Marcadores temporais segundo a variável gênero e 3º faixa etária nos inquéritos do tipo DID



Com o intuito de visualizar em que cidade predominam os marcadores temporais, a resposta caminha na seguinte direção: é a cidade de Porto Alegre com 169 marcadores (29,70%) a que apresenta maior frequência de marcadores de tempo, na seqüência vêm as cidades de Recife com 128 marcadores (22,49%), São Paulo com 113 marcadores (19,86%), Rio de Janeiro com 83 marcadores (14,59%) e Salvador com 76 marcadores (13,36%) como mostra o gráfico 5:

Gráfico 5 – Marcadores temporais segundo a variável cidade nos inquéritos DID



O fato de Porto Alegre liderar na predominância de marcadores temporais, como foi apresentado no gráfico 5, também se repete na análise dos inquéritos da primeira e da terceira faixa etária.

Gráfico 6 – Marcadores temporais segundo a variável cidade nos inquéritos da 1ª Faixa Etária do tipo DID

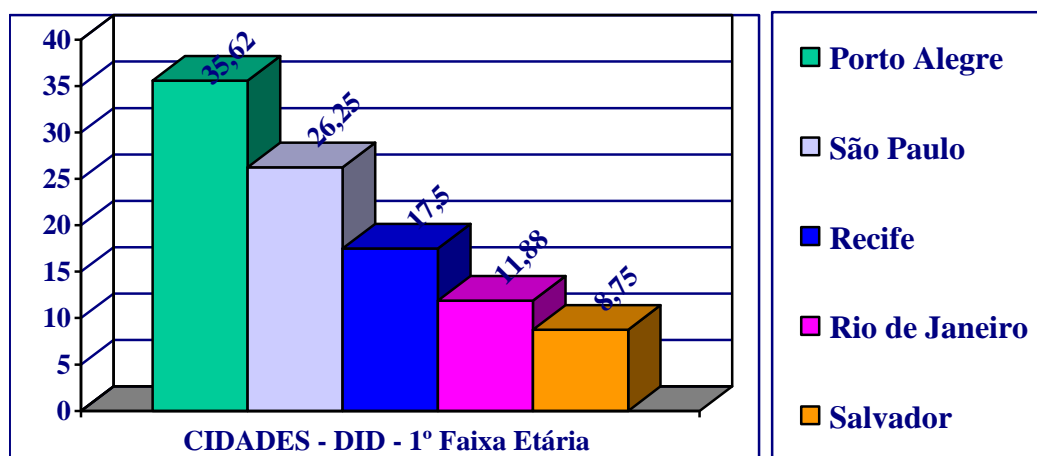
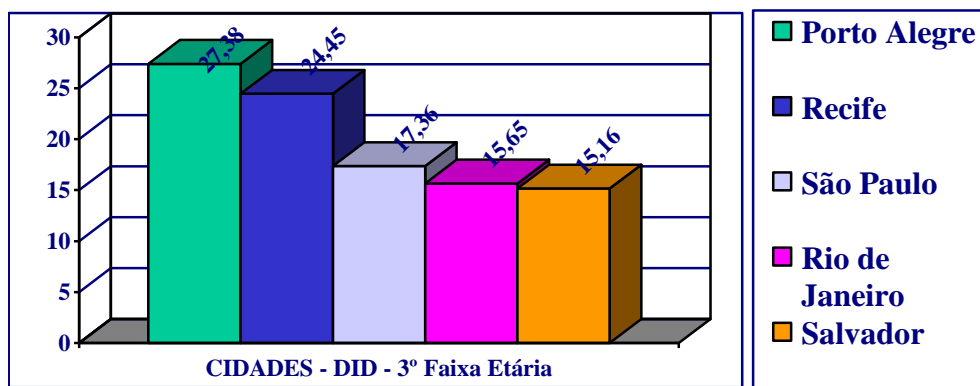
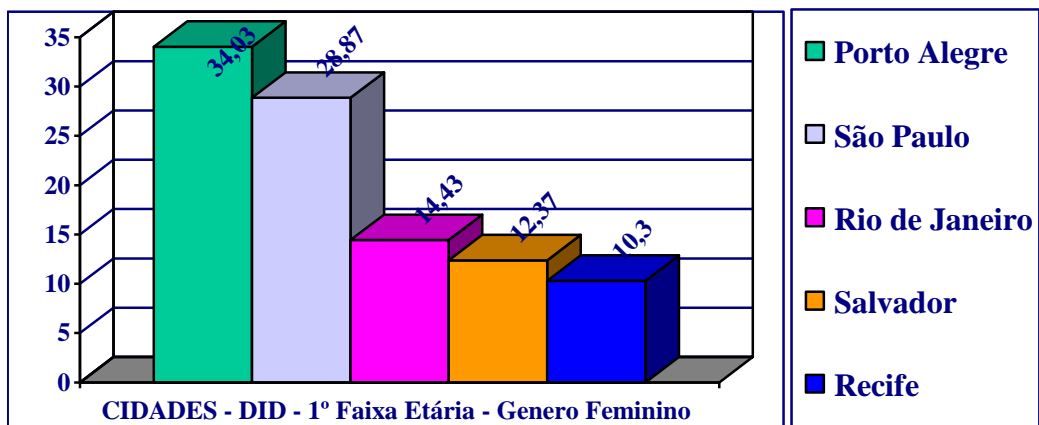


Gráfico 7 – Marcadores temporais segundo a variável cidade nos inquiridos da 3ª Faixa Etária do tipo DID



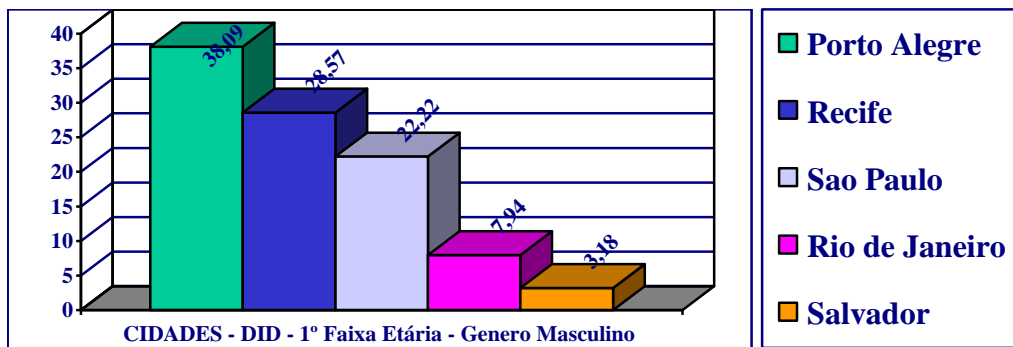
Diante desses resultados, falta responder à pergunta: nas cidades em estudo como se encontram distribuídos os números dos marcadores temporais nos discursos dos informantes masculinos e femininos? No que se refere a esse questionamento, o que se observa é que nos inquiridos da primeira faixa etária é a cidade de Porto Alegre, com 33 marcadores (34,03%), a que apresenta maior frequência de marcadores de tempo, na sequência vêm as cidades de São Paulo com 28 marcadores (28,87%), Rio de Janeiro com 14 marcadores (14,43%), Salvador com 12 marcadores (12,37%) e Recife com 10 marcadores (10,30%), como mostra o gráfico 8:

Gráfico 8 – Marcadores temporais segundo as variáveis cidade e gênero feminino nos inquiridos da 1ª Faixa Etária do tipo DID



A respeito do exposto, verifica-se que não há uma hipótese fixa a ser postulada no sentido de explicar o porquê da predominância de marcadores temporais em tal ou qual cidade. Isso torna-se perceptível porque na análise dos inquéritos da primeira faixa etária do gênero masculino o resultado não é o mesmo, afinal a seqüência de cidades apresenta-se da seguinte forma: Porto Alegre com 24 marcadores (38,09%) a que apresenta maior frequência de marcadores de tempo, na seqüência vêm as cidades de Recife com 18 marcadores (28,57%), São Paulo com 14 marcadores (22,22%), Rio de Janeiro com 5 marcadores (7,94%) e Salvador com 2 marcadores (3,18%) como mostra o gráfico 9:

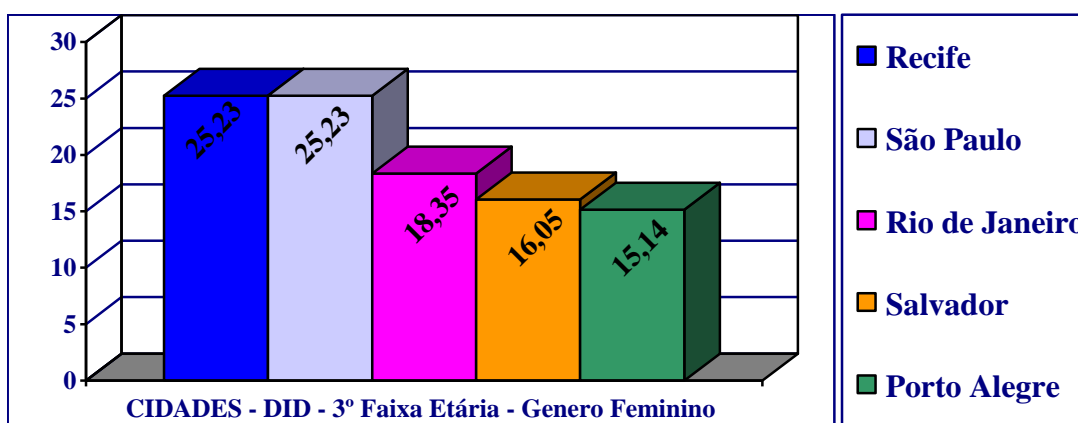
Gráfico 9 – Marcadores temporais segundo as variáveis cidade e gênero masculino nos inquéritos da 1ª Faixa Etária do tipo DID



Nesse sentido, a explicação da predominância de marcadores temporais nas cidades em questão não recai sob a cidade em si, mas em função dos informantes no sentido do gênero e da faixa etária à qual pertencem, como apontam os próprios resultados obtidos nas análises.

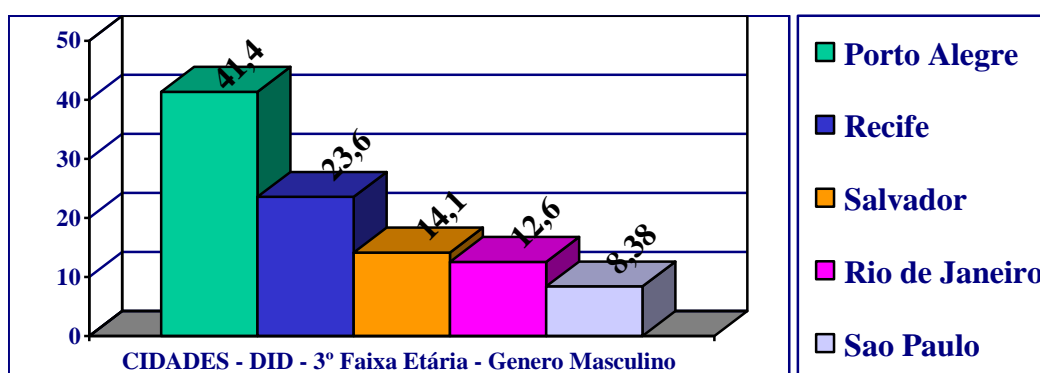
Na análise do índice de ocorrências dos marcadores temporais relacionados às variáveis cidade e gênero feminino nos inquiridos da 3ª Faixa Etária do tipo DID, verificou-se uma maior predominância de marcadores temporais nos inquiridos na seguinte seqüência: Recife e São Paulo são as cidades que apresentam os maiores índices de marcadores temporais, pois ambas possuem o total de 55 (25,23%), na seqüência vêm as cidades de Rio de Janeiro com 40 marcadores (18,35%), Salvador com 35 marcadores (16,05%) e Porto Alegre com 33 marcadores (15,14%) como mostra o gráfico 10:

Gráfico 10 – Marcadores temporais segundo as variáveis cidade e gênero feminino nos inquiridos da 3ª Faixa Etária do tipo DID



No que se refere à análise dos inquiridos da terceira faixa etária do gênero masculino o resultado aponta que Porto Alegre com 79 marcadores (41,36%) é a cidade que apresenta maior frequência de marcadores de tempo, na seqüência vêm as cidades de Recife com 45 marcadores (23,56%), Salvador com 27 marcadores (14,14%), Rio de Janeiro com 24 marcadores (12,56%) e São Paulo com 16 marcadores (8,38%) como mostra o gráfico 11:

Gráfico 11 – Marcadores temporais segundo as variáveis cidade e gênero masculino nos inquéritos da 3ª Faixa Etária do tipo DID



Mais uma vez, registra-se o fato de a predominância de marcadores temporais nas cidades em questão não recair sobre a cidade em si, mas em função dos informantes no sentido do gênero e da faixa etária à qual pertencem, como apontam os resultados. Vale salientar também, sobre esse aspecto, o alto índice de marcadores temporais presente no inquérito de número 06 da cidade de Porto Alegre, constituído de um informante da terceira faixa etária, que aborda o tema *instituições: o ensino e a igreja* de maneira bastante saudosista através de constantes comparações envolvendo passado X presente.

No que se refere aos inquéritos do tipo D2, o quadro 16 mostra o levantamento de marcadores temporais:

Quadro 16 – Levantamento de Ocorrências de Marcadores Temporais nos Inquéritos do tipo D2

Cidade	Data de gravação	Nº do inquérito	Nº do informante	Gênero	Idade	Tema	Situação do inquérito	TOTAL
POA	NI	283	321-322	F-F	25-35 anos	Comércio exterior, política nacional, sindicatos, cooperativas, profissões e ofícios. O dinheiro, o banco, as finanças, a bolsa. Instituições: o ensino, a igreja.	Digitado	108
SSA	NI	095	110-111	M-M	35-29	Meteorologia. O tempo cronológico. Terreno.	Digitado	104

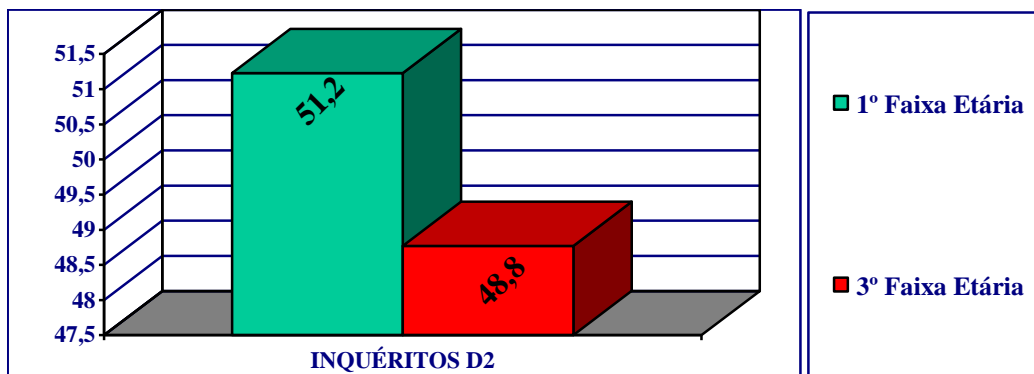
						Vegetais. Animais.			
RE	30/08/79	266	294-295	M-M	+ de 56 anos	A família, o ciclo da vida. A saúde.	Digitado	95	
SSA	21/09/77	298	375-376	F-M	74-89	A cidade. O comércio. Transportes e Viagens. Os meios de Comunicação e Difusão. Cinema. TV. Rádio. Teatro	Digitado	87	
SP	07/04/76	333	419-420	F-F	60-60	Cinema, TV, rádio e teatro.	Publicado	77	
RE	27/09/78	151	166-167	M-M	31-30	A cidade. O comércio. Meios de Comunicação. Transportes e viagens.	Digitado	76	
POA	NI	365	453-454	M-M	+ de 56 anos	Comércio exterior, política nacional, sindicatos, cooperativas, profissões e ofícios. O dinheiro, o banco, as finanças, a bolsa. Instituições: o ensino, a igreja.	Digitado	75	
SP	15/03/76	343	442-441	M-F	26-25	A cidade. O comércio.	Publicado	72	
RJ	06/03/78	374	L1-L2	F-F	69-63	Animais e rebanhos.	Publicado	64	
RJ	10/04/73	147	L1-L2	F-F	25-25	Vida social. Diversões. A cidade. O comércio.	Publicado	58	
TOTAL GERAL									816

De acordo com os dados apresentados, verifica-se que de todos os inquéritos analisados, o inquérito de número 283 da cidade de Porto Alegre com duas informantes femininas da primeira faixa etária destaca-se como o de maior número de marcadores temporais em relação aos outros inquéritos estudados.

Ao analisar os inquéritos do tipo D2 sob o enfoque da faixa etária, percebe-se que dos 816 marcadores temporais, 418 marcadores de tempo estão presentes nos inquéritos da primeira faixa etária, o correspondente a 51,23%, e 398 marcadores de tempo estão presentes nos inquéritos da terceira faixa etária, o correspondente a 48,77%, conforme pode ser visualizado no gráfico seguinte:

Gráfico 12 – Marcadores temporais segundo a variável faixa etária nos inquéritos do tipo

D2



Esses números relacionados aos inquéritos do tipo D2 diferenciam-se dos apresentados nos inquéritos DID, contrariando a hipótese de que a terceira faixa etária apresenta mais marcadores temporais em relação à primeira faixa etária. Através da análise dos dados, verificaram-se duas vertentes: uma temática e outra relacionada ao tipo de interação.

Observou-se que nos inquéritos do tipo D2, que envolviam informantes da primeira faixa, uma vez que cada grupo temático se constitui de um campo de áreas semânticas, o leque de opções presentes nos grupos temáticos foi bem maior como: Comércio exterior, política nacional, sindicatos, cooperativas, profissões e ofícios. O dinheiro, o banco, as finanças, a bolsa. Instituições: o ensino, a igreja/ A cidade. O comércio. Meios de Comunicação. Transportes e viagens./ Vida social. Diversões. A cidade. O comércio./ Meteorologia. O tempo cronológico. Terreno. Vegetais. Animais./ A cidade. O comércio. Esse aspecto possibilitou uma maior desenvoltura conversacional entre os participantes que puderam expor mais a sua bagagem histórica e, portanto, utilizar mais elementos lingüísticos (marcadores temporais) para relativizar o passado.

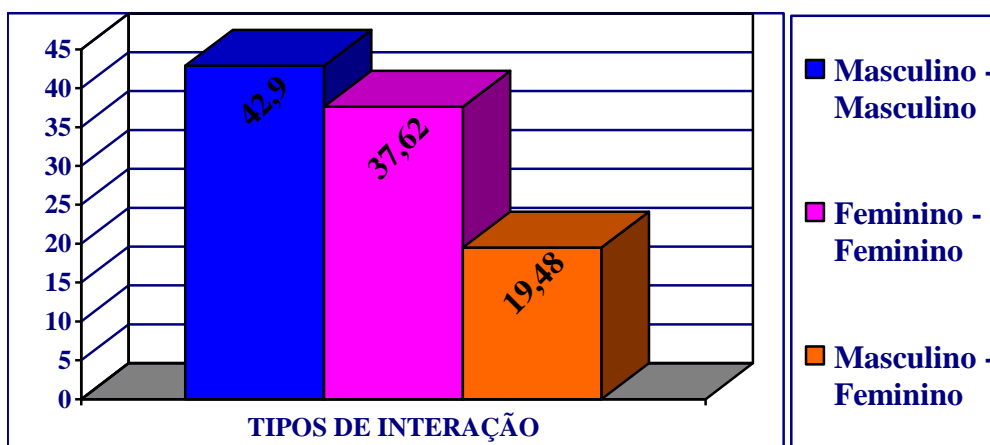
No que se refere ao tipo de interação, verificou-se que os informantes da primeira faixa etária ficaram mais à vontade conversando com um outro informante, num tipo de interação menos tensa, que é a do tipo D2, em relação a uma interação mais fechada, no estilo pergunta-resposta, característica da interação do tipo DID.

No que se refere à variável gênero, ao analisar o índice de ocorrências dos marcadores temporais, nos inquéritos do tipo D2, diferentemente do que ocorreu nos inquéritos do tipo DID, verificou-se uma maior predominância de marcadores temporais em inquéritos com informantes masculinos, 350 marcadores representando 42,90%, mais especificamente com

interações entre dois informantes masculinos, em segundo lugar apresentam-se as interações entre duas informantes femininas com 307 marcadores representando 37,62%, e, por fim, as interações mistas com 159 marcadores representando 19,48%.

Verifica-se tal resultado cuja razão não aparece muito clara uma vez que a natureza do grupo temático dos inquéritos analisados tem a ver tanto com o universo masculino como com o feminino.

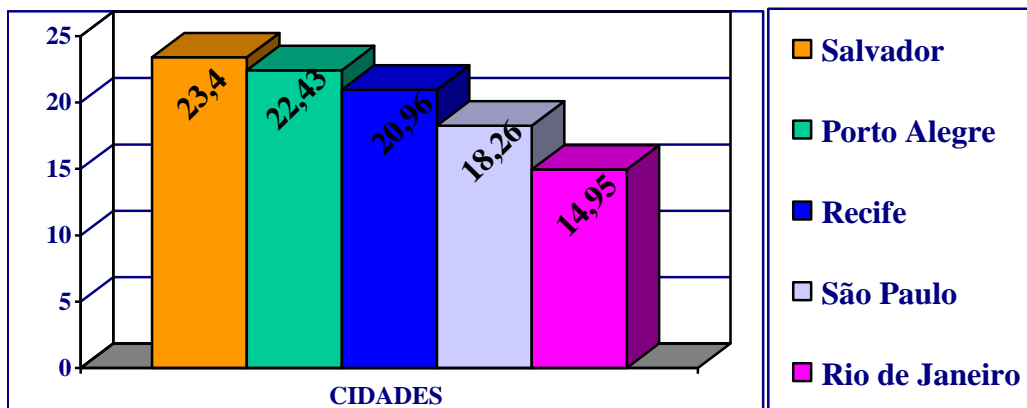
Gráfico 13 – Marcadores temporais segundo a variável gênero nos inquéritos do tipo D2



Do exposto, percebeu-se que as interações entre dois homens apresentaram-se mais marcadas temporalmente em relação aos inquéritos em que as informantes eram do gênero feminino.

É interessante observar que nos inquéritos D2 é a cidade de Salvador a que apresenta maior frequência de marcadores de tempo com 191 marcadores representando 23,40%, na seqüência vêm as cidades de Porto Alegre com 183 marcadores representando 22,43%, Recife com 171 marcadores representando 20,96%, São Paulo com 149 marcadores representando 18,26% e Rio de Janeiro com 122 marcadores representando 14,95% como mostra o gráfico 14:

Gráfico 14 – Marcadores temporais segundo a variável cidade nos inquéritos D2



Essa ordem de cidades segundo a predominância de marcadores temporais apresentada no gráfico 14 não se repete se a análise for feita levando em consideração cada uma das faixas etárias em estudo, como mostram os gráficos seguintes:

Gráfico 15 – Marcadores temporais segundo a variável cidade nos inquéritos da 1ª Faixa Etária do tipo D2

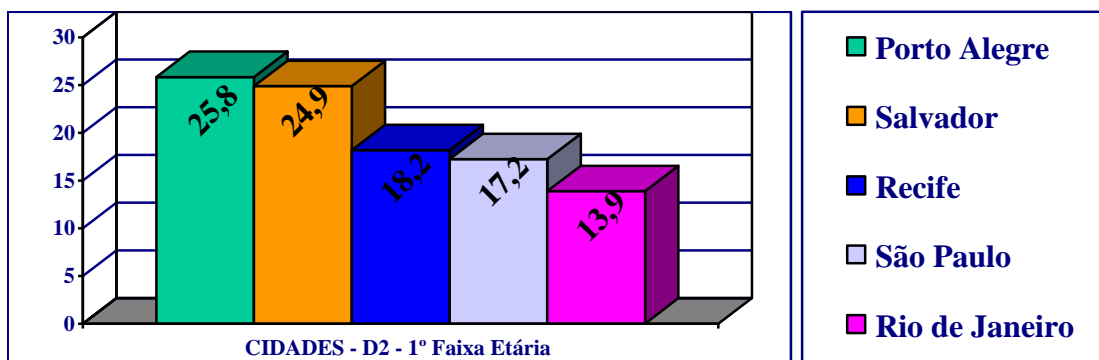
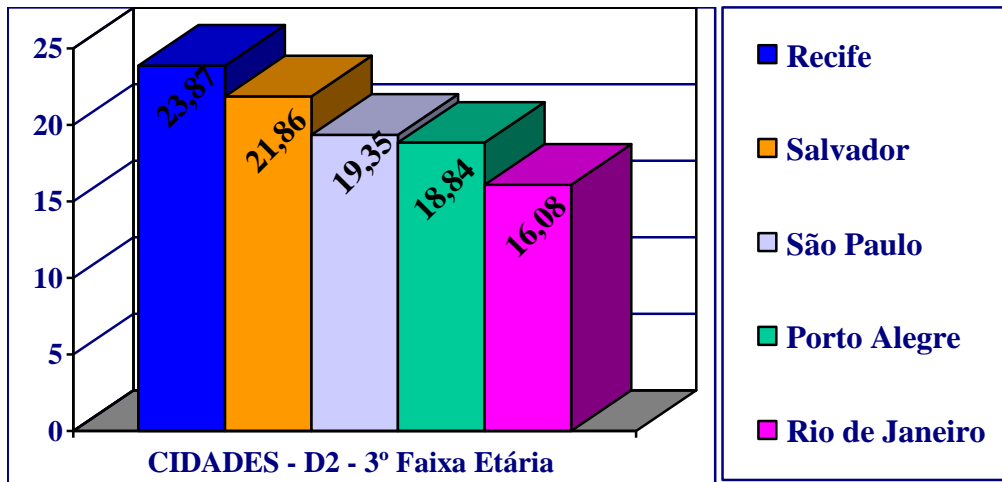


Gráfico 16 – Marcadores temporais segundo a variável cidade nos inquéritos da 3ª Faixa

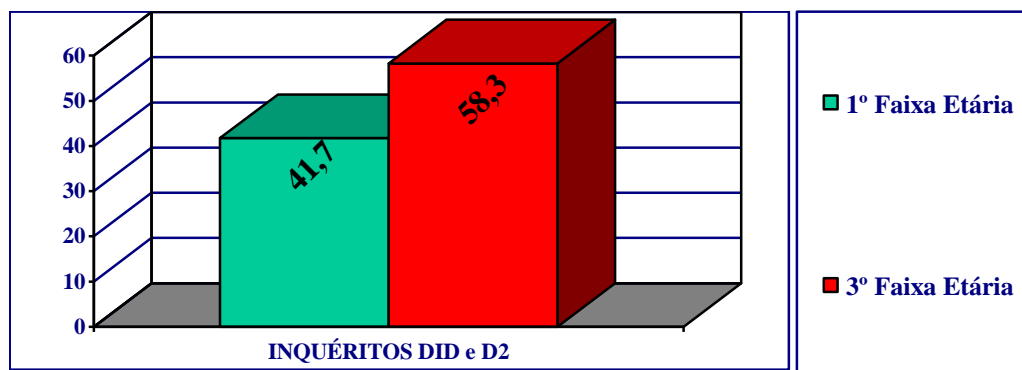
Etária do tipo D2



Numa análise de âmbito geral, contemplando os dados dos inquéritos DID e D2, com o objetivo de verificar resultados referentes aos marcadores temporais relacionados à faixa etária e à cidade, observou-se que:

- Os informantes da terceira faixa etária apresentaram mais marcadores temporais em seu discurso, 807 marcadores equivalentes a 58,27%, em relação aos informantes da primeira faixa etária, 578 marcadores equivalentes a 41,73%, como mostra o gráfico 17:

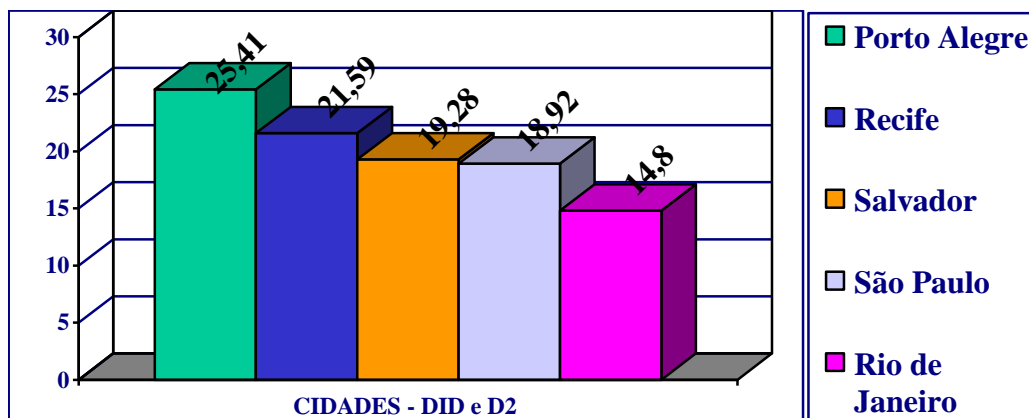
Gráfico 17 – Marcadores temporais segundo a variável faixa etária nos inquéritos DID e D2



- As cidades que apresentam maior ocorrência de marcadores temporais apresentam-se na seguinte seqüência: Porto Alegre com 352 marcadores representando 25,41%, Recife com 299 marcadores representando 21,59%, Salvador com 267 marcadores

representando 19,28%, São Paulo com 262 marcadores representando 18,92% e Rio de Janeiro com 205 marcadores representando 14,80%, como mostra o gráfico 18:

Gráfico 18 – Marcadores temporais segundo a variável cidade nos inquéritos DID e D2



Portanto, verifica-se que não há uma razão a ser postulada no sentido de explicar o porquê da predominância de marcadores temporais em tal ou qual cidade. Afinal, a seqüência obtida nos vários cruzamentos realizados não caminham na mesma direção, no sentido de predominância de marcadores temporais em cidades específicas, levando as análises na direção de explicações relacionadas ao gênero do informante e à sua faixa etária.

5.2 OS ITENS LEXICAIS DOCUMENTADOS NO *CORPUS*

Se as identidades sociais são constitutivas do processo de uso da linguagem, isto é, se o modo como se constitui a identidade das pessoas é central na definição de como elas se engajam e engajam outros no discurso e constroem significados, a conscientização da natureza socioconstrucionista do discurso e da identidade social é um ponto relevante em qualquer processo comunicativo.

A percepção do discurso como construção social coloca as pessoas como participantes nos processos de construção do significado na sociedade e, portanto, inclui a possibilidade de permitir posições de resistência em relação a discursos hegemônicos, isto é, as identidades não são fixas, categóricas, afinal, elas podem variar de acordo com o contexto. Assim, a análise dos itens lexicais denunciadores da faixa etária dos informantes pode mostrar como a organização do discurso está sendo realizada a partir das práticas discursivas dos informantes que constroem, projetam e mantêm as suas identidades nos embates discursivos de todo dia.

5.2.1. Levantamento das ocorrências dos itens lexicais reveladores da faixa etária

Os itens lexicais selecionados para estudos nos inquéritos que compõem o *corpus* dessa Tese são aqueles que denunciam a faixa etária de seus usuários. Para chegar a essa seleção, foi necessário fazer um levantamento geral desses elementos lingüísticos que denunciavam a faixa etária do informante no discurso, expondo também a faixa etária (primeira ou terceira) do usuário da expressão em análise.

Após essa primeira etapa, foi elaborada uma lista de itens lexicais que serviu de material de apoio para a realização de teste de identificação, efetuado no mês de junho do ano de 2006, com dez informantes da primeira faixa etária, sendo 5 masculinos e 5 femininos, para averiguar se os itens lexicais selecionados, de fato, poderiam ser considerados como marca identificadora de faixa etária. Assim, como resultado dessa etapa, convém mencionar que os itens lexicais analisados nesta pesquisa representam, também, as constatações obtidas no teste de identificação.

Para exemplificar o levantamento realizado, será apresentado a seguir, assim como foi feito com os marcadores temporais, uma listagem dessas ocorrências, organizadas em ordem alfabética, acompanhadas de informações que revelam a frequência do item em estudo, o tipo de interação em que ele ocorre e a faixa etária do informante que o utiliza.

Lista dos itens lexicais

A ESTRELA SOBE ³	D2	333/SP ³	III
A FÁBRICA ²	DID	121/POA ²	I
A MORENINHA ⁵	DID D2	121/POA ¹ 333/SP ⁴	I III
A MURALHA ³	D2	333/SP ³	III
A ROSA COM AMOR ³	DID	121/POA ³	I
AGNALDO RAYOL ¹	D2	298/SSA ¹	III
ALÁDIA CENTENÁRIO ²	D2	333/SP ²	III
ALGEMAS DE OURO ²	DID	121/POA ²	I
ANÁGUA ²	DID	317/RJ ²	III
ANTI-CHUVA ¹	DID	159/SSA ¹	III
AVACALHARAM ²	DID	161/SP ²	I
AVACALHOU ¹	DID	161/SP ¹	I
<i>BABYZINHA</i> ¹	DID	317/RJ ¹	III
BAILE DE GALA ¹	DID	06/POA ¹	I
BAILES DO POLITEAMA ¹	D2	298/SSA ¹	III
BAIXADA AFRICANA ¹	D2	298/SSA ¹	III
BALANÇA MAS NÃO CAÍ ¹	DID	121/POA ¹	I
BANCO DE MADEIRA ¹	DID	112/RJ ¹	III
BANCO PARA TRANSPORTE DE CARGA ¹	DID	112/RJ ¹	III
BELA DA TARDE ¹	DID	161/SP ¹	I
BIBI FERREIRA ¹	D2	333/SP ¹	III
<i>BLACK-POWER</i> ²	DID	317/RJ ²	III
BONDE DE BURRO ⁴	DID D2	112/RJ ² 298/SSA ²	III III
BONDE DE USO DA LIGHT ¹	DID	112/RJ ¹	III
BONDE ELÉTRICO ²	DID D2	112/RJ ¹ 298/SSA ¹	III III

BONDE MISTO ¹	DID	112/RJ ¹	III
BONDE PRA TRANSPORTE ¹	DID	112/RJ ¹	III
BONDE(INHO) ²⁹	DID	112/RJ ¹	I
	D2	298/SSA ²⁸	III
BRASIL SOM SETENTA E SEIS ¹	D2	333/SP ¹	III
BRIGADEIRO FARIA LIMA ¹	DID	161/SP ¹	I
CABARÉ ¹	DID	121/POA ¹	I
CAÇA ¹	DID	121/POA ¹	I
CAFÉ AMAZONAS ¹	D2	298/SSA ¹	III
CAPANGA ²	DID	159/SSA ²	III
CARADURA ¹	DID	112/RJ ¹	III
CARNICEIRO ¹	DID	344/POA ¹	III
CASACA ¹	DID	06/POA ¹	I
CATIRINA ³	D2	298/SSA ³	III
CAVALHEIROS DO AMOR ¹	D2	298/SSA ¹	III
CEROULAS ¹	DID	159/SSA ¹	III
CHACRINHA ¹	DID	121/POA ¹	I
CHAMBRE(S) ⁴	DID	159/SSA ⁴	III
CHARLES CHAPLIN ¹	DID	121/POA ¹	I
CINDERELA ¹	D2	333/SP ¹	III
CLÁUDIA CARDINALE ¹	DID	121/POA ¹	I
CLERGYMAN ¹	DID	159/SSA ¹	III
CLUBE DA AVENIDA GERAL ¹	D2	298/SSA ¹	III
COLÉGIO DOS ANJOS ²	DID	06/POA ²	I
COLETEIRA(S) ³	D2	333/SP ³	III
COMBINAÇÃO(ÕES) ²	DID	317/RJ ²	III
COMEI ³	D2	333/SP ³	III
COMPANHIA LINAS E RALFER ¹	D2	298/SSA ¹	III
CONDUTOR ²	DID	112/RJ ²	III

CONDUTOR ANTIGO ¹	DID	112/RJ ¹	III
CONDUTOR DE CARGA ¹	DID	112/RJ ¹	III
CONTOS ²	D2	095/SSA ²	I
CRAUSE ²	D2	298/SSA ²	III
CRAYON ¹	DID	317/RJ ¹	III
CRUZ VERMELHA ⁸	D2	298/SSA ⁸	III
CRUZADOR ²	DID	112/RJ ²	III
CRUZADOR DA BAHIA ¹	DID	112/RJ ¹	III
CRUZEIRO(S) ¹⁸	DID	145/RE ⁶	III
		150/SP ³	III
		161/SP ³	I
	D2	365/POA ⁴	III
		095/SSA ²	I
CULOTE ¹	DID	159/SSA ¹	III
(DA) (NA) TUPI ⁷	D2	333/SP ⁷	III
DA RÁDIO TUPI ¹	D2	333/SP ¹	III
DIABO A QUATRO ¹	D2	095/SSA ¹	I
DOM QUIXOTE ¹	D2	333/SP ¹	III
DORIS DAY ¹	DID	121/POA ¹	I
EDU LOBO ³	D2	333/SP ³	III
ELETROLA ¹	DID	84/RJ ¹	I
ELIZABETH TAYLOR ¹	DID	121/POA ¹	I
ELIZETH CARDOSO ¹	D2	333/SP ¹	III
ENFESTE ⁶	DID	159/SSA ⁶	III
ENTRETELA ¹	DID	159/SSA ¹	III
ESTAÇÃO DOS BURROS ¹	D2	298/SSA ¹	III
ESTHER DE FIGUEIREDO FERRAZ ¹	DID	161/SP ¹	I
FANTOCHES ⁸	D2	298/SSA ⁸	III
FESTA DE EMBALO ¹	DID	317/RJ ¹	III
FLÁVIO CAVALCANTI ⁴	DID	121/POA ¹	I

	D2	333/SP ³	III
FOGUISTA ¹	DID	112/RJ ¹	III
FORD-BIGODE ¹	DID	112/RJ ¹	III
<i>FOULARD(S)</i> ³	DID	317/RJ ³	III
GAGÁ ¹	DID	317/RJ ¹	III
GIANFRANCESCO GUARNIERI ¹	DID	161/SP ¹	I
GIGOLÔ ¹	DID	121/POA ¹	I
GINKANA DA MADRUGADA ¹	DID	161/SP ¹	I
GIVENCHY ¹	DID	317/RJ ¹	III
GOMA ¹	DID	159/SSA ¹	III
GOVERNO (DE) SEABRA ³	D2	298/SSA ³	III
GUILHERME GUIMARÃES ¹	DID	317/RJ ¹	III
GUINDE ²	D2	298/SSA ²	III
<i>HIGH SOCIETY</i> ¹	DID	317/RJ ¹	III
IGREJA DO ESPÍRITO SANTO ²	DID	06/POA ²	I
JANET MC DONALD ¹	D2	333/SP ¹	III
JARDINEIRA ²	DID	112/RJ ¹ 317/RJ ¹	III III
JEAN PAUL BELMONDO ¹	DID	121/POA ¹	I
JECE VALADÃO ¹	DID	121/POA ¹	I
JOÃO CARLOS BERARTI ¹	D2	333/SP ¹	III
JOSÉ DE VASCONCELOS ¹	DID	161/SP ¹	I
JOTA SILVESTRE ¹	DID	121/POA ¹	I
LANDO BUSANCA ¹	DID	121/POA ¹	I
LEILA DINIZ ¹	DID	121/POA ¹	I
LISA MINELLI ¹	DID	121/POA ¹	I
LOCOMOTIVA À LENHA A CARVÃO A DIESEL PORTANTO A ÓLEO E A ELÉTRICA ¹	DID	112/RJ ¹	III
LOCOMOTIVA PUXADA A CARVÃO ¹	DID	112/RJ ¹	III

MADAME ⁶	D2	333/SP ⁶	III
MADAMIA ⁴	D2	333/SP ⁴	III
MANCADA ¹	DID	161/SP ¹	I
MAQUINISTA ¹	DID	112/RJ ¹	III
MARCELO MASTROIANI ¹	DID	121/POA ¹	I
MARÍLIA MEDALHA ²	D2	333/SP ²	III
MERETRÍCIO ¹	D2	298/SSA ¹	III
MIRRÉIS ¹	D2	298/SSA ¹	III
MOROSA ²	DID	112/RJ ²	III
MOTORNEIRO ⁴	DID	112/RJ ⁴	III
MULHERES DE AREIA ²	DID	121/POA ²	I
MUNDO CÃO ¹	D2	333/SP ¹	III
NA CRISTA DA ONDA ¹	DID	317/RJ ¹	III
NA ONDA ¹	DID	317/RJ ¹	III
NORMALISTA ¹	DID	250/SP ¹	I
O BEM AMADO ²	D2	333/SP ²	III
O DIABO PERDEU AS PRECATA E NUNCA MAIS VORTOU PA BUSCÁ ¹	D2	095/SSA ¹	I
O GORDO E O MAGRO ¹	DID	121/POA ¹	I
O INSPETOR ¹	DID	161/SP ¹	I
O PREDILETO ¹	D2	333/SP ¹	III
(O) SEABRA ³	D2	298/SSA ³	III
ORFEU DO CARNAVAL ³	D2	333/SP ³	III
OS CONCERTOS PARA A JUVENTUDE DA GLOBO ¹	D2	333/SP ¹	III
PALMATÓRIA ¹	DID	145/RE ¹	III
PARADA ¹	DID	84/RJ ¹	I
PARAFINA ¹	DID	159/SSA ¹	III
PEITILHO ²	DID	159/SSA ²	III

POLAINAS ¹	DID	159/SSA ¹	III
PONTEIO ⁶	D2	333/SP ⁶	III
PORTE-MONNAIE ¹	DID	159/SSA ¹	III
PRAÇA DA ALEGRIA ¹	DID	121/POA ¹	I
PULÔVER ³	DID	159/SSA ³	III
QUE O TEMPO NÃO APAGA ¹	DID	121/POA ¹	I
RADIOLA ³	DID	173/SSA ² 004/RE ¹	I I
RAFINÉE ¹	DID	317/RJ ¹	II
RAINHA DIABA ²	D2	333/SP ²	III
RECEPTOR ¹	D2	333/SP ¹	III
RICHARD BURTON ¹	DID	121/POA ¹	I
RIO MOJI GUAÇU ¹	D2	333/SP ¹	III
RUGE ³	DID	317/RJ ³	III
SABATINA(S) ⁹	DID	06/POA ⁹	I
SELVA DE PEDRA ¹	DID	121/POA ¹	I
SENHOR CRUZ ²	D2	298/SSA ²	III
SENHOR GONÇALVES DA SILVA ¹	D2	298/SSA ¹	III
SERESTA ¹	DID	317/RJ ¹	III
SOFIA LOREN ²	DID	121/POA ²	I
SPEAKERS ¹	DID	317/RJ ¹	III
TAIOBA ²	DID	112/RJ ²	III
TANGA (UINHA) ¹	DID	317/RJ ¹	III
TEREZOCA SOUZA CAMPOS ¹	DID	317/RJ ¹	III
TRANSA ¹	D2	151/RE ¹	I
TREM A LENHA ¹	DID	112/RJ ¹	III
TREM DE BITOLA ESTREITA ¹	DID	112/RJ ¹	III
TREM DE BITOLA LARGA ¹	DID	112/RJ ¹	III

TREM DE CARREIRA ¹	DID	112/RJ ¹	III
TREM DE MADEIRA ¹	DID	112/RJ ¹	III
TREM MUITO MOROSO ¹	DID	112/RJ ¹	III
TREM PRA TRANSPORTE PRA GADO ¹	DID	112/RJ ¹	III
TREM SUBTERRÂNEO ¹	DID	112/RJ ¹	III
UM ASILO MUITO LOUCO ¹	DID	121/POA ¹	I
UM GRITO PARADO NO AR ¹	DID	161/SP ¹	I
UNIQUE SEXE¹	DID	317/RJ ¹	III
UP-TO-DATE¹	DID	159/SSA ¹	III
VITROLA ¹	DID	84/RJ ¹	I
YVES MONTAND ¹	DID	121/POA ¹	I
ZOEIRA ¹	D2	151/RE ¹	I

5.2.2. Análise quantitativa dos itens lexicais reveladores da faixa etária

Neste momento, as análises serão relacionadas aos itens lexicais característicos de faixa etária da seguinte forma:

- análise dos dados referentes aos inquéritos do tipo DID;
- análise dos dados referentes aos inquéritos do tipo D2;
- apreciação da junção de dados dos dois tipos de inquéritos (DID e D2) para obter respostas relacionadas à faixa etária, ao gênero e à cidade que detêm a predominância de itens lexicais reveladores da identidade social de faixa etária dos informantes.

Quadro 17 – Levantamento de Ocorrências de Itens Lexicais nos Inquéritos do tipo DID

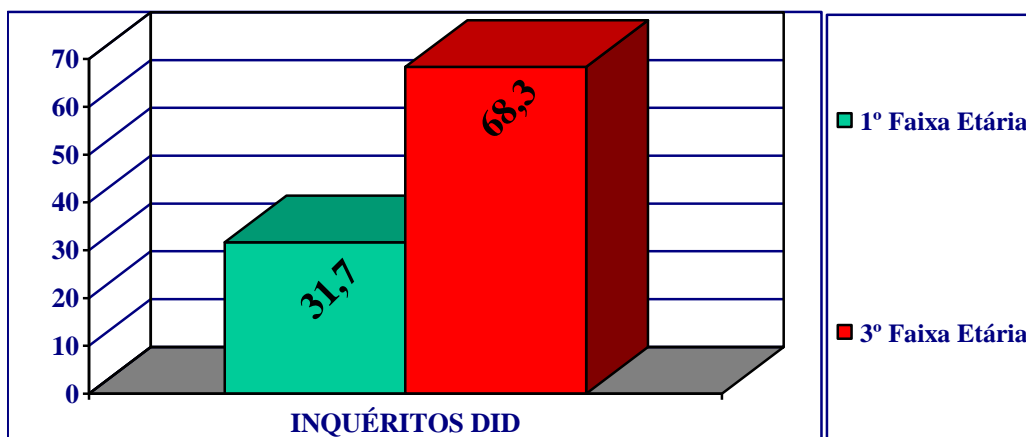
Cidade	Data de	Nº do	Nº do	Gênero	Idade	Tema	Situação do	TOTAL
--------	---------	-------	-------	--------	-------	------	-------------	-------

	gravação	inquérito	informante				inquérito	
RJ	06/10/72	112	NI	M	62	Transportes e viagens.	Publicado	40
POA	30/04/73	121	133	F	27	Cinema, televisão, rádio e teatro.	Publicado	36
RJ	03/12/75	317	NI	F	70	Vestuário	Publicado	29
SSA	11/06/75	159	203	F	57	O vestuário.	Publicado	27
SP	05/01/74	161	186	M	25	Teatro, televisão, rádio, cinema, vestuário	Publicado	15
POA	14/12/71	06	06	M	56	Instituições: o ensino e a igreja.	Publicado	15
RE	18/09/78	145	160	M	62	A família, o ciclo da vida.	Publicado	7
SSA	24/10/74	173	224	F	29	A casa.	Publicado	2
SP	08/11/74	250	287	M	69	Dinheiro, banco, finanças, bolsa.	Publicado	4
RJ	18/08/72	084	NI	F	30	A casa.	Publicado	3
POA	24/09/75	344	416	F	68	Profissões e ofícios.	Publicado	1
RE	02/11/74	004	004	M	33	A casa.	Publicado	1
SSA	15/10/74	094	109	M	61	A cidade. O comércio.	Publicado	-
RE	03/10/78	156	172	F	63	Vegetais, agricultura.	Publicado	-
SP	18/10/74	242	295	F	60	Instituições: o ensino, a igreja.	Publicado	-
SP	08/11/74	251	288	F	34	Profissão e ofícios.	Publicado	-
POA	28/12/71	08	08	M	25-35	Profissões e ofícios; tempo cronológico.	Publicado	-
RE	25/09/78	150	165	F	25	Animais. Rebanhos.	Publicado	-
RJ	05/11/71	012	NI	M	29	Vida social. Diversões.	Publicado	-
SSA	17/04/75	138	167	M	31	O cinema. A televisão.	Publicado	-
TOTAL GERAL								180

Segundo mostra o quadro apresentado, de todos os inquéritos analisados, o inquérito de número 112 da cidade do Rio de Janeiro com um informante masculino da terceira faixa etária destaca-se como o de maior número de itens lexicais, 41 itens, em relação aos outros inquéritos estudados.

Ao realizar a análise dos inquéritos do tipo DID sob o enfoque da faixa etária, percebe-se que dos 180 itens lexicais, 57 itens estão presentes nos inquéritos da primeira faixa etária, o correspondente a 31,67%, e 123 estão presentes nos inquéritos da terceira faixa etária, o correspondente a 68,33%, conforme pode ser visualizado no gráfico seguinte:

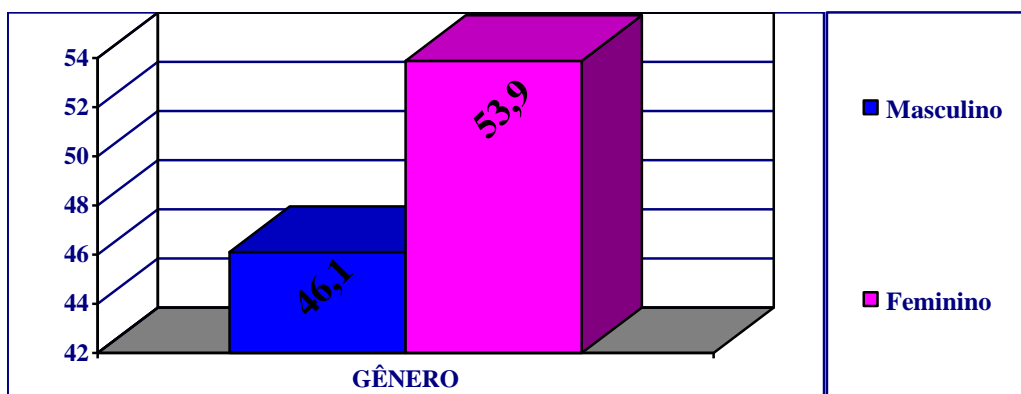
Gráfico 19 – Itens lexicais segundo a variável faixa etária nos inquéritos do tipo DID



Esses números referentes aos inquéritos do tipo DID confirmam a hipótese de que realmente é a terceira faixa etária que apresenta maior número de itens lexicais diferenciados para marcar a sua identidade etária em relação à primeira faixa etária.

Ao analisar o índice de ocorrências dos itens lexicais, nos inquéritos do tipo DID, verificou-se uma maior predominância desses itens em inquéritos com informantes femininas que apresentaram 97 itens lexicais que correspondem a 53,89%, ao passo que os informantes masculinos apresentaram 83 itens lexicais os quais correspondem a 46,11% como mostra o gráfico:

Gráfico 20 – Itens lexicais segundo a variável gênero nos inquéritos do tipo DID



O maior número de itens lexicais relacionados a informantes femininas também se faz presente no cruzamento da variável gênero com a variável referente à primeira faixa etária – com 41 itens (71,93%) para as informantes femininas e 16 itens (28,07%) para os informantes masculinos, entretanto, esse aspecto não se repete nos inquéritos da terceira faixa etária, pois nestes são os homens que lideram nos índices de itens lexicais, com 67 itens (54,47%) ao passo que as mulheres apresentaram 56 itens equivalentes a 45,53%, conforme é possível perceber nos gráficos 21 e 22:

Gráfico 21 – Itens lexicais segundo a variável gênero e 1º faixa etária nos inquéritos do tipo DID

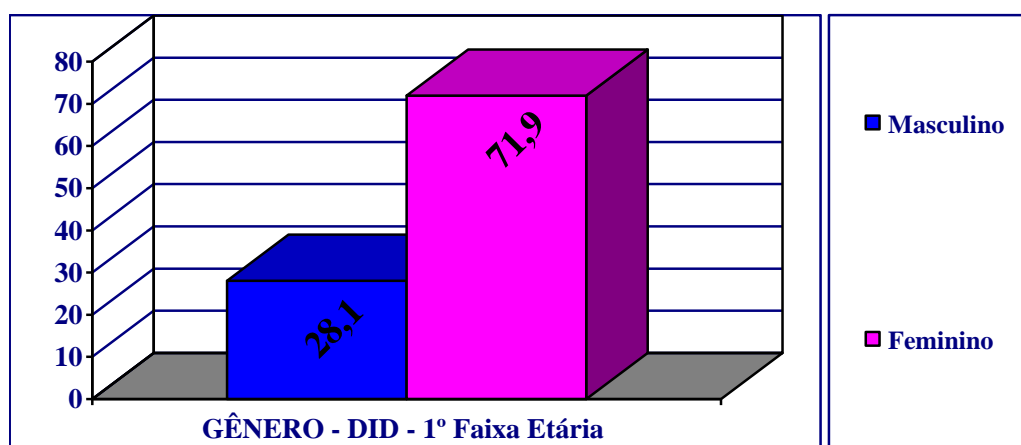
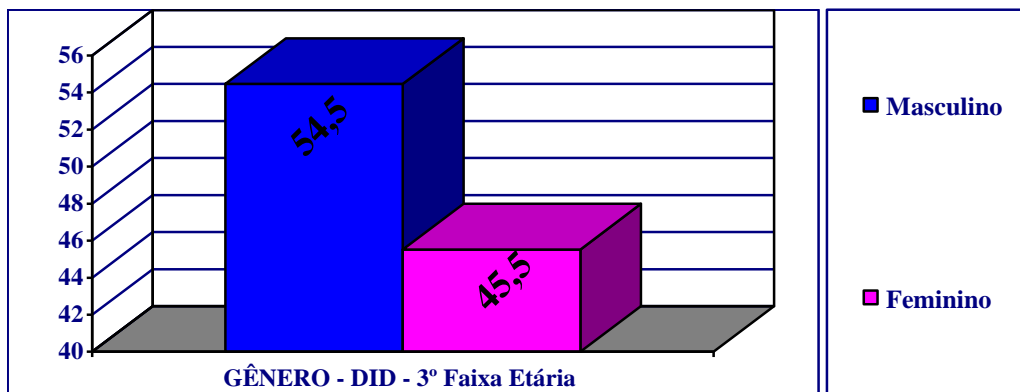
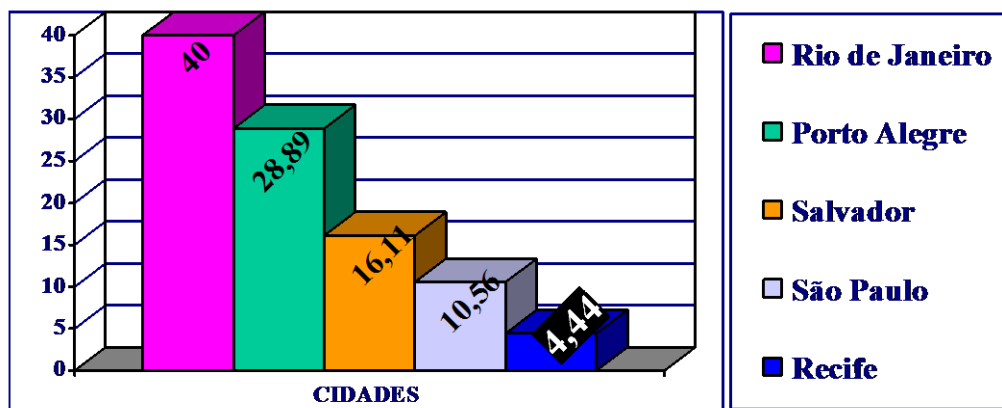


Gráfico 22 – Itens lexicais segundo a variável gênero e 3º faixa etária nos inquéritos do tipo DID



O estudo da predominância dos itens lexicais nos inquéritos do tipo DID relacionados às cidades revelaram que é a cidade do Rio de Janeiro, com 72 marcadores (40%), a que apresenta o maior número de itens lexicais característicos da identidade etária, na seqüência vêm as cidades de Porto Alegre com 52 marcadores (28,89%), Salvador com 29 marcadores (16,11%), São Paulo com 19 marcadores (10,56%) e Recife com 8 marcadores (4,44%), como mostra o gráfico 23:

Gráfico 23 – Itens lexicais segundo a variável cidade nos inquéritos DID



Essa ordem de cidades, segundo a predominância de itens lexicais que denunciam a faixa etária à qual o informante pertence, apresentada no gráfico 23, não se repete na análise dos inquéritos da primeira e da terceira faixa etária analisados isoladamente, conforme demonstram os gráficos seguintes:

Gráfico 24 – Itens lexicais segundo a variável cidade nos inquéritos da 1ª Faixa Etária do tipo DID

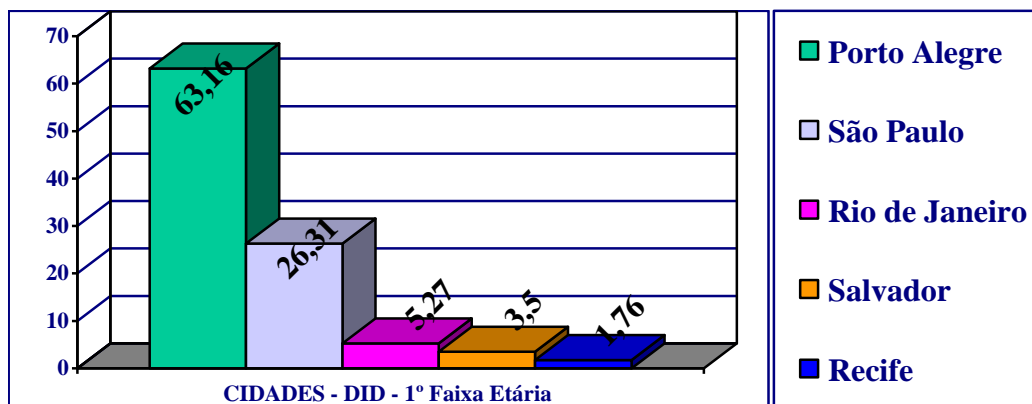
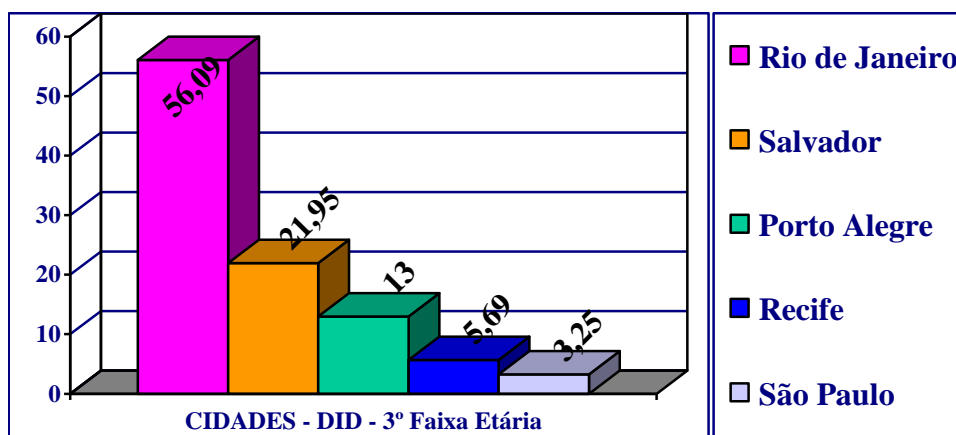


Gráfico 25 – Itens lexicais segundo a variável cidade nos inquéritos da 3ª Faixa Etária do tipo DID



Através dos resultados, assim como também ocorreu com os marcadores temporais, a explicação da predominância de itens lexicais denunciadores da faixa etária do informante nas cidades em questão não recai sob a cidade em si, mas em função dos informantes no sentido do gênero e da faixa etária a qual pertencem, como apontam os próprios resultados obtidos nas análises.

No que se refere aos inquéritos do tipo D2, o quadro 18 mostra o levantamento de itens lexicais:

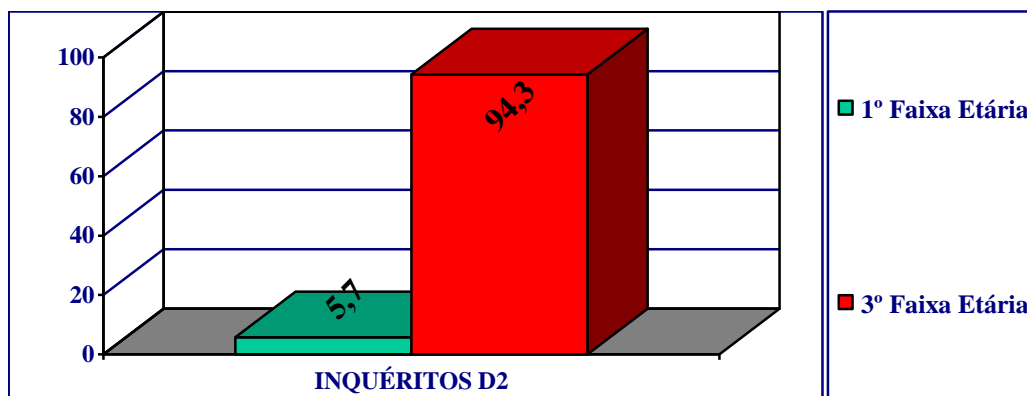
Quadro 18 – Levantamento de Ocorrências de Itens Lexicais nos Inquéritos do tipo D2

Cidade	Data de gravação	Nº do inquérito	Nº do informante	Gênero	Idade	Tema	Situação do inquérito	TOTAL
SSA	21/09/77	298	375-376	F-M	74-89	A cidade. O comércio. Transportes e Viagens. Os meios de Comunicação e Difusão. Cinema. TV. Rádio. Teatro	Digitado	75
SP	07/04/76	333	419-420	F-F	60-60	Cinema, TV, rádio e teatro.	Publicado	71
SSA	NI	095	110-111	M-M	35-29	Meteorologia. O tempo cronológico. Terreno. Vegetais. Animais.	Digitado	6
POA	NI	365	453-454	M-M	+ de 56 anos	Comércio exterior, política nacional, sindicatos, cooperativas, profissões e ofícios. O dinheiro, o banco, as finanças, a bolsa. Instituições: o ensino, a igreja.	Digitado	4
RE	27/09/78	151	166-167	M-M	31-30	A cidade. O comércio. Meios de Comunicação. Transportes e viagens.	Digitado	2
RJ	10/04/73	147	L1-L2	F-F	25-25	Vida social. Diversões. A cidade. O comércio.	Publicado	-
POA	NI	283	321-322	F-F	25-35 anos	Comércio exterior, política nacional, sindicatos, cooperativas, profissões e ofícios. O dinheiro, o banco, as finanças, a bolsa. Instituições: o ensino, a igreja.	Digitado	-
RE	30/08/79	266	294-295	M-M	+ de 56 anos	A família, o ciclo da vida. A saúde.	Digitado	-
SP	15/03/76	343	442-441	M-F	26-25	A cidade. O comércio.	Publicado	-
RJ	06/03/78	374	L1-L2	F-F	69-63	Animais e rebanhos.	Publicado	-
TOTAL GERAL								158

De acordo com os dados apresentados, verifica-se que de todos os inquéritos analisados, o inquérito de número 298 da cidade de Salvador com dois informantes de gêneros opostos da terceira faixa etária destaca-se como o de maior número de itens lexicais denunciadores da faixa etária (76 itens) em relação aos outros inquéritos estudados.

Ao analisar os inquéritos do tipo D2 sob o enfoque da faixa etária, percebe-se que dos 158 itens lexicais, 8 estão presentes nos inquéritos da primeira faixa etária, o correspondente a 5,70%, e 150 itens lexicais estão presentes nos inquéritos da terceira faixa etária, o correspondente a 94,30%, conforme pode ser visualizado no gráfico seguinte:

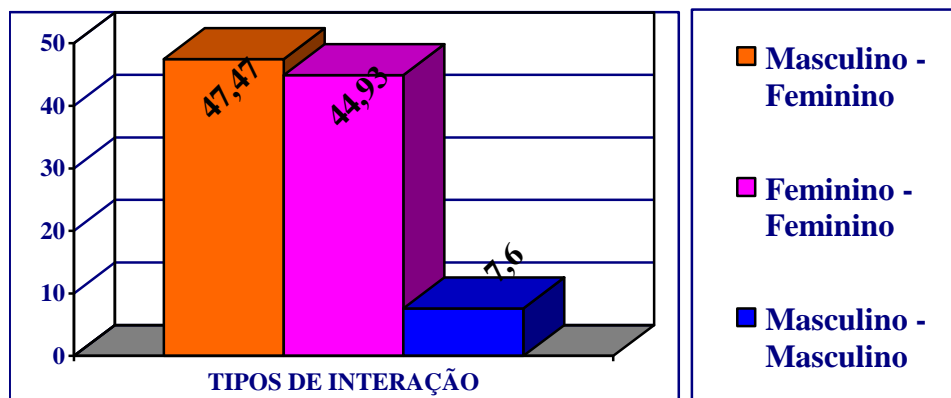
Gráfico 26 – Itens lexicais segundo a variável faixa etária nos inquéritos do tipo D2



Esses números relacionados aos inquéritos do tipo D2 coincidem com os dados apresentados nos inquéritos DID, os quais apresentam a terceira faixa etária com o maior número de itens lexicais, confirmando a hipótese inicial de que os informantes da terceira faixa etária apresentam mais itens lexicais que denunciam a sua identidade etária no discurso.

No que se refere à variável gênero, ao analisar o índice de ocorrências dos itens lexicais, nos inquéritos do tipo D2, verificou-se uma maior predominância de marcadores temporais em inquéritos em que as informantes femininas estavam em interação com um informante masculino, com 75 itens lexicais que equivalem a 47,47%, em segundo lugar vêm os inquéritos com duas informantes femininas com 71 itens lexicais equivalentes a 44,93% e, por fim, os inquéritos com dois informantes masculinos com 12 itens lexicais, o correspondente a 7,60%, como mostra o gráfico:

Gráfico 27 – Itens lexicais segundo a variável gênero nos inquéritos do tipo D2



Nesse sentido, percebeu-se que as interações entre dois homens apresentaram-se menos marcadas lexicalmente em relação aos inquéritos em que as informantes eram do gênero feminino e inquéritos com informantes mistos (masculino e feminino).

A análise de dois inquéritos com interações mistas (feminino-masculino), quatro inquéritos do tipo feminino-feminino e quatro inquéritos do tipo masculino-masculino revelou uma média de itens lexicais de, respectivamente, 35%, 17,75% e 3%. Esses dados revelam que as interações entre informantes de gêneros opostos apresentam-se como as em que aparecem mais itens lexicais característicos de faixa etária. Tal resultado é reflexo da interação entre um homem e uma mulher da terceira faixa etária que conversam sobre o grupo temático: A cidade. O comércio. Transportes e Viagens. Os meios de Comunicação e Difusão. Cinema. TV.

Em segundo lugar, são as interações entre duas mulheres que trazem maiores índices de léxico nos inquéritos que versam sobre Cinema, TV, rádio e teatro e Vida social. Diversões. A cidade. O comércio que se apresentaram como grupos de temas nos quais as

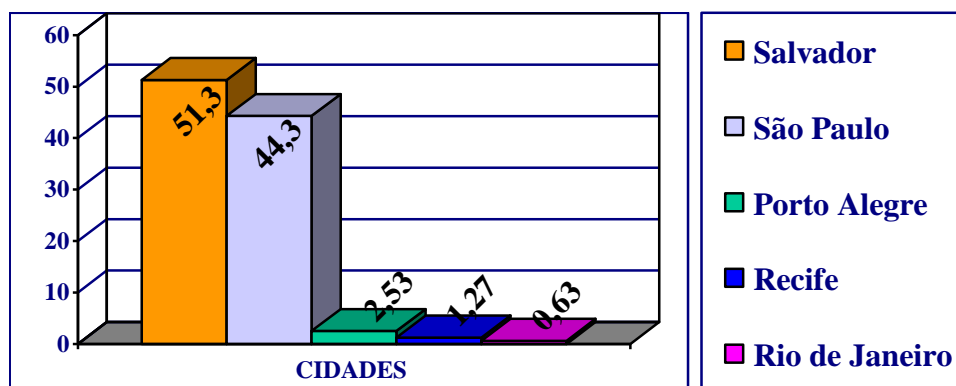
informantes demonstraram um certo envolvimento, relatando experiências, rememorando histórias vividas, enfim, relacionando o passado com o presente.

E, por fim, estão as interações entre dois homens que apresentaram menor índice de itens lexicais nos inquéritos cujos grupos temáticos eram: Meteorologia. O tempo cronológico. Terreno. Vegetais. Animais., Comércio exterior, política nacional, sindicatos, cooperativas, profissões e ofícios. O dinheiro, o banco, as finanças, a bolsa. Instituições: o ensino, a igreja., e A cidade. O comércio. Meios de Comunicação. Transportes e viagens. Tais grupos de temas não suscitaram um grande número de itens lexicais reveladores da identidade de faixa etária dos informantes.

Com isso, podemos perceber que existe uma grande dinâmica conversacional, rica em itens lexicais reveladores da faixa etária dos informantes nos inquéritos mistos – entre informantes masculinos e femininos – e nas interações entre as mulheres devido à facilidade de condução do tema por parte dos informantes. Tal cumplicidade não se torna evidente nos inquéritos entre dois homens, pois, em geral, os participantes demonstram um tipo de conversa, sem muito sentimentalismo, como ocorre nos outros tipos de interações apontados.

É interessante observar que nos inquéritos do tipo D2 é a cidade de Salvador a que apresenta maior frequência de itens lexicais com 81 itens representando 51,27%, na sequência vêm as cidades de São Paulo com 70 itens representando 44,30%, Porto Alegre com 4 itens representando 2,53%, Recife com 2 itens representando 1,27% e Rio de Janeiro com 1 item representando 0,63% como mostra o gráfico 28:

Gráfico 28 – Itens lexicais segundo a variável cidade nos inquéritos D2



Por um lado, é possível perceber que a cidade de Salvador destaca-se como a que mais apresenta itens lexicais que denunciam a identidade etária dos informantes da primeira e da terceira faixa etária. Por outro lado, o restante da ordenação das cidades segundo a predominância de itens lexicais apresentada no gráfico 29 não se repete se a análise for feita levando em consideração as faixas etárias isoladamente, como mostram os gráficos seguintes:

Gráfico 29 – Itens lexicais segundo a variável cidade nos inquéritos da 1ª Faixa Etária do tipo D2

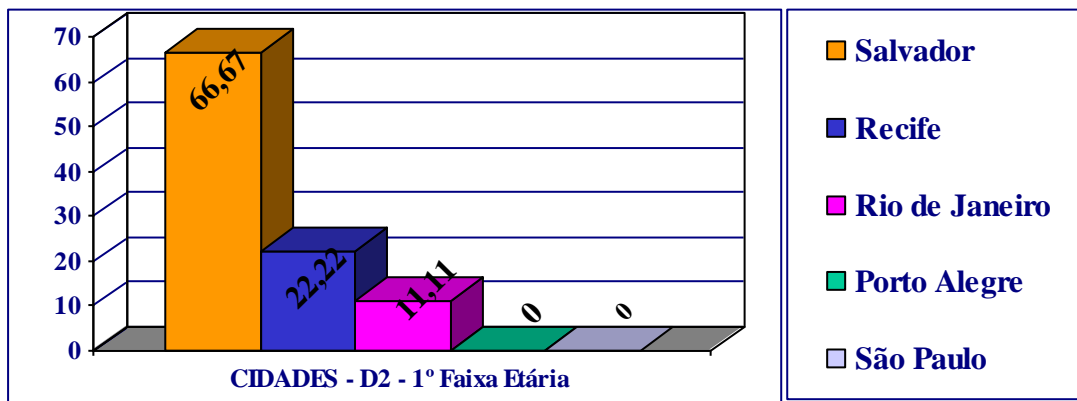
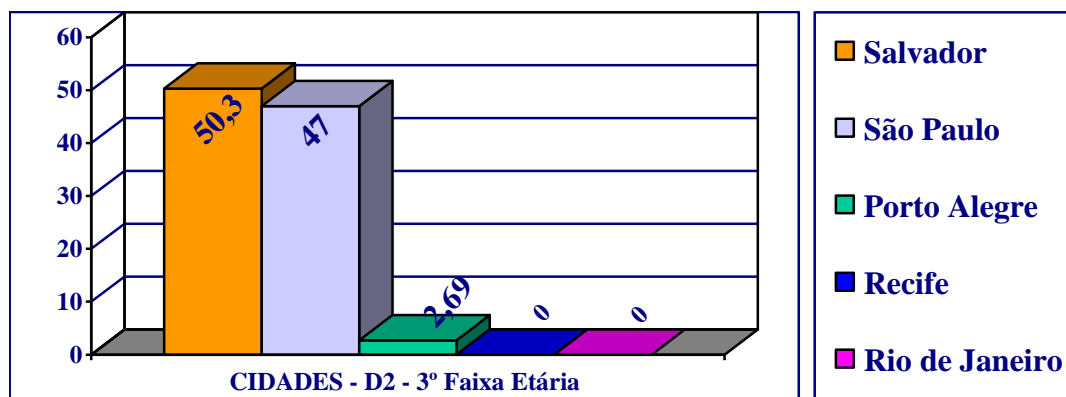


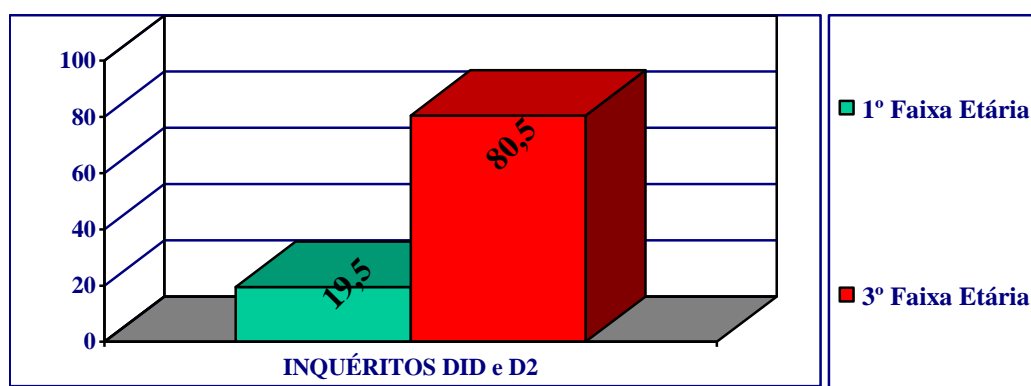
Gráfico 30 – Itens lexicais segundo a variável cidade nos inquéritos da 3ª Faixa Etária do tipo D2



Numa análise de âmbito geral, contemplando os dados dos inquéritos DID e D2, com o objetivo de verificar resultados referentes aos itens lexicais relacionados à faixa etária e à cidade, observa-se que:

- Os informantes da terceira faixa etária apresentaram mais itens lexicais reveladores de faixa etária em seu discurso, 272 itens equivalentes a 80,47%, em relação aos informantes da primeira faixa etária, com 66 itens equivalentes a 19,53% como mostra o gráfico 31:

Gráfico 31 – Itens lexicais segundo a variável faixa etária nos inquéritos DID e D2

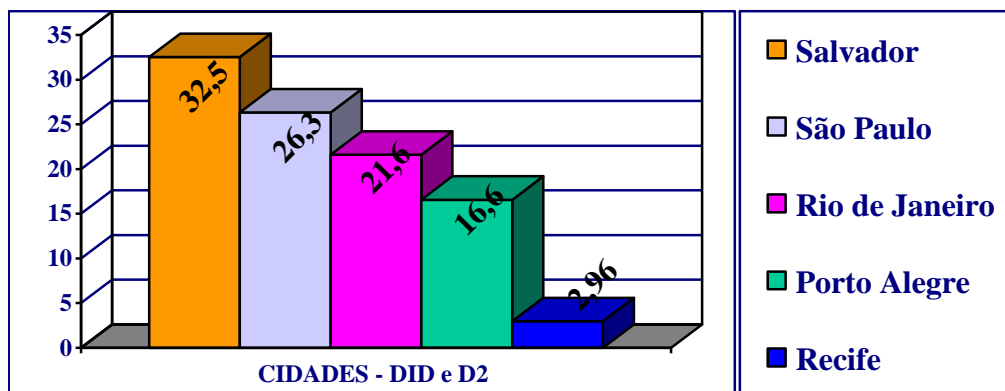


Tal resultado aponta que os informantes da terceira faixa etária, por possuírem uma maior quantidade de anos vividos, tendem a exibir um maior número de ocorrências de itens lexicais denunciadores da faixa etária em relação aos da primeira faixa, que possuem uma menor bagagem histórica e, portanto, dispõem de menos elementos para relativizar no que se refere ao seu passado, assim também como menos ocorrências de itens lexicais denunciadores da faixa etária a qual pertencem.

- As cidades que apresentam mais marcadores temporais apresentam-se na seguinte seqüência: Salvador, com 110 itens representando 32,54%, São Paulo, com 89 itens representando 26,33%, Rio de Janeiro, com 73 itens representando 21,60%, Porto

Alegre, com 56 itens representando 16,57%, e Recife com 10 itens representando 2,96%, como mostra o gráfico 32:

Gráfico 32 – Itens lexicais segundo a variável cidade nos inquéritos DID e D2



Assim como ocorreu na análise dos marcadores temporais, a explicação da predominância de itens lexicais denunciadores da faixa etária nas cidades em questão não recai sob a cidade em si, mas em função dos informantes no sentido do gênero e da faixa etária à qual pertencem, como apontam os próprios resultados obtidos nas análises.

5.3 COMO SE APRESENTAM OS MARCADORES TEMPORAIS E O LÉXICO NOS INQUÉRITOS: AMOSTRA E ANÁLISE DE ALGUMAS OCORRÊNCIAS

O discurso é o mediador na construção das identidades sociais ou “recursos de identidade”, que são apropriados pelos membros de um grupo. É nesse processo de apropriação dos significados das histórias que se contam nos inquéritos analisados que se adquire um sentido de quem está falando no discurso.

Assim, o enfoque socioconstrucionista destaca o discurso como uma construção negociada pelos agentes discursivos ao interagirem, na tentativa de se organizarem e fazerem sentido do mundo à sua volta. Culturalmente mediados pelo discurso, tanto o significado quanto as

identidades sociais são (re)construídos nas interações sociais diárias por meio das histórias que são contadas.

Com o objetivo de esquematizar suas experiências, os participantes discursivos, muitas vezes, fazem uso de estruturas narrativas. Dessa forma, é por meio do discurso que se percebe significado dos contextos de experiências dos indivíduos e se pode entender a natureza e condição da existência. Pode-se entender, portanto, que quando os agentes sociais tentam se organizar socialmente, por meio das histórias que contam e ouvem durante as interações sociais, suas identidades sociais são construídas, projetadas e mantidas.

Os fragmentos dos inquéritos que serão analisados nessa pesquisa expressam as identidades de quem fala, pois o ato de relatar cria degraus para o auto-entendimento e ocasião para a auto-reconstrução. Todos são relatos orais os quais apresentam eventos importantes nas vidas dos informantes.

Tendo exposto a base teórica dessa pesquisa, segue a apresentação dos fragmentos de discurso para análise.

Quadro 19 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 121/POA)

Estruturas	Frequência	Contexto de ocorrência
Atualmente	01	(1). “[...] olha <i>atualmente</i> eu acho que estão abaixo da crítica os programas humorísticos <i>antigamente</i> eu assistia aquele Praça da alegria o Golias as:: <i>hoje</i> não tem programa bom... ahn:: tem um... por exemplo... o:: <i>hoje</i> tem s::... (como se como é)... tem o Caça não... eh... Balança mas não cai mas são... piadas tão bestas e... sei lá o o o nível acho que está tão baixo que não não dá mais pra assistir... antes a gente ficava... alegre se alegrava tu via o programa tu te distraia <i>hoje</i> ... não sei não não... não vejo... mais por que assistir... esses programas [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 247-259)
Antigamente	01	
Hoje	03	

Esse primeiro exemplo mostra uma informante feminina da primeira faixa etária (27 anos) assumindo um posicionamento em que legitima a concepção apontada por Preti (1991, p. 24) de que existe uma perspectiva da faixa etária do ponto de vista psicológico individual em que fica claro que uma pessoa é tão velha quanto imagina ser. Isso se faz presente nesse exemplo

pelo fato de a informante pertencer à primeira faixa etária, mas apresentar um discurso típico de uma informante da terceira faixa etária ao fazer o jogo (passado X presente).

Assim, ela expõe, através de estruturas pontuais como *antigamente*, *atualmente* e *hoje*, que antigamente os programas humorísticos eram melhores e que atualmente esse tipo de programa não é mais interessante de ser visto pelo fato de as piadas serem muito bestas. No que se refere à perspectiva semântica, essas ocorrências de marcadores temporais, conforme aponta Moura Neves (2000), apresentam situação absoluta, pois referem-se ao momento ou período situado na escala do tempo e também apontam duração vinculada ao calendário. Com relação ao tipo de ancoragem, como aborda Ilari (2001), essas ocorrências podem ser consideradas como temporal simples por não necessitar fazer relações referenciais no discurso para situá-lo no tempo.

Esse mesmo pensamento de uma informante feminina da primeira faixa etária (25 anos) com um posicionamento em que legitima a concepção da idade do ponto de vista psicológico individual pode ser visualizado no exemplo do quadro 20:

Quadro 20 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 150/RE)

Estruturas	Frequência	Contexto de ocorrência
Quando eu era MUIto peque:na	01	(1). “[...] <i>quando eu era MUIto peque:na...</i> em Boa Via:gem <i>no tempo em que Boa Viagem era mar porque hoje em dia é só... óleo de bronzea:r... né?... xixi né? ((ri))</i> então tinha muito... daquilo... e a gente ia PEScar em Boa Viagem imagina...
No tempo em que Boa Viagem era mar	01	PESCAR oh de sair com saburá cheio... <i>hoje em dia</i> você pode ir lá sentar na pedra o dia todinho que não vem nada... acabou-se a praia... não presta mais pra nada [...]”. (DID – 150/RE/70 – linhas 518-523)
Hoje em dia	02	

Em seu discurso, a informante apresenta uma comparação de caráter temporal em relação à praia de Boa Vigem por meio de estruturas fraseológicas que remetem ao passado como

Quando eu era MUITo peque:na, No tempo em que Boa Viagem era mar, juntamente com estruturas fraseológicas do presente como *Hoje em dia*. Dessa forma, ela explica que antes a praia era melhor por ser mais limpa e possibilitar a pesca e hoje a praia se limita a “óleo de bronzear” e “xixi”.

Do ponto de vista semântico, essas ocorrências de marcadores temporais referem-se ao momento ou período situado na escala do tempo. No que se refere à sua ancoragem no discurso, existem ocorrências de marcador temporal simples, como *Hoje em dia*, e também marcador temporal referencial, como *Quando eu era MUITo peque:na* e *No tempo em que Boa Viagem era mar*, cuja referência feita no discurso é a infância da informante e os bons tempos da praia para relatar seu discurso.

A temática da comparação passado X presente, também, está presente no discurso dessa informante da primeira faixa etária no quadro seguinte:

Quadro 21 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 251/SP)

Estruturas	Frequência	Contexto de ocorrência
Hoje em dia	02	(1). “[...] as profissões mais valorizadas... <i>hoje em dia</i> eu acho que <i>hoje em dia</i> e <i>sempre</i> ... na minha opinião... (foram) a a profissão de médico engenheiro advogaDo... arquitEto... uma profissão por exemplo que eu acho... Totalmente desvalorizada <i>hoje</i> é de professora primária... professora primária (é) ela é Totalmente desvalorizAda incu/inclusive o nível... o::... nível cultural dela é considerado baixo um nível cultural baixo uma pessoa que tem curso normal <i>hoje</i> SÓ... é considerada assim de nível o... BAIXo inclusive EU senti Isso... que eu sou normalista... e por isso que EU... procurei fazer outros cursos entendeu?... éh eu acho (que) totalmente desvalorizada... então <i>hoje</i> valorizado é um um mé::dico um engene::iro um advogado um arquiteto... inclusive eu acho que essa... por isso que as mulheres partem enten/ entenderam prum... (ou) pra serem advogaDas engenheiras arquitetas coisa que a gente não encontrava... <i>há tempos atrás</i> é por causa da valorizaÇÃO... do::... da profissão... que professora primária secretária eu acho... Totalmente des/... eu não... mas acontece que o Pessoal em geral desvaloriza totalmente né?”. (DID – 251/SP/70 – linhas 27-48)
Sempre	01	
Hoje	03	
Há tempos atrás	01	

A informante confere mais sentido ao seu discurso a partir da coerência que dá ao seu discurso. Essa coerência é estabelecida a partir da impressão de que existem algumas

profissões que são mais valorizadas em relação a outras. Para fazer tal tipo de julgamento, a informante se utiliza de marcadores temporais no intuito de fazer uma retrospectiva histórica nesse sentido.

A utilização de marcadores temporais de estrutura fraseológica, como *Hoje em dia* e *Há tempos atrás*, e de estruturas pontuais, como *Sempre* e *Hoje*, ordenam temporalmente o discurso no sentido da relação passado X presente. Tais estruturas apresentam uma referência ao momento ou período situado na escala do tempo e podem ser consideradas como temporal simples por não necessitar fazer relações referenciais no discurso para situá-lo no tempo. Em relação à estrutura *Sempre*, pode ser percebido que ela indica a frequência da ação que está sendo referida, no caso, a valorização da profissão de médico, engenheiro, advogado e arquiteto.

No próximo exemplo, também será apresentado o depoimento de um informante da primeira faixa etária, entretanto, dessa vez, do gênero masculino.

Quadro 22 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 08/POA)

Estruturas	Frequência	Contexto de ocorrência
Quando eu era guri	01	(1). “[...] eu me lembro <i>quando eu era guri</i> quando... <i>em mil novecentos e:: quarenta e sete quarenta e oito</i> eu não sou tão velho assim viu? <i>Em quarenta e sete quarenta e oito</i> eu devia ter... sete oito anos de idade... (tinha) oito anos... eu nasci <i>em quarenta...</i> é tinha oito... <i>naquele tempo::</i> eu me lembro que tinha:: na:: um pessoal que fazia o:: que eh:: a distribuição por exemplo de PÃO chamava os repartidores era o pessoal que normalmente cinco e meia da manhã quatro e meia cinco horas da manhã estacionava suas carroças umas carrocinhas pequenas puxadas por um cavalo... carrocinha com pneus de borracha e ali enchiam as carroças com pão e faziam a distribuição na:: nas ruas dos bairros... e:: além disso também tinha o leiteiro que também trazia o:: leite do (deAL) e:: fazia a distribuição de... de fato <i>hoje</i> com a:: modernização com a:: o::... ah:: inclusive a colocação de produtos em supermercados diretamente em casa sumiu mesmo isso não se nota mais a... existência de repartidores nem do leiteiro que passava com a carroça de manhã para trazer o leite[...]”. (DID – 08/POA/70 – linhas 458-481)
Em mil novecentos e quarenta e sete	01	
Quarenta e oito	01	
Em quarenta e sete	01	
quarenta e oito	01	
Em quarenta	01	
Naquele tempo	01	
Hoje	01	

	01	
--	----	--

Nesse exemplo, a construção da identidade do informante é estabelecida com base em seu posicionamento na narrativa. Ele se posiciona, ao contar um episódio de sua infância, lembrando como era a distribuição do pão e do leite antigamente. É interessante perceber que não existe um posicionamento que revele o estereótipo de que o tempo antigo era o melhor, como aconteceu no exemplo exposto no quadro 20, o que existe, nesse contexto, é um relato comparativo de como era antes e de como é agora.

O informante utiliza estruturas fraseológicas do passado, como *Quando eu era guri, Em mil novecentos e quarenta e sete, Quarenta e oito, Em quarenta e sete quarenta e oito, Em quarenta, Naquele tempo*, para fazer um paralelo com o presente através da utilização da estrutura pontual *hoje*. Do ponto de vista semântico, as ocorrências de marcadores temporais em evidência referem-se ao momento ou período situado na escala do tempo.

Em relação ao tipo de ancoragem, pode ser percebido, seguindo a fundamentação teórica de Ilari (2001) que existem marcadores temporais simples, por não necessitar fazer relações referenciais no discurso para situá-lo no tempo, como: *Em mil novecentos e quarenta e sete, Quarenta e oito, Em quarenta e sete quarenta e oito, Em quarenta, Naquele tempo, Hoje*. Além dessas, também há marcador temporal referencial, como *Quando eu era guri*, cuja referência é a infância do informante para relatar seu discurso.

A não existência de um posicionamento revelador do estereótipo de que o tempo antigo era o melhor, como aconteceu no exemplo exposto anteriormente, também, ocorre no discurso do informante masculino da primeira faixa etária, conforme demonstra o quadro 23:

Quadro 23 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 012/RJ)

Estruturas	Frequência	Contexto de ocorrência
Atualmente Há tempos atrás	01 01	(1). “[...] há inclusive também uma uma uma dificuldade muito grande <i>atualmente</i> em ci/ em ci/ em citar nomes de cantores... que nós estamos vivendo a exemplo do que ocorreu com o cinema... <i>há há há há tempos atrás</i> ... de se:... éh caracterizar... e se afirmar perante a opinião pública... exclusivamente pelo nome do autor e não do intérprete... do diretor e não dos intérpretes nós estamos vivendo na música popular... uma fase semelhante [...]”. (DID – 012/RJ/70 – linhas 278-285)

Nesse caso, o informante faz com que, por meio do discurso, a sua experiência surja e seja relatada. Assim, ele comenta sobre a tendência no cinema e na música de se citar o autor/diretor e não o intérprete, no entanto, não se posiciona, relatando se isso é bom ou ruim, apenas compara tal situação, através dos marcadores temporais de estrutura pontual *Atualmente* e de estrutura fraseológica *Há tempos atrás*.

Semanticamente, as ocorrências temporais referem-se ao momento ou período situado na escala do tempo e podem ser consideradas como temporal simples por não necessitar fazer relações referenciais no discurso para situá-lo no tempo.

Outro exemplo de rememoração do passado presente no discurso de um informante masculino da primeira faixa etária pode ser visualizada no quadro 24:

Quadro 24 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 004/RE)

Estruturas	Frequência	Contexto de ocorrência
Hoje No dia que eu me formei	02 01	(1). “[...] <i>hoje</i> eu já: me tornei um pouco cauteloso em afirmativas... desse tipo vou fazer isso ou aquilo outro... porque eu me lembro que:: <i>no dia que eu me formei</i> ... éh: aquela festa toda aquela alegria... éh: coloca-se o anel no dedo então todo mundo faz seus juramentos profissionais ‘olhe eu vou ser isso eu vou ser aquilo outro’ esse negócio todo eu me lembro que eu fiz um juramento negativo... eu disse ‘duas coisas na minha vida eu jamais farei... processo crime e ensinar’ ... são duas que eu faço <i>hoje</i> e gosto... ((rindo)) [...]” (DID – 004/RE/70 – linhas 492-499)

A partir da leitura desse exemplo, pode ser constatado o que aborda Moita Lopes (2003, p. 253) “ao se engajarem em um processo de reconstrução de suas histórias de vida por meio de suas narrativas, os sujeitos refazem o caminho por eles percorrido até o momento e repensam sua história passada”. Nesse fragmento é possível perceber tal realidade, afinal o informante elabora seu discurso, reposicionando-se e até reconstruindo sua identidade, pelo fato de antes pensar que jamais atuaria em determinadas áreas profissionais e de hoje se ver fazendo tais ações e até gostando delas. Portanto, fica claro que as narrativas dentro do discurso operam como instrumentos de construção e reconstrução de identidades sociais, processo esse que é desenvolvido no desenrolar do próprio ato discursivo.

O informante utiliza a estrutura fraseológica do passado *No dia que eu me formei* para fazer um paralelo com o presente através da utilização da estrutura pontual *hoje*. Esses marcadores referem-se ao momento ou período situado na escala do tempo, além disso denunciam ancoragem discursiva temporal simples, por não necessitar fazer relações referenciais no discurso para situá-lo no tempo, como: *Hoje*. E também há ancoragem temporal referencial, como *No dia que eu me formei*, cuja referência é a formatura do informante para relatar seu discurso.

Nesse sentido, a localização no tempo expressa pelas sentenças da língua é basicamente o resultado de uma construção. Essa construção envolve também os marcadores temporais pontuais e fraseológicos e, eventualmente, informações que se busca em lugares bem determinados do contexto.

A informante feminina da primeira faixa etária (30 anos), cujo fragmento do discurso está exposto no quadro 25, também, faz reflexões em relação ao seu passado.

Quadro 25 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 084/RJ)

Estruturas	Frequência	Contexto de ocorrência
Atualmente Durante o período do século passado	01 01	(1). “[...] ah... o resto da fazenda... no resto da fazenda você tem... perto da piscina... você tem uma outra casa bem grande que era a fazenda antiga... seria a sede da fazenda antiga... certo? Mas essa sede <i>atualmente</i> é tida como mal assombrada... então apesar de sermos todos pessoas esclarecidas... nós não temos muita vontade de ficar nela (riso)... isso é evidente (riso) [...]”. (DID – 084/RJ/70 – linhas 357-363) (2). “[...] dizem que foi um... um lugar... uma sen/ uma antiga senzala... tem realmente uma... uma parte subterrânea em que poderia ser uma senzala de escravos etc... etc... <i>durante o período da... do século passado</i> ... então que os escravos ali se refugiaram... mas que descobriram e fizeram morticínio... então que os escravos... as almas dos escravos clamam por vingança... etc... etc [...]”. (DID – 084/RJ/70 – linhas 390-397)

A informante por meio do seu posicionamento do discurso localiza a sua identidade na história que está contando. Dessa forma, a informante posiciona-se dentro da narrativa: sua caracterização, a relação que estabelece entre si e como eles são construídos no desenrolar do discurso.

Para fazer tal ato, em seu discurso, ela dispõe do marcador temporal pontual do presente *Atualmente* e do marcador fraseológico do passado *Durante o período do século passado*. A primeira estrutura apresenta ancoragem temporal simples, por não necessitar fazer relações referenciais no discurso para situá-lo no tempo, como: *Atualmente*. Já a segunda estrutura aponta ancoragem temporal referencial, pois na expressão *Durante o período do século passado*, a referência é o século que já passou.

Nos próximos exemplos dos quadros 26 e 27, serão visualizadas concepções que denotam as evoluções causadas pelo tempo no âmbito social:

Quadro 26 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 138/SSA)

Estruturas	Frequência	Contexto de ocorrência
Agora	01	(1). “[...] existem as máquinas de oito milímetros... geralmente essas de oito milímetros são usadas mais em casa... ou naqueles fil... naqueles cinemas antigos... né? Depois... dezesseis milímetros... que <i>há pouco tempo</i> também era usada em cinemas... e <i>agora</i> as mais modernas são setenta milímetros... que muitos até usam para aquelas telas superpanôramicas... pra dar idéia até do... terceira dimensão... que na realidade não é terceira dimensão... né [...]” (DID – 138/SSA/70 – linhas 265-274)
Há pouco tempo	01	

É possível perceber no discurso desse informante masculino da primeira faixa etária um detalhamento na descrição das máquinas, ficando evidente o contraste de como as máquinas eram usadas no cinema naquele momento da fala e há pouco tempo. Isso é feito por meio da articulação dos marcadores temporais *Agora* (estrutura pontual) e *Há pouco tempo* (estrutura fraseológica).

As duas estruturas referem-se ao momento ou período situado na escala do tempo e expressam uma ancoragem temporal simples no discurso, pois não necessitam fazer relações referenciais para situar o discurso no tempo.

Um outro exemplo de resultado da evolução é também percebido no exemplo a seguir:

Quadro 27 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 173/SSA)

Estruturas	Frequência	Contexto de ocorrência
Hoje	01	(1). “(risos) bem... a sala de visitas... as poltronas seriam... assim... bem maiores... né? e <i>hoje</i> você encontra... por exemplo... na... na... nas... nas casas mais modernas... você encontra... você pode encontrar... eh... essas poltroninhas trabalhadas em vime... se bem que o vime era... inclusive... muito usado na... <i>em época na... anterior...</i> mas... de qualquer forma... na... eh... <i>naquela época</i> se usava... assim... poltronas... assim... bem acolchoadas”. (DID – 173/SSA/70 – linhas 528-536)
Em época anterior	01	
Naquela época	01	

Fica claro no discurso dessa informante da primeira faixa etária a descrição que se faz de uma sala de visitas em que se usavam poltronas bem acolchoadas ao passo que hoje se utiliza mais poltronas trabalhadas em vime. Para fazer essa descrição, a informante utiliza o marcador temporal pontual do presente *Hoje* e os marcadores temporais fraseológicos que remetem ao passado *Em época anterior* e *Naquela época*.

Além de se referir ao momento ou período situado na escala do tempo, esses marcadores denunciam ancoragem discursiva temporal simples, por não necessitar fazer relações referenciais externas no discurso para situá-lo no tempo.

O fragmento apresentado a seguir também faz uma descrição do passado.

Quadro 28 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 161/SP)

Estruturas	Frequência	Contexto de ocorrência
Uma vez que fiz teatro	01	(1). “[...] eu mesmo <i>uma vez que fiz teatro</i> ... um:: uma manca/ uma falta de atenção do contra-regra... que esqueceu de tocar a:: uma campainha na hora que:: que devia... eu fui obrigado a entrar com uma frase ‘eu acho que ouvi a campainha’... porque a campainha devia ter tocado aquele momento... e com (fora) com essa frase que eu falei ‘eu acho que que eu ouvi uma campai/ uma campainha tocar... a campainha tocar’... o contra-regra acordou e tocou a campainha realmente quer dizer salvei aquele pedaço da peça... então todo artista deve sabe::r... ah::o conteúdo da da peça o que vai aconteê/ e conhecer bem a peça... e... com seu talento... não estou queren::do com:: isso dizer que sou um grande artista porque <i>quando eu fui artista</i> longe disso... fui o pior possível... ma::s acho que o camarada deve:: eh:: valorizar... o espetáculo que está do qual ele está participando... então acho que o ponto CHAve:: o:: fundamental na numa apresentação de teatro é o
Quando eu fui artista	01	

		artista... sem dúvida nenhuma... NO teatro”. (DID – 161/SP/70 – linhas 342-360)
--	--	---

Nesse exemplo, é possível verificar a construção da identidade do informante da primeira faixa etária estabelecida com base em seu posicionamento no discurso. Ele se reposiciona em relação ao personagem de sua história, o contra-regra, lembrando como foi na época em que se envolveu com o teatro como artista. O informante se posiciona, ao caracterizar essa sua experiência, como uma pessoa que reconhece a importância do envolvimento do artista com a peça a qual ele se encontra engajado.

O discurso do informante utiliza expressões temporais que caracterizam muito bem todo este processo vivenciado por ele. São as expressões temporais fraseológicas indicadoras de passado como *Uma vez que fiz teatro* e *Quando eu fui artista* que situam o momento na escala do tempo e apontam ancoragem temporal referencial, pois demonstram como referência o teatro e a profissão de artista.

As lembranças do passado também constituem os eixos principais dos fragmentos de discurso que seguem:

Quadro 29 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 344/POA)

Estruturas	Frequência	Contexto de ocorrência
Quando eu estive em Washington Na ocasião	01 01	(1). “[...] nos Estados Unidos qualquer profissão... é uma profissão digna... e um número de rapazes (que vão para) as universidades... para poderem se manter vão trabalharem nos restaurantes vão trabalhar nas bombas de gasolina... vão entregar jornais nos ()... e isso sem perder o seu status social... há:: uma espécie de... reconhecimento pelo trabalho... o que:: o que lá não é... não é bem não é bem aceito é ser por exemplo ocioso né? (porque) todos trabalham as mulheres trabalham... os homens trabalham... as crianças trabalham eu visitei por exemplo () americano... que:: atuou aqui em Porto Alegre <i>quando eu estive em Washington</i> fui visitá-lo... e ele... ele me disse com a maior naturalidade com a maior simplicidade... que os meninos não estavam <i>na ocasião</i> porque tinham saído saíram para... distribuir o jornal... estavam DIStribuindo o jornal na vizinhança [...]”. (DID – 344/POA/70 – linhas 243-262)

Através da leitura do exemplo, percebe-se que o discurso opera, então, como mediador entre as realidades individuais e a realidade cultural e social mais ampla na qual se está inserido, sendo, portanto, por meio dessa forma discursiva que o indivíduo se constrói como parte do mundo no qual vive. Nesse sentido, a informante feminina da terceira faixa etária relata uma experiência vivenciada no passado, utilizando como ancoragem temporal os marcadores de estrutura fraseológica *Quando eu estive em Washington* e *Na ocasião* que denunciam momento ou período situado na escala do tempo e que apresentam uma relação temporal referencial relacionada à ida para Washington.

Como explica Moita Lopes (2002, p. 64), o próprio viver de cada um influencia a produção do discurso e, paralelamente, a sua interpretação, pois como expõem Brockmeier e Harré (1997, p. 276), “vida e histórias de vida estão inseparavelmente ligadas numa construção contínua de significados e sentidos”. Isso é o que pode ser visto também no quadro 30:

Quadro 30 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 06/POA)

Estruturas	Frequência	Contexto de ocorrência
Naquele tempo	01	(1). “[...] até chegar à Universidade... eu estudei... – <i>naquele tempo</i> chamava-se Ginásio Rosário... <i>hoje</i> a nomenclatura é diferente... isso naturalmente obedecendo ao progresso --...
Hoje	04	estudei lá... pra fazer... o vestibular... para a Faculdade de
Antigamente	02	Medicina... <i>antigamente</i> ... o vestibular era diferente... nós estuda/fazíamos... doze cad/ doze matérias... e dividíamos geralmente fazendo quatro matérias para o por ano... fazíamos... um período de três anos... até completar as doze... e depois... íamos pro vestibular na faculdade... naturalmente um vestibular/vestibular diferente de <i>hoje</i> ... o número de vagas... geralmente... era maior que o número de candidatos... felizmente pra mim... porque assim não não fiquei à margem já desde o primeiro vestibular... e se fosse <i>hoje</i> ... possivelmente ficaria à margem talvez um ano dois anos e talvez toda vida... porque <i>hoje</i> ... eu sei que é muito difícil uma classificação... é um concurso... o número de candidatos é muito grande... o que aliás é muito interessante... porque vem demonstrar... o inteREsse... que todos têm... para ingressar numa faculdade... isto... só vem... em benefício da nossa terra e da nossa gente... o que não se passava <i>antigamente</i> porque o número de vagas... como eu disse de princípio... era maior [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 3-31)

O informante masculino da terceira faixa etária organiza o seu discurso através de lembranças (o vestibular de antigamente e de hoje). Nesse sentido, ele demonstra uma preocupação bem marcada ao longo do diálogo de esclarecer fatos, especificar coisas, lembrar locais, cujos referentes estão comprometidos com o tempo passado, revelando a identidade social de terceira faixa etária.

Em seu discurso, encontra-se a estrutura fraseológica *naquele tempo* e as estruturas pontuais *hoje* e *antigamente* as quais situam o momento na escala temporal e revelam uma ancoragem temporal simples, sem necessidade de referências externas ao contexto comunicativo.

Essa natureza rememorativa vem reproduzida no quadro 31:

Quadro 31 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 156/RE)

Estruturas	Frequência	Contexto de ocorrência
Naquele tempo	01	(1). “[...] você conhece bastão-do-imperador? um que dá muito perto da água... tinha MUITO em Casa Forte... <i>naquele tempo</i> ... tanto que... <i>na época</i> ... <i>quando: o palácio: ia dar festa no jardim</i> ... mandava buscar a plan/ bastão-do-imperador lá: em Casa Forte... e é uma planta linda cor-de-rosa você conhece?”. (DID – 156/RE/70 – linhas 358-362)
Na época	01	
Quando o palácio ia dar festa no jardim	01	

Neste trecho, percebe-se que a informante aproveita a oportunidade para exercitar e ativar a lembrança, indispensável à formulação de seu pensamento. Isso demonstra também o relato de um fato passado expresso pela construção “*quando o palácio ia dar festa no jardim*”. Mais uma vez, nessa ocasião, de natureza rememorativa, a informante da terceira faixa etária utiliza os marcadores temporais de estrutura fraseológica denunciadores do passado, como *Naquele tempo*, *Na época* e *Quando o palácio ia dar festa no jardim*, os quais se caracterizam como situadores do momento na escala temporal.

Em relação ao tipo de ancoragem referenciada por esses marcadores, visualiza-se que podem ser enquadrados como temporais referenciais as estruturas *Naquele tempo*, *Na época* e *Quando o palácio ia dar festa no jardim*, afinal tais construções denotam relações referenciais no discurso para situá-lo no tempo, no caso, a referência à festa que acontecia no jardim do palácio.

No que se refere ao discurso da terceira faixa etária, pode-se pensar, então, numa categoria “tempo de vigência dos acontecimentos” dentro do qual o idoso construiria boa parte de seu discurso, relacionado com um passado sobre o qual ainda tem pleno domínio de memória, ao qual, ainda, de certa forma, está muito preso, e dentro do qual estão acontecimentos, lugares, coisas, pessoas, fases, que fazem parte, ainda, de sua história e de sua maneira de analisar o tempo presente, como se vê no exemplo do quadro 32:

Quadro 32 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 145/RE)

Estruturas	Frequência	Contexto de ocorrência
Do meu tempo	01	(1). “[...] o namoro <i>do meu tempo</i> ... era muito diferente... <i>de hoje</i> ... porque <i>naquela época há: cinquenta e tanto anos atrás</i> ... a gente... quando via... uma moça e resolvia namorá-la... procurava priMEIro... a família da moça... conversar com o pai conversar com a mãe... dePOIS de conversar com o pai... para por meio deles chegar àquela pessoa <i>hoje não... hoje</i> as moças... trazem pra CASA... os namorados... ‘papai esse é meu namorado... mamãe esse é meu namorado’... eu NÃO SOU contrário a isso não... eu acho que está certo que a escolha é deles... então o jovem pode trazer sua namorada e apresentar ao pai... ‘papai está é a mo:ça/é minha namorada’... está certo... agora... DEVe haver... uma o-ri-en-ta-ÇÃO neste sentido é como eu disse dizia <i>ainda há pouco</i> ... no Brasil ainda não tá não está à altura... de entender certos problemas... SE... ((estalando os dedos)) <i>no meu tempo há cinqüen:ta e tanto anos</i> ... chegasse um rapaz... com uma moça... e dissesse ‘papai está é a minha namorada’... ele apanhava na frente dela... e... talvez isso não acontecesse porque o pai da moça não permitiria... que ela viesse... né? [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 209-223)
De hoje	01	
Naquela época	01	
Há cinquenta e tantos anos atrás	01	
Hoje	02	
Ainda há pouco	01	
No meu tempo	01	
Há cinquenta e tantos anos	01	

Essa característica de lembrar do passado não está ausente da linguagem de falantes de outras faixas etárias, pois todos têm um passado a que se referir, mas ganha uma projeção muito especial, na fala dos idosos que relata o passado e o projeta a todo o momento em seu presente, o que é uma grande marca da identidade social de terceira faixa etária.

Nesse fragmento, o informante da terceira faixa etária relata em seu discurso como era o namoro de seu tempo, a partir de laços temporais que se apresentam através de estrutura pontual, *Hoje*, e de estruturas fraseológicas, *Do meu tempo*, *De hoje*, *Naquela época*, *Há cinquenta e tantos anos atrás*, *Ainda há pouco*, *No meu tempo*, *Há cinquenta e tantos anos*. Tais recursos lingüísticos temporais situam o momento relatado na escala do tempo e podem

ser classificadas, quanto ao tipo de ancoragem, como temporais simples, por não necessitar fazer relações referenciais externas ao discurso para situá-lo no tempo.

A rememoração do passado faz parte da própria organização dos idosos e é feita por meio de vários tipos de informação, inclusive o de lembrar do passado para valorizar o presente, como demonstra o exemplo expresso no quadro 33:

Quadro 33 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 112/RJ)

Estruturas	Freqüência	Contexto de ocorrência
Naquele tempo	01	(1). “[...] <i>naquele tempo</i> ainda podia... não tinha TANTa facilidade porque... o desenvolvimento aqui não era esse... que <i>hoje</i> já tem... então éramos obrigados... a procurar o táxi nos pontos... que <i>hoje</i> se combate os pontos de táxi não é? mas <i>naquela época</i> ... os táxis estavam todos em pontos... então tínhamos que TRAtar o táxi pra ele vir até nossa casa pra: naquela hora... dispormos de condução... porque senão se ficássemos esperando que passasse táxi na rua... não ia passar MESmo... porque não havia esse movimento que <i>hoje</i> existe [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 61-69)
Hoje	03	
Naquela época	01	

A indicação de que algumas mudanças sociais hoje são melhores é realizada a partir de uma lembrança do passado onde não existiam táxis movimentando-se pela rua, havia táxis somente nos pontos apropriados, como mostra o discurso do informante masculino da terceira faixa etária.

Para fazer tal denúncia, o informante utiliza o marcador temporal de estrutura pontual simples, *Hoje*, e marcadores de estruturas fraseológicas, *Naquele tempo* e *Naquela época*, que situam o evento relatado na escala do tempo com ancoragem simples que remete ao tempo passado dentro do discurso.

O ato de relembrar o passado para valorizar o presente também é visualizado no quadro 34:

Quadro 34 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 250/SP)

Estruturas	Freqüência	Contexto de ocorrência
Hoje	02	(1). “porque o banco vive muito em função dos dePÓSitos bancários... e como a gente não pode ficar como a velha figura do mineiro... os meus amigos mineiros que me desculpem... a ausência... guardar dinheiro embaixo do colchão... ou dentro do do do pano do colchão então tem que guardar em algum lugar guarda no banco... ora... <i>hoje</i> todo mundo sabe que os bancos não
Há alguns anos atrás	01	

		pagam mais juros... por depósitos... <i>há alguns anos atrás</i> pagavam <i>hoje</i> ... não pagam mais... a lei permite isso... então... é a coisa mais simples do mundo... não é preciso... pra guardar dinheiro no banco não precisa apresentação... pra pedir emprestado ao banco precisa avalista... quem pede emprestado precisa de um... que assine também a promissória nas costas... avalizando... quer dizer responsabilizando-se também pelo pagamento [...]”. (DID – 250/SP/70 – linhas 393-408)
--	--	--

No discurso desse informante da terceira faixa etária, o fato de os bancos não pagarem mais juros por depósito é um fato positivo que se reconhece existir no presente, mas que no passado não existia. Nesse sentido, no discurso existe o momento de reflexividade da vida contemporânea, sobre os modos atuais de experienciar a vida social ou as novas identidades sociais que se apresentam. Algumas possibilitadas pelas mudanças sócio-político-culturais como já foi apontado nesse exemplo e outras pela tecnologia.

Encontram-se, nesse discurso, o marcador temporal de estrutura simples, *Hoje*, e o de estrutura fraseológica, *Há alguns anos atrás*, responsáveis por situar o evento na escala do tempo com ancoragem temporal simples, pois não apresenta referência extra-discursiva.

Essa comparação passado X presente com a valorização do último também constata-se no inquérito DID – 242/SP/70.

Quadro 35 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 242/SP)

Estruturas	Frequência	Contexto de ocorrência
Antigamente	01	(1). “[...] não... isso nós estamos vendo igrejas completamente diferentes né? e:: também eu acho que estão caindo num exagero... porque... <i>antigamente</i> as igrejas eram... ahn... mui::to cheias de imagens... um um ambiente que também... não era... ahn... tão acolhedor... então começaram a evoluir [...] <i>hoje</i> eu até me aborreço quando eu vou visitar de ver TTodo mundo fazendo da igreja um museu... então desapareceu a religiosidade... todo mundo fica ‘olhe mais que coisa’ analisando... as peças... analisando então não é mais um ambiente religioso não é? é um ambiente artístico”. (DID – 242/SP/70 – linhas 641-656)
Hoje	01	

A concepção de que antigamente as igrejas eram cheias de imagens, diferentemente das de hoje, é revelada pela informante. Nesse sentido, a informante encontra-se analisando um fato social a partir da prática discursiva, ou seja, como expõe Benveniste (1989, p. 222), quando se

envolvem na construção do significado, as pessoas estão agindo no mundo por meio do discurso em relação aos seus interlocutores e, assim, se constroem e constroem os outros.

Conseqüentemente, o discurso pode tanto representar a vida social como também realizar atos sociais. O que não quer dizer, por outro lado, que a vida social deva ser reduzida ao discurso, afinal há outros aspectos da vida social que têm papel importante na sua constituição: o corpo, a instituição etc.

A informante da terceira faixa etária utiliza dois marcadores temporais de estrutura pontual para marcar a oposição passado x presente, são eles: *Antigamente* e *Hoje*, estruturas que situam o momento na escala temporal e indicam uma ancoragem temporal simples pelo fato de não fazer referência a alguma situação fora do contexto discursivo apresentado.

Dessa forma, observa-se que na memória do idoso fica o que para ele significa, afinal o importante é o ato de refazer, lembrando o que foi feito e selecionando o que ainda tem sentido em sua vida atual. Não é o passado, objetivamente reconstruído, que o idoso exprime, mas o que ainda está carregado de sentido no presente, seja até para fazer crítica, conforme demonstra o exemplo do quadro 36.

Quadro 36 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 317/RJ)

Estruturas	Frequência	Contexto de ocorrência
Antes de sete anos	01	(1). “[...] olha... eu me lembro quando eu era... <i>antes de sete anos</i> ... eu morava lá em Icaraí e tinha uma vizinha de () uma viúva com vários filhos... eu chegava em casa... eu sempre fui muito assanhada... muito sapeca... mamãe... eu quero uma botinha marrom... com... com cano de camurça... mamãe dizia assim... quem é que tem? () é a I. ou é a C. essas... minha filha... são filhas de viúva rica... você é filha de viúva pobre... se você se comportar bem... vamos ver... isso criou complexo em mim [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 309-317)

A crítica se faz presente a partir do momento em que a informante deixa claro que ficou complexada a partir do que a mãe falava para ela no período da infância e isso se mostra de maneira forte pelo fato da informante ainda lembrar do episódio relatado em seus pormenores, mesmo já estando na terceira faixa etária.

Através da utilização do marcador temporal de estrutura fraseológica *Antes de sete anos*, a informante inicia a sua narrativa, expondo o evento narrado na escala do tempo, por meio desse marcador temporal referencial, cuja referência é a infância do informante para relatar seu discurso.

O passado do informante também se encontra no exemplo a seguir, funcionando como pano de fundo para a revelação de como a mudança na sociedade se processou.

Quadro 37 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 094/SSA)

Estruturas	Frequência	Contexto de ocorrência
Hoje No meu tempo de menino	02 01	(1). “[...] o Beco de Maria Paz... por exemplo... o beco era o tipo de rua que <i>hoje</i> está realmente desaparecendo e que se caracterizava principalmente pela estreiteza... né... então... alguns becos... <i>hoje</i> já há alguns... mas <i>no meu tempo de menino</i> vi muitos... é verdade que aí na parte... na antiga... da cidade antiga... propriamente dita... ainda se encontra muito isso... essas ruas típicas... ou os becos... ou aquelas travessas ou também chamadas transversais... né?”. (DID – 094/SSA/70 – linhas 169-177)

Através do seu discurso, esse informante da terceira faixa etária expõe que os becos de antigamente eram muitos, e atualmente estão desaparecendo. É interessante notar que nesse discurso está presente a idéia de que a sociedade sofre constantes e rápidas mudanças.

Nesse trecho, encontram-se a estrutura pontual *Hoje* e a estrutura fraseológica *No meu tempo de menino*, encarregado de enquadrar o evento na escala do tempo. Em relação à estrutura pontual *Hoje*, pode-se dizer que ela possui um tipo de ancoragem temporal simples, já a estrutura *No meu tempo de menino* caracteriza-se como um tipo de ancoragem temporal referencial em que a relação que se faz é com a infância do informante.

Conforme explicita Preti (1991, p. 53), a constante referência ao passado constitui uma forma de encaminhar a análise do presente, que só adquire significado a partir dos modelos a que é submetido. Essa análise do presente pode ser visualizada no exemplo do quadro 38.

Quadro 38 – Apresentação dos marcadores temporais (DID – 159/SSA)

Estruturas	Frequência	Contexto de ocorrência
Quando eu era bem menina	01	(1). “Eu ainda me lembro... <i>quando eu era bem menina</i> e que nós precisávamos de um médico e ele aparecia em minha casa... assim... era casaca que usavam <i>naquele tempo</i> ... imagine... em plena rua... em pleno dia (rindo)... e nós achávamos aquilo tão natural... nem... <i>hoje</i> ... é... quando eu penso... assim... é que acho aquilo (inint) esquisita... né?”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 07-13)
Naquele tempo	01	
Hoje	01	

Koch (2005, p. 14) comenta que a linguagem é uma forma de ação sobre o mundo dotada de intencionalidade, veiculadora de ideologia, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade. No caso do fragmento em análise, o argumento exposto pela informante acerca da maneira de se vestir é evidenciado a partir da rememoração da maneira esquisita dos médicos se vestirem antigamente, comparando-a com o modo de vestir-se no momento do discurso.

Para isso, utiliza os marcadores temporais de estrutura fraseológica *Quando eu era bem menina* e *Naquele tempo* em comparação com o de estrutura pontual *Hoje*. Essas estruturas referem-se ao momento ou período situado na escala do tempo, sendo que *Hoje* apresenta uma ancoragem temporal simples no discurso e *Quando eu era bem menina* e *Naquele tempo* expressam uma ancoragem temporal referencial relacionada à infância da informante.

Parece uma tendência natural dos informantes pertencentes à terceira faixa etária, por ocasião de seu envelhecimento, agarrar-se a valores do passado para marcar sua oposição a um tempo presente em que, por causa da idade, se sente progressivamente marginalizado. Nesse sentido, em muitas passagens de seu discurso, os idosos manifestam uma tendência psicológica defensiva, “protegendo” o passado, valorizando o “seu tempo” (o tempo de sua juventude), recorrendo constantemente a ele na comparação com o presente, como pode ser notado no exemplo do quadro 39.

Quadro 39 – Apresentação dos marcadores temporais (D2 – 283/POA)

Estruturas	Frequência	Contexto de ocorrência
Agora	01	(1). “ <i>Inf. 1- é... inclusive agora... que eu (es)tou fazendo</i>
No meu tempo	01	<i>pedagogia... eu voltei assim (ininteligel) mais velha... em trabalhos de grupo... eu assumo mais como mãe das meninas do que... ah... apesar da da diferença não tão grande de tempo que</i>
Quando eu comecei a dar aula na universidade	01	<i>nos separa... há uma diferença e as... e as meninas que trabalham comigo... eu vejo assim... são bem mais desligadas... bem menos envolvidas... envolvidas do que eu era <i>no meu tempo</i></i>
Esse ano	01	<i>Inf. 2- não é o probl() não é o problema de... de diferença de idade... porque eu acho que <i>quando eu comecei a da(r) aula na universidade</i> eu tinha aluno mais velho do que eu... eu acho que até até <i>esse ano</i> eu tive alunos mais velhos do que eu... entende? eu acho que o pessoal é que a gente já vive de uma maneira diferente... então... a gente encara com mais seriedade o problema... entende? pra nós estudar não é... não é (es)ta(r) indo a reuniõezinhas... não... eu acho que isso já nem existe mais”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 77-84)</i>

Esses depoimentos apontam para o entendimento de que a vida mudou e mudou muito. No primeiro caso, a informante da terceira faixa etária deixa claro que em seu tempo de estudo, antigamente, as estudantes eram mais ligadas, mais envolvidas em relação aos tempos de hoje. Tal saudosismo também está presente no segundo caso em que a informante da primeira faixa etária comenta sobre a maior seriedade com que os estudos eram encarados antigamente.

Nos trechos em análise, encontram-se a estrutura pontual *agora* e as estruturas fraseológicas *No meu tempo*, *quando eu comecei a da(r) aula na universidade* e *esse ano* encarregadas de enquadrar o evento na escala do tempo. Em relação à estrutura pontual *agora*, pode-se dizer que ela possui um tipo de ancoragem temporal simples, já as estruturas *No meu tempo*, *quando eu comecei a da(r) aula na universidade* e *esse ano* caracterizam-se como um tipo de ancoragem temporal referencial em que a relação que se faz é com uma fase anterior da vida do informante, com o início da vida profissional na universidade e com o ano em vigência, respectivamente.

Essa oposição passado X presente também ganha espaço no discurso transcrito a seguir.

Quadro 40 – Apresentação dos marcadores temporais (D2 – 151/RE)

Estruturas	Frequência	Contexto de ocorrência
Atualmente	01	(1). “ <i>Inf. 1</i> – [...] <i>atualmente</i> a: empresa de: a empresa:: correio e telégrafo brasileiro passou por uma:... modificação tremenda... por exemplo a gente já pode saber que às duas horas da tarde o carteiro bate lá em casa e quando bate palma já sabe que é o carteiro... eles são pontualíssimos... os selos que às vezes vinham faltando nas cartas... <i>agora</i> ... estão vindo... direitinho nas cartas que de vez em quando vinham abertas já não vêm mais... éh:... funcionam mais limpos o pessoal que vem entregar as cartas eles têm um farda e:... pelo menos tão primando pela limpeza porque/ e parecem saudáveis também porque <i>antigamente</i> pareciam esqueléticos pessoas até tuberculosas... eles... devem tá recebendo melhor porque... tão mais fortes então tão comendo melhor e:... tem um grau de humanidade bem maior que os anteriores... <i>antigamente</i> ... se lembravam somente de dar um bom dia ou um boa tarde ou bater palma com mais força pra chamar a gente <i>quando era perto do Natal ou ou do São João</i> pra cobrar o milho ou pra cobrar o: o: presente do natal ou ainda pra pedir o jejum na Páscoa... <i>hoje</i> não <i>hoje</i> eles riem cumprimentam entregam carta quando a gente não tá insistem entregam no vizinho... quer dizer o atendimento tá MUITO melhor muito melhor e bem mais fácil eu já tenho tido oportunidade de mandar remédios pra Alemanha... remédios pra França... de receber encomendas [...]”.
Agora	01	
Antigamente	02	
Quando era perto do Natal ou do São João	01	
Hoje	02	

Esse exemplo de experiência vivida serve de mote para o informante masculino da primeira faixa etária da cidade de Recife estabelecer uma relação passado X presente. Dessa vez, essa oposição encaminha para o fato de que no momento o atendimento dos correios está melhor e os carteiros também apresentam uma aparência melhor.

Na elaboração do seu discurso, o informante utiliza os marcadores temporais de estrutura pontual *atualmente*, *antigamente* e *hoje*, além desses marcadores, também utiliza o marcador temporal de estrutura fraseológica *quando era perto do Natal ou ou do São João*. Essas estruturas referem-se ao momento ou período situado na escala do tempo, sendo que *atualmente*, *antigamente* e *hoje* apresentam uma ancoragem temporal simples no discurso e *quando era perto do Natal ou ou do São João* expressa uma ancoragem temporal referencial relacionada à proximidade das festas.

Um outro exemplo de rememoração do passado com informantes pertencentes à primeira faixa etária está presente a seguir através do seguinte relato da informante feminina da primeira faixa etária, como pode ser notado no quadro 41.

Quadro 41 – Apresentação dos marcadores temporais (D2 – 147/RJ)

Estruturas	Freqüência	Contexto de ocorrência
Quando eu era pequena	01	(1). “ <i>Inf. 1-</i> [um balangadã... eu era uma árvore de natal <i>quando eu era pequena...</i> sabe que minha vó me chamava de cigana né?
Naquela época	01	<i>Inf. 2-</i> [Porque você usava muito...
Desde aquela época	01	<i>Inf. 1-</i> porque eu tinha os badulaques minha filha... eu ia pras reuniões da minhas tí/... das minhas tias em São Paulo... pegava jóias pulseiras e () colar... quer dizer... eu tinha um prazer... o prazer não era estético <i>naquela época...</i> era um prazer incrível... eh:... era um prazer quase erótico... se eu posso dizer assim... me olhar no espelho e me ver toda cheia de badulaques... sabe... <i>desde aquela época</i> que () confusão psicológica”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 483-495)

No exemplo exposto, visualiza-se na fala da informante a noção de memória, no sentido de evocar o passado. Assim a idéia de memória, no sentido de permitir a volta à vida passada para depois criar a possibilidade de contá-la, está presente no discurso dessa informante através do relato de suas experiências na infância.

Nesse fragmento de discursos, podem ser visualizados os marcadores temporais de estrutura fraseológica *quando eu era pequena*, *naquela época* e *desde aquela época* que se enquadram como temporais referenciais porque denotam relações referenciais no discurso para situá-lo no tempo, no caso, a referência à infância da informante.

Outro exemplo relacionado à memória é possível visualizar-se no quadro a seguir.

Quadro 42 – Apresentação dos marcadores temporais (D2 – 095/SSA)

Estruturas	Freqüência	Contexto de ocorrência
Naquele tempo	01	(1). “ <i>Inf. 1-</i> [...] se conta uma piada do meu bisavô Devoto... que ele ia saltando do navio... né? <i>naquele tempo...</i> era... chegavam não o... os italianos e os franceses e alemães... imigrantes... acho

		que ele era... uma dessas levas... ele saltou em Salvador... aí o.. o mendigo virou-se pra ele e disse: ‘Devoto em esmolinha’ ele disse: ‘poxa... até aqui eu já sou famoso (risos) e o meu outro avô veio fugido de casa... da Itália... da Itália... porque ele foi escolhido pra ser padre’’. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 850-855)
--	--	---

Ao evocar as suas lembranças, esse informante da primeira faixa etária conta a história de seus familiares. No seu discurso, expressa-se o caminho que as lembranças percorreram, inclusive até com um tom humorístico para ilustrar a relação estreita que se dá entre memória e o presente. É evidente que a memória é algo vivo e como tal não se encontra armazenada nela uma série de lembranças precisas e completas dos eventos presenciados e vivenciados. É claro também que ela é seletiva e, por outro lado, na recuperação da história vivida, a história presente servirá de parâmetro.

O marcador temporal de estrutura fraseológica *naquele tempo* apresenta uma ancoragem temporal referencial relacionada à época da chegada dos imigrantes no Brasil. A partir da leitura do discurso dos informantes, visualiza-se que o depoimento evocado por um indivíduo só ganha significado na medida em que este indivíduo é membro participante de um grupo, pois a lembrança implica a vivência comum de um conjunto de indivíduos de um acontecimento real e, portanto, depende do quadro de referência no qual se desenvolvem atualmente, tanto o indivíduo, quanto o grupo que dão significado ao acontecimento.

Assim, a lembrança pessoal situa-se num conjunto de outras lembranças. O presente, a rede sincrônica da existência social proporciona a emergência da lembrança que se traduz em uma linguagem. Tal aspecto evidencia-se no exemplo a seguir.

Quadro 43 – Apresentação dos marcadores temporais (D2 – 343/SP)

Estruturas	Frequência	Contexto de ocorrência
Antigamente	01	(1). “ <i>Inf. 2-</i> [...] a histia/ a histeria está praticamente desaparecendo?... sabe <i>antigamente</i> era:: você pega... <i>há trinta anos atrás</i> ... Europa você encontrava os casos de histeria aqueles de histeria de conversão né? que o cara... tem um aTA::que ali na sua frente... isso não acontece mais... sabe... eu não sei te explicar como é que se deu a mudança... mas... caso assim é muito difícil você encontrar... <i>atualmente</i> encontra no sul da Espanha... que tem aquela... tradição pesadíssima você encontra muito mais o quê? esquizo... e depressão... que no fundo estão muito ligado né?
Há trinta anos atrás	01	
Atualmente	01	
Hoje	01	

		<p>depressão com esquizofrenia... talvez porque as pessoas fossem mais próximas... e era</p> <p><i>Inf. 1-</i> talvez por mudança de ambiente</p> <p><i>Inf. 2-</i> mais fácil mostrar:... sabe não podia mostrar:... oralmente:... a coisa o que estava sentindo mostrava através do corpo... e o <i>hoje</i> o isolamento é tal que a pessoa... sabe esquiza... é é é mais sério você esquizar do que você</p> <p><i>Inf. 1-</i> mas isto está ligado diretamente ao relacionamento”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1345-1364)</p>
--	--	---

Ao evocar fatos passados, a informante da primeira faixa etária relaciona a histeria no passado com o que ocorre na época atual, relacionando o fato com a Europa, especificamente no sul da Espanha. Na fala da informante, os fatos do passado expressam bem as lembranças que denotam uma relação estreita entre memória e presente. Dessa forma, a lembrança situa-se num conjunto de outras lembranças, pois o presente, a rede sincrônica da existência social, proporciona a emergência da lembrança que se traduz em uma linguagem.

O marcador temporal de estrutura fraseológica “há trinta anos atrás” contém uma ancoragem temporal referencial relacionada à época dos casos de histeria na Europa e os marcadores temporais de estrutura pontual “antigamente”, “atualmente” e “hoje” que denunciam uma ancoragem temporal simples no discurso.

A partir das análises desses discursos, percebe-se que a memória individual existe, mas ela está enraizada nos quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência reaproximam momentaneamente.

Quadro 44 – Apresentação dos marcadores temporais (D2 – 365/POA)

Estruturas	Frequência	Contexto de ocorrência
Na época da guerra	01	(1). <i>“Inf. 1- [...] na época da guerra... eu fui atende(r) um serviço em Rio Grande e naquele tempo estava em blacaute (black-out) como se chamava</i>
Naquele tempo	01	<i>Inf. 2-</i> sei...
Depois de uma semana de peripécia	01	<i>Inf. 1-</i> porque justamente nas costas do Rio Grande tinha sido bombardeado um navio mercante inglês cujos naufragos foram recolhidos a Rio Grande... <i>depois de uma semana de peripécia... e estavam hospedados no velho hotel de Rio Grande que eu não me lembro o nome... era um hotel daqueles comentários... eu...</i>
Nessa		

ocasião		
Naquele tempo	01	justamente... tive... <i>nessa ocasião</i> ... lá tratando de um caso muito grande... de muita repercussão pois <i>naquele tempo</i> eu era advogado-chefe do Banco do Estado do Rio Grande do Sul e... e lá... naquelas noites enormes... que eram noites de black-out... a gente conversava muito e entre... entre as pessoas que estavam no hotel... eu conheci um americano que havia sido chamado por uma daquelas grandes indústrias de peixe... todas elas <i>naquela ocasião</i> trabalhando a todo vapor para os aliados... porque os aliados haviam imposto ao Brasil uma obrigação de... de fornecer alimentos... dentro do... dos tratados que havia [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 128-147)
Naquela ocasião	01	
	01	

Nesse caso, o informante masculino da terceira faixa etária evoca lembranças passadas, como indica o marcador temporal de estrutura fraseológica “na época da guerra”, para chamar a atenção para um mundo em crise.

Ao fazer essa referência ao passado, o informante utiliza marcadores temporais de estrutura fraseológica como “na época da guerra”, “naquele tempo”, “depois de uma semana de peripécia”, “nessa ocasião” e “naquele tempo”. Tais estruturas configuram-se como temporais referenciais porque denotam relações referenciais no discurso para situá-lo no tempo, no caso, a referência à época da guerra e ao blacoute (**black-out**).

Quadro 45 – Apresentação dos marcadores temporais (D2 – 266/RE)

Estruturas	Frequência	Contexto de ocorrência
Hoje em dia	01	(1). “ <i>Inf. 1- hoje em dia</i> olha... a minha filha... nós temos uma clínica né?... não é com ele é com Rômulo com aquele Rômulo Alberto que eu queria trazer <i>hoje</i> eh Dias eticétera e ela tá no ramo de pediatria... pois chega um menino lá só você vendo a mãe não tem a menor: au-to-ri-da-de <i>Inf. 2 - autoridade zero</i> <i>Inf. 1- zero</i> ... chega o menino com a/ pé cheio de lama pra alcatifa e ele fica esfregando na alcatifa assim... a mãe é incapaz de dizer ‘meu filho não faça isso’ né?... e se a funcionária a secretária for dizer ‘meu filho não faça isso’ é uma cara desse tamanho.... o outro vem correndo... RAM:: na alcatifa com a lama com tudo... outro dia pegaram uns isqueiros um isqueiro meu lá no meu consultório... <i>Inf. 2- mas isso em função do século vinte</i> <i>Inf. 1- a mãe chega e diz ‘eu não tenho mais eu não tenho mais...’ chega a dizer... eu não tenho mais autoridade com esse menino...</i>
Hoje	01	
Do século vinte	02	

		eu deixo fazer porque eu não posso'... tem paciência menino <i>Inf. 2- mas isso é consequência do século vin:te [...]'</i> . (D2 – 266/RE/70 – linhas 309-328)
--	--	---

Nesse caso, os dois informantes masculinos da terceira faixa etária apresentam uma noção explícita de memória, no sentido de evocar o passado, permitir a volta à vida passada para deixar claro que antigamente as mães tinham mais autoridade com seus filhos do que na época atual.

Para expor esses valores, o informante da terceira faixa etária utiliza expressões temporais fraseológicas como “hoje em dia” que denota uma ancoragem temporal simples e “do século vinte” que possui uma ancoragem temporal referencial em relação ao século referido e a estrutura pontual “hoje” que apresenta uma ancoragem temporal simples no discurso.

A memória é um aspecto tão presente no discurso dos informantes selecionados que chegam até a acompanhar episódios emocionantes e saudosos da vida, como mostra o exemplo do quadro 46.

Quadro 46 – Apresentação dos marcadores temporais (D2 – 374/RJ)

Estruturas	Frequência	Contexto de ocorrência
Quando a irmãzinha faleceu	01	(1). “ <i>Inf. 2- a... Árvore do Tempo... da A. L. que ela justamente fala isso... né quando a irmãzinha faleceu... ela queria demais saber o que estava acontecendo com a irmãzinha lá no céu que ninguém contava a ela só disseram que a menina foi pro céu e ela não sabia o que era... então ela imaginou... ‘como eu posso ir lá pra ver o que tá acontecendo com a J.? ah: se eu pudesse ser um urubu...’ ... e viu os urubus passando... assim... e ela disse... ‘ah... eu gostaria tanto de ser um urubu porque eles voam tão alto... tão alto... que eles devem mergulhar um pouco no mistério do céu’... mas depois ela se lembrou... ‘ah... os urubus... são os encarregados da higiene da cidade... ah... não quero mais ser urubu não... prefiro não saber o mistério’... ((risos))’</i> . (D2 – 374/RJ/70 – linhas 212-224)

A informante da terceira faixa etária transforma a experiência em sabedoria, relatando as suas experiências com a leitura do passado, o que registrou em outros momentos da sua vida e, hoje, na sua atual condição de pessoa da terceira faixa etária, cabe a ela o papel de relatar episódios de sua vida passada bem como o de viver o presente e projetar para viver no futuro.

A utilização do marcador temporal de estrutura fraseológica *quando a irmãzinha faleceu* demonstra que possui uma ancoragem temporal referencial em relação ao falecimento da irmã, expondo uma visão infantil em relação à morte.

Assim, os depoimentos apontam para uma reflexão acerca do passado em paralelo com uma relação no que se refere ao presente, como mostra o quadro 47:

Quadro 47 – Apresentação dos marcadores temporais (D2 – 298/SSA)

Estruturas	Frequência	Contexto de ocorrência
Naquele tempo	02	(01). “ <i>Inf.</i> 2- os bondes de uma... e de vistoria estreita vinham para o Tororó e etc., os bondinhos que mal viravam e as pessoas saíam e colocavam de volta no trilho... e era uma coisa engraçada os bondinhos... mas eu estou aí... trabalhando no comércio... muito satisfeito <i>naquele tempo... naquele tempo</i> que não tinha certa condução e certas coisas de... de hábitos caseiros que <i>hoje</i> tem... mas trabalhei cinco anos no comércio muito satisfeito... muito satisfeito... minha mãe era uma coisa extraordinária aí eu não posso deixar de fazer elogio porque eu não sei aonde que vai parar porque se não fosse talvez minha mãe... eu não seria o que sou <i>hoje...</i> estou dizendo o que sinto”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 36-42)
Hoje	02	

A emoção presente neste depoimento se funda na reflexão que o informante transmite ao perceber-se como sujeito que se insere socialmente na cidade. Há uma apreensão e conhecimento da cidade – cidade de Salvador – há certamente um novo olhar sobre a cidade e uma forma de se perceber como sujeito na mesma, inclusive fazendo alusão ao agradecimento eterno que o informante deve a própria mãe, responsável por fazê-lo ser quem ele é hoje.

Para estruturar temporalmente seu discurso, o informante utiliza a expressão temporal fraseológica *naquele tempo*, com ancoragem temporal referencial em relação ao tempo dos

bondes, e a estrutura temporal pontual *hoje* que apresenta uma ancoragem temporal simples no discurso.

Aspectos relacionados à sociedade também são evidenciados no discurso da informante da terceira faixa etária.

Quadro 48 – Apresentação dos marcadores temporais (D2 – 333/SP)

Estruturas	Frequência	Contexto de ocorrência
<p>Quando o chanceler Gibson Barbosa era nosso Ministro das Relações Exteriores</p> <p>Na hora em que ia para o ar O Bem Amado</p> <p>Neste exato momento</p> <p>Naquela hora</p>	<p>01</p> <p>01</p> <p>01</p> <p>01</p>	<p>(1). “<i>Inf. 1-</i> mas você sabe que a eu me lembro <i>quando o:: o o chanceler Gibson Barbosa era nosso... Ministro das Relações Exteriores não é?... éh eu estive com ele em Brasília... ((tosse))</i> então se dizia lá que ele... ah:: <i>na na hora em que ia para o ar O Bem Amado...</i> ele se trancava no:: gabinete dele... e dizia que ele tinha despachos urgentes... e ficava lá trancado... então eu pensava – eu chegava aqui em casa a minha cozinheira não perdia O Bem Amado não é? - ... então eu dizia ‘mas é uma coisa estranha... neste Brasil inteiro neste país continente <i>neste exato momento... naquela hora</i> – parece que não sei se era oi/dez da noite – dez da noite... o:: as criaturas mais diversas as faixas sociais mais diversas... estão presas a esse... esse enredo essa história que se processa”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 447-461)</p>

As idéias presentes no discurso da informante demonstram o fato de uma novela conseguir prender a atenção das mais variadas pessoas, dos mais distintos níveis sociais. E ao fazer isso, ela relembra a novela **O Bem Amado** que serve como ponto relacionador entre as expressões temporais fraseológicas *quando o:: o o chanceler Gibson Barbosa era nosso... Ministro das Relações Exteriores, na hora em que ia para o ar O Bem Amado, neste exato momento e naquela hora*. Essas expressões apresentam uma ancoragem temporal referencial relacionada ao tempo em que era exibida a novela **O Bem Amado**.

Esse fator tempo também está explícito no discurso da informante da primeira faixa etária em relação a nomenclaturas.

Quadro 49 – Apresentação do léxico – ocorrências de *Vitrola* e *Eletrola*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Vitrola	02	(1). “[...] é totalmente diferente... hoje em dia você não pode nem dizer mais que seja uma <i>vitrola</i> ... uma <i>eletrola</i> ... é um aparelho de som... né? nós aqui nem falamos de <i>vitrola</i> ou <i>eletrola</i> ... dizemos os nossos aparelhos de som... que a falha disso aqui é que aqui não cabe... tem milhões de coisas... tem o gravador [...]”. (DID – 084/RJ/70 – linhas 711-716)
Eletrola	02	

A consciência de que há uma mudança no léxico (*vitrola*, *eletrola* → aparelho de som) de acordo com as mudanças no tempo é bem clara no discurso da informante da primeira faixa etária, pois demonstra o termo que já tem uma denotação depreciativa, por ser antigo, e, portanto é estigmatizado nos tempos atuais, como expõe a informante, apesar de ter um curto grau de recuo no tempo.

Assim com a apresentação desses itens lexicais, considerados como genéricos, denunciadores de um tempo, devido ao dato de ser por meio da linguagem que o ser humano interage em seu mundo social e cria e age nele, percebe-se um bom instrumento para compreender como se dão os processos de construção e reconstrução da vida social na qual se vive.

Quadro 50 – Apresentação do léxico – ocorrência de *Parada*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Parada	01	(1). “[...] tem um pouco aqui... um pouco ali... mas isso aí é... é uma parcela mínima do que nós temos... tem metade na casa da minha sogra... a parte de cima dos meus armários estão cheias... quer dizer que é muito complicado... disco e livro é uma <i>parada</i> ”. (DID – 084/RJ/70 – linhas 739-743)

Na fala da informante da primeira faixa etária da cidade do Rio de Janeiro, a denominação “parada” ocorre ao final de um percurso de busca lexical. Assim, a informante utiliza esse item lexical genérico denunciador de uma informante da primeira faixa etária que oscila entre a norma culta e a “norma jovem”, como aponta Rector (1994, p. 100) ao comentar sobre linguagem, gíria e juventude.

Segundo aborda a referida autora, a linguagem dos informantes da primeira faixa etária falada num centro urbano, como o Rio de Janeiro, pode ser vista como objeto de estudo sociolinguístico, pois, como observa Preti (1984, p. 3), o jovem das grandes cidades já passou, de fato, a ser classe social, muito mais que simples faixa etária da população. Tal item lexical, da maneira como se apresenta no contexto, já denota uma referência antiga na atualidade.

Quadro 51 – Apresentação do léxico – ocorrências de *Bonde(s) elétrico(s)*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Bonde(s) elétrico(s)	06	<p>(1). “[...] é dá pra lembrar alguma coisa... sim... só não dá pra lembrar o bonde de burro não... está ouvindo? ((risos)) porque o tempo já passou... mas eu não peguei o bonde de burro... quer dizer... não peguei não... pode ser que tenha pegado... mas não tenho lembrança nenhuma pode ser que... quando eu nasci... que existisse alguma coisa... ainda... bom... mas... já peguei o <i>bonde elétrico</i>... não é?”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 589-595)</p> <p>(2). “<i>Inf. 1</i>- eu acho que foi depois de dois... depois do governo de Seabra que apareceram os <i>bondes elétricos</i>... não é assim?”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 273-274)</p> <p>(3). “<i>Inf. 1</i>- acabaram os bondes de burro e começaram os <i>elétricos</i> <i>Inf. 2</i>- é começaram os bondes”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 271-282)</p> <p>(4). “<i>Inf. 2</i>- quando vim pra esta casa que moro... em 1901... era bonde de burro</p> <p style="text-align: center;"><i>Inf. 1</i>- aqui? <i>Inf. 2</i>- aqui</p> <p><i>Inf. 1</i>- mas lá embaixo era <i>elétrico</i> já <i>Inf. 2</i>- lá embaixo era <i>elétrico</i>... é... lá embaixo mas no tempo em que eu era empregado do Comércio... ficava às vezes na janela pra ver os <i>bondes elétricos</i>... tinham as compainhas muito grandes... os assentos muito largos de madeira</p>

		confortabilíssimos... não há dúvida sempre viajava tranqüilo pro Senhor do Bonfim todo satisfeito... depois é que foi saindo aqueles bondes... veio a Light também”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 287-294)
--	--	--

Nos exemplos expostos no Quadro 51, encontram-se informantes da terceira faixa etária relembrando uma época passada, a época dos bondes. Os depoimentos apontam para o entendimento, por parte dos idosos, de que a vida mudou e mudou muito.

Na fala dos idosos, as lembranças do passado revelavam o passado de todos, revelavam o passado do grupo das pessoas da terceira faixa etária. Na fala, se expressava, também, o caminho que as lembranças percorriam. A memória não ficava estacionada no tempo anterior do passado, exclusivamente na época do item lexical genérico “bonde”, mas avaliavam-se outros tempos como “quando eu nasci”, “depois do governo de Seabra”, “no tempo em que eu era empregado do Comércio”.

Quadro 52 – Apresentação do léxico – ocorrência de *Crayon*, *Ruge* e *Na crista da onda*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
<i>Crayon</i>	01	(1). “[...] outro dia eu fui aí... a se/mulher de Sears queria me empurrar um creme... eu digo... minha filha... eu nunca usei nada... quando eu era moça... agora é que eu não vou usar... eu gosto é de apanhar sol... me queimar... me descascar... não me descasco não... que eu agora já estou curtida... gosto é disso... minha filha... não... não quero nada de creme... não... mas então eu acredito que essas senhoras de sociedade... que devem freqüentar Renault e outros por aí... devem ter lá o... a sua... como se diz? ritual de massagens... de maquiagem... de creme... de sombras... de <i>crayon</i> ... de <i>ruge</i> ... batom... pode ser isso... e depois vem a parte do cabelo... não é? deve ser massageado com isso... massageado com aquilo... de... deve de tomar muito tempo... mas eu... eh... é válido porque são mulheres que estão sempre na... <i>na crista da onda</i> ... estão sempre citadas... já criaram uma fama... um... elas são quase mitos... tem umas mulheres aí que são mitos... mulheres não saem da... não deixam de sair na coluna”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 573-590)
<i>Ruge</i>	01	
Na crista da onda	01	

Em seu discurso, a informante da terceira faixa etária deixa o estigma aparecer, se tem claramente a idéia de que o velho é assim denominado, é assim visto pelo outro. O outro é o não-velho, é jovem, é o adulto. Assim, relacionada e a partir da colocação anterior, se tem a concepção de que a identidade de terceira faixa etária, com todos os seus significados, muitas vezes, depreciativos, é produzida e reproduzida, principalmente, na relação com outro e pelo outro. Em outros termos, a identidade é reproduzida na relação de alteridade que é fundamento mesmo da construção da concepção de identidade individual e também social.

A identidade social de terceira faixa etária – identidade estigmatizada – é, também, entendida como uma categoria explicativa e válida para categorizar, classificar os idosos em geral. Assim, há uma visão geral, sobre ser velho e velhice, que os próprios idosos possuem como fica claro na passagem “mulher de *Sears* queria me empurrar um creme... eu digo... minha filha... eu nunca usei nada... quando eu era moça... agora é que eu não vou usar”. Ou seja, se ela não utilizava *crayon* e *ruge* (expressões genéricas não utilizadas por informantes da primeira faixa etária) quando era jovem, agora, que se encontra na terceira faixa etária é que não os utilizará mesmo.

A informante ainda justifica que outras pessoas da sua faixa etária podem até utilizar esses recursos de beleza, mas o fazem porque estão *na crista da onda*, expressão genérica muito utilizada por idosos e que quer dizer no auge da sociedade. Essa expressão remonta a idéias de que as referidas mulheres são mitos e vivem nas colunas sociais. Nesse sentido, os itens lexicais evidenciados no discurso da informante demonstram referências antigas para atualidade.

Quadro 53 – Apresentação do léxico – ocorrência de *Na onda*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Na onda	01	(1). “[...] não... larga... gravatinha comum... não é como essas borboletonas agora... essas borboletaças que usam... que eu acho bonito... ah... eu estou dizendo a você que eu estou <i>na onda</i> ... M.H eu adoro tudo que é moderno... tenho uma inveja de não ter vinte anos... que eu ia sair com uma... com um sapato verde... outro vermelho e eu ia lançar moda [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 757-762)

Esse exemplo ilustra bem o que Preti (1991, p. 44), explicita em relação à concepção da velhice do ponto de vista psicológico individual em que se percebe que uma pessoa é tão velha quanto imagina ser. Tal aspecto fica claro quando a informante utiliza o item lexical genérico “na onda” que é um item lexical típico de informantes da primeira faixa etária na década de 70.

Nesse sentido, há uma surpresa de se ver essa informante classificada como uma pessoa da terceira faixa etária, pois ela não vivencia interna e plenamente a velhice. Sempre se é velho a partir do olhar dos outros. Assim, a surpresa de muitas pessoas na sociedade, em se sentirem classificadas como idosos, ocorre pela defasagem, pela não concomitância entre corpo – aparência – e experiência interna vivida.

Nessa discrepância entre o interno e o externo, uma maior ênfase se dá ao externo e, este passa então a ordenar o interno. Velhice passa a ser assim uma categoria cronológica externa que classifica os indivíduos. Mede-se por um tempo externo (anos, meses, dias, horas) toda uma experiência vivida dos sujeitos. Não se concebe nem tampouco se compreende o tempo como sendo o sujeito humano. Exemplo semelhante é o que pode ser observado no quadro a seguir:

Quadro 54 – Apresentação do léxico – ocorrência de *Gagá*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Gagá	01	(1). “[...] você não sabe que tinha uma mulher aí na cidade que... que se pintava muito e a gente olhava pra ela e ela desatava em palavrão... e alguém gritava de longe... perua... pra quê? amanhã... se eu sair com um sapato vermelho e outro preto... vão pensar que eu estou <i>gagá</i> ... que eu estou com esclerose ((risos))... não posso... isso eu não posso [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 770-774)

O item lexical genérico “gagá” presente no discurso dessa informante da terceira faixa etária demonstra também que embora a informante até tenha um espírito de pessoa jovem (o psicológico individual se faz presente) ela reconhece que faz parte socialmente da terceira faixa etária. Assim, a percepção a partir, somente, de um tempo externo, e não de um tempo interno, para avaliar o sujeito, não apreende a idéia do ser em metamorfose, em

que as idéias de passado, presente e futuro unem-se. O não levar em conta a idéia de metamorfose do ser faz ver o velho só como tal, como uma categoria residual, e não ao mesmo tempo criança, adolescente, adulto e velho.

Com a concepção de metamorfose, têm-se a criança, o adolescente, o adulto e o velho sintetizando a idéia do sujeito, apreendendo-o como um ser temporal e não como um conjunto segmentado de eventos psíquicos, isto é, criança, adolescente, adulto e velho. Isso explica o fato de a informante ter vontade de lançar moda, mas de ao mesmo tempo não fazê-lo porque reconhece sua quantidade de anos vividos.

Quadro 55 – Apresentação do léxico – ocorrência de *Transa*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Transa	01	(1). “[...] minha família... <i>transa</i> com política... e... acontece muito isso e o pessoal fica... quase que: obcecado na época da política [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 414-416)

A partir desse exemplo, visualiza-se como a língua se estrutura e como é re/estruturada pelo jovem. Nesse caso, o informante recorre à polissemia do item lexical genérico “*transa*” para comunicar-se, utilizando a acepção de *transa* no sentido de envolver-se em algo, mas não no sentido sexual, como é mais comumente utilizada nos dias atuais.

Nesse sentido, como informa Rector (1994, p. 23), a forma como os jovens falam estabelece o seu lugar na sociedade. A sociedade cria normas de conduta, determina o que é próprio e impróprio. O jovem, muitas vezes, diante desse quadro social, utiliza a sua linguagem de maneira mais “livre”, ou seja, com outras opções significativas para itens lexicais específicos, como é o caso do exemplo em questão.

Quadro 56 – Apresentação do léxico – ocorrência de *Zoeira*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Zoeira	01	(1). “[...] EU pelo menos não poderia... fazer uma crônica ou escrever alguma reportagem dentro de uma zoadeira daquela... uma <i>zoeira</i> tremenda [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 414-416)

Nesse caso, percebe-se a presença do item lexical genérico “zoeira” que é uma particularidade original do discurso da informante da primeira faixa etária, que se reflete no processo de auto-afirmação do falante. Levando-se em conta que, nos dias que correm, os meios de comunicação de massa divulgam tudo, esquadrinham a vida dos grupos sociais, sendo, portanto, difícil manter qualquer código secreto, deve-se compreender o esforço dos grupos restritos em criar novos vocábulos gírios, inventar novos significados, para manter-se sempre falando de maneira diferente e original.

Daí a grande efemeridade da gíria. É um vocábulo em constante transformação e, nesse aspecto, ele se aproxima do espírito da sociedade contemporânea, em que os costumes evoluem com uma velocidade nunca antes imaginada. Tudo fica obsoleto, superado, fora de moda, em muito pouco tempo.

Assim, um jovem, por exemplo, acostumado à contestação, em função da própria idade, busca uma maneira própria de viver e de auto-realizar-se. Não pode deixar de ter direito à escolha de “sua” linguagem, de uma maneira pessoal de dizer o que quer, dentro de seu grupo, embora possa ser educada para ter consciência de que há vários níveis de linguagem, apropriados a cada um dos papéis sociais que representa diariamente na sociedade em que vive. Um outro exemplo com discurso de informante da primeira faixa etária é possível visualizar a seguir:

Quadro 57 – Apresentação do léxico – ocorrência de *Praça da alegria, Caça e Balança mas não cai*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Praça da alegria	01	(1). “[...] olha atualmente eu acho que estão abaixo da crítica os programas humorísticos antigamente eu assistia aquele <i>Praça da alegria</i> o Golias as:: hoje não tem programa bom... ahn:: tem um... por exemplo... o:: hoje tem s::... (como se como é)... tem o <i>Caça</i> não... eh... <i>Balança mas não cai</i> mas são... piadas tão bestas e... sei lá o o o nível acho que está tão baixo que não não dá mais pra assistir... antes a gente ficava... alegre se alegrava tu via o programa tu te distraia hoje... não sei não não... não vejo... mais por que assistir... esses programas [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 247-259)
Caça	01	
Balança mas não cai	01	

No quadro 57, também encontramos o jogo passado X presente, só que diferentemente da maioria dos casos, essa ocorrência se dá no discurso de uma informante da primeira faixa etária. Para fazer a oposição entre os programas humorísticos de antigamente e de hoje, a informante realiza uma seleção lexical na construção de seu texto que implica também focalizar a construção do sentido do discurso e no discurso. E a produção do sentido, para a qual a seleção lexical concorre, identifica-se com o próprio ato da enunciação.

Dessa forma, a informante faz escolhas lexicais genéricas para produzir os sentidos que viabilizem seus propósitos em relação ao interlocutor, na interação em desenvolvimento, ou seja, a seleção lexical envolve a abordagem de postulados que explicam a produção dos sentidos e a intercompreensão dos interlocutores no discurso.

Quadro 58 – Apresentação do léxico – ocorrências de *Radiola*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Radiola	03	<p>(1). “aparelhos elétricos: <i>radiola</i>... normalmente a gente encontra... e televisor... você encontra... se fosse na minha casa... por exemplo... você encontraria televisor... <i>radiola</i> [...]”. (DID – 173/SSA/70 – linhas 558-561)</p> <p>(2). “[...] eu tô esperando... possuí os bens primeiros e: sentar aqui um dia e imaginar se: eu morasse... e fosse utilizar... éh esse: essa <i>radiola</i> tudo isso como é que eu gostaria que ela ficasse... onde é que eu utilizaria tal ou qual objeto [...]”. (DID – 004/RE/70 – linhas 503-506)</p>

É interessante observar no exemplo exposto que o item lexical genérico “radiola” caracteriza-se como denunciador da primeira faixa etária visto que se constatou por meio de entrevistas que os idosos da década de 70, referiam-se ao som, como é utilizado hoje, como vitrola.

Nesses casos, pode-se visualizar a língua sendo usada na sua mais completa naturalidade, explorando todos os recursos que se têm à disposição, sejam eles da linguagem culta ou coloquial, sempre se tendo em mente que são as necessidades interacionais que irão decidir quais são as melhores estruturas ou os vocábulos mais expressivos para o ato conversacional, conforme também se observa a seguir:

Quadro 59 – Apresentação do léxico – ocorrências de *O inspetor e avacalhar*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
O inspetor avacalhou avacalharam	01 02	(1). “[...] a terceira peça... foi a que eu mais gostei na qual... eu::... sei lá me entrosei realMENTe entende? me senti bem no:: no papel que me foi conferido e tudo... fo::i <i>O () inspetor</i> de J.B. () que inclusive foi apresentado... há pouco tempo atrás ((riu)) pela Rede Globo... que <i>avacalhou</i> por sinal com a peça... modernizaram dema::is colocaram coisas que estavam fo::rãs... mas completamente fora da da do TEMA... mudaram o enredo do:: do escritor... quer dizer <i>avacalharam... avacalharam</i> completamente a peça [...]”. (DID – 161/SP/70 – linhas 40-45)

Nesse exemplo, o informante da primeira faixa etária estava ilustrando com sua história uma idéia que vinha desenvolvendo: as peças teatrais nas quais atuou. É perceptível o mecanismo de preservação da face do narrador, se for observado que a fala reproduzida revela sentimento de crítica em relação à atuação e produção artística. Por isso, a entonação reproduzida reforça o seu caráter marcado e ressalva o senso crítico do narrador em relação à exibição de programação na televisão, através dos itens lexicais genéricos “avacalhou” e “avacalharam” que são utilizados para narrar fatos anteriores ao momento do discurso. Essa crítica também persiste no andamento do discurso do informante como pode ser visto a seguir:

Quadro 60 – Apresentação do léxico – ocorrência de *Bela da Tarde*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Bela da Tarde	01	(1). “[...] no caso daquele filme que passou:: passou a <i>Bela da Tarde</i> ... eh:: na época de apresentação do filme... você chegava pra uma pessoa você falava ‘você entende::? você assistiu o filme e gostou?’ ‘ah gostei poxa quem é que não gostou do filme? nossa pelo amor de Deus é claro que gostei todo mundo gosta [...]”. (DID – 161/SP/70 – linhas 281-286)

A expressão genérica “Bela da Tarde” denota bem um filme que se destacou numa época da história bem memorada na fala desse informante da primeira faixa etária que se demonstra bem atualizado nas questões referentes à arte. Ao mencionar a expressão “Bela da Tarde”, o informante dá continuidade ao seu discurso por meio da narrativa tipo reprodução que se baseia em fatos mais próximos no tempo e funciona como um

continuum, como um fato em desenvolvimento, em que se traz a realidade recém-ocorrida para o presente. O narrador é também protagonista do fato e atua como um autêntico “ator” na representação verbal do evento.

Nesse sentido, o objetivo do informante ao utilizar-se na narrativa do tipo reprodução é reproduzir as mesmas estruturas lingüísticas, as mesmas palavras ditas ou ouvidas de outra pessoa, na ocasião, as mesmas entonações empregadas, as variações, enfim pretende-se dar um caráter real e convincente ao diálogo reproduzido.

Quadro 61 – Apresentação do léxico – ocorrências de *Cruzeiro(s)*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Cruzeiro(s)	03	(1). “[...] o camarada... para ir no teatro ele vai gastar... põe aí uns vinte <i>cruzeiros</i> dez vinte <i>cruzeiro</i> de táxi pra ir ou de condução que seja... que reduza esse preço... uns sessenta <i>cruzeiros</i> pro ingresso de teatro... pra assistir um espetáculo... e às vezes não é TÃO bom [...]”. (DID – 161/SP/70 – linhas 670-675)
	03	(2). “[...] se você for cuidadosa... você controla... porque você tem você assentou que você tem cinco mil <i>cruzeiros</i> no banco... e no cheque número tal você tirou mil... então no canhotinho do cheque você faz a subtração... cinco menos um quatro... então na data daquele cheque o seu saldo passou a ser quatro mil... inversamente se você depois dessa retirada ou desse pagamento de mil <i>cruzeiros</i> ... depositou dois mil... – vamos figurar sempre a hipótese de que a gente deposita mais do que tira né? ((risos)) – então... então se nesse meio tempo você depositou dois mil... nesse momento você passa a ter o disponível... como eles dizem em linguagem bancária... o disponível de seis mil <i>cruzeiros</i> ... e assim você vai controlando [...]”. (DID – 250/SP/70 – linhas 670-675)
	06	(3). “[...] se uma criança... tem por mensalidade quinhentos <i>cruzeiros</i> ... que nem to:dos os divorciados... podem pagar... por cada filho... e ELE se casa novamente e tem no/ novo filho... e se divorcia então esses quinhentos <i>cruzeiros</i> ... a que o menino faz jus... terão que ser divididos por dois... ficará com duzentos e cinqüenta <i>cruzeiros</i> ... tem outra família... então esses duzentos e cinqüenta <i>cruzeiros</i> o camarada vai ficar com CENto e vinte e cinco... ora... se quinhentos <i>cruzeiros</i> ... mal... CHEgam... para sustentar UMA só pessoa da família... o que se dirá... de cento e vinte e cinco <i>cruzeiros</i> ?... é tremendo esse problema [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 120-128)

	04	<p>(4). “<i>Inf. 2</i>- nosso dinheiro valorizado? eu acho o seguinte: o preço... o pré... o peso uruguaio está a três <i>cruzeiros</i>... tanto que desapareceu aquele interesse do turismo ao Uruguai com a finalidade de fazer compras... né? [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 731-735)</p> <p>(5). “<i>Inf. 2</i>- [...] sendo o Uruguai um país pequeno como é... vindo de uma série de dificuldades que me parece que ainda está atravessando... se ele consegue manter o seu... o seu peso três vezes superior ao <i>cruzeiro</i> a gente fica em dúvida... né... como é que eles conseguiram isso [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 737-741)</p> <p>(6). “<i>Inf. 2</i>- [...] eu tenho dúvida sobre essa valorização... a senhora perguntou sobre a valorização do <i>cruzeiro</i>... né?”</p> <p><i>Inf. 1</i>- eu não tenho uma informação segura... hoje houve um determinado momento em que nosso <i>cruzeiro</i>... pelo na América Latina tinha uma força tremenda... naquele negócio... vamos dize(r)\... áureo de sessenta e oito... sessenta e nove... setenta... para nós que disputávamos com o dólar [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 746-752)</p>
	02	<p>(7). “<i>Inf. 1</i>- tudo é de duzentos e tantos... trezentos <i>cruzeiros</i> por dia.</p> <p><i>Inf. 2</i>- é... isso... não... o Hotel... por exemplo... Ondina não é de trezentos <i>cruzeiros</i>... é cento e poucos”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 712-714)</p>
	01	<p>(8). “<i>Inf. 2</i>- quarenta <i>cruzeiros</i> realmente é um valor desprezível pra essa área [...]”.(D2 – 095/SSA/70 – linha 207)</p>

O item lexical “cruzeiro” classifica-se como um item lexical genérico próprio de uma época, de novembro de 1942 a março de 1986, e que voltou a circular em março de 1990, em substituição ao cruzado novo, época em que esta era a moeda vigente, sendo assim pode-se considerar esse item lexical como aquele denunciador de faixas etárias que vivenciaram uma época da história social, independentemente da faixa etária a qual pertençam visto que tal item lexical encontra-se no discurso de informantes da primeira e da terceira faixa etária. Outro caso com esse mesmo encaminhamento é o do quadro 62:

Quadro 62 – Apresentação do léxico – ocorrência de *Normalista*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Normalista	01	(1). “[...] professora primária (é) ela é Totalmente desvaloriZAda incu/inclusive o nível... o::... nível cultural dela é considerado baixo um nível cultural baixo uma pessoa que tem curso normal hoje SÓ... é considerada assim de nível o... BAIxo inclusive EU senti Isso... que eu sou <i>normalista</i> ... e por isso que EU... procurei fazer outros cursos entendeu? [...]”. (DID – 251/SP/70 – linhas 33-39)

Nesse exemplo, encontra-se o item lexical genérico “normalista” que era o termo utilizado na época para referir-se a estudantes que se dedicam ao curso de magistério para ser professora das séries iniciais. Através da introdução desse vocábulo, a informante denuncia em seus argumentos uma forte crítica social, buscando colocar em cena os graus de discriminação que certas profissões carregam dentro da sociedade.

Quadro 63 – Apresentação do léxico – ocorrência de *Carniceiro*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Carniceiro	01	(1). “ah se pode comprar e:: como no nosso tempo quando o padeiro trazia o pão em casa e o... verdureiro batia na porta... o <i>carniceiro</i> trazia carne escolhida... o armazém vinha perguntar de manhã quanto que precisa [...]”. (DID – 344/POA/70 – linhas 763-767)

Através da rememoração do passado, essa informante da terceira faixa etária utiliza o item lexical genérico “carniceiro”, no sentido de açougueiro, atualmente para revelar o estereótipo “os tempos antigos eram os melhores”. Isso acontece porque a velocidade das transformações da vida contemporânea acaba por contrastar de maneira nítida com o padrão de vida que o idoso vivia no passado. A rememoração do passado também está presente a seguir:

Quadro 64 – Apresentação do léxico – ocorrência de *Baile de gala e casaca*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Baile de gala casaca	01 01	(1). “fizemos um <i>baile de gala</i> ... Todos nós de <i>casaca</i> ... traje a rigor... que marcou época naquela ocasião esse baile [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 57-59)

Nesse exemplo, a informante da terceira faixa etária seleciona itens lexicais que não pertencem precisamente à seleção imposta pelo sistema lingüístico, mas a seleção de uso se estabelece a partir das necessidades da informante para desenvolver o tópico discursivo instaurado naquele momento enunciativo. E aqui se pode fazer referência não à seleção realizada por um só auto-emissor, como ocorre em muitas análises do enunciado escrito, mas a uma sintomática seleção normalizada em um grupo sociolingüístico, tal como se verifica no inquérito em análise.

Quadro 65 – Apresentação do léxico – ocorrências de *Sabatina(s)*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Sabatina(s)	09	(1). “bom agora eu não estou muito a par de como era mas nós tínhamos as nossas <i>sabatinas</i> ... avaliavam por <i>sabatina</i> ... nós tínhamos as aulas e depois tínhamos <i>sabatinas</i> ... e essas <i>sabatinas</i> ... naturalmente::... com GRAU... e esse grau é que iam nos avaliando... a avaliação era feita através de <i>Sabatinas</i> ... essas <i>sabatinas</i> às vezes eram... <i>sabatinas</i> escritas <i>sabatinas</i> orais... e de modo que então... aí é que se avaliava... o aproveitamento do aluno... me parece que::... era só esta maneira... de se avaliar... o aproveitamento... do aluno durante... o ano letivo... e nós fazíamos <i>sabatinas</i> SEmpre... de todas a:: as matérias dadas”. (DID – 06/POA/70 – linhas 570-584)

Dando continuidade às suas lembranças do passado, a informante da terceira faixa etária também relembra a sua época enquanto estudante através do item lexical genérico “*sabatina*”. Assim, a noção de identidade, por um lado, é útil para classificar um grupo de pessoas, neste caso, pessoas cronologicamente reconhecidas como idosas, por outro lado, essa mesma noção não explica o ser velho como sujeito pleno de desejos e, dessa forma, não somente portador de uma identidade, mas também, e, principalmente, de subjetividade.

Uma outra amostra de identidade e subjetividade da terceira faixa etária apresenta-se no exemplo que segue.

Quadro 66 – Apresentação do léxico – ocorrência de *Palmatória*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Palmatória	01	(1). “[...] o: senhor Ministério da Educação não permite... não é?... que se to:que na criança... quando eu levei MUIto bolo... muito bolo... né? de <i>palmatória</i> ... mu:itas vezes fiquei de joelho horas seguidas... e NEM por isso fiquei traumatizado... nem por isso eu fiquei traumatizado não sou doido... não é?... graças a Deus [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 349-353)

Através da utilização do item lexical genérico “palmatória”, o informante da terceira faixa etária também relembra sua época de estudante e através do seu discurso faz uma crítica à educação contemporânea que condena os métodos pelos quais ele foi escolarizado. Além de uma crítica social também encontra-se nesse exemplo o estereótipo de que “os tempos antigos eram os melhores”.

Nesses casos apresentados, a seleção lexical denomina tanto o ato quanto o efeito de selecionar, assim, o elemento lexical selecionado só é pertinente dentro da dinâmica da definição lexical nas condições de produção do texto falado, e não como um dado desvinculado do percurso enunciativo. Sob esse ponto de vista, a abordagem da seleção lexical situa-se, portanto, no âmbito dos estudos que se voltam aos mecanismos da produção, aos processos pelos quais, nas circunstâncias temporais e espaciais determinadas, a língua é posta em funcionamento.

Quadro 67 – Apresentação do léxico – ocorrência de *Trem de bitola larga*, *Trem de bitola estreita*, *Trem a lenha* e *Morosa*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Trem de bitola larga	01	(1). “[...] olha eu... eu... conheci... o <i>trem</i> daqui... <i>de bitola larga</i> ... o <i>trem</i> do Nordeste... <i>de bitola estreita</i> ... está ouvindo? de tanta velocidade que nas curvas era melhor a gente saltar e: empurrar o trem ((riso))... bom isso é... um pouquinho de ironia mas o fato era esse mesmo... quando nós saíamos de Pernambuco para o interior... em determinados trechos... fazíamos verdadeira agonia... a: a velocidade do trem... não dá... não puxa... porque o
Trem de bitola estreita	01	
Trem a lenha Morosa	01	

	01	<i>trem é a lenha... anh? E não... não tem força suficiente... de sorte que fica... uma coisa muito morosa... uma viagem que pode ser feita talvez em quatro horas... a gente acaba em nove dez horas [...]</i> . (DID – 112/RJ/70 – linhas 84-94)
--	----	--

O informante da terceira faixa etária faz escolhas léxicas genéricas que se relacionam com sua época. Cabe destacar que a observação e análise do desenvolvimento do discurso revela que, em sua construção, o informante faz uso de digressões e introduz itens lexicais como “trem de bitola larga”, “trem de bitola estreita”, “trem a lenha” e “morosa” que fazem parte do seu repertório lingüístico porque ele vivenciou a época por ele referida. Esse aspecto também é possível ser visualizado nos itens lexicais destacados no quadro 68.

Quadro 68 – Apresentação do léxico – ocorrência de *Bonde*, *Caradura* e *Taioba*

Itens	Freqüência	Contexto de ocorrência
Bonde	01	(1). “[...] naquele tempo... nós íamos... já havia o <i>bonde</i> ... que eles chamavam... de primeira... não é? havia o <i>Caradura</i> ... havia um que eles chamavam... de <i>Taioba</i> [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 597-599)
Caradura	01	
Taioba	01	

Como é possível perceber, o exemplo apresentado no quadro 68 serve, também, para observar o mecanismo avaliativo, isto é, os “pontos marcados” pelo narrador que serve como pista para justificar a razão pela qual a narrativa foi “disparada” na conversação e, no caso específico, porque certos pormenores são lembrados ou “recriados” pelo narrador no diálogo reproduzido, em detrimento de outros.

Afinal, o informante inicia seu discurso de modo mais genérico através da utilização do item lexical genérico “bonde” para depois delimitar o discurso no sentido de estabelecer uma divisão entre o bonde mais sofisticado, de primeira, como o próprio informante designa e o bonde mais simples, como especifica a seguir.

Quadro 69 – Apresentação do léxico – ocorrência de *Bonde*, *Bonde misto* e *Banco para transporte de carga*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Bonde	01	(1). “[...] esses que eles chamavam de Taioba... ele era um <i>bonde</i> ... uma espécie de <i>bonde misto</i> ... que ele transportava o passageiro... mas também transportava bagagem... não é... e poucos bancos... enquanto que o outro o outro eles chamavam de primeira classe só tinha... <i>banco para transporte de carga</i> [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 607-612)
Bonde misto	01	
Banco para transporte de carga	01	

A constante referência ao universo do bonde é um recurso que leva a rememoração do passado. Nesse sentido, a massa de lembrança é um aspecto bastante presente no discurso dos informantes da terceira faixa etária que parecem gostar de evocar lembranças do tempo que já passou para chamar atenção para um mundo diferente com o qual se deparam, isso também é o que demonstram os fragmentos de discurso expostos no quadro 70.

Quadro 70 – Apresentação do léxico – ocorrências de *Bonde de burro*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Bonde de burro	06	(1). “[...] é dá pra lembrar alguma coisa... sim... só não dá pra lembrar o <i>bonde de burro</i> não... está ouvindo? ((risos)) porque o tempo já passou... mas eu não peguei o <i>bonde de burro</i> ... quer dizer... não peguei não... pode ser que tenha pegado... mas não tenho lembrança nenhuma pode ser que... quando eu nasci... que existisse alguma coisa... ainda... bom... mas... já peguei o bonde elétrico... não é?”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 589-595) (2). “ <i>Inf. 2-</i> e o movimento... estreitíssimas e cadê seu Vieira o outro chamava Duarte e dia o Vieira aqui... o Vieira aqui talvez é dois tantos disso aqui... uma linha de bonde traspassado... o bonde da Graça... Graça... Barra... (inint). <i>Inf. 1-</i> e <i>bonde de burro</i> <i>Inf. 2-</i> <i>Bonde de burro</i> <i>Doc.-</i> e como que era esse bonde de burro... como era esse bonde de burro? <i>Inf. 1-</i> um bonde guiado por quatro animais <i>Inf. 2-</i> um bonde assim que eu não tenho como lhe dizer”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 199-205) (3). “ <i>Inf. 1-</i> acabaram os <i>bondes de burro</i> e começaram os

	<p>elétricos <i>Inf. 2-</i> é começaram os bondes”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 271-282)</p> <p>(4). “<i>Inf. 2-</i> quando vim pra esta casa que moro... em 1901... era <i>bonde de burro</i></p> <p style="text-align: center;"><i>Inf. 1- aqui?</i> <i>Inf. 2- aqui</i></p> <p><i>Inf. 1-</i> mas lá embaixo era elétrico já <i>Inf. 2-</i> lá embaixo era elétrico... é... lá embaixo mas no tempo em que eu era empregado do Comércio... ficava às vezes na janela pra ver os bondes elétricos... tinham as compainhas muito grandes... os assentos muito largos de madeira confortabilíssimos... não há dúvida sempre viajava tranqüilo pro Senhor do Bonfim todo satisfeito... depois é que foi saindo aqueles bondes... veio a Light também”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 287-294)</p>
--	---

É possível perceber que os depoimentos expostos se fundam na reflexão que os informantes têm ao perceber-se como sujeito que se insere socialmente na cidade em que vivem. Através do discurso e dos itens lexicais genéricos utilizados, percebe-se que os informantes da terceira faixa etária têm uma apreensão e conhecimento da cidade, apresentam um certo grau de saudosismo em relação ao meio de transporte da época.

Quadro 71 – Apresentação do léxico – ocorrências de **Ruge**

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Ruge	02	(1). “[...] ah... não... completamente... você vê que elas não usam mais pintura nem nada... né? nem batom... nada... ruge então... ah... eu acho que elas nem sabem o que é ruge ... batom não usam mesmo [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 498-501)

No exemplo exposto, é possível perceber que a identidade de informante da terceira faixa etária, socialmente construída, se define como contraposta à identidade de jovem. Assim sendo, também são contrapostas às qualidades, valores, atitudes, produtividade, presentes nos jovens, às outras qualidades contrárias a estas e, presentes nos velhos.

Nesse sentido, a informante se coloca como diferente das jovens que não costumam utilizar maquiagem e que talvez por isso nem saibam o que é um *ruge*, termo utilizado antigamente para o cosmético em pó ou pasta usado para colorir as faces. Dessa forma, através desse item lexical genérico, é possível constatar uma forte denúncia de oposição idosos X jovens para essa informante.

Quadro 72 – Apresentação do léxico – ocorrências de *Anágua* e *Combinação* (*ões*)

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Anágua Combinação (ões)	02 02	(1). “[...] íntima era <i>combinações</i> bordadas... eh... de seda... seda natural ou... ou não... mas era todas bordadinhas e... vestido ve/ como era? transparente... ficava a <i>combinação</i> até aqui... ficava muito... e hoje em dia... não... é <i>anágua</i> ou nem <i>anágua</i> ... sutiã... calcinha e olhe lá... porque as... as que não precisam usar sutiã... nem o sutiã usam [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 622-628)

A oposição idosos X jovens também continua a ser construída pela informante no quadro 72, afinal é possível verificar a contraposição no fato de antigamente se utilizar “combinações” e “anágua”, itens lexicais genéricos, e hoje se utilizar calcinha e sutiã (esse último, às vezes, conforme explicita a própria informante). A partir do que a informante expôs, percebe-se que a informante visualiza a velhice não somente como um fator biológico mais também um fato cultural, pois separa muito bem em seu repertório lingüístico o que faz parte do universo jovem e o que faz parte do universo do idoso. Esse universo também é retratado pela informante da terceira faixa etária da cidade de Salvador cujos discursos encontram-se expressos nos quadros 73 e 74 a seguir:

Quadro 73 – Apresentação do léxico – ocorrências de *Ceroulas* e *Chambre(s)*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Ceroulas Chambre(s)	01 04	(1). “[...] eu me lembro... ainda... das <i>ceroulas</i> ... de meu pai... de meu tio... e dos <i>chambres</i> ... ele... o <i>chambre</i> mesmo... eh... eles usavam pijama... eu me lembro bem de meu pai e um tio que eu tinha... que ele era médico... residia em Penedo... em Alagoas... e... quando eles chegavam... ao meio-dia... chegava cansado...

		suado... então ele ia pro quarto... botava o <i>chambre</i> comprido... todo abotoadinho... e almoçava... depois trocava de roupa... e à noite também... ele dormia de <i>chambre</i> [...]”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 35-46)
--	--	---

Quadro 74 – Apresentação do léxico – ocorrências de *Pulôver*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Pulôver	03	(1). “[...] sim... o <i>pulôve</i> ... né? <i>pulôver</i> ... em geral... é de... de malha... né? é feita com lã... mas em malha... em geral... não tem gola... o decote... não sei se obrigatoriamente é em vô... há uma distinção aí... quando tem manga... ou não tem manga... mas... realmente... eu não sei se existe outra diferença entre suéter e pulôver [...]”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 562-569)

Pelo discurso demonstrado, visualiza-se que a identidade social da terceira faixa etária constrói-se pela contraposição à identidade da primeira faixa etária e, conseqüentemente, tem-se também a contraposição das qualidades: atividade, produtividade, memória, modo de vestir-se, como características típicas presentes nos jovens e as qualidades opostas a estas últimas presentes nos idosos.

As qualidades atribuídas aos idosos, que vão definir o seu perfil identitário são uma produção ideológica da sociedade. Os idosos conhecem e também partilham dessa ideologia que, entretanto, define os idosos, em geral, mas não em particular. Assim sendo, muitos informantes da terceira faixa etária não se sentem assim incluídos no grande modelo ideológico. O partilhar da ideologia revela o fato lógico de que algum grupo de indivíduos preencha os requisitos necessários para serem classificados como idosos. As diferenças, os itens lexicais genéricos “ceroulas”, “chambres” e “pulôver” são, então, levantados e apresentados para definir uma identidade social de faixa etária.

Quadro 75 – Apresentação do léxico – ocorrência de *Diabo a quatro*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Diabo a quatro	01	(1). “ <i>Inf. 2</i> – [...] no dia seguinte estavam os tratores aqui... fazendo uma terraplanagem (risos) (tosse)... derrubando árvores... o <i>diabo a quatro</i> [...]”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 116-117)

No quadro 75, encontra-se o fragmento do discurso de um informante da primeira faixa etária que utiliza a expressão genérica “diabo a quatro” que faz parte de um vocabulário de todas as épocas e todos os povos, de tal maneira que é possível encontrá-lo no discurso de informantes da primeira e da terceira faixa etária e que, nesse contexto específico, encontra-se vinculado a um fato passado.

Sendo assim, é inegável a expansão de expressões populares notadamente no meio urbano. Segundo Preti (2004, p. 71), há razões de ordem social que poderiam explicar o fenômeno, que não é exclusivamente brasileiro, mas que se expandiu muito em razão, também, do fortalecimento dos regimes democráticos na sociedade moderna, em todo o mundo, particularmente na América, o que veio a diminuir os preconceitos contra a linguagem popular.

Quadro 76 – Apresentação do léxico – ocorrências de *Contos*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Contos	02	<p>(1). “<i>Inf. 1</i> – o hotel (superp) da classe média... simples... que seja sessenta... setenta <i>contos</i> diários... não tem (superp)”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 707-708)</p> <p>(2). “<i>Inf. 2</i> – as despesas (superp) são imensas porque o local não tem infra-estrutura... Imagine que eu comprei um quilo de peixe em conserva por oitenta <i>contos</i>”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 720-728)</p>

Nesses dois casos expostos, o item lexical genérico “contos” está presente no repertório lingüístico dos dois informantes da primeira faixa etária. Nesse caso, o item lexical utilizado criou uma situação em que a interação verbal dos falantes fosse eficaz, no sentido de que um fala para o outro e o outro entende e utiliza a mesma expressão em outra construção.

Pelo contato dos grupos sociais que utilizam tais itens lexicais na sociedade, a linguagem se divulga, torna-se conhecida, passa a fazer parte do vocabulário popular, assim, nesse momento de incorporação à linguagem popular, muitos itens lexicais populares ganham expressividade na sua utilização por parte dos usuários da língua.

Quadro 77 – Apresentação do léxico – ocorrência de *O diabo perdeu as precata e nunca mais vortou pa buscá*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
O diabo perdeu as precata e nunca mais vortou pa buscá	01	(1). “ <i>Inf. 2</i> – [...] os homens locais que moram no último resquício de civilização dizem que aqueles lugares pra lá do São Francisco ou próximo... é o... lugar onde ‘ <i>o diabo perdeu as precata e nunca mais vortou pa buscá</i> ’”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1660-1662)

No exemplo expresso no quadro 77, o informante da primeira faixa etária emprega o que Labov (2001, p. 71) denomina de prestígio encoberto, ou seja, quando o informante sabe a utilização da norma padrão da língua, mas utiliza a variante não-padrão por uma questão de estilo como foi a intenção comunicativa desse informante.

Seria inadequado pensar que o fenômeno do prestígio encoberto está mais voltado para a primeira faixa etária por seu caráter irreverente. Na verdade, como aponta Preti (2004, p. 66), as fronteiras estabelecidas pela idade vêm perdendo progressivamente a sua força, mesmo porque muitos comportamentos considerados jovens hoje em dia se estenderam a outras faixas etárias da população e identificação com os elementos tradicionais da cultura parece cada vez menos desejada.

Quadro 78 – Apresentação do léxico – ocorrências de *Mirréis*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Mirréis	02	(1). “ <i>Inf. 2</i> . [...] não fiz terceiro ano de ginásio porque não podia continuar... não havia capital pra isso... então não sei como arranjaram os cinquenta <i>mirréis</i> para me matricular no primeiro ano... me matriculei e passei... passei no segundo também... passei que era cinquenta <i>mirréis</i> a matrícula”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 43-45)

Para recordar a maneira como fez o terceiro ano do ginásio, o informante da terceira faixa etária utiliza o item lexical genérico *mirréis* como uma marca lingüística denunciadora de uma época passada. Neste trecho, percebe-se que o informante aproveita a

oportunidade para exercitar e ativar a lembrança, indispensável à formulação de seu pensamento. Isso demonstra também a presença da experiência.

Acerca do discurso dos idosos, pode-se pensar, então, numa categoria “tempo de vigência dos acontecimentos” dentro do qual o idoso construiria boa parte de seu discurso, relacionado com um passado sobre o qual ainda tem pleno domínio de memória, ao qual, ainda, de certa forma, está muito preso, e dentro do qual estão acontecimentos, lugares, coisas, pessoas, fases, que fazem parte, ainda, de sua história, como se vê no exemplo do quadro 79.

Quadro 79 – Apresentação do léxico – ocorrências de *Crause*, *Catirina* e *Café Amazonas*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Crause	02	(1). “ <i>Inf. 2-</i> também foi o governo Seabra que alargou que era rua estreitíssimas... bequinhos bequinhos que mal passava o bonde e a pessoa ficava bebendo junto a <i>Crause</i> ... junto a <i>Crause</i> aí era estreitíssimo tinha um bar no <i>Café Amazonas</i> ... aí depois tinha as iguarias de <i>Catirina</i> que reunia o pessoal <i>Doc-</i> o pessoal da época <i>Inf. 2-</i> é os professores... tudo iam pro <i>Catirina</i> ... era no <i>Catirina</i> ... o que recebia... o que apresentava... mas tudo a respeito do ensino... Seabra fez tudo aquilo?”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 557-562)
Catirina	03	
Café	01	
Amazonas		

Os itens lexicais antropônimos (*Crause* e *Catirina*) e topônimo (*Café Amazonas*) em evidência demonstram como era o lazer dos professores na época do informante. Essa característica de lembrar do passado não está ausente da linguagem de falantes de outras faixas etárias, pois todos têm um passado a que se referir, mas ganha uma projeção muito especial, na fala dos idosos que relata o passado, o que é uma grande marca da identidade social de terceira faixa etária.

A rememoração do passado faz parte da própria organização dos idosos e é feita por meio de vários tipos de informação, inclusive o de lembrar do passado para valorizar o presente, como fazem alguns informantes.

Quadro 80 – Apresentação do léxico – ocorrências de *Comer*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Comer	03	<p>(1). “<i>Inf. 2</i>- também que aliás até algum... até o:: acho que o fim do século passado... éh mamãe sempre como:: contava que elas tinham umas amigas que eram sempre carinhosas eram umas velhinhas muito simpáticas então elas se vi/iam visitá-las... e almoçavam com elas e elas diziam ‘<i>comei batatin::nha</i>’...”</p> <p><i>Inf. 1</i>- <i>comei?</i> ((riu))</p> <p><i>Inf. 2</i>- ‘<i>comei batatinha</i>’ quer dizer ofereciam as coisas assim... nessa nessa... nessa linguagem usavam ainda normalmente essa linguagem isso não é... começo do século não é?”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 262-272)</p>

Conforme demonstra o item lexical genérico apresentado, os informantes da terceira faixa etária têm, quase sempre, uma tendência muito grande para se tornarem contadores de histórias. Explica-se facilmente esse fato: há um destino educativo no seu papel social e para cumpri-lo existe uma exemplificação farta acumulada ao longo de sua vida.

Pelas análises realizadas, verifica-se que na conversação, quando é dado aos falantes da terceira faixa etária a oportunidade de interagir naturalmente com outros falantes, o idoso tem a tendência de falar muito, lembrando nas narrativas a sua experiência e revelando muita habilidade em montar o seu discurso, opondo valores do passado a valores do presente.

No fragmento de discurso em questão, a relação passado X presente poderia ser traduzida ao longo da conversação por uma série de sentimentos de ordem positiva, enaltecendo a sociedade antiga: recato e sofisticação. Dessa forma, direta ou indiretamente, o exemplo procura introduzir essas e outras virtudes de ontem que ficam bem explícitas em relação à pessoa do verbo atrelada à forma verbal como aparece no discurso.

A memória também está presente no exemplo a seguir.

Quadro 81 – Apresentação do léxico – ocorrências de *Madame*, *Coleteira(s)* e *madamia*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Madame Coleteira(s) madamia	08 03 04	(1). “ <i>Inf. 1</i> – eu me lembro quando eu era... <i>moci::nha...</i> eu tive uma empreGAda... éh que ela atendia o telefone e dizia... ‘aqui é a casa da <i>madame</i> H.... aí... eu fiz ver que não se dizia assim que que eu que eu não era <i>madame</i> H... e:: expliquei eu diSSE... ‘olha fulana você não:: não me chama da <i>madame</i> H.... porque <i>maDAME</i> aqui no Brasil... é mais ou menos empregado no caso casa de <i>madame</i> ... como se fosse uma casa de uma <i>coleteira</i> – não tenho nada contra ((rindo)) a classe de <i>coleteiras</i> prezo muito... mas enfim na ((pigarreou)) – fosse uma <i>coleteira</i> ((pigarreou duas vezes))... uma cabeleireira... que não é o caso... de uma:: residência particular então você não... não diga ‘casa de <i>madame</i> H. e não e nem me chame de <i>madame</i> – eu acho muito desagradável () você me chame dona H. não me chame de <i>madame</i> ’... aí ela pôs a mão no quadril me olhou – eu nunca hei de me esquecer isso faz tantos anos... ‘por que que a senhora não quer que eu lhe dê <i>madamia</i> ?’ mas <i>Inf. 2- madamia...</i> delicioso <i>Inf. 1- é madamia</i> <i>Inf. 2- que eu lhe dê madamia</i> ((riram))”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 277-300)

Nesse caso, os itens lexicais genéricos “madame”, “coleteira” e “madamia” denunciam a noção de temporalidade em que o discurso foi produzido. Afinal, pode ser percebido que os informantes da terceira faixa etária lembram e dão expressão às suas lembranças. Assim, o papel da memória é tradicionalmente valorizado entre os mais velhos, assim como suas lembranças constituem patrimônio coletivo, expresso e revivido permanentemente no contato com novas gerações, sejam crianças ou adultos.

Esta rememoração do passado está também presente no quadro 82.

Quadro 82 – Apresentação do léxico – ocorrências de *O Bem Amado*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
O Bem Amado	02	(1). “ <i>Inf. 1</i> – mas você sabe que a eu me lembro quando o:: o o chanceler Gibson Barbosa era nosso... Ministro das Relações Exteriores não é?... éh eu estive com ele em Brasília... ((tosse)) então se dizia lá que ele... ah:: na na hora em que ia para o ar <i>O Bem Amado</i> ... ele se trancava no:: gabinete dele... e dizia que ele

		<p>tinha despachos urgentes... e ficava lá trancado... então eu pensava – eu chegava aqui em casa a minha cozinheira não perdia <i>O Bem Amado</i> não é? - ... então eu dizia ‘mas é uma coisa estranha... neste Brasil inteiro neste país continente neste exato momento... naquela hora – parece que não sei se era oi/dez da noite – dez da noite... o:: as criaturas mais diversas as faixas sociais mais diversas... estão presas a esse... esse enredo essa história que se processa”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 447-461)</p>
--	--	---

O item lexical genérico “O Bem Amado” é um forte denunciador da terceira faixa etária no contexto em que se encontra no discurso dessa informante que rememora a cena vivenciada no passado sob o ponto de vista das estratégias expressivas utilizadas nas falas reproduzidas.

Nesse exemplo, percebe-se que a informante chega a chamar a atenção para elas, mostrando que uma alteração entonacional procede do discurso reproduzido e não dele, falante. Com isso, deixa clara a sua avaliação do fato narrado dentro de uma noção temporal, no caso, o momento em que a novela *O Bem Amado* estava sendo exibida e conseguia parar o Brasil.

Quadro 83 – Apresentação do léxico – ocorrências de *Rainha Diaba* e *A Estrela Sobe*

Itens	Frequência	Contexto de ocorrência
Rainha Diaba	03	(1). “ <i>Inf. 1-</i> olha o cinema na/ o atu/ o atual brasileiro eu tenho visto muito pouco... eu vi:: o ano passado o filme que me deixou MUIto impressionada... porque esse filme... aliás vi dois filmes... nacionais ((batidas de hora de relógio))
A Estrela Sobe	02	<p><i>Inf. 2- Rainha Diaba</i> <i>Inf.1-</i> é <i>A Rainha DiAba</i>... que me pareceu assim cem por cento nacional... sem nenhuma influência... de daqueles:: filmes... de gangsters americanos né? que era um marginal bem NO::sso aquele marginal ((rindo)) pobre triste com as... peculiaridades Nossas do submundo nosso... e aquele tirado da... do Marques Rebelo <i>A Estrela Sobe</i>... que eu também achei magnífico [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 627-640)</p> <p>(2). “<i>Inf. 1- A Estrela Sobe</i>... com artista de televisão... quase todos eles... e a maior parte deles caso da <i>Rainha Diaba</i>... enfim... éh éh... eu vejo a Telenovela... como um verdadeiro laboratório posto no ar [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 928-932)</p>

Nesse exemplo, as informantes da terceira faixa etária encontram-se conversando sobre o cinema, a televisão, o rádio e o teatro e percebe-se claramente a intenção da informante 1, que com a ajuda da informante 2, demonstra a situação do cinema brasileiro com uma contínua habilidade e como uma forma de crítica aos tempos modernos através da utilização de itens lexicais genéricos como “Rainha Diaba” e “A Estrela Sobe”.

É importante salientar que relembrar o passado na conversação não quer dizer, porém, necessariamente trazer os fatos intactos da memória para o presente. Antes, pode significar um processo contínuo de reavaliação dos fatos, consideradas as circunstâncias que envolvem a interação, como, por exemplo, as expectativas do ouvinte ou o próprio interesse do falante em dar a sua opinião sobre o assunto tratado.

Do exposto, constata-se que, na construção do texto falado, a seleção lexical é projetada no enunciado, assim, tal seleção é parte constitutiva do texto falado e, por isso, traço identificador desse tipo de texto. Assim, a seleção lexical do texto falado vê marcada pelas condições gerais em que ele foi produzido, numa determinada época da história: ao menos dois falantes encontram-se numa relação de diálogo, isto é, alternam, em situação face a face, os papéis de falante e ouvinte, interagindo entre si.

Nessas condições, os propósitos comunicativos de um em relação ao outro não vêm anteriormente planejados. Quando muito, tem o falante uma vaga noção do que vai dizer ao iniciar o seu turno. Em geral, ele toma a palavra e segue falando. Assim, construir o texto consiste também em planejá-lo. Em razão da simultaneidade desses dois procedimentos, os propósitos comunicativos dos interlocutores são “construídos” na e pela formulação, e o planejamento de uma atividade comunicativa só se completa com a construção do enunciado concluída.

É precisamente essa preocupação simultânea com o “dizer” e com o “que dizer” que vai deixar evidente, no texto falado, uma série de marcas responsáveis pela caracterização específica de sua formulação, entre as quais as que sinalizam o trabalho de seleção lexical seja através de marcadores temporais que denotam a oposição passado X presente ou por meio de itens lexicais denunciadores da faixa etária do informante, quer da primeira ou da terceira.

CONCLUSÃO

NORMA URBANA, Identidade Social e Variação, diversas formas de ser um sujeito jovem e de ser um sujeito idoso, são constatações que a presente Tese aponta pelo estudo realizado dos marcadores temporais e dos itens lexicais denunciadores de faixa etária.

Esta Tese, ao examinar a construção, manutenção e projeção das identidades sociais etárias em práticas discursivas, deve ser entendida como um modo de colaborar na compreensão das diferenças que constroem o indivíduo já que, como apontam Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 96), “a questão de como dialogar e agir com outros que são diferentes é tão urgente nas sociedades da modernidade tardia como as questões sobre quem cada um é”.

Assim, encontrar modos de dialogar atravessando as diferenças – reconhecendo a diferença enquanto também a transcendendo – é agora amplamente visto como crucial para a sobrevivência da democracia. Como foi exposto ao longo desse trabalho, essa é a questão que está cortando a vida social a todo o momento nos dias atuais e interrogando os atores sociais, às vezes, de forma inesperada, tanto em relação à vida pública como à vida íntima.

Os idosos são marcos na história do homem, são personagens do tempo que fornecem direção à vida de cada pessoa na sociedade, porque tiveram mais oportunidade de conhecer caminhos que os mais jovens. Passaram por diversas bifurcações e puderam experienciar os encontros. Talvez não tenham ainda conseguido perceber todo o significado de sua história, porque ainda vivem. Talvez ainda não tivessem encontrado todos os fragmentos perdidos que os constituem, pois continuam a fazer a passagem pela temporalidade.

Todavia, quando se é agraciado com o encontro dessas pessoas, se é convidado a participar de uma história da qual se é também personagens, tendo a oportunidade de adquirir uma síntese do aprendizado de toda uma longa caminhada que fizeram, minimizando esforços de tentativa e erro aos quais se está submetido no processo de auto-conhecimento.

Nesse sentido, na análise do discurso da primeira e da terceira faixa etária verificou-se que a identidade social de faixa etária não é fixa, categórica. Observou-se que em cada sociedade e na mesma sociedade, em momentos históricos diferentes, a velhice e o envelhecimento ganham especificidade, papéis e significados distintos em função do meio

ser rural ou urbano, da classe social, do grupo profissional e de parentesco, da cultura, da ideologia dominante, do poder econômico e político que influenciam o ciclo da vida e o percurso de cada indivíduo, do nascimento à morte.

Nessa perspectiva, também foi possível perceber a vitalidade da língua, simultaneamente una e múltipla, que se decompõe numa rede de variedades, comprovando a concepção de língua, defendida por Marcuschi (2003, p. 43), enquanto fenômeno heterogêneo (com múltiplas formas de manifestação), variável (dinâmico, suscetível a mudanças), histórico e social (fruto de práticas sociais e históricas), indeterminado sob o ponto de vista semântico e sintático (submetido às condições de produção) e que se manifesta em situações de uso concretas, tais como o discurso oral ou escrito.

Isso demonstra o fato de não se poder perder de vista que a pluralidade das variações presentes na Língua Portuguesa é um fato. Afinal, o Português é prolífero em variedades de uso e restringir-se, pois, à “norma culta”, a uma língua padrão inflexível, implica vilipendiar elementos imanentes à comunicação entre seus usuários: sua região de origem, o grupo social no qual está inserido, sua idade e sexo, sua noção da necessidade de se expressar de forma mais ou menos formal para atingir plenamente a sua eficiência comunicativa.

Nesse estudo realizado, procurou-se demonstrar que a categoria tempo atua na linguagem dos informantes da primeira e da terceira faixa etária como elemento ordenador na elaboração do discurso, manifestando-se em dois pólos, o antes e o agora, seja através de marcadores temporais pontuais ou fraseológicos ou por meio de itens lexicais denunciadores de faixa etária.

Nos inquéritos analisados, percebeu-se que ser um sujeito da terceira idade não tem nada de semelhante com a situação de um velho abandonado, solitário ou voltado para uma esfera mais privada da vida. A vida, na terceira idade, abre um arco de novas possibilidades de viver e de se inventar como um novo sujeito, tanto na representação, quanto na ação. Mas, a esse propósito, é preciso lembrar que a linguagem de idosos não constitui, de forma alguma, uma linguagem arcaica, perdida no tempo, porque a interação desses falantes com os mais jovens ou com o ambiente social (através, por exemplo, da televisão, rádio, jornais etc.) permite que ocorra, em geral, um processo contínuo de atualização.

Todos os inquéritos analisados enfatizam o ser ativo, possuidor de energia, criatividade, imaginação e saúde como elementos fundamentais para sentir e viver a sua faixa etária. A esse respeito, uma consideração mais geral pode ser mencionada. A noção de terceira idade se mostra, até certo ponto, inovadora, na medida em que, mesmo com todos os saudosismos e rememoração e valorização do passado, auxilia na desconstrução da noção de velhice, como fase final de vida, de impossibilidade de expectativas para o futuro. Terceira idade, ao contrário, aparece como mais uma fase no processo de existência, permitindo, logicamente, a construção de muitas outras.

Ao abordar a emergência de identidade social de informantes da primeira e da terceira faixa etária nas cidades de Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo percebeu-se que muito ainda é preciso pesquisar, ler e ouvir para que se possa fazer afirmações consistentes a respeito da linguagem dos falantes jovens e idosos. Entretanto, do que foi observado e analisado pode-se formular de referência aos marcadores temporais, as seguintes conclusões, relacionadas às variáveis sociais e à natureza do inquérito:

a) As variáveis sociais

Nos inquéritos do tipo DID, sob o enfoque da faixa etária, percebeu-se que dos 569 marcadores temporais, 160 marcadores de tempo estão presentes nos inquéritos da primeira faixa etária, o correspondente a 28,12%, e 409 marcadores de tempo estão presentes nos inquéritos da terceira faixa etária. Esses números confirmam a hipótese de que realmente é a terceira faixa etária que apresenta maior presença de marcadores temporais em relação à primeira faixa etária.

Ao analisar os inquéritos do tipo D2 sob o enfoque da faixa etária, percebeu-se que dos 816 marcadores temporais, 418 marcadores de tempo estão presentes nos inquéritos da primeira faixa etária, o correspondente a 51,23%, e 398 marcadores de tempo estão presentes nos inquéritos da terceira faixa etária, o correspondente a 48,77%. Esses números relacionados aos inquéritos do tipo D2 diferenciam-se dos apresentados nos inquéritos DID, contrariando a hipótese de que a terceira faixa etária apresenta maior índice de marcadores temporais em relação à primeira faixa etária. Através de uma análise minuciosa com o objetivo de encontrar explicações para esse resultado, verificou-se duas vertentes: uma

temática (maior leque de opções temáticas presentes nos grupos temáticos) e outra relacionada ao tipo de interação (tipo de interação menos tensa, em relação a uma interação mais fechada, no estilo pergunta-resposta, característica da interação do tipo DID).

Diante das análises realizadas, observou-se que não houve unanimidade em relação à predominância de usos dos elementos lingüísticos em questão no que se refere à terceira faixa etária nos resultados obtidos, já que no caso dos marcadores temporais no diálogo entre dois informantes é a primeira faixa etária quem apresenta mais marcadores temporais.

Ao analisar o índice de ocorrências dos marcadores temporais relacionados à variável gênero, nos inquéritos do tipo DID, verificou-se uma maior predominância de marcadores temporais em inquéritos com informantes femininas, 315 marcadores representando 55,36%, do que com informantes masculinos, 254 marcadores representando 44,64%.

O maior número de marcadores temporais relacionados a informantes femininas também se fez presente no cruzamento da variável gênero com a variável faixa etária nos inquéritos DID, pois tanto nos inquéritos da primeira faixa etária – com 97 marcadores (60,63%) para as informantes femininas e 63 marcadores (39,37%) para os informantes masculinos – como nos inquéritos da terceira faixa etária – com 218 marcadores (53,30%) para as informantes femininas e 191 marcadores (46,70%) para os informantes masculinos – são as mulheres que lideram nos índices de marcadores temporais.

No que se refere à variável gênero, ao analisar o índice de ocorrências dos marcadores temporais, nos inquéritos do tipo D2, diferentemente do que ocorreu nos inquéritos do tipo DID, verificou-se uma maior predominância de marcadores temporais em inquéritos com informantes masculinos, 350 marcadores representando 42,90%, mais especificamente com interações entre dois informantes masculinos, em segundo lugar apresentam-se as interações entre duas informantes femininas com 307 marcadores representando 37,62%, e, por fim, as interações mistas com 159 marcadores representando 19,48%. Tal resultado pode ser explicado pela natureza do grupo temático, pois no caso das interações masculinas, os grupos de temas estavam mais vinculados ao universo masculino, o que possibilitou uma maior interação/envolvimento por parte dos informantes.

b) A natureza do inquérito

Numa análise de âmbito geral, contemplando os dados dos inquéritos DID e D2, com o objetivo de verificar resultados referentes aos marcadores temporais relacionados à faixa etária, observou-se que os informantes da terceira faixa etária apresentaram mais marcadores temporais em seu discurso, 807 marcadores equivalentes a 58,27%, em relação aos informantes da primeira faixa etária, 578 marcadores equivalentes a 41,73%.

Da análise dos itens lexicais denunciadores de faixa etária, também foi possível constatar os seguintes fatos referentes às variáveis sociais e natureza do inquérito:

a) As variáveis sociais

Ao realizar a análise dos inquéritos do tipo DID sob o enfoque da faixa etária, percebeu-se que dos 180 itens lexicais, 57 itens estão presentes nos inquéritos da primeira faixa etária, o correspondente a 31,67%, e 123 estão presentes nos inquéritos da terceira faixa etária, o correspondente a 68,33%. Esses números referentes aos inquéritos do tipo DID confirmam a hipótese de que realmente é a terceira faixa etária que apresenta maior presença de itens lexicais diferenciados para marcar a sua identidade etária em relação à primeira faixa etária.

Ao analisar os inquéritos do tipo D2 sob o enfoque da faixa etária, percebeu-se que dos 158 itens lexicais, nove estão presentes nos inquéritos da primeira faixa etária, o correspondente a 5,70%, e 149 itens lexicais estão presentes nos inquéritos da terceira faixa etária, o correspondente a 94,30%. Esses números relacionados aos inquéritos do tipo D2 estão de acordo com os dados apresentados nos inquéritos DID, os quais apresentam a terceira faixa etária com o maior número de itens lexicais, confirmando a hipótese inicial de que os informantes da terceira faixa etária apresentam maior índice de itens lexicais que denunciam a sua identidade etária no discurso.

Ao analisar as ocorrências dos itens lexicais, nos inquéritos do tipo DID, verificou-se uma maior predominância desses itens em inquéritos com informantes femininas que apresentaram 97 marcadores que correspondem a 53,89%, ao passo que os informantes masculinos apresentaram 83 marcadores os quais correspondem a 46,11%.

O maior número de itens lexicais relacionados a informantes femininas também se faz presente no cruzamento da variável gênero com a variável referente à primeira faixa etária – com 41 itens (71,93%) para as informantes femininas e 16 itens (28,07%) para os informantes masculinos, entretanto, esse aspecto não se repete nos inquéritos da terceira faixa etária, pois nestes são os homens que lideram nos índices de itens lexicais, com 67 itens (54,47%) ao passo que as mulheres apresentaram 56 itens equivalentes a 45,53%.

Ao analisar os inquéritos do tipo D2 sob o enfoque da faixa etária, percebe-se que dos 158 itens lexicais, 8 estão presentes nos inquéritos da primeira faixa etária, o correspondente a 5,70%, e 150 itens lexicais estão presentes nos inquéritos da terceira faixa etária, o correspondente a 94,30%.

No que se refere à variável gênero, ao analisar o índice de ocorrências dos itens lexicais, nos inquéritos do tipo D2, verificou-se uma maior predominância de itens lexicais em inquéritos em que as informantes femininas estavam em interação com um informante masculino, com 75 itens lexicais que equivalem a 47,47%, em segundo lugar vêm os inquéritos com duas informantes femininas com 71 itens lexicais equivalentes a 44,93% e, por fim, os inquéritos com dois informantes masculinos com 12 itens lexicais, o correspondente a 7,60%.

A análise de dois inquéritos com interações mistas (feminino-masculino), quatro inquéritos do tipo feminino-feminino e quatro inquéritos do tipo masculino-masculino revelou uma média de itens lexicais de, respectivamente, 35%, 17,75% e 3%. Esses dados revelam que as interações entre informantes de gêneros opostos apresentam-se como as em que aparecem mais itens lexicais característicos de faixa etária. Tal resultado é reflexo da existência de uma grande dinâmica conversacional, rica em itens lexicais reveladores da faixa etária dos informantes nos inquéritos mistos – entre informantes masculinos e femininos – e nas interações entre as mulheres devido à facilidade de condução do tema por parte dos informantes. Nesses inquéritos, tal cumplicidade não se tornou evidente nos inquéritos entre dois homens, pois, em geral, os participantes demonstraram um tipo de conversa, sem muito sentimentalismo, como ocorreu nos outros tipos de interações apontados.

b) A natureza do inquérito

Numa análise de âmbito geral, contemplando os dados dos inquéritos DID e D2, com o objetivo de verificar resultados referentes aos itens lexicais relacionados à faixa etária, observou-se que os informantes da terceira faixa etária apresentaram mais itens lexicais reveladores de faixa etária em seu discurso, 272 itens equivalentes a 80,47%, em relação aos informantes da primeira faixa etária, com 66 itens equivalentes a 19,53%. Tal resultado aponta que os informantes da terceira faixa etária, por possuírem uma maior quantidade de anos vividos, tendem a exibir um maior número de ocorrências de itens lexicais denunciadores da faixa etária em relação aos da primeira faixa, que possuem uma menor bagagem histórica e, portanto, dispõem de menos elementos para relativizar no que se refere ao seu passado, assim também como menos ocorrências de itens lexicais denunciadores da faixa etária a qual pertencem.

Dessa forma, no que diz respeito aos marcadores temporais e aos itens lexicais em estudo verificou-se que:

- Não houve unanimidade em relação à predominância de usos dos elementos lingüísticos em questão no que se refere à terceira faixa etária nos resultados obtidos, já que no caso dos marcadores temporais no diálogo entre dois informantes é a primeira faixa etária quem apresenta mais marcadores temporais. Logo, as hipóteses iniciais de que a terceira faixa etária e de que as informantes femininas apresentariam os maiores índices de ocorrências de marcadores temporais e itens lexicais denunciadores da faixa etária não se confirmaram totalmente porque não houve a esperada unanimidade.
- Não há uma hipótese fixa a ser postulada no sentido de explicar o porquê da predominância de marcadores temporais ou itens lexicais denunciadores de faixa etária em tal ou qual cidade. Ou seja, do ponto de vista diatópico, a utilização desses recursos lingüísticos não é um traço que possa apresentar diferença de um lugar ou de outro do país. Assim, os resultados apontam que a utilização de marcadores

temporais e itens lexicais denunciadores de faixa etária é explicado pela natureza sociolingüística dos dados e não pela perspectiva diatópica.

Na análise do discurso de algumas ocorrências, foi possível perceber que a riqueza de detalhes com a temática da comparação passado X presente, o apelo às narrativas e a valorização do tempo anterior estão presentes na linguagem dos informantes da primeira e da terceira faixa, entretanto são bem mais fortes no discurso dos idosos, pelo fato de eles possuírem uma larga experiência e, ainda, a vontade de compartilhá-la.

Como indica Weeks (1990, p. 92), “se a complexidade social, cada vez maior, a diversidade cultural e a proliferação de identidades são, na verdade, a marca do mundo pós-moderno, então os apelos das pessoas em relação aos seus interesses comuns como humanos não valerão nada a menos que ao mesmo tempo se aprenda a viver com a diferença” assim como a trabalhar para transformar situações sociais de injustiça. Ou seja, o que está sendo pautado nesta Tese não é simplesmente a legitimação da diferença ou a tolerância à diferença. Ao contrário, o que se deseja, ao estudar os marcadores temporais e os itens lexicais presentes nos discursos dos informantes da primeira e da terceira faixa etária do Projeto NURC, é que haja a percepção e a compreensão da diferença, com os discursos que a constituem e com o poder que a atravessa, pois o que está em jogo é a vida das pessoas, seus desejos. Que esta Tese possa inspirar outras pessoas a perseguir esse caminho!

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philipe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- BACKHURST, D. e SYPNOWICH, C. (eds.). *The social self*. Londres: Sage, 1995.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail M. Os gêneros do discurso. *Estética da criação verbal*. Trad. Do francês de Maria Ermantina G. Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. M. Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1998.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. A propósito do conceito de discurso oral culto: a língua e as transformações sociais. In: PRETI, Dino. (Org.). *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas, 1997. p. 35-54.
- BARROS FERREIRA, Manuela et al. Variação lingüística: perspectiva dialectológica. In: FARIA, Isabel Hub; PEDRO, Emília Ribeiro; DUARTE, Inês, GOUVEIA, Carlos A M. (Org.). *Introdução à Lingüística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1966. p. 479-502.
- BAUMAN, Z. *Intimations of postmodernity*. Londres: Routledge, 1992.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad, de Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. vol. 2.
- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística geral II*. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A ciência da lexicografia. *ALFA.*, São Paulo, nº 28 (supl.), p. 1-26, 1984.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Homonímia e Polissemia em lexicografia. In: HORA, Dermeval da e CHRISTIANO, Elizabeth. (Orgs.). *Estudos lingüísticos: realidade brasileira*. João Pessoa: Idéia, 1999. p. 201-210.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A lexicologia. In: OLIVEIRA, Anna Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 11-22.

BOHM, David. *A totalidade e a ordem implicada: uma nova percepção da realidade*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

BOMFIM, Eneida. *Advérbios*. São Paulo: Ática, 1988.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRAIT, Beth. Imagens da norma culta, interação e constituição do texto oral. In: PRETI, Dino (Org.). *O discurso oral culto*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 1999. p. 55-78.

BRAIT, Beth. Interação, gênero e estilo. In: PRETI, Dino (Org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2002. p. 215-244.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Falando em surdina: são mulheres velhas. ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 9., 1994B, Caxambu. *Anais...* Belo Horizonte: ABEP, 1994. Vol. 3, p. 363-376.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Não tá morto quem peleia: a pedagogia inesperada nos grupos de idosos. 1999. 257 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

BROCKMEIER, J. e HARRÉ, R. Narrative: problems and promises of na alternative paradigm. *Research in Language and Social Interaction*, nº 30, p. 263-283, 1997.

CAMACHO, Roberto. A variação lingüística. In: COUTO, Hildo Honório do (Org.). *A redação como libertação*. 2. ed. Brasília: UnB, 1990. p. 41-51.

CAMERON, D.; FRAZER, E.; HARVEY, P.; RAMPTON, M.B.H. e RICHARDSON, K. *Researching language. Issues of power and method*. Londres: Routledge, 1992.

CARVALHINHOS, Patrícia de. A onomástica e o resgate semântico: as *antas*. *Estudos lingüísticos*, 23/24. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas / USP, p. 274-279, 2004.

CARVALHO, Nelly. Polissemia/Homonímia: o jogo dos sentidos. In: HORA, Dermeval da e CHRISTIANO, Elizabeth. (Orgs.). *Estudos lingüísticos: realidade brasileira*. João Pessoa: Idéia, 1999. p. 193-200.

CASTILHO, ATALIBA Teixeira de. O português culto falado no Brasil. In: CASTILHO, ATALIBA Teixeira de; PRETI, Dino; URBANO, Hudinilson. (Orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. São Paulo: T. A. Queiroz, FAPESP, 1986-1990.

CHAMBERS, J.K & TRUDGILL, Peter. *Dialectología*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CHOMSKY, Noam. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Arménio Amado Editor, 1978.

CHOULIARAKI, L. e FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.

CLAUDINO, Salvato. *Dicionário de nomes próprios*. São Paulo: Thirê Ltda, 1996.

CONNEL, R.W. *Masculinities*. Cambridge: Polity Press, 1995a.

CONNEL, R.W. Políticas de masculinidade. *Educação e Realidade*, nº 20, p. 185-206, 1995b.

CORREIA, Margarida. *A Formação dos adjetivos em anti- em português*. 1992. 212 f. Dissertação (Mestre em Lingüística) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Universidade de Lisboa, Lisboa.

CORSON, D. *Language, minority education and gender*. Clevedon: Multilingual Matters, 1993.

COULON, Alain. *Etnometologia*. Petrópolis: Vozes, 1995.

CRAWFORD, M. *Talking difference. On gender and language*. Londres: Sage Publications, 1995.

DAUZAT, Albert. *La toponymie française*. Paris: Payot, 1971.

DAVIES, B. The discursive production of the male/female dualism in school settings. *Oxford Review of Education*, nº 15, p. 229-241, 1989.

DEBERT, Guita Grin. O remapeamento do curso de vida. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 18., out. 1993, Caxambú.

DURANTI, Alessandro. *Linguistic Antropology: a reader*. Oxford: Blackwell, 2001.

ESTUDOS E PESQUISAS: INFORMAÇÃO DEMOGRÁFICA E SOCIOECONÔMICA. Rio de Janeiro: IBGE, 2002 - Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000. ISSN 1516-3296.

FABRÍCIO, Branca Falabella. *Interação em contexto educacional um novo referencial para a sala de aula de língua inglesa*. Dissertação de Mestrado no Curso Interdisciplinar de Lingüística Aplicada. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1996.

FAIRCLOUGH, Norman. *Language and power*. Londres: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FERGUSON, Charles. *Language structure and language use*. Stanford: Stanford University Press, 1971.

FERREIRA, Aurélio Buarque Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FILLIETTAZ, L. Vers une approche interactionniste de la dimension référentielle du discours. *Cahiers de Linguistique Française*, Genève, n°18, p. 32-37, 1996.

FIORIN, José Luiz. Política Lingüística no Brasil. *Gragoatá* (UFF, Rio de Janeiro), n° 9, p. 221-231, 2000.

FIORIN, José Luiz. Pragmática. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à lingüística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 161-185.

FOUCAULT, Michel. *L'ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1971.

FOUCAULT, Michel. *The archeology of knowledge*. Londres: Tavistock, 1972.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FREIRE COSTA, J. A. *A inocência e o vício*. Rio de Janeiro: Relume-Dumacará, 1992.

GLEASON, J. B. Sex differences in parent-child interaction. In: PHILLIPS, S.; STEELE, S., e TANZ, C. (eds.). *Language, gender and sex in comparative perspective*. Cambridge: Cambridge University press, 1987.

GOFFMAN, Erving. Replies and responses. *Language in Society*, n° 5, p. 257-304, 1976.

GOFFMAN, Erving. *Forms of talk*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1981.

GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). *Sociolingüística interacional*. Porto Alegre: AGE, 1998.

GROSSI, M. P. O MASCULINO E O FEMININO NA EDUCAÇÃO. Palestra proferida nos cursos da II Jornada de Estudos Pedagógicos da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre. In: MOITA LOPES, L. P. *Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Nomes & Sobrenomes*. São Paulo: Ave Maria, 1994.

HALL, S. "Cultural identity and diaspora". In: RUTHERFORD, J. (ed.). *Identity: community, culture, difference*. Londres: Lawrence e Wishart, 1990.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

- HAYFLIK, Leonard. *Como e por que envelhecemos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- HEILBORN, M.L. Ser ou estar homossexual: dilemas da construção da identidade social. In: PARKER, R e BARBOSA, M. R. (eds.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1996.
- HUDSON, R. *La sociolingüística*. Barcelona: Anagrama, 1981.
- ILARI, Rodolfo. *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto, 2001.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Les interactions verbales (I)*. Paris: Armand Colin, 1995.
- KLEIMAN, Ângela. construção de identidades em sala de aula: um enfoque interacional. In: SIGNORINI, Inês. (Org.). *Língua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 85-88.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1993.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2005.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change*. V. 2. Social Factors. Massachusetts/Oxford: Blackwell, 2001.
- LARROSA, Jorge e LARA, Núria Pérez de (Orgs.). *Imagens do outro*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 15-25.
- LEITE, Marli Quadros. Aspectos de uma língua na cidade: marcas da transformação social no léxico. In: PRETI, Dino. (Org.). *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003. p. 17-45.
- LENOIR, Remi. L'invention du troisième âge (constitution du champ des agents de gestion de la vieillesse). *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*, Paris, p. 26-27, mar./avr., 1979.
- LENOIR, Remi. Objeto sociológico e problema social. In: CHAMPAGNE, Patrick, LENOIR, Remi, MERLLIÈ, Dominique et al. *Iniciação à prática sociológica*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- LÓPEZ GARCÍA, X. *Detrás da prensa popular*. Santiago de Compostela: Edicións LEA, 1995.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1998. KITZINGER, C. "Liberal humanism as an ideology of social control: the regulation of lesbian identities". In: SHOTTER, J. e GEGEN, K. (eds.). *Texts of Identity*. Londres: Sage, 1989.

- MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. *A invenção social da velhice*. Rio de Janeiro: Editora Papagaio, 1989.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de textualização*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. O léxico: lista, rede ou cognição social?. In: Lígia Negri; Maria José Foltran; Roberta Pires de Oliveira. (Orgs.). *Sentido e Significação*. Em torno da obra de Rodolfo Ilari. 01 ed. São Paulo, 2004, v. 01, p. 263-284.
- MARKOVA, I. Introduction. In: MARKOVA, I. e FOPPA, K. (eds.). *The dynamics of dialogue*. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1990.
- MARTINET, André. *Elements de Linguistique Générale*. Paris: Lib. Armand Colin, 1963.
- MATURANA, Humberto. *Humberto Maturana: A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: UFMG, 1997.
- MEAD, Margaret. *Culture and commitment: a study of the generation gap*. The American Museum of natural History Press/Doubleday & Company Inc., New York: 1970.
- MEICHTRY, Norma – Censabella, Marisa – Liñan, Alejandra Valdata, Marcela – Serra, Pilar – Torre Geraldi, Alejandra. *La toponimia como modo de expresión de la relación entre la población toba y su espacio*. www.unne.edu.ar/cyt/2002/02-Humanisticas/H-017.pdf. Acesso em: 27 abr. 2005
- MENDES, M. M. S. et al. *Projeção preliminar da população do Brasil para o período de 1980-2020*. Rio de Janeiro, IBGE, 2001.
- MERCER, K. Welcome to the Jungle: identity and diversity in postmodern politics. In: RUTHERFORD, J. (ed.). *Identity: community, culture, difference*. Londres, Lawrence e Wishart, 1990.
- MESSY, Jack. *A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice*. São Paulo: Aleph, 1993.
- MILLER, G. A. *The Science of Words*. Nova Iorque: Scientific American Library, 1991.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. “What is this class about? Topic formulation in an L1 reading comprehension classroom”. In: COOK, G. e SEIDELHOFER, B. (eds.), *Principle and practice in applied linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. *Oficina de lingüística aplicada*. Campinas: Mercado de letras, 1996.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. “Co-construção do discurso em sala de aula: alinhamento a contextos mentais gerados pela professora”. In: FORTKAMP, M.B.M e TOMITCH, L.M.B. (Orgs.). *Aspectos da lingüística aplicada*. Florianópolis: Insular, 2000.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de letras, 2002.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. *Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística variacionista: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONDADA, Lorenza. Processus de catégorisation et construction discursive des catégories. In: DUBOIS, Danièle (Org.). *Catégorisation et Cognition: De la perceptio au Discourse*. Paris: Kimé, 1997. p. 291-313.

MONDADA, Lorenza & Daniele DUBOIS. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernadete Biasi e CIULIA, Alena (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

MONTEIRO, Pedro Paulo. *Envelhecer: histórias, encontros, transformações*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

MOREU-REY, Enric. *Els nostres noms de lloc*. Palma de Mallorca: Moll, 1982.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX (O espírito de tempo)*. Rio de Janeiro: Forense, 1967.

MORIN, Edgar. *O método II: a vida da vida*. 3. ed. Portugal: Publicações Europa-América, 1999.

MOURA NEVES, Maria Helena de. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

NÉRI A. L. *Envelhecer num país de jovens – significados de velhos e velhice segundo brasileiros não idosos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

OCHS, Elionor. Linguistic resources for socializing humanity. In: GUMPERZ, John & LEVINSON, Stephen. (Org.). *Rethinking linguistic relativity*. Cambridge: Cambridge University Press 1996. p. 407-437.

PAIM, Marcela Moura Torres. *A Emergência de Identidade Social de Falantes da Terceira Faixa Etária na Cidade de Salvador*. 2004. 162 f. Dissertação (Mestre em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

PAIVA, V. Sexualidades adolescentes: escolaridade, gênero e o sujeito sexual. In: PARKER, R. e BARBOSA, M.R. (eds.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

PERFIL DOS IDOSOS RESPONSÁVEIS PELOS DOMÍCILOS NO BRASIL 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

PERINI, Mário. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1996.

POIRIER, Jean. *Toponymie. Méthode d'enquête*. Quebec: Les Presses de l'Université Laval, 1965.

PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: T. A. Queiroz: Universidade de São Paulo, 1984.

PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, 1991.

PRETI, Dino. A propósito do conceito de discurso urbano oral culto: a língua e as transformações sociais. In: PRETI, Dino. (Org.). *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas, 1997. p. 21-34.

PRETI, Dino. Variação lexical e prestígio social das palavras. In: PRETI, Dino. (Org.). *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003. p. 47-67.

PRETI, Dino. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

RECTOR, Mônica. *A fala dos jovens*. Petrópolis: Vozes, 1994.

REDONDO, Nélica. La construcción de una imagen social de la vejez. In: CONGRESO ESPAÑOL DE SOCIOLOGÍA, 4., Madrid, set. 1992 GT Sociologia de las Edades.

ROSALDO, M. "Toward an anthropology of self and feeling" In: SHWEDER, R. A. e LEVINE, R. A. (eds.). *Culture and theory: essays on mind, self and emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

SAGRERA, Martín. *El edadismo contra "jóvenes" y "viejos": la discriminación universal*. Editorial Fundamentos: Madrid, 1992.

SANTOS, Dulcelina Silva dos. *Prestígio lingüístico e ensino da língua materna*. Porto: Porto Editora, 2002.

SARUP, M. *Identity, culture and the postmodern world*. Edinburgo: Edinburgh University Press, 1996.

SCHARFSTEIN, Eloísa Adler. Do desamparo ao sonho: a reconstrução da identidade social de uma aluna idosa. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita (Org.). *Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 39-65.

- SILVA-CORVALÁN, C. *Sociolingüística: teoría y análisis*. México: Alhambra, 1989.
- SHOTTER, J. E GERGEN, K. *Texts of identity*. Londres: Sage, 1989.
- SMITH, N & D. WILSON. *Modern Linguistics – The Results of Chomsky’s Revolution*. Harmondsworth: Penguin Books, 1979.
- VAN DIJK, T.A. “Discourse as interaction in society”. In: VAN DIJK, T.A. (ed.). *Discourse as social interaction*. Londres: Sage, 1997.
- VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- VELASCO, Ideval. O léxico da pesca em Soure – Ilha do Marajó. In: RAZKY, Abdelhak. (Org.). *Estudos geo-sociolingüísticos no estado do Pará*. Belém: Editora Grafia, 2003. p. 155-172.
- VENTURA, Ruy. *Por uma toponímia realmente democrática*. www.geocities.yahoo.com.br/rsuttana/ruyvent2.htm. Acesso em: 27 abr. 2005.
- VIDOS, Benedeck Elmér. *Manual de lingüística românica*. Trad. José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.
- WEEKS, J. The value of difference. In: RUTHERFORD, J. (ed.). *Identity. Community, culture, difference*. Londres: Lawrence e Wishart, 1990.
- WIKIPÉDIA. Brasil. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal. Acesso em: 03 out. 2006.
- WILLIAMS, R. *Keywords: a vocabulary of culture and society*. Londres: Fontana/Croom Helm, 1976.
- ZÁRRAGA MORENO, José Luis de. Generaciones y grupos de edad. Consideraciones teóricas. In: CONGRESO ESPAÑOL DE SOCIOLOGÍA, 4., sept. 1992, Madrid.



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



NORMA URBANA, Identidade Social e Variação
(TOMO II)

por

MARCELA MOURA TORRES PAIM

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Suzana Alice Marcelino Cardoso

SALVADOR
2007



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



NORMA URBANA, Identidade Social e Variação
(TOMO II)

por

MARCELA MOURA TORRES PAIM

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Suzana Alice Marcelino Cardoso

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutora em Letras.

SALVADOR
2007

ANEXO I

INTRODUÇÃO

Um dos fenômenos mais intrigantes para entender a vida humana é compreender como o ser humano torna-se a pessoa que é. Esse processo tem despertado o interesse de várias disciplinas nas Ciências Humanas, provavelmente devido à percepção sociopolítica de um mundo plural em que modos de ver a experiência humana de forma homogênea dão lugar a heterogeneidade que nos constitui ou ao intrincado mosaico de que o ser humano é feito. À luta sociopolítica pelo direito à diferença na vida social em um mundo iluminado pelo múltiplo e pelo heterogêneo, em que se apaga uma sociedade exclusiva e hegemonicamente branca, heterossexual e masculina, entre outros traços de identidades sociais, corresponde um grande interesse nas Ciências Humanas pela reflexão sobre quem cada um é no mundo social. É assim que o termo *identidade* se tornou uma palavra chave; há congressos, palestras, livros e artigos sobre cada aspecto da identidade que se possa imaginar.

Além disso, as mudanças rápidas que as sociedades têm enfrentado ultimamente – tais como a locomoção/migração de um continente a outro, em curto espaço de tempo, e a comunicação via meios eletrônicos, em tempo real – têm tornado mais e mais aparente a existência de confrontos identitários ao mesmo tempo em que possibilitam processos de exposição a outras identidades e, portanto, de recomposição de quem se é diante do outro. Fala-se hoje de processos de reformulação de identidades causados por uma geografia pós-moderna nos meios de comunicação de transmissão a cabo e via satélite. Tais transformações são experiências únicas na história da humanidade e motivam um grande interesse pela questão da identidade social.

No processo de construção da identidade social do indivíduo, por outro lado, a vida institucional tem também sido fruto de muita atenção, pois a identidade é de algum modo, um efeito de socialização institucional. O discurso certamente representa papel central nessa construção. Isso quer dizer que os significados construídos no discurso sobre a vida social, paralelamente a outros significados a que as pessoas são expostas em outras práticas discursivas das quais participam, desempenham papel central na legitimação das identidades sociais.

Essa é uma das motivações de compromisso com a Lingüística, da pesquisa que vem desenvolvendo-se desde o início de 2003 e da qual, a partir de 2005, produziu-se um outro

recorte para aprofundamento, que resultou no trabalho que se submete a julgamento. A outra motivação é um compromisso com o estudo da língua portuguesa: precisa-se de dados, precisa-se proceder a levantamentos, são necessários elementos sobre os quais refletir, para a consecução de estudos com a língua nativa.

Esse tomo compreende os Anexos: (i) listagem das estruturas de tempo (pontuais e fraseológicas) em ordem alfabética e (ii) listagem das expressões de tempo em seus contextos de ocorrência, segundo ocorre em inquéritos DID e D2 do Projeto NURC das cidades de Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador.

O inquérito do tipo DID registra a fala de um informante auxiliado por um pesquisador, o documentador. A sigla refere-se a uma entrevista da qual participam o documentador e o informante, observando-se que o pesquisador conduz a gravação, interrogando sobre tema previamente selecionado.

Nos inquéritos do tipo D2, há o diálogo entre dois informantes em que o pesquisador participa minimamente da gravação, apenas para orientar os informantes, estimulá-los para que seus depoimentos se mantenham ativos e para que eles não se afastem do grupo semântico selecionado para aquela gravação.

Assim é que nesses dois tipos de registro da fala podem-se observar graus diferentes de atitudes por parte do falante que oscila entre um tipo mais natural e menos tenso, como nos inquéritos D2, a um grau de tensão intermediário, como nos inquéritos do tipo DID. Para observar alguns aspectos do falar diário, é conveniente focalizar-se as gravações dos inquéritos D2, por serem eles os que oferecem a possibilidade de uma fala mais espontânea.

Feitas estas considerações iniciais, é necessário registrar a consciência do caráter panorâmico desse trabalho e a esperança de que esta abordagem possa servir de ponto de partida para futuros trabalhos.

LISTAGEM DAS EXPRESSÕES DE TEMPO

ESTRUTURAS PONTUAIS

Agora
Anteriormente
Antes
Antigamente
Atualmente
Dantes
Depois
Hoje
Inicialmente
Nunca
Recentemente
Sempre
Ultimamente

ESTRUTURAS FRASEOLÓGICAS

A cada ano
A época
A última vez que eu fui à Argentina
Agora há pouco
Ainda há pouco
Ainda hoje
Alguns tempos atrás
Antes da Revolução
Antes de sete anos
Antes disso
Antes do governo terminar
Ao longo desses quatro anos
Ao século passado
Aos sete anos
Aquele época
Até agora
Até bem pouco tempo
Até há pouco tempo mesmo
Até hoje
Até o mês passado
Até os dezenove anos
Até pouco tempo
Até trinta
Até trinta e quatro

Até vinte
Cem anos atrás
Certa feita
Cinqüenta anos atrás
Com a idade hoje oitenta e nove
Com cinco anos
Com dezenove anos
Com dezessete anos
Com nove anos
Com o tempo
Com sete anos
Com trinta e três anos
Com vinte e um anos
Começo do século
Da época
Da Idade Média
Da minha época
Da minha infância
Da nossa geração
Daquela época
Daquele tempo
Daqueles tempos das guerras do cacau
De algumas décadas passadas
De dois ou três anos
De época
De épocas anteriores
De hoje
De novembro de mil novecentos e quarenta e três
De primeiro momento
De sessenta e quatro
De sessenta e sete
De três a treze
De uma época
De uma época passada
De uns anos pra cá
De uns tempos para cá
De uns vinte anos pra cá
De vez em quando
De vinte e nove de abril de oitenta e oito
Depois de certo tempo
Depois de dezesseis anos
Depois de pequeno
Depois de quase um ano ou dois
Depois de uma semana de peripécia
Depois de viúva
Depois dessa história
Depois desse surto de construções

Depois disso
Depois disto
Depois o homem passou a valer o que tinha
Depois que cessou essa época
Desde a gestação
Desde aí
Desde aquela época
Desde aquele tempo
Desde menina
Desde muito tenra idade
Desde o primeiro ano
Desde o primeiro ano primário
Desde o projeto até a entrega da obra
Desde os sete anos
Desde pequena
Desde que me formei
Desde que o Uruguai saiu daquele governo colegiado
Desde sempre
Desde sete... oito anos
Dezenove anos
Do ano passado
Do antigo
Do meu tempo
Do século dezoito
Do século vinte
Do tempo de meu pai
Dos dias de hoje
Dos tempos heróicos
Durante alguns anos
Durante aquele tempo todo
Durante mês de junho julho
Durante muito tempo
Durante o meu tempo acadêmico
Durante o período do século passado
Durante os seis anos
Durante quatro anos
Durante uns três meses
Durante vinte e cinco anos
Duzentos anos antes
É de meu tempo
É do seu tempo
Em cinqüenta e quatro
Em cinqüenta... sessenta e seis
Em criança
Em dez
Em época anterior
Em fevereiro

Em julho
Em mil e novecentos
Em mil novecentos e cinquenta
Em mil novecentos e dez
Em mil novecentos e doze
Em mil novecentos e quarenta e sete... quarenta e oito
Em mil novecentos e um
Em mil novecentos e um... quatro de maio
Em mil novecentos e trinta
Em mil novecentos e trinta e cinco
Em mil novecentos e sessenta
Em mil novecentos e vinte e dois
Em mil oitocentos e pouco
Em mil oitocentos e setenta
Em pequena
Em pouco mais de dez anos
Em quarenta
Em quarenta e sete
Em quarenta sete... quarenta e oito
Em quatrocentos anos ou quinhentos anos
Em sessenta
Em sessenta e nove
Em sessenta e oito
Em sessenta e seis
Em sessenta e sete
Em sete
Em setembro de setenta e três
Em setenta e quatro
Em setenta e sete
Em termos atuais
Em termos de Idade Média
Em trinta
Em trinta e dois
Em trinta e quatro
Em vinte e cinco
Em vinte e um de outubro
Era uma época que se usava mais flores
Essa nossa geração
Esse ano
Este ano
Faz tempo
Foi uma época muito gostosa
Há alguns anos
Há alguns anos atrás
Há anos passados
Há bastante tempo
Há bem pouco tempo

Há cem anos atrás
Há cinqüenta e tantos anos
Há cinqüenta e tantos anos atrás
Há dezessete anos
Há dois anos atrás
Há mais anos
Há mais de cinqüenta anos
Há mais de quinze anos
Há mais de vinte
Há muito
Há muitos anos
Há muito tempo
Há muito tempo atrás
Há pouco
Há pouco tempo
Há pouco tempo atrás
Há poucos dias
Há quase dezesseis anos
Há quatro anos
Há quinze dias atrás
Há sete anos
Há tanto tempo
Há tempos atrás
Há três anos
Há trinta anos
Há trinta anos atrás
Há um ano atrás
Há um ano passado ou dois
Há um pouco tempo
Há uma questão de sete ou oito anos atrás
Há uns... alguns anos passados
Há uns anos
Há uns dezesseis anos
Há uns quinze... dezesseis anos
Há uns trinta anos
Há uns vinte anos
Há vários anos
Há vinte anos
Há vinte anos atrás
Hoje em dia
Já está em tempo de pintar
Já foi o tempo que o homem valia o que tinha
Já tem tanto tempo que eu já esqueci
Logo depois do casamento
Logo no início do século
Logo que ele abriu
Logo que nós viemos pra aqui

Mil novecentos e setenta
Na década de cinquenta mais ou menos
Na época
Na época atual
Na época áurea
Na época da gestação
Na época da guerra
Na época da política
Na época de apresentação do filme
Na época de eu me mudar pro apartamento
Na época de minha formatura
Na época de orquídeas
Na época de política
Na época do auge da inflação
Na época do carnaval
Na época que eu tive no Rio
Na era do concreto armado
Na hora em que eu ia para o ar o Bem Amado
Na hora que o indivíduo vai procurar uma terapia
Na Idade Média
Na mesma época
Na minha época
Na minha infância
Na ocasião
Na ocasião em que
Não sou do tempo
Naquela época
Naquela era dos musicais
Naquela hora
Naquela ocasião
Naquele ano
Naquele dia
Naquele momento
Naquele período
Naquele período áureo de sessenta e oito
Naquele período áureo do eixo
Naquele tempo
Nessa época
Nessa ocasião
Nessa Revolução
Nesse dia
Nesse mês
Nesse tempo
Nesses últimos anos
Nesses últimos vinte anos
Nesta época
Nesta ocasião

Neste ano
Neste exato momento
Neste tempo
No ano de trinta e um até quase trinta e quatro
No ano passado
No ano retrasado
No dia dezanove de setembro de mil novecentos e trinta e cinco
No dia dois de janeiro
No dia que eu me formei
No fim de sessenta e seis
No fim do governo João Goulart
No início
No início do século
No início o homem valia o que era
No Jardim de Infância
No meu tempo
No meu tempo de fazer curso de psicologia infantil
No meu tempo de menino
No meu último ano de curso normal
No momento
No momento em que ele imigrou
No nosso tempo
No princípio do século
No século dezanove
No tempo
No tempo da guerra
No tempo de D. Pedro II
No tempo dele
No tempo do Brasil Império
No tempo em que Boa Viagem era mar
No tempo em que eu ainda fiz programa em televisão
No tempo em que eu trabalhava no curso secundário
No tempo que meu marido serviu no exército na guerra
No tempo que se usava psicologia portuguesa
No tempo que séculos e séculos atrás o teatro fazia sucesso
No tempo que teve aí uns cabelo compridos
Nos dez dias depois
Nos tempos de hoje
Nos últimos tempos
Nos últimos vinte anos
Nosso tempo de primário
Num período de decadência
Numa época anormal
Numa época em que por exemplo o trabalho era bem artesanal
Numa época ou noutra
Numa ocasião em que eu mudei de editora
O ano passado

O fim do século passado
O nosso tempo
O tempo de seus avós... seus bisavós
Outra época
Outro dia
Para séculos e séculos
Pouco tempo atrás
Poucos anos atrás
Pra época
Pra minha época
Pro meu tempo de acadêmico
Quando a criança nasce
Quando a gente atravessasse o rio Paraná naquele vaporzinho
Quando a gente escolhe uma profissão
Quando a gente ia ficando mais moço
Quando a gente vinha de farra de boate
Quando a irmãzinha faleceu
Quando a minha casa silenciou
Quando acabou a história
Quando áureos eram os tempos do fascismo
Quando caiu a bomba atômica
Quando chegava
Quando cheguei
Quando começamos
Quando começaram os primeiros contatos com aquela grande escola de história cultural de Viena
Quando criança
Quando davam bons resultados
Quando deixa pra casar depois
Quando é que nós vamos ter metrô
Quando ela cresce
Quando ela nasceu
Quando elas põem aquele manto
Quando ele acaba de pagar
Quando ele me incubiu disso
Quando ele precisa de dinheiro
Quando ele veio para São Paulo
Quando eles voltam das férias
Quando entrei pra escola
Quando era aluno da escola
Quando era criança
Quando era grande
Quando era menina
Quando era menino
Quando era pequena
Quando era pequenininho
Quando era perto do Natal ou do São João

Quando éramos pequena
Quando essas gerações mudarem
Quando estava em casa
Quando estava em Juiz de Fora
Quando estavam fazendo a obra do esgoto ali na rua da Paciência
Quando eu ainda era bem menina
Quando eu chegava da faculdade
Quando eu comecei a dar aula na universidade
Quando eu era bem rapaz
Quando eu era criança
Quando eu era guri
Quando eu era menina
Quando eu era menor
Quando eu era moça
Quando eu era mocinha
Quando eu era muito pequena
Quando eu era pequena
Quando eu era professora
Quando eu era professora primária
Quando eu estive em Washington
Quando eu estive uma vez em Uberaba
Quando eu estou precisando
Quando eu estudei
Quando eu fiz o meu curso
Quando eu fui
Quando eu fui artista
Quando eu fui às sete
Quando eu ia de Frankfurt pra Marbourg
Quando eu já estava acho que começando na minha carreira de jornalista
Quando eu levei muito bolo
Quando eu me casei
Quando eu me lembro
Quando eu morava na minha casa
Quando eu morava na Tijuca
Quando eu noivei
Quando eu passo muito tempo na cidade
Quando eu pego o carro
Quando eu saio e compro um perfume caro
Quando eu terminei a escola de biblioteconomia
Quando eu tinha dois anos e meio... três anos de idade
Quando eu tinha seis anos
Quando eu tive a Ângela
Quando eu tive a minha filha
Quando eu tive no Rio
Quando eu tive que trabalhar
Quando eu vejo o ecumenismo
Quando eu via esses animais com esse poder todo

Quando eu viajo
Quando eu vou à São Paulo
Quando eu vou assim à fazenda
Quando eu vou para o centro
Quando eu vou pra estrada
Quando fizeram a Avenida Sete
Quando foi lançada a primeira televisão
Quando fui
Quando instalarem essas novas centrais
Quando me casei
Quando meu irmão divisou do outro lado daquela fila pra entrar
Quando meus sobrinhos tavam lá
Quando muito pequeno
Quando não existia o regime de tempo integral
Quando não havia gado
Quando no cinema
Quando nós casamos
Quando nós chegamos à Iguaçu
Quando nós chegamos aqui
Quando nós éramos mais velhos
Quando nós fomos fazer aquela viagem lá em Iguaçu e salto das sete quedas
Quando nós íamos pras férias
Quando nós não nos comportávamos bem
Quando nós temos de botar fora
Quando nós terminávamos o curso secundário
Quando nós vamos desapropriar algum terreno
Quando o camarada casa com vinte anos... com vinte e dois... com vinte e três
Quando o chanceler Gibson Barbosa era nosso ministro das relações exteriores
Quando o filho nasce
Quando o governo obrigou a companhia a devolver
Quando o Japão atacou os Estados Unidos
Quando o padeiro trazia o pão em casa e o verdureiro batia na porta... o carniceiro trazia carne escolhida... o armazém vinha perguntar de manhã quanto que precisa
Quando o palácio ia dar festa no jardim
Quando o pessoal saía da calçada
Quando o sujeito pudesse botar de vinte em diante
Quando papai era diretor de um determinado instituto aqui de Recife
Quando passa para adulto
Quando pequeno
Quando se dá preço
Quando se fundou a primeira escola de biblioteconomia do Brasil
Quando se ouve um rádio brasileiro
Quando se pede a TV
Quando somos pequenos
Quando souberam que era particular
Quando surgiu
Quando tem filho

Quando tinha sete... nove... onze
Quando um locutor ia fazer um teste
Quando uma coisa dá certo
Quando uma mãe dá liberdade total pra criança
Quando vê uma garota com aquela roupa
Quando vêm os filhos
Quando viajou com meu pai
Quando vinha o (Sarrazane) aqui no Rio
Quando viram que era particular
Quando vive no interior
Quando você consegue uma mudança de casta
Quando você está falando de agora ser mais fácil
Quando você lida com gente que tem uma certa gente importante
Quando você vai ao Paraná
Quando você vai para Aliança
Quase um ano
Quatrocentos e cinqüenta anos
Quatrocentos e oitenta anos
Século dezenove
Sessenta e nove
Setenta
Tem vinte e um
Tinha época que
Tinha épocas que
Três meses antes
Trezentos e sessenta anos
Um ano
Um dia
Um dia desses
Um pouquinho antes
Uma certa época
Uma época
Uma época na minha vida
Uma vez que fiz teatro
Uns cem anos atrás
Uns poucos anos
Uns três anos atrás
Vinte anos atrás

LISTAGEM DAS EXPRESSÕES DE TEMPO EM SEUS CONTEXTOS DE OCORRÊNCIA

ESTRUTURAS PONTUAIS

Ocorrências de AGORA

- (1). “[...] quando nós chegamos aqui não havia nenhuma casa nem mesmo por perto *agora* que você vê que existe algumas construções [...]”. (DID – 004/RE/70 – linhas 172-173)
- (2). “[...] a... a empregada fica sem a chave com uma corrente passada... quer dizer... quando ela abre a porta dá uma pequena passagem pra você se comunicar com a pessoa que está do lado de fora... sem haver o perigo de uma intromissão... *agora* atualmente em matéria de segurança também nós pretendemos colocar grades na janela [...]”. (DID – 084/RJ/70 – linhas 498-503)
- (3). “[...] *agora* mesmo... *agora* mesmo... estou vendo... eles montarem aí esse Mirage não é? que está acabando de chegar na França... e eles estão montando... não é? mas não tenho nem idéia... do que seja... que eu viajava naqueles... que eles chamavam de DC8... não é?” (DID – 112/RJ/70 – linhas 354-358)
- (4). “[...] de sorte que o transporte... é simplesmente no braço mesmo... na bolsa ou então *agora*... tem esses garotos com esse carrinho... então... faço as compras... entrego a ele e ele traz pra cá [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 708-711)
- (5). “[...] detesto provar roupa... ultimamente eu compro vestido pronto... porque *agora*... então... depois de velha... a... a preguiça aumentou... né?”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 07-09)
- (6). “[...] hoje em dia eu já estou me acostumando... eu me espantava quando eu encontrava os homens em manga de camisa ainda em certos ambientes... isso ainda me chocava... *agora*... hoje em dia... já nem me choco mais... está certo [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 212-216)
- (7). “[...] eu acho que as lojas de homem são lindíssimas... a gente encontra até coisa mais bonita em homem do que em... então... *agora*... com o **unique sexe** então... está pra mim... porque às vezes a gente quer comprar um... um **blaser** que a gente não encontra em loja de mulher e vai na loja de homem e encontra [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 372-377)
- (8). “[...] outro dia eu fui aí... a se/mulher de Sears queria me empurrar um creme... eu digo... minha filha... eu nunca usei nada... quando eu era moça... *agora* é que eu não vou usar... eu gosto é de apanhar sol... me queimar... me descascar... não me descasco não... que eu *agora* já estou curtida... gosto é disso... minha filha... não... não quero nada de creme... não [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 573-579)
- (9). “[...] às vezes o... a branca é que faz o **black-power**... né? se bem que ele já está caindo... e o preto alisando o cabelo e a... e a branca às vezes encrespando e... *agora* já acabou essa moda () pouco tempo atrás... uns poucos anos [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 611-614)

(10). “[...] não... larga... gravatinha comum... não é como essas borboletonas *agora*... essas borboletaças que usam... que eu acho bonito... ah... eu estou dizendo a você que eu estou na onda... M.H [...]” (DID – 317/RJ/70 – linhas 757-760)

(11). “[...] uma babá que nós tínhamos aqui... que morreu *agora*... no dia dois de janeiro vai fazer do... um ano *agora*... que era um amor de pessoa... disse... dona L... que ela era muito mais **rafinée** do que eu... muito mais... você pensa que ela ia deixar eu sair assim? jamais [...]” (DID – 317/RJ/70 – linhas 845-849)

(12). “[...] existem as máquinas de oito milímetros... geralmente essas de oito milímetros são usadas mais em casa... ou naqueles fil... naqueles cinemas antigos... né? depois... dezesseis milímetros... que há pouco tempo também era usada em cinemas... e *agora* as mais modernas são setenta milímetros... que muitos até usam para aquelas telas superpanôramicas... pra dar idéia até do... terceira dimensão... que na realidade não é terceira dimensão... né [...]” (DID – 138/SSA/70 – linhas 265-274)

(13). “[...] se fosse na minha casa... por exemplo... você encontraria televisor... radiola... eh... o que mais... meu Deus? gravador nem sempre – o gravador pode ser a pilhas... não é... não precisa ser somente elétrico... movido a eletricidade... rádio também a gente pode encontrar a pilhas... atualmente... antigamente não... e... *Agora*... independente disso... coisas consideradas... eh... eletrodomésticos... né [...]” (DID – 173/SSA/70 – linhas 559-567)

(14). “[...] eu não observo muito... mas por esses apresentadores de televisão... (rindo) eu creio que as golas *agora* es... estão mais largas do que... vamos dizer... há um ano passado ou dois... mas também nisso não houve muita diferença não”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 100-104)

(15). “[...] é pra ficar bom... tem que ter uma calça com... mas tem que ter uma perneira... mas eu acho que *agora* não usa mais assim né?”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 148-151)

(16). “[...] o colarinho... antigamente... o colarinho duro era... ele tinha essa consistência devido à quantidade de goma empregada... quando havia quem fosse capaz de passar o colarinho e ficar impecável... mas isso foi desaparecendo... antigamente... usavam goma e parafina... etc. *agora*... os colarinhos têm entretela e pela... pelo lado do avesso vem uma parte com um pospontozinho... onde se introduz uma como que lingüeta de matéria plástica... para que o colarinho fique bem apumado”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 350-362)

(17). “[...] *agora* nós estamos usando m... mangas largas... mas por uma questão somente de... de moda... mas o casaco não... porque é feito para ser colocado em cima duma outra roupa [...]” (DID – 159/SSA/70 – linhas 426-429)

(18). “[...] bom... mas normalmente um homem usa lenço... uma carteira de cédulas... uma carteira para documentos – uma carteirinha... *agora* estão vendendo... né... essas... especial mesmo pra isso... pra carteira de identidade... etc. – e uma caneta... uma lapiseira... uma cadernetinha de notas e papéis outros que ele possa utilizar ou tenha utilizado durante o dia”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 683-690)

(19). “[...] o mais comum é o chapéu... e *agora* nós vamos retornando a moda do boné”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 736-737)

(20). “*Doc.*- *agora*... os chapéus mais resistentes para trabalhadores de minas ou para militares?

Inf.- para os... os trabalhadores não só de minas... como *agora* até o das construções... não é?”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 780-783)

(21). “[...] eu não ouvia muit/ quer dizer sempre:: em casa quand/ quando estava em casa eu ouvia muito porque eu gosto de música entende não... podia estar em casa assim fazer tema qualquer coisa sem ouvir música então eu ligava o rádio... aí... *aGOra* principalmente que

estou em casa () inclusive eu vou dormir eu ligo o radinho estou sempre com rádio ligado [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 50-57)

(22). “[...] olha eu acho que o Dez atualmente está com uma seleção de filmes muito melhores... apesar que o Doze *agora* vai entrar também com colorido e:... e está melhorando a:... programação... acho que por causa disso que eu fico com o Dez...”. (DID – 121/POA/70 – linhas 220-225)

(23). “[...] eu não fico a noi/ a noite inteira eu acho que é por isso mesmo que *agora* estou vendo televisão por causa da cor porque é colorido se não eu ficava (um pouquinho) às nove horas eu já estava na cama e *agora* tem os filmes todos coloridos... nem ao cinema eu tenho mais ido... fiquei tão presa... que estou lá ((ri))”. (DID – 121/POA/70 – linhas 290-298)

(24). “[...] olha eu NÃO tenho eu não tenho dias preferidos mas aqui em casa... antigamente *agora* já não porque:... os horários nos/ os horários das das filhas estão... eh divergindo uma chega às sete e meia oito horas outra chega às seis outro dia eu chego às nove assim varia muito quando () também mas nós tínhamos terças-feiras de noite toda família ia ao cinema era o pai a mãe e as três filhas e a minha tia que é solteira e mora aí em frente ia ao cinema quer dizer era sagrado a sessão das sete e meia nos bairros ou às oito (o dia)... todas as terças-feiras e *agora*::... eu não tenho um dia fixo assim eu vou um dia quarta um dia quinta ou sábado ou domingo não tem... dia fixo não tem”. (DID – 121/POA/70 – linhas 743-757)

(25). “[...] muitas vezes o profissional é buscado até em outro esTAdo é:: isso em função de um sistema de propaganda... *agora*:: u::/ ultimamente algumas empresas vê despertando para essa necessidade [...]”. (DID – 08/POA/70 – linhas 203-207)

(26). “[...] ainda há muita incompreensão ainda há::... de parte de muita gente... o reconhecimento ainda não total DA profissão... e das necessidades de serviço tenho a impressão de que... *agora*... as coisas já estão melhorando... mais... mas... eu acho que eu não verei... a realização total disso”. (DID – 344/POA/70 – linhas 109-115)

(27). “[...] parece que *agora* algumas escolas... ah:: estão de nível secundário desse nível de segundo grau... estão preparan::do... ah:: os alunos [...]”. (DID – 344/POA/70 – linhas 224-227)

(28). “[...] eu acho que se não fosse bibliotecária e tivesse talento gostaria de escrever... ((risos)) se eu tivesse talento... mas acho que *agora* eu não tenho mais”. (DID – 344/POA/70 – linhas 513-515)

(29). “[...] se for o caso de algum::... vestido algum forro pra mudar:: uma bainha pra encomprar:: não é?... encurtar:: aí eu tenho uma pessoa que faz esse serviço pra mim às vezes a domicílio e outras vezes não... procuro sempre alguém... mas via de regra compro pronto o que posso... *agora* hoje já não tenho mais tempo de... gostaria de poder continuar... no sistema da:: sob medida não é? ((risos)) [...]”. (DID – 344/POA/70 – linhas 585-594)

(30). “[...] bem eu acho que as empregadas domésticas *agora* já estão se conscientizando mais... dos direitos... se bem que eu acho que não muito das suas obrigações ((risos))... dos seus deveres ((risos)) [...]”. (DID – 344/POA/70 – linhas 603-604)

(31). “[...] acho que com o tempo nós não vamos ter empregadas domésticas como... tínhamos até *agora*... acho que a crise já está (aí)... se aproximando eu acho que () não tinham outras condições de poder trabalhar então tinham que se sujeitar a isso... mas nós por exemplo lá em casa... (está) a que está lá (cuidando da) minha cunhada... e eu não tenho *agora*... estou sem empregada... mas ela está só procurando... dar à filha... as melhores

oportunidades para que estude e está incentivando... e está procurando entende? ah:: DESVIA-la da necessidade de se tornarem domésticas... e poderem... eh:: competir no mercado de trabalho (digamos assim) como nos Estados Unidos e exterior... e eu acho que talvez *agora* estão amparando mais... se bem que acho que não está ainda ideal mas... elas são melhor amparadas digamos”. (DID – 344/POA/70 – linhas 618-636)

(32). “[...] a a:: formatura da minha turma coincidiu... com as festividades... Farroupilha... Centenário Farroupilha... isto em mil novecentos e trinta e cinco... de modo que tivemos uma:: formatura muito boni::ta... uma colação de grau sole::ne... todos nós de casa::cas... e eu até estou me vendo assim muito garBO::so naquela ocasião não tinha cabelos brancos como tenho *agora*... o que já era uma grande vantagem [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 40-49)

(33). “[...] quando MUIto pequeno... até estive no Colégio dos Anjos colégio de de:: que hoje nem existe mais o Colégio dos Anjos... era um colégio de freiras... mas aí muito pequeno por isso que até nem citei de de início... aliás não me recordava mesmo... era um colégio misto colégio de freiras... ficava hoje até ainda tem a igreja dos Anjos... Nossa Senhora dos Anjos fica na Rua Vigário José Inácio... *agora* o colégio não existe mais... e aí ia eu com o meu aventalzinho... meu uniforme aventalzinho... ia pro colégio com a com as irmãs mais moças”. (DID – 06/POA/70 – linhas 70-81)

(34). “[...] gostava muito de tocar na banda do ginásio... a banda não era como *agora*... era uma banda pequena... essa banda só:: só tinha corneteriros e tamboreiros... não tinha esses instrumentos que tem hoje [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 90-94)

(35). “nós entrávamos de fila... fila indiana... um atrás do outro... (agora) entrávamos lá no no:: no pátio aí sim cada um naturalmente ia chegando e entrando ia:: fazendo o que quisesse *agora* depois que tocavam uma sineta... o irmão tocava uma sineta... e nós então cada um ia pra porta da sua sala e então ficávamos em fila indiana... e *agora* já que se falou nisso também me lembro... que depois de certo tempo quando a gente ia ficando mais... mais moço... é que nós saímos do ginásio... e o Ginásio Rosário ficava onde é hoje... a casa do Senhor Arcebispo... sabe onde é? na::quela descida... na esquina da Catedral tem aquela descida... chamava-se antigamente o Beco do Império... hoje eu não sei o nome”. (DID – 06/POA/70 – linhas 373-388)

(36). “[...] hoje não... se estuda doutra maneira comPLEtamente difeRENte não tem mais o bê-a-bá-bê-a... né?... como nós fazíamos antigamente... mas assim uma difiCIÊNcia que me pudesse chamar a atenÇÃO... não chamava... pelo menos na ocasião... *agora* nós... vamos convir... todos nós temos e tem que ser assim... que estão mais aperfeiçoAdos... mas era a Época... eu acho que esta/estávamos tão bem NÓS naquela Época como estão os de hoje... sendo que eu acho que HOje... evoluiu MUIto”. (DID – 06/POA/70 – linhas 510-521)

(37). “[...] tanto no ginásio como na própria faculdade hoje e/eles têm... hoje tem microscópio (parece) para cada aluno... nós não tínhamos isso... mas eu reconheço que tinha que ser assim... naquela ocasião... isso absolutamente ainda porque:: na minha turma mesmo tenho:: colegas briLHANtes aí... briLHANdo na medicina... tenho até:: colegas meus de turma cateDRÁTicos da faculdade... de modo que nós podíamos estudar... e a prova provada está aí o que eu estou dizendo... tenho tem colegas de turma que são... catedráticos... hoje na faculdade... e estudou durante todo o ano os seis anos que eu estudei... de modo que não havia isto desta falta... *agora*... naturalmente há uma diferença muito grande... mas também exigir... que nós tivéssemos... naQUEla ocasião... naQUEla época... o progresso de HOje... seria exigir demais [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 538-556)

- (38). “[...] pela lei pela nova lei... de ensino né?... nível universitário... todo mundo tem que ter toda pessoa... tem que ter nível de Pedagogia pra ensinar... só pode ser um pedagogo *agora*... antigamente nós tínhamos advogado engenheiro... toda essa ahn esse pessoal... fazendo opção de Pedagogia... e lecionando... atualmente é proibido [...]”. (DID – 251/SP/70 – linhas 104-110)
- (39). “[...] eu acho... que de uma forma geral... existe a é eu acho que é equilibrado... a procura dos médicos pra... pra:: a especialização... acho que uma que *agora* está sendo muito procurada e que não era... e não se fazia há pouco há tempos atrás é a plástica... porque a plástica era um tabu... e ao passo que *aGOra*:: é um negócio assim... bastante normal né? [...]”. (DID – 251/SP/70 – linhas 244-250)
- (40). “[...] o engenheiro pode projetar *agora* po/ ela pode ser feita por um desenhista... podendo também ser feita pelo engenheiro... *agora*... existem até emPREIteiros que fazem plantas né?... mas elas pra serem aprovadas têm que ser naturalmente... assinadas por um engenheiro:: registrado né?”. (DID – 251/SP/70 – linhas 300-305)
- (41). “[...] essa outra... negócio de fogoe::te esses engenheiros que lidam com isso quer dizer é uma especificação... mais nova né? eles tomaram mais vulto *agora* do que:: antigamente né?”. (DID – 251/SP/70 – linhas 330-333)
- (42). “[...] uma coisa que eu gostaria muito de ter feito não fiz não sei porque talvez por falta de incentivo... ao que se dedicam:: antigamente era mais da parte da geografia isso... ao oceano... *agora* partô/ passou mais pra parte de ciências [...]”. (DID – 251/SP/70 – linhas 377-382)
- (43). “[...] eu acho que... os instrumentistas que não são médicos são:: enfermeiras ou os enfermeiros... as enfermeiras que são formadas realmente... e as atendentes... e o corpo de::... de serviços... *agora* existem hospitais que têm o... aquela parte já mais::... nuns hospital bem mais modernos na parte de laboraTÓrio... que trabalham (inclu/) alguns médicos... que são especializados nisso... ou então os que têm cursos né? [...]”. (DID – 251/SP/70 – linhas 395-403)
- (44). “[...] tive um irmão que trabalhou em banco... quer dizer... aPEnas no grau de funcionário... onde adquiriu muito renome... chamava-se Mário... esse meu irmão... Mário de Andrada e Silva... éh::... embora no tempo dele ele tenha si/ sido mais célebre como... futebolista... amador... no Clube Atlético Paulistano... do que como funcionário de banco... mas em todo caso foi funcionário do Banco Comercial... e... *agora*... o que eu conheço de bancos... deriva simplesmente do trato... normal... entre um... peQUEno depositante... que eu sou... porque a gente tem que guardar o dinheiro em algum lugar [...]”. (DID – 250/SP/70 – linhas 19-31)
- (45). “[...] os:: advogados cobram vinte por cento do valor da causa... mas podem cobrar menos... eu por exemplo *agora*... assinei... procuração... e aceitei as condições do contrato de honorários com advogados que estão... ahn... procurando obter na justiça... um reajustamento ahn... de vencimentos... dos professores universitários [...]”. (DID – 250/SP/70 – linhas 278-284)
- (46). “[...] *aGOra*... as missas estão todas com muita participação... eles estão até pedindo a pessoa que vão ajudar... não é? antigamente era o serviço feito só por aqueles meninos... que se chamavam coroinhas não é?”. (DID – 242/SP/70 – linhas 569-572)
- (47). “[...] *agora*... o que eu acho que melhorou MUIto na missa... nas missas modernas... em relação às missas antigas... porque uma das coisas que eu NÃO acho que foi bom... foi aquele exaGero que começou haver de modernis::mo... com relação a músicas e tudo mais... um exagero que não... não combinava com o ambiente... da igreja... mas atualmente

eu tenho assistido missas... que eu considero... magníficas... posso citar por exemplo...umas que foram realizadas... na... ahn... PUC na igreja da PUC... há uns dois ou três padres lá que eu acho que são assim extraordinários [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 595-605)

(48). “[...] eu fui criada num ambiente diferente... quem sabe se essa geração atual... sendo *agora* criada nesse ambiente... enCONtre... conforto nessas igrejas peladas... vazias... sem nada”. (DID – 242/SP/70 – linhas 664-668)

(49). “*Inf. 2-* na parte do telefone melhorou um bocado *agora* com essa expansão... você sabe que: anteriormente... nós tínhamos muitos poucos telefones... e: com essa expansão a coisa melhorou... mas mesmo assim... ainda tá dando uma grande confusão aí que você não consegue linha... vamos ver se normaliza quando: instalarem essas novas centrais [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 426-432)

(50). “*Inf. 1-* eu não sei a minha experiência com essa história de telefone éh:: simplesmente catastrófica... antigamente... digo antigamente digo poucos anos atrás os telefones pelo menos os nossos funcionavam normalmente... *agora*... eles vão abrindo novas linhas novas linhas as centrais são muito pequenas pra... absorver... todas essas linhas novas que eles estão abrindo conclusão a gente só consegue ligação na minha casa entre seis e oito horas da manhã [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 433-441)

(51). “*Inf. 1-* é normalmente quando a gente saía *agora* não que a gente comprou assinatura mas... quando a gente vinha de farra de boate tavam eles gritando de manhã cedo comendo aqueles cachorro quente cheirosos... tomando aquelas... aquelas acho que é geladas né ou qualquer coisa com isso”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 674-679)

(52). “*Inf. 1-* [...] atualmente a: empresa de: a empresa:: correio e telégrafo brasileiro passou por uma:... modificação tremenda... por exemplo a gente já pode saber que às duas horas da tarde o carteiro bate lá em casa e quando bate palma já sabe que é o carteiro... eles são pontualíssimos... os selos que às vezes vinham faltando nas cartas... *agora*... estão vindo... direitinho nas cartas que de vez em quando vinham abertas já não vêm mais [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 753-761)

(53). “*Inf. 1-* [...] antigamente tive problema por exemplo cartas que num num chegaram... cartas que num volta:ram *agora* acho caro... acho muito caro o correio que nós estamos pagando... muito caro [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 786-789)

(54). “*Inf. 2-* o tamanho do envelope aquilo ali é/ porque a seleção... é feita por uma máquina... a seleção é feita por uma máquina então se se tem envelope de tamanho diferente a máquina às vezes rejeita ou então interrompe a... a coisa... é um processo mecânico que eles estão utilizando *agora* recentemente”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 871-876)

(55). “*Inf. 2-* dona Flor e seus Dois Maridos

Inf. 1 – eu achei limpo um filme interessante engraçado diverte... até vamos dizer culto... e é feito por brasileiro quer dizer... PODERIA... poder-se-ia se dedicar: a esse tipo de filme assim... ou então como *agora* tão fazendo a:... a Guerra do: dos Guararapes... também... eu tive oportunidade de ver um trailer:... parece interessante [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 1077-1084)

(56). “*Inf. 1-* mas aqui copia-se demais aqui não se inova nada aqui tudo se copia... por exemplo... vejamos *agora*... chacinha tá copiando Fantástico... aquele menino Os Trapalhões tá copiando Fantás/ não é que eu veja televisão não que eu não tenho tempo não mas... eu tenho uma mãe que faz crochê... discute com meu pai estuda vê televisão e ensina inglês pro neto... bom... então ela liga a televisão... e à medida que eu entro pra tomar café

saio... volto... a televisão tá ligada... então dá pra você pegar assim pedaços... cinco minutos [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 1111-1121)

(57). “*Inf. 1-* [...] outra coisa a televisão... tá: conseguindo acabar uma coisa que existia muito em Recife existia muito no nordestino... o que se chama a visita a: vamos dizer assim a: coexistência familiar... você não vê mais a família conversando você não vê mais os primos se visitando quer dizer a família *agora* tá se restringindo exatamente ((ruído)) ao pai... a mãe e os filhos... ATÉ uma certa idade... depois não existe mais... e eu me lembro... e isso me dá saudade... que por exemplo eu... ainda hoje... tenho primos de quartos graus que se visitam... da minha época... que *agora* acabou [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 1082-1093)

(58). “*Inf. 1-* [...] tem esse programa *agora* de Pixinguinha de da música... deveria trazer também peças teatrais... equipes do sul: equipes daqui do norte... fazer com que esse Brasil se movimentasse mais... e: se aprendesse alguma coisa como existia antigamente né? e: não existe isso”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 1437-1442)

(59). “*Inf. 2-* eu acho que tá melhorando muito *agora* ainda estamos muito deficiente na: parte de transporte ferroviário... porque:... você sabe... nos países mais desenvolvidos o transporte assim... mais utilizado é o transporte ferroviário [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 1565-1569)

(60). “*Inf. 1-* [...] você falou em igreja a igreja... não permite o aborto permite a... evitar filhos mas não com... a pílula *agora* que eles estão contra né?”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 32-34)

(61). “*Inf. 2-* e quando fenecem as estruturas quando fenecem as estruturas familiares começa a haver a derrocada éh: éh: poLítica

Inf. 1 - é o que está havendo *agora* né?

Inf. 2- é: o que infelizmente está havendo pai deixa de ser pai mãe deixa de ser mãe... passa a ser uma criadora não é? e o pai... fica éh...

Inf. 1- um sustentador”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 158-165)

(62). “*Inf. 2-* é o psicólogo tem uma porção de coisa junta

Inf. 1- seja ESSES no essas inovações *agora*... esteja fazendo tanto fumo de maconha tanta alteração... tanto doente tanto tarado né?

Inf. 2- no tempo que se usava a psicologia portugue:sa... com certeza ela funcionava viu?... hoje em dia: éh:: essa questão de direitos

Inf. 1- porque esse negócio de deixar:... ah porque os filhos vamos acabar com essa estória nós estamos vivendo e os pais hoje em dia estão vivendo em função dos filhos [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 224-234)

(63). “*Inf. 1-* [...] então a gente vive *agora* em função de filho vou fazer isso por causa do meu filho vou fazer isso por causa da filha ninguém pensa em si mais não... no entanto eu ninguém eu não admito que ninguém seja um pai melhor que eu... tem que ser igual né?”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 247-252)

(64). “*Inf. 2* - [...] eu digo sinceramente... tem certos momentos que eu não sei como a psicologia... iria resolver essa questão de... de de de aÇÃO... não digo contra... mas em benefício do fi::lho ou: ou: da maneira pela qual a gente TENta colocá-lo no seu devido lugar na sociedade né? é uma coisa muito séria é uma coisa muito

Inf. 1- eu *agora* num sei eu tenho visto

Inf. 2- séria esta questão de dro::gas de de perversões:: de de de ene coisas que... vivem cercan::do [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 275-283)

(65). “*Inf. 1-* [...] a mania dele era essa... ele passou... ele construí uma casa BO:a... essa aí ele construiu com.../ porque era ele era ele era funcionário público construiu com o empréstimo do ipa... aí tá certo... pagando *agora* atualmente uma besteira [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 729-732)

(66). “*Inf. 2-* *agora* eu tenho móveis antigos... eu tenho móveis antigos perdi

Inf. 1 - pra o

Inf. 2- peguei meio metro de cheia dentro de casa

Inf. 1- hã

Inf. 2- quando acabou... a história... estava na época de eu me mudar pro apartamento... chamei um camarada... mandei ele envernizar... passou um bombril e tal e coisa envernizou... estão to-dinhos lá: [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 759-766)

(67). “*Inf. 2-* já foi o tempo que o homem valia o que tinha... de

Inf. 1- isso eu não faço não

Inf. 2- no início o homem valia o que era... depois o homem passou... a valer o que tinha

Inf. 1- () *agora* o que acon?

Inf. 2- hoje o homem tá valendo o que apresenta [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 899-904)

(68). “*Inf. 2-* [...] *agora* hoje não se sabe quem é pai não se sabe quem é filho não se sabe quem é mãe e esposa não se sabe quem: não sabe de nada... ((ruído)) infelizmente... e o pior não é isso é que isso está... num processo... evolutivo... não é? é um pó proc um processo... crescente [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1094-1099)

(69). “*Inf. 1-* não chega ((ruído)) mas o bonito *agora* é fazer isso né?... bonito é fazer isso e espalhar:: não é?... bonito é ser o urso e depois sair dizendo a todo mundo”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1175-1177)

(70). “*Inf. 1-* eu já estudei com um colega assim já estudei com um colega assim desse jeito

Inf. 2- né?

Inf. 1- já chegou várias vezes na faculdade com uma moça e manda manda ela procurar ele lá dentro... pra mostrar a gente que (es)tava atrás dele... há pouco tempo ele (es)tava na praia... lá em Boa Viagem com duas... *agora* eu passei e não vi porque eu sou distraído demais... lá eu passo ele me chama ‘S. vem cá’ eu digo que é? ‘como vai você S. eu quero apresentar aqui a esposa’

Inf. 2- é

Inf. 1- aí eu digo ‘como vai prazer e coisa até logo viu?... aí fui embora não dei bola ele fica se mordendo... de orgulho por dentro né?’”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1190-1204)

(71). “*Inf. 1-* naquele tempo que a mulher era uma escrava né?

Inf. 2- naquela época

Inf. 1- então ela tinha aquelas dores coitada gritava aquele negócio todinho

Inf. 2- e o marido cansava de ouvir né?

Inf. 1- então a dor é:

Inf. 2- ela ()

Inf. 1- ele dizia não: coitada eu fiz isso e ela... tá *agora* sofren:do e coisa então tinha pena e valorizava né?... então a avó disse à mãe a mãe disse à filha... e hoje em dia é essa confusão todinha”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1471-1481)

(72). “*Inf. 1-* é a é a é também essa *agora* essa história de tendência de... noventa e nove por cento dos partos

Inf. 2- porque se a gente for contar:

Inf. 1- é é é como é... cesariana

Inf. 2- cesariana se a gente seguir a Bíblia...

Inf. 1- não tem mais não *agora* é tudo cesariana né?”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1521-1527)
(73). “*Inf. 1-* ah... eu não sabia que você era casada...

Inf. 2- ah... não é? é que eu não estou usando aliança hoje... eu já estou ficando aberta né? mas aliás só fazemos questão () né... ele viaja... fica uma semana aqui uma semana lá... então pois é... então nesse ponto () justamente... quando ele vem então a gente procura ‘puxa... vamos sair vamos a algum lugar nos divertir’... mas parte da mesma é cinema depois é restaurante... peça... o negócio está tão caro que não dá mais... né? e...

Inf. 1- vocês costumam sair em grupos?

Inf. 2- costumávamos... *agora* cortamos completamente porque justamente por causa dessa superficialidade”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 244-255)

(74). “*Inf. 1-* mas você devia procurar então... se você é uma pessoa tão aberta... como que eu acho que você... procura ser pelo menos... você devia procurar se relacionar com pessoas fora da colônia israelita...

Inf. 2- é... é o que já parece que está acontecendo *agora*...

Inf. 1- você não faz questão não?

Inf. 2- não...

Inf. 1- seu marido faz essa questão?

Inf. 2- [

não não não... pelo contrário”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 372-381)

(75). “*Inf. 2-* é... às vezes a falta de uma palavra boa... você () eu... pelo menos... me sinto realizada quando saio e compro um perfume caro... é... eu compro uma bolsa que meu marido vai me matar depois pelo preço... mas eu acho que aquilo me... me realiza... pode ser maluca hippie... de pena... de pode ser o que for... fico maluca... talvez eu nem vá usar... mas só saber que eu tenho... pronto... está aí... talvez eh:... é exteriorização [...]”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 646-653)

(76). “*Inf. 2-* é... mas é a idéia *agora* é... *agora* voltou a fase () né...

Inf. 1- então: bom... fui eu... eu... meu irmão e a namorada dele... abri um parênteses pra dizer que há muitos anos eu não estrelava... mas depois estreei por problema de ocasião... porque eu gosto muito de todos dois [...]”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 1078-1082)

(77). “*Inf. 1-* tinha uma garota atrás de mim... aquilo ali foi... um deboche ao meu senso estético... a garota... branca coitada... também parecia que veio de São Paulo on/... naquele dia...

Inf. 2- transparente...

Inf. 1- devia ter uns trezentos quilos... mal distribuídos... entre parênteses... mal distribuídos...

Inf. 2- Frankstein segundo...

Inf. 1- se você põe o seu longozinho porque *agora* está na moda você sair de roupinha comprida eu também gosto... tenho a minha também [...]”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 1124-1133)

(78). “*Inf. 2-* [...] houve uma experiência que nós fizemos *agora*... este ano... quando nós fomos fazer aquela viagem lá em Iguazu e Salto das Sete Quedas...

Inf. 1- hum...

Inf. 2- foi... uma decepção que nós tivemos pela ausência dos bichos... que tinham nos contado... que... no Rio Paraná... uma das grandes maravilhas do lado do Mato Grosso quando a gente atravessasse o Rio Paraná naquele vaporzinho... seria ver as garças... ficamos empolgadas né?... devia ser uma vista muito bonita... né... aqueles... aquelas planícies imensas... com aquelas garças no cair da tarde então a nossa imaginação criou

logo uma coisa maravilhosa... quando nós chegamos em Iguazu foi a primeira decepção... nós perguntamos... ‘onde estão os periquitos... que na outra vez que nós viemos a Iguazu passavam pela janela do nosso quarto... pela manhã?’... ‘os turistas afastaram os periquitos’... muito bem... um movimento muito grande Itaipu também que lá se transformou *agora* numa cidade... não é mais um lugar... assim mais abandonado... não há mais periquitos... ‘tá bem... então vamos ver as garças né?’... lá embarcamos nós no navio à procura das garças... pra consolo vimos duas”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 117-138)

(79). “*Inf. 1-* e *agora* com... no Fundão raramente eu via... mas... outro dia... por acaso... olhando lá do Ministério da Saúde pro fundo eu vi... algumas eh:... alguns patinhos brancos ainda... lá... sabia que havia pato selvagem naquela região? ”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 155-159)

(80). “*Inf. 2-* eu me lembro que na minha casa... criação era assim... criava cinco... seis para conseguir um né?... e os outros morriam... pequeninos né?

Inf. 1- hum hum...

Inf. 2- *agora* não... a gente compra peru tanto por aí que... eu acho que... já... já acabaram com isso né... já descobriram um modo de tratar peru”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 313-319)

(81). “*Inf. 2* - porque de fato há aquela mata virgem maravilhosa... né? no fundo do... conhece Foz do Iguazu né?... a gente chega lá e vê no fundo do... conhece Foz do Iguazu né?... a gente chega lá e vê no fundo... uma mata cerrada... mata virgem mesmo né... da qual vem os animais... né... *agora*... no momento... eles estão construindo demais ali né... a cidade... a cidadezinha de Iguazu... que era apenas um ponto de passagem... *agora* está cheia de hotéis... né... dos dois lados da rua [...]”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 534-540)

(82). “*Inf. 1-* eu tinha um amigo que tinha... um um carneiro... que ele precisava pra laboratório e... guardava no Jardim Zoológico... quando o Jardim Zoológico foi... desapropriado... ele não tinha mais condição de... manter o carneiro lá e eu já estava trabalhando no Miguel Couto... ele me pediu se eu arranjava de colocar o carneiro no hospital Miguel Couto ((risos))... então trouxemos o carneiro e o terreno em frente ao hospital... que pertencia ao hospital mas que era matagal ainda... na época... abrigou o carneiro muito tempo e muitas vezes era uma verdadeira luta domar o carneiro... pra subjugar o carneiro pra atingir a jugular e tirar sangue... do carneiro... mas *agora* em compensação...por exemplo... o carneiro do Instituto de Hematologia mora num sétimo andar né... ((risos)) é... em vez de estar em vez de estar ali”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 560-574)

(83). “*Inf. 1-* [...] nos Estados Unidos *agora* eles estão desolados... porque... o governo da Índia proibiu a exportação... eles conseguem criar em cativeiro não é?”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 560-574)

(84). “*Inf. 2-* aliás o circo era uma experiência de encontro com os animais que hoje em dia as crianças não têm e que as crianças da nossa geração... aquilo era uma das grandes alegrias que a gente tinha... poder ir ao circo né?... e eu achei muito interessante... eu estou lendo a vida de R... então ele diz ‘pois é... só havia para as crianças e os jovens três tipos de diversão... teatro... concerto e circo... pra mim só o circo bastava né?... a até pouco tempo... quando vinha o (sarrazane) aqui no Rio né?

Inf. 1- [

não mas eu acho que...

Inf. 2- as famílias iam totalmente né?... *agora* é mais esse gelo né... patinação no gelo”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 723-736)

(85). “*Inf. 1-* era um porquinho da índia branco... *agora* sabe que coisa curiosa que está me acontecendo? e que eu não estou me lembrando do nome do porquinho da índia em português... só me lembro de () pig... cobaia... pronto ((risos))

Inf. 2- comigo aconteceu uma coisa muito interessante... quando eu era professora...

Inf. 1- mas o... porquinho da índia furou um túnel e foi embora né?”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 894-900)

(86). “*Inf. 1-* acho que a baleia é *agora* é o maior dos animais... eh... que persistiu né... sobreviveu aos tempos mais primitivos”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 1073-1074)

(87). “*Inf. 1-* é... inclusive *agora*... que eu (es)tou fazendo pedagogia... eu voltei assim (ininteligel) mais velha... em trabalhos de grupo... eu assumo mais como mãe das meninas do que... ah... apesar da diferença não tão grande de tempo que nos separa... há uma diferença e as... e as meninas que trabalham comigo... eu vejo assim... são bem mais desligadas... bem menos envolvidas... envolvidas do que eu era no meu tempo (D2 – 283/POA/70 – linhas 77-82)

(88). “*Inf. 1-* é... *agora* parece que há novas teorias nos Estados Unidos baseadas nos estudos de **Summerhill**... dizendo que... não totalmente contrário... mas grande parte ao contrário dessa experiência... parece que é o que funciona melhor que talvez se essa liberdade em demasia cria um desajuste enorme na... no... no indivíduo”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 214-218)

(89). “*Inf. 1-* mas essas pesquisas que estão sendo feitas *agora*... pelo menos *agora* (es)tão chegando resultados... é difí(cil) a criança criada com repren... com certa repressão e com um certo cuidado no... no... um certo assim exag() exagero [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 225-228)

(90). “*Inf. 2-* [...] eu resolvi espia(r) e fui ve(r) que não era Jesus coisíssima nenhuma que trazia a bala... era ela que botava aí então eu aí peguei... levantei e disse pra ela... elas pegaram me mandaram cala(r) a boca... eu disse que não calava e nunca mais fui no colégio... eu acho que um pouquinho da minha... da minha revolta contra isso tudo... vem daí (es)ta... nunca mais consegui acredita(r)... acredito *agora* muitas vezes eu acho que vou... vou a uma Igreja... quando eu estou precisando eu acho que é um ambiente calmo... bom pra gente pensa(r) um pouco... toma(r) alguma decisão”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 481-490)

(91). “*Inf. 2-* é... sempre... exploraram... e eu acho que *agora* (es)tão meios... (es)tão teme... temerosos porque eles não conseguem mais explora(r) o povo tanto quanto conseguiam... né... antes todo mundo todo mundo temia a igreja... *agora* ninguém mais teme”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 547-550)

(92). “*Inf. 1-* nós compramos um apartamento muito caro... então...é uma prestação muito alta... então... nós temos que procura(r)... *agora* nós (es)tamos com bastante dinheiro economizado... mas é que nós estamos pensando no futuro [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 702-705)

(93). “*Inf. 2-* supermercado é um horror mesmo... a gente entra... não pode entra(r)... então *agora* também já me organizei... aí vou ao supermercado uma vez por semana e faltou... faltou fim... aquilo não... não se compra [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 711-714)

(94). “*Inf. 1-* nós compramos quase todas as revistas interessantes assim... jornais e ainda mais as revistas da filha... por que *agora* tem que comprar sempre uma Cláudia... uma Manchete que tem sempre bastante figura colorida pra ela vira(r) e olha(r)”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 778-781)

(95). “*Inf. 1- e agora* dão... antes eu não... não usava IPÊ... porque eu tinha... meu médico ginecologista é muito amigo e ele quase não cobra [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 838-839)

(96). “*Inf. 1- [...] agora* eu uso laboratório... radiografia... tudo pelo IPÊ... nem que eu tenha que caminha(r) mais e espera(r)... mas eu faço pelo IPÊ [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 849-851)

(97). “*Inf. 2- é* muito boa... a lã deles lá é excelente

Inf. 1- agora já não... não sei... faz bastante tempo que eu não vou... me disseram que... que caiu muito a qualidade dos dos produtos

Inf. 2- não sei... a tia esteve... *agora* em... esse ano ainda durante mês de junho julho ela esteve lá... ela trouxe lã... mas ela traz em mesmas né... a mesma coisa... é pra tece(r)”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1091-1096)

(98) “*Inf. 2- é...* mas atualmente... eu acho que já não existe mais

Inf. 1- é... atualmente não

Inf. 2- eu acho que talvez compense o... q que eles gostam... que eles gostam muito de vi(r) pra cá compra(r)... então eles gostam

Inf. 1- eles vêm pra cá bastante... *agora* não... com a crise na Argentina e no Uruguai modificou muito”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1162-1167)

(99) “*Inf. 1- não...* parece que não... que em Libres... onde eu... onde eu fui esse ano... que o pessoal de Uruguai vai ali... eles compram a carne a oito cruzeiros o quilo... o meu irmão que mora na Foz do Iguaçu mora na Argentina... comprava até o mês passado... que *agora* a Isabelita fechou a fronteira e não... essa história de comida não pode passa(r)... comprava filé mignon a oito... oito pila o quilo... oito cruzeiros é muito barato [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1177-1183)

(100) “*Inf. 2- é...* volta do dinheiro... sabe eu acho que... eu pelo menos que eu me conheço por gente... crise mesmo é essa que a gen(te)... nós estamos vivendo *agora...* talvez eu nunca tenha me ligado em outra...

Inf. 1- econômica... como sempre”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1205-1208)

(101) “*Inf. 2- todas* as possíveis e imagináveis... *agora...* cada qual escolhe a que mais lhe convém... aqui no Brasil... por exemplo com a história do racionamento do petróleo foi diferente com a a maioria dos países optaram pelo aumento do preço e pelo racionamento [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1217-1220)

(102) “*Inf. 1- não...* mas *agora...* parece que esse... esse ministro dos transportes... um dos objetivos principais das metas dele é ênfase às estradas de ferro”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1249-1250)

(103) “*Inf. 1- há* muito... inclusive *agora* ele que(r) vi(r) embora e querem... ofereceram aumento... ofereceram casa e tudo mais... mas ele disse que lá não fica mais”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1351-1353)

(104). “*Inf. 2- [...]* quando eu era pequena diziam que era extremamente difícil criar peru... mas *agora...* a gente vê tanto peru... que eu tenho impressão que eles já descobriram uma técnica de... tratar o peru... uma coisa muito mais aperfeiçoada né”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 307-310)

(105). “*Inf. 1- é...* mas tem também um problema de administração de hospital e tudo mais tem uns que *agora* só atendem INPS e outros só atendem IPÊ... tem esses que só atendem INPS é muito bom [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 899-901)

(106). “*Inf. 1- mas...* por exemplo... médico não tem lado humano... desculpe... mas médico não tem... tanto é nesse caso que aconteceu na Bahia... *agora...* em Salvador foi... foi típico

né... pra mim médico não é gente... pra mim... médico é um ser que (es)ta lá e paga pra ele te ouvi(r) pra ele te da(r) consulta... e se tu não fo(res) com dinheiro cheirando a dinheiro... ele... tu não consegue(s) nada com ele... infelizmente... essa é que é a verdade [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1388-1393)

(107). “*Inf. 2-* participa(r) de um Congresso... pode... qualque(r) um pode... teatro é que nós fomos *agora*

Inf. 1- mas perde a informação

Inf. 2- o ano passado... nós fomos... fomos até Aracaju... pra participa(r) de um Congresso... tinha gente de quase todo o Brasil (inint) para participa(r) [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1421-1425)

(108). “*Inf. 1-* é parece que especulação imobiliária também dava muito... *agora* modificou muito também... com esta história de correção monetária alterou muito as coisas aí”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1567-1569)

(109). “*Inf. 1-* é no Brasil... nós temos muito ... muitas profissões com esse sentido... pela própria nossa origem histórica... a nossa sociedade de classe constituiu assim desde a colonização e ficou... inconsciente comum a isso... essa desvalorização por certas profissões e quando na verdade não deveria se(r)... né [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1584-1588)

(110). “*Inf. 1-* *agora*... mas modernamente... doutor... ocorre o seguinte... esses testes vocacionais eu acho que já é um grande passo nesse sentido... porque aí o rapaz... adolescente... ele é testado... com a própria palavra diz... né... mas era questão de preferência... de orientação o que que ele preferir... o que que ele gostaria de ser quando profissional formado... né?”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 217-223)

(111). “*Inf. 1-* [...] é o caso dos Estados Unidos... é o caso da Alemanha que todas as guerras fazem... não fazem com que ela perca aquele... aquela continuidade econômica... a inflação não se fez sentir com tanta violência... mas existe... nós estamos registrando *agora* inflações bem acentuadas na Inglaterra... acentuadas na França... nos

Inf. 2- nos Estados Unidos”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 603-609)

(112). “*Inf. 1-* [...] *agora* mesmo no chamado diagnóstico que o presidente Geisel pediu... ante uma... um certo descalabro que se verificava no judiciário em geral... no chamado diagnóstico que uma comissão de alto nível levou ao presidente... uma das justiças que foi considerada boa em ordem e em eficiência é a do trabalho... a do trabalho está funcionando bem [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 879-884)

(113). “*Inf. 1-* [...] a Itália *agora*... por exemplo... o problema do divórcio na Itália tornou-se muito agudo por isso... porque pela concordata de Latrão... que foi assinada com Mussolini... aquela que assegurou autonomia ao Vaticano... como estado... é a... uma das cláusulas da concordata obrigava a Itália a manter o casamento insolúvel e por assim dizer... ela violou o contrato”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 1124-1130)

(114). “*Inf. 2-* [...] em São Paulo acho que tem um problema específico de:... ter-se tornado um centro industri/ industrial... grande essas coisas tem um professor meu que vai *agora* pra:: Belém... ele estava falando que... quando ele veio para São Paulo – ele é argentino tal – em cinqüenta e quatro era menor que o Rio”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 106-112)

(115). “*Inf. 2-* unh unh... para mim quando eu passo muito tempo na cidade também arde os olhos andando de carro inclusive

Inf. 1- mas ainda está num:: para o pessoal que está acostumado(a) um nível aceitável *agora* a hora que começa:... pifa pulmão de um e outro se estrepa e não sei que mais então aí se toma medida... prescritiva mais forte”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 176-182)

(116). “*Inf. 1-* [...] antigamente digamos o indivíduo sozinho ele abria um livro... sei lá com o professor e ele aprendia a fazer a coisa... *agora* ele depende... de muitas outras pessoas para fazer a mesma coisa... só que faz em menos tempo é mais lucrativo sei lá... certo?”

Inf. 2- ahn ahn

Inf. 1- então... antigamente... se eu quisesse calcular uma ponte... eu calculava... dava para um desenhista... ele desenhava... *agora* num escritório... não é assim né? então... depende do arquiteto que vai lançar... a arquitetura da obra [...]”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 897-908)

(117). “*Inf. 2-* ou talvez não porque... as... as pessoas estão procurando coisas novas né?... você vê esse::s... éh::... esse crescimento de uns anos pra cá de::... essas... M^Odas que está... orientalismo e:: novas religiões que está::... pululan::do né? parece por tudo quanto é canto aí... que eu acho que vem bem em função de uma decadência de de religião cristã... *agora* que que isso vai levar no geral parece que é... é meio::... tábua de salvação um pouco né? não que seja um negócio muito real né?”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1194-1202)

(118). “*Inf. 2-* éh:: falava de::... de modo como a gente tem castas atualmente né? se você pensar em termos de Idade Média... você tinha honrarias que eram concedidas porque fulano era duque:: outro era... sabe era bem... definido né?... e atualmente você tem o quê? você precisa de... cinco mil não sei quantas horas para tirar um título universitário todo mundo vai atrás disso... não deixa de ser uma::... quando você consegue uma mudança de casta né? bom eu sou universitário *agora*... *agora* já não está adiantando mais você tem que fazer uma pós para ascender mais ainda mas isso... é uma hierarquia não deixa de ser né?”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1223-1234)

(119). “*Inf. 1-* [...] antigamente:: ou sei lá antigamente... vamos pegar um exemplo num... no interior... está mais próximo de... passado do que de futuro... tem uma família assim... ela mora numa casinha... não ()... então sai as brigas em família... tudo bem e na hora que eles aparecem... em comunidade fica tudo ótimo

Inf. 2- ahn

Inf. 1- eles mantêm o... esse eme dentro da família ali... *agora* uma família aqui em São Paulo você... está num apartamento... começa a quebrar muito o pau... o vizinho recla::ma etcetera né? ou então::... lá o irmão batia na irmã com vara de não sei quê né? [...]”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1274-1286)

(120). “*Inf. 2-* acho que::... sabe você vai conseguir controlar se for consciente a tua criação se souber porque você está fazendo aquilo para quê... *agora* na maior parte das vezes não é né?”

Inf. 1- não não é porque seu esquema é muito grande né? como eu disse eu calculo tem... vem um montão de coisa diante de mim... passa por mim e continua

Inf. 2- uhn uhn”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1435-1442)

(121). “*Inf. 2-* [...] está acontecendo *agora* quer dizer... pessoas que têm um nível... social um pouco mais... alto... já morrem de medo de ter filho atualmente né? (você vê que isso é) mais ou menos generalizado

Inf. 1- é”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1534-1538)

(122). “*Inf. 1-* ou seja... uma época há vontade de fazer hecatombe outra época não há... de qualquer maneira... numa época ou noutra a tua possibilidade de fazer hecatombe aumenta né? então você veja a própria bomba atômica né?... no que foi descoberta não conseguia... arrebentar com o mundo... hoje em dia se eles quiserem já arrebenta... racha o mundo em dois... assim né? o que não viram na própria bomba atômica... **okay?**... então você pode dizer ‘bom antigamente eu tava com idéia de arrebentar gente muito mais do que *agora*’...”

mas não interessa eles estão com a potencialidade de arrebentar maior... pó mesmo sem ser para matar ou não matar”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1534-1545)

(123). “*Inf. 1-* bom... passou o primeiro *agora* na na guerra... tá?

Inf. 2- bota ano nisso viu?

Inf. 1- passou *agora*... trezentos e sessenta anos vai... um número que você gosta né?

Inf. 2- ahn ahn

Inf. 1- não teve *agora*”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1733-1738)

(124). “*Inf. 2-* e... mas eu noto que *agora*... sobretudo na nossa família que nós temos muita preocupação... da da linguagem simples e da linguagem:... correta”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 51-53)

(125). “*Inf. 1-* é:: e *agora* como o que domina o mercado é a Globo... e os estúdios da Globo... estão no no Rio... isto fa com que... até os paulistas que vão para o Rio... os artistas paulistas que estão lá

Inf. 2- adotam”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 59-63)

(126). “*Inf. 1-* [...] no que tange a nossa música popular eu acho que:: *agora* a televisão está abrindo as portas... para a nossa música popular eu acho que:: *agora* a televisão está abrindo as portas [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 337-338)

(127). “*Inf. 1-* na:: na Tupi eles têm daquela:... aquela moça – como é que ela chama... interessante - ... é uma ... a Aída...

Inf. 2- não

Inf. 1- ()

Inf. 2- eu não estou *agora* por dentro da:: dos nomes sabe? Que:: me esqueci o nome da da coreógrafa em que apresenta os Aládia Centenário...

Inf. 1- uhn”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 369-376)

(128). “*Inf. 2-* é este campo de trabalho... novo não é? para o nosso artista *agora* () fazerem a... a trilha sonora... em vez de pegar um disco... não é?

Inf. 1- como antigamente se punha né?

Inf. 2- se fazia... o fato de fazer escrever... está sendo *agora* o:: Pecado Capital por exemplo

Inf. 1- é

Inf. 2- eles encomendaram especialmente”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 517-524)

(129). “*Inf. 1-* [...] ahn compositores gostariam de... de ter acesso à televisão mas ela se fecha... na famosa muralha de mediocridade que *agora* é um pouco discutível... e não se abre [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 548-551)

(130). “*Inf. 2-* vamos esperar **A Muralha** não

Inf. 1- *agora* vamos ver se vai sair

Inf. 2- se Deus quiser

Inf. 1- **A Muralha** né?

Inf. 2- é

Inf. 1- vamos ver há tanto tempo prometida”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 645-650)

(131). “*Inf. 2-* [...] esperanças de levar *agora* **A Muralha**

Inf. 1- mas *agora* estão dizendo que estão passando aí um filme muito bom **O Predileto** não é?... você ouviu falar ?”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 652-655)

(132). “*Inf. 1-* retratando determinado mundo... eu acho que é muito bom... que o Brasil em literatura pelos seus grandes escritores há bastante tempo... já deixou de ter o seu cordão umbilical... preso à Europa... e:: e todo o:... toda a América Latina já se desprende... desse cordão umbilical fazendo uma literatura muito... da terra muito do homem... nativo... que é o caso de Gabriel Garcia Márquez... e de tantos outros e aqui:... no Brasil... Jorge Ama::do

e tantos outros... e:: então *agora*... no cinema parece também que está havendo essa desvinculação... do figurino europeu do figurino americano”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 602-673)

(133). “*Inf. 1-* com o Camus que seria até parente de Albert Camus não é? que era o... o o... diretor do do Orfeu do Carnaval... *agora* você vê não teve seqüência... depois então houve um hiAto grande... com más produçõ::es... e *agora*... eu acho () éh éh estamos vendo... a tentativa de um cinema... mais... expressivo do que seja... do Brasil... eu tenho confiança nesse cinema”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 690-697)

(134). “*Inf. 1-* e... e A Moreninha ficou justamente naquele mu-si-CAL... naquela era dos musicais que eram tão gos/éh produziam coisas tão gostosa aquela era produziu... realmente ahn ahn você lembra daqueles filmes de Janet Mc Do::nald aquelas... lindos... e depois que cessou essa época *agora* estão voltando parece com a ópera rock também *Inf. 2-* a ópera rock () vem aí”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 791-798)

(135). “*Inf. 1-* [...] atriz Irene Ravache que este ano... tirou o prêmio... da P.C.A... de melhor atriz... tirou o prêmio... da P.C.A de melhor atriz de televisão... e tirou o Molière *agora*... essa:: atriz revelou-se realmente neste ano... fazendo um papel duma::... parece que (era) Amélia Batalha... é um texto de Leilah Assunção... bastante discutível... em que ela faz a análise do::: da guerra entre os sexos... oh:::... do papel... que a mulher... poderia ter:: deveria ter:: que lhe é rouBAdo”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 848-856)

(136). “*Inf. 1-* [...] *agora* outro dia estive aqui na minha casa me visitando uma autora teatral jovem que eu não conheço não conhecia e fiquei conhecendo pessoalmente... Consuelo de Castro... ela veio me trazer um... um caso especial que ela escreveu para a Globo [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 878-883)

(137). “*Inf. 2-* os baianos *agora* pela seca né?... coisa impressionante uma cara patética *Inf. 1-* pois é *agora* você vê no jornal... você compra esse drama... levaria... éh:: quantas laudas você teria que bater à máquina... você precisaria Apreender bem o drama... ouvir uma porção de depoimentos e tudo mais... com a imagem”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 980-986)

(138). “*Inf. 1-* esse drama por exemplo *Inf. 2-* é que se faça *agora* um jornalismo... (com) todas as suas formas... que se faça um jornalismo VERTical ((buzina em superposição))... isto é indo às causas indo às fontes... e não apenas essa coisa que que justamente... esse sistema da da aGÊNCia”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 1005-1010)

(139). “*Inf. 1-* é o tuberculoso?... e/ então é u/ uma tristeza... *agora*... éh::... do Sílvio então uma que se pode dizer... deles eh eh é uma coisa eu acho que pelo dinheiro que ele *agora* acumulou... e está investindo na televisão... DEVe-se cobrar com a maior severidade daqui por diante muita coisa... ele queria ter um canal o governo... concedeu esse canal... então MUIta coisa deve ser cobrada para ele daqui para frente... até aqui ele pode ter tido as suas escusas... para criar o seu império... ((barulho)) *agora* que ele é um magnata”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 1175-1184)

(140). “*Inf. 1-* *agora*... nas nas elites nas camadas... mais altas eu acho que o cinema ainda vai perdurar durante muito tempo... ahn... parece que no Brasil é um dos lugares em que o nosso cinema é de mais baixo custo... não é? [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 1205-1209)

(141). “*Inf. 1-* [...] você... Z. e M., você sabe... estiveram *agora* em Buenos Aires... né? e lá o tempo estava muito frio... Em Bari... eles foram a Bariloche... apesar de já estar na meia estação... lá estava mais ou menos um... uns seis ou sete graus baixo de zero”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1-3)

(142). “*Inf. 1-* eu também prat... eu fui nascido e criado aqui em Salvador... meus pais não têm fazenda... então... praticamente eu não conheço... *agora* que estou trabalhando na Embasa é que eu estou conhecendo mais o interior... porque

Inf. 2- sei

Inf. 1- com a construção do abastecimento d’água tem muita desapropriação a fazer... então nós sempre temos que ir ao local pra medir... avaliar os bens... tudo isso”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 472-477)

(143). “*Inf. 1-* construções... tudo isso nós temos que avaliar para pagar... *agora* o que o pessoal biga mais é o valor da terra... que geralmente eles esperam um valor maior do que nós na realidade damos E...”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 496-498)

(144). “*Inf. 2-* [...] por falta (superp) de espaço... aqui no canteiro... nós tivemos que ir depositando a obra nessa rua... que estava interdita na época

Inf. 1- sei

Inf. 2- já estão todos prontos... algumas vezes tem que fazer um tubo ou outro... pra substituir uma quebra... uma coisa (superp)

Inf. 1- exato (superp) *agora*... o clima... aqui na Bahia *agora*... modificou muito depois desse surto de construções que houve aí... né? [...]”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 618-624)

(145). “*Inf. 2-* o segredo é você deixar quebrar a primeira vez e não ficar passando...

Inf. 1- mas a gente às vezes passa logo banha de cacau (inint) (superp)

Inf. 2- banha de cacau (superp) resolve... ou um batonzinho americano que tem aí... eh... no Rio... parece que tem também *agora*”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1574-1577)

(146). “*Inf. 2-* *agora*... naquela zona de São Francisco... depois de Ibotirama... é muito... eh... depois que passa a primeira serra... é uma... uma região muito... com potencial muito grande... mui... eu acho que ali vai se tornar (inint) (superp)

Inf. 1- mas ela é muito pobre (superp) viu... atualmente... né?

Inf. 2- muito pobre de infra-estrutura... mas o terreno é muito rico... ao meu ver... é muito rico... terreno calcário... com uma fertilidade grande”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1583-1588)

(147). “*Inf. 1-* [...] vivemos aquela vida de trabalho de dedicação... dos alunos pra nós e de nós pra eles... *agora* com o tempo tudo isso tem uma razão de ser [...]”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 92-93)

(148). “*Inf. 2-* Gosto... gosto... hoje devido a minha idade não posso mais... não vou me meter e não é só a idade não... nós não temos auxiliares... nós não temos auxiliares pra nada... pra nada... portanto antigamente se tinha auxiliares e tudo era mais... tudo era fácil... *agora* não é mais fácil... aí não é comigo não”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 139-141)

(149). “*Inf. 2-* [...] aquela gente que vinha lá do... lá do cemitério... da ponte... da Viga... não pode... lá de cima do Alto de Santo Antônio... desciam e ia logo tomar o vapor ali... o vapor trazia de sete horas trazia o pessoal da cidade e saia às quatro horas e levava... acabaram completamente... *agora* parece que vão botar novamente”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 633-636)

Ocorrência de ANTERIORMENTE

(1). “*Inf. 2-* na parte do telefone melhorou um bocado *agora* com essa expansão... você sabe que: *anteriormente*... nós tínhamos muitos poucos telefones... e: com essa expansão a coisa melhorou... mas mesmo assim... ainda tá dando uma grande confusão aí que você não

consegue linha... vamos ver se normaliza quando: instalarem essas novas centrais [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 426-432)

Ocorrências de ANTES

(1). “[...] eu entrei com sete anos... porque... antes disso eu vivi na fazenda... chegando a São Paulo... eu... fui para um colégio... de orientação americana e:: fiz o meu primeiro ano... foi onde eu aprendi a ler... e portanto... foi o primeiro contacto com... este tipo de::... éh... vida.. porque *antes* era uma vida de fazenda completamente diferente [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 3-9)

(2). “*Inf. 1-* com a política atual jama(is)... jamais a religião vai pode(r) volta(r)
Inf. 2- a se(r) o que era *antes*... a não ser que haja uma... digamos assim... uma reversão total”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 532-534)

(3). “*Inf. 2-* é... sempre... exploraram... e eu acho que agora (es)tão meios... (es)tão teme... temerosos porque eles não conseguem mais explora(r) o povo tanto quanto conseguiam... né... *antes* todo mundo todo mundo temia a igreja... agora ninguém mais teme”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 547-550)

(4). “*Inf. 1-* e agora dão... *antes* eu não... não usava IPÊ... porque eu tinha... meu médico ginecologista é muito amigo e ele quase não cobra [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 838-839)

(5). “*Inf. 2-* [...] os moradores de Salvador... hoje... não podem... na época do Carnaval... não podem contar com o que contavam *antes*

Inf. 1- exato

Inf. 2- o carnaval não é mais do homem que mora em Salvador... porque é insuportável pra ele...

Inf. 1- principalmente na rua né [...]”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 659-663)

(6). “*Inf. 1-* [...] já houve épocas piores... viu?

Inf. 2- já houve épocas piores... porque hoje... pelo menos... chega água

Inf. 1- porque... (superp)

Inf. 2- leva-se (superp) um dia sem água (inint) tem (superp)

Inf. 1- *antes* (superp) da a construção do... da adutora do Joanes que foi a primeira... (superp)”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1340-1347)

Ocorrências de ANTIGAMENTE

(1). “[...] *antigamente*... boa-noite... tem muita planta assim né? tem éh essa aqui... tem até um pé lá na reitoria uma cor-de rosa... feito uma pluminha... essa tem... um um que faziam o camará... é amarela com: vermelha [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 387-389)

(2). “[...] o... Departamento de Estradas já obrigou... um limite mínimo de... de horas pra se fazer a viagem... não é? *antigamente* não havia esse limite... eu mesmo... quando estava em Juiz de Fora... fiz viagens uma ocasião com quatro horas... verdadeiro absurdo que o ônibus vinha se despencando por aí a fora... hoje ninguém pode fazer uma viagem... de Juiz de Fora ao Rio... com menos de cinco horas [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 181-188)

(3). “[...] quando eu vejo assim uma loja... uma butique de... de mulher... essas butiquezinha... naturalmente as mais... eu não gosto... parece ru/lojinha da rua da Alf/ da rua Larga... da rua Marechal Floriano... *antigamente*... aquela... aquelas coisinha

penduradas... aquelas blusinhas de... de malha pendurada [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 432-437)

(4). “[...] porque... você vê... eles têm tanta coisa bonita... camisas lindas... **foulards... foulards**... não sei... que *antigamente* eles usavam... eu tinha amigos que jogavam tênis no Fluminense... que usavam seu **foulard**... mas a gente sentia masculinidade... mas hoje em dia eles são tão... eu estou com a impressão que o homem hoje está mais apurado do que a mulher... no vestir [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 457-462)

(5). “[...] então... porque... (superp) hoje... normalmente... o pessoal mora no subsolo... não é... com a maior facilidade... eh... uma facilidade que não existia *antigamente*... né?”. (DID – 173/SSA/70 – linhas 250-253)

(6). “[...] se fosse na minha casa... por exemplo... você encontraria televisor... radiola... eh... O que mais... meu Deus? gravador nem sempre – o gravador pode ser a pilhas... não é... não precisa ser somente elétrico... movido a eletricidade... rádio também a gente pode encontrar a pilhas... atualmente... *antigamente* não... e... Agora... independente disso... coisas consideradas... eh... eletrodomésticos... né [...]”. (DID – 173/SSA/70 – linhas 559-567)

(7). “[...] seria a fiação que hoje é muito freqüente ou é freqüentemente usado... porque *antigamente* nós não... mas hoje se usa com muita freqüência – e me parece como uma medida de proteção muito grande – dentro de tubos... eles fazem hoje toda essa ligação... já não mais como se fazia *antigamente*”. (DID – 094/SSA/70 – linhas 600-605)

(8). “[...] o colarinho... *antigamente*... o colarinho duro era... ele tinha essa consistência devido à quantidade de goma empregada... quando havia quem fosse capaz de passar o colarinho e ficar impecável... mas isso foi desaparecendo... *antigamente*... usavam goma e parafina... etc. Agora... os colarinhos têm entretela e pela... pelo lado do avesso vem uma parte com um pospontozinho... onde se introduz uma como que lingüeta de matéria plástica... para que o colarinho fique bem apumado”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 350-362)

(9). “[...] e a mulher cha... nós chamamos um casaco... um manto... *antigamente*... quando eu era menina se chamava capote”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 703-705)

(10). “[...] olha atualmente eu acho que estão abaixo da crítica os programas humorísticos *antigamente* eu assistia aquele Praça da alegria o Golias as:: hoje não tem programa bom... ahn:: tem um... por exemplo... o:: hoje tem s::... (como se como é)... tem o Caça não... eh... Balança mas não cai mas são... piadas tão bestas [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 247-254)

(11). “[...] eu gostava do Flávio Cavalcanti *antigamente* porque o programa dele era de alto nível mas de repente ele começou a se bobear... principalmente quando ele voltou da da viagem dele da Europa [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 375-379)

(12). “[...] olha eu NÃO tenho eu não tenho dias preferidos mas aqui em casa... *antigamente* agora já não porque::... os horários nos/ os horários das das filhas estão... eh divergindo uma chega às sete e meia oito horas outra chega às seis outro dia eu chego às nove assim varia muito quando () também mas nós tínhamos terças-feiras de noite toda família ia ao cinema [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 743-750)

(13). “[...] os meus avós morreram... ah:: com MAIS de setenta anos... normalmen/ ah:: normalmente o pessoal assim da idade deles da... contemporâneos esse pessoal que foi contemporâneo a eles... também durou relativamente até essa idade agora o que:: p que pode-se dizer:: eu eu acho que seria o seguinte que *antigamente* existiam determinadas doenças cuja mortalidade era enorme a:: alguns problemas assim como... pestes e gripes e coisas que dizimavam assim por uma ausência de:: de:: de uma medicação adequada o problema assim da mortalidade infantil também era eNORme o número de crianças que

morriam hoje:: há:: um não existe tanto esse problemas de mortalidade infantil por exemplo está muito reduzido o número de crianças que sobrevivem é muito maior ao número das que morrem... agora de fato que está criando assim uma:: um um um:: sacrifício ao:: ao::... avanço tecnológico é que o:: o homem a criatura humana hoje vive estressada cansada na tu/a/ aturdida por barulho por:: por uma série de emoções que não existiam na/ *antigamente* há um:: há uma cert/ congestionamento nisso... então tem muita gente morrendo de enfarte aí quando não morre de enfarte morre de câncer”. (DID – 08/POA/70 – linhas 768-795)

(14). “[...] até chegar à Universidade... eu estudei... – naquele tempo chamava-se Ginásio Rosário... hoje a nomenclatura é diferente... isso naturalmente obedecendo ao progresso --... estudei lá... pra fazer... o vestibular... para a Faculdade de Medicina... *antigamente*... o vestibular era diferente... nós estuda/ fazíamos... doze cad/ doze matérias... e dividíamos geralmente fazendo quatro matérias para o por ano [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 3-12)

(15). “[...] tive a sorte... de ter uma consideração muito GRAnde dos companheiros de:: de série na Faculdade de Medicina... fui representante da minha série junto à Federação *antigamente*... tinha uma Federação Acadêmica... essa federação Acadêmica... era composta... de:: alunos de todas as faculdades [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 155-162)

(16). “[...] nós saímos do ginásio... e o Ginásio Rosário ficava onde é hoje... a casa do Senhor Arcebispo... sabe onde é? na::quela descida... na esquina da Catedral tem aquela descida... chamava-se *antigamente* o Beco do Império... hoje eu não sei o nome”. (DID – 06/POA/70 – linhas 383-388)

(17). “[...] nós usávamos... quer dizer LIVros tinha muito... porque *antigamente*... eu não sei se os ginásios são assim *antigamente* era uma coisa espanTosa o MUNdo de livros que se tinha... mas era de se chamar a atenção mesmo... o número de Livros que... se usavam no Ginásio Rosário no meu tempo [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 469-475)

(18). “[...] hoje não... se estuda doutra maneira comPLEtamente difeREntE não tem mais o bê-a-bá-bê-a... né?... como nós fazíamos *antigamente*... mas assim uma difiCIÊNcia que me pudesse chamar a atenÇÃO... não chamava... pelo menos na ocasião... agora nós... vamos convir... todos nós temos e tem que ser assim... que estão mais aperfeiçoAdos... mas era a Época... eu acho que esta/estávamos tão bem NÓS naquela Época como estão os de hoje... sendo que eu acho que HOje... evoluiu MUIto”. (DID – 06/POA/70 – linhas 510-521)

(19). “[...] não sei onde é que est/ pra mostrar uma das vezes que eu... passei na Rua da Praia... e:: e nós fazíamos também e Antes da passeata dos BIXos... porque *antigamente* nós fazíamos se-pa-ra-da-men-te... hoje em dia fazem todas as faculdades né?”. (DID – 06/POA/70 – linhas 628-633)

(20). “[...] o indivíduo não tem... ahn:: não vai assistir duas duas três vezes o mesmo espetáculo não tem condições... o cinema... *antigamente* ele comprava ingresso para assistir o cinema... e tinha direito a uma poltrona pra sentar... hoje a gente tem direito ÀS VEZES de um lugar no CHÃO pra sentar e olha lá hein?”. (DID – 161/SP/70 – linhas 874-880)

(21). “[...] tem que ter nível de Pedagogia pra ensinar... só pode ser um pedagogo agora... *antigamente* nós tínhamos advogado engenheiro... toda essa ahn esse pessoal... fazendo opção de Pedagogia... e lecionando... atualmente é proibido [...]”. (DID – 251/SP/70 – linhas 103-110)

(22). “[...] essa outra... negócio de fogue::te esses engenheiros que lidam com isso quer dizer é uma especificação... mais nova né? eles tomaram mais vulto agora do que:: *antigamente* né?”. (DID – 251/SP/70 – linhas 330-333)

(23). “[...] uma coisa que eu gostaria muito de ter feito não fiz não sei porque talvez por falta de incentivo... ao que se dedicam:: *antigamente* era mais da parte da geografia isso...

ao oceano... agora parto/ passou mais pra parte de ciências [...]”. (DID – 251/SP/70 – linhas 377-382)

(24). “[...] não é... SÓ por questão do programa... que temos que seguir... mas por muitos fatores... por exemplo os fatores econômicos... os professores *antigamente* se dedicavam deMAIS aos alunos... porque em geral eles eram professores de POUcos colégios... e então os traba::lhos que nós tínhamos que fazer... e que os professores COrrigiam... porque TINham tempo para isso... é claro... que ao serem desenvolvidos os alunos... os alunos aproveitavam muito mais [...] a situação financeira obriga o professor a dar MUItas aulas... então ele não po::de fazer as correções dos trabalhos dos alunos como eram feitas *antigamente*... de maneira que o... o ensi::no so::fre... uma porção... de... de influências más [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 143-165)

(25). “[...] um caso interessante... um filho de uma minha amiga... entrou com nota muito boa... na politécnica... no ITA... e no Mackenzie... e não queria ir:: nem à Politécnica nem no ITA... queria ficar no Mackenzie... quer dizer... isso pra mostrar que havia um espÍ::rito mackenzista né? porque ele por exemplo foi um... que entrou desde o primeiro ano... e ele NÃO queria... foi preciso muita insistência... da parte da mãe...que via... a Possi/ uma possibilidade melhor:: de ele ir aos outros... principalmente por causa de fi/ de si/ da situação financeira ela estava viúva... e::... o aluno indo pra Politécnica ou para o ITA... seria bem mais fácil para ela do que ele ficar no Mackenzie... mas foi com muita pena que ele desistiu da... da possibilidade de entrar na Mackenzie... e:: isso:: isso aconteceu recentemente... quer dizer recentemente não porque ele já se formou... mas mais ou menos há uma questão de sete ou oito anos atrás... e ES::te espírito então *antigamente* existia MUIto mais FORte porque... ah... o grupo era menor... todo mundo se conhecia... havia bastante amizade e tal... e então a GRANde maioria dos alunos ficavam... num desses cursos ou Engenharia ou Arquitetura [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 292-315)

(26). “[...] aGOra... as missas estão todas com muita participação... eles estão até pedindo a pessoa que vão ajudar... não é? *antigamente* era o serviço feito só por aqueles meninos... que se chamavam coroinhas não é? e hoje não... as pessoas estão participando da missa [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 569-573)

(27). “[...] não... isso nós estamos vendo igrejas completamente diferentes né? e:: também eu acho que estão caindo num exagero... porque... *antigamente* as igrejas eram... ahn... mui::to cheias de imagens... um um ambiente que também... não era... ahn... tão acolhedor... então começaram a evoluir [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 641-646)

(28). “*Inf. 1-* outra coisa que eu acho também aqui... em todo nordeste principalmente em Recife também é a maneira de fazer política... se você olhar pra trás o tempo de seus avós seus bisavós... da maneira que o pessoal fala a maneira/ o: a política atual é feita nos mesmos moldes... do que se fazia *antigamente* quer dizer o voto de cabresto... o voto de imposição”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 388-394)

(29). “*Inf. 1-* eu não sei a minha experiência com essa história de telefone éh:: simplesmente catastrófica... *antigamente*... digo *antigamente* digo poucos anos atrás os telefones pelo menos os nossos funcionavam normalmente... agora... eles vão abrindo novas linhas novas linhas as centrais são muito pequenas pra... absorver... todas essas linhas novas que eles estão abrindo conclusão a gente só consegue ligação na minha casa entre seis e oito horas da manhã [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 433-441)

(30). “*Inf. 1-* [...] o pessoal que vem entregar as cartas eles têm um farda e::... pelo menos tão primando pela limpeza porque/ e parecem saudáveis também porque *antigamente* pareciam esqueléticos pessoas até tuberculosas... eles... devem tá recebendo melhor porque...

tão mais fortes então tão comendo melhor e:... tem um grau de humanidade bem maior que os anteriores... *antigamente*... se lembravam somente de dar um bom dia ou um boa tarde ou bater palma com mais força pra chamar a gente quando era perto do natal ou ou do São João pra cobrar o milho ou pra cobrar o: o: presente do natal ou ainda pra pedir o jejum na Páscoa [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 762-775)

(31). “*Inf. 1- [...] anteriormente* tive problema por exemplo cartas que num num chegaram... cartas que num volta:ram agora acho caro... acho mui:to caro o correio que nós estamos pagando... muito caro [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 786-789)

(32). “*Inf. 1- [...] temesse* programa agora de Pixinguinha de da música... deveria trazer também peças teatrais... equipes do sul: equipes daqui do norte... fazer com que esse Brasil se movimentasse mais... e:: se aprendesse alguma coisa como existia *antigamente* né? e: não existe isso”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 1437-1442)

(33). “*Inf. 2- anteriormente* eu dizia

Inf. 1- ISSO a inflação come tudinho

Inf. 2- eu vou dever...

Inf. 1- assim não consigo... melhorar meu patrimônio... mas hoje a dívida que o camarada assume... tem uma proporção tal... que ele fica... praticamente tolhido em aumentar o patrimônio [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 463-470)

(34). *Inf. 2- anteriormente*... nós

Inf. 1- eu não quero acostamá-lo nisso não... porque amanhã ele

Inf. 2- mas S.

Inf. 1- se conforma com tudo que vier entende como é?

Inf. 2- nós fomos cria:dos...

Inf. 1- cada um tem uma maneira de pensar diferente né?

Inf. 2- viu? nós fomos cria:dos... sem pensar em produzir... nós só pensávamos em economizar... HOJE a sociedade de consumo é diferente... ela tem que pensar em produzir [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 573-581)

(35). “*Inf. 2- o camarada* só... economiza a so:bra se é que so:bra... *antigamente* era diferente porque o sujeito ganhava cem mil réis por mês...

Inf. 1- aqui só quem faz economia é o rico que gente pobre não fez economia

Inf. 2- aquela/ no padrão antigo... cem mil réis por mês... ele tinha que guardar dois ou três mil réis... hoje é diferente... hoje eu sei que pra economizar... cinco mil ou dez mil... vou ter que ganhar oitenta mil cem mil duzentos mil inda diz [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 585-599)

(36). “*Inf. 2- [...]* entrar como o sujeito entrava *antigamente*... e o resultado está aí... a análise do problema... foi feita pelo povo... e constataram o quê?... que não era possível se financiar um automóvel pra trinta e seis meses... o sujeito dava dez por cento de um fusca... custava setenta mil cruzeiros... o sujeito dava sete mil cruzeiros... ficava devendo sessenta e três”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 855-862)

(37). “*Inf. 2- modificou:* modificou: porque a mulher *antigamente* era uma mulher que trabalha

Inf. 1- e não dói... eu nunca vi”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1495-1497)

(38). “*Inf. 2- não sei* mas o fato... é que está acontecendo... porque eu me pergunto... eu lhe pergunto... existe leite em pó?... leite condensado não sei o quê há mais de cinquenta anos? eu tenho impressão que não... eu tenho impressão que é do século vinte essa história... não é? embora *antigamente*....

Inf. 1- quando...

Inf. 2- quando não havia gado leite de jumen-TA

Inf. 1- era exceção

Inf. 2- ama de leite negócio parecido... ama de leite...

Inf. 1- é: mas era exceção”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1705-1715)

(39). “*Inf. 2-* [...] *antigamente* a mulher dava à luz tranquilamente... não é? existem coisas que a gente não entende por exemplo na literatura indígena... você não conhece/ divagando um pouco/ você não conhece uma história sequer você conhece índia... que morreu de amor... você conhece índia que morreu de amor... você conhece índio que morreu guerreando pela amada... você conhece índio que morreu em luta de tribos... você conhece índio que foi morto... porque: o outro queria tomar a chefia da tribo queria virar o pajé: eticetera eticetera

Inf. 1- disputa da chefia

Inf. 2- mas você não conhece... você não conhece... na história... um índio... que tenha morrido afogado ou um índio que tenha morrido queimado [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1738-1751)

(40). “*Inf. 1-* hoje em dia você vai a boate por exemplo... aqui no Rio... você é casada né... eu sou solteira... então acho que eu... provavelmente devo ir mais curtir mais a boate que você...

Inf. 2- curte muito mais de sa/... solteira do que casada...

Inf. 1- *antigamente* não... *antigamente* eu precisava mais sabe... hoje em dia eu só vou à boate mesmo porque eu gosto muito de dançar e é mais uma vontade que oportunidade pra me extravasar [...]”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 278-285)

(41). “*Inf. 1-* [...] os homens gostavam *antigamente*... gostavam muito daquelas carteirinhas de... de cigarro em crocodilo... pele de crocodilo... carteiras de níqueis...

Inf. 2- é... carteiras...

Inf. 1- e hoje em dia custa... uma fortuna...

D1- exatamente”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 1190-1196)

(42). “*Inf. 1-* [...] eu me lembro que eu tive um tio que... durante alguns anos eh... estudou em Uberaba... lá com os maristas... e preparou um quadro de bis/... de insetos... mas não sei se você chegou a ver... coleções de insetos que faziam *antigamente* os meninos achavam graça... punham pasta de algodão e punham o... os...

Inf. 2- é... isso mesmo... os colégios faziam muito...”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 1577-1583)

(43). “*Inf. 1-* nem sei se existe cooperativa... anti... *antigamente*... existia a Cooban... mas eu nunca fui ligada a banco... pra pode(r) compra(r)... compro tudo em supermercado

Inf. 2- eu também... comida é supermercado”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1329-1332)

(44). “*Inf. 1-* [...] *antigamente* digamos o indivíduo sozinho ele abria um livro... sei lá com o professor e ele aprendia a fazer a coisa... agora ele depende... de muitas outras pessoas para fazer a mesma coisa... só que faz em menos tempo é mais lucrativo sei lá... certo?

Inf. 2- ahn ahn

Inf. 1- então... *antigamente*... se eu quisesse calcular uma ponte... eu calculava... dava para um desenhista... ele desenhava... agora num escritório... não é assim né?”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 897-906)

(45). “*Inf. 2-* [...] bom eu sou universitário agora... agora já não está adiantando mais você tem que fazer uma pós para ascender mais ainda mas isso... é uma hierarquia não deixa de ser né?

Inf. 1- então eu não não entendi... então *antigamente* você também acha que havia isso? quer dizer... o indivíduo... poderia conseguir

Inf. 2- estou dizendo que não”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1231-1238)

(46). “*Inf. 1-* [...] tem elementos que abalam muito mais... do que *antigamente*... (sabe)

Inf. 2- por exemplo? ((som de motor))

Inf. 1- uhn... eu sinto isso não consigo dar um exemplo ((longo silêncio)) dar um exemplo de um mecanismo que teria que se repetir que vão tentar não deixar ele se repetir é:: o sadomasoquismo na família... sabe você pega assim:: sem pensar no que veio atrás né? um casal que tem um relacionamento sadomasoquista... aí quando vêm os filhos... MUIto por cima assim dizendo como a coisa funciona... eles vão transmitir isso de uma certa forma né?”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1260-1280)

(47). “*Inf. 1-* [...] *antigamente*:: ou sei lá *antigamente*... vamos pegar um exemplo num... no interior... está mais próximo de... passado do que de futuro... tem uma família assim... ela mora numa casinha... não ()... então sai as brigas em família... tudo bem e na hora que eles aparecem... em comunidade fica tudo ótimo

Inf. 2- ahn

Inf. 1- eles mantêm o... esse eme dentro da família ali... agora uma família aqui em São Paulo você... está num apartamento... começa a quebrar muito o pau... o vizinho recla::ma etcetera né? ou então::... lá o irmão batia na irmã com vara de não sei quê né? [...]”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1274-1286)

(48). “*Inf. 2-* [...] a hista/ a histeria está praticamente desaparecendo?... sabe *antigamente* era:: você pega... há trinta anos atrás... Europa você encontrava os casos de histeria aqueles de histeria de conversão né? que o cara... tem um aTA::que ali na sua frente... isso não acontece mais... sabe... eu não sei te explicar como é que se deu a mudança... mas... caso assim é muito difícil você encontrar... atualmente [...]”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1345-1352)

(49). “*Inf. 2-* [...] está acontecendo agora quer dizer... pessoas que têm um nível... social um pouco mais... alto... já morrem de medo de ter filho atualmente né? (você vê que isso é) mais ou menos generalizado

Inf. 1- é mas sempre ()

Inf. 2- ou se tem não se tem mais uma família de dez quinze filhos né?

Inf. 1- é porque você veja o seguinte *antigamente*

Inf. 2- você tem ahn

Inf. 1- não se conseguia matar:: população... de repente (aos aos montoeiras) de::... matava uns dois mil... mas matava matava um por dia né?”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1534-1545)

(50). “*Inf. 2-* um veneno ali um pouquinho mais forte

Inf. 1- de efeito retardado né?... só só mata depois de um mês... se os caras não tiverem um indicador ali morre o quê::?... a população:: filha

Inf. 2- ahn ahn

Inf. 1- certo?... *antigamente* você conseguia fazer um troço desse tipo? não conseguia... você ia com uma faca matando ((ri)) um por um ((longa pausa))”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1611-1618)

(51). “*Inf. 1-* ou seja... uma época há vontade de fazer hecatombe outra época não há... de qualquer maneira... numa época ou noutra a tua possibilidade de fazer hecatombe aumenta né? então você veja a própria bomba atômica né?... no que foi descoberta não conseguia... arrebentar com o mundo... hoje em dia se eles quiserem já arrebenta... racha o mundo em dois... assim né? o que não viram na própria bomba atômica... **okay**?... então você pode dizer ‘bom *antigamente* eu tava com idéia de arrebentar gente muito mais do que agora’...

mas não interessa eles estão com a potencialidade de arrebentar maior... pó mesmo sem ser para matar ou não matar”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1534-1545)

(52). “*Inf. 2-* sé este campo de trabalho... novo não é? para o nosso artista agora () fazerem a... a trilha sonora... em vez de pegar um disco... não é?

Inf. 1- como *antigamente* se punha né?

Inf. 2- se fazia... o fato de fazer escrever... está sendo agora o:: Pecado Capital por exemplo

Inf. 1- é

Inf. 2- eles encomendaram especialmente”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 517-524)

(53). “*Inf. 2-* M.O.

Inf. 1- sei

Inf. 2- ele estava metido com esse negócio de cachorro *antigamente*... aliás... ele até hoje ainda deve gostar... eu tinha um... tinha um preto... parecido com aquele... mas como... (superp)

Inf. 1- ali era policial (superp) né? marca policial

Inf. 2- policial... é... esse preto era filho da cachorra de M. que é alemã... trazida da Alemanha... de avião... pequenininha... e um cachorro também dele que tem muitos prêmios”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 335-342)

(54). “*Inf. 1-* eu sou muito sensível ao sol... na praia... então... *antigamente* eu despelava o nariz todo... nariz e... boca também... mas não era partido... feria... não foi como dessa vez que partiu como se fosse no frio... né?”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1578-1580)

(55). “*Inf. 2-* aquela árvore (superp) é uma... é uma árvore típica de uma zona de mata e caatinga... entre transição... ela... ela é de onde se tira aquele algodãozinho que *antigamente* faziam colchões e travesseiros... de barrigudo... é uma fibra vegetal”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1602-1604)

(56). “*Inf. 2-* gosto... gosto... hoje devido a minha idade não posso mais... não vou me meter e não é só a idade não... nós não temos auxiliares... nós não temos auxiliares pra nada... pra nada... portanto *antigamente* se tinha auxiliares e tudo era mais... tudo era fácil... agora não é mais fácil... aí não é comigo não”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 139-141)

(57). “*Inf. 2-* É e depois da construção foram tirando... tinha uma cruz muito velha também na entrada da rua Alfredo Brito *antigamente* tinha aí um crucifixo na rua... na casa da esquina”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 343-344)

Ocorrências de ATUALMENTE

(1). “[...] ah na beira-mar a/ acho que *atualmente* dá tudo... porque eu tenho visto: casas à beira-mar com todas a ... as coleções de plantas que você quiser imaginar [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 418-419)

(2). “[...] há inclusive também uma uma uma dificuldade muito grande *atualmente* em ci/ em ci/ em citar nomes de cantores... que nós estamos vivendo a exemplo do que ocorreu com o cinema... há há há tempos atrás... de se:... éh caracterizar... e se afirmar perante a opinião pública... exclusivamente pelo nome do autor e não do intérprete... do diretor e não dos intérpretes nós estamos vivendo na música popular... uma fase semelhante [...]”. (DID – 012/RJ/70 – linhas 278-285)

(3). “[...] ainda tem um quarto pequeno... um quarto menor que vai ser do bebê futuramente e *atualmente* não tem nada... não... não tem nada... só tem arcape/ acarpeta [...]”. (DID – 084/RJ/70 – linhas 219-221)

- (4). “[...] na parte de baixo tem uma sala grande... que está vazia *atualmente*... mas que futuramente seria uma sala de jogos... jogo-de-botão... pingue-pongue... etc... etc [...]”.
(DID – 084/RJ/70 – linhas 290-293)
- (5). “[...] ah... o resto da fazenda... no resto da fazenda você tem... perto da piscina... você tem uma outra casa bem grande que era a fazenda antiga... seria a sede da fazenda antiga... certo? mas essa sede *atualmente* é tida como mal assombrada... então apesar de sermos todos pessoas esclarecidas... nós não temos muita vontade de ficar nela (riso)... isso é evidente (riso) [...]”.
(DID – 084/RJ/70 – linhas 357-363)
- (6). “[...] o gado morreu todo... *atualmente* não temos [...]”.
(DID – 084/RJ/70 – linha 455)
- (7). “[...] a... a empregada fica sem a chave com uma corrente passada... quer dizer... quando ela abre a porta dá uma pequena passagem pra você se comunicar com a pessoa que está do lado de fora... sem haver o perigo de uma intromissão... agora *atualmente* em matéria de segurança também nós pretendemos colocar grades na janela... isso aí é uma coisa engraçada... é uma tese que eu... no meu tempo de fazer curso de psicologia infantil nós discutíamos muito... se devíamos ou não confiar nas crianças em relação à segurança delas [...]”.
(DID – 084/RJ/70 – linhas 498-508)
- (8). “[...] *atualmente* é... e o ônibus não é? mas usei muito tam/ muito o avião quando estava... quando estava... quando era aluno da escola pra essas viagens todas que nós fazíamos aí... de instrução... viajávamos quase sempre de avião... por causa do tempo [...]”.
(DID – 112/RJ/70 – linhas 337-341)
- (9). “[...] bom... quando o apare... existem aparelhos... *atualmente*... muito bem... quase que automáticos... mas... aquele tradicional... que nós conhecemos mais... não é [...]”.
(DID – 138/SSA/70 – linhas 70-75)
- (10). “[...] se fosse na minha casa... por exemplo... você encontraria televisor... radiola... eh... o que mais... meu Deus? gravador nem sempre – o gravador pode ser a pilhas... não é... não precisa ser somente elétrico... movido a eletricidade... rádio também a gente pode encontrar a pilhas... *atualmente*... antigamente não... e... agora... independente disso... coisas consideradas... eh... eletrodomésticos... né [...]”.
(DID – 173/SSA/70 – linhas 559-567)
- (11). “[...] bem... *atualmente*... (superp) você... se usa muito é o colchão ortopédico... né [...]”
(DID – 173/SSA/70 – linhas 559-567)
- (12). “[...] seriam os viadutos ou... em alguns casos... eles chamariam de pontes... em outros casos chamariam de viadutos... que permitiriam a passagem... em out... em algumas cidades existem uma outra denominação que está muito usada... que seriam os elevados... hoje... *atualmente*”.
(DID – 094/SSA/70 – linhas 258-263)
- (13). “[...] há um vocábulo... ôh... *atualmente* a expressão inglesa ou americana que denomina essas áreas... as quais as crianças... ou dedicadas às crianças... ou para uso das crianças... eh... a conhecida por *playground*... hum... expressão... aqui nós chamamos normalmente uma área de brinquedo”.
(DID – 094/SSA/70 – linhas 72-80)
- (14). “[...] a iluminação de estradas... não me... pelo menos que eu saiba... não... eu não conheço... Aliás... não... conheço... A Rio-São Paulo tem... evidentemente... tem uma grande extensão... ah...(inint) não sei se hoje... *atualmente*... eu não sei... mas uma grande extensão ela tinha”.
(DID – 094/SSA/70 – linhas 551-556)
- (15). “[...] eu não ouvia muit/ quer dizer sempre:: em casa quand/ quando estava em casa eu ouvia muito porque eu gosto de música entende não... podia estar em casa assim fazer tema qualquer coisa sem ouvir música então eu ligava o rádio... aí... aGora principalmente que estou em casa () inclusive eu vou dormir eu ligo o radinho estou sempre com rádio ligado... mas não que eu tivesse uma pré/ preferência PElo rádio tudo... e *atualmente* eu só

us/ eu só vejo televisão num... das::sete e meia em diante das sete meia e diante... (e assim) muito pouco também”. (DID – 121/POA/70 – linhas 50-62)

(16). “[...] olha eu acho que o Dez *atualmente* está com uma seleção de filmes muito melhores... apesar que o Doze agora vai entrar também com colorido e::... e está melhorando a::... programação... acho que por causa disso que eu fico com o Dez...”. (DID – 121/POA/70 – linhas 220-225)

(17). “[...] olha *atualmente* eu acho que estão abaixo da crítica os programas humorísticos antigamente eu assistia aquele **Praça da alegria** o Golias as:: hoje não tem programa bom... ahn:: tem um... por exemplo... o:: hoje tem s::... (como se como é)... tem o **Caça** não... eh... **Balança mas não cai** mas são... piadas tão bestas [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 247-254)

(18). “[...] outro outro:: apresentador eu não sei daqui do Rio Grande do Sul não sei ao vivo assim *atualmente* se tem... esse Saião Lobato mas esse eu nunca vi o programa dele de tarde [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 360-364)

(19). “[...] eu não sou de assistir novela eu assisto assim uma ou duas tinha épocas que eu ficava assistindo três ou quatro às vezes até cinco mudava de uma pra outra era fanática () na televisão era a única que escutava televisão era eu eu vi uma no/ só via novela mas *atualmente* não porque não porque no ano passado no ano retrasado eu tinha que me dedicar muito aos estudos e a... e:: os livros e então eu escutava só Uma novela [...] e *atualmente* que estou (de novo) voltei à televisão que eu não tenho nada pra fazer de noite ((risos))”. (DID – 121/POA/70 – linhas 475-496)

(20). “[...] eu não presto muita atenção ao diretor... e artistas de::... *atualmente* eu tenho assim como homem mas não assim o traBAIho que eles fazem mais o TIpo deles... tem o Yves Montand o Jean Paul Belmondo o:: Richard Burto que eu também acho que o trabalho dele em certos filmes que eu assisti foram muito bom [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 621-628)

(21). “[...] *atualmente* eu acho que nós temos... POUCos cinemas que estão (que) tem que eu acho que estão (bons) tem aquele novo que inaugurou no co/ centro comercial apesar de pequenininho mas é acolhedor a gente se sente bem lá dentro... o:: aí o As/Ástor... o Coral já não é mais como era... eu acho que só mesmo só esses dois mesmo”. (DID – 121/POA/70 – linhas 796-802)

(22). “[...] o que existe *atualmente* é isso é a ausência de um estudo... ah:: o desnivelamento numérico não se poderia acho eu cogitar porque:: sem esse primeiro estudo de mensuração não se sabe dizer se tem ou não advogados demais ou se tem médicos ou:: ou:: dentistas de menos... é meio difícil de dizer”. (DID – 08/POA/70 – linhas 34-41)

(23). “[...] pela lei pela nova lei... de ensino né?... nível universitário... todo mundo tem que ter toda pessoa... tem que ter nível de Pedagogia pra ensinar... só pode ser um pedagogo agora... antigamente nós tínhamos advogado engenheiro... toda essa ahn esse pessoal... fazendo opção de Pedagogia... e lecionando... *atualmente* é proibido... só quem faz a faculdade de Pedagogia é quem poderá ensinar entende?”. (DID – 251/SP/70 – linhas 104-101)

(24). [...] lixeiro... (ou) *atualmente*... varredor de rua... servente de escola que é o com:: que eu tenho maior contato... (isso eles sa/) a escolaridade deles é Mínima... mal ele (não) inclusive (no)... até nos livros de pontos eles NÃO conseguem assinar o no/ o próprio nome... não se comunicam de forma nenhuma [...]”. (DID – 251/SP/70 – linhas 126-132)

(25). “[...] a Mecânica e a Eletrônica... são as duas que eu acho que são *atualmente* MAIS procuradas... devido a: o próprio desenvolvimento do país né?”. (DID – 251/SP/70 – linhas 236-238)

(26). “[...] eu não tenho cachorro *atualmente*... porque em primeiro lugar porque o prédio... é contra o regulamento... mais foi mais por um caso um::... por mo-tivos... vamos falar motivos emocionais [...]”. (DID – 251/SP/70 – linhas 538-541)

(27). “[...] bom... segundo a religião católica... é uma coisa que está estabelecido né? nós temos toda uma organização... o Papa e todos:: os:: ahn... ahn... missionários nas suas diferentes categorias e diferentes hierarquias não é? ele seria o representante... e eu... aceito... que possa haVER... uma representação mas é? justamente por isso que eu prefiro não falar... porque eu não::... não estou ASSIM tão ahn... INTEGRADA... entende? nesta representação não é? especialmente *aTualmente* que eu acho que os representantes... têm falhado muito... de acordo com meu desejo... quer dizer eles não estão sendo como eu desejaria que eles fossem [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 394-405)

(28). “[...] agora... o que eu acho que melhorou MUIto na missa... nas missas modernas... em relação às missas antigas... porque uma das coisas que eu NÃO acho que foi bom... foi aquele exaGero que começou haver de modernis::mo... com relação a músicas e tudo mais... um exagero que não... não combinava com o ambiente... da igreja... mas *atualmente* eu tenho assistido missas... que eu considero... magníficas... posso citar por exemplo...umas que foram realizadas... na... ahn... PUC na igreja da PUC... há uns dois ou três padres lá que eu acho que são assim Extraordinários [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 595-605)

(29). “*Inf. 1-* apenas eu acho o seguinte que o jornal da gente tá... a notícia: e eu acho que o jornal seria... teria deveria ter uma parte de cultura bem mais acentuada do que existe *atualmente*... por exemplo acho que deveria ter um caderno só é de e diário sobre o movimento cultural da cidade em detalhes ou em destaque no caso [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 701-707)

(30). “*Inf. 1-* [...] *atualmente* a: empresa de: a empresa:: correio e telégrafo brasileiro passou por uma::... modificação tremenda... por exemplo a gente já pode saber que às duas horas da tarde o carteiro bate lá em casa e quando bate palma já sabe que é o carteiro... eles são pontualíssimos... os selos que às vezes vinham faltando nas cartas... agora... estão vindo... direitinho nas cartas que de vez em quando vinham abertas já não vêm mais [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 753-761)

(31). “*Inf. 1-* olhe de telégrafo realmente eu vou dizer uma coisa... eu só só entendo uma coisa aquele telégrafo rudimentar... que eu tinha muita curiosidade de olhar no interior... o:: quando assim achava aquilo muito interessante o cara batendo naquela maquinazinha e:: o ti ti ti ti ti ti simplesmente aquela fitinha saindo eu achava aquilo formidável... porque eu via muito aquilo em criança quando no cinema... principalmente nestes filmes de faroeste de **cowboy** e tudo mais... e: então tive oportunidade de ver isso... a única coisa que eu posso falar de de de telégrafo num sei como eles fazem *atualmente* não tenho idéia”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 969-980)

(32). “*Inf. 1-* o rodoviário? ah eu acho que... *atualmente* a gente não fica a dever em grande coisa... a ao mundo não... você encontra ônibus... confortáveis com ar condicionado... tudo mais... mas a um preço... um tanto quanto alto... este de primeira categoria”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 1670-1674)

(33). “*Inf. 2-* [...] nós temos:: éh caminhões aí de altas tonelagens... não sei quantos eixos e::... *atualmente* o: Brasil está exportando... éh caminhões para... até pra Europa... tem exportado o Scania Wabes com: o melhor cunho que nós temos aqui... de caminhão

- passado né?... o: estamos fabricando *atualmente* até:... caminhões fora de estrada que são caminhões que não podem circular nas estradas né?”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 1681-1688)
- (34). “*Inf. 1-* [...] você tocou num canto engraçado hoje ninguém mais acredita no governo porque tudo o que parece... fica-se realmente na dúvida se é ou se não é... ninguém sabe em quem acreditar no Brasil *atualmente*”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 1755-1759)
- (35). “*Inf. 1-* você como engenheiro você acha que os preços *atualmente* cobrado pelos carros... por exemplo você tem um: um carro de porte médio eu também então você acha que... é normal um preço desse?... pra um carro construído com a mão de obra barata com/ nós temos o ferro nós temos todo o material o utilizado no carro [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 1774-1780)
- (36). “*Inf. 1-* o diabo é que o que se recolhe é muito maior dava pra se fazer muito mais coisa do que se faz *atualmente* a questão fica onde é que vai esse dinheiro?”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 1788-1791)
- (37). “*Inf. 1-* [...] a mania dele era essa... ele passou... ele construí uma casa BO:a... essa aí ele construiu com.../ porque era ele era ele era funcionário público construiu com o empréstimo do ipa... aí tá certo... pagando agora *atualmente* uma besteira [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 729-732)
- (38). “*Inf. 2-* nada de novo sobre a terra... de fato as coisas... se sucedem... mas se suceder como?... se sucedem num num crescendo que: *atualmente*... a gente fica sem saber... não é? é por isso que hoje em dia... quando o camarada casa com vinte anos com vinte e dois com vinte e três... em geral é um casamento mal ajustado [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1125-1131)
- (39). “*Inf. 1-* [...] eu ia ajudá-lo... eu ia ter... então eu ia ter oportunidade de ajudar um outro ser humano a se desenvolver... porque eu ia dar tanto em cima dele pra ele fazer outra () estudar junto com ele... eu poderia pagar o curso dele que ele não pode fazer *atualmente*... entende... então a gente ia crescer junto... eu acho maravilhoso as pessoas crescerem juntas sabe?”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 869-876)
- (40). “*Inf. 1-* [...] eles têm uma outra amiga também que é desquitada... muito amiga... é também amicíssima deles... ficou sendo muito minha amiga... *atualmente* é namorada do meu outro irmão... essa moça que é desquitada tem vinte e sete anos... tem uma filha... *atualmente* é namorada do meu irmão mais velho [...]”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 1243-1248)
- (41). “*Inf. 2-* eu quando era criança que eu via... em Teresópolis... havia um matadouro de uma família... tinha de fato () acho que era com guilhotina né?
Inf. 1- é...
Inf. 2- tenho a impressão que era
Inf. 1- qual é a maneira que se mata *atualmente*?”
- D1-* não... me disseram que... está muito mais... eficiente... é... muito mais rápido [...]”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 1015-1022)
- (42). “*Inf. 2-* eu acho que o professor mudou... mudou pra pior... sabe... que de certa maneira... a gente tenta segui(r) o aluno... como o nível baixo muito... baixou mesmo... então... o professor também (es)tá baixando... *atualmente*... *atualmente* uma aula que era dada num nível bastante bastante mais elevado que eu me lembro das minhas aulas de minerologia... o professor simplesmente chegava... largava lâminas... nos deixava... nós não tínhamos assistência/ não precisávamos de assistência... *atualmente* se tu não fica(s) em cima do aluno ele não faz absolutamente nada... nada... nada mesmo”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 3-11)

(43). “*Inf. 2- atualmente* o aluno... eu considero o aluno simplesmente um se(r) que quer um diploma... eles querem um diploma... não importa de que maneira se é chorando na frente dum professor pra consegui(r) um pontinho... ou se é colando... não importa”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 29-32)

(44). “*Inf. 2-* há um excesso demais de Universidades... (es)tá formando um mau profissional... aliás não é só... qualque(r) Universidade *atualmente*... não tem condições de forma(r) um bom profissional... não há condições”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 271-273)

(45). “*Inf. 1-* exatamente como *atualmente* usam na Universidade e no... no final do ginásio... na quarta série ginásial nós fizemos... tivemos dois dias de provas de toda a matéria trabalhada e estudada ao longo desses quatro anos”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 336-339)

(46). “*Inf. 2-* [...] nós aplicamos cinco milhões e pouco (es)ta... é uma tremenda de uma fria... que nós entramos *atualmente* só a caderneta de poupança acho que é a única coisa que dá um pouquinho segura”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 950-954)

(47). “*Inf. 2-* eu... olha... eu acho *atualmente*... por exemplo... uma série de loja nós já tentamos isso... vou paga(r) à vista... qual é o desconto que me fazem? ah... não tem desconto... então... não tem... ano tem à vista... vai se(r) a crediário mesmo... se eles não me dão desconto porque é que eu vou paga(r)... eu vou da(r) todo o dinheiro pra eles se eu posso da(r)... se eu posso deixa aquele dinheiro pra outra coisa”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 995-1000)

(48). “*Inf. 2-* é... mas *atualmente*... eu acho que já não existe mais

Inf. 1- é... *atualmente* não

Inf. 2- eu acho que talvez compense o... q que eles gostam... que eles gostam muito de vi(r) pra cá compra(r)... então eles gostam

Inf. 1- eles vêm pra cá bastante... agora não... com a crise na Argentina e no Uruguai modificou muito”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1162-1167)

(49). “*Doc.-* quais seriam as razões das crises internacionais?

Inf. 1- a economia... né

Inf. 2- é... eu acho *atualmente*... tudo tudo é função... às voltas

Inf. 1- *atualmente* e desde sempre”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1201-1204)

(50). “*Inf. 2-* [...] *atualmente* eu acho que se dessem uma outra chance... eu acho que eu não... não... não pegava (inint) certas coisas aqui dentro que não me agradam”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1483-1485)

(51). “*Inf. 2-* [...] hoje com o grande número de moças e senhoras que estudam a situação... mudou totalmente... a criatura não tem um regime doméstico etcétera como é intenção da quase totalidade das pessoas... né... mas se por uma infelicidade qualquer é rompido esse equilíbrio... se ela tem um curso... ela tem condições de enfrentar a vida... ela está apta a se libertar disso e seguir... né? eu tenho impressão que isso é recorrente da... do... da parte de educação... de desenvolvimento que as moças e senhoras têm *atualmente*... que hoje em dia... é raríssima a moça que não tem um curso... que não (es)tá pretendendo fazer um curso... muitas senhoras mesmo... né... conseguem conciliar a situação de mãe... de donas de casa... etcétera... com estudantes”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 352-364)

(52). “*Inf. 2-* eu *atualmente* estou lendo um livro cujo título é O Dinheiro... não sei se o senhor teve a oportunidade de ler... é do mesmo autor do...

Inf. 1- li... li

Inf. 2- eu estou achando muito interessante”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 627-631)

(53). “*Inf. 2- [...] eu lembrei de uma outra coisa que as máquinas que:: não têm barulho... elas são mais mágicas de uma certa forma do que... assim começo de de:: revolução industrial né? aquelas máquinas barulhentas e tal e mesmo atualmente... o:: barulho de trânsito a polui/ a poluição... auditiva... acho que tem uma função de tranquilizar... eu não sei se analogia está certa”.* (D2 – 343/SP/70 – linhas 788-795)

(54). “*Inf. 2- éh:: falava de::... de modo como a gente tem castas atualmente né? se você pensar em termos de Idade Média... você tinha honrarias que eram concedidas porque fulano era duque:: outro era... sabe era bem... definido né?... e atualmente você tem o quê? você precisa de... cinco mil não sei quantas horas para tirar um título universitário todo mundo vai atrás disso... não deixa de ser uma::... quando você consegue uma mudança de casta né? bom eu sou universitário agora... agora já não está adiantando mais você tem que fazer uma pós para ascender mais ainda mas isso... é uma hierarquia não deixa de ser né?”.* (D2 – 343/SP/70 – linhas 1223-1234)

(55). “*Inf. 2- [...] a hista/ a histeria está praticamente desaparecendo?... sabe antigamente era:: você pega... há trinta anos atrás... Europa você encontrava os casos de histeria aqueles de histeria de conversão né? que o cara... tem um aTA::que ali na sua frente... isso não acontece mais... sabe... eu não sei te explicar como é que se deu a mudança... mas... caso assim é muito difícil você encontrar... atualmente encontra no sul da Espanha... que tem aquela... tradição pesadíssima você encontra muito mais o quê? esquizo... e depressão... que no fundo estão muito ligado né? depressão com esquizofrenia... talvez porque as pessoas fossem mais próximas... e era”.* (D2 – 343/SP/70 – linhas 1345-1357)

(56). “*Inf. 2- [...] está acontecendo agora quer dizer... pessoas que têm um nível... social um pouco mais... alto... já morrem de medo de ter filho atualmente né? (você vê que isso é) mais ou menos generalizado*

Inf. 1- é mas sempre ()

Inf. 2- ou se tem não se tem mais uma família de dez quinze filhos né?

Inf. 1- é porque você veja o seguinte antigamente

Inf. 2- você tem ahn

Inf. 1- não se conseguia matar:: população... de repente (aos aos montoeiras) de::... matava uns dois mil... mas matava matava um por dia né?”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1534-1545)

(57). “*Inf. 2- [...] eu vejo assim.. por exemplo... a bomba atômica é um mito atualmente... pouca gente sabe que::... eh::... em termos de segunda gue::rra...*

Inf. 1- ahn

Inf. 2- teve um ba/ um bombardeio de uma noite... em Nuremberg se não me engano na Alemanha...

Inf. 1- ahn

Inf. 2- não sei de americanos e ingleses que matou muito mais gente do que::... quando caiu a bomba atômica... só que o bombardeio de lá era com bombas simplinhas que todo mundo conhecia e tal [...]”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1588-1599)

(58). “*Inf. 2- [...] se você for ver as civilizações que já existiram até hoje... o que teve de queda né?... é ascendência de novos ((alguém tosse))*

Inf. 1- não... eu acho que não

Inf. 2- e eu acho que a gente está num período de decadência

Inf. 1- veja o seguinte... cada vez não aumenta mais a prioridade de... ter hecatombe?... ou é mais fácil?...

Inf. 2- atualmente?

Inf. 1- pelo menos teoricamente”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1685-1694)

(59). “*Inf. 1- [...] atualmente... você sabe... aqui ainda existiam muitos lotes... pertencendo a terceiros... que não a Correia Ribeiro*

Inf. 2- sei

Inf. 1- e nós... os proprietários estão indo brigar na... na Embasa... porque não se conformaram com o preço que nós pagamos do metro quadrado aqui (superp) ”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 141-145)

(60). “*Inf. 1- porque (superp) nós desapropriamos por duzentos cruzeiros o metro quadrado (rindo) (superp)*

Inf. 2- atualmente ? (superp)

Inf. 1- atualmente... aqui

Inf. 2- sim... mas se você pagar... (superp)

Inf. 1- não (superp)... atualmente não... eles deram entrada... (superp)

Inf. 2- pararam (superp)

Inf. 1- nas petições... pedindo a cem cruzeiros... mas juridicamente diz que você tem que pagar o preço da época em que você fizer a desapropriação

Inf. 2- ah... é?

Inf. 1- é

Inf. 2- ah... isso é um... (superp)

Inf. 1- por exemplo... (superp) atualmente... se eles ainda não receberam e forem recorrer à justiça... eles vão ganhar... compreendeu?

Inf. 2- sim (superp)”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 172-191)

(61). “*Inf. 1- [...] o grande defeito atualmente do Centro Administrativo é que você vai... não tem onde parar nem o carro porque o sol bate o... as doze horas por dia... não tem nem um... um local assim que dê sombra*

Inf. 2- é... um gramado imenso né?

Inf. 1- um gramado imenso... é... com plantas rasteiras... cactus”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 238-242)

(62). “*Inf. 2- é... sei lá... pode ser que instalem um dia desses...*

Inf. 1- mas só cobrando novamente o... o preço que você

Inf. 1- não... a... atualmente só desapropriação...

Inf. 2- para águas e esgotos (superp)

Inf. 1- para águas e esgotos... é (superp)

Doc. (inint) pensei que trabalhasse também”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1229-1236)

(63). “*Inf. 1- e essa nova barragem que vão construir... eu não sei... não estou... não conheço qual é o... plano... mas*

Inf. 2- atualmente... tem a do Jacuípe né? ali... acho que é Santa Helena...

Inf. 1- exato... esse de Santa Helena... aqui... né? (superp)”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1301-1304)

(64). “*Inf. 2- agora... naquela zona de São Francisco... depois de Ibotirama... é muito... eh... depois que passa a primeira serra... é uma... uma região muito... com potencial muito grande... mui... eu acho que ali vai se tornar (inint) (superp)*

Inf. 1- mas ela é muito pobre (superp) viu... atualmente... né?

Inf. 2- muito pobre de infra-estrutura... mas o terreno é muito rico... ao meu ver... é muito rico... terreno calcário... com uma fertilidade grande”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1583-1588)

Ocorrência de DANTES

(1). “*Inf. 2- [...] pelo menos eu me refiro a minha profissão de agrônomo... né... e a gente vê que cada vez mais os formados na Universidade têm um campo... campo muito mais amplo... na sua frente... do que dantes... ah... indiscutivelmente... não tenho a menor dúvida a esse respeito*”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 33-37)

(2). “*Inf. 1- [...] o Sindicato ele não é um ente que nasce de baixo pra cima... e sim um ente imposto... porque a associaç(ão)... um sindicato não pode nascer... ele tem que receber... a anuição através de uma associação profissional... anuição essa que lhe dá o governo... através da chamada carta sindical... que(r) diz(e)r que o sindicato... nem dantes nem hoje... não tem força nenhuma*”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 1058-1063)

Ocorrências de DEPOIS

(1). “[...] eu escrevi dois trabalhos... UM:... para a PARte de Biblioteca e outro para a parte de arquivo... ahn... os títulos foram... **Como se organiza uma Biblioteca... e:... O manual do Arquivista...** como esses livros tiveram... assim... uma aceitação boa... eu ti/havia pensado numa coisa modesta... aPENas para o nosso uso... mas houve tanta procura naturalmente porque... havia falta mesmo deste material em outras escolas... e:... para outras pessoas também que quisessem ter uma orientação sobre o arquivo e uma orientação sobre biblioteca... sem propriamente faZER uma escola de biblioteconomia... então eu fui... tendo... oportunidade de tirar várias edições... e melhoRANdo de edição para edição... e:... *depois...* numa ocasião em que eu mudei... de editora... para:: lançar os meus livros... eu... ele me pediu que trocasse os títulos... e eu troquei... hoje... ele é publicado como título de ... **A técnica de arquivar** um... e o outro... **Organize sua Biblioteca [...]**”. (DID – 242/SP/70 – linhas 80-98)

(2). “[...] eu tive colegas... que saíram do Mackenzie lá eles precisaram fazer vestibular... mas fizeram vestibular e entraram... prova que a BAse que era dada no curso secundário... eram realmente excelente... como eu disse... *depois::...* surgiram os programas... como nós conhecemos ahn... oficiais... e a escola teve que se enquadrar para poder continuar a... as suas atividades.... e hoje ela está... com to/... sofrendo todas as conseqüências... que todos os outros estabelecimentos de ensino sofrem [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 80-98)

(3) “*Inf. 2- [...] eu (es)tava apavorada aquela hora... né... e as mulheres ainda vinham daquele jeito... eu sei que depois quando eu... quando eu fui... eu fui às sete... ass-... essa hora foi de madrugada... aí então quando souberam que era particular... o troço mudou cento e oitenta graus [...]*”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 884-887)

(4). “*Inf. 1- pleiteando aí... fico careteando... fazendo essas coisa(s) aí por fora... porque é muito difícil... ainda mais uma boa remuneração... eu vejo pelo meu irmão que ele terminou o curso de economia aqui em Porto Alegre... ele conseguia empregos assim em firmas de bom nome inclusive... conseguiu no Záfari um emprego... consegui na Zivi Hércules que montou uma firma aqui em Porto Alegre pra administra(r) certos setores... ofereceram um salário entre mil e mil e quinhentos... ele de modo nenhum aceitou... foi trabalha(r) na Foz do Iguaçu por causa nessa época o sogro dele era prefeito lá... *depois* veio a falece(r)... foi... foi pra lá assim... no peito e na raça [...]*”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1337-1346)

(5). “*Inf. 2- eu fui obrigado a ingressar no funcionalismo público... assim mesmo me formei em trinta e dois... relutei até trinta e quatro... pra ingressar no setor de funcionalismo público... mas *depois...* forçado por circunstâncias e pela própria subsistência... digamos... né... eu ingressei [...]*”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 174-179)

(6). “*Inf. 1- [...] quando eu estudei éh::... tive que... éh:: aprender uma série de métodos de... cálculo dimensionamento de pontes*

Inf. 2- ahn

Inf. 1- mas vários desses... vários desses métodos não não não são mais necessários... não se aprende porque:: eles estão suplantados né? você não precisa mais calcular o compu/ o computador calcula... e cada vez mais o computador adquire... uma:: capacidade de calcular as coisas... não é que ELE adquire () já lançaram... computadores mais aperfeiçoados certo?

Inf. 2- ahn ahn

Inf. 1- então eu peguei uma fase em que estava mais ou menos bom:: sei lá eu achei bom:: que eu aprendi bastan::te... como fazer eu mesmo... e depois aprendi como fazer pelo computador... então eu sabia dos dois jeitos né? como eu teria que fazer”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 858-874)

(7). “*Inf. 1- com o Camus que seria até parente de Albert Camus não é? que era o... o o... diretor do do Orfeu do Carnaval... agora você vê não teve seqüência... depois então houve um hiAto grande... com más produçõ::es... e agora... eu acho () éh éh estamos vendo... a tentativa de um cinema... mais... expressivo do que seja... do Brasil... eu tenho confiança nesse cinema”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 690-697)*

Ocorrências de HOJE

(1). “[...] *hoje* por exemplo eu me queixo tremendamente aqui de pequenas coisas... que se eu tivesse tido um:: aprendizado técnico... não teria cometido esses... minúsculos erros... mas que de fato incoMODam a gente... problema de ventilaÇÃO [...]”. (DID – 004/RE/70 – linhas 102-105)

(2). “[...] mamãe *hoje* se dedica mais especificamente à: plástica no que diz respeito à pintura [...]”. (DID – 004/RE/70 – linhas 126-127)

(3). “[...] um sistema de:: que se usou... mais no interior do estado... era massa única... que *hoje* você vê... há um cuidado maior... em construção de edifício de apartamentos de casas comerciais... de se aplicar a chamada massa única... ou... aliás a massa fina... que dá aque::la que dá quase polimento na:: textura da parede [...]”. (DID – 004/RE/70 – linhas 58-62)

(4). “[...] acabamos optando pela solução mais simples... ou seja... usar o sistema de laje... laje espuma... e:: substituir ah: o telhado... éh: usando: a telha... que *hoje* é:: usada... inclusive mais fácil de aplicaÇÃO... que é a chamada Brasilit [...]”. (DID – 004/RE/70 – linhas 226-229)

(5). “[...] então se constrói a casa daí pra cima... foi a solução que: nós demos... quer dizer *hoje* visualmente ela não é muito aprece/... éh: não se apercebe com facilidade [...]”. (DID – 004/RE/70 – linhas 321-323)

(6). “[...] material de construção é algo é: algo curioso... eu tenho pena honestamente tenho pena *hoje* de quem se propõe a edificar uma casa [...]”. (DID – 004/RE/70 – linhas 406-408)

(7). “[...] *HOje* éh: quem começa a construí:r não sabe se vai acabar a casa porque não sabe na verdade se vai te::r dinheiro para isso [...]”. (DID – 004/RE/70 – linhas 409-411)

(8). “[...] tijolo cimento e areia que é o mais barato por incrível que pareça dentro de uma casa... embora a gente passe *hoje* pela rua veja uma placa cimento dezesseis cruzeiros... se acha um

absurdo... mas por incrível que pareça AINDA é o mais barato para construir uma casa [...]”. (DID – 004/RE/70 – linhas 415-418)

(9). “[...] *hoje* eu já esto:u convencido que a cada dois três anos eu vou ter que comprar um refrigerador Novo uma bateadeira Nova e assim por diante porque... a ferrugem terá de fatalmente destruir... tudo isso [...]”. (DID – 004/RE/70 – linhas 444-446)

(10). “[...] *hoje* eu já: me tornei um pouco cauteloso em afirmativas... desse tipo vou fazer isso ou aquilo outro... porque eu me lembro que:: no dia que eu me formei... éh: aquela festa toda aquela alegria... éh: coloca-se o anel no Dedo então todo mundo faz seus juramentos profissionais ‘olhe eu vou ser isso eu vou ser aquilo outro’esse negócio todo eu me lembro que eu fiz um juramento negativo... eu disse ‘duas coisas na minha vida eu jamais farei... processo crime e ensinar’ ... são duas que eu faço *hoje* e gosto... ((rindo)) [...]”. (DID – 004/RE/70 – linhas 492-499)

(11). “[...] *hoje* mesmo você... compra... verdura no Bompreço como eu faço pra facilitar minha vida mas as verduras... não são tão frescas como da feira... e não são TÃO frescas como apanhadas no quintal né? [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 19-22)

(12). “[...] as plantas me conhecem e quando eu chego digo ‘áh: *hoje* mamãe não veio falar com vocês por isso vocês estão tão tristes’[...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 37-39)

(13). “[...] eu tenho um cajue:iro na minha casa... que *hoje*... mora minha filha... foi foi a priMEIra planta... quando nós construímos a casa... que... tivemos o prazer mesmo de... colocar né? [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 46-48)

(14). “[...] feijão é uma planta que nasce... à vontade quer dizer se houvesse um incentivo maior do governo... talvez não chegasse ao preço... que que está *hoje* né? [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 90-92)

(15). “[...] nós temos as plantas medicinais... não é? *hoje* com os remédios assim fabricados já não se usa muito [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 122-123)

(16). “[...] *hoje* não sei porque minha família tem muito médico... eu não sou adepta de chá... a não ser chá preto ou ch/ mate... assim por prazer... substituindo o café [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 130-132)

(17). “[...] *hoje* como tenho filha médica mé/ e: genro médico e tive irmão médico e marido médico e tudo isso... abolimos e que essas plantas todas são usadas em remédios já se encontra nos remédios né? [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 137-139)

(18). “[...] áh... casamento e tudo com médico... se afastou esse negócio de chá né?... é mais o remédio de farmácia né? porque nem aquele remédio formulado *hoje*... poucas farmácias fazem né? [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 151-153)

(19). “[...] *hoje* infelizmente eu não tenho mais isso... não tinha nem grama era somente flor... e: plantas assim... ornamentais [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 191-193)

(20). “[...] a variedade de orquídea é imensa... orquídea coral... tem uma linda também que: é muito... assim não é: plantada/ pode ser plantada no chão... colocada junto de uma estaca ou de um xaxim... *hoje* se usa muito xaxim né? [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 197-200)

(21). “[...] eu gosto de planta *hoje* mesmo saiu nessas revistas... NÓS temos né? [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 301-302)

(22). “[...] *hoje* nas casa que você vai tem... grama... até aquela grama de florzinha amarela... que é muito... é muito ornamental não é? [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 422-423)

(23). “[...] eu sabia que era coqueiro/ toda casa de planta/ de praia tinha que ter coqueiro e... boa-noite... faziam jardim em geral com boa-noite... *hoje* eu vejo todas eu não sei se você... tenha lido alguma coisa sobre planta que tenha: ... no no litoral alguma alguma coisa específica [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 426-429)

- (24). “[...] *hoje* não... *hoje* as moças... trazem pra CASA... os namorados... ‘papai esse é meu namorado... mamãe esse é meu namorado’... eu NÃO SOU contrário a isso não... eu acho que está certo que a escolha é deles... e então o jovem pode trazer sua namorada e apresentar ao pai... ‘papai está é aa mo:ça/é minha namorada’... está certo... agora... DEVe haver... uma o-ri-en-ta-ÇÃO neste sentido [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 213-218)
- (25). “[...] casais não se separavam NEM se separariam jamais... né?... não é como *ho:je*... que o camarada vê um palminho de cara engraçadinho e: se engraça dele e quer noivar e noiva e sem e sem o camarada sem conhecer aa família dele casa [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 262-265)
- (26). “[...] *hoje* há um individualismo tremendo... () os rapazes vivem para o seu lado... as moças vivem para o seu [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 323-324)
- (27). “[...] o irmão... procurava... primeiro ser genTIL com a sua irmã... por ma:is po:bre que ele fosse... era tão comum a gente ver passar aqui... no:: ali em Campo Gran:de na Encruzilha:da... irmão com irmã... não é?... *hoje* não se vê mais isso [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 337-340)
- (28). “[...] dizem que eu sou louco ((ri)) ((risos)) ((rindo)) mas não sou não... éh... *hoje* eu me sinto PLE-na-mente realizado [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 353-354)
- (29). “[...] *hoje* é besteira se falar em interior... uma vez que esta civilização já está espalhada por toda parte... não é? [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 380-382)
- (30). “[...] nessa questão de amadurecimento de homem e de mulher não vejo nenhuma diferença... porque tanto saem os rapazes como saem as moças... e muitas vezes estudam na capital e vão pra lá pra pra:... pra o sertão... porque a: fa:/ a facilidade de transporte *hoje* é imensa... não é? [...]”. (DID – 145/RE/70 –linhas 388-392)
- (31). “[...] naquele tempo ainda podia... não tinha TANta facilidade porque... o desenvolvimento aqui não era esse... que *hoje* já tem... então éramos obrigados... a procurar o táxi nos pontos... que *hoje* se combate os pontos de táxi não é? mas naquela época... os táxis estavam todos em pontos... então tínhamos que TRAtar o táxi pra ele vir até nossa casa pra: naquela hora... dispormos de condução... porque senão se ficássemos esperando que passasse táxi na rua... não ia passar MESmo... porque não havia esse movimento que *hoje* existe [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 61-69)
- (32). “[...] esta questão... de facilidade que *hoje* existe pro ônibus... quer dizer praticamente pra São Paulo... tem ônibus de dez em dez minutos... são três companhias... e tem ônibus de dez em dez minutos... de sorte que... não fico preso a um horário que é esse”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 117-121)
- (33). “[...] o... Departamento de Estradas já obrigou... um limite mínimo de... de horas pra se fazer a viagem... não é? antigamente não havia esse limite... eu mesmo... quando estava em Juiz de Fora... fiz viagens uma ocasião com quatro horas... verdadeiro absurdo que o ônibus vinha se despencando por aí a fora... *hoje* ninguém pode fazer uma viagem... de Juiz de Fora ao Rio... com menos de cinco horas [...]” (DID – 112/RJ/70 – linhas 181-188)
- (34). “[...] a FAB não tinha essa variedade de aviões que *hoje*... que *hoje*... já tem não é?”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 348-349)
- (35). “[...] a minha mãe... por exemplo... nunca chegou pra mim e me disse... L... você vai agir assim... ela me deu exemplos... por exemplo... esse negócio... minha... mãe era muito justa... quando uma filha... um filho errava... ela reconhecia o erro do seu filho... porque o que eu vejo *hoje*... M.H... é que... mais uma coisa... os pais têm medo dos filhos... segundo... os filhos são intocáveis... inatingíveis... impolutos [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 253-260)
- (36). “[...] eu não podia mandar buscar roupas em Paris... eu usava... eu me lembro... mamãe fazia a gente ir a bailes... bailes... nunca tive complexo... que *hoje* eu ouço dizer...

ah... tem que dar roupa pra menina toda semana... porque toda semana a menina tem festa de embalo [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 299-303)

(37). “[...] porque... você vê... eles têm tanta coisa bonita... camisas lindas... **foulards... foulards...** não sei... que antigamente eles usavam... eu tinha amigos que jogavam tênis no Fluminense... que usavam seu **foulard...** mas a gente sentia masculinidade... mas hoje em dia eles são tão... eu estou com a impressão que o homem *hoje* está mais apurado do que a mulher... no vestir [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 457-462)

(38). “[...] eu... eu noto... eu noto que... ah... essas meninas de *hoje* são todas bem lançadas... altas... esguias... sem barriga... pouco busto... ao passo que o nosso tempo... acho que era até era bonito mulher bem avantajada... né?”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 634-637)

(39). “[...] ah... *hoje* é sunga... só... não é... sunga... e também todos apertados... todos... ((risos))... a gente vê aí casais... às vezes eu não sei se é um... se são... se é casal... ou se são dois homens... ou se são duas mulheres... então no tempo que teve aí uns cabelo comprido... as meninas quase não têm busto... como eu disse a você... elas com uns corpos maravilhosos... acho que é negócio de balé... massagem... enfim... e a gente não sabia distinguir... minha filha... que às vezes pelo busto... nem pelo busto você distingue algum... eh... algumas mulheres e o homens não têm nada pra distinguir [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 696-705)

(40). “[...] *hoje*... num... eu não sei se as antigas... entende... todas teriam laje... né? *hoje* eu sei que todas... pelo menos as construções modernas... todas elas têm uma laje... né? as antigas... existia o que a gente chamava de f... forro [...]”. (DID – 173/SSA/70 – linhas 157-161)

(41). “[...] então... porque... (superp) *hoje*... normalmente... o pessoal mora no subsolo... não é... com a maior facilidade... eh... uma facilidade que não existia antigamente... né?”. (DID – 173/SSA/70 – linhas 250-253)

(42). “[...] (risos) bem... a sala de visitas... as poltronas seriam... assim... bem maiores... né? e *hoje* você encontra... por exemplo... na... na... nas... nas casas mais modernas... você encontra... você pode encontrar... eh... essas poltroninhas trabalhadas em vime... se bem que o vime era... inclusive... muito usado na... em época na... anterior... mas... de qualquer forma... na... eh... naquela época se usava... assim... poltronas... assim... bem acolchoadas [...]”. (DID – 173/SSA/70 – linhas 528-536)

(43). “[...] o beco de Maria Paz... por exemplo... o beco era o tipo de rua que *hoje* está realmente desaparecendo e que se caracterizava principalmente pela estreiteza... né... então... alguns becos... *hoje* já há alguns... mas no meu tempo de menino vi muitos... é verdade que aí na parte... na antiga... da cidade antiga... propriamente dita... ainda se encontra muito isso... essas ruas típicas... ou os becos... ou aquelas travessas ou também chamadas transversais... né?”. (DID – 094/SSA/70 – linhas 169-177)

(44). “[...] bom... esses... há uma série de sinais convencionais estipulados pelo trânsito internacional... *hoje* adotada em todas as cidades evidentemente”. (DID – 094/SSA/70 – linhas 225-228)

(45). “[...] bom... é verdade que em relação a pedestre não há um imp... não há uma proibição de tráfego... mas para os carros há as setas... indicando a direção que os carros devem seguir... é muito freqüente *hoje* a sinalização do tráfego”. (DID – 094/SSA/70 – linhas 242-246)

(46). “[...] as paradas proibidas... os estacionamentos... não é... permitidos... etc... *hoje* se tem aquelas indicações todas que o carro não pode estacionar ali... outras permitindo estacionamento... outras proibindo estacionamento e assim por diante”. (DID – 094/SSA/70 – linhas 250-254)

(47). “[...] seriam os viadutos ou... em alguns casos... eles chamariam de pontes... em outros casos chamariam de viadutos... que permitiriam a passagem... e em out... em algumas cidades existem uma outra denominação que está muito usada... que seriam os elevados... *hoje*... atualmente”. (DID – 094/SSA/70 – linhas 258-263)

(48). “[...] essas faculdades destinadas naturalmente ao ensino das atividades de natureza superior... não é? essas faculdades *hoje* com uma conotação especial que... por força da qual elas estão perdendo... por exemplo... aquela característica... que foi a do meu tempo... que *hoje* já não existe mais... nós chamávamos de faculdade... o local ou centro de toda atividade de ensino superior... por exemplo... na minha carteira... eu sou bacharel em Direito estudei na Faculdade de Direito... ali na Piedade... e ali nós fizemos todo curso durante cinco anos... *Hoje* não... *hoje* as faculdades estão organizadas sob a forma de instituto e... conseqüentemente o aluno... o aluno ou o estudante evidentemente já tem... já exerce as suas atividades como estudante em vários locais... em vários locais”. (DID – 094/SSA/70 – linhas 338-354)

(49). “[...] a iluminação... ho... *hoje* a iluminação pode ser... inclusive... até subterrânea... podíamos seguir a sub... a iluminação aérea... dos meus tempos... e que *hoje* inda predomina... para a iluminação subterrânea... que está cada vez ganhando mais terreno... não é... essa iluminação... então... a iluminação é feita nas ruas através a posteação... que está também tendendo para um desaparecimento... ou... então... elas ficam suspensas da fiação... é o mais comum (superp)”. (DID – 094/SSA/70 – linhas 510-519)

(50). “[...] a iluminação de estradas... não me... pelo menos que eu saiba... não... eu não conheço... aliás... não... conheço... a Rio-São Paulo tem... evidentemente... tem uma grande extensão... ah... (inint) não sei se *hoje*... atualmente... eu não sei... mas uma grande extensão ela tinha [...]”. (DID – 094/SSA/70 – linhas 551-556)

(51). “[...] seria a fiação que *hoje* é muito freqüente ou é freqüentemente usado... porque antigamente nós não... mas *hoje* se usa com muita freqüência – e me parece como uma medida de proteção muito grande – dentro de tubos... eles fazem *hoje* toda essa ligação... já não mais como se fazia antigamente... eu me lembro muito a nossa casa na Avenida Sete... toda ela era... a ligação pela parede e subia pela parede internamente... mas *hoje* não... eles põem esses fios dentro dos tubos e os tubos são conduzidos até os pontos de... de ligação”. (DID – 094/SSA/70 – linhas 600-610)

(52). “*Doc.-* e quando falta luz numa casa... muitas vezes... a depender do tipo de instalação... é devido a quê?

Inf.- bom... isso normalmente ou pode ser provocado por um circuito... o que é muito freqüente acontecer... técnicos chamem de circuito *hoje* a todas essas manifestações”. (DID – 094/SSA/70 – linhas 622-628)

(53). “*Doc.-* e para se regularizar a voltagem... eh... eu digo em relação a televisão ou a rádio (inint) (superp)

Inf.- bom... eles... *hoje* nós temos (superp) um aparelho... que esse aparelho tem a função de estabelecer o equilíbrio... de manter o equilíbrio [...]”. (DID – 094/SSA/70 – linhas 720-724)

(54). “[...] eu ainda me lembro... quando eu era bem menina e que nós precisávamos de um médico e ele aparecia em minha casa... assim... era casaca que usavam naquele tempo... imagine... em plena rua... em pleno dia (rindo) e nós achávamos aquilo tão natural... nem... *Hoje*... é... quando eu penso... assim... é que acho aquilo (inint) esquisita... né?” (DID – 159/SSA/70 – linhas 07-13)

- (55). “[...] e... com o correr do tempo... não só a casaca desapareceu das ruas... como até aquele traje que se usava nos dias de Sexta-Feira Santa e para os enterros... aquela calça listada e o paletó preto... até isso... que era... naquele tempo... era tão simples... até isso *hoje* já desapareceu”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 13-18)
- (56). “[...] ainda *hoje* um professor universitário ou... um homem que exerce assim um cargo importante... ele ainda usa calça... paletó... camisa social e gravata [...]”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 21-24)
- (57). “[...] as calças masculinas... (rindo) eu acho que o que fez mais diferença e que não é nada funcional... é que eles estão tirando os bolsos dos homens... então... eles *hoje* não têm mais (rindo) onde guardar um lenço... onde guardar (rindo) coisa alguma... são obrigados a usar o... a bolsinha... que tem o nome de... acho que é capanga... né?”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 70-76)
- (58). “[...] bom... os paletós... é... que usaram muito tempo um jaquetão... transpassado com quatro ou seis botões... *hoje* está praticamente abolido... a não ser que venha uma nova moda”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 86-88)
- (59). “[...] os religiosos estão deixando o hábito... né... e usando... de início... o **clergyman**... né? mas *hoje* eles botam sua camisinha esporte e... às vezes... uma cruzinha na lapela ou na gola da... da camisa esporte... isso quando colocam... né?”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 133-137)
- (60). “[...] o ideal seria o linho... mas impraticável *hoje*... porque não se encontra quem conserve uma roupa... isto é... quem lave e passe bem... então... *hoje* não é mais prático... temos que ir pro tergal... pra... pra esses tecidos sintéticos... né?”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 297-301)
- (61). “[...] bom... há uma convenção... os homens geralmente... ou melhor... a roupa dos homens... geralmente... tem botões fixados na parte direita e a casa fica a esquerda e para as senhoras o contrário... mas existe *hoje* uma moda **unissex** vai também desaparecendo isso”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 392-399)
- (62). “[...] os homens guardavam as carteiras de dinheiro... quando não estavam de paletó... né... no bolso traseiro... quer dizer... no bolso que ficava bem atrás mesmo e não... n... de lado... né? mas isso... *hoje*... acho que já é impraticável”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 470-474)
- (63). “[...] o casaco... ele varia de comprimento em geral... né? pode ser folgado de ombros largos independente da moda... por que nós estamos *hoje* de mangas largas... mas por uma questão somente de moda [...]”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 424-428)
- (64). “[...] muitos usavam um alfinete de gravata para fixar... achavam necessário... *hoje* ninguém usa e não acha necessário”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 661-663)
- (65). “[...] *hoje* ninguém mais ousa perguntar a um neto meu o que é um capote que ele não sabe o que é”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 707-708)
- (66). “[...] olha atualmente eu acho que estão abaixo da crítica os programas humorísticos antigamente eu assistia aquele Praça da Alegria o Golias as:: *hoje* não tem programa bom... ahn:: tem um... por exemplo... o:: *hoje* tem s::... (como se como é)... tem o Caça não... eh... Balança mas não cai mas são... piadas tão bestas e... sei lá o o o nível acho que está tão baixo que não dá mais pra assistir... antes a gente ficava... alegre se alegrava tu via o programa tu te distraia *hoje*... não sei não não... não vejo... mais por que assistir... esses programas”. (DID – 121/POA/70 – linhas 247-259)
- (67). “[...] o que eu vi naquele ano... eu achei tudo muito bacana porque era novi::nho e tinha um... um rapaz que trabalhava lá que foi nos explicando... os:: aparelhos claro que eu

acho que *hoje* está tudo modificado que são aparelhos novos também... mas eu achei assim... como é que daquele aparelho podia poder sair a imagem tal... ou eu eu filmando na rua e a... se transmitir por aquele aparelho ou por aquele câmara que eu ia ver em casa [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 559-568)

(68). “[...] eu tenho a impressão... que ainda existe em relação ao campo do Direito eh:: bastante condições de aproveitamento... principalmente em relação à administração pública... que a administração pública:: *hoje* parte pro/ após a refor/ após o decreto/lei duzentos... de sessenta e sete que foi a reforma administrativa... vem a:: a:: a administração pública reformulando os seus quadros portanto necessitando de pessoal de curso superior”. (DID – 08/POA/70 – linhas 52-62)

(69). “[...] hoje em dia o:: o:: magistério ao menos ah:: que se tem visto aqui na Universidade... em sua totalidade tem sido encarada como uma profissão a:: que a pessoa se dedica... mesmo quando não existia o regime de tempo integral que *hoje* existe na Universidade ah:: já existiam professores que faziam DO magistério uma arte uma ciência uma vocação [...]”. (DID – 08/POA/70 – linhas 313-321)

(70). “[...] eu me lembro quando eu era guri quando... em mil novecentos e:: quarenta e sete quarenta e oito eu não sou tão velho assim viu? em quarenta e sete quarenta e oito eu devia ter... sete oito anos de idade... (tinha) oito anos... eu nasci em quarenta... é tinha oito... naquele tempo:: eu me lembro que tinha:: na:: um pessoal que fazia o:: que eh:: a distribuição por exemplo de PÃO chamava os repartidores era o pessoal que normalmente cinco e meia da manhã quatro e meia cinco horas da manhã estacionava suas carroças umas carrocinhas pequenas puxadas por um cavalo... carrocinha com pneus de borracha e ali enchiam as carroças com pão e faziam a distribuição na:: nas ruas dos bairros... e:: além disso também tinha o leiteiro que também trazia o:: leite do (deAL) e:: fazia a distribuição de... de fato *hoje* com a:: modernização com a:: o::... ah:: inclusive a colocação de produtos em supermercados diretamente em casa sumiu mesmo isso não se nota mais a... existência de repartidores nem do leiteiro que passava com a carroça de manhã para trazer o leite[...]”. (DID – 08/POA/70 – linhas 458-481)

(71). “[...] eu eu acho que seria o seguinte que antigamente existiam determinadas doenças cuja mortalidade era enorme a:: alguns problemas assim como... pestes e gripes e coisas que dizimavam assim por uma ausência de:: de:: de uma medicação adequada o problema assim da mortalidade infantil também era eNORme o número de crianças que morriam *hoje*:: há:: um não existe tanto esse problemas de mortalidade infantil por exemplo está muito reduzido o número de crianças que sobrevivem é muito maior ao número das que morrem... agora de fato que está criando assim uma:: um um um:: sacrifício ao:: ao::... avanço tecnológico é que o:: o homem a criatura humana *hoje* vive estressada cansada na tu/a/ aturdida por barulho por:: por uma série de emoções que não existiam na/ antigamente há um:: há uma cert/ congestionamento nisso... então tem muita gente morrendo de enfarte aí quando não morre de enfarte morre de câncer”. (DID – 08/POA/70 – linhas 774-795)

(72). “[...] tenho televisão em casa mas:: ela fica sempre desligada eu acho que até vou vender a televisão () ver ver o problema de ver televisão *hoje*... com a:: as emissoras de televisão que se tem aqui com os programas que que são apresentados não DÁ condições (de se ver) não tem nada a não ser o noticiário às sete e meia da noite e um que outro grupo em algumas emissoras algum filme que tenha (assim) alguma coisa de bom mas de resto não dá nem pra ligar a televisão... prefiro ouvir música”. (DID – 08/POA/70 – linhas 798-810)

(73). “[...] porque:: o sistema que nós usamos é um sistema **Dewey**... um sistema... dos americanos... avançado... um siste::ma:: ah::aprovado... mundialmente e::... apanhei a biblioteca com novecentos volumes há assim duas estantes e dois armários só... e *hoje* está com:: dezessete mil... todos escolhidos e selecionados por mim [...]”. (DID – 344/POA/70 – linhas 64-71)

(74). “[...] eu posso dizer que pelo menos (uma duas três) três ou quatro bibliotecárias reconhecem que ingressaram na carreira e *hoje* elas estão (até) estão bastante:: ah:: em evidência... uma delas *hoje* é presidente da associação a outra está... no:: na Consultoria Geral do Estado... e todas elas dizem que se não:: tivessem sido incentiVA::das por mim ou pelo menos orientadas elas não não teriam seguido... não sei se isso responde a sua pergunta”. (DID – 344/POA/70 – linhas 77-87)

(75). “[...] naquele tempo não havia inclusive... havia muita ah:: havia uma ignorância total (eles pensavam que) bibliotecária... a idéia que tinha eu acho que *hoje* ainda muita gente tem é que se fica:: alguém trazendo croché ou tricô sentado numa sala servindo de guardiã entende? ou de polícia pra aqueles livros... não havia aquela idéia de empréstimo do acesso [...]”. (DID – 344/POA/70 – linhas 92-99)

(76). “[...] bem eu poderia ensinar inglês porque esse título da universiDAde... de:: ah:: DiDÁTica... ele ele:: me permitiria... a verdade é que a minha idade *hoje* não me daria mais ingresso (tipo) nas escolas públicas... e só do segundo grau [...]”. (DID – 344/POA/70 – linhas 118-123)

(77). “[...] não diria por exemplo que a medicina toda em geral... seria adequada à mulher não sei me parece que surgiram problemas depois... mas a pediatria eu acho que seria o indicado ou também os biólogos *hoje* em:: laboratórios né?... biologia... a botânica... ah:: o professorado eu acho que o magistério é uma carreira... extraordinária para a mulher onde ela pode se realizar e realizar-se muito”. (DID – 344/POA/70 – linhas 139-147)

(78). “[...] polícia ((risos))... e há não é? e há *hoje* já há tendência né? eu acho que *hoje* há países onde as mulheres em São Paulo também eu creio que já há polícia feminina né?”. (DID – 344/POA/70 – linhas 156-159)

(79). “[...] se for o caso de algum::... vestido algum forro pra mudar:: uma bainha pra encomprar:: não é?... encurtar:: aí eu tenho uma pessoa que faz esse serviço pra mim às vezes a domicílio e outras vezes não... procuro sempre alguém... mas via de regra compro pronto o que posso... agora *hoje* já não tenho mais tempo de... gostaria de poder continuar... no sistema da:: sob medida não é? ((risos)) [...]”. (DID – 344/POA/70 – linhas 585-594)

(80). “[...] ah se pode comprar e:: como no nosso tempo quando o padeiro trazia o pão em casa e o... verdureiro batia na porta... o carneiro trazia carne escolhida... o armazém vinha perguntar de manhã quanto que precisa... acho que *hoje* não tem mais condições acho que foi uma era que passou né?”. (DID – 344/POA/70 – linhas 763-769)

(81). “[...] ah:: os supermercados vieram para resolver isso eu acho... a dona de casa *hoje* não pode mais esperar... inclusive eu acho que até a entrega em casa é difícil né? eu acho que ela mesmo tem de carregar os pacotes e a... sacola [...]”. (DID – 344/POA/70 – linhas 771-775)

(82). “[...] até chegar à Universidade... eu estudei... naquele tempo chamava-se Ginásio Rosário... *hoje* a nomenclatura é diferente... isso naturalmente obedecendo ao progresso... estudei lá... pra fazer... o vestibular... para a Faculdade de Medicina... antigamente... o vestibular era diferente... nós estuda/ fazíamos... doze cad/ doze matérias... e dividíamos geralmente fazendo quatro matérias para o por ano... fazíamos... um período de três anos... até completar as doze... e depois... íamos pro vestibular na faculdade... naturalmente um

vestibular/vestibular diferente de *hoje*... o número de vagas... geralmente... era maior que o número de candidatas... felizmente pra mim... porque assim não não fiquei à margem já desde o primeiro vestibular... e se fosse *hoje*... possivelmente ficaria à margem talvez um ano dois anos e talvez toda vida... porque *hoje*... eu sei que é muito difícil uma classificação... é um concurso... o número de candidatas é muito grande [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 3-25)

(83). “[...] quando MUIto pequeno... até estive no Colégio dos Anjos colégio de de:: que *hoje* nem existe mais o Colégio dos Anjos... era um colégio de freiras... mas aí muito pequeno por isso que até nem citei de de início... aliás não me recordava mesmo... era um colégio misto colégio de freiras... ficava *hoje* até ainda tem a igreja dos Anjos... Nossa Senhora dos Anjos fica na Rua Vigário José Inácio... agora o colégio não existe mais... e aí ia eu com o meu aventalzinho... meu uniforme aventalzinho... ia pro colégio com a com as irmãs mais moças”. (DID – 06/POA/70 – linhas 70-81)

(84). “[...] gostava muito de tocar na banda do ginásio... a banda não era como agora... era uma banda pequena... essa banda só:: só tinha corneteriros e tamboreiros... não tinha esses instrumentos que tem *hoje*... e:: e de sorte que quem tocava na banda também tinha uma vantagem... os padres tinham um::... carinho especial pela aquela turma... de modo que de vez em quando nós não nos comportávamos muito bem no:: nas Aulas... não estudávamos chegávamos com a matéria um pouco atrasada... nós estão dizíamos por:: pro pros irmãos professores Olha irmão mas eu tenho que sair... mais cedo... porque nós temos um:: *hoje* que:: fazer um ensaio na BANda... e eles estão abriam mão [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 90-105)

(85). “[...] a Faculdade de Medicina do meu tempo... porque:: nós precisamos fazer::... uma diferença... muito grande de hoje pro meu tempo de acadêmico... e eu ACHava que ela era bem aparelhada... nós tínhamos... naturalmente:: era outra época... mas nós podi/podíamos estudar... a pleno contento... tinha deficiências como aliás tem *hoje* aINda... não a de *HOje* indiscutivelmente... mas nós podíamos estudar perfeitamente [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 324-333)

(86). “[...] depois de certo tempo quando a gente ia ficando mais... mais moço... é que nós saímos do ginásio... e o Ginásio Rosário ficava onde é *hoje*... a casa do Senhor Arcebispo... sabe onde é? na::quela descida... na esquina da Catedral tem aquela descida... chamava-se antigamente o Beco do Império... *hoje* eu não sei o nome”. (DID – 06/POA/70 – linhas 381-388)

(87). “[...] o mais chocante não sei se terminei de dizer... de entrar em fila pra AUla isto aí não:: não nos causava embaraço nenhum nós estávamos dentro dum Pátio dum colégio... mas nós saímos do giNÁsio... aí que está... é onde mora o Arcebispo... é no meio mais ou menos do liceu... aTÉ ali em Cima... a subida até a esquina da:: da catedral *HOje*... em fila também... e aquilo era muito ruim... era muito:: muito ruim para NÓS e causava um certo embaraço quando nós éramos mais Velhos e o:: tinha a escola Normal ali perto e começavam a passar nossas namoradas e nós todos de fila”. (DID – 06/POA/70 – linhas 418-430)

(88). “[...] *hoje* não... se estuda doutra maneira comPLEtamente difeREnte não tem mais o bê-a-bá-bê-a... né?... como nós fazíamos antigamente... mas assim uma difiCIÊNcia que me pudesse chamar a atenÇÃO... não chamava... pelo menos na ocasião... agora nós... vamos convir... todos nós temos e tem que ser assim... que estão mais aperfeiçoAdos... mas era a Época... eu acho que esta/estávamos tão bem NÓS naquela Época como estão os de *hoje*... sendo que eu acho que *HOje*... evoluiu MUIto”. (DID – 06/POA/70 – linhas 510-521)

(89). “[...] nós não podíamos ter... naQUEla ocasião... naQUEle TEMpo que os alunos têm *hoje*... no giNÁsio... como ele/ como não se admitia *hoje* ou não podia admitir... que eles tivessem *HOJe* o que... somente o que nós tínhamos naquela ocasião... então chegavam à conclusão DOLOROSA... que nós não tínhamos progredido... agora achar... que naquela ocasião... nós tínhamos DEficiência não... nós tínhamos aQUIlo... que poDÍamos ter... como têm *hoje* aqui () o que podem ter... de modo que então eu faço essa distinção”. (DID – 06/POA/70 – linhas 523-534)

(90). “[...] tanto no ginásio como na própria faculdade *hoje* e/eles têm... *hoje* tem microscópio (parece) para cada aluno... nós não tínhamos isso... mas eu reconheço que tinha que ser assim... naquela ocasião... isso absolutamente ainda porque:: na minha turma mesmo tenho:: colegas briLHANtes aí... briLHANdo na medicina... tenho até:: colegas meus de turma cateDRÁticos da faculdade... de modo que nós podíamos estudar... e a prova provada está aí o que eu estou dizendo... tenho tem colegas de turma que são... catedráticos... *hoje* na faculdade... e estudou durante todo o ano os seis anos que eu estudei... de modo que não havia isto desta falta... agora... naturalmente há uma diferença muito grande... mas também exigir... que nós tivéssemos... naQUEla ocasião... naQUEla época... o progresso de *HOJe*... seria exigir demais... e neste caso até trazia uma tristeza para nós... porque então nós estávamos igual ao de *hoje*... então não tínhamos progredido... e eu prefiro ver que *hoje* estão MUIto mais adiantados porque eu vejo que há progresso... é que a minha terra:: está se elevando... a minha terra aí:: eu falo do Rio Grande do Sul do Brasil... e eu sou muito orgulhoso... da minha terra e da MIInha gente”. (DID – 06/POA/70 – linhas 538-564)

(91). “[...] eram mais ou menos como fazem *hoje*... eram mais ou menos como fazem *hoje*... quer dizer nós nós saímos nas passeatas... pena que eu não tenho uma fotografia aqui pra mostrar”. (DID – 06/POA/70 – linhas 620-624)

(92). “[...] então fazíamos uma passeata aí nós chegava lá vamos fazer uma passeata com os bixos então já levava pra Rua da Praia e fazia aquela passeata... assim como se faz *hoje*... mesma coisa que se faz *hoje*... e depois então tinha a GRANde passeata... tinha a GRANde festa... e:: concursos... né os jornais mesmo... incentivavam muito... e eu tenho aí::... um::... um Álbum... que podiam ver isto... com TOda a minha vida acadêmica”. (DID – 06/POA/70 – linhas 643-652)

(93). “[...] eu fui colecionando TODas as notícias... durante o meu tempo acadêmico todas elas fui colecionando e tenho um álbum... então eu vejo que as passeatas eram... MAIS ou menos como se faz *hoje*... talvez *hoje* tenham mais espírito nisto ou naquilo... posso concordar com isto... mas vou dizer era mais ou menos como se faz *hoje*... isto aí não houve grande progresso”. (DID – 06/POA/70 – linhas 655-663)

(94). “[...] me considero católico... gosto muito de entrar nas igrejas... pra rezar... e até vou dizer mais... *hoje*... antes de vir pra cá... fui na igreja do Rosário... sempre passo lá por perto... vou à igreja do Rosário vou rezar [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 730-734)

(95). “[...] a que mais me impressionou... pela sua riQUEza... estonTEANTE... foi na Bahia... isso naturalmente pela sua riqueza... e tem outras igrejas também por exemplo... a de Pampulha... em Minas... pela sua arquiteTura completamente e aliás há Anos passados que eu vi *hoje* o Brasil tem uma porção destas mas eu nunca tinha visto uma igreja... com aquele estilo... completamente funcional em Pampulha... quer dizer impressionou vivamente... porque:: eu estava me aproximando e não imaginava que ali fosse uma igreja”. (DID – 06/POA/70 – linhas 818-830)

(96). “[...] olha como todo grupo de qualquer coisa... o pessoal se dá bem... e sempre tem os probleminhas... então tinha os estrelos... as estrelas ((riu)) e:: os que são ao meu ver os cabeças-dura... da coisa se bem que:: *hoje*... éh:: muitos::... eh:: muitas dessas pessoas... éh:: mudaram de vida completamente... não... acabaram uns acabaram abandonando estudos... e se realizaram profissionalmente por por no teatro”. (DID – 161/SP/70 – linhas 213-220)

(97). “[...] tem muitos colegas nossos do:: antigo Totem que era o nome do grupo de teatro... que *hoje*:: fazem parte de:: do elenco de estações de televisão... tem duas colegas e um colega... principalmente este... que está... posso dizer:: quase que realizado... nesse campo”. (DID – 161/SP/70 – linhas 222-226)

(98). “[...] outra coisa que ele vai fazer vamos pegar um teatro um cinema os teatros são poucos... em questão de:: um mês o camarada pode assistir todas as peças em exibição em São Paulo... e essas peças ficam em exibição quatro cinco meses... éh:: em média... então o indivíduo não tem... ahn:: não vai assistir duas duas três vezes o mesmo espetáculo não tem condições... o cinema... antigamente ele comprava ingresso para assistir o cinema... e tinha direito a uma poltrona pra sentar... *hoje* a gente tem direito ÀS VEZES de um lugar no CHÃO pra sentar e olha lá hein?”. (DID – 161/SP/70 – linhas 870-880)

(99). “[...] as profissões mais valorizadas... hoje em dia eu acho que hoje em dia e sempre... na minha opinião... (foram) a a profissão de médico engenheiro advogaDo... arquitETO... uma profissão por exemplo que eu acho... totalmente desvalorizada *hoje* é de professora primária... professora primária (é) ela é totalmente desvalorizada inclusive o nível... o::... nível cultural dela é considerado baixo um nível cultural baixo uma pessoa que tem curso normal *hoje* SÓ... é considerada assim de nível o... BAIXo inclusive EU senti isso... que eu sou normalista... e por isso que EU... procurei fazer outros cursos entendeu?... éh eu acho (que) totalmente desvalorizada... então *hoje* valorizado é um um mé::dico um engene::iro um advogado um arquiteto [...]”. (DID – 251/SP/70 – linhas 27-41)

(100). “[...] antigamente nós tínhamos advogado engenheiro... toda essa ahn esse pessoal... fazendo opção de Pedagogia... e lecionando... atualmente é proibido... só quem faz a faculdade de Pedagogia é quem poderá ensinar entende?... ou então no caso... outras faculdades que dão (a fim) da educação né?... mas senão não... eu acho que sem:: sem escolaridade eu acho que a pessoa tem MUITa pouca chance *hoje* de progredir... com:: POuca escolaridade então (não tem) não tem chance nenhuma”. (DID – 251/SP/70 – linhas 107-116)

(101). “[...] eu não tenho... como bacharel em Direito... eu não tenho... experiência de advocacia em Justiça Trabalhista... eu *hoje* estou confinado às minhas atividades de professor universitário... felizmente... estou muito contente com isso... vivo num ambiente sadio... gosto de conviver com os meus discípulos... com os meus colegas... e::... estou afastado dessa... desse burburinho... desse corpo a corpo da da... da advocacia e da Justiça”. (DID – 250/SP/70 – linhas 96-104)

(102). “[...] o que vou declarar... é muito aleatório porque... como nós acabamos de ver... eu não sou um advogado militante... e não sou consultor de formas... mas::... *hoje*... ah... existe o que se chama Fundo de Garantia... quer dizer um depósito... que se processa por pagamentos mensais... eu creio que o patrão responde por uma parte... e o empregado descontado em seu salário responde por outra [...]”. (DID – 250/SP/70 – linhas 108-116)

(103). “[...] eu tenho impressão que *hoje* (ele) se processa dessa maneira... Antes do Fundo de garantia a questão é que se resolvia... nos termos daque::la ahn... dispensa [...]”. (DID – 250/SP/70 – linhas 128-131)

(104). “[...] nós que trabalhávamos em... com estabelecimentos particulares... em regime DE... éh... de:: da CLT Consolidação do Trabalho... das Leis do Trabalho... éh se houvesse Fundo de Garantia como há *hoje* nós teríamos recebido... de acordo com os depósitos bancários durante aquele tempo todo”. (DID – 250/SP/70 – linhas 193-199)

(105). “[...] porque o banco vive muito em função dos dePÓsitos bancários... e como a gente não pode ficar como a velha figura do mineiro... os meus amigos mineiros que me desculpem... a ausência... guardar dinheiro embaixo do colchão... ou dentro do do do pano do colchão então tem que guardar em algum lugar guarda no banco... ora... *hoje* todo mundo sabe que os bancos não pagam mais juros... por depósitos... há alguns anos atrás pagavam *hoje*... não pagam mais... a lei permite isso... [...]”. (DID – 250/SP/70 – linhas 393-402)

(106). “[...] eu acho preferível... que::... a por exemplo essa modalidade do Cheque Ouro... que o banco do Brasil começou e *hoje* outros bancos estão fazendo [...]”. (DID – 250/SP/70 – linhas 458-460)

(107). “[...] quando eu terminei a escola... de Biblioteconomia... eu me interessei demais pela profissão... e nesta ocasião... a::... o Ministério da Educação criou... uma cadei::ra... de Biblioteconomia arquiVÍSTica... no... ensino comercial... coisa muito interessante porque *hoje* nós estamos vendo o ensino profissionalizante... a preocupação... da... profissionalizante... e isto... já... foi o iNÍcio... colocar uma cadeira... que pudesse preparar... não naturalmente bibliotecários... porque para isso seria necessário uma formação universitária... mas preparar pessoas que pudessem trabalhar em biblioteca [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 49-60)

(108). “[...] eu senti a falta... de um material... de um texto... por assim dizer... para que... os alunos tivessem uma ba::se para aquela cadeira... porque é lógico que nós *hoje* não nos preocupamos... em fazer o ensino... baseado apenas em um texto [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 62-67)

(109). “[...] eu escrevi dois trabalhos... UM::... para a PARte de Biblioteca e outro para a parte de arquivo... ahn... os títulos foram... **Como se organiza uma Biblioteca**... e::... **O manual do Arquivista**... como esses livros tiveram... assim... uma aceitação boa... eu ti/havia pensado numa coisa modesta... aPEnas para o nosso uso... mas houve tanta procura naturalmente porque... havia falta mesmo deste material em outras escolas... e::... para outras pessoas também que quisessem ter uma orientação sobre o arquivo e uma orientação sobre biblioteca... sem propriamente faZER uma escola de biblioteconomia... então eu fui... tendo... oportunidade de tirar várias edições... e melhoRANdo de edição para edição... e::... depois... numa ocasião em que eu mudei... de editora... para:: lançar os meus livros... eu... ele me pediu que trocasse os títulos... e eu troquei... *hoje*... ele é publicado como título de ... **A técnica de arquivar** um... e o outro... **Organize sua Biblioteca** [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 80-98)

(110). “[...] eu tive colegas... que saíram do Mackenzie lá eles precisaram fazer vestibular... mas fizeram vestibular e entraram... prova que a BAse que era dada no curso secundário... eram realmente excelente... como eu disse... depois::... surgiram os programas... como nós conhecemos ahn... oficiais... e a escola teve que se enquadrar para poder continuar a... as suas atividades.... e *hoje* ela está... com to/... sofrendo todas as conseqüências... que todos os outros estabelecimentos de ensino sofrem [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 80-98)

(111). “[...] os professores antigamente se dedicavam deMAIS aos alunos... porque em geral eles eram professores de POUcos colégios... e então os traba::lhos que nós tínhamos que fazer... e que os professores CORrigiam... porque TINham tempo para isso... é claro...

que ao serem desenvolvidos os alunos... os alunos aproveitavam muito mais... viam todos os erros cometidos... comentavam-se os erros dos colegas e... com isso nós todos podíamos ter um resultado muito melhor... do nosso estudo... *HOje*... nós vemos um quadro completamente diferente... não só no Mackenzie só... mas em todos os estabelecimentos de ensino... vemos classes superlotadas [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 146-159)

(112). “[...] nós vemos a... uma... estamos atravessando uma:: era utilitarista... todo mundo está sem::pre procurando obter o MÁximo de rendimento... quer dizer... é um defeito... que não... não é do profeSSOR::... mas é de to::do o huma::no *hoje* não é? nós sentimos esse problema em todos os ahn... em todas as atividades... de maneira que *hoje*... eu acho que o ensino... im/... piorou... nesse sentido e... estamos vendo mesmo campanhas para melhorar [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 165-174)

(113). “[...] nós também vemos um lado positivo... *hoje*... pelo menos uma coisa que eu acho... o estudante... tem MUIta oportunidade... tem oportunidade que nós não tínhamos... por exemplo a... os meios de comunicação... os meios de comunicação são extraordinários... de maneira que o nosso estudante *hoje* conhece MUIto mais... do que nós conhecíamos naquela idade... não por causa das aulas... mas por causa da... das facilidades que tem... de travar conhecimento com o que se passa no mundo... de maneira que... pode haver uma compensação... dando um equilíbrio eu vejo muita possibilidade de nós conseguirmos um... um alto nível de cultura em todos os setores *hoje* [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 182-195)

(114). “[...] eu acho que o ensino era melhor por isso... não... por/ porque nós tínhamos aquela po::ssibilidade de ter os professores que se dedicavam MUIto mais do que *hoje*... porque eles não podem se dedicar... não estou acusando... eu também sou professora e também vejo... o problema como é... mas em compensação os alunos encontram outro campo... de cultura... *hoje* por exemplo as bibliotecas... né?... que justamente é o meu setor... o que se OFERECE pro aluno em matéria de... biblioteca é uma coisa extraordinária... quer dizer nós não tínhamos isso... a gente estava quase que se reduzida ao tex::to não é? escolar... *hoje* não há mais isso... há possibilidade de pesquisa... de maneira que o estudante... queRENdo aproveitar... o cam::po é maravilhoso [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 199-214)

(115). “[...] nós tínhamos então salão de fes::tas... as festas eram lá mesmo... havia um campo de esporte... então havia uma convivência muito GRAN::de... entre os alunos todo mundo mais ou menos se conhecia... também muito menos do que *hoje*... o número de alunos... facilitava... e as reuniões eram muito animadas... nós tínhamos festas perió::dicas e... e festas esportivas mensais... [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 256-263)

(116). “[...] não havia mesmo:: ahn... o/ assim um:: trabalho religioso... na escola não é? o que havia era um culto diário... que nós éramos obrigados a assistir... o que aliás era muito bom... porque era um trechinho da Bíblia... e foi... justamente uma coisa que... na ocasião... algumas pessoas condenavam ‘você... católica... numa escola protestante’ ao tinha importância nenhuma porque eu não sofri influência nenhuma de/desse protestantismo... e *hoje* quando eu vejo o ecumeNISMO... aqui... entre as igrejas... eu vejo que nós fomos PREcursores disso num é?[...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 333-343)

(117). “[...] em matéria de religião... embora eu seja uma pessoa de muita... crença... eu tenho FÊ... acreDito em Deus... e acho até IMpoSSÍvel uma pessoa... de uma inteligência... normal duvidar... de uma força superior... de maneira que e/ justamente acho isto observando... observando as coisas na vida eu acho impoSSÍvel... apesar de que *hoje* eu tenho lido muita coisa interessante sobre isso [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 365-372)

- (118). “[...] as datas todas da religião católica são marcadas não é? até há pouco tempo eram muito respeitadas nós tínhamos muitos feriados católicos... *hoje* é que eles diminuíram algumas ahn... como é que se diz? algumas::... comemorações... oficialmente... mas naturalmente que... houve essa base mesmo [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 481-487)
- (119). “[...] aGOra... as missas estão todas com muita participação... eles estão até pedindo a pessoa que vão ajudar... não é? antigamente era o serviço feito só por aqueles meninos... que se chamavam coroinhas não é? e *hoje* não... as pessoas estão participando da missa [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 569-573)
- (120). “[...] neste mundo nós estamos vendo TANTA COISA que precisa ser consertada quer dizer... tantas condutas humanas que estão tomando rumos... absolutamente... errados que eu imagino mesmo que a tarefa... do pastor... *hoje*... deve ser uma uma tarefa ENORME difícil de ser executada... mas:: naturalmente que cada um precisa fazendo alguma coisa e aos poucos é que pode conseguir né? [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 626-632)
- (121). “[...] *hoje* eu até me aborreço quando eu vou visitar de ver TODO mundo fazendo da igreja um museu... então desapareceu a religiosidade... todo mundo fica ‘olhe mais que coisa’ analisando... as peças... analisando então não é mais um ambiente religioso não é? é um ambiente artístico”. (DID – 242/SP/70 – linhas 651-656)
- (122). “*Inf. 2-* [...] você vê o Jornal do Comércio por exemplo... já foi um grande jornal *hoje*: quase ninguém lê o Jornal do Comércio ninguém procura [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 565-567)
- (123). “*Inf. 1-* [...] o pessoal que vem entregar as cartas eles têm um farda e::... pelo menos tão primando pela limpeza porque/ e parecem saudáveis também porque antigamente pareciam esqueléticos pessoas até tuberculosas... eles... devem tá recebendo melhor porque... tão mais fortes então tão comendo melhor e::... tem um grau de humanidade bem maior que os anteriores... antigamente... se lembravam somente de dar um bom dia ou um boa tarde ou bater palma com mais força pra chamar a gente quando era perto do natal ou ou do São João pra cobrar o milho ou pra cobrar o: o presente do natal ou ainda pra pedir o jejum na Páscoa... *hoje* não *hoje* eles riem cumprimentam entregam carta quando a gente não tá insistem entregam no vizinho... quer dizer o atendimento tá MUITO melhor [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 762-778)
- (124). “*Inf. 1-* [...] normalmente em passeio a tendência do povo é pra fora... você não reputaria isso por exemplo a dificuldade que se tinha a distâncias muito longas entre por exemplo o norte o nordeste e o sul... por exemplo você ter que sair de navio... ou você ter naquele tempo... seria um... um mês por exemplo ou dois meses de carro... quando se... viajava *hoje* não tem as estradas mas aí tem o problema da gasolina [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 1510-1517)
- (125). “*Inf. 2-* [...] *hoje* você não pode ir de trem daqui para o Rio Grande do Sul... porque ele não pode ter... continuidade vai mudando a bitola né? aqui é larga ali é estreita ali é média aí pronto”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 1628-1632)
- (126). “*Inf. 1-* [...] você tocou num canto engraçado *hoje* ninguém mais acredita no governo porque tudo o que parece... fica-se realmente na dúvida se é ou se não é... ninguém sabe em quem acreditar no Brasil atualmente”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 1755-1759)
- (127). “*Inf. 2-* é inclusive no governo passado bo: governo... do presidente anterior: todo mundo... confiava demais era um... um governo muito confiável né? mas *hoje* você fica naquela num/ todo dia tá surgindo aí... éh: comentários a respeito de: de corrupções governamentais”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 1760-1766)

(128). “*Inf. 1*- hoje em dia olha... a minha filha... nós temos uma clínica né?... não é com ele éh com Rômulo com aquele Rômulo Alberto que eu queria trazer *hoje* eh Dias eticétera e ela tá no ramo de pediatria... pois chega um menino lá só você vendo a mãe não tem a menor: au-to-ri-da-de

Inf. 2- autoridade zero

Inf. 1- zero... [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 309-315)

(129). “*Inf. 2*- ela só quer:... gastar só quer consumir... essa história de guardar: de conservar: isso acabou... você vê que a criança *hoje* suja tudo estraga tudo bota os pés na cadeira ninguém diz mais ‘que tire o pé da cadei:ra’ nem que: ‘não faça isso que é fei:o’ essa história não faça que papai do céu BRIGA... isso é coisa que já ERA

Inf. 1- isso já acabou [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 371-378)

(130). “*Inf. 2*- antigamente eu dizia

Inf. 1- ISSO a inflação come tudinho

Inf. 2- eu vou dever...

Inf. 1- assim não consigo... melhorar meu patrimônio... mas *hoje* a dívida que o camarada assume... tem uma proporção tal... que ele fica... praticamente tolhido em aumentar o patrimônio [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 463-470)

(131). “*Inf. 2*- você vê que toda pessoa que chega no consultório *ho:je* quando se dá preço... a pessoa pergunta ‘doutor eu vou pagar isso como?’

Inf. 1- como? vai diz logo ‘é imediatamente’

Inf. 2- ‘como eu vou pagar’ quer dizer não sabe nem ao menos... dizer o que é que eles desejam... porque perguntam ‘como é que eu vou pagar?’ e eu sei como é que ele vai pagar... pagar é problema dele o meu é receber... que já é um

Inf. 1- é receber [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 532-541)

(132). “*Inf. 1*- [...] eu sempre gostei... até *hoje* ainda faço com esse último filho com esse mais novo... que ele andasse com dinheiro no bolso... eu sempre dei bastante dinheiro a ele... porque: eu fui aqui criticado várias vezes por colegas por amigos dizendo ‘ah você dá dinheiro demais a seu filho não sei o quê’ eu digo mas eu acho o seguinte... que eu dando dinheiro a ele... ele *hoje* tem dinheiro amanhã ele vai fazer força pra ter [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 560-566)

(133). “*Inf. 1*- cada um tem uma maneira de pensar diferente né?

Inf. 2- viu? nós fomos cria:dos... sem pensar em produzir... nós só pensávamos em economizar... *HOJE* a sociedade de consumo é diferente... ela tem que pensar em produzir [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 578-581)

(134). “*Inf. 1*- aqui só quem faz economia é o rico que gente pobre não fez economia

Inf. 2- aquela/ no padrão antigo... cem mil réis por mês... ele tinha que guardar dois ou três mil réis... *hoje* é diferente... *hoje* eu sei que pra economizar... cinco mil ou dez mil... vou ter que ganhar oitenta mil cem mil duzentos mil inda diz [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 593-599)

(135). “*Inf. 2*- a poupança *hoje*... tem o propósito

Inf. 1- quando o sujeito pudesse botar de vinte... em diante... mas botar dois mil... mil cruzeiros

Inf. 2- tá mais certo [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 605-608)

(136). “*Inf. 2*- eles começaram a negociar: aqui na Ponte da Boa Vista que àquela época... não é? antes de Dom Pedro... era uma ponte de madeira lá um dia veio uma cheia... e levou tudo... e depois dessa história eu não sei como eles recomeçaram a vida... mas... portugueses com certeza vivo trabalhador... não é? e: o negócio foi pra frente bom o fato é que eu *hoje*

existo... porque eu me sinto né eu me pego me encontro então eu existo se eu existir... eu tive origem... boa ou má... eu tive origem [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 810-819)

(137). “*Inf. 2-* No início o homem valia o que era... depois o homem passou... a valer o que tinha

Inf. 1- () agora o queacon?

Inf. 2- *hoje* o homem tá valendo o que apresenta [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 895-904)

(138). “*Inf. 2-* [...] agora *hoje* não se sabe quem é pai não se sabe quem é filho não se sabe quem é mãe e esposa não se sabe quem: não sabe de nada... ((ruído)) infelizmente... e o pior não é isso é que isso está... num processo... evolutivo... não é? é um pó proc um processo... crescente [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1094-1099)

(139). “*Inf. 2-* o homem brasileiro... é estragado pelo complexo de ele tem medo de ser enganado ele não se incomoda de de... de ser o ur:so como se diz *hoje* né?”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1139-1143)

(140). “*Inf. 2-* a mulher apanhava á:gua... a mulher... éh tecia a mulher carregava peso... áh: ajudava a armar a choca não é? a cabana enfim... ela fazia ene coisas em ca:sa... *hoje* a mulher:... não é que não trabalhe ela trabalha... trabalha e muitas até que trabalham demais...

Inf. 1- demais

Inf. 2- porque:: aquela casta que se chamava empregada doméstica... é uma casta em extinção”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1577-1584)

(141). “*Inf. 2-* [...] eu me pergunto... eu lhe pergunto... existe leite em pó?... leite condensado não sei o quê há mais de cinqüenta anos? eu tenho impressão que não... eu tenho impressão que é do século vinte essa história... não é? embora antigamente....

Inf. 1- quando...

Inf. 2- quando não havia gado leite de jumen-TA

Inf. 1- era exceção

Inf. 2- ama de leite negócio parecido... ama de leite...

Inf. 1- é: mas era exceção

Inf. 2- entendeu?

Inf. 1- mas era exceção não era não era não era regra

Inf. 2- eu acho que eu creio que não era uma coisa tão comum... a prova é que existiam amas de leite

Inf. 1- não era regra não

Inf. 2- onde é que se arranja uma ama de leite *hoje*?... elas também não têm leite...

Inf. 1- é:”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1706-1723)

(142). “*Inf. 2-* [...] o **modus** de vida... do índio... o **modis vivendi** do índio era um troço completamente diferente... em quatrocentos anos ou quinhentos anos o troço tá aí pra quem quiser ver... o índio pegando moléstias venéreas pegando gripe sarampo catapora...

Inf. 1- vírus

Inf. 2- eticetera eticetera

Inf. 1- e dizimando tudo

Inf. 2- tinha tinha DOIS milhões de índios *hoje* tem o quê? tem duzentos mil trezentos mil em quanto? quatrocentos e e::: e::: cinqüenta anos... quatrocentos e oitenta anos”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1753-1763)

(143). “*Inf. 1-* ah... eu não sabia que você era casada...

Inf. 2- ah... não é? é que eu não estou usando aliança *hoje*... eu já estou ficando aberta né? mas aliás só fazemos questão () né... ele viaja... fica uma semana aqui uma semana lá...

então pois é... então nesse ponto () justamente... quando ele vem então a gente procura ‘puxa... vamos sair vamos a algum lugar nos divertir’... mas parte da mesma é cinema depois é restaurante... peça... o negócio está tão caro que não dá mais... né?”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 244-252)

(144). “*Inf. 1-* você pode passar do presente pro futuro... está tudo no *hoje*... né... quer dizer... nada vai embora...

Inf. 2- [

hum-hum... então é aí que sente... faz uma:... questão de exteriorizar né...

Inf. 1- [

por isso que está muito () na educação *hoje* que eu acho sabe? essa:... vamos desenvolver () botar pra fora... botar... fazer expressão corporal... botar o corpo né pra trabalhar e porá expressar os sentimentos... eu acho isso maravilhoso”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 573-582)

(145). “*Inf. 1-* [

mas é tudo estado de espírito né B. que eu até não falo... não falo na nossa idade não... () que eu até na hora que eu sentir vontade de () e *hoje* ()... né... que eu vim discreta...

Inf. 2- [

não... bom... eu também até psicologicamente também puxa é porque vocês não viram como minha família é bem arrumada”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 590-597)

(146). “*Inf. 2-* [...] e eu *hoje* comprei achei lindos porque eu comprei achei tão bonito e minha irmã usa também... muita... igualzinha a mim... então dei dois anéis pra ela ela fica maravilhada ‘ah... como é que você... você vai ficar... tem se... sem os teus anéis?’ ... ‘não... eu dou pra você’ e ela dá e troca comigo pulseirinhas e coisas... milhões de coisas

()

Inf. 1- [

Quer dizer uma coisa incrível dessa as... as pessoas hoje em dia... isso... isso tem sido alvo de discu/... como as pessoas estão dando assim...

Inf. 2- valor né”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 618-629)

(147). “*Inf. 2-* [

bom... mas com roubos isso e até trambiques tinham tinha... quer dizer hoje em dia *hoje* ia

Inf. 1- [

mas tinha... ia pra Europa... então tinha...

Inf. 2- *hoje* ia pra Europa... amanhã comia um pão com salsicha [...]”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 997-1002)

(148). “*Inf. 1-* eu nunca tive palpites ((risos))... tinha vez que eu não jogava... mas lá em casa havia umas pessoas que achavam graça... ouviu... e até o meu irmão... que *hoje* é padre... gostava muito da história de eh:... no: jogo do bicho... então conhecia muito bem aquela disposição de... milhares... centenas e dezenas e:...”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 11-16)

(149). “*Inf. 1-* faz parte do folclore né?...

Inf. 2- e daí então organizou-se... institucionalizou-se...

Inf. 1- é... institucionalizou-se... e *hoje*... continua a ser o grande sustentáculo das escolas de samba né? o jogo do bicho... graças a ela você tem esse espetáculo de carnaval aí”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 86-92)

(150). “*Inf. 1-* permitia e procurava aproximar-se da... do aspecto de uma flor... com seu cálice e com sua... folha... eu me lembro de ter visto... buquês de flores de pena () guardados em casa

Inf. 2- [

é... é verdade... é...

Inf. 1- mas era uma indústria tão caseira... tão reduzida né... em relação com que a gente vê hoje... né? que de fato não atingia () é verdade”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 469-476)

(151) “*Inf. 1-* [...] esse ano mesmo eu tive várias... várias investidas sérias mesmo e mais uma universidade... estou *hoje* praticamente engolfado na profissão... que a nossa profissão é tipo bola de neve... depois que pega o ritmo vai [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 1177-1183)

(152). “*Doc.-* os formados em Universidade têm campo de trabalho?

Inf. 2- têm... um campo muito mais amplo do que eu tive na época de minha formatura... porque eu formei em trinta e dois e a carreira que abracei é uma carreira muito pouco divulgada e muito pouco valorizada... né? *hoje*... felizmente... acho que forçados por circunstâncias... porque... encarando praticamente essa questão... *hoje*... por exemplo... uma máquina agrícola custa alguns milhares de cruzeiros... nessas condições ela tem de ser entregue a uma pessoa que conheça... uma pessoa que não vá estragar essa máquina... vá dar a ela a devida assistência [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 1177-1183)

(153). “*Inf. 2-* mas esse aspecto... essa pergunta que a senhora acabou de fazer... me faz lembrar o seguinte: uma discussão... aliás trocávamos idéias há pouco tempo com um colega... essa questão da mulher ter campo... um campo muito mais amplo de atividade... etcétera e estabelecia-se ao mesmo tempo... um paralelo com mulheres de épocas anteriores e eu defendia o ponto de vista o seguinte... que *hoje* ocorre... porque argumenta(vam)... argumentavam... por exemplo... a mulher de alguns(mas) décadas passadas... ela se sujeitava digamos a um... uma linha... um tratamento doméstico e... muitas vezes não se rebelava com ele... contra ele porque... mas era uma coisa lógica... nessa época... a mulher não estava preparada pra isso... ela não tinha condições de enfrentar a vida e tornar-se independente... *hoje* com o grande número de moças e senhoras que estudam a situação... mudou totalmente [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 340-354)

(154). “*Inf. 1-* acho que entre nós não existe... ah... uma das barreiras aqui no Rio Grande do Sul era a justiça

Inf. 2- é *hoje* já existe

Inf. 1- há quatro anos caiu

Inf. 2- o Banco do Brasil

Inf. 1- é

Inf. 2- o Banco do Brasil até pouco tempo não admitia funcionárias

Inf. 1- não... não admitia

Inf. 2- do sexo feminino... *hoje*... as moças podem fazer... tomar parte no concurso (ininteligível) está livre o acesso... o ingresso melhor dito”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 370-380)

(155) “*Inf. 2-* é... e uma prova bem clara... bem esclarecedora dessa questão é o número de vestibulando... *hoje* praticamente... se equivalem e... às vezes... é superado pelo elemento feminino... né? [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 411-413)

(156) “*Inf. 2-* Medicina... no nosso setor... nós temos em trabalhos laboratoriais... tanto que existe... acho que na legislação estadual... uma norma... não sei se já formou jurisprudência... mas acredito que sim... que seja lei *hoje*... uma diminuição de tempo de

serviço pra exercício de determinadas... determinados setores de profissões... né... trabalhos em laboratórios... contatos com inseticidas... isso pra esclarecer... pra concretizar... né?”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 434-440)

(157) “*Inf. 2-* e na parte de agronomia são *hoje* esses defensivos... o clássico Dedetê que se ouve falar e esses defensivos agrícolas de uma maneira geral”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 446-448)

(158). “*Inf. 1-* [...] infelizmente... o padrão *hoje* da humanidade parece ser o dinheiro... né... se mede tudo por dinheiro”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 491-493)

(159). “*Inf. 1-* ah... muito desse lucro imobiliário... Dona Ainda... é aquele que nós chamaríamos... na gíria... um lucro de travesseiro... ele cresceu de noite... nós não contribuimos pra ele crescer... ele cresceu de noite e como é um lucro de travesseiro... lucro mais de sonho... ele só por uma eventualidade ele se torna real... não é... ele se torna real... um apartamento que *hoje* se comprou... por exemplo... por quinhentos mil e que toda a vizinhança diz que está valendo um milhão e quinhentos...

Inf. 2- o senhor o põe a venda”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 563-571)

(160). “*Inf. 1-* [...] lançada essa ação na bolsa... cada um trataria de comprar a quem melhor lhe... lhe aprouvesse... surge aí todavia... a figura do especulador... daquele que enxerga que a sociedade *hoje* que não parece muito próspera... ele está num bom negócio que amanhã vai prosperar [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 696-700)

(161). “*Inf. 1-* [...] se nós não temos uma liquidez suficiente... o nosso dinheiro não tem força bastante para enfrentar uma outra moeda... então nós precisamos de mais dinheiro para enfrentar essa moeda que *hoje* se tornou... por assim dizer... padrão”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 726-730)

(162). “*Inf. 1-* *hoje*... não sei... mas eu não direi que seria uma culpa nossa... parece uma conjuntura

Inf. 2- uma conjuntura mundial

Inf. 1- conjuntura mundial

Inf. 2- indiscutivelmente”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 754-758)

(163). “*Inf. 1-* pelo conteúdo do... do produto nacional bruto... pela qualidade do produto e pelo mercado... que o mercado americano *hoje* abrange todo mundo... não é... o americano *hoje* é o romano da... da... do... do mundo antigo... né? ”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 769-772)

(164). “*Inf. 1-* [...] um progresso... foi o ingresso das domésticas na área trabalhista... é verdade... que ainda num número pequeno ponto... mas já é um ingresso... elas *hoje* já têm uma carteira assinada... elas têm direito a férias e têm direito ao INPS (ienepeésse) e só... não têm direito a mais nada e nem ao salário mínimo elas não têm direito”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 847-853)

(165). “*Inf. 1-* [...] a cooperativa *hoje*... todas elas são assistidas... assessoradas por uma equipe técnica e os seus associados se socorrem então desses conhecimentos da orien... orientação que a própria cooperativa emana... que ela dá aos seus associados”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 918-921)

(166). “*Inf. 2-* indiscutivelmente... não há dúvida... mas *hoje* já se nota...

Inf. 1- ah! não! Já...

Inf. 2- já se nota um... uma intenção e mesmo...

Inf. 1- o Ministério tem cuidado muito disso... o Ministério da Agricultura tem cuidado... (es)tá atento a esse problema... tem esse problema da (inint.) mas que é uma grande solução

é... aliás... os governos vêm pensando nisso... dentro das possibilidades... eles têm procurado incentivar”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 953-960)

(167). “*Inf. 1-* [...] o Sindicato ele não é um ente que nasce de baixo pra cima... e sim um ente imposto... porque a associaç(ão)... um sindicato não pode nascer... ele tem que receber... a anuição através de uma associação profissional... anuição essa que lhe dá o governo... através da chamada carta sindical... que(r) dize(r) que o sindicato... nem dantes nem *hoje*... não tem força nenhuma”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 1058-1063)

(168). “*Inf. 1-* [...] pelo pouco que eu conheço de Economia ou melhor... pelo que eu estudei de Economia no... vamos chamar... no sentido clássico... antes dessa... dessa revolução toda que nós estamos vivendo no mundo de *hoje*... o religioso também seria um fator de produção... seria um elemento da produção... ele produziria... por assim dizer... conforto espiritual assim como o polícia também produz... produz segurança... esse é um conceito velho... não sei se *hoje* com as tendências modernas da economia... dessas tantos que surgiram aí não é... esses papas novos da economia... como se conceituaria o religioso [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 1086-1095)

(169). “*Inf. 1-* [...] eu posso não interferir... no processo global... mas eu queria entender esse processo né? porque às vezes eu vejo assim pontes enormes que:: se gastam... fábulas para construí-la... desde o projeto até::... a entrega da obra... mas às vezes eu não sinto muito o nexa na ponte... então eu fico me perguntando se eu estou... por fo::ra do planejamento né? eu estou fazendo a coisa... simplesmente porque eu sou uma:: pe::ça dentro de uma... engrenagem maior então eu não estou sabendo do porquê... ou se tem::... como às vezes eu sinto muito... muito senão aí::... construir a ponte mas sem outra função né?... mas *hoje* eu tenho eu acho assim puxa essa ponte está:: jogando dinheiro fora... não que... melhor guardar”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 599-603)

(170). “*Inf. 2-* [...] a histia/ a histeria está praticamente desaparecendo?... sabe antigamente era:: você pega... há trinta anos atrás... Europa você encontrava os casos de histeria aqueles de histeria de conversão né? que o cara... tem um aTA::que ali na sua frente... isso não acontece mais... sabe... eu não sei te explicar como é que se deu a mudança... mas... caso assim é muito difícil você encontrar... atualmente encontra no sul da Espanha... que tem aquela... tradição pesadíssima você encontra muito mais o quê? Esquizo... e depressão... que no fundo estão muito ligado né? depressão com esquizofrenia... talvez porque as pessoas fossem mais próximas... e era

Inf. 1- talvez por mudança de ambiente

Inf. 2- mais fácil mostrar::... sabe não podia mostrar::... oralmente::... a coisa o que estava sentindo mostrava através do corpo... e o *hoje* o isolamento é tal que a pessoa... sabe esquiza... é é é mais sério você esquizar do que você

Inf. 1- mas isto está ligado diretamente ao relacionamento”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1345-1364)

(171). “*Inf. 2-* H. ... nós estamos num país em que durante alguns anos não houve prova de redação de português... o o que você quer mais depois disto?

Inf. 1- é e *hoje*

Inf. 2- quer dizer não há codificação ((rindo)) como é que não há codi/

Inf. 1- é

Inf. 2- não pode haver uma codificação... num país assim não é?

Inf. 1- mas é por isso que eu digo que a a às vezes a gente diz ‘bom esses artistas deviam de cursar... a a Escola de Arte Dramática’... a maioria dos bons artistas que nós temos *hoje* na televisão cursou escola de arte dramática

Inf. 2- cursou... Juca de Oliveira

Inf. 1- aqui de São Paulo”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 137-151)

(172). “*Inf. 1-* é o dia inteirinho música pop

Inf. 2- onde houve um progresso maravilhoso foi no setor da dança... porque *hoje* a dança é profissional

Inf. 1- é

Inf. 2- é num nível profissional”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 343-347)

(173). “*Inf. 2-* [...] e todos os programas programas comuns () de adultos

Inf. 1- ()

Inf. 2- era era tudo improviSado... tudo horrivelmente improvisado... e *hoje* não *hoje* é um nível já você vê todas...

Inf. 1- é

Inf. 2- é um nível profissional não é?”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 358-365)

(174). “*Inf. 1-* [...] eu vejo mesmo a televisão como foi o rádio há tempos atrás... era um (rapsodo) rádio... que levava a voz do contador de história para a mais longínqua região... *hoje* a televisão... com aquela sua telinha mágica... que leva a figura que leva o::... a a a iMagem... contando as histórias para as mais diversas regiões do país né?”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 946-952)

(175). “*Inf. 1-* [...] eu acho que *hoje* o que se pode fazer com a imagem não se deve fazer com a palavra... porque ela é muito mais imediata... se eu disser éh ‘em tal região do Brasil uma criança tem fome’ ... ah a pessoa lerá o jornal e dirá... ‘bom ela é uma jornalista Exagerada’ pode... poderá até me chamar de subversiva... agora vai um cinegrafista... filma uma criança... a Fome da criança... e põe no vídeo... é uma fome Irretorquível e INsofismável”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 966-974)

(176). “*Inf. 1-* nós temos (superp) que pagar o preço atual... e não o preço da época...

Inf. 2- ah... mas é o certo (superp)

Inf. 1- que aqui o decreto de desapropriação

Inf. 2- ah... mas é o certo... assim... e *hoje*... o... mesmo os quarenta cruzeiros de Correio Ribeiro *hoje* seria uns cem... pelo menos... porque esses terrenos aí devem estar sendo vendidos na ordem de trezentos ou quatrocentos (superp)”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 192-197)

(177). “*Inf. 2-* mas *hoje* esse terreno aqui vale pelo menos uns trezentos ou quatrocentos... nessa área que está...

Inf. 1- eu sei”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 212-214)

(178). “*Inf. 2-* nós temos que ficar... (superp) recompondo as balsas... pra voltar a atacar no verão... essa... depois disso também nós não voltamos a insistir no inverno... o que vai nos permitir aproveitar esse verão... porque no verão passado nós não tivemos nada pra pôr... porque logo antes do verão... mais ou menos há um ano atrás... *hoje* é dezessete... (superp)

Inf. 1- dezessete (superp) de outubro

Inf. 2- foi em vinte e um de outubro... nós tivemos um acidente e perdemos a balsa principal da obra”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 593-600)

(179). “*Inf. 2-* [...] esse ano nós estamos... ah... prontos pra aproveitar o verão todo... se Deus quiser... já foram postos... ahn... dez tubos... mais um *hoje*... onze nesse mês... (superp)”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 605-607)

(180). “*Inf. 2-* [...] os moradores de Salvador... *hoje*... não podem... na época do Carnaval... não podem contar com o que contavam antes

Inf. 1- exato

Inf. 2- o carnaval não é mais do homem que mora em Salvador... porque é insuportável pra ele”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 659-662)

(181). “*Inf. 2-* é... quando fizeram a Avenida Sete... foi que começaram a existir casa na Vitória...

Inf. 1- na Vitória... que eram tipo chácaras (inint)

Inf. 2- é... inclusive... tinha aquela casa antiqüíssima que é... *hoje* a Secretaria de Educação... né?

Inf. 1- (inint) exato (superp)”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 924-928)

(182). “*Inf. 2-* e *hoje*?

Inf. 1- hoje em dia... estão destruindo as casas todas... para construírem prédios (risos) né?”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 934-935)

(183). “*Inf. 2-* com o crescimento da cidade foram sendo instaladas novas casas... etc.. e isso num surto de desenvolvimento muito maior do que ele tinha estimado

Inf. 1- é

Inf. 2- talvez... naquela época... Salvador devia ter seus... ter seus setecentos e cinquenta mil habitantes... (superp)

Inf. 1- mil habitantes (superp)

Inf. 2- e *hoje* já tem um milhão e tanto... né (superp)”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1285-1291)

(184). “*Inf. 2-* e... sobretudo no verão... porque... eu não sei porque... ma... (superp)

Inf. 1- mas (superp) já houve épocas piores... viu?

Inf. 2- já houve épocas piores... porque *hoje*... pelo menos... chega água”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1341-1343)

(185). “*Inf. 2-* Rio-São Paulo... na época... era um local bem desenvolvido... aquele interior de São Paulo... eh... isso tem uns doze ou treze anos... estavam ainda em construção a... parte de Brasília... nós fomos a Brasília... depois voltamos por belo Horizonte... Rio e por Salvador... eh... a paisagem no interior de São Paulo... eh... depois que saem os cafezais... e entrando ali pra Brasília... muito deserto naquele tempo... imagino que *hoje* devam ser fazendas de gado belíssimas né?

Inf. 1- exato”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1533-1539)

(186). “*Inf. 2-* eu acho que é... Barragem do Sobradinho é...

Inf. 1- é um benefício pra região... né?

Inf. 2- ah... vai criar outros tipos de...

Inf. 1- qual é a... a finalidade desta barragem é... é elétrica... é? (superp)

Inf. 2- eletricidade... (superp) principalmente... acho que outra não existe *hoje*... não sei (inint) (superp)”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1676-1680)

(187). “*Inf. 2-* em princípio os bondes de uma... e de vistoria estreita vinham para o Tororó e etc... os bondinhos que mal viravam e as pessoas saiam e colocavam de volta no trilho... e era uma coisa engraçada os bondinhos... mas eu estou aí... trabalhando no comércio... muito satisfeito naquele tempo... naquele tempo que não tinha certa condução e certas coisas de... de hábitos caseiros que *hoje* tem... mas trabalhei cinco anos no comércio muito satisfeito... muito satisfeito”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 36-40)

(188). “*Inf. 2-* [...] minha mãe era uma coisa extraordinária aí eu não posso deixar de fazer elogio porque eu não sei aonde que vai parar porque se não fosse talvez minha mãe... eu não seria o que sou *hoje* [...]”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 40-42)

(189). “*Inf. 2-* [...] eu fiz UFBA e eu fui para Pituba e lá era mato... mato... não se via nada... tudo coberto... eu logo vou na Pituba estava veraneando numa casa de praia não

havia de telha... só havia de palha com algumas casinhas... saltávamos não Rio Vermelho e *hoje* a Pituba é o que é... e assim por diante né... eu vim para que aquele fundo do hospital só se via era mato... mato completamente... e isso tudo evolui de maneira assombrosa que eu mesmo nem sei onde vai parar isso com a idade hoje oitenta e nove... vendo tanta coisa... ah... quem que queria tá *hoje* aqui... aqui... nesse bairro de Nazaré como eu já conhecia há muitos anos”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 47-53)

(190). “*Inf. 2-* Eu entrei pro ginásio com dez anos em mil e novecentos e em mil e aí eu fui aluno do ginásio em mil e novecentos com o seu marido e os três... os três velhos P. O. e T... com os colegas... depois de pequeno no ginásio... não gostava muito de estudar e minha mãe não admitia absolutamente e ficava peralta... não admitia absolutamente graças a Deus... graças a Deus e ela me puxava assim venha pegar o livro... venha estudar... quem é que está na porta... olhando pro tempo e conversando coisas que não deve conversar com o companheiro porque o companheiro não... não tem raciocínio e com certeza bota você pro mal... venha pra dentro... venha para dentro e eu tinha que vir pra dentro... o que *hoje* eu fico admirado... o que eu fico admirado”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 71-77)

(191). “*Inf. 1-* Até ficou de mandar pra ela e ela me mandar por (inint) que é um professor aposentado *hoje* de licença médica e que fez a a apologia do (inint) e eu puxo a cadeira e ele foi (...) um homem muito capaz e muito simples (inint)”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 115-118)

(192). “*Inf. 2-* Trabalhava... trabalhava nos intervalos e eu perdi meu pai com dezenove anos... portanto me formei em dez e eu perdi meu pai em sete e tinha que dá um jeito apesar de mamãe que me auxiliava muito na postura e etc... e eu também ia fazendo uma coisinha né? e pronto e fui...e fui vencendo... fui vencendo... não fui levando como *hoje* se diz aí não... vai levando... não... não tem nada de vai levando não”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 124-127)

(193). “*Inf. 2-* Gosto... gosto... *hoje* devido a minha idade não posso mais... não vou me meter e não é só a idade não... nós não temos auxiliares... nós não temos auxiliares pra nada... pra nada... portanto antigamente se tinha auxiliares e tudo era mais... tudo era fácil... agora não é mais fácil... aí não é comigo não”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 139-141)

(194). “*Inf. 2-* Éééé e eu já tive qualquer coisa e *hoje* eu já tenho... e como diz a televisão vai levando... vai levando... eu não sou do tempo de vai levando nem a senhora que... eu vou dizer o que era São Pedro... por exemplo... uma bela igreja”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 143-145)

(195). “*Inf. 2-* A Avenida Sete de Setembro foi (inint) com aquela abertura onde tem o quartel no Forte de São Pedro que ali era fechado e no passeio público a gente podia ir... morava até ali a família do doutor M. E. M. a mãe dele dona Clarinha... lá morava afinal de contas o Seabra vinha dali até lá no Campo Grande e eu tenho uma dúvida... uma dúvida e ele *hoje* não reconhece nada dos (inint) nada... nada... é assim... é assim mesmo o que é que vamos fazer?”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 157-161)

(196). “*Inf. 1-* Agora o que é notório é que além das igrejas destruídas... *hoje* há uma organização de novas construções... novas construções... não é?” (D2 – 298/SSA/70 – linhas 170-171)

(197). “*Inf. 2-* Era... *hoje* não... *hoje* acabou antigamente... nada do antigo... é um caixão... um verdadeiro caixão... quando é que se constrói o gabinete português... não é pedra... mas para se fazer esse trabalho fica muito bem né? não teve que cortar o Senado... o antigo Senado pra passar a avenida... não há dúvida”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 184-186)

- (198). “*Inf. 2-* Era solta... buda solta... saia do terreiro da Sé... da praça da Sé onde tinha a estação dos burros... dos animais e dizia que era um horror... então ali o bonde fazia a curva não é? e descia com dois ou três... com quatro saia com quatro e quando chegava na rua Chile... na casa de E. M. né? aí tirava os burros e tirava até os largos do teatro que *hoje* se chamava Teatro Castro Alves... até o largo do teatro que eu conheci ali então o homem descia e lá vinha os burros”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 207-211)
- (199). “*Inf. 2-* Rua de Baixo que *hoje* é a rua Carlos Gomes e que era estreita também... que era estreitíssima”. (D2 – 298/SSA/70 – linha 215)
- (200). “*Inf. 2-* O que era a Sé... o que era a Sé... estreitíssima... mas bem quando chegava aí subia os bondes e iam... Graça... Barra e o que ia pra Graça passava no Hospital Português que *hoje* era a casa de seu J. de S.”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 221-222)
- (201). “*Inf. 2-* O de V. eu tenho um livrinho pequeno... mas não conta sobre o elevador... pois tinha o elevador e outro dia eu dizendo a um neto postiço A. M... e a gente tinha o elevador... não podia ser e quantos vezes a gente gostava e queria ver assim um pedacinho de elevador... mas nunca... mas nunca e *hoje* tem aquele edifício de Ouro Preto... Ouro Branca e ali descia uma rampa... mas era uma rampa tão alta”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 238-241)
- (202). “*Inf. 2-* Outra companhia... muita modificação a rua do colégio que era... é... *hoje* não tem mais nome da... da... rua (...) Desapareceu... desapareceu porque era tão estreito de um lado e do outro com aquelas casas do centro... depois destruíram tudo aquilo e ficou a Praça da Sé e até que derrubaram”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 296-300)
- (203). “*Inf. 2-* Porque prejudicava muito a circular e a circular vivia de certa importância por causa da despesa com os trilhos e os trilhos tinham uma certa importância naquelas curvas... naquela curva... uma... duas... três... quatro curvas e se gastava muito trilho não deram pra derrubar e então ficou direto como *hoje* é... mas derrubaram a Sé... derrubaram a Sé”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 304-307)
- (204). “*Inf. 2-* Sim... sim... onde guardava... porém o fantoche é de meu tempo... fantoche é de meu tempo... na esquina da rua da força aí no primeira andar... eu lembro e depois mudou-se para o palácio de Costa Santa na Vitória... é de meu tempo... mas o jogo foi se acabando e os sócios foram se acabando e *hoje* não sei se vale a pena... não sei se vale a pena”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 411-414)
- (205). “*Inf. 2-* Todos fardados... não nos passeios de um do lado do outro... na conde da procissão que descesse então iam fechando o circuito sabe? para acompanhar... todos fardados... o bombo e os tambores cobertos de crepe ruivavam tristemente... não vemos mais isso *hoje*... acabou-se completamente... eu sinto em dizer o que era a procissão do Senhor Morto o respeito que havia meu Deus... o respeito que havia”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 436-439)
- (206). “*Inf. 2-* Tudo isto... na procissão do Senhor Morto tem mais o povo né? colocou mais o povo... mas *hoje* não tem mais”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 444-445)
- (207). “*Inf. 2-* Pronto... o preto... o branco... o cinzento... olha a minha filha ali... oh... batalhando... olha a minha filha... e a gente vê acompanhe aí minha filha para cantar aí... era *hoje*... não quem tem uma filha... imagem de confete... absolutamente acabou”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 461-463)
- (208). “*Inf. 1-* *Hoje* mesmo eu vi um programa naquele de M. T. programa de um rapaz que diz que toca piano desde sete... oito anos mas que agora é concertista... mas há vinte anos que ele toca violão... o problema é só um é que nem todos sabem dar preço a música... mas naquela época era mais fácil... porque as famílias mesmo reuniam-se para... para o pequeno

sarau... mas reuniam-se também para fazer uma uma como é que se diz uma declamação a música e as luizinhas que faziam o entusiasmo da época... não faziam o entusiasmo da época?” (D2 – 298/SSA/70 – linhas 513-517)

(209). “*Inf. 2-* Havia... não me recordo assim... aí meu tio que era irmão de meu avô... meu avô era professor de piano... e aí nós nos reuníamos todos ali para tocar e nos divertir... *hoje*... nada... nada... nada... quanta gente se limita a acompanhar uma ave-maria né? aí no coração de Jesus tiraram harmônicos pessoal toca muito violão”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 537-539)

(210). “*Inf. 2-* É o antigo edifício do correio não era? que tinha o elevador Lacerda não era? que não é o que é *hoje* não é? edifício movido a... a lenha.” (D2 – 298/SSA/70 – linhas 587-588)

(211). “*Inf. 2-* [...] a navegação baiana era aí nessa esquina onde tinha um café... o Café Cabral na esquina onde é... *hoje* é onde tem o Banco do Brasil... onde tem o Banco do Brasil... ali era a Companhia baiana... a navegação baiana... ali era o fruto do mar que vinha até aí... com a com o entulho pra fazer as docas conciliada com os ministros entulhando então levou a companhia baiana lá pra esquina... onde é *hoje* ainda lá na navegação baiana... aí alcança”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 598-602)

(212). “*Inf. 2-* E tinha muitos saveiros e de barragem... e *hoje* eles estão acabando não é? tem umas lanchinhas essas coisas etc... tinha viagem também de cachoeiras né? tinha o tal Conselheiro Dantas que daí saía no maior vapor”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 610-612)

(213). “Isso eu po... isso eu posso falar... porque propriamente eu nunca fui professora lá assim... fui assistente... o que *hoje* vocês chamam de professor auxiliar [...]”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 639-640)

(214). “*Inf. 1-* Agora *hoje*... estou com meus documentos em Brasília sem resolver minha aposentadoria... porque eu me aposentei em sessenta e oito... eu me aposentei por idade... sessenta e cinco anos... mas agora eu preciso provar porque a faculdade vai criar uma verba porque nós estamos recebendo muito pelo médico... então eles querem que nós voltemos a faculdade pra resolver a situação não é assim?” (D2 – 298/SSA/70 – linhas 652-657)

Ocorrências de INICIALMENTE

(1). “*Inf. 1-* [...] quando eu vou para a ci/ para o centro... se eu vou de moto eu choro... sai lágrimas ((tossiu))... então *inicialmente* eu pensava bom é que estou andando sem óculos... tal... então sai água... aí eu reparei que quando eu vou pra:: estrada vou para o interior de moto... eu pego mais vento e não chora nada então eu chego à conclusão que não é o vento que... que faz sair lágrimas e:: é a poluição arde o olho”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 175-182)

Ocorrências de NUNCA

(1). “[...] a minha família mesmo minhas irmãs e meus netos... *nunca* tomaram chá de uma planta... ((ri)) medicinal... *nunca* e eu tomei muito [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 140-142)

(2). “[...] eu renovava tudo de Benedita botava tudo de Benedita agora o: canteiro de Miosótis eu *nunca*... saía um... um canteiro redondo [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 187-189)

(3). “[...] assim pra... estudo de botânica mesmo eu *nunca* fiz não... inclusive porque... éh: o: interesse meu era mais ornamental... do que mesmo assim científico não é? [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 294-296)

- (4). “[...] eu *nunca* levei... pra casa boa-noite que dá muito aquela... roxa e a branca... tem roxa e branca (3s) dá/ tem muito: tinha muito em Boa Viagem [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 385-386)
- (5). “[...] eu tive um vizinho que teve/ *nunca* tinha tido asma pegou uma asma horrorosa e o médico foi visitá-lo e olhou minha casa... disse ‘deve ser aquela planta ((rindo)) aí que dá um pólen enorme’... aí a vizinha me pediu pra eu tirar né? [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 392-395)
- (6). “[...] eu achei um uma maravilha agora de algodão eu vi pé e não não vi... uma plantação de algodão assim eNORme... pra encantar não embora o pé... já vi assim pés... soltos não é? variados muito bonito... isso eu vi... de arroz eu *nunca* vi... tenho vontade de ver um arrozal... agora *nunca* vi não... vi café: uma fazenda de café eu vi... de ca:na... algodão assim espaçado... fruteiras eu já vi muito assim laranja:is... que é uma coisa maravilhosa... não é?... bananeiras também já vi (4s) arroz eu *nunca* vi... trigo eu *nunca* vi eu não sei... ah: eu vi: uma maravilha foi de... parreiras mas isso foi na Alemanha [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 478-485)
- (7). “[...] na Europa não vi macieira... tenho muita vontade ver... pé de damasco eu não vi... vi de cereja... de ameixa... e uns pezinho de maçã: e de pera pequenos... na Suíça... muito pequeno um um:... tipo diferente nós não faríamos *nunca* isso... era uma casa tipo... suíço mesmo... nós ficamos hospedado no festival de música [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 490-494)
- (8). “[...] fui um namorado... que::... *nun:ca*... conversou com sua namorada... dava aula a ela e MEU pai que foi quem FEZ... praticamente o meu casamento... certo? [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 228-230)
- (9). “[...] eu *nun:ca*... gritei... com um filho meu... né?... *nun:ca* dei uma palmada num filho... *nunca*... a questão da pancadaria é com minha mulher [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 280-282)
- (10). “[...] há gente no interior que *nunca* veio NEM a Caruaru... aqui em Pernambuco [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 399-400)
- (11). “[...] homem Rico... mas Rico... *NUNCA* veio ao Recife... a única cida:de que ele conhece na vida... é... Petrolândia e Tacaratu... só... possui automó:vel... possui caminha:o vive negociando pra baixo pra cima com caminhão... e com motorista e filho dele tudo... tem filhos formados... e *NUNca* saiu de Tacaratu a não ser pra Petrolândia... esse homem/ e ... uma coisa interessante... ele conhece história como ninguém [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 402-407)
- (12). “[...] um homem que *NUNca* saiu de Tacaratu... a não ser Petrolândia... então... tanto os adultos... quanto os jovens e as crianças... não é?... amadurecem... com a mesma:: proporçã/ na mesma proporção... tanto no interior como na capital... não tem nada de mais [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 416-419)
- (13). “*Inf. 1-* eu *nunca* tive palpites ((risos))... tinha vez que eu não jogava... mas lá em casa havia umas pessoas que achavam graça... ouviu... e até o meu irmão... que hoje é padre... gostava muito da história de eh:... no: jogo do bicho... então conhecia muito bem aquela disposição de... milhares... centenas e dezenas e:...”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 11-16)

Ocorrências de RECENTEMENTE

- (1). “[...] um filho de uma minha amiga... entrou com nota muito boa... na politécnica... no ITA... e no Mackenzie... e não queria ir:: nem à Politécnica nem no ITA... queria ficar no Mackenzie... quer dizer... isso pra mostrar que havia um esPÍ::rito mackenzista né? porque ele por exemplo foi um... que entrou desde o primeiro ano... e ele NÃO queria... foi preciso muita insistência... da parte da mãe...que via... a possi/ uma possibilidade melhor:: de ele ir

aos outros... principalmente por causa de fi/ de si/ da situação financeira ela estava viúva... e::... o aluno indo pra Politécnica ou para o ITA... seria bem mais fácil para ela do que ele ficar no Mackenzie... mas foi com muita pena que ele desistiu da... da possibilidade de entrar na Mackenzie... e:: isso:: isso aconteceu *recentemente*... quer dizer *recentemente* não porque ele já se formou... mas mais ou menos há uma questão de sete ou oito anos atrás [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 292-310)

(2). “*Inf. 2-* o tamanho do envelope aquilo ali é/ porque a seleção... é feita por uma máquina... a seleção é feita por uma máquina então se se tem envelope de tamanho diferente a máquina às vezes rejeita ou então interrompe a... a coisa... é um processo mecânico que eles estão utilizando agora *recentemente*”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 871-876)

Ocorrências de SEMPRE

(1). “[...] eu gosto imensamente de plantas... adoro... e desde pequena *sempre* cultivei plantas em jardim no meu jardim [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 03-05)

(2). “[...] eu *sempre* tinha... flores pra... botar dentro de casa né? [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 184-185)

(3). “[...] porque: essas plantas menores de flo:res têm que tá *sempre* renovada né? [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 186-187)

(4). “[...] aí eu como *sempre* fui meio... meio doido... disse ‘olhe eu goste é de levar a resposta agora... depois não porque eu já trouxe as alianças porque se o senhor não conceder a mão de sua filha eu roubo sua filha e vou casar [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 254-257)

(5). “[...] *sempre* adorei praia... de preferência mar... água... ou então montanha com uma boa piscina... hoje em dia até estou preferindo uma piscina do que praia... aquela areia me chateia e tal [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 19-22)

(6). “[...] as profissões mais valorizadas... hoje em dia eu acho que hoje em dia e *sempre*... na minha opinião... (foram) a a profissão de médico engenheiro advoGAdo... arquitEto [...]”. (DID – 251/SP/70 – linhas 27-30)

(7). “*Inf. 1-* [...] eu *sempre* gostei... até hoje ainda faço com esse último filho com esse mais novo... que ele andasse com dinheiro no bolso... eu sempre dei bastante dinheiro a ele... porque: eu fui aqui criticado várias vezes por colegas por amigos dizendo ‘ah você dá dinheiro demais a seu filho não sei o quê’ eu digo mas eu acho o seguinte... que eu dando dinheiro a ele... ele hoje tem dinheiro amanhã ele vai fazer força pra ter [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 560-566)

(8). “*Inf. 2-* [...] a mulher *sempre* amamentou... ultimamente a mulher não tem mais leite... por que não tem mais leite?... será que está usando as mamas pro pra outras finalidades?

Inf. 1- não é:: o: talvez não... também é: um exercício é uma

Inf. 2- será que o exercício o exercício... éh::

Inf. 1- sutiãs e exercícios ginásticas e::

Inf. 2- não sei mas o fato... é que está acontecendo [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1698-1705)

Ocorrências de ULTIMAMENTE

(1). “[...] muitas vezes o profissional é buscado até em outro esTAdo é:: isso em função de um sistema de propaganda... agora:: u::/ *ultimamente* algumas empresas vê despertando para essa necessidade [...]”. (DID – 08/POA/70 – linhas 203-207)

(2). “*Inf. 2-* [...] a mulher sempre amamentou... *ultimamente* a mulher não tem mais leite... por que não tem mais leite?... será que está usando as mamas pro pra outras finalidades?

Inf. 1- não é:: o: talvez não... também é: um exercício é uma

Inf. 2- será que o exercício o exercício... éh::

Inf. 1- sutiãs e exercícios ginásticas e::

Inf. 2- não sei mas o fato... é que está acontecendo [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1698-1705)

(3). “*Inf. 1-* [...] eh muitas pessoas que têm viajado *ultimamente* – *ultimamente* eu não tenho viajado – têm dito por exemplo quem em vá/ diversos países da Europa a televisão está muito ruim... porque a televisão sendo estatal ela é muito uniformiZAda... não há:: espetáculos diversificados o telespectador... o::: fica sempre... preso... a filmes ou a a conferências... há pouco tempo uma amiga minha esteve em Paria e disse...

Inf. 2- mas no setor musical é maravilhoso

Inf. 1- que há (mas) dois canais em paris... num horário nós chamamos nobre”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 311-321)

(4). “*Inf. 1-* [...] eu fiquei muito tempo sem ir ao teatro... ah:::... *ultimamente* de coisas boas que eu tenho visto... ah:::... deixa eu ver... eu (não)... quer dizer eu não poderia dizer assim a rigor porque muitos espetáculos me escaparam... um deles que eu gostei... mas que não é um espetáculo brasileiro... porque:::... foi todo adapTAdo do... do musical... americano... foi o **Dom Quixote**... com a Bibi Ferreira”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 825-832)

ESTRUTURAS FRASEOLÓGICAS

Ocorrência de A CADA ANO

(1). “*Inf. 1-* lá perto da Sé... o senhor não está falando da porta do Carmo lá tinha um também... lá na Igreja de São Domingo talvez porque ali era um encontro... esta ainda se faz *a cada ano* a posição do encontro com a (...) o encontro de Nossa Senhora com o Senhor dos Passos está ali na Igreja São Domingos”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 355-358)

Ocorrência de A ÉPOCA

(1). “[...] nessa revista de CLÁUdia sai muito como cultivar plantas aí eu leio...porque são plantas de apartamento como cultiva:r *a época* essa coisa assim... mas sem:: me importar com a minúcia do nome... porque não sou estudiosa de planta... sou amante... de planta ((ri)) [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 302-306)

Ocorrência de A ÚLTIMA VEZ QUE EU FUI À ARGENTINA

(1). “*Inf. 1-* quando eu viajo... eu compro... né... livros principalmente... que aqui (es)tá cada vez mais difícil de se te(r) os que precisa... e roupas... tecidos... comida... *a última vez que eu fui à Argentina...* eu voltei assim carregada... carregada... trouxe vinho... trouxe queijo... doce de leite... quase não agüentava mais... tive de traze(r) tudo na mão”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 914-917)

Ocorrência de AGORA HÁ POUCO

(1). “[...] se não me engano *agora há pouco* ainda me recordava... à inauguração de estação de TV loca::l uma coisa assim... inclusive a foi retransmitida pela estação de televisão fazendo parte do... éh::: da organização das FEstas... do roteiro da apresentação das FEstas da de aniversário da cidade”. (DID – 161/SP/70 – linhas 418-424)

Ocorrência de AINDA HÁ POUCO

(1). “[...] é como eu disse dizia *ainda há pouco*... no Brasil ainda não tá não está à altu:ra... de entender certos problemas... SE... ((estalando os dedos)) no meu tempo há cinqüen:ta e tanto anos... chegasse um rapaz... com uma moça... e dissesse ‘papai está é a minha namorada’... ele apanhava na frente dela... e... talvez isso não acontecesse porque o pai da moça não permitiria... que ela viesse... né? [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 218-223)

Ocorrência de AINDA HOJE

(1). “[...] esse meu garoto que trabalha no SENAI tá garoto assim digo assim mas tá com vinte anos... trabalha no SENAI... pois bem... ele se quer fazer *ain:da ho:je*... digo ‘deixa o bichinho... fazer isso’ [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 282-285)

(2). “*Inf. 1-* [...] você não vê mais a família conversando você não vê mais os primos se visitando quer dizer a família agora tá se restringindo exatamente ((ruído)) ao pai... a mãe e os filhos... ATÉ uma certa idade... depois não existe mais... e eu me lembro... e isso me dá saudade... que por exemplo eu... *ainda hoje*... tenho primos de quartos graus que se visitam... da minha época... que agora acabou [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 1085-1093)

Ocorrência de ALGUM TEMPO ATRÁS

(1). “*Inf. 2-* sim... que um... *algum tempo atrás* o nosso comércio mesmo aqui do... de Porto Alegre... se queixava muito do... do comércio lá...

Inf. 1- é... eu ouvi fala(r) (inint) pela minha avó

Inf. 2- é... queixa... não há pouco tempo atrás... dois... três anos atrás o pessoal andava apavorado aqui mesmo... que principalmente inverno... ninguém comprava mais nada aqui né”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1144-1154)

Ocorrência de ANTES DA REVOLUÇÃO

(1). “*Inf. 1- [...] antes da Revolução... aqui tinha um representante da Air France... que sempre as embaixadas faziam viagem pela Air France... e ele não sei porque cargas d’águas ele sabia que o dólar ia subir de seiscentos cruzeiros... naquela época... pra mil cruzeiros... não sabe?*”

Inf. 2- hum

Inf. 1- aproximadamente... então ele falou ‘olhe... vocês... o problema é o seguinte até vocês viajarem em julho... vai subir o dólar’ disse isso ‘então... vocês fazem isso vocês compram a passagem de avião agora’...”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1486-1494)

Ocorrência de ANTES DE SETE ANOS

(1). “[...] olha... eu me lembro quando eu era... *antes de sete anos... eu morava lá em Icaraí e tinha uma vizinha de () uma viúva com vários filhos... eu chegava em casa... eu sempre fui muito assanhada... muito sapeca... mamãe... eu quero uma botinha marrom... com... com cano de camurça... mamãe dizia assim... quem é que tem? () é a I. ou é a C. essas... minha filha... são filhas de viúva rica... você é filha de viúva pobre... se você se comportar bem... vamos ver... isso criou complexo em mim [...]*”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 309-317)

Ocorrência de ANTES DISSO

(1). “[...] eu entrei com sete anos... porque... *antes disso eu vivi na fazenda... chegando a São Paulo... eu... fui para um colégio... de orientação americana e:: fiz o meu primeiro ano... foi onde eu aprendi a ler [...]*”. (DID – 242/SP/70 – linhas 3-6)

Ocorrência de ANTES DO GOVERNO TERMINAR

(1). “*Inf. 1- e será que essa obra aqui fica pronta antes do governo terminar?*”

Inf. 2- é... eu tenho que dizer que sim e acho que sim

Inf. 1- (risos)”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 250-252)

Ocorrência de AO LONGO DESSES QUATRO ANOS

(1) “*Inf. 1- exatamente como atualmente usam na Universidade e no... no final do ginásio... na quarta série ginásial nós fizemos... tivemos dois dias de provas de toda a matéria trabalhada e estudada ao longo desses quatro anos*”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 336-339)

Ocorrência de AO SÉCULO PASSADO

(1). “[...] essa parte da frente... esse peitilho... vamos dizer... era pregueado... ou então de fustão e... se nós voltarmos *ao século passado... teríamos cola... ah... como é que chama? o que foi que eu falei? – o peitilho era bordado...*”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 365-370)

Ocorrência de AOS SETE ANOS

(1). “*Inf. 1- [...] quando era pequenininho... aos sete anos ele... viu os pais brigando uma vez... e o pai quis agredir a mãe e ele foi... sabe criança né? foi socorrer a mãe... o pai jogou*

ele pra fora... aí ele bateu com as costas na porta... foi horrível... você imagina uma cena dessas [...]”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 837-844)

Ocorrência de AQUELA ÉPOCA

(1). “[...] e: orquídea tem *aquela época* né? pelo menos a: orquídea... a roxa que é a mais normal é época de verão... não é? outu:bro novem:bro dezem:bro tá na época de :... de orquídeas [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 312-314)

(2). “*Inf. 2-* eles começaram a negociar: aqui na Ponte da Boa Vista que *àquela época*... não é? antes de Dom Pedro... era uma ponte de madeira lá um dia veio uma cheia... e levou tudo... e depois dessa história eu não sei como eles recomeçaram a vida [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 810-814)

Ocorrências de ATÉ AGORA

(1). “[...] acho que com o tempo nós não vamos ter empregadas domésticas como... tínhamos *até agora*... acho que a crise já está (aí)... se aproximando eu acho que () não tinham outras condições de poder trabalhar então tinham que se sujeitar a isso [...]”. (DID – 344/POA/70 – linhas 618-623)

(2). “*Inf. 2-* olha... eu não sei... se isso... se isso é verdade porque *até agora* não se... nós vivemos numa numa educação repressiva... nós viemos disso... no nosso tempo era... nosso tempo de gi... de primário era assim... era... era... o professor era o... o supra-sumo de inteligência [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 77-84)

(3). “*Inf. 1-* pleiteando aí... fico careteando... fazendo essas coisa(s) aí por fora... porque é muito difícil... ainda mais uma boa remuneração... eu vejo pelo meu irmão que ele terminou o curso de economia aqui em Porto Alegre... ele conseguia empregos assim em firmas de bom nome inclusive... conseguiu no Záfari um emprego... consegui na Zivi Hércules que montou uma firma aqui em Porto Alegre pra administra(r) certos setores... ofereceram um salário entre mil e mil e quinhentos... ele de modo nenhum aceitou... foi trabalha(r) na Foz do Iguaçu por causa nessa época o sogro dele era prefeito lá... depois veio a falece(r)... foi... foi pra lá assim... no peito e na raça... em seguida consegui... apesa(r) claro... ainda escoltado ali pelo sogro... mas conseguiu um emprego *até agora* (es)ta lá e cada vez melhor... na base inicial de cinco mil... na capital não consegue... mas no interior”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1337-1349)

Ocorrência de ATÉ BEM POUCO TEMPO

(1). “*Inf. 1-* acho que entre nós não existe... ah... uma das barreiras aqui no Rio Grande do Sul era a justiça

Inf. 2- é hoje já existe

Inf. 1- há quatro anos caiu

Inf. 2- O Banco do Brasil

Inf. 1- é

Inf. 2- o Banco do Brasil *até bem pouco tempo* não admitia funcionárias

Inf. 1- não... não admitia

Inf. 2- do sexo feminino... hoje... as moças podem fazer... tomar parte no concurso (ininteligível) está livre o acesso... o ingresso melhor dito”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 370-380)

Ocorrência de ATÉ HÁ POUCO TEMPO MESMO

(1). “[...] Engenharia... só Arquitetura e Engenharia e... de escola superior né? não era univers/ não havia universidade então... a... a grande maioria ficava... ah... eu... posso contar *até há pouco tempo mesmo*... um caso interessante... um filho de uma minha amiga... entrou com nota muito boa... na politécnica... no ITA... e no Mackenzie... e não queria ir:: nem à Politécnica nem no ITA... queria ficar no Mackenzie... quer dizer... isso pra mostrar que havia um esPÍ::rito mackenzista né? [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 288-297)

Ocorrência de ATÉ HOJE

(1). “[...] eu CRIO um sobrinho... que está com quinze anos de idade... fazendo a: o quarta ano ginásial ou quarta série não sei que nome mais se dá a isso faz tempo ()... pois bem... este rapaz... numa AULA... ouVIU... da sua professora... numa análise sintática... uma oração... ‘o leão é muito feroz’... e a professora... diz ‘adjuntos adnominais o e feroz’... então essa professora... não entendeu... não/ *até hoje* não obstante ser professora HÁ vários anos... a diferença... entre adJUNto adnominal... e pre-di-cativo [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 50-57)

(2). “[...] naquela época eu não queria não queria bem a A eu queria bem como aluna... eu gostava de todos os meus alunos mas não queria bem a A... e então ficamos... casamos... e *até hoje*... esse esse era o reGIme de casamento naquele tempo [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 259-262)

(3). “[...] quando nós casamos... nós não pudemos comprar nossa mobília... então mandamos vir da fazenda e *até hoje* continua conosco... está aí [...]”. (DID – 084/RJ/70 – linhas 195-197)

(4). “[...] olha não passava circo que eu não ia ((risos)) em criança eu ficava *até hoje* eu sou tarada por circo”. (DID – 121/POA/70 – linhas 805-807)

(5). “[...] fiz o meu curso de bibliotecária... depois passei a dirigir a biblioteca do Mackenzie e... dirigi durante... vinte e cinco anos... terminado... eu... me aposentei... mas continuei como supervisora da biblioteca... onde estou *até hoje*”. (DID – 242/SP/70 – linhas 41-45)

(6). “*Inf. 1-* [...] eu sempre gostei... *até hoje* ainda faço com esse último filho com esse mais novo... que ele andasse com dinheiro no bolso... eu sempre dei bastante dinheiro a ele... porque: eu fui aqui criticado várias vezes por colegas por amigos dizendo ‘ah você dá dinheiro demais a seu filho não sei o quê’ eu digo mas eu acho o seguinte... que eu dando dinheiro a ele... ele hoje tem dinheiro amanhã ele vai fazer força pra ter [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 560-566)

(7). “*Inf. 2-* [

aí... aquelas... aqueles trajes finos e coloca colares aqui e encher os pés e as mãos e outras coisas... *até hoje*... *até hoje*...

Inf. 1- ah... era () um barato... bem bem bem transparente né... aquele negócio preso aque/ cheio de () prateada ()

Inf. 2- [

adorava... era o meu sonho... era um sonho... você sabe que era o meu sonho... eu nunca... minha mãe nunca fez uma fantasia de odalisca pra mim... fez de tudo... né... bailarina e de outros bichos também... *até hoje*... eu ainda vou me realizar... né... ainda vou no Monte Líbano de odalisca transparente”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 502-514)

(8). “*Inf. 1-* [...] porque a família dele pra variar tambÉM... porque *até hoje* nunca me relacionei com uma pessoa que tivesse família... integrada... então a... eh... ele... quando era pequenininho... aos sete anos ele... viu os pais brigando uma vez... e o pai quis agredir a mãe e ele foi... sabe criança né? foi socorrer a mãe... o pai jogou ele pra fora... aí ele bateu com as costas na porta... foi horrível... você imagina uma cena dessas [...]”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 837-844)

(9). “*Inf. 2-* [

mas é... justamente o amor... o amor que une os dois... minha Filha... eu nunca vi... eles *até hoje* vivem... contra TUDO... minha mãe não aparece muito lá... nem pai também não... eu vou porque eu aceito... aceito... achei ótimo o que ela fez... válido... se fosse comigo também faria a mesma coisa mas... eles vivem pra si”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 965-971)

(10). “*Inf. 2-* [...] se você for ver as civilizações que já existiram *até hoje*... o que teve de queda né?... é ascendência de novos ((alguém tosse))

Inf. 1- não... eu acho que não”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1685-1688)

(11). “*Inf. 2-* M.O.

Inf. 1- sei

Inf. 2- ele estava metido com esse negócio de cachorro antigamente... aliás... ele *até hoje* ainda deve gostar [...]”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 335-338)

(12). “*Inf. 1-* vocês têm que parar a obra do emissário... né?

Inf. 2- eh... ah... têm que praticamente parar a obra (superp) porque o... senão é quebra de tubo... aí... é guindaste quebrado... é balsa nas pedras... homem morrendo... felizmente só tivemos uma morte *até hoje*”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 573-576)

Ocorrência de ATÉ O MÊS PASSADO

(1) “*Inf. 1-* não... parece que não... que em Libres... onde eu... onde eu fui esse ano... que o pessoal de Uruguai vai ali... eles compram a carne a oito cruzeiros o quilo... o meu irmão que mora na Foz do Iguaçu mora na Argentina... comprava *até o mês passado*... que agora a Isabelita fechou a fronteira e não... essa história de comida não pode passa(r)... comprava filé mignon a oito... oito pila o quilo... oito cruzeiros é muito barato [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1177-1183)

Ocorrência de ATÉ OS DEZENOVE ANOS

(1). “*Inf. 2-* [...] se não fosse talvez minha mãe... eu não seria o que sou hoje... estou dizendo o que sinto porque conversando como se diz amigavelmente de onde eu venho... né... então fiquei empregado no comércio *até os dezenove anos*... dezenove anos um amigo disse... não fiz terceiro ano de ginásio porque não podia continuar... não havia capital pra isso... então não sei como arranjaram os cinquenta mirrís para me matricular no primeiro ano... me matriculei e passei [...]”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 40-45)

Ocorrência de ATÉ POUCO TEMPO

(1). “*Inf. 2-* [...] eu estou lendo a vida de R... então ele diz ‘pois é... só havia para as crianças e os jovens três tipos de diversão... teatro... concerto e circo... pra mim só o circo bastava né?... a *até pouco tempo*... quando vinha o (sarrazane) aqui no Rio né?

Inf. 1- [

não mas eu acho que...

Inf. 2- as famílias iam totalmente né?... agora é mais esse gelo né... patinação no gelo”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 727-736)

Ocorrência de ATÉ TRINTA

(1). “*Inf. 1- [...] eu ia fazer dois anos de preparatórios... tinha que fazer dois em três anos... aí matriculei em vinte e cinco e saí em trinta com o meu diploma e estudei em ensino normal até (pigarreou) vinte e fiz Medicina até trinta”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 3-5)*

Ocorrência de ATÉ TRINTA E QUATRO

(1). “*Inf. 2- eu fui obrigado a ingressar no funcionalismo público... assim mesmo me formei em trinta e dois... relutei até trinta e quatro... pra ingressar no setor de funcionalismo público... mas depois... forçado por circunstâncias e pela própria subsistência... digamos... né... eu ingressei... por isso que eu tenho a impressão que o indivíduo... o ambiente familiar é outra coisa que tem grande influência sobre isso... né? tanto que nós vemos aqui verdadeiras sucessões de médicos... filhos médicos... netos médicos... e assim nas profissões de uma maneira geral... né... são profissões que se tornam tradicional... tradicionais... aliás... numa família e vão sendo seguidas... esse é o meu ponto de visita... a respeito [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 174-179)*

Ocorrência de ATÉ VINTE

(1). “*Inf. 1- [...] eu ia fazer dois anos de preparatórios... tinha que fazer dois em três anos... aí matriculei em vinte e cinco e saí em trinta com o meu diploma e estudei em ensino normal até (pigarreou) vinte e fiz Medicina até trinta”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 3-5)*

Ocorrência de CEM ANOS ATRÁS

(1). “*Inf. 1- então... então é famoso... óleo de capivara que já foi muito usado na... na medicina do... cem anos atrás... para os tratamentos de doenças de... aparelho respiratório [...]”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 389-391)*

Ocorrência de CERTA FEITA

(1). “*Inf. 1- olha I. ... eu... como você sabe... u::ma pessoa um diretor lá da Folha... certa feita me chamou... e me incumbiu de escrever sobre televisão... o que me parece é que na ocasião... quando ele me incubiu disso... ele pensou... que ele ia::... ficar em face de uma recusa... e que eu ia... esnoBAR ((ri)) – agora vamos usar um termo... que eu uso bastante que todo mundo usa muito eu iria esnoabar a televisão... como todo intelectual realmente esnoba [...]”. (D2– 333/SP/70 – linhas 3-11)*

Ocorrência de CINQUENTA ANOS ATRÁS

(1). “*Inf. 1-* [...] você vê aquela:... que eu acho que é uma cena: triste... Chacrinha sacudindo tábua de bacalhau... na cara do povo... saco de de de de gordura como eu vi dentro da casa da banha... sacudiam saco de banha e espanhou como é que chama banha na cara de todo mundo... sacode galinha cacho de banana sacode cinco seis abacaxi... ou então atropela um com a... panela de pressão né?... então:/ oh a programação é nessa espécie QUANDO NÃO... é cinema... e cinema *de... cinqüenta anos atrás...* e que vem se repetindo [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 1260-1269)

Ocorrência de COM A IDADE HOJE OITENTA E NOVE

(1). “*Inf. 2-* [...] hoje a Pituba é o que é... e assim por diante né... eu vim para que aquele fundo do hospital só se via era mato... mato completamente... e isso tudo evolui de maneira assombrosa que eu mesmo nem sei onde vai parar isso *com a idade hoje oitenta e nove...* vendo tanta coisa... ah... quem que queria tá hoje aqui... aqui... nesse bairro de Nazaré como eu já conhecia há muitos anos”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 49-53)

Ocorrência de COM CINCO ANOS

(1). “*Inf. 2-* já faz tanto tempo... ah! uma coisa que eu me lembro que eu acho assim que... é cômico... mas... um troço assim que agora... fala(r)... isso me veio na cabeça... eu quando entrei pra escola... eles não queriam me deixa(r)... não queriam se negavam porque eu não tinha idade... eu entrei *com cinco... cinco anos* num voleginho lá... de beir(a)... de beira de morro... só descia toda maloqueirada descia pro colégio esse... mas como a madrinha da minha mãe lecionava lá... ela disse não... pode deixa(r) que eu pego a guria [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 280-286)

Ocorrência de COM DEZENOVE ANOS

(1). “*Inf. 2-* trabalhava... trabalhava nos intervalos e eu perdi meu pai *com dezenove anos...* portanto me formei em dez e eu perdi meu pai em sete e tinha que dá um jeito apesar de mamãe que me auxiliava muito na postura e etc... e eu também ia fazendo uma coisinha né? e pronto e fui... e fui vencendo... fui vencendo... não fui levando como hoje se diz aí não... vai levando... não... não tem nada de vai levando não”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 124-127)

Ocorrência COM DEZESSETE ANOS

(1). “*Inf. 1-* [...] eu *com dezessete anos* já era professora e meus irmãos também seguiram a trilha com vinte e um anos já era bacharel tudo isso pela bondade de mamãe... pelos cuidados dela e também pela insistência de doutor (inint) e ela então encucou os três mais velhos no ginásio e então vivemos aquela vida de trabalho de dedicação... dos alunos pra nós e de nós pra eles [...]”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 90-93)

Ocorrência de COM NOVE ANOS

(1). “*Inf. 1-* seis... vi (inint) *nascer com nove anos* e o último nasceu três meses antes da morte de meu pai e logo ele faleceu traumatizado... ela fez aquilo que mãe faz com a... a gente e nós ficamos à mercê de parentes e amigos entre eles a família S. [...]”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 82-84)

Ocorrência de COM O TEMPO

(1). “*Inf. 1-* [...] eu com dezessete anos já era professora e meus irmãos também seguiram a trilha com vinte e um anos já era bacharel tudo isso pela bondade de mamãe... pelos cuidados dela e também pela insistência de doutor (inint) e ela então encucou os três mais velhos no ginásio e então vivemos aquela vida de trabalho de dedicação... dos alunos pra nós e de nós pra eles... agora *com o tempo* tudo isso tem uma razão de ser... que ela era realmente muito lúcida embora sem certa instrução [...]”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 90-94)

(2). “*Inf. 1-* [...] o novo o novo o novo e *com o tempo* deixa ruir o velho... e: vão abolindo completamente o que existia de antigo que se fazia a história de Recife... e você vai ter uma cidade então... sem história”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 376-379)

Ocorrência de COM SETE ANOS

(1). “[...] eu entrei *com sete anos*... porque... antes disso eu vivi na fazenda... chegando a São Paulo... eu... fui para um colégio... de orientação americana e:: fiz o meu primeiro ano... foi onde eu aprendi a ler... e portanto... foi o primeiro contato com... este tipo de::... éh... vida.. porque antes era uma vida de fazenda completamente diferente [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 3-9)

Ocorrência de COM TRINTA E TRÊS ANOS

(1). “*Inf. 1-* seis... vi (inint) *nascer com nove anos* e o último nasceu três meses antes da morte de meu pai e logo ele faleceu traumatizado... ela fez aquilo que mãe faz com a... a gente e nós ficamos à mercê de parentes e amigos entre eles a família S. que ele falou... meu pai estava muito... então ele se enterrou... ela era moça *com trinta e três anos*... o que é pior é que essa situação não nos deu estabilidade aqui dentro... tivemos amigos que nos ajudaram porque ganhávamos um salário só do meu pai [...]”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 82-86)

Ocorrência COM VINTE E UM ANOS

(1). “*Inf. 1-* [...] eu com dezessete anos já era professora e meus irmãos também seguiram a trilha *com vinte e um anos* já era bacharel tudo isso pela bondade de mamãe... pelos cuidados dela [...]”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 90-91)

Ocorrência de COMEÇO DO SÉCULO

(1). “*Inf. 2-* também que aliás até algum... até o:: acho que o fim do século passado... éh mamãe sempre como:: contava que elas tinham umas amigas que eram sempre carinhosas

eram umas velhinhas muito simpáticas então elas se vi/iam visitá-las... e almoçavam com elas e elas diziam ‘comei batatinha’...

Inf. 1- comei? ((riu))

Inf. 2- ‘comei batatinha’ quer dizer ofereciam as coisas assim... nessa nessa... nessa linguagem usavam ainda normalmente essa linguagem isso não é... *começo do século* não é?”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 262-272)

Ocorrência de DA ÉPOCA

(1). “*Inf. 2* – [...] a Bíblia... a Bíblia foi muito mais tirada de fatos... a meu ver... do que qualquer outra coisa

Inf. 1 - da época sim fatos *da época* entendeu”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 120-123)

(2). “*Inf. 1* – convém ressaltar... e numa dessas noites de palestras... aliás... agradáveis... esse americano que falava um pouco de português... mas mais... praticamente só inglês e a gente arranhava também com ele... ele começou a... a contar sobre a sua especialidade... ele tinha sido contratado por uma das grandes indústrias *da época* naquele momento lá... para trabalhar sobre óleo de peixe porque era uma das coisas que mais interessava aos aliados era a produção de óleo... então... eles buscavam óleo esfomeadamente em todas as áreas... então recorreram ao peixe também e conversa vai me... vem... eu ingenuamente perguntei pra ele... então o senhor entende muito de peixe... ele disse ‘não... eu só entendo de óleo de peixe’. (D2 – 365/POA/70 – linhas 151-162)

(3). “*Inf. 1-* nas petições... pedindo a cem cruzeiros... mas juridicamente diz que você tem que pagar o preço *da época* em que você fizer a desapropriação

Inf. 2- ah... é?

Inf. 1- é

Inf. 2- ah... isso é um... (superp)

Inf. 1- por exemplo... (superp) atualmente... se eles ainda não receberam e forem recorrer à justiça... eles vão ganhar... compreendeu?

Inf. 2- sim (superp)

Inf. 1- nós temos (superp) que pagar o preço atual... e não o preço *da época*...

Inf. 2- ah... mas é o certo (superp)”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 185-193)

(4). “*Inf. 1-* [...] naquela época era mais fácil, porque as famílias mesmo reuniam-se para... para o pequeno sarau... mas reuniam-se também para fazer uma... uma como é que se diz uma declamação a música e as luizinhas que faziam o entusiasmo *da época*... não faziam o entusiasmo *da época*?”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 515-517)

Ocorrência de DA IDADE MÉDIA

(1). “*Inf. 1-* [...] um sindicato que nasceu espontâneo... é o sindicato em que dois ou três mineiros... na taberna se reuniram e resolveram fazer(r)... então... chamaram mais oito... mais dez... mais quinze e aquilo cresceu... herança das velhas corporações *da Idade Média* em que havia a rua dos latoeiros... havia a rua dos pintores... se lê em qualque(r) livro da... da... *da Idade Média* e vê... né... como havia aquelas corporações fechadíssimas para enfrentar a nobreza... os artífices se uniam em corporações... essas corporações é que vieram dar mais tarde origem aos nossos... aos sindicatos [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 984-993)

Ocorrência de DA MINHA ÉPOCA

(1). “[...] eu entendo que o casamento *da minha época*... era... muito mais bonito muito mais solene... do que esse casamento da atual... MESMO o casamento religioso... porque a gente vê... certos casais e não quero atingir de maneira alguma a quem quer que seja... que vão para igreja cumprir apenas uma obrigação social [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 204-208)

(2). “*Inf. 1* – [...] a família agora tá se restringindo exatamente ((ruído)) ao pai... a mãe e os filhos... ATÉ uma certa idade... depois não existe mais... e eu me lembro... e isso me dá saudade... que por exemplo eu... ainda hoje... tenho primos de quartos graus que se visitam... *da minha época*... que agora acabou [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 1087-1093)

Ocorrência de DA MINHA INFÂNCIA

(1). “*Inf. 1* - [...] nós tivemos uma amiga... que tinha uma grande casa na rua... amiga da minha mãe... na rua Conde de Bonfim... e também foi uma impressão que ficou muito grande *da minha infância*... era... ela tinha variedades de faisões... então tinha faisão [...]”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 275-279)

Ocorrência de DA NOSSA GERAÇÃO

(1). “*Inf. 2*- aliás o circo era uma experiência de encontro com os animais que hoje em dia as crianças não têm e que as crianças *da nossa geração*... aquilo era uma das grandes alegrias que a gente tinha... poder ir ao circo né? [...]”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 723-726)

Ocorrência de DAQUELA ÉPOCA

(1). “*Inf. 2* -[...] bom mas eu acho o seguinte que este contraste de arquitetura... isso faz ressaltar mais assim o o que existe de antigo de bonito... *daquela época* ”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 369-371)

(2). “*Inf. 2*- quer dizer... pra você ver os... os cálculos estruturais *daquela época*... né?

Inf. 1- exato (superp)

Inf. 2- diz que... às vezes... tinha um projeto dizia que tinha três barras de ferro... quando o cara i... ia olhar mesmo (superp)

Inf. 1- (inint) fazia na ignorância mesmo (superp) ”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1026-1030)

Ocorrência de DAQUELE TEMPO

(1). “*Inf. 2*- que eram justamente um dos... um dos defeitos muito grandes do rádio... *daquele tempo* que era... quando:: um::... locutor ia fazer um teste... o::... o chefe dizia a ele... ‘diga aí os ef/ os esses e os erres’... esse era o teste”. (D2– 333/SP/70 – linhas 36-40)

Ocorrência de DAQUELES TEMPOS DAS GUERRAS DO CACAU

(1). “*Inf. 2*- não... eu não gosto de fazenda de cacau... não... embora a minha família... eh... a família de meu pai tenha ligações com o cacau... até da... da... *daqueles tempos das... das guerras do cacau* e etc.

Inf. 1- lá em Ilhéus... é?

Inf. 2- lá em Ilhéus... mas eu não gosto não... porque acho uma fazenda muito... muito fechada [...]”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 378-382)

Ocorrência de DE ALGUMAS DÉCADAS PASSADAS

(1). “*Inf. 2-* mas esse aspecto... essa pergunta que a senhora acabou de fazer... me faz lembrar o seguinte: uma discussão... aliás trocávamos idéias há pouco tempo com um colega... essa questão da mulher ter campo... um campo muito mais amplo de atividade... etcétera e estabelecia-se ao mesmo tempo... um paralelo com mulheres de épocas anteriores e eu defendia o ponto de vista o seguinte... que hoje ocorre... porque argumenta(vam)... argumentavam... por exemplo... a mulher *de alguns(mas) décadas passadas*... ela se sujeitava digamos a um... uma linha... um tratamento doméstico e... muitas vezes não se rebelava com ele... contra ele [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 340-350)

Ocorrência de DE DOIS OU TRÊS ANOS

(1). “*Inf. 1-* [...] não se esqueça que a nossa consolidação das leis do trabalho é de novembro de mil e novecentos e quarenta e três... portanto... quando áureos eram os tempos do fascismo... ainda não... ainda não tinha chegado a... a debate... e ela é produto de uma elaboração que já vinha *de dois ou três anos*... de modo que ela nasceu justamente naquele período áureo do Eixo e por isso... a... a nossa organização sindical é um tanto quanto forçada [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 972-979)

Ocorrência de DE ÉPOCA

(1). “[...] *de época* mesmo eu falei verão e inverno porque as plantas que eu tenho... me:smo... assim a prática de ter tido no meu jardim... e saber que no verão as rosas ficam mais bonitas... eu sei e:... nono inverno elas ficam mais tristes [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 309-311)

Ocorrência de DE ÉPOCAS ANTERIORES

(1). “*Inf. 2-* mas esse aspecto... essa pergunta que a senhora acabou de fazer... me faz lembrar o seguinte: uma discussão... aliás trocávamos idéias há pouco tempo com um colega... essa questão da mulher ter campo... um campo muito mais amplo de atividade... etcétera e estabelecia-se ao mesmo tempo... um paralelo com mulheres *de épocas anteriores* e eu defendia o ponto de vista o seguinte... que hoje ocorre... porque argumenta(vam)... argumentavam... por exemplo... a mulher *de alguns(mas) décadas passadas*... ela se sujeitava digamos a um... uma linha... um tratamento doméstico e... muitas vezes não se rebelava com ele... contra ele [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 340-350)

Ocorrência de DE HOJE

(1). “[...] o namoro do meu tempo... era muito diferente... *de hoje*... porque naquela época há: cinquenta e tanto anos atrás... a gente... quando via... uma moça e resolvia namorá-la... procurava príMEIro... a família da moça... conversar com o pai conversar com a mãe... dePOIS de conversar com o pai... para por meio deles chegar àquela pessoa [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 209-213)

(2). “[...] a Faculdade de Medicina do meu tempo... porque:: nós precisamos fazer::... uma diferença... muito grande *de hoje* pro meu tempo de acadêmico [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 324-327)

(3). “[...] nós recebemos realmente dinheiro desvalorizado... os juros sim... do tempo... correspondentes ao tempo decorrido... MAS não era co/ como a correção monetária *de hoje*... se fosse o negócio ia longe [...]”. (DID – 250/SP/70 – linhas 191-191)

(4). “*Inf. 2-* [...] eu acho que o estudante *de hoje* não vê sentido prático nisso que ele (es)tá dando na escola... tanto no segundo grau como na... na Universidade”. (DID – 145/RE/70 – linhas 99-101)

Ocorrência de DE NOVENBRO DE MIL E NOVECENTOS E QUARENTA E TRÊS

(1). “*Inf. 1-* [...] não se esqueça que a nossa consolidação das leis do trabalho é *de novembro de mil e novecentos e quarenta e três*... portanto... quando áureos eram os tempos do fascismo [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 972-975)

Ocorrência de DE PRIMEIRO MOMENTO

(1). “*Inf. 1-* [...] a gente não chega a pensa(r) no mais fácil... no mais difícil... eu por exemplo... quando... primeiro curso que eu escolhi foi Filosofia... ah... eu gostava de Filosofia... desde que tinha entrado no primeiro colegial... é claro... (inint) *de primeiro momento* fiz o curso gostando muito... quando eu tive que trabalha(r) foi que eu senti”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1472-1477)

Ocorrência de DE SESENTA E QUATRO

(1). “[...] ele FEZ a previsão... da::... da revolução *de sessenta e quatro*... tá? [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 407-408)

Ocorrência de DE SESENTA E SETE

(1). “[...] a administração pública:: hoje parte pro/ após a refor/ após o decreto/lei duzentos... *de sessenta e sete* que foi a reforma administrativa... vem a:: a:: a administração pública reformulando os seus quadros portanto necessitando de pessoal de curso superior”. (DID – 08/POA/70 – linhas 56-62)

Ocorrência de DE TRÊS A TREZE

(1). “*Inf. 2-* desde os sete anos que eu viajo pra’qui porque meu bisavô era proprietário do Severino Filho e meu avô trazia... vamos na casa de vovô velho... vamos na casa de vovô velho e lá vinha eu muito satisfeito com meu avô que era (inint)... então vinha passava aí alguns minutinhos e voltava mais uma vez para a comunidade de João Ferreira... onde morei *de três a treze* e vim pra’qui”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 53-56)

Ocorrência de DE UMA ÉPOCA

(1). “*Inf. 1- é A Rainha DiAba... que me pareceu assim cem por cento nacional... sem nenhuma influência... de daqueles:: filmes... de gangsters americanos né? que era um marginal bem NO::sso aquele marginal ((rindo)) pobre triste com as... peculiaridades nossas do submundo nosso... e aquele tirado da... do Marques Rebelo A Estrela Sobe... que eu também achei magnífico... como retrato de uma época... como justiça que o cinema fez a um grande escritor... que foi Marques Rebelo... então são dois filmes... foram acho que foram os dois únicos filmes nacionais*”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 634-644)

Ocorrência de DE UMA ÉPOCA PASSADA

(1). “[...] não... o magistério não:: não é:: uma:: uma:: apenas uma maneira de ganhar dinheiro não... isso pode ter sido dentro de um:: *de uma época:: ahn:: passada*... que não se poderia mais considerar... hoje em dia o:: o:: magistério ao menos ah:: que se tem visto aqui na Universidade... em sua totalidade tem sido encarada como uma profissão a:: que a pessoa se dedica [...]”. (DID – 08/POA/70 – linhas 309-317)

Ocorrência de DE UNS ANOS PRA CÁ

(1). “*Inf. 2- ou talvez não porque... as... as pessoas estão procurando coisas novas né?... você vê esse::s... éh::... esse crescimento de uns anos pra cá de::... essas... MODas que está... orientalismo e:: novas religiões que está::... pululan::do né? parece por tudo quanto é canto aí... que eu acho que vem bem em função de uma decadência de de religião cristã... agora que que isso vai levar no geral parece que é... é meio::... tábua de salvação um pouco né? não que seja um negócio muito real né?*”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1194-1202)

Ocorrência de DE UNS VINTE ANOS PRA CÁ

(1). “[...] eu venho observando aqui no Reci:fe há uns vinte anos... *de uns vinte anos pra cá... né?... tem sido uma des-mo-ra-lização treMENda nesse assunto... éh e de sorte que a família já não é mais nem considerada [...]*”. (DID – 145/RE/70 – linhas 331-333)

Ocorrência de DE VEZ EM QUANDO

(1). “*Inf. 1- mas as seringueiras já estão produzindo borracha?*
Inf. 2- elas não começaram em larga escala... mas algumas sim... já existe borracha tirada dessas seringueiras
Inf. 1- sei
Inf. 2- isso já há alguns anos... porque eu me lembro que na... construtora... lá no retiro... de vez em quando vinham aquelas bolas de...
Inf. 1- de borracha
Inf. 2- de borracha... de látex”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 411-418)

Ocorrência de DE VINTE E NOVE DE ABRIL DE OITENTA E OITO

(1). “[...] faz cinco anos... eu sou *de vinte e nove de abril de oitenta e oito*... nasci na rua da Faisca”. (D2 – 298/SSA/70 – linha 10)

Ocorrência de DEPOIS DE CERTO TEMPO

(1). “[...] *depois de certo tempo* quando a gente ia ficando mais... mais moço... é que nós saímos do ginásio... e o Ginásio Rosário ficava onde é hoje... a casa do Senhor Arcebispo... sabe onde é? na::quela descida... na esquina da Catedral tem aquela descida... chamava-se antigamente o Beco do Império... hoje eu não sei o nome”. (DID – 06/POA/70 – linhas 381-388)

Ocorrência de DEPOIS DE DEZESSEIS ANOS

(1). “[...] você viu como eu sou pouco curiosa e desligada... porque *depois de dezesseis anos* não sabia onde é que tinha louça boa na casa”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 854-857)

Ocorrência de DEPOIS DE PEQUENO

(1). “*Inf. 2-* eu entrei pro ginásio em mil e novecentos e aí eu fui aluno do ginásio em mil e novecentos com o seu marido e os três... os três velhos P. O. e T. com os colegas... *depois de pequeno* no ginásio... não gostava muito de estudar e minha mãe não admitia absolutamente e ficava peralta... não admitia absolutamente graças a Deus [...]”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 71-74)

Ocorrência de DEPOIS DE QUASE UM ANO OU DOIS

(1). “*Inf. 2-* [...] meu pai voltou do seminário *depois de quase um ano ou dois* e virou-se pra o pai e disse: ‘meu pai... não quero ser padre não... não dou pra padre e tal...’ ‘é? não é padre... não é meu filho... então retire o que é seu e vá embora’”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 861-864)

Ocorrência de DEPOIS DE UMA SEMANA DE PERIPÉCIA

(1). “*Inf. 1-* [...] na época da guerra... eu fui atende(r) um serviço em Rio Grande e naquele tempo estava em blacaute (**black-out**) como se chamava

Inf. 2- sei...

Inf. 1- porque justamente nas costas do Rio Grande tinha sido bombardeado um navio mercante inglês cujos naufragos foram recolhidos a Rio Grande... *depois de uma semana de peripécia*... e estavam hospedados no velho hotel de Rio Grande que eu não me lembro o nome [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 128-136)

Ocorrência de DEPOIS DE VIÚVA

(1). “[...] eu sei que nenhuma das duas está dentro dessa faixa etária... portanto não podem imaginar o que era por exemplo uma biblioteca há trinta anos atrás eu já estou trabalhando há trinta anos nessa biblioteca... SÓ nessa biblioteca... ingressei *depois de viúva*... a trabalhar (entende?) [...]”. (DID – 344/POA/70 – linhas 55-61)

Ocorrência de DEPOIS DESSA HISTÓRIA

(1). “*Inf. 2-* eles começaram a negociar: aqui na Ponte da Boa Vista que àquela época... não é? antes de Dom Pedro... era uma ponte de madeira lá um dia veio uma cheia... e levou tudo... e *depois dessa história* eu não sei como eles recomeçaram a vida [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 810-814)

Ocorrência de DEPOIS DESSE SURTO DE CONSTRUÇÕES

(1). “*Inf. 1-* exato (superp) agora... o clima... aqui na Bahia... modificou muito *depois desse surto de construções* que houve aí... né? (interrup) eu me lembro que quando eu era bem... (superp)

Inf. 2- eu... você acha? (superp)

Inf. 1- acho (superp) quando eu era bem rapaz... lá pros meus doze... treze anos... aqui o clima de Salvador não passava de vinte e dois e vinte e seis graus o ano inteiro... hoje em dia... aqui você vê trinta e um... trinta e dois graus... coisa que não acontecia

Inf. 2- é”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 623-629)

Ocorrência de DEPOIS DISSO

(1). “*Inf. 2-* nós temos que ficar... (superp) recompondo as balsas... pra voltar a atacar no verão... essa... *depois disso* também nós não voltamos a insistir no inverno... o que vai nos permitir aproveitar esse verão [...]”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 595-604)

Ocorrência de DEPOIS DISTO

(1). “*Inf. 2-* H. ... nós estamos num país em que durante alguns anos não houve prova de redação de português... o o que você quer mais *depois disto*?

Inf. 1- é e hoje

Inf. 2- quer dizer não há codificação ((rindo)) como é que não há codi/

Inf. 1- é

Inf. 2- não pode haver uma codificação... num país assim não é?”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 137-144)

Ocorrência de DEPOIS O HOMEM PASSOU A VALER O QUE TINHA

(1). “*Inf. 2-* no início o homem valia o que era... *depois o homem passou... a valer o que tinha*

Inf. 1- () agora o que aconte?

Inf. 2- hoje o homem tá valendo o que apresenta [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 901-904)

Ocorrência de DEPOIS QUE CESSOU ESSA ÉPOCA

(1). “*Inf. 1-* e... e A Moreninha ficou justamente naquele mu-si-CAL... naquela era dos musicais que eram tão gos/éh produziam coisas tão gostosa aquela era produziu... realmente ahn ahn você lembra daqueles filmes de Janet Mc Do::nald aquelas... lindos... e *depois que cessou essa época* agora estão voltando parece com a ópera rock também

Inf. 2- a ópera rock () vem aí”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 791-798)

Ocorrência de DESDE A GESTAÇÃO

(1). “[...] certo... bem eu considero a família... como... o grupo humano... de que depende muito a educação... esse esse esse grupo... ou seja a família... TRAZ uma Série... imensa de problemas... SÃO... problemas... que existem... *DESde a gestação*... porque... a gestação [...]”.

(DID – 145/RE/70 – linhas 05-08)

Ocorrência de DESDE AÍ

(1). “*Inf. 2-* [...] um dia um gato comeu o mais lindo dos nosso canarinhos... foi um desgosto tremendo... porque eles ficam como que hipnotizando né o bicho... não sei se já viu isso né... era impressionante... o gato chegava e ficava olhando pro canarinho... o canarinho se debatia dentro da gaiola... sentindo a força... do olhar... a força hipnótica mesmo do animal né?... nós íamos correndo... afastávamos os gatos... um dia nós não vimos... o canarinho... o... o gato pulou... segurou na gaiola forçou e matou o... canarinho... *desde aí* nós nunca mais quisermos ter né... porque gato não se pode evitar que pule no quintal da gente né ((risos))... então acabamos com os canários ”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 783-794)

Ocorrência de DESDE AQUELA ÉPOCA

(1). “*Inf. 1-* [...] eu tinha um prazer... o prazer não era estético naquela época... era um prazer incrível... eh... era um prazer quase erótico... se eu posso dizer assim... me olhar no espelho e me ver toda cheia de badulaques... sabe... *desde aquela época* que () confusão psicológica”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 483-490)

Ocorrência de DESDE AQUELE TEMPO

(1). “*Inf. 1-* me formei em setenta e quatro... por aí você tira quanto tempo ele levou parado... o Salvador Praia Hotel
Inf. 2- agora... muitos hotéis ficaram parados *desde aquele tempo*... né? porque naquele tempo não havia verbas pra... (superp)
Inf. 1- naquele tempo faltava (sic) verbas. (superp)
Inf. 2- turismo
Inf. 1- hoje em dia... é mais fácil (superp)”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 983-989)

Ocorrência de DESDE MENINA

(1). “[...] ah... eu sempre usei isso... anel de () me acompanha *desde menina*... eu não quis anel de grau... tive uns... uns anéis fantasias... um anelzinho aqui... com a minha pedra que é topázio [...]”.

(DID – 317/RJ/70 – linhas 797-800)

Ocorrência de DESDE MUITO TENRA IDADE

(1). “[...] eu tenho boa memória eu (me) lembro de coisas assim por exemplo como quando eu tinha:: ... ah:: ... dois anos e meio três anos de idade que eu me lembro assim por exemplo... da onde eu mora::va ah:: os brinque::dos de coisas que eu fazia assim eu me lembro assim *desde... muito tenra idade*”. (DID – 08/POA/70 – linhas 746-752)

Ocorrência de DESDE O PRIMEIRO ANO

(1). “[...] um caso interessante... um filho de uma minha amiga... entrou com nota muito boa... na politécnica... no ITA... e no Mackenzie... e não queria ir:: nem à Politécnica nem no ITA... queria ficar no Mackenzie... quer dizer... isso pra mostrar que havia um espÍ::rito mackenzista né? porque ele por exemplo foi um... que entrou *desde o primeiro ano*... e ele NÃO queria... foi preciso muita insistência... da parte da mãe...que via... a Possi/ uma possibilidade melhor [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 292-300)

Ocorrência de DESDE O PRIMEIRO ANO PRIMÁRIO

(1). “[...] nós... ahn... eh... faculdades a... naquela época... o número de faculdades e::ra pequeno não é? de maneira que a maioria::a ficou no Mackenzie mesmo porque como nós tínhamos escola de Engenharia e escola de Arquitetura... eles... s/ ficaram... já acostumados a... o número de alunos... que estava no Mackenzie *DESde o primeiro ano primário*... era grande... de maneira que eles não tinham vontade de sair não é?”. (DID – 242/SP/70 – linhas 278-286)

Ocorrência de DESDE O PROJETO ATÉ A ENTREGA DA OBRA

(1). “*Inf. 1-* [...] eu posso não interferir... no processo global... mas eu queria entender esse processo né? porque às vezes eu vejo assim pontes enormes que:: se gastam... fábulas para construí-la... *desde o projeto até::... a entrega da obra*... mas às vezes eu não sinto muito o nexa na ponte... então eu fico me perguntando se eu estou... por fo::ra do planejamento né? [...]”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 585-592)

Ocorrência de DESDE OS SETE ANOS

(1). “*Inf. 2-* *desde os sete anos* que eu viajo pra´qui porque meu bisavô era proprietário do Severino Filho e meu avô trazia... vamos na casa de vovô velho... vamos na casa de vovô velho e lá vinha eu muito satisfeito com meu avô que era (inint)... então vinha passava aí alguns minutinhos e voltava mais uma vez para a comunidade de João Ferreira... onde morei de três a treze e vim pra´qui”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 53-56)

Ocorrência de DESDE PEQUENA

(1). “[...] eu gosto imensamente de plantas... adoro... e *desde pequena* sempre cultivei plantas em jardim no meu jardim [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 03-05)

Ocorrência de DESDE QUE ME FORMEI

(1). “*Inf. 1-* sei... você trabalha já na Noberto há muito tempo O.?”

Inf. 2- eu trabalho *desde que me formei...* ou melhor um pouquinho antes... eh... nós... eh... da da escola éramos colegas de E.... então... (superp)

Inf. 1- sei (superp)”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 75-76)

Ocorrência de DESDE QUE O URUGUAI SAIU DAQUELE GOVERNO COLEGIADO

(1). “*Inf. 2-* [...] sendo o Uruguai um país pequeno como é... vindo de uma série de dificuldade que me parece que ainda está atravessando... se ele consegue manter o seu... o seu peso três vezes superior ao cruzeiro a gente fica em dúvida... né... como é que eles conseguiram isso... como... precisou haver uma ótima organização... uma... então a impressão que a gente tem... *desde que o Uruguai saiu daquele governo colegiado...* que já era... era a Suíça sulbra... sulamericana... etcétera... ele passou por uma série de dificuldades... tem ocorrido em todos os países”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 737-745)

Ocorrência de DESDE SEMPRE

(1) “*Doc.-* quais seriam as razões das crises internacionais?”

Inf. 1- a economia... né

Inf. 2- é... eu acho atualmente... tudo tudo é função... às voltas

Inf. 1- atualmente e *desde sempre*”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1201-1204)

Ocorrência de DESDE SETE... OITO ANOS

(1). “*Inf. 1-* hoje mesmo eu vi um programa naquele de M. T. programa de um rapaz que diz que toca piano *desde sete... oito anos* e que é concertista... mas há vinte anos que ele toca violão... o problema é só um é que nem todos sabem dar preço a música... mas naquela época era mais fácil [...]”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 513-515)

Ocorrência de DEZENOVE ANOS

(1). “*Inf. 2-*[...] se não fosse talvez minha mãe... eu não seria o que sou hoje... estou dizendo o que sinto porque conversando como se diz amigavelmente de onde eu venho... né... então fiquei empregado no comércio até os dezenove anos... *dezenove anos* um amigo disse... não fiz terceiro ano de ginásio porque não podia continuar... não havia capital pra isso... então não sei como arranjaram os cinqüenta mirréis para me matricular no primeiro ano... me matriculei e passei [...]”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 40-45)

Ocorrência de DO ANO PASSADO

(1). “[...] eu não observo muito mas por esses apresentadores de televisão (risos) eu creio que as golas agora estão mais largas do que as *do ano passado* ou dois... isso mesmo”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 100-103)

Ocorrência de DO ANTIGO

(1). “*Inf. 2-* era... hoje não... hoje acabou antigamente... nada *do antigo*... é um caixão... um verdadeiro caixão... quando é que se constrói o gabinete português... não é pedra... mas para se fazer esse trabalho fica muito bem né? não teve que cortar o senado... o antigo senado pra passar a avenida... não há dúvida”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 184-186)

Ocorrência de DO MEU TEMPO

(1). “[...] o namoro *do meu tempo*... era muito diferente... de hoje... porque naquela época há: cinquenta e tanto anos atrás... a gente... quando via... uma moça e resolvia namorá-la... procurava priMEIro... a família da moça... conversar com o pai conversar com a mãe... dePOIS de conversar com o pai... para por meio deles chegar àquela pessoa [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 209-213)

(2). “[...] essas faculdades destinadas naturalmente ao ensino das atividades de natureza superior... não é? essas faculdades hoje com uma conotação especial que... por força da qual elas estão perdendo... por exemplo... aquela característica... que foi a *do meu tempo*... que hoje já não existe mais”. (DID – 094/SSA/70 – linhas 338- 344)

(3). “[...] a iluminação... ho... hoje a iluminação pode ser... inclusive... até subterrânea... podíamos seguir a sub... a iluminação aérea... *do meu tempo*... e que hoje inda predomina... para a iluminação subterrânea [...]”. (DID – 094/SSA/70 – linhas 510-514)

(4). “[...] a Faculdade de Medicina *do meu tempo*... porque:: nós precisamos fazer::... uma diferença... muito grande de hoje pro meu tempo de acadêmico... e eu ACHAVA que ela era bem aparelhada... nós tínhamos... naturalmente:: era outra época [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 324-329)

Ocorrência de DO SÉCULO DEZOITO

(1). “*Inf. 1-* [...] aquela fábrica Tacaruna de cobertores que foi de Delmiro Golveia... e uma casa colonial de engenho típica de:... *do século dezoito* século dezenove... e então eles... já que estão construindo ali prédios... um centro de convenção moderníssimo como poderiam então aproveitar uma área... e conservar... um estilo de de de arquitetura que não chocasse tanto [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 361-368)

Ocorrência de DO SÉCULO VINTE

(1). “*Inf. 1-* hoje em dia olha... a minha filha... nós temos uma clínica né?... não é com ele éh com Rômulo com aquele Rômulo Alberto que eu queria trazer hoje eh Dias eticétera e ela tá no ramo de pediatria... pois chega um menino lá só você vendo a mãe não tem a menor: au-to-ri-da-de

Inf. 2- autoridade zero

Inf. 1- zero... chega o menino com a/ pé cheio de lama pra alcatifa e ele fica esfregando na alcatifa assim... a mãe é incapaz de dizer ‘meu filho não faça isso’ né?... e se a funcionária a secretária for dizer ‘meu filho não faça isso’ é uma cara desse tamanho... o outro vem correndo... RAM:: na alcatifa com a lama com tudo... outro dia pegaram uns isqueiros um isqueiro meu lá no meu consultório...

Inf. 2- mas isso em função *do século vinte*

Inf. 1- a mãe chega e diz ‘eu não tenho mais eu não tenho mais...’ chega a dizer... eu não tenho mais autoridade com esse menino... eu deixo fazer porque eu não posso’... tem paciência menino

Inf. 2- mas isso é consequência *do século vin:te* [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 309-328)

Ocorrência de DO TEMPO DE MEU PAI

(1). “*Inf. 1-* [...] a televisão tá utilizando de pouca seriedade... a programação muito copiada... repetida... você não vê inovações os filmes se: repetem filmes *do tempo de meu pai*: que: se repetiram pra mim: tão se repetindo pros meus sobrinhos [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 1139-1143)

Ocorrência de DOS DIAS DE HOJE

(1). “*Inf. 1-* então lá na minha casa é assim... se () todo mundo decide junto... é uma coisa tão... tão diferenciada *dos dias de hoje* que a gente... nós temos tantos amigos desintegrados... a gente só tem a... eu não sei porque cargas d’água... mas nós só temos amigos assim de família desestruturada [...]”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 165-169)

Ocorrência de DOS TEMPOS HERÓICOS

(1). “*Inf. 1-* [...] houve uma época na minha vida que a literatura:: me fazia prestar muita atenção... e eu queria uma fuga... então a minha fuga... era me deitar na cama... ligar o:: receptor e ficar vendo... ficar vendo e:: aí eu comecei a prestar atenção naquela tela pequena... vi não só que já se fazia muita coisa boa e também muita coisa ruim é claro... mas:: vi também todas as possibilidades... que aquele veículo... ensinava e que estavam ali laTENtes para serem aproveitados... agora voCÊ... foi *dos tempos heróicos*... da mencionada luta”. (D2– 333/SP/70 – linhas 13-23)

Ocorrência de DURANTE ALGUNS ANOS

(1). “*Inf. 1-* [...] eu me lembro que eu tive um tio que... *durante alguns anos* eh... estudou em Uberaba... lá com os maristas... e preparou um quadro de bis/... de insetos... mas não sei se você chegou a ver... coleções de insetos que faziam antigamente os meninos achavam graça... punham pasta de algodão e punham o... os...

Inf. 2- é... isso mesmo... os colégios faziam muito”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 1577-1583)

Ocorrência de DURANTE AQUELE TEMPO TODO

(1). “[...] nós que trabalhávamos em... com estabelecimentos particulares... em regime DE... éh... de:: da CLT Consolidação do Trabalho... das Leis do Trabalho... éh se houvesse Fundo de Garantia como há hoje nós teríamos recebido... de acordo com os depósitos bancários *durante aquele tempo todo*”. (DID – 250/SP/70 – linhas 193-199)

Ocorrência de DURANTE MÊS DE JUNHO JULHO

(1) “*Inf. 2-* é muito boa... a lã deles lá é excelente

Inf. 1- agora já não... não sei... faz bastante tempo que eu não vou... me disseram que... que caiu muito a qualidade dos produtos

Inf. 2- não sei... a tia esteve... agora em... esse ano ainda *durante mês de junho julho* ela esteve lá... ela trouxe lã... mas ela traz em mechas né... a mesma coisa... é pra tece(r)”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1091-1096)

Ocorrência de DURANTE MUITO TEMPO

(1). “*Inf. 1-* [...] eu já tinha visto *durante muito tempo* televisão... porque:: houve uma época na minha vida que a literatura:: me fazia prestar muita atenção... e eu queria uma fuga... então a minha fuga... era me deitar na cama... ligar o:: receptor e ficar vendo [...]”. (D2– 333/SP/70 – linhas 11-16)

(2). “*Inf. 1-* agora... nas elites nas camadas... mais altas eu acho que o cinema ainda vai perdurar *durante muito tempo*... ahn... parece que no Brasil é um dos lugares em que o nosso cinema é de mais baixo custo... não é?... é um cinema que não é... MUIto oneroso [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 1205-1210)

Ocorrência de DURANTE O MEU TEMPO ACADÊMICO

(1). “[...] eu fui colecionando TODas as notícias... *durante o meu tempo acadêmico* todas elas fui colecionando e tenho um álbum... então eu vejo que as passeatas eram... MAIS ou menos como se faz hoje... talvez hoje tenham mais espírito nisto ou naquilo... posso concordar com isto... mas vou dizer era mais ou menos como se faz hoje... isto aí não houve grande progresso”. (DID – 06/POA/70 – linhas 655-663)

Ocorrência de DURANTE O PERÍODO DO SÉCULO PASSADO

(1). “[...] dizem que foi um... um lugar... uma sen/ uma antiga senzala... tem realmente uma... uma parte subterrânea em que poderia ser uma senzala de escravos etc... etc... *durante o período da... do século passado*... então que os escravos ali se refugiaram... mas que descobriram e fizeram morticínio... então que os escravos... as almas dos escravos clamam por vingança... etc... etc [...]”. (DID – 084/RJ/70 – linhas 390-397)

Ocorrência de DURANTE OS SEIS ANOS

(1). “[...] na Faculdade de Medicina... eu fui o aluno... que durante os seis anos... talvez MAIS... tivesse uma vida mais ALEgre de todos *durante os SEIS anos* de faculdade... e tive a sorte... de ter uma consideração muito GRAnde dos companheiros de:: de série na Faculdade de Medicina [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 151-158)

Ocorrência de DURANTE QUATRO ANOS

(1). “[...] realmente a causa se arrastou *durante quatro anos* eticetera... e foi terminar no julgamento final no Supremo Tribunal... recebemos integralmente... com o dinheiro desvalorizado naquele tempo não havia correção monetária... se houvesse a Escola Paulista tinha levado uma bordoadada daquele tamanho [...]”. (DID – 250/SP/70 – linhas 180-186)

Ocorrência de DURANTE UNS TRÊS MESES

(1). “*Inf. 2- [...] vamos ver o que é que a gente faz pra resolver esse negócio: ‘pô... o senhor não sabia que aqui estava pra ser construído uma estação de (inint)’ ‘ah... eu ouvi falar e tal...’ mas aí se resolveu da seguinte forma nós ficamos praticamente proprietários do terreno durante uns três meses... enquanto a Embasa desapropriava o terreno [...]*”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 123-126)

Ocorrência de DURANTE VINTE E CINCO ANOS

(1). “[...] quando se fundou... a primeira escola de Biblioteconomia... do Brasil... eu entrei para essa escola... e lá fiz o meu curso de bibliotecária... depois passei a dirigir a biblioteca do Mackenzie e... dirigi durante... vinte e cinco anos... terminado... eu... me aposentei... mas continuei como supervisora da biblioteca... onde estou até hoje”. (DID – 242/SP/70 – linhas 39-45)

Ocorrência de DUZENTOS ANOS ANTES

(1). “*Inf. 1- uma família duzentos anos antes é:: é tudo mais ou menos do mesmo jeito né? aparentemente pode ser diferente mais no fundo é igual né?... só mudou*
Inf. 2- pois é... mas é isso que eu estou me referindo... estava falando de mudanças de forma... acho que no fundo as coisas continuam a mesma... as mesmas este texto que eu estava lendo”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1215-1221)

Ocorrências de É DE MEU TEMPO

(1). “*Inf. 2- [...] o fantoche é de meu tempo... fantoche é de meu tempo... na esquina da rua da força aí no primeira andar... eu lembro e depois mudou-se para o palácio de Costa Santa na Vitória... é de meu tempo... mas o jogo foi se acabando e os sócios foram se acabando e hoje não sei se vale a pena... não sei se vale a pena*”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 411-414)

Ocorrências de É DO SEU TEMPO

(1). “*Inf. 2- muito pouco... muito poucos meses eu fiquei no que era a prática de palácio... o antigo elevador... os bondes passando pelo lado de fora... é do seu tempo?*”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 129-130)
(2). “*Inf. 2- na época... na casa de meu tio J. P. reunia-se ali... ouvíamos músicas de Agnaldo Rayol... é do seu tempo?*” (D2 – 298/SSA/70 – linhas 520-521)

Ocorrência de EM CIQUENTA E QUATRO

(1). “*Inf. 2- [...] em São Paulo acho que tem um problema específico de::... ter-se tornado um centro industri/ industrial... grande essas coisas tem um professor meu que vai agora pra:: Belém... ele estava falando que... quando ele veio para São Paulo – ele é argentino tal – em cinqüenta e quatro era menor que o Rio*”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 106-112)

Ocorrência de EM CINQUENTA... SESENTA E SEIS

(1). “[...] apesar de ser... feito muitos anos após o Michigan fiz *em cinquen/sessenta e seis*... já não era muito criança também... competi com outros... colegas... e:: ... me saí muito bem tenho eh a possibilidade de também lecionar inglês mas nunca me interessei por isso porque eu gosto mesmo...”. (DID – 344/POA/70 – linhas 38-44)

Ocorrência de EM CRIANÇA

(1). “[...] olha não passava circo que eu não ia ((risos)) *em criança* eu ficava até hoje eu sou tarada por circo”. (DID – 121/POA/70 – linhas 805-807)

(2). “*Inf. 1-* [...] achava aquilo muito interessante o cara batendo naquela maquinazinha e:: o ti ti ti ti ti simplesmente aquela fitinha saindo eu achava aquilo formidável... porque eu via muito aquilo *em criança* quando no cinema... principalmente nestes filmes de faroeste de **cowboy** e tudo mais... e: então tive oportunidade de ver isso... a única coisa que eu posso falar de de de telégrafo num sei como eles fazem atualmente não tenho idéia”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 972-980)

Ocorrência de EM DEZ

(1). “*Inf. 2-* trabalhava... trabalhava nos intervalos e eu perdi meu pai com dezenove anos... portanto me formei *em dez* e eu perdi meu pai em sete e tinha que dá um jeito apesar de mamãe que me auxiliava muito na postura e etc... e eu também ia fazendo uma coisinha né? [...]”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 124-126)

Ocorrência de EM ÉPOCA ANTERIOR

(1). “(risos) bem... a sala de visitas... as poltronas seriam... assim... bem maiores... né? e hoje você encontra... por exemplo... na... na... nas... nas casas mais modernas... você encontra... você pode encontrar... eh... essas poltroninhas trabalhadas em vime... se bem que o vime era... inclusive... muito usado na... *em época na... anterior*... mas... de qualquer forma... na... eh... naquela época se usava... assim... poltronas... assim... bem acolhoadas e [...]”. (DID – 173/SSA/70 – linhas 528-536)

Ocorrência de EM FEVEREIRO

(1). “*Inf. 2-* foi em vinte e um de outubro... nós tivemos um acidente e perdemos a balsa principal da obra

Inf. 1- sei

Inf. 2- por causa justamente do tempo... hum... extraordinariamente forte... mas... as então... as balsas que vieram substituir aquela... chegaram *em fevereiro*... praticamente no fim do verão”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 599-604)

Ocorrência de EM JULHO

(1). “*Inf. 1-* aproximadamente... então ele falou ‘olhe... vocês... o problema é o seguinte até vocês viajarem *em julho*... vai subir o dólar’ disse isso ‘então...vocês fazem isso vocês compram a passagem de avião agora’... isso foi em setembro de setenta e três... a passagem internacional... e ela tem validade por um ano... mas tem que gastar um percurso... então vocês aproveitam o seguinte compram Rio-Buenos Aires-Rio-Madri’... então nós fizemos isso... compramos a passagem e a viagem saiu mais barata... e conhecemos... ainda... mais Montevideu e Buenos Aires”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1490-1496)

Ocorrência de EM MIL E NOVECIENTOS

(1). “*Inf. 2-* eu entrei pro ginásio *em mil e novecentos* e aí eu fui aluno do ginásio *em mil e novecentos* com o seu marido e os três... os três velhos P. O. e T. com os colegas [...]”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 71-72)

Ocorrência de EM MIL NOVECIENTOS E CINQUENTA

(1). “*Inf. 1-* isso eu po... isso eu posso falar... porque propriamente eu nunca fui professora lá assim... fui assistente... o que hoje vocês chamam de professor auxiliar... eu trabalhei com A S. C. no ano de trinta e um até quase trinta e quatro... depois trabalhei *em mil novecentos e cinquenta*... eu passei um período grande trabalhando como médica do estado [...]”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 639-641)

Ocorrência de EM MIL NOVECIENTOS E DEZ

(1). “*Inf. 2-* em Dentista... me formei *em mil novecentos e dez*”. (D2 – 298/SSA/70 – linha 19)

Ocorrência de EM MIL NOVECIENTOS E DOZE

(1). “*Inf. 1-* foi num período de renuncia (...) *em mil novecentos e doze*”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 150-152)

Ocorrência de EM MIL NOVECIENTOS E QUARENTA E SETE... QUARENTA E OITO

(1). “[...] eu me lembro quando eu era guri quando... *em mil novecentos e:: quarenta e sete quarenta e oito* eu não sou tão velho assim viu? em quarenta e sete quarenta e oito eu devia ter... sete oito anos de idade... (tinha) oito anos... eu nasci em quarenta... é tinha oito... naquele tempo:: eu me lembro que tinha:: na:: um pessoal que fazia o:: que eh:: a distribuição por exemplo de PÃO [...]”. (DID – 08/POA/70 – linhas 458-466)

Ocorrência de EM MIL NOVECIENTOS E UM

(1). “*Inf. 2-* quando vim pra esta casa que moro... *em mil novecentos e um*... era bonde de burro”. (D2 – 298/SSA/70 – linha 287)

Ocorrência de EM MIL NOVECIENTOS E UM... QUATRO DE MAIO

(1). “*Inf. 2-* o... o... o... porque da cidade eu não quero nem lembrar... quando eu vim para aí eu *em mil novecentos e um... quatro de maio...* trás do muro das freiras... que era estreitíssimo mal passava... passava as duas linhas de bonde... bonde porém tão junto ao muro que não podia parar nem nada... tinha que ir correndo [...]”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 26-28)

Ocorrência de EM MIL NOVECENTOS E TRINTA

(1). “*Inf. 1-* eu gostaria de saber quando é que nós vamos ter metrô né?... porque cada vez (não sei se) você percebe... fica mais caro fazer metrô né?... porque digamos que você começasse fazer... metrô *em mil novecentos e trinta...* então ia aproveitar a linha da... do bon::de... éh::... você vai fazer... metrô... tipo túnel né? [...]”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 402-407)

Ocorrência de EM MIL NOVECENTOS E TRINTA E CINCO

(1). “[...] a a:: formatura da minha turma coincidiu... com as festividades... Farroupilha... Centenário Farroupilha... isto *em mil novecentos e trinta e cinco...* de modo que tivemos uma:: formatura muito boni::ta... uma colação de grau sole::ne... todos nós de casa::cas... e eu até estou me vendo assim muito garBO::so naquela ocasião não tinha cabelos brancos como tenho agora... o que já era uma grande vantagem [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 40-49)

Ocorrência de EM MIL NOVECENTOS E SESSENTA

(1). “*Inf. 2-* dizia meu avô que o mar batia na Conceição da Praia... isso lá *em mil novecentos e sessenta...* eu já alcancei aquela rua muito estreita onde tinha o correio”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 584-585)

Ocorrência de EM MIL NOVECENTOS E VINTE E DOIS

(1). “[...] a mim pouco interessa que s/ fiquem satisfeitos ou não... mas... o divórcio é maior mal... que po:de acontecer a um país... na PRÓpria Rússia Soviética... onde... o divórcio foi instituído *em mil novecentos e vinte e dois...* não é?... chego:u... a tal PONto... que o PRÓprio governo... por uma que:stão de coerência... NÃO... nã::o... não tirou... de: de norma... continuou [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 96-100)

Ocorrência de EM MIL OITOCENTOS E POUCO

(1). “*Inf. 1 -* [...] eles já construíram por exemplo o Frei Caneca que seria o palácio de trabalho do governador totalmente num num num sistema moder:no avançado... que vai de choque com:: o hospital... construído *em mil oitocentos e pouco* pelo imperador... aquele hospital do câncer no caso [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 351-356)

Ocorrência de EM MIL OITOCENTOS E SETENTA

(1). “*Inf. 1-* [...] a gente aqui tem o quê? um teatro Santa Isabel um teatro feito *em mil oitocentos e setenta* se eu não me engano... muito bonito... que realmente devia ser preservado somente pra coisas assim... de: de gabarito como o teatro clássico [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 1416-1421)

Ocorrência de EM PEQUENA

(1). “[...] eu... *em pequena* eu me lembro... que para qualquer... doencinha por exemplo se éh nós estávamos com uma cólica intestinal mamãe fazia imediatamente um chá de cidreira... não é? era assim... e juá... não sei pra que... e... jaracatiá... pra verme [...]” (DID – 156/RE/70 – linhas 123-126)

Ocorrência de EM POUCO MAIS DE DEZ ANOS

(1). “*Inf. 2-* pouco mai/ *em pouco mais de dez anos* né?
Inf. 1- podar isso né?... porque quem:: tem::... companhia grande digamos... precisa de mão-de-obra... então ele tem que trazer de outra cidade porque a nossa mão-de-obra... vai... progressivamente se tornando cara [...]”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 114-118)

Ocorrência de EM QUARENTA

(1). “[...] eu nasci *em quarenta*... é tinha oito... naquele tempo:: eu me lembro que tinha:: na:: um pessoal que fazia o:: que eh:: a distribuição por exemplo de PÃO [...]”. (DID – 08/POA/70 – linhas 463-466)

Ocorrência de EM QUARENTA E SETE

(1). “[...] fiz o curso depois... *em quarenta e sete*... se formos contar eu vou fazer trinta anos em setenta e sete... me apaixonei... porque:: o sistema que nós usamos é um sistema **Dewey**... um sistema... dos americanos... avançado... um sistema:: ah:: aprovado... mundialmente e::... apanhei a biblioteca com novecentos volumes há assim duas estantes e dois armários só... e hoje está com:: dezessete mil... todos escolhidos e selecionados por mim [...]”. (DID – 344/POA/70 – linhas 62-71)

Ocorrência de EM QUARENTA E SETE... QUARENTA E OITO

(1). “[...] eu me lembro quando eu era guri quando... em mil novecentos e:: quarenta e sete quarenta e oito eu não sou tão velho assim viu? *em quarenta e sete quarenta e oito* eu devia ter... sete oito anos de idade... (tinha) oito anos... eu nasci em quarenta... é tinha oito... naquele tempo:: eu me lembro que tinha:: na:: um pessoal que fazia o:: que eh:: a distribuição por exemplo de PÃO [...]”. (DID – 08/POA/70 – linhas 458-466)

Ocorrência de EM QUATROCENTOS ANOS OU QUINHENTOS ANOS

(1). “*Inf. 2-* [...] você não conhece... na história... um índio... que tenha morrido afogado ou um índio que tenha morrido queimado... no entanto a água sempre afogou e o fogo sempre queimou... por que?... porque o **modus** de vida... do índio... o **modis vivendi** do índio era um troço completamente diferente... *em quatrocentos anos ou quinhentos anos* o troço tá aí

pra quem quiser ver... o índio pegando moléstias venéreas pegando gripe sarampo catapora”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1749-1757)

Ocorrência de EM SESSENTA

(1). “*Inf. 1-* eu estive lá *em sessenta...* faz muito tempo...
Inf. 2- ah... vale a pena ir... hotéis... cada qual melhor... dos dois lados da rua... cada qual melhor... dos dois lados da rua... de modo que de fato está se civilizando... se asphaltando... e com isso afasta mesmo a fauna né... do centro da cidade... né... isso eu achei que eles têm razão em dizer [...]”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 543-548)

Ocorrência de EM SESSENTA E NOVE

(1). “[...] se eu aqui... no Brasil... eu nunca fui muito rebuscada... imagina no estrangeiro... que ninguém me conhece... vou decentemente... não é? vou decentemente vestida... agora... depois então é que eu boto o su/ o que... de repente... eu sinto falta... boto... agora () nessa coisa é o estrito necessário... porque... como *em sessenta e nove* eu paguei uma bruta multa com excesso de bagagem... eu tomei pavor de excesso de bagagem [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 43-50)

Ocorrência de EM SESSENTA E OITO

(1). “*Inf. 1-* estou com meus documentos em Brasília sem resolver minha aposentadoria... porque eu me aposentei *em sessenta e oito...* eu me aposentei por idade sessenta e cinco anos... mas agora eu preciso provar porque a faculdade vai criar uma verba porque nós estamos recebendo muito pelo médico... então eles querem que nós voltemos a faculdade pra resolver a situação... não é assim?”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 654-657)

Ocorrência de EM SESSENTA E SEIS

(1) “*Inf. 2-* então tu fizeste(s) no fim de sessenta e seis
Inf. 1- fiz vestibular *em sessenta e seis*
Inf. 2- mas eu também fiz *em sessenta e seis...* mas na minha época ainda era... cada um fazia...
Inf. 1- aqui na úrguis?
Inf. 2- foi
Inf. 1- mas já era prova integrada
Inf. 2- não... *em sessenta e seis* não... foi quando eu fiz... eu entrei na umi... eu entrei aqui *em sessenta e seis...* e eu me lembro ”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 371-374)

(2) “*Inf. 2-* eu tenho impressão que foi em sessenta e sete
Inf. 1- foi feita aqui... pela Faculdade de Filosofia
Inf. 2- tu iniciaste... fizeste o primeiro ano... da... da
Inf. 1- não... eu entrei no primeiro ano *em sessenta e seis* e o vestibular foi *em sessenta e seis* porque foi em janeiro... fevereiro”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 381-384)

Ocorrência de EM SESSENTA E SETE

(1) “*Inf. 2-* eu tenho impressão que foi *em sessenta e sete*

Inf. 1- foi feita aqui... pela Faculdade de Filosofia

Inf. 2- tu iniciaste... fizeste o primeiro ano... da... da

Inf. 1- não... eu entrei no primeiro ano em sessenta e seis e o vestibular foi em sessenta e seis porque foi em janeiro... fevereiro”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 381-384)

Ocorrência de EM SETE

(1). “*Inf. 2-* trabalhava... trabalhava nos intervalos e eu perdi meu pai com dezenove anos... portanto me formei em dez e eu perdi meu pai *em sete* e tinha que dá um jeito apesar de mamãe que me auxiliava muito na postura e eticetera... e eu também ia fazendo uma coisinha né? [...]”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 124-126)

Ocorrência de EM SETEMBRO DE SETENTA E TRÊS

(1). “*Inf. 1-* [...] nós contratamos... nós demos uma sorte danada... porque foi na época do auge... do auge da inflação... já no fim do governo João Goulart... né... antes da Revolução... e aqui tinha um representante da **Air France**... que... sempre as embaixadas faziam viagem pela **Air France**... e ele... não sei porque cargas d’águas... ele sabia que o dólar ia subir de seiscentos cruzeiros... naquela época... pra mil cruzeiros... não sabe?

Inf. 2- hum

Inf. 1- aproximadamente... então ele falou ‘olhe... vocês... o problema é o seguinte até vocês viajarem em julho... vai subir o dólar’ disse isso ‘então... vocês fazem isso vocês compram a passagem de avião agora’... isso foi *em setembro de setenta e três*... a passagem internacional... e ela tem validade por um ano... mas tem que gastar um percurso... então vocês aproveitam o seguinte compram Rio-Buenos Aires-Rio-Madri’... então nós fizemos isso... compramos a passagem e a viagem saiu mais barata... e conhecemos... ainda... mais Montevidéu e Buenos Aires”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1484-1496)

Ocorrência de EM SETENTA E QUATRO

(1). “*Inf. 1-* me formei *em setenta e quatro*... por aí você tira quanto tempo ele levou parado... o Salvador Praia Hotel

Inf. 2- agora... muitos hotéis ficaram parados desde aquele tempo... né? porque naquele tempo não havia verbas pra... (superp)

Inf. 1- naquele tempo faltava (sic) verbas. (superp)”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 983-987)

Ocorrência de EM SETENTA E SETE

(1). “[...] ingressei depois de viúva... a trabalhar (entende?) ... e:: fiz o curso depois... em quarenta e sete... se formos contar eu vou fazer trinta anos *em setenta e sete*... me apaixonei... porque:: o sistema que nós usamos é um sistema **Dewey**... um sistema... dos americanos... avançado... um siste::ma:: ah::aprovado... mundialmente e::... apanhei a biblioteca com novecentos volumes há assim duas estantes e dois armários só... e hoje está com:: dezessete mil... todos escolhidos e selecionados por mim [...]”. (DID – 344/POA/70 – linhas 66-71)

Ocorrência de EM TERMOS ATUAIS

(1). “*Inf. 2-* ou pra: pra um cheque for::te ou uma coisa qualquer dessas... você precisa hoje em dia... é: usar um pouco

Inf. 1- é melhor

Inf. 2- do antigo porque os antigos em geral... tinham um um um um um quê de real... nas ações... mas pensar também *em termos atuais*: ou termos atualizados quer dizer em termos... financeiros atualizados... quer dizer você guarda um pouco [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 661-668)

Ocorrência de EM TERMOS DE IDADE MÉDIA

(1). “*Inf. 2-* éh:: falava de::... de modo como a gente tem castas atualmente né? se você pensar *em termos de Idade Média*... você tinha honrarias que eram concedidas porque fulano era duque:: outro era... sabe era bem... definido né?”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1223-1227)

Ocorrência de EM TRINTA

(1). “*Inf. 1-* [...] eu fiquei extremamente nervoso de como é que eu ia fazer dois anos de preparatórios... tinha que fazer dois em três anos... aí matriculei em vinte e cinco e saí *em trinta* com o meu diploma e estudei em ensino normal até (pigarreou) vinte e fiz Medicina até trinta”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 2-5)

Ocorrência de EM TRINTA E DOIS

(1). “*Doc.-* os formados em Universidade têm campo de trabalho?

Inf. 2- têm... um campo muito mais amplo do que eu tive na época de minha formatura... porque eu formei *em trinta e dois* e a carreira que abracei é uma carreira muito pouco divulgada e muito pouco valorizada... né? hoje... felizmente... acho que forçados por circunstâncias... porque... por exemplo... uma máquina agrícola custa alguns milhares de cruzeiros... nessas condições ela tem de ser entregue a uma pessoa que conheça... uma pessoa que não vá estragar essa máquina... vá dar a ela a devida assistência [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 22-31)

(2). “*Inf. 2-* eu fui obrigado a ingressar no funcionalismo público... assim mesmo me formei *em trinta e dois*... relutei até trinta e quatro... pra ingressar no setor de funcionalismo público... mas depois... forçado por circunstâncias e pela própria subsistência... digamos... né... eu ingressei [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 174-179)

Ocorrência de EM TRINTA E QUATRO

(1). “*Inf. 1-* isso eu po... isso eu posso falar... porque propriamente eu nunca fui professora lá assim... fui assistente... o que hoje vocês chamam de professor auxiliar... eu trabalhei com A. S. C. no ano de trinta e um até quase trinta e quatro... depois trabalhei em mil novecentos e cinqüenta... eu passei um período grande trabalhando como médica do estado... e também fui professora um ano do Ginásio e fui sete anos professora aqui da

escola normal... agora a partir propriamente de Medicina... eu fiz na cadeira de A S. T... *em trinta e quatro*... depois trabalhei com O. meu marido... até quando ele se aposentou [...]”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 639-644)

Ocorrência de EM VINTE E CINCO

(1). “*Inf. 1-* [...] eu fiquei extremamente nervoso de como é que eu ia fazer dois anos de preparatórios... tinha que fazer dois em três anos... aí matriculei *em vinte e cinco* e saí em trinta com o meu diploma e estudei em ensino normal até (pigarreou) vinte e fiz Medicina até trinta”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 1-5)

Ocorrência de EM VINTE E UM DE OUTUBRO

(1). “*Inf. 2-* foi *em vinte e um de outubro*... nós tivemos um acidente e perdemos a balsa principal da obra

Inf. 1- sei

Inf. 2- por causa justamente do tempo... hum... extraordinariamente forte... mas... as então... as balsas que vieram substituir aquela... chegaram em fevereiro... praticamente no fim do verão”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 598-604)

Ocorrência de ERA UMA ÉPOCA QUE SE USAVA MAIS FLORES

(1). “[...] tive uma aven:ca muita begônia o terraço todinha de avencas e begônias penduradas... muitas em caco... *era uma época que se usava mais flo:res* do que plantas dentro de casa [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 182-184)

Ocorrência de ESSA NOSSA GERAÇÃO

(1). “*Inf. 1-* eles pareciam verdadeiros Picassos na época... sabe coitado do Picasso () você tem verdadeiros artistas... tem que ser... esse lado da fantasia é o lado que tem que ser desenvolvido porque é um lado existe... então como *essa nossa geração* foi muito reprimida na... nessa... nessa... nessa parte de... fantasia tinha”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 552-556)

Ocorrência de ESSE ANO

(1). “[...] acho que foi *esse ano* ainda no mu/ no Museu do Estado... tinha uma exposição de plantas eu comprei uma... que de de dia é bem aberta... de noite... as folhas ficam todas... pra cima assim... bem verticais [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 258-260)

(2). “[...] bem longe da casa... dessa fazenda... mas dentro ainda do... do território familiar... tem uma piscina... piscina natural... aliás... a piscina é até muito interessante... descobriram *esse ano* que esta piscina foi escavada há cem anos atrás... fizeram... sabe?”. (DID – 084/RJ/70 – linhas 297-301)

(3). “[...] *esse ano* eu não acompanhei agora o... o:: Último o priMEIro festival que houve há dois anos atrás eu acompanhei todinho... inclusive tinha filmes tinha aquele filme com **Um asilo muito louco** com a:: Leila Diniz que EU trabalhando no São Pedro eu não

consegui entender o filme e trabalhando com pessoas débeis mentais eu não consegui entender o filme não consegui ver a mensagem que ele trazia [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 694-703)

(4). “*Inf. 2-* [...] eu acho que quando eu comecei a da(r) aula na universidade eu tinha aluno mais velho do que eu... eu acho que até até *esse ano* eu tive alunos mais velhos do que eu... entende? eu acho que o pessoal é que a gente já vive de uma maneira diferente... então... a gente encara com mais seriedade o problema... entende? pra nós estudar não é... não é (es)ta(r) indo a reuniõezinhas... não... eu acho que isso já nem existe mais”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 71-78)

(5) “*Inf. 2-* é muito boa... a lã deles lá é excelente

Inf. 1- agora já não... não sei... faz bastante tempo que eu não vou... me disseram que... que caiu muito a qualidade dos dos produtos

Inf. 2- não sei... a tia esteve... agora em... *esse ano* ainda durante mês de junho julho ela esteve lá... ela trouxe lã... mas ela traz em mechas né... a mesma coisa... é pra tece(r)”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1091-1096)

(6) “*Inf. 1-* não... parece que não... que em Libres... onde eu... onde eu fui *esse ano*... que o pessoal de Uruguai vai ali... eles compram a carne a oito cruzeiros o quilo... o meu irmão que mora na Foz do Iguaçu mora na Argentina... comprava até o mês passado... que agora a Isabelita fechou a fronteira e não... essa história de comida não pode passa(r)... comprava filé mignon a oito... oito pila o quilo... oito cruzeiros é muito barato [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1177-1183)

(7) “*Inf. 1-* [...] *esse ano* mesmo eu tive várias... várias investidas sérias mesmo e mais uma universidade... estou hoje praticamente engolfado na profissão... que a nossa profissão é tipo bola de neve... depois que pega o ritmo vai [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 1177-1183)

(8). “*Inf. 2-* [...] *esse ano* nós estamos... ah... prontos pra aproveitar o verão todo... se Deus quiser... já foram postos... ahn... dez tubos... mais um hoje... onze nesse mês... (superp)”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 605-607)

Ocorrência de ESTE ANO

(1). “*Inf. 2-* [...] houve uma experiência que nós fizemos agora... *este ano*... quando nós fomos fazer aquela viagem lá em Iguaçu e Salto das Sete Quedas...

Inf. 1- hum...

Inf. 2- foi... uma decepção que nós tivemos pela ausência dos bichos... que tinham nos contado... que... no Rio Paraná... uma das grandes maravilhas do lado do Mato Grosso quando a gente atravessasse o Rio Paraná naquele vaporzinho... seria ver as garças... ficamos empolgadas né?... devia ser uma vista muito bonita... né... aqueles... aquelas planícies imensas... com aquelas garças no cair da tarde então a nossa imaginação criou logo uma coisa maravilhosa... quando nós chegamos em Iguaçu foi a primeira decepção... nós perguntamos... ‘onde estão os periquitos... que na outra vez que nós viemos a Iguaçu passavam pela janela do nosso quarto... pela manhã?’... ‘os turistas afastaram os periquitos’ [...]”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 117-133)

(2). “*Inf. 1-* [...] atriz Irene Ravache que *este ano*... tirou o prêmio... da P.C.A.... de melhor atriz... tirou o prêmio... da P.C.A de melhor atriz de televisão... e tirou o Molière agora... essa:: atriz revelou-se realmente neste ano [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 848-852)

Ocorrência de FAZ TEMPO

(1). “[...] eu CRIO um sobrinho... que está com quinze anos de idade... fazendo a: o quarto ano ginásial ou quarta série não sei que nome mais se dá a isso *faz tempo* [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 50-52)

Ocorrência de FOI UMA ÉPOCA MUITO GOSTOSA

(1). “[...] nesse nesse tempo eu não trabalhava... comecei a trabalhar depois de viúva... e então nós... tínhamos assim... verduras bem fresqui:nhas... e eu ia temperar a comida ia: no jardim tirava coentro... tomate... *foi uma época muito gostosa* assim de comida de planta [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 16-19)

Ocorrência de HÁ ALGUNS ANOS

(1). “*Inf. 1-* mas as seringueiras já estão produzindo borracha?
Inf. 2- elas não começaram em larga escala... mas algumas sim... já existe borracha tirada dessas seringueiras
Inf. 1- sei
Inf. 2- isso já *há alguns anos*... porque eu me lembro que na... Construtora... lá no retiro... de vez em quando vinham aquelas bolas de...
Inf. 1- de borracha
Inf. 2- de borracha... de látex”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 411-418)

Ocorrência de HÁ ALGUNS ANOS ATRÁS

(1). “[...] hoje todo mundo sabe que os bancos não pagam mais juros... por depósitos... *há alguns anos atrás* pagavam hoje... não pagam mais... a lei permite isso [...]”. (DID – 250/SP/70 – linhas 399-402)

Ocorrência de HÁ ANOS PASSADOS

(1). “[...] a que mais me impressionou... pela sua riQUEza... estonTEANte... foi na Bahia... isso naturalmente pela sua riqueza... e tem outras igrejas também por exemplo... a de Pampulha... em Minas... pela sua arquiteTURA completamente e aliás *há Anos passados* que eu vi hoje o Brasil tem uma porção destas [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 818-824)

Ocorrência de HÁ BASTANTE TEMPO

(1). “*Inf. 1-* retratando determinado mundo... eu acho que é muito bom... que o Brasil em literatura pelos seus grandes escritores *há bastante tempo*... já deixou de ter o seu cordão umbilical... preso à Europa... e:: e todo o::... toda a América Latina já se desprende... desse cordão umbilical fazendo uma literatura muito... da terra muito do homem... nativo [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 662-668)

Ocorrência de HÁ BEM POUCO TEMPO

(1) “*Inf. 2-* é... e uma prova bem clara... bem esclarecedora dessa questão é o número de vestibulando... hoje praticamente... se equivalem e... às vezes... é superado pelo elemento feminino... né? a gente observa nos exames vestibulares... a afluência de... de moças... de senhoras a cursos superiores... né... profissões liberais e desapareceu aquele tabu... pelo menos no nosso setor que *há bem pouco tempo*... não se admitia que uma moça estudasse agronomia... partindo dum princípio totalmente errado... do desconhecimento da própria carreira agrônômica [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 411-419)

Ocorrência de HÁ CEM ANOS ATRÁS

(1). “[...] bem longe da casa... dessa fazenda... mas dentro ainda do... do território familiar... tem uma piscina... piscina natural... aliás... a piscina é até muito interessante... descobriram esse ano que esta piscina foi escavada *há cem anos atrás*... fizeram... sabe?”. (DID – 084/RJ/70 – linhas 297-301)

Ocorrência de HÁ CINQUENTA E TANTOS ANOS

(1). “[...] é como eu disse dizia ainda há pouco... no Brasil ainda não tá não está à altura... de entender certos problemas... SE... ((estalando os dedos)) no meu tempo *há cinqüenta e tanto anos*... chegasse um rapaz... com uma moça... e dissesse ‘papai está é a minha namorada’... ele apanhava na frente dela... e... talvez isso não acontecesse porque o pai da moça não permitiria... que ela viesse... né? [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 218-223)

Ocorrência de HÁ CINQUENTA E TANTOS ANOS ATRÁS

(1). “[...] o namoro do meu tempo... era muito diferen:te... de hoje... porque naquela época *há: cinqüenta e tanto anos atrás*... a gente... quando via... uma moça e resolvia namorá-la... procurava priMEIro... a família da moça... conversar com o pai conversar com a mãe... dePOIS de conversar com o pai... para por meio deles chegar àquela pessoa [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 209-213)

Ocorrência de HÁ DEZESSETE ANOS

(1). “*Inf. 1-* eu sou diplomada por essa escola *há dezessete anos*... depois fiz preparatório (inint) estudei Medicina... estudei no preparatório porque naquela época não havia facilidade de se fazer ginásio imediatamente [...]”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 1-2)

Ocorrência de HÁ DOIS ANOS ATRÁS

(1). “[...] esse ano eu não acompanhei agora o... o:: Último o priMEIro festival que houve *há dois anos atrás* eu acompanhei todinho... inclusive tinha filmes tinha aquele filme com Um asilo muito louco com a:: Leila Diniz que EU trabalhando no São Pedro eu não consegui entender o filme e trabalhando com pessoas débeis mentais eu não consegui entender o filme não consegui ver a mensagem que ele trazia [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 694-703)

Ocorrência de HÁ MAIS ANOS

(1). “[...] naturalmente... *há mais anos*... devia ser menos cavado nas costas [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 189-190)

Ocorrência de HÁ MAIS DE CINQUENTA ANOS

(1). “*Inf. 2-* [...] eu me pergunto... eu lhe pergunto... existe leite em pó?... leite condensado não sei o quê *há mais de cinquenta anos?* eu tenho impressão que não... eu tenho impressão que é do século vinte essa história... não é? embora antigamente....

Inf. 1- quando...

Inf. 2- quando não havia gado leite de jumen-TA

Inf. 1- era exceção”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1706-1713)

Ocorrência de HÁ MAIS DE QUINZE ANOS

(1). “[...] freqüente um dentista... *há mais de quinze anos* porque... me foi recomendado por pessoas... ora não entro num consultório dentário... qualquer às vezes eu prefiro até suportar um pouquinho de dor... esperando que chegar o meu dentista... do que entrar em qualquer clínica... isso::... também... ((tosse)) com... com médicos e posteriormente com outras... coisas que eu deva recorrer ((tosse superposta)) né? [...]”. (DID – 251/SP/70 – linhas 220-228)

Ocorrência de HÁ MAIS DE VINTE

(1). “[...] eu tenho uma amiga que já está com filha... uma neta que é estudante de medicina... quan... eu achei tão engraçado quando ela casou... não é? ela me dizendo que o marido tinha as cuecas combinando com a camisa... olha... vamos dizer que ela já tenha se... tenha casado *há () mais de vinte*... muito mais [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 650-655)

Ocorrência de HÁ MUITO

(1). “*Inf. 1-* é... nós lá em casa já () *há muito*... há muitos anos... mas há muitos anos de colônia sabe...

Inf. 2- não dá... já era...

Inf. 1- [

graças a Deus o Rio de Janeiro não tem essa colônia árabe... em São Paulo essa colônia árabe é fortíssima... e a família toda da minha mãe é de São Paulo... então... quando eu vou a São Paulo ocorre... ocorrem coisas engraçadíssimas... porque eu não sou desse jeito que eu sou... contente... eu me visto do jeito que eu SINTO que eu gosto de me vestir... vestido é curto... biquíni é bem biquíni... mas... é de acordo com o meio que eu vivo e tal”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 396-407)

Ocorrência de HÁ MUITOS ANOS

(1). “*Inf. 1-* é... nós lá em casa já () há muito... *há muitos anos...* mas *há muitos anos* de colônia sabe...

Inf. 2- não dá... já era...

Inf. 1- [

graças a Deus o Rio de Janeiro não tem essa colônia árabe... em São Paulo essa colônia árabe é fortíssima... e a família toda da minha mãe é de São Paulo... então... quando eu vou a São Paulo ocorre... ocorrem coisas engraçadíssimas... porque eu não sou desse jeito que eu sou... contente... eu me visto do jeito que eu SINTO que eu gosto de me vestir... vestido é curto... biquíni é bem biquíni... mas... é de acordo com o meio que eu vivo e tal”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 396-407)

(2). “*Inf. 2-* é... mas é a idéia agora é... agora voltou a fase () né...

Inf. 1- então: bom... fui eu... eu... meu irmão e a namorada dele... abri um parênteses pra dizer que *há muitos anos* eu não estrelava... mas depois estreei por problema de ocasião... porque eu gosto muito de todos dois [...]”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 1078-1082)

(3). “*Inf. 1-* [...] *há muitos anos* quando eu já estava acho que começando na minha carreira de jornalista... eu::... tive uma uma entrevista... com uma senhora que era embaixatriz do::... do Canadá... em... eh:: no Bra/ eh:: no Brasil [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 220-224)

(4). “*Inf. 2-* [...] aquela cachorrinha que tem lá... Mitsa... fui eu que dei a M.

Inf. 1- sei

Inf. 2- foi há uns... *há muitos anos...* era... uma cachorrinha que veio de Jequié... toda estragada... muito boa qualidade de antecedentes... mas não tem pedigree... mas... então... um amigo meu me deu e eu dei a M.”. (D2-095/SSA/70 – linhas 307-310)

(5). “*Inf. 2-* [...] hoje a Pituba é o que é... e assim por diante né... eu vim para que aquele fundo do hospital só se via era mato... mato completamente... e isso tudo evolui de maneira assombrosa que eu mesmo nem sei onde vai parar isso com a idade hoje oitenta e nove... vendo tanta coisa... ah... quem que queria tá hoje aqui... aqui... nesse bairro de Nazaré como eu já conhecia *há muitos anos*”. (D2-298/SSA/70 – linhas 49-53)

Ocorrências de HÁ MUITO TEMPO

(1). “[...] *há: MUIto tempo* que eu não via urubu... aliás nessa cidade costumava ter urubu... mas *há muito tempo* que eu não via... eu passeando ali por Alde:ia... eu vi um eucalipto assim uns sete ou oito urubus... parado... o urubu o povo tem muita raiva né? de urubu mas ele tem um vôo muito bonito [...]”. (DID – 150/RE/70 – linhas 373-377)

(2). “[...] nós conhecemos... *há muito tempo...* um... uma família mesmo... os senhores que usavam botões de punho com algumas pedras preciosas até”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 333-336)

(3). “[...] o que eu sonhava ser quando pequeno... eu acho que::... era médico mesmo... porque esse negócio vem *há muito tempo* na minha cachola”. (DID – 08/POA/70 – linhas 541-544)

(4). “*Inf. 1-* é... mas tem também um problema de administração de hospital e tudo mais tem uns que agora só atendem INPS e outros só atendem IPÊ... tem esses que só atendem INPS é muito bom... é tudo igual porque a... a... minha empregada que é muito minha amiga e mora comigo *há muito tempo* ganhou nenê... ela é mãe solteira e ela tem carteira assinada tudo direitinho... e ganhou pelo INPS e foi... o posto... fez todo atendimento pelo posto... que(r) diz(e) que ficou... há uma canalização do atendimento deles... é bem

organizado até... ganhou no... na Beneficência Portuguesa [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 899-907)

(5). “*Inf. 2-* [...] esse intercâmbio de de novela já houve *há muito tempo* no rádio né? no rádio se fez com a Argentina demais né?”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 479-481)

(6). “*Inf. 1-* sei... você trabalha já na Noberto *há muito tempo* O.?”

Inf. 2- eu trabalho desde que me formei... ou melhor um pouquinho antes... eh... nós... eh... da da escola éramos colegas de E.... então... (superp)

Inf. 1- sei (superp)

Inf. 2- ... quando surgiu... (superp)

Inf. 1- já teve (superp) oportunidade de... de fazer muita desapropriação”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 75-78)

Ocorrência de HÁ MUITO TEMPO ATRÁS

(1). “[...] aí começaram... meus tios ficaram assim muito curiosos e chamaram pessoas interessadas e pessoas que entendem disso... então começaram a dizer que realmente *há muito tempo atrás*... não foram definidos... tiraram amostras de pedras... não sei lá não sei o quê... pra saber quanto tempo que realmente aquela piscina realmente tinha sido... sido cavada né?”. (DID – 084/RJ/70 – linhas 311-317)

Ocorrência de HÁ POUCO

(1). “[...] eu acho... que de uma forma geral... existe a é é eu acho que é equilibrado... a procura dos médicos pra... pra:: a especialização... acho que uma que agora está sendo muito procurada e que não era... e não se fazia *há pouco* há tempos atrás é a plástica... porque a plástica era um tabu... e ao passo que aGora:: é um negócio assim... bastante normal né? [...]”. (DID – 251/SP/70 – linhas 244-250)

Ocorrência de HÁ POUCO TEMPO

(1). “*Inf. 1-* [...] recomendou uma conferência no Rio de Janeiro... e isso *há pouco tempo*... que as nossas senhoras deviam despedir as suas empregadas para dar mais conscientização a sua... ao seu papel de dona de casa... então nós teríamos só no Rio de Janeiro... talvez... seis ou oito mil desempregos... apenas para que as nossas madames pudessem afirmar [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 319-324)

(2). “*Inf. 1-* [...] ultimamente eu não tenho viajado... têm dito por exemplo quem em vá/ diversos países da Europa a televisão está muito ruim... porque a televisão sendo estatal ela é muito uniformizada... não há:: espetáculos diversificados o telespectador... o::: fica sempre... preso... a filmes ou a a conferências... *há pouco tempo* uma amiga minha esteve em Paris e disse...

Inf. 2- mas no setor musical é maravilhoso

Inf. 1- que há (mas) dois canais em paris... num horário nós chamamos nobre”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 311-321)

(3). “*Inf. 1-* uma coisa *há pouco tempo*

Inf. 2- é uma coisa horrível pela exposição da desgraça

Inf. 1- *HÁ pouco tempo* ainda eu escrevi:: isso que a::: que todos os vitoriosos são alegres... têm aquele sorriso de vitória a miss... que ganhou o lugar de miss... tem a junto com a faixa

tem aquele sorriso de dentes lindos não é?... é o sorriso da vitória [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 1128-1134)

(4). “*Inf. 2-* [...] os bondes vinham de Nazaré e passava por fora do palácio daquelas casas todas da rua Chile... vinha e o viaduto... ele descia passava por trás e descia em frente ao elevador e o elevador tinha aqueles bancos na praça de pedra mármore muito bem iluminada à gás e tinha a descida e tinha a descida pra ladeira da misericórdia... aí que acabaram com a construção daqueles edifícios da biblioteca e as esquinas virou um gabinete... *há pouco tempo* que eu estava sentado esperando”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 130-134)

(5). “[...] fez a previsão conversando coMIgo... não só comigo... como também com o doutor A.C.L. ... não é?... que morreu *há pouco tempo* [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 408-410)

(6). “[...] a Semana SANta... o carnaval... quer dizer essas datas todas estão marcadas de acordo com isso... tanto que são em... o... a... o Natal é uma coisa fixa mas as outras... são móveis não é? quer dizer que essa base existiu mesmo... e:: e assiNAlam as datas todas da religião católica são m::arcadas não é? até *há pouco tempo* eram muito respeitadas nós tínhamos muitos feriados católicos... hoje é que eles diminuíram [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 475-484)

(7). “*Inf. 1-* eu já estudei com um colega assim já estudei com um colega assim desse jeito *Inf. 2-* né?”

Inf. 1- já chegou várias vezes na faculdade com uma moça e manda manda ela procurar ele lá dentro... pra mostrar a gente que (es)tava atrás dele... *há pouco tempo* ele (es)tava na praia... lá em Boa Viagem com duas... agora eu passei e não vi porque eu sou distraído demais... lá eu passo ele me chama ‘S. vem cá’ eu digo que é? ‘como vai você S. eu quero apresentar aqui a esposa’

Inf. 2- é

Inf. 1- aí eu digo ‘como vai prazer e coisa até logo viu?... aí fui embora não dei bola ele fica se mordendo... de orgulho por dentro né?’”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1190-1204)

(8). “*Inf. 1-* sabe que eu já pensei há... *há pouco tempo* pelo... dissabor de ter uma espinha presa... na garganta... e que deu muito trabalho... porque... eu comecei a... ficar... aflita com a espinha não é?”

Inf. 2- [nervosa né?’. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 1277-1281)

(9). “*Inf. 2-* mas esse aspecto... essa pergunta que a senhora acabou de faze(r)... me faz lembrar o seguinte: uma discussão... aliás trocávamos idéias *há pouco tempo* com um colega... essa questão da mulher ter campo... um campo muito mais amplo de atividade... etcétera e estabelecia-se ao mesmo tempo... um paralelo com mulheres de épocas anteriores e eu defendia o ponto de vista o seguinte... que hoje ocorre... porque argumenta(vam)... argumentavam... por exemplo... a mulher de alguns(mas) décadas passadas... ela se sujeitava digamos a um... uma linha... um tratamento doméstico e... muitas vezes não se rebelava com ele... contra ele [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 340-350)

(10). “*Inf. 2-* [...] eu estava pensando... um livro que eu li *há pouco tempo*... que é sobre... pega toda a história da feitiçaria na Idade Média... como surgiu e tal... e os nego assim sabe? você vê altos magistra::dos... em relatórios... orgulhosos de terem queimado duas mil feiticeiras num dia [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 1386-1399)

Ocorrência de HÁ POUCO TEMPO ATRÁS

(1). “[...] a terceira peça... foi a que eu mais gostei na qual... eu:... sei lá me entrosei realMENTe entende? me senti bem no:: no papel que me foi conferido e tudo... fo::i O () inspetor de J.B. () que inclusive foi apresentado... *há pouco tempo atrás* ((riu)) pela Rede Globo [...]”. (DID – 161/SP/70 – linhas 40-45)

(2). “*Inf. 1-* [...] éh justiça seja feita... nessa questão de:... de comunicação e difusão... eu acho que a gente tá... conseguindo um desenvolvimento bem:: interessan:te bem melhor do que se tinha *há pouco tempo atrás*... você vê por exemplo já no interior você já pega a televisão embora a bel prazer... dos setores de comunicação [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 544-550)

(3). “*Inf. 2-* sim... que um... algum tempo atrás o nosso comércio mesmo aqui do... de Porto Alegre... se queixava muito do... do comércio lá...

Inf. 1- é... eu ouvi fala(r) (inint) pela minha avó

Inf. 2- é... queixa... não *há pouco tempo atrás*... dois... três anos atrás o pessoal andava apavorado aqui mesmo... que principalmente inverno... ninguém comprava mais nada aqui né”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1144-1154)

Ocorrência de HÁ POUCOS DIAS

(1). “[...] eu pelos menos *há poucos dias* eu li um artigo... sobre isso que se todos os países não tiverem assim um cuidado especial... com a pecuária... e com a agricultura nós vamos ter... falta de alimentos [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 78-81)

(2). “[...] uma coisa que eu ouvi falar... *há poucos dias*... é que só vão prestar concurso público pra professora professoras que tiverem Pedagogia... quer dizer que (quem) tem curso NORMAL que já é uma... uma escolaridade alta... (ele) já não pode mais prestar concurso público pra ser professora... porque tem que ter o curso de Pedagogia [...]”. (DID – 251/SP/70 – linhas 97-103)

Ocorrência de HÁ QUASE DEZESSEIS ANOS

(1). “[...] voltando ao meu jogo... estava aqui jogando... mandei embora... aí mandei botar na garrafa térmica o café e preparei uns sanduíches () na hora de servir... onde é que eu encontrava a louça... já morava aqui *há quase... dezesseis anos*... aí eu peguei... eh... pratinhos de sobremesa... não estavam quebrados... não... mas eram de cerâmica... que já... é um cor-de-barro que já estavam... não estavam quebrados não... mas a tinta estava e eu servi [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 837-844)

Ocorrência de HÁ QUATRO ANOS

(1). “*Inf. 1-* acho que entre nós não existe... ah... uma das barreiras aqui no Rio Grande do Sul era a justiça

Inf. 2- é hoje já existe

Inf. 1- *há quatro anos* caiu

Inf. 2- o Banco do Brasil

Inf. 1- é

Inf. 2- o Banco do Brasil até bem pouco tempo não admitia funcionárias

Inf. 1- não... não admitia

Inf. 2- do sexo feminino... hoje... as moças podem fazer... tomar parte no concurso (ininteligível) está livre o acesso... o ingresso melhor dito”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 370-380)

Ocorrência de HÁ QUINZE DIAS ATRÁS

(1). “*Inf. 2-* [...] contratou uma técnica americana... colocou o... suspendeu o prédio... colocou ele em cima de rolos metálicos e fez a translação do prédio pra um terreno baldio ao lado...

Inf. 1- (risos)

Inf. 2- ganhou o prédio inteiro (inint)... pronto... isso foi *há quinze dias atrás*”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1041-1045)

Ocorrência de HÁ SETE ANOS

(1). “*Inf. 1-* inclusive eu estou casada *há sete anos*... às vezes... eu tiro aquela roupa do guarda roupa... aí que roupinha que eu gosto como é *queridinha*”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 817-819)

Ocorrência de HÁ TANTO TEMPO

(1). “*Inf. 2-* vamos esperar **A Muralha** não

Inf. 1- agora vamos ver se vai sair

Inf. 2- se Deus quiser

Inf. 1- **A Muralha** né?

Inf. 2- é

Inf. 1- vamos ver *há tanto tempo* prometida”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 645-650)

Ocorrência de HÁ TEMPOS ATRÁS

(1). “*Inf. 1-* [...] eu vejo mesmo a televisão como foi o rádio *há tempos atrás*... era um (rapsodo) rádio... que levava a voz do contador de história para a mais longínqua região... hoje a televisão... com aquela sua telinha mágica... que leva a figura que leva o::... a a iMagem... contando as histórias para as mais diversas regiões do país né?”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 946-952)

(2). “[...] há inclusive também uma uma uma dificuldade muito grande atualmente em ci/ em ci/ em citar nomes de cantores... que nós estamos vivendo a exemplo do que ocorreu com o cinema... *há há há tempos atrás*... de se::... éh caracterizar... e se afirmar perante a opinião pública... exclusivamente pelo nome do autor e não do intérprete... do diretor e não dos intérpretes nós estamos vivendo na música popular... uma fase semelhante [...]”. (DID – 012/RJ/70 – linhas 278-285)

(3). “[...] hoje valorizado é um um mé::dico um engenhe::iro um advogado um arquiteto... inclusive eu acho que essa... por isso que as mulheres partem enten/ entenderam prum... (ou) pra serem advoGAdas engenheiras arquitetas coisa que a gente não encontrava... *há tempos atrás* é por causa da valorizaÇÃO... do::... da profissão [...]”. (DID – 251/SP/70 – linhas 40-46)

(4). “[...] eu acho... que de uma forma geral... existe a é é eu acho que é equilibrado... a procura dos médicos pra... pra:: a especialização... acho que uma que agora está sendo muito procurada e que não era... e não se fazia há pouco *há tempos atrás* é a plástica... porque a plástica era um tabu... e ao passo que aGOra:: é um negócio assim... bastante normal né? [...]”. (DID – 251/SP/70 – linhas 244-250)

Ocorrência de HÁ TRÊS ANOS

(1). “*Inf. 2-* [...] você vê minha mulher... eu estou nesse apartamento *há três anos*... eu e minha senhora... uma filha médica e um filho dentista... ambos noivos [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 334-337)

(2). “*Inf. 2-* o meu... eu já comprei *há três anos*...”

Inf. 1- eu tenho também... eu já comprei meu telefone... (superp)

Inf. 2- estou esperando três anos (superp)

Inf. 1- não instalaram não... eu acho que não vão instalar nunca mais... viu? ”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1225-1228)

Ocorrência de HÁ TRINTA ANOS

(1). “[...] eu já estou trabalhando *há trinta anos* nessa biblioteca... SÓ nessa biblioteca... ingressei depois de viúva... a trabalhar (entende?) [...]”. (DID – 344/POA/70 – linhas 58-61)

Ocorrência de HÁ TRINTA ANOS ATRÁS

(1). “[...] bem o que me levou eu acho que foi a minha inclinação... pelas letras... pela cultura... e também porque eu acho que:: seria a mais compatível com::... as... profissões que na ocasião isso *há:: trinta anos atrás* quase... existiam para as mulheres [...]”. (DID – 344/POA/70 – linhas 03-08)

(2). “[...] eu sei que nenhuma das duas está dentro dessa faixa etária... portanto não podem imaginar o que era por exemplo uma biblioteca *há trinta anos atrás* eu já estou trabalhando há trinta anos nessa biblioteca [...]”. (DID – 344/POA/70 – linhas 55-58)

(3). “*Inf. 2-* [...] a hista/ a histeria está praticamente desaparecendo?... sabe antigamente era:: você pega... *há trinta anos atrás*... Europa você encontrava os casos de histeria aqueles de histeria de conversão né? que o cara... tem um aTA::que ali na sua frente... isso não acontece mais... sabe [...]”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1345-1350)

Ocorrência de HÁ UM ANO ATRÁS

(1). “*Inf. 2-* nós temos que ficar... (superp) recompondo as balsas... pra voltar a atacar no verão... essa... depois disso também nós não voltamos a insistir no inverno... o que vai nos permitir aproveitar esse verão... porque no verão passado nós não tivemos nada pra pôr... porque logo antes do verão... mais ou menos *há um ano atrás*... hoje é dezessete... (superp)

Inf. 1- dezessete (superp) de outubro

Inf. 2- foi em vinte e um de outubro... nós tivemos um acidente e perdemos a balsa principal da obra”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 593-599)

Ocorrência de HÁ UM ANO PASSADO OU DOIS

(1). “[...] eu não observo muito... mas por esses apresentadores de televisão... (rindo) eu creio que as golas agora es... estão mais largas do que... vamos dizer... *há um ano passado ou dois...* mas também nisso não houve muita diferença não”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 100-104)

Ocorrência de HÁ UM POUCO TEMPO

(1). “*Inf. 1-* aqui fizeram uma experiência não sei... *há um pouco tempo* aí... de plantar borracha... seringueira... mas não sei em que ficou isso... aqui na Bahia

Inf. 2- aqui na Bahia? doutor N.... (superp)

Inf. 1- você não ouviu falar sobre isso não? (superp)... (superp)

Inf. 2- doutor N. é um dos... (superp)

Inf. 1- ah... é! (rindo) (superp)”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 401-406)

Ocorrência de HÁ UMA QUESTÃO DE SETE OU OITO ANOS ATRÁS

(1). “[...] um caso interessante... um filho de uma minha amiga... entrou com nota muito boa... na politécnica... no ITA... e no Mackenzie... e não queria ir:: nem à Politécnica nem no ITA... queria ficar no Mackenzie... quer dizer... isso pra mostrar que havia um espÍ::rito mackenzista né? porque ele por exemplo foi um... que entrou desde o primeiro ano... e ele NÃO queria... foi preciso muita insistência... da parte da mãe...que via... a Possi/ uma possibilidade melhor:: de ele ir aos outros... principalmente por causa de fi/ de si/ da situação financeira ela estava viúva... e::... o aluno indo pra Politécnica ou para o ITA... seria bem mais fácil para ela do que ele ficar no Mackenzie... mas foi com muita pena que ele desistiu da... da possibilidade de entrar na Mackenzie... e:: isso:: isso aconteceu recentemente... quer dizer recentemente não porque ele já se formou... mas mais ou menos *há uma questão de sete ou oito anos atrás [...]*”. (DID – 242/SP/70 – linhas 292-310)

Ocorrência de HÁ UNS... ALGUNS ANOS PASSADOS

(1). “[...] *há uns... alguns anos passados* começaram a introduzir essa... rosa e azul para os homens... não é... como o próprio **smoking**... mas eu acho que eles estavam fazendo essa variedade... mas isso não pegou não... porque não era realmente alinhado... bonito... porque o.. o **smoking** é bonito preto... né [...]”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 627-633)

Ocorrência de HÁ UNS ANOS

(1). “[...] *há uns anos...* apareceu essa cor-de-rosa... que é muito bonita... e eu tive muito ela também... mas parece que ela éh dá... uma alergia muito grande minhas filhas são muito alérgicas... e ela dá um: um pólen [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 390-392)

Ocorrência de HÁ UNS DEZESSEIS ANOS

(1). “[...] uma babá que nós tínhamos aqui... que morreu agora... no dia dois de janeiro vai fazer do... um ano agora... que era um amor de pessoa... disse... dona L.... que ela era muito mais **rafinée** do que eu... muito mais... você pensa que ela ia deixar eu sair assim? jamais...

ela disse... mas... dona L... a senhora serviu suas visitas com esses pratos... e a M. chegava de tar... à tarde... nesse mesmo dia... foi fazer queixa... então a M. me pegou... me mostrou... já morava aqui *há uns dezesseis anos*... me mostrou onde é que tem a porcelana... os pa... os talheres de prata... porque eu... você viu como eu sou pouco curiosa e desligada... porque depois de dezesseis anos não sabia onde é que tinha louça boa na casa”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 845-857)

Ocorrência de HÁ UNS QUINZE... DEZESSEIS ANOS

(1). “[...] eu morava aqui... com a M... já *há uns quinze... dezesseis anos*... tem vinte... vinte e um que estou aqui... e ela foi fazer um retiro... que ela é muito religiosa... lá em Belo Horizonte... eu então convidei três pessoas pra virem fazer um joguinho... nesse tempo eu jogava... enjoei... bom... às nove horas... eu mandei as empregadas servirem um cafezinho [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 815-821)

Ocorrência de HÁ UNS TRINTA ANOS

(1). “*Inf. 1-* [...] eu conheci em Porto Alegre... *há uns trinta anos*... um indivíduo que alugava pianos... vocês algum dia imaginaram alguém que pudesse viver de alugar piano? ele... ele tinha uma frota... digamos assim... de piano”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 465-468)

Ocorrência de HÁ UNS VINTE ANOS

(1). “[...] eu venho observando aqui no Recife *há uns vinte anos*... de uns vinte anos pra cá... né?... tem sido uma des-mo-ra-lização treMENda nesse assunto... éh e de sorte que a família já não é mais nem considerada [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 331-333)

Ocorrência de HÁ VÁRIOS ANOS

(1). “[...] eu CRIO um sobrinho... que está com quinze anos de idade... fazendo a: o quarto ano ginásial ou quarta série não sei que nome mais se dá a isso faz tempo ()... pois bem... este rapaz... numa AULA... ouVIU... da sua professora... numa análise sintática... uma oração... “o leão é muito feroz”... e a professora... diz ‘adjuntos adnominais o e feroz’... então essa professora... não entendeu... não/ até hoje não obstante ser professora *HÁ vários anos*... a diferença... entre adJUNto adnominal... e pre-di-cativo [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 50-57)

Ocorrência de HÁ VINTE ANOS

(1). “*Inf. 1-* hoje mesmo eu vi um programa naquele de M. T. programa de um rapaz que diz que toca piano desde sete... oito anos e que é concertista... mas *há vinte anos* que ele toca violão... o problema é só um é que nem todos sabem dar preço a música... mas naquela época era mais fácil [...]”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 513-515)

(2). “[...] aQUI no Recife... até *há vinte anos* atrás... nós tínhamos... uma amizade muito grande entre os irmão não é? [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 321-323)

Ocorrência de HÁ VINTE ANOS ATRÁS

(1) “*Doc.*- e o operário como fica nisso tudo?

Inf. 1- olha... eles são pobres-coitados que...

Inf. 2- eu nem sei como é que vive

Inf. 1- do jeito que ele (es)tava *há vinte anos atrás*... ele continua... continua a mesma coisa... esse... esse não mudou a vida dele... acho que o coitado já (es)tão tão... tão conformado com a vida que eles já nem... nem se importa mais com isso... nem existe inflação... se não existe... a única coisa que ele sabe é que no fim do mês... em vez de compra(r) dois litro(s) de leite que ele costumava compra(r)... ele vai compra(r) só um... vai passa(r) a compra(r) um”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1292-1301)

Ocorrências de HOJE EM DIA

(1). “[...] quando eu era MUIto pequena... em Boa Viagem no tempo em que Boa Viagem era mar porque *hoje em dia* é só... óleo de bronzea: r... né?... xixi né? ((ri)) então tinha muito... daquilo... e a gente ia PESCAR em Boa Viagem imagina... PESCAR oh de sair com saburá cheio... *hoje em dia* você pode ir lá sentar na pedra o dia todinho que não vem nada... acabou-se a praia... não presta mais pra nada [...]”. (DID – 150/RE/70 – linhas 518-523)

(2). “[...] somente para mergulhadores *hoje em dia* né... somente isso eu acho que é o que é mais usado pra operários é mais um macacão... excepcionalmente... um calção... né somente um calção... mas de maneira geral um macacão”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 115-121)

(3). “[...] é totalmente diferente... *hoje em dia* você não pode nem dizer mais que seja uma vitrola... uma eletrola... é um aparelho de som... né? nós aqui nem falamos de vitrola ou eletrola... dizemos os nossos aparelhos de som... que a falha disso aqui é que aqui não cabe... tem milhões de coisas... tem o gravador [...]”. (DID – 084/RJ/70 – linhas 711-716)

(4). “[...] sempre adorei praia... de preferência mar... água... ou então montanha com uma boa piscina... *hoje em dia* até estou preferindo uma piscina do que praia... aquela areia me chateia e tal [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 19-22)

(5). “[...] eu adoro... eu adoro a juventude... procuro compreendê-los... está um pouco difícil... *hoje em dia*... o diálogo... pelo menos eu que não... não tenho vivência com eles... porque... apesar de eu ter muitos sobrinhos... mas eu acho que eles têm o direito à vida deles... sou incapaz de observar qualquer coisa... posso não gostar de certas atitudes... mas sou incapaz de dizer [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 105/111)

(6). “[...] *hoje em dia* eu já estou me acostumando... eu me espantava quando eu encontrava os homens em manga de camisa ainda em certos ambientes... isso ainda me chocava... agora... *hoje em dia*... já nem me choco mais... está certo [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 212-216)

(7). “[...] paletó... paletó e gravata... já: achava bonita... até... aquela combinação de gravata com a ca/ com a camisa... achava bonito... de modo que houve uma... uma fase que eu estranhei essa coisa de... de eles não usarem mais paletó... nem que seja um **blaser**... uma coisa... nem isso... porque... ah... houve uma... uma época aí que me espantava... porque eles iam mesmo em manga de camisa... mas isso passou... *hoje em dia* acho que é válido e [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 226-233)

(8). “[...] tipo... fazenda... estampado... bom... porque você vê que tem... *hoje em dia*... eu não vou dizer isso [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 445-447)

(9). “[...] porque... você vê... eles têm tanta coisa bonita... camisas lindas... **foulards... foulards...** não sei... que antigamente eles usavam... eu tinha amigos que jogavam tênis no Fluminense... que usavam seu **foulard**... mas a gente sentia masculinidade... mas *hoje em dia* eles são tão... eu estou com a impressão que o homem hoje está mais apurado do que a mulher... no vestir [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 457-462)

(10). “[...] íntima eram combinações bordadas... eh... de seda... seda natural ou... ou não... mas eram todas bordadinhas e... vestido/vê como era? transparente ficava a combinação até aqui... ficava muito... e *hoje em dia*... não... é anágua ou nem anágua... sutiã... calcinha e olhe lá... porque as... as que não precisam usar sutiã... nem o sutiã usam... no que elas fazem muito bem [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 622-628)

(11). “[...] não... o magistério não:: não é:: uma:: uma:: apenas uma maneira de ganhar dinheiro não... isso pode ter sido dentro de um:: de uma época:: ahn:: passada... que não se poderia mais considerar... *hoje em dia* o:: o:: magistério ao menos ah:: que se tem visto aqui na Universidade... em sua totalidade tem sido encarada como uma profissão [...]”. (DID – 08/POA/70 – linhas 309-316)

(12). “[...] não sei onde é que est/ pra mostrar uma das vezes que eu... passei na Rua da Praia... e: e nós fazíamos também e Antes da passeata dos BIXos... porque antigamente nós fazíamos se-pa-ra-da-men-te... *hoje em dia* fazem todas as faculdades né? [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 628-633)

(13). “[...] as profissões mais valorizadas... *hoje em dia* eu acho que *hoje em dia* e sempre... na minha opinião... (foram) a a profissão de médico engenheiro advoGAdo... arquitEto... uma profissão por exemplo que eu acho... totalmente desvalorizada hoje é de professora primária... professora primária (é) ela é totalmente desvaloriZAda [...]”. (DID – 251/SP/70 – linhas 27-33)

(14). “[...] *hoje em dia*... está meio difícil isso... ela... uma pessoa assim sem escolaridade... ela vai cair nu::ma faixa de mi/ de salário mínimo... e ela precisará... ter... pelo menos um curso de especialização dentro da profissão DEla... e sem escolaridade ela não consegue... porque... mesmo que seja... o mecanismo da profissão ela vai ter... que ler... que aprender certas a teoria da coisa... então eu acho que... a faixa... *hoje em dia* de nível... pra sem escolaridade... a pessoa está num nível de salário mínimo mesmo... ela não... tem muito pouca chance [...]”. (DID – 251/SP/70 – linhas 82-92)

(15). “*Inf. 2-* no tempo que se usava a psicologia portugue:sa... com certeza ela funcionava viu?... *hoje em dia*:: éh:: essa questão de direitos

Inf. 1- porque esse negócio de deixar:... ah porque os filhos vamos acabar com essa estória nós estamos vivendo e os pais *hoje em dia* estão vivendo em função dos filhos [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 229-234)

(16). “*Inf. 1-* [...] nós estamos vivendo e os pais *hoje em dia* estão vivendo em função dos filhos

Inf. 2- certo

Inf. 1- então você tem que fazer as coisas que... é melhor pra o filho não se pensa em si mesmo não mais...

Inf. 2- começa quando o filho nasce...

Inf. 1- quando tem filho... pronto que a gente deixa de ser seu fulano de tal pra ser o pai de fulano

Inf. 2- o pai de fulano e eu *hoje em dia* ouço demais e eu sou o pai de Bartolomeu... o pai de ciclano o pai de beltrano o pai...

Inf. 1- é a é o início é a perda da personalidade quando o filho nasce [...]. (D2 – 266/RE/70 – linhas 233-246)

(17). “*Inf. 1- hoje em dia* olha... a minha filha... nós temos uma clínica né?... não é com ele éh com Rômulo com aquele Rômulo Alberto que eu queria trazer hoje eh Dias eticétera e ela tá no ramo de pediatria... pois chega um menino lá só você vendo a mãe não tem a menor: au-to-ri-da-de

Inf. 2- autoridade zero

Inf. 1- zero... chega o menino com a/ pé cheio de lama pra alcatifa e ele fica esfregando na alcatifa assim... a mãe é incapaz de dizer ‘meu filho não faça isso’ né?... e se a funcionária a secretária for dizer ‘meu filho não faça isso’ é uma cara desse tamanho.... o outro vem correndo... RAM:: na alcatifa com a lama com tudo... outro dia pegaram uns isqueiros um isqueiro meu lá no meu consultório...

Inf. 2- mas isso em função do século vinte

Inf. 1- a mãe chega e diz ‘eu não tenho mais eu não tenho mais...’ chega a dizer... eu não tenho mais autoridade com esse menino... eu deixo fazer porque eu não posso’... tem paciência menino

Inf. 2- mas isso é consequência do século vinte [...]. (D2 – 266/RE/70 – linhas 309-328)

(18). “*Inf. 2-* [...] essa história não faça que papai do céu BRIGA... isso é coisa que já ERA

Inf. 1- isso já acabou

Inf. 2- compreende?... isso é pra minha é:poca quando eu tinha seis anos... ‘não faça que papai do céu fica triste... desagrada mamãe do céu e não sei o quê’ *hoje em dia*... ‘manda pra lavanderia quando tá sujo... tira a alcatifa e a cortina... telefona chama o homem’ [...]. (D2 – 266/RE/70 – linhas 376-384)

(19). “*Inf. 2-* porque *hoje em dia*... *hoje em dia* normalmente só se/ *hoje em dia* normalmente...

Inf. 1- do excesso:: de tudo que sobra

Inf. 2- o camarada só... economiza a so:bra se é que so:bra... antigamente era diferente porque o sujeito ganhava cem mil réis por mês...

Inf. 1- aqui só quem faz economia é o rico que gente pobre não fez economia

Inf. 2- aquela/ no padrão antigo... cem mil réis por mês... ele tinha que guardar dois ou três mil réis... hoje é diferente... hoje eu sei que pra economizar... cinco mil ou dez mil... vou ter que ganhar oitenta mil cem mil duzentos mil inda diz [...]. (D2 – 266/RE/70 – linhas 587-599)

(20). “*Inf. 2-* ou pra: pra um cheque for::te ou uma coisa qualquer dessas... você precisa *hoje em dia*... é: usar um pouco

Inf. 1- é melhor

Inf. 2- do antigo porque os antigos em geral... tinham um um um um um quê de real... nas ações... mas pensar também em termos atuais: ou termos atualizados quer dizer em termos... financeiros atualizados... quer dizer você guarda um pouco[...]. (D2 – 266/RE/70 – linhas 661-668)

(21). “*Inf. 2-* nada de novo sobre a terra... de fato as coisas... se sucedem... mas se suceder como?... se sucedem num num crescendo que: atualmente... a gente fica sem saber... não é? é por isso que *hoje em dia*... quando o camarada casa com vinte anos com vinte e dois com vinte e três... em geral é um casamento mal ajustado em geral é um casamento mal ajustado... e quando deixa pra casar depois começa a ter medo de casar eu acho aí o sujeito

atinge a faixa dos trinta anos cadê a coragem pra casar... o camarada tem medo de casar... porque o brasileiro o homem brasileiro deve ter aquele complexo de machão... e a coisa que ele tem mais medo na vida é ser enganado”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1125-1137)

(22). “*Inf. 1- hoje em dia* estão acabando com as dores do parto né?”

Inf. 2- os ovários

Inf. 1- o parto não dói né?... o parto é uma é uma é uma é uma uma um processo fisiológico”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1439-1443)

(23). “*Inf. 1- naquele tempo que a mulher era uma escrava né?*”

Inf. 2- naquela época

Inf. 1- então ela tinha aquelas dores coitada gritava aquele negócio todinho

Inf. 2- e o marido cansava de ouvir né?

Inf. 1- então a dor é:

Inf. 2- ela ()

Inf. 1- ele dizia não: coitada eu fiz isso e ela... tá agora sofrendo e coisa então tinha pena e valorizava né?... então a avó disse à mãe a mãe disse à filha... e hoje em dia é essa confusão todinha”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1471-1481)

(24). “*Inf. 1- mas... ô B.... sabe o que que é... isso é problema de grande cidade particularmente de São Paulo... de Rio de Janeiro no Brasil sabe... você sabe quando vai ao Paraná... você não sente tanto... é São Paulo e Rio de Janeiro... é uma coisa assim... é uma constatação tão clara que se pode fazer... sabe é aquela massificação... o indivíduo ele se sente massificado... daí () uma neurose crescente... que você hoje em dia você... a gente sabe que morar no Rio e São Paulo você tem que necessariamente ter um grau de neurose qualquer*”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 87-96)

(25). “*Inf. 1- [...] eu não sei porque cargas d’água... mas nós só temos amigos assim de família desestruturada... essas pessoas encontram assim uma coisa que a gente pen/... pensava que é inexistente na face da terra () pessoas adultas*

Inf. 2- [

()

Inf. 1- podem se entender tão bem hoje em dia dentro de um apartamento relativamente... quer dizer... um apartamento que não é tão grande entende... mas é uma coisa assim tão... é quase palpável”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 168-177)

(26). “*Inf. 1- hoje em dia* você vai à boate por exemplo... aqui no Rio... você é casada né... eu sou solteira... então acho que eu... provavelmente devo ir mais curtir mais a boate que você...

Inf. 2- curte muito mais de sa/... solteira do que casada...

Inf. 1- antigamente não... antigamente eu precisava mais sabe... hoje em dia eu só vou à boate mesmo porque eu gosto muito de dançar e é mais uma vontade que oportunidade pra me extravasar [...]”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 278-285)

(27). “*Inf. 2- é... então... claro... se isso liga... descomplexa é ótimo... está... nesse ponto já entra outra coisa... se referindo a vestuário... de hoje em dia né... eh... hoje em dia se vê pequen/... genuínas pequenas eh... adolescentes assim abaixo de:... de quinze entre quinze e dezesseis daí pra cima até nós de vinte e cinco né... usando eh:... fantasias etc... artesanato... puxa acho isso ótimo*”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 583-589)

(28). “*Inf. 2- [...] e eu hoje comprei achei lindos porque eu comprei achei tão bonito e minha irmã usa também... muita... igualzinha a mim... então dei dois anéis pra ela ela fica maravilhada ‘ah... como é que você... você vai ficar... tem se... sem os teus anéis?’... ‘não... eu dou pra você’ e ela dá e troca comigo pulseirinhas e coisas... milhões de coisas*

()

Inf. 1- [

quer dizer uma coisa incrível dessa as... as pessoas *hoje em dia*... isso... isso tem sido alvo de discu/... como as pessoas estão dando assim...

Inf. 2- valor né”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 618-629)

(29). “Inf. 1- [...] eu sou uma pessoa... não sei de feliz ou infelizmente... *hoje em dia* eu já não sei se FELIZ ou infelizmente... mas eu sou uma pessoa assim muito... com temperamento difícil... porque:... sabe... nada... não é porque a pessoa não me toca... então a pessoa... eu acho que me casar com uma pessoa... eu quero me casar... com o corpo da pessoa... quero me casar com o espírito da pessoa que eu quero ser companheiro da pessoa... quero ser amante da pessoa... quero ser mulher... mulher inclui tudo isso né”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 774-783)

(30). “Inf. 2- [

bom... mas com roubos isso e até trambiques tinham tinha... quer dizer *hoje em dia* hoje ia

Inf. 1- [

mas tinha... ia pra Europa... então tinha...

Inf. 2- hoje ia pra Europa... amanhã comia um pão com salsicha mas...

Inf. 1- sim... mas tinha...

Inf. 2- entendeu? dava resultado... também deram um azar tão grande que logo depois do casamento foi tudo por água abaixo... se separaram... o pai o que tinha perdeu... o que a mãe tinha perdeu e...

Inf. 1- *hoje em dia* os pais dele...

Inf. 2- foram cada um pro seu lado...

Inf. 1- não... mas não dão assistência nenhuma ao casal...

Inf. 2- NADA... aceitaram o casamento e ainda ficaram contentÍssimos porque o filho entrou pra uma família... tradicional e tal com uma certa... condição social... MAS os pais dele só condição monetária só... social... aquela... aquele negócio entendeu eles não apareciam em sociedade porque não está é: já foi uma confusão daquelas... e *hoje em dia* né... vivem bem... não se dão... a sogra dela não se dá com ela... mas”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 997-1019)

(31). “Inf. 1- [

ela estava com uma outra peça () até aqui... eh... então você está vendo problemas das pessoas no... *hoje em dia* ()

Inf. 2- por dentro da moda... querem está...

Inf. 1- ah... então... o negócio é curtir... vamos curtir... pra eh:... sei lá se () a ver com... psicológico...

Inf. 2- deve ser... ”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 1164-1170)

(32). “Inf. 1- [

e *hoje em dia*...

Inf. 2- sondando homens... rapazes assim de deze/... dezenove... homens com... da idade do meu marido... entre trinta e trinta e um... pra saber que que eles acham quando vê uma garota com aquela... aquela roupa tal que é tão curta não é... curta da calcinha aparecer mesmo [...]”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 1186-1193)

(33). “Inf. 2- [...] um estudo muito interessante sobre a psicologia dos pigmeus que *hoje em dia* está no cinema... está até na televisão né?... mas que no início do século me

impressionou muito... ‘vê porque eu não sou macaco?’ ((risos))”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 690-694)

(34). “*Inf. 2*– aliás o circo era uma experiência de encontro com os animais que *hoje em dia* as crianças não têm e que as crianças da nossa geração... aquilo era uma das grandes alegrias que a gente tinha... poder ir ao circo né?”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 723-726)

(35). “*Inf. 1*- [...] os homens gostavam antigamente... gostavam muito daquelas carteirinhas de... de cigarro em crocodilo... pele de crocodilo... carteiras de níqueis...

Inf. 2- é... carteiras...

Inf. 1- e *hoje em dia* custa... uma fortuna...

D1- exatamente”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 1190-1196)

(36) “*Inf. 1*- [...] eu estudei no Americano um colégio imenso... com um parque lindo... ainda mais como eu era pequeninha... eu achava que o colégio era imenso... que o parque era muito grande... *hoje em dia* quando eu vou ve(r) lá... eu acho que o parque não é tão grande assim... mas no tempo parecia... tinha capela... aquela capela parecia gigantesca... *hoje em dia*... é uma capelinha... as me... bom... na memória das coisas ficam assim mesmo [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 344-350)

(37) “*Inf. 1*- [...] eu brigava com o filho da diretora do colégio... de pedra... eu deixei o olho do guri roxo uma vez... mas eu era tirana... quando eu me lembro... como é que eu podia se(r) assim... *hoje em dia* eu sou tão tímida e tão quieta... naquela época não”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 359-362)

(38) “*Inf. 1*- não consigo entende(r) esse sistema de classificação que passa por computador... que conforme as opções e... acho assim... uma superconfusão

Inf. 2- e... também acho... não consigo entende(r)

Inf. 1- é só pra quem (es)tá mesmo fazendo vestibular é que se preocupa em entende(r)

Doc. esta seria a melhor maneira de avaliar o aluno?

Inf. 2- olha... não sei... dizem os técnicos e os entendidos que essa é a única maneira... que *hoje em dia*... eles são... pelo número de candidatos”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 433-440)

(39) “*Inf. 1*- [...] essas que têm caderneta de poupança começaram essas agências de poupança começaram a lota(r)... (inint) de brindes... nas suas... nas suas caixas provando que as cadernetas de poupança era o melhor modo de poupa(r) e de faze(r) economia... eu acho... não adianta... *hoje em dia* é tudo mais ou menos controlado pelo governo [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 942-947)

(40). “*Inf. 2*- [...] hoje com o grande número de moças e senhoras que estudam a situação... mudou totalmente... a criatura não tem um regime doméstico etcétera como é intenção da quase totalidade das pessoas... né... mas se por uma infelicidade qualquer é rompido esse equilíbrio... se ela tem um curso... ela tem condições de enfrentar a vida... ela está apta a se libertar disso e seguir... né? eu tenho impressão que isso é recorrente da... do... da parte de educação... de desenvolvimento que as moças e senhoras têm atualmente... que *hoje em dia*... é raríssima a moça que não tem um curso... que não (es)tá pretendendo fazer um curso [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 352-363)

(41). “*Inf. 2*- [...] *hoje em dia* se vai ao Uruguai... mas simplesmente por turismo... a passeio... por diletantismo enfim... né... de maneiras que sendo o Uruguai um país pequeno como é... vindo de uma série de dificuldade que me parece que ainda está atravessando... se ele consegue manter o seu... o seu peso três vezes superior ao cruzeiro a gente fica em dúvida... né... como é que eles conseguiram isso [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 735-741)

(42). “*Inf. 1*- me preocupo com o humano... se embananando ele sozinho com as coisas que ele cria... sabe? porque você tinha civilizações antigas... mas... o que ela criava o que ela

produzia... era muito menos... do que uma... de *hoje em dia* cria certo?”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1034-1038)

(43). “*Inf. 1-* (é o que eu penso) *hoje em dia* você... você... você pega... vai num reservatório da SABESP... você consegue entrar lá e botar um veneno na aguinha ali”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1607-1610)

(44). “*Inf. 1-* ou seja... uma época há vontade de fazer hecatombe outra época não há... de qualquer maneira... numa época ou noutra a tua possibilidade de fazer hecatombe aumenta né? então você veja a própria bomba atômica né?... no que foi descoberta não conseguia... arrebrantar com o mundo... *hoje em dia* se eles quiserem já arrebranta... racha o mundo em dois... assim né? [...]”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1704-1710)

(45). “*Inf. 1-* acho (superp) quando eu era bem rapaz... lá pros meus doze... treze anos... aqui o clima de Salvador não passava de vinte e dois e vinte e seis graus o ano inteiro... *hoje em dia*... aqui você vê trinta e um... trinta e dois graus... coisa que não acontecia *Inf. 2- é*”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 626-629)

(46). “*Inf. 2-* o carnaval não é mais do homem que mora em Salvador... porque é insuportável pra ele...

Inf. 1- principalmente na rua né... que era (superp)

Inf. 2- porque? a poluição humana (superp)

Inf. 1- o carnaval de rua era ótimo... de verdade... (superp)

Inf. 2- os homens de São Paulo... eh... (superp)

Inf. 1- *hoje em dia* você na rua... eh... (inint) é uma verdadeira guerra”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 662-667)

(47). “*Inf. 2-* e hoje?

Inf. 1- *hoje em dia*... estão destruindo as casas todas... para construir prédios (risos) né?”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 934-935)

(48). “*Inf. 1-* naquele tempo faltava (sic) verbas. (superp)

Inf. 2- turismo

Inf. 1- *hoje em dia*... é mais fácil (superp)

Inf. 2- *hoje em dia* é mais facilitado... (superp)”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 987-990)

Ocorrência de JÁ ESTÁ EM TEMPO DE PINTAR

(1). “*Inf. 2-* [...] ela a:cha que o apartamento já precisa pintar... porque: eu reclamei ontem mesmo essa parede já tá suja a gente podia dá uma limpadinha pede a faxineira passar uma bucha aí e tal... ‘não: é porque *já (es)tá em tempo de pintar* nós já estamos aqui há três anos’”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 340-345)

Ocorrência de JÁ FOI O TEMPO QUE O HOMEM VALIA O QUE TINHA

(1). “*Inf. 2-* não isso eu não faço nunca não

Inf. 1- *já foi o tempo que o homem valia o que tinha*... de

Inf. 2- isso eu não faço não

Inf. 1- no início o homem valia o que era... depois o homem passou... a valer o que tinha

Inf. 2- () agora o que acon?

Inf. 1- hoje o homem tá valendo o que apresenta [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 898-904)

Ocorrência de JÁ TEM TANTO TEMPO QUE EU JÁ ESQUECI

(1). “[...] é tem gente que não acha o fraque muito bonito... acha a casaca mais alinhada e os homens também guardam o traje pra festas... em geral era um paletó branco avulso porque era usado com uma calça de qualquer cor e mangas compridas naturalmente e uma gola inteira parecendo um traje de garçom... meu marido tinha até um paletó... mas já tem tanto tempo que eu já esqueci o nome”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 252-260)

Ocorrência de LOGO DEPOIS DO CASAMENTO

(1). “*Inf. 2-* hoje ia pra Europa... amanhã comia um pão com salsicha mas...

Inf. 1- sim... mas tinha...

Inf. 2- entendeu? dava resultado... também deram um azar tão grande que *logo depois do casamento* foi tudo por água abaixo... se separaram... o pai o que tinha perdeu... o que a mãe tinha perdeu e...

Inf. 1- hoje em dia os pais dele...

Inf. 2- foram cada um pro seu lado”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 1002-1010)

Ocorrência de LOGO NO INÍCIO DO SÉCULO

(1). “*Inf. 2- [...] logo no início do século...* quando começaram os primeiros contatos... com aquela grande escola de História Cultural de Viena... então eles foram fazer observações... para testarem a possibilidade dos primeiros homens que existissem na face da terra... e algumas... amostras que tivesse ficado nos tempos de hoje... aquela experiência toda da escola... e eles encontraram pos pigmeus... esses pigmeus do centro da África são os homens pequenos eh... com os pêlos muito longos né [...]”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 663-671)

Ocorrência de LOGO QUE ELE ABRIU

(1). “[...] cacique já não É mais aquilo que antiga/*logo que ele abriu* era um cinema pra época mas eu acho que eles deviam reformar... tem aqui o:: o que o:: Astor que:: o Àstor que reformaram... que está mais ou menos depois tem aquele... que reformaram também lá embaixo”. (DID – 121/POA/70 – linhas 779-783)

Ocorrência de LOGO QUE NÓS VIEMOS PRA AQUI

(1). “[...] então se constrói a casa daí pra cima... foi a solução que: nós demos... quer dizer hoje visualmente ela não é muito apreço/... éh: não se apercebe com facilidade porque:... a própria parte externa já foi aterrada... mas mesmo assim antes de :... se usar o aterro... éh: *logo que nós viemos pra aqui...* havia: uma entrada por essa janela aqui atrás... éh: via-se... como era profunda... a parte... leste da casa... ela ficava totalmente éh:: noutro plano [...]”. (DID – 004/RE/70 – linhas 321-327)

Ocorrência de MIL NOVECENTOS E SETENTA

(1). “[...] ele fez esse previsão não é?... de que... na situação do Brasil devido/ aí começou a fazer a ligação... da história do Brasil com história de Portugal com a história de:... da América do Norte tudo ISSO... não é?... e chegou à conclusão de que não podia chegar a *mil novecentos e setenta* sem haver uma modificação [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 412-415)

Ocorrência de NA DÉCADA DE CINQUENTA MAIS OU MENOS

(1). “*Inf. 1-* [...] *na década de cinquenta mais ou menos* uns primos meus quiseram implantar esse serviço de aluguel de lancha... tentaram... de tudo e por tudo mas não era interessante”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 1872-1875)

Ocorrência de NA ÉPOCA

(1). “[...] você conhece bastão-do-imperador? um que dá muito perto da água... tinha MUIto em Casa Forte... naquele tempo... tanto que... *na época*... quando: o palácio: ia dar festa no jardim... mandava buscar a plan/ bastão-do-imperador lá: em Casa Forte... e é uma planta linda cor-de-rosa você você conhece?”. (DID – 156/RE/70 – linhas 358-362)

(2). “*Inf. 2-* [...] eu acho o seguinte que no Rio de janeiro também teve teve influência americana no tempo da guerra e talvez até mais do que aqui por ser *na época* ca capital federal... e:/ mas eu acho é o seguinte... que aqui... a influência estrangeira foi menor do que lá... e por isso os hábitos sociais de lá são completamente diferentes daqui [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 57-63)

(3). “*Inf. 1-* eles pareciam verdadeiros Picassos *na época*... sabe coitado do Picasso () você tem verdadeiros artistas... tem que ser... esse lado da fantasia é o lado que tem que ser desenvolvido porque é um lado existe... então como essa nossa geração foi muito reprimida na... nessa... nessa... nessa parte de... fantasia tinha”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 552-556)

(4). “*Inf. 1-* [...] trouxemos o carneiro e o terreno em frente ao hospital... que pertencia ao hospital mas que era matagal ainda... *na época*... abrigou o carneiro muito tempo e muitas vezes era uma verdadeira luta domar o carneiro... pra subjugar o carneiro pra atingir a jugular e tirar sangue... do carneiro [...]”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 566-572)

(5). “*Inf. 2-* [...] você vê altos magistra::dos... em relatórios... orgulhosos de terem queimado duas mil feiticeiras num dia... quer dizer *na época* aquilo tinha virado terror... que era só dizer ‘olha fulana olhou::... tinha um gato preto perto dela... e ela olhou meio assim... no dia seguinte beltrano morreu’ né?... qualquer um ia pra a fogueira mesmo né?”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 1392-1401)

(6). “*Inf. 1-* é possível que alguns locais sejam assim... por exemplo... aquela subida que tem aqui perto... porque *na época* não tinha meio-fio... mas a Correia Ribeiro colocou [...]”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 149-150)

(7). “*Inf. 1-* porque (superp) nós desapropriamos por duzentos cruzeiros o metro quadrado (rindo) (superp)

Inf. 2- *na época* era

Inf. 1- *na época*

Inf. 2- preço bastante razoável

Inf. 1- é um preço bastante razoável”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 172-175)

(8). “*Inf. 2-* [...] por falta (superp) de espaço... aqui no canteiro... nós tivemos que ir depositando a obra nessa rua... que estava interdita *na época*

Inf. 1- sei

Inf. 2- já estão todos prontos... algumas vezes tem que fazer um tubo ou outro... pra substituir uma quebra... uma coisa (superp)". (D2 – 095/SSA/70 – linhas 618-622)

(9). "*Inf. 2- Na época...* na casa de meu tio J. P. reunia-se ali... ouvíamos músicas de Agnaldo Rayol". (D2 – 298/SSA/70 – linhas 520-521)

(10). "[...] minha mãe que era doutora aqui... *na época...* eles não tinham empregada... nós arranjávamos pra preparar refeição e mandar pra eles (risos) não é assim?" (D2 – 298/SSA/70 – linhas 664-666)

Ocorrência de NA ÉPOCA ATUAL

(1). "*Inf. 1-* no momento aqui no Brasil... pelo mínimo na área urbana... é o imóvel... não há investimento *na época atual...* no Brasil... com esse crescimento urbano desordenado em que as cidades não crescem... pulam... não é... não há melhor investimento do que o imóvel... por quê? é da velha lei da oferta e da procura?". (D2 – 365/POA/70 – linhas 495-499)

Ocorrência de NA ÉPOCA ÁUREA

(1). "*Inf. 1-* [...] o nosso... os nossos sindicatos não têm essa força... nem *na época áurea* para eles... do PTB (petebê)... nem aí [...]". (D2 – 365/POA/70 – linhas 1033-1034)

Ocorrência de NA ÉPOCA DA GESTAÇÃO

(1). "[...] é da gestação... que vai depender... o homem de amanhã... E... este homem já vem... PREparado... é QUase como se fosse um laboratório... *na Época... da gestação...* VÃO interfeRIR na Vida... da pessoa... certos problemas... até MESmo de saúde... porque... vai depender... da alimentação... da mãe (3s) do BOM e:stado... do marido do pai [...]". (DID – 145/RE/70 – linhas 08-12)

Ocorrência de NA ÉPOCA DA GUERRA

(1). "[...] bem... há uma outra viagem... que quase que dá pra fazer um livro... quer dizer ((riso)) um verdadeiro romance... porque foi feita numa época anormal... que foi... a viagem que eu fiz por navio... para:: o nordeste... e essa viagem eu fiz *na época da guerra...* então com... nessa situação... os navios saíam do Rio comboiados [...]". (DID – 112/RJ/70 – linhas 243-248)

(2). "*Inf. 1-* [...] *na época da guerra...* eu fui atende(r) um serviço em Rio Grande e naquele tempo estava em blacaute (**black-out**) como se chamava

Inf. 2- sei...

Inf. 1- porque justamente nas costas do Rio Grande tinha sido bombardeado um navio mercante inglês cujos naufragos foram recolhidos a Rio Grande [...]". (D2 – 365/POA/70 – linhas 128-132)

Ocorrência de NA ÉPOCA DA POLÍTICA

(1). "*Inf. 2-* [...] minha família... transa com política... e... acontece muito isso e o pessoal fica... quase que: obcecado *na época da política* e não adianta você querer... é mudar o

roteiro do cara... que vá... votar no outro candidato... porque:... ele fica como se fosse... devendo () aquele grande favor a você... e vai votar no seu: candidato e ainda quando essas gerações mudarem é que: isso vai mudar”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 414-422)

Ocorrência de NA ÉPOCA DE APRESENTAÇÃO DO FILME

(1). “[...] no caso daquele filme que:: passou a Bela da Tarde... éh:: *na época de apresentação do filme*... você chegava pra uma pessoa você falava ‘você entende::? você assistiu o filme e gostou?’ ‘ah gostei poxa quem é que não gostou do filme? NOssa pelo amor de Deus claro que gostei todo mundo gosta...’ ‘ah todo mundo gosta mas você entendeu?’ ‘ah entendi... queria significar:: abacaxi o filme’ [...]”. (DID – 161/SP/70 – linhas 281-289)

Ocorrência de NA ÉPOCA DE EU ME MUDAR PRO APARTAMENTO

(1). “*Inf. 2-* agora eu tenho móveis antigos... eu tenho móveis antigos perdi

Inf. 1- pra o

Inf. 2- peguei meio metro de cheia dentro de casa

Inf. 1- hã

Inf. 2- quando acabou... a história... estava *na época de eu me mudar pro apartamento*... chamei um camarada... mandei ele envernizar... passou um bombril e tal e coisa envernizou... estão to-dinhos lá: [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 759-766)

Ocorrência de NA ÉPOCA DE MINHA FORMATURA

(1). “*Doc.-* os formados em Universidade têm campo de trabalho?

Inf. 2- têm... um campo muito mais amplo do que eu tive *na época de minha formatura*... porque eu formei em trinta e dois e a carreira que abracei é uma carreira muito pouco divulgada e muito pouco valorizada... né? hoje... felizmente... acho que forçados por circunstâncias... porque... por exemplo... uma máquina agrícola custa alguns milhares de cruzeiros... nessas condições ela tem de ser entregue a uma pessoa que conheça... uma pessoa que não vá estragar essa máquina... vá dar a ela a devida assistência [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 22-31)

Ocorrência de NA ÉPOCA DE ORQUÍDEAS

(1). “[...] e: orquídea tem aquela época né? pelo menos a: orquídea... a roxa que é a mais normal é época de verão... não é? outu:bro novem:bro dezem:bro tá *na época de :... de orquídeas*... aque/ essa coral que eu falei que dá em haste essa daí dá muito... tanto que em finados... eu estou cansada de comprar... a: orquídea coral (3s) [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 312-316)

Ocorrência de NA ÉPOCA DE POLÍTICA

(1). “*Inf. 2-* é eu/ é o seguinte é que como a região é muito pobre... pessoal: na maioria... é... funcionário público... quer dizer o pe o pessoal vive mais de favores né? e: por isso a pessoa que vive de favores tem... assim uma certa obrigação de... chegar *na época de*

política tá sempre ao lado daquele... determinado político [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 407-412)

Ocorrência de NA ÉPOCA DO AUGÉ DA INFLAÇÃO

(1). “*Inf. 1-* [...] nós contratamos... nós demos uma sorte danada... porque foi *na época do auge... do auge da inflação...* já no fim do governo João Goulart... né... antes da Revolução... e aqui tinha um representante da **Air France**... que – sempre as embaixadas faziam viagem pela **Air France**... e ele... não sei porque cargas d’águas... ele sabia que o dólar ia subir de seiscentos cruzeiros... naquela época... pra mil cruzeiros... não sabe?

Inf. 2- hum

Inf. 1- aproximadamente... então ele falou ‘olhe... vocês... o problema é o seguinte até vocês viajarem em julho... vai subir o dólar’ disse isso ‘então... vocês fazem isso vocês compram a passagem de avião agora’ [...]”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1484-1492)

Ocorrência de NA ÉPOCA DO CARNAVAL

(1). “*Inf. 2-* [...] os moradores de Salvador... hoje... não podem... *na época do Carnaval...* não podem contar com o que contavam antes

Inf. 1- exato

Inf. 2- o carnaval não é mais do homem que mora em Salvador... porque é insuportável pra ele”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 659-662)

Ocorrência de NA ÉPOCA QUE EU TIVE NO RIO

(1). “[...] *na época que eu tive no Rio* não sei nem se já mudou... os leões ficavam numas jaulas muito pequenas... muito apertado muito assim:... sei lá:: jaula pequena de piso de cimento... só com: às vezes uma árvore seca no meio... mas eu acho que aquilo deve ser muito ruim... muito desconfortável... muito pouco natural assim... muito pouco espaço pra eles se mexerem [...]”. (DID – 150/RE/70 – linhas 70-75)

Ocorrência de NA ERA DO CONCRETO ARMADO

(1). “*Inf. 2-* [...] é a tendência é:: exatamente facilitar a limpeza... e já que nós estamos *na era do concreto armado...* O o:/ ta se... fugindo muito dessa... desses acabamentos tradicionais de ... de cerâmica de azulejo essas coisas tá se fugindo... e tendendo para o: concreto que é um acabamento... que não exige conservação... e:... não sei é mais é mais mais barato é nisso é? ”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 305-311)

Ocorrência de NA HORA EM QUE IA PARA O AR O BEM AMADO

(1). “*Inf. 1-* mas você sabe que a eu me lembro quando o:: o o chanceler Gibson Barbosa era nosso... Ministro das Relações Exteriores não é?... éh eu estive com ele em Brasília... ((tosse)) então se dizia lá que ele... ah:: na *na hora em que ia para o ar O Bem Amado...* ele se trancava no:: gabinete dele... e dizia que ele tinha despachos urgentes... e ficava lá trancado... então eu pensava... eu chegava aqui em casa a minha cozinheira não perdia **O Bem Amado** não é?... então eu dizia ‘mas é uma coisa estranha... neste Brasil inteiro neste

país continente neste exato momento... naquela hora... parece que não sei se era oi/dez da noite... dez da noite... o:: as criaturas mais diversas as faixas sociais mais diversas... estão presas a esse... esse enredo essa história que se processa”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 447-461)

Ocorrência de NA HORA QUE O INDIVÍDUO VAI PROCURAR UMA TERAPIA

(1). “*Inf. 1-* ou seja... *na hora que o indivíduo vai procurar... um::... uma terapia* o superego dele está levando o corpo dele... para a terapia”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 234-236)

Ocorrência de NA IDADE MÉDIA

(1). “*Inf. 2-* [...] quando você estava falando de:: agora ser mais fácil... é::... porque os mecanismos assim são mais perigo::sos... mecanismo assim... que nem você falou entre carro e cavalo o ca/ o carro é mais perigoso... mas aí eu não sei eu estava pensando... um livro que eu li há pouco tempo... que é sobre... pega toda a história da feitiçaria *na Idade Média*... como surgiu e tal... e os nego assim sabe? você vê altos magistra::dos... em relatórios... orgulhosos de terem queimado duas mil feiticeiras num dia [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 1388-1398)

Ocorrências de NA MESMA ÉPOCA

(1). “*Inf. 2-* tudo... *na mesma época*
Inf. 1- no mesmo... não dá (superp)
Inf. 2- é... eu virei e disse pra ele... acabei logo com as esperanças ‘planejísticas’ dele... dizendo o seguinte ‘olha... amigo... não pode nem fazer esgoto e esgoto ao mesmo tempo... porque o interceptor é um tubo que desce assim e está a cinco... seis metros de profundidade... e um tubo de dois metros... um metro e meio de diâmetro”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1137-1142)

Ocorrência de NA MINHA ÉPOCA

(1). “[...] bom o o o... o relacionamento entre professor e aluno na faculdade de direito... pelo menos *na minha época*... era::... em termos assim de uma distância bastante grande... era guardad(o) uma grande distância... entre professor e aluno [...]”. (DID – 012/RJ/70 – linhas 176-179)

(2). “*Inf. 2-* então tu fizeste(s) no fim de sessenta e seis
Inf. 1- fiz vestibular em sessenta e seis
Inf. 2- mas eu também fiz em sessenta e seis... mas *na minha época* ainda era... cada um fazia...
Inf. 1- aqui na úrguis?
Inf. 2- foi
Inf. 1- mas já era prova integrada
Inf. 2- não... em sessenta e seis não... foi quando eu fiz... eu entrei na umi... eu entrei aqui em sessenta e seis... e eu me lembro ”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 381-384)

Ocorrência de NA MINHA INFÂNCIA

(1). “[...] é um jogo que se faz com umas pedrinhas... joga-se três... apanha-se duas no ar... e eu não me lembro bem... isso era mais um jogo feminino... inclusive... num poema do Vinícius de Moraes... eu vim a saber que esse jogo tem o nome de nai ou nentes... nai ou nentes... eu conhecia *na minha infância* como jogar nente... nente [...]”. (DID – 012/RJ/70 – linhas 721-726)

Ocorrência de NA OCASIÃO

(1). “*Inf. 1-* olha I. ... eu... como você sabe... u::ma pessoa um diretor lá da Folha... certa feita me chamou... e me incumbiu de escrever sobre televisão... o que me parece é que *na ocasião*... quando ele me incubiu disso... ele pensou... que ele ia::... ficar em face de uma recusa... e que eu ia... esnoBAR ((ri)) – agora vamos usar um termo... que eu uso bastante que todo mundo usa muito – eu iria esnoar a televisão... como todo intelectual realmente esnoa [...]”. (D2– 333/SP/70 – linhas 3-11)

(2). “[...] eu visitei por exemplo () americano... que:: atuou aqui em Porto Alegre quando eu estive em Washington fui visitá-lo... e ele... ele me disse com a maio::r naturalidade com a maior simplicidade... que os meninos não estavam *na ocasião* porque tinham saído saíram para... distribuir o jornal... estavam DIStribuindo o jornal na vizinhança [...]”. (DID – 344/POA/70 – linhas 255-262)

Ocorrência de NA OCASIÃO EM QUE

(1). “[...] o fato de eu ter ficado viúva... e sem filhos e sem uma ocupação definitiva... ah:: para encher a minha vida eu achei... que o melhor lug/ ah:: o melhor caminho seria ingressar na universidade... e tentar o o:: curso de:: biblioteconomia... *na ocasião em que* foram abertos os cursos... eu entrei na primeira turma sou egressa na primeira turma que se:: instalou que se fundou em Porto Alegre [...]”. (DID – 344/POA/70 – linhas 10-19)

Ocorrências de NÃO SOU DO TEMPO

(1). “*Inf. 2-* éééé e eu já tive qualquer coisa e hoje eu já tenho... e como diz a televisão vai levando... vai levando... eu *não sou do tempo* de vai levando nem a senhora que... eu vou dizer o que era São Pedro... por exemplo... uma bela igreja”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 143-145)

Ocorrências de NAQUELA ÉPOCA

(1). “[...] o namoro do meu tempo... era muito diferen:te... de hoje... porque *naquela época* há: cinquenta e tanto anos atrás... a gente... quando via... uma moça e resolvia namorá-la... procurava priMEIro... a família da moça... conversar com o pai conversar com a mãe... dePOIS de conversar com o pai... para por meio deles chegar àquela pessoa [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 209-213)

(2). “[...] *naquela época* eu não queria não queria bem a A. eu queria bem como aluna... eu gostava de todos os meus alunos mas não queria bem a A.... e então ficamos... casamos... e até

hoje... esse esse era o reGIme de casamento naquele tempo [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 259-262)

(3). “(risos) bem... a sala de visitas... as poltronas seriam... assim... bem maiores... né? e hoje você encontra... por exemplo... na... na... nas... nas casas mais modernas... você encontra... você pode encontrar... eh... essas poltroninhas trabalhadas em vime... se bem que o vime era... inclusive... muito usado na... em época na... anterior... mas... de qualquer forma... na... eh... *naquela época* se usava... assim... poltronas... assim... bem acolchoadas e [...]”. (DID – 173/SSA/70 – linhas 528-536)

(4). “[...] naquele tempo ainda podia... não tinha TANta facilidade porque... o desenvolvimento aqui não era esse... que hoje já tem... então éramos obrigados... a procurar o táxi nos pontos... que hoje se combate os pontos de táxi não é? mas *naquela época*... os táxis estavam todos em pontos... então tínhamos que TRAtar o táxi pra ele vir até nossa casa pra: naquela hora... dispormos de condução... porque senão se ficássemos esperando que passasse táxi na rua... não ia passar MESmo... porque não havia esse movimento que hoje existe [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 61-69)

(5). “[...] fomos obrigados a ficar oito horas parados dentro da Baía sem poder sair... o navio estava... estava... ao largo... sem poder porque estava havendo torpedeamento... na costa do... do Nordeste... não é? então tinha havido diversos torpedeamentos *naquela época*... e... oito dias de/ depois () é que nós conseguimos atravessar à barca... e fizemos toda essa viagem... bem ao largo... não... não... não enxergávamos a costa... porque nós íamos... comboiados... num comboio de navios petroleiros... e... esse comboio... destinava à África... então estava na rota da África... não é?”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 250-259)

(6). “[...] a minha mãe era tão prática... que ela fazia tons de rosa-seco... e pouco a pouco ia tingindo... porque não podia comprar... ia tingindo até chegar no azul-marinho... porque naquele tempo mocinha não usava preto... depois passou-se a usar... mas *naquela época* não se usava preto [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 323-327)

(7). “[...] hoje não... se estuda doutra maneira comPLEtamente difeREntE não tem mais o bê-a-bá-bê-a... né?... como nós fazíamos antigamente... mas assim uma difiCIÊNcia que me pudesse chamar a atenÇÃo... não chamava... pelo menos na ocasião... agora nós... vamos convir... todos nós temos e tem que ser assim... que estão mais aperfeiçoAdos... mas era a Época... eu acho que esta/estávamos tão bem NÓS *naquela Época* como estão os de hoje... sendo que eu acho que HOje... evoluiu MUIto”. (DID – 06/POA/70 – linhas 510-521)

(8). “[...] tenho tem colegas de turma que são... catedráticos... hoje na faculdade... e estudou durante todo o ano os seis anos que eu estudei... de modo que não havia isto desta falta... agora... naturalmente há uma diferença muito grande... mas também exigir... que nós tivéssemos... naQUEla ocasião... *naQUEla época*... o progresso de HOje... seria exigir demais... e neste caso até trazia uma tristeza para nós... porque então nós estávamos igual ao de hoje... então não tínhamos progredido [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 548-559)

(9). “[...] o Mackenzie não dá apoio pra ninguém pra nada lá dentro... ele gosto de de receber os elogios... quando uma coisa dá certo... então aparece todo mundo... principalmente *naquela época* era:: a famosa Esther de Figueiredo Ferraz que era reitora... então ela::... aproveitava os frutos quando davam bons resultados mas ajuda::r... para que os frutos fossem::... colhidos... ajuda não se tinha nenhuma MUIto pelo contrário... se tinha empecilhos de toda e qualquer espécie”. (DID – 161/SP/70 – linhas 136-145)

(10). “[...] tivemos... o:: algum apoio da Folha de S. Paulo... e:: da:: Jovem Pan... *naquela época* tinha um programa chama/ parece que **Ginkana da madrugada** não me recordo [...]”. (DID – 161/SP/70 – linhas 477-480)

(11). “[...] nós... ahn... eh... faculdades a... *naquela época*... o número de faculdades e::ra pequeno não é? de Meira que a maioria ficou no Mackenzie mesmo porque como nós tínhamos escola de Engenharia e escola de Arquitetura... eles... s/ ficaram... já acostumados a... o número de alunos... que estava no Mackenzie DESde o primeiro ano primário... era grande... de maneira que eles não tinham vontade de sair não é?”. (DID – 242/SP/70 – linhas 278-286)

(12). “*Inf. 1-* Deus mandou multiplicar mas no momento não tá dando mas *naquela época*
Inf. 2- mas *naquela época*

Inf. 1- *naquela época*... eu pergunto

Inf. 2- né?

Inf. 1- *naquela época* quantos habitantes tinha... a terra?

Inf. 2- mas a questão é que a ()

Inf. 1- nos últimos vinte anos duplicou.”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 106-112)

(13). “[...] pra comprar esse imóvel pra fazer... porque ele só queria fazer a vista entende como é? porque se ele tivesse um... se ele tivesse pago... aquele negócio todinho... ((ruído)) em prestações de *naquela época* de de de quinhentos cruzeiros trezentos cruzeiros ”. (DID – 266/RE/70 – linhas 740-744)

(14). “*Inf. 1-* naquele tempo que a mulher era uma escrava né?

Inf. 2- *naquela época*

Inf. 1- então ela tinha aquelas dores coitada gritava aquele negócio todinho

Inf. 2- e o marido cansava de ouvir né?

Inf. 1- então a dor é:

Inf. 2- ela ()

Inf. 1- ele dizia não: coitada eu fiz isso e ela... tá agora sofrendo e coisa então tinha pena e valorizava né?... então a avó disse à mãe a mãe disse à filha... e hoje em dia é essa confusão todinha”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1471-1481)

(15). “*Inf. 1-* porque eu tinha os badulaques minha filha... eu ia pras reuniões da minhas ti/... das minhas tias em São Paulo... pegava jóias pulseiras e () colar... quer dizer... eu tinha um prazer... o prazer não era estético *naquela época*... era um prazer incrível... eh:... era um prazer quase erótico... se eu posso dizer assim... me olhar no espelho e me ver toda cheia de badulaques... sabe... desde aquela época que () confusão psicológica”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 488-495)

(16). “*Inf. 1-* [

é... bota aí essa aliança () é bota e acabou... é e os pais dele estavam na Europa... eles não estavam nem aQUI... aí aliás... *naquela época* por causa desse namoro... os pais dele tentaram reconciliação porque eles estavam separados né... então foram pra Europa e tal”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 979-983)

(17) “*Inf. 1-* [...] eu brigava com o filho da diretora do colégio... de pedra... eu deixei o olho do guri roxo uma vez... mas eu era tirana... quando eu me lembro... como é que eu podia se(r) assim... hoje em dia eu sou tão tímida e tão quieta... *naquela época* não”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 359-362)

(18). “*Inf. 1-* e a inscrição era para o curso de Filosofia... pro... é... Curso de Filosofia... *naquela época*... não... Faculdade de Filosofia

Inf. 2- mas a nossa não foi integrada... não sei... não sei como é que funcionava aquilo... *naquela época*... nós fizemos uma geologia... era só o pessoal de Geologia... eram cento e quarenta e cinco candidatos”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 401-405)

(19). “*Inf. 1-* é... isso mesmo... sim porque... nós fizemos... mas não era separado por áreas *naquela época*... era tudo junto... era tudo... tudo que constituía a Faculdade de Filosofia era uma coisa só

Inf. 2- o nosso caso é diferente... sim mas o nosso não não entrava na Faculdade de Filosofia”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 414-418)

(20). “*Inf. 2-* eu tinha Catecismo... eu acho que um pouco da minha... da minha revolta com religião começou no... começou no... no jardim de infância a minha mãe me botou no jardim da infância que *naquela época*... chique era a gente (es)ta(r) lá num colégio de freira que tinha lá perto de casa... então a minha mãe me botou lá naquele colégio de freira... então chegava uma certa hora o jardim de in... o jardim de infância... elas mandavam a gente dormir que aí então o nosso senhor vinha traze(r) uma balinha pra nós... então todo mundo se (inint.)... dormia... até que um dia eu resolvi espia(r) e fui ve(r) que não era Jesus coisíssima nenhuma que trazia a bala... era ela que botava [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 474-483)

(21). “*Inf. 1-* do Parque Lucaia... eles derrubaram muita coisa... porque *naquela época* ainda não era moda proteger a vegetação.. era e não era... entendeu?”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 221-222)

(22). “*Inf. 2-* é... aqui na Bahia... eh... realmente... muitas vezes acontece isso... porque essas árvores de famílias... eh... de duas... três gerações...

Inf. 1- porque *naquela época*...

Inf. 2- elas... os galhos se... voltam a se cruzar... né? ”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 908-911)

(23). “*Inf. 1-* *naquela época*... no princípio do século mais ou menos... que minha vó... o pessoal morava muito na ladeira de São Bento

Inf. 2- certo... tinha umas casas na Ladeira de São Bento (superp)

Inf. 1- exato... (superp) na ladeira de São Bento

Inf. 2- o... as... os meus avós... moravam em São Pedro...

Inf. 1- é... aliás... já era

Inf. 2- ali era (superp) lugar de residência!”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 916-922)

(24). “*Inf. 2-* com o crescimento da cidade foram sendo instaladas novas casas... etc.. e isso num surto de desenvolvimento muito maior do que ele tinha estimado

Inf. 1- é

Inf. 2- talvez... *naquela época*... Salvador devia ter seus... ter seus setecentos e cinquenta mil habitantes... (superp)

Inf. 1- mil habitantes (superp)

Inf. 2- e hoje já tem um milhão e tanto... né (superp)”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1285-1291)

(25). “*Inf. 1-* [...] nós contratamos... nós demos uma sorte danada... porque foi na época do auge... do auge da inflação... já no fim do governo João Goulart... né... antes da Revolução... e aqui tinha um representante da **Air France**... que... sempre as embaixadas faziam viagem pela **Air France**... e ele... não sei porque cargas d’águas... ele sabia que o dólar ia subir de seiscentos cruzeiros... *naquela época*... pra mil cruzeiros... não sabe?

Inf. 2- hum”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1484-1489)

(26). “*Inf. 2-* [...] a paisagem no interior de São Paulo... eh... depois que saem os cafezais... e entrando ali pra Brasília... muito deserto naquele tempo... imagino que hoje devam ser fazendas de gado belíssimas né?

Inf. 1- exato...

Inf. 2- tudo plantado...mas... *naquela época*... muito deserto... muito seco [...]”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1536-1539)

(27). “*Inf. 1-* eu sou diplomada por essa escola há dezessete anos... depois fiz preparatório (inint) estudei Medicina... estudei no preparatório porque *naquela época* não havia facilidade de se fazer ginásio imediatamente [...]”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 1-2)

(28). “*Inf. 1-* hoje mesmo eu vi um programa naquele de M. T. programa de um rapaz que diz que toca piano desde sete... oito anos mas que agora é concertista... mas há 20 anos que ele toca violão... o problema é só um é que nem todos sabem dar preço a música... mas *naquela época* era mais fácil... porque as famílias mesmo reuniam-se para... para o pequeno sarau... mas reuniam-se também para fazer uma... uma como é que se diz uma declamação a música e as luizinhas que faziam o entusiasmo da época... não faziam o entusiasmo da época?”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 513-517)

Ocorrência de NAQUELA ERA DOS MUSICAIS

(1). “*Inf. 1-* e... e A Moreninha ficou justamente naquele mu-si-CAL... *naquela era dos musicais* que eram tão gos/éh produziam coisas tão gostosa aquela era produziu... realmente ahn ahn você lembra daqueles filmes de Janet Mc Do::nald aquelas... lindos... e depois que cessou essa época agora estão voltando parece com a ópera rock também

Inf. 2- a ópera rock () vem aí”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 791-798)

Ocorrência de NAQUELA HORA

(1). “*Inf. 1-* mas você sabe que a eu me lembro quando o:: o o chanceler Gibson Barbosa era nosso... Ministro das Relações Exteriores não é?... éh eu estive com ele em Brasília... ((tosse)) então se dizia lá que ele... ah:: na na hora em que ia para o ar O BEM Amado... ele se trancava no:: gabinete dele... e dizia que ele tinha despachos urgentes... e ficava lá trancado... então eu pensava... eu chegava aqui em casa a minha cozinheira não perdia O Bem Amado não é?... então eu dizia ‘mas é uma coisa estranha... neste Brasil inteiro neste país continente neste exato momento... *naquela hora*... parece que não sei se era oi/dez da noite... dez da noite... o:: as criaturas mais diversas as faixas sociais mais diversas... estão presas a esse... esse enredo essa história que se processa’”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 447-461)

Ocorrência de NAQUELA OCASIÃO

(1). “[...] bem... a primeira viagem que eu fiz saindo do... saindo do Rio pra fora... foi... de trem... quando fui para o estado de São Paulo... trem *naquela ocasião* era aquela aquela coisa... lastimável... trem de carvão... né? e a viagem era um sofrimento [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 6-10)

(2). “[...] tivemos uma:: formatura muito boni::ta... uma colação de grau sole::ne... todos nós de casa::cas... e eu até estou me vendo assim muito garBO::so *naquela ocasião* não tinha cabelos brancos como tenho agora... o que já era uma grande vantagem [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 44-49)

(3). “[...] fizemos um baile de gala... todos nós de casaca... traje a rigor... que marcou época *naquela ocasião* esse baile... tivemos até uma afluência muito grande e foi no salão nobre da Faculdade de Medicina”. (DID – 06/POA/70 – linhas 57-61)

(4). “[...] nós não podíamos ter... *naQUEla ocasião*... *naQUEle TEMpo* que os alunos têm hoje... no giNÁsio... como ele/ como não se admitia hoje ou não podia admitir... que eles tivessem HOje o que... somente o que nós tínhamos *naquela ocasião*... então chegavam à conclusão DOLOROSA... que nós não tínhamos progredido... agora achar... que *naquela ocasião*... nós tínhamos DEficiência não... nós tínhamos aQUIlo... que poDÍamos ter... como têm hoje aqui () o que podem ter... de modo que então eu faço essa distinção”. (DID – 06/POA/70 – linhas 523-534)

(5). “[...] na própria faculdade hoje e/eles têm... hoje tem microscópio (parece) para cada aluno... nós não tínhamos isso... mas eu reconheço que tinha que ser assim... *naquela ocasião*... isso absolutamente ainda não tinha porque:: na minha turma mesmo tenho:: colegas briLHANTES aí... briLHANDo na medicina... tenho até:: colegas meus de turma cateDRÁTicos da faculdade... de modo que nós podíamos estudar... e a prova provada está aí o que eu estou dizendo... tenho tem colegas de turma que são... catedráticos... hoje na faculdade... e estudou durante todo o ano os seis anos que eu estudei... de modo que não havia isto desta falta... agora... naturalmente há uma diferença muito grande... mas também exigir... que nós tivéssemos... *naQUEla ocasião*... *naQUEla época*... o progresso de HOje... seria exigir demais... e neste caso até trazia uma tristeza para nós... porque então nós estávamos igual ao de hoje... então não tínhamos progredido... e eu prefiro ver que hoje estão MUIto mais adiantados porque eu vejo que há progresso... é que a minha terra:: está se elevando... a minha terra aí:: eu falo do Rio Grande do Sul do Brasil... e eu sou muito orgulhoso... da minha terra e da MInha gente”. (DID – 06/POA/70 – linhas 538-564)

(6). “*Inf. 1-* [...] naquele tempo eu era advogado-chefe do Banco do Estado do Rio Grande do Sul e... e lá... naquelas noites enormes... que eram noites de black-out... a gente conversava muito e entre... entre as pessoas que estavam no hotel... eu conheci um americano que havia sido chamado por uma daquelas grandes indústrias de peixe... todas elas *naquela ocasião* trabalhando a todo vapor para os aliados... porque os aliados haviam imposto ao Brasil uma obrigação de... de fornecer alimentos... dentro do... dos tratados que havia [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 138-147)

(7). “*Inf. 1-* em Florianópolis

Inf. 2- onde::... onde estão as rendeiras sentadas a gente vai passando... de carro e olhando em todas as casas... há uma há uma rendeira trabalhando ((tosse)) é:: é uma é uma veLHA e:: uma senhora é uma menina... mas todas as mulheres estão trabalhando em renda... e:: estão u/ duas delas vieram falar conosco... então ela disse assim ‘ahn da/ dona:: ahn:: faça favor de me dizer uma coisa... a a senhora vê novela?’... eu digo ‘vejo’ ‘que que a senhora está vendo?’ ... eu estava vendo aquela coisa... *naquela ocasião* eu estava vendo uma novela da Tupi... ela disse... ‘escute uma coisa por favor me diga... a Maria morreu?...’. (D2 – 333/SP/70 – linhas 418-430)

Ocorrência de NAQUELE ANO

(1). “[...] eu viajava num... pra pra uma manobra no estado de São Paulo e... por coincidência... viajei no trem de carreira porque a escola tinha fretado... alguns anos mas como passavam parece que dez... alunos somente *naquele ano*... naquele tempo eu era aluno da escola... como passavam dez... e não iam fretar um ônibus por causa de dez alunos... esses dez alunos foram destacados para o ônibus de carreira... que ia fazer... o trajeto mais ou menos na mesma hora dos ônibus especiais [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 142-150)

(2). “[...] o que eu vi *naquele ano*... eu achei tudo muito bacana porque era novi::nho e tinha um... um rapaz que trabalhava lá que foi nos explicando... os:: aparelhos claro que eu acho que hoje está tudo modificado que são aparelhos novos também... mas eu achei assim... como é que daquele aparelho podia poder sair a imagem tal... ou eu eu filmando na rua e a... se transmitir por aquele aparelho ou por aquele câmara que eu ia ver em casa [...]”.

(3). “*Inf. 1-* e outra coisa aqui os ingleses pra ganharem mais dinheiro fizeram um contrato com o governo pra construção de de de ferrovia você sabe disso não é? marcava o quilômetro por exemplo tinha que produzir tantos quilômetros... *naquele ano*... naquele período... então... não se precisava que o quilômetro era reto então eles fizeram cobrinha né? [...]”.

Ocorrência de NAQUELE DIA

(1). “*Inf. 1-* tinha uma garota atrás de mim... aquilo ali foi... um deboche ao meu senso estético... a garota... branca coitada... também parecia que veio de São Paulo on/... *naquele dia*...

Inf. 2- transparente...

Inf. 1- devia ter uns trezentos quilos... mal distribuídos... entre parênteses... mal distribuídos...

Inf. 2- Frankstein segundo...

Inf. 1- se você põe o seu longozinho porque agora está na moda você sair de roupinha comprida eu também gosto... tenho a minha também... que você ponha sua sainha de... umbiguinho de fora... vai ficar um... com o corpo comprido mas... se você tem ter/... uns trezentos quilos você põe () um tecido liso né... liso... chama muita atenção... e ela me pôs um estampado estamos aqui oi que houver...

Inf. 2- estamos aqui...

Inf. 1- estamos aqui... porque tinha todas as cores do arco-íris... né... e mais algumas que ela inventou [...]”.

Ocorrência de NAQUELE MOMENTO

(1). “*Inf. 1-* convém ressaltar... e numa dessas noites de palestras... aliás... agradáveis... esse americano que falava um pouco de português... mas mais... praticamente só inglês e a gente arranhava também com ele... ele começou a... a contar sobre a sua especialidade... ele tinha sido contratado por uma das grandes indústrias da época *naquele momento* lá... para trabalhar sobre óleo de peixe porque era uma das coisas que mais interessava aos aliados era a produção de óleo... então... eles buscavam óleo esfomeadamente em todas as áreas... então recorreram ao peixe também e conversa vai me... vem... eu ingenuamente perguntei pra ele... então o senhor entende muito de peixe... ele disse ‘não... eu só entendo de óleo de peixe’”.

Ocorrência de NAQUELE PERÍODO

(1). “*Inf. 1-* e outra coisa aqui os ingleses pra ganharem mais dinheiro fizeram um contrato com o governo pra construção de de de ferrovia você sabe disso não é? marcava o quilômetro por exemplo tinha que produzir tantos quilômetros... naquele ano... *naquele*

período... então... não se precisava que o quilômetro era reto então eles fizeram cobrinha né? [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 1633-1638)

Ocorrência de NAQUELE PERÍODO ÁUREO DE SESENTA E OITO

(1). “*Inf. I-* eu não tenho uma informação segura hoje houve um determinado momento em que nosso cruzeiro... pelo menos na América Latina tinha uma força tremenda... *naquele período... vamos dize(r)... áureo de sessenta e oito... sessenta e nove... setenta... para nós que disputávamos com o dólar*”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 748-752)

Ocorrência de NAQUELE PERÍODO ÁUREO DO EIXO

(1). “*Inf. I-* [...] não se esqueça que a nossa consolidação das leis do trabalho é de novembro de mil e novecentos e quarenta e três... portanto... quando áureos eram os tempos do fascismo... ainda não... ainda não tinha chegado a... a debate... e ela é produto de uma elaboração que já vinha de dois ou três anos... de modo que ela nasceu justamente *naquele período áureo do Eixo* e por isso... a... a nossa organização sindical é um tanto quanto forçada [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 972-979)

Ocorrências de NAQUELE TEMPO

(1).“ [...] éh:: e:u... entrei éh::... profissionalmente numa nova carreira a de mestre de obras... éh com grande desvantagem não sabia *naquele tempo* nem sequer quanto custava um saco de cimento [...]”. (DID – 004/RE/70 – linhas 44-47)

(2).“ [...] quase que a título de piada *naquele tempo* a idéia surgiu... de se deixa:r... o revestimento na forma mais simples possível [...]”. (DID – 004/RE/70 – linhas 174-175)

(3). “[...] você conhece bastão-do-imperador? um que dá muito perto da água... tinha MUIto em Casa Forte... *naquele tempo... tanto que... na época... quando: o palácio: ia dar festa no jardim... mandava buscar a plan/ bastão-do-imperador lá: em Casa Forte... e é uma planta linda cor-de-rosa você você conhece?*”. (DID – 156/RE/70 – linhas 358-362)

(4). “[...] naquela época eu não queria não queria bem a A. eu queria bem como aluna... eu gostava de todos os meus alunos mas não queria bem a A... e então ficamos... casamos... e até hoje... esse esse era o reGIme de casamento *naquele tempo* [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 259-262)

(5). “[...] eu ainda me lembro... quando eu ainda era bem menina e que nós precisávamos de um médico e ele aparecia em minha casa... assim... era casaca que usavam *naquele tempo... imagine... em plena luz... em pleno dia (rindo)... e nós achávamos aquilo tão natural... nem... hoje... é... quando eu penso... assim... é que acho aquilo (inint) esquisita... né?*”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 07-13)

(6). “[...] e... com o correr do tempo... não só a casaca desapareceu das ruas... como até aquele traje que se usava nos dias de Sexta-Feira Santa e para os enterros... aquela calça listada e o paletó preto... até isso... que era... *naquele tempo... era tão simples... até isso hoje já desapareceu*”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 13-18)

(7). “[...] se usava muito enchimento nas ombreiras *naquele tempo* e os homens achavam que ficavam mais másculos... mais largos por força do enchimento”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 90-93)

- (8). “[...] *naquele tempo* ainda podia... não tinha TANta facilidade porque... o desenvolvimento aqui não era esse... que hoje já tem... então éramos obrigados... a procurar o táxi nos pontos... que hoje se combate os pontos de táxi não é? mas naquela época... os táxis estavam todos em pontos [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 61-65)
- (9). “[...] eu viajava num... pra pra uma manobra no estado de São Paulo e... por coincidência... viajei no trem de carreira porque a escola tinha fretado... alguns anos mas como passavam parece que dez... alunos somente naquele ano... *naquele tempo* eu era aluno da escola... como passavam dez... e não iam fretar um ônibus por causa de dez alunos... esses dez alunos foram destacados para o ônibus de carreira... que ia fazer... o trajeto mais ou menos na mesma hora dos ônibus especiais [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 142-150)
- (10). “[...] *naquele tempo*... nós íamos... já havia o bonde... que eles chamavam... de primeira... não é? havia a Caradura... havia um que eles chamavam... de Taioba [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 597-599)
- (11). “[...] *naquele tempo*... o maiô era inteiriço... né... era inteiro... não era até o meio da perna... não [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 186-187)
- (12). “[...] a minha mãe era tão prática... que ela fazia tons de rosa-seco... e pouco a pouco ia tingindo... porque não podia comprar... ia tingindo até chegar no azul-marinho... porque *naquele tempo* mocinha não usava preto... depois passou-se a usar... mas naquela época não se usava preto [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 323-327)
- (13). “[...] eu... agora estou me lembrando... você puxou... eu me lembrei... desse detalhe... porque eu achei lindo... eu achei lindo... eu achei uma beleza... bom... *naquele tempo*... eles usavam... por exemplo... meia combinava com a camisa... né?”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 664-667)
- (14). “[...] eu me lembro quando eu era guri quando... em mil novecentos e:: quarenta e sete quarenta e oito eu não sou tão velho assim viu? em quarenta e sete quarenta e oito eu devia ter... sete oito anos de idade... (tinha) oito anos... eu nasci em quarenta... é tinha oito... *naquele tempo*:: eu me lembro que tinha:: na:: um pessoal que fazia o:: que eh:: a distribuição por exemplo de PÃO [...]”. (DID – 08/POA/70 – linhas 458-466)
- (15). “[...] *naquele tempo* não havia inclusive... havia muita ah:: havia uma ignorância total (eles pensavam que) bibliotecária... a idéia que tinha eu acho que hoje ainda muita gente tem é que se fica:: alguém trazendo croché ou tricô sentado numa sala servindo de guardiã entende? ou de polícia pra aqueles livros... não havia aquela idéia de empréstimo do acesso [...]”. (DID – 344/POA/70 – linhas 92-99)
- (16). “[...] até chegar à Universidade... eu estudei... – *naquele tempo* chamava-se Ginásio Rosário... hoje a nomenclatura é diferente... isso naturalmente obedecendo ao progresso --... estudei lá... pra fazer... o vestibular... para a Faculdade de Medicina... antigamente... o vestibular era diferente... nós estuda/ fazíamos... doze cad/ doze matérias... e dividíamos geralmente fazendo quatro matérias para o por ano [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 3-12)
- (17). “[...] nós não podíamos ter... naQUEla ocasião... naQUEle TEMpo que os alunos têm hoje... no giNÁsio... como ele/ como não se admitia hoje ou não podia admitir... que eles tivessem HOje o que... somente o que nós tínhamos naquela ocasião [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 523-531)
- (18). “[...] vou lhe dizer uma coisa... naQUEle TEMpo... eu não devia dizer isso porque é contra mim... mas *naquele tempo* ((risos)) geralmente TODos os que faziam vestibular todos passavam [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 592-597)
- (19). “[...] naquela anGÚStia em que o::s vestibulandos correm às faculdades pra encontrar o seu nome naquela lista de aprovados né? mas nós *naquele tempo* não tínhamos muito isso

eu ao me LEMbro de ter essa:: esta angústia... eu não me lembro bem se nós () fazíamos os:: os exa::mês se davam::... aprovação em segui::da isso eu não me lembro bem”. (DID – 06/POA/70 – linhas 601-608)

(20). “[...] realmente a causa se arrastou durante quatro anos eticetera... e foi terminar no julgamento final no Supremo Tribunal... recebemos integralmente... com o dinheiro desvalorizado – *naquele tempo* não havia correção monetária... se houvesse a Escola Paulista tinha levado uma bordoadada daquele tamanho [...]”. (DID – 250/SP/70 – linhas 180-186)

(21). “[...] tive uma professora aliás excelente... com quem... eu pude progredir bastante... com um ano e meio... de... estudo... particular... eu já pude entrar... no curso de admissão da escola americana... que pertencia ao Instituto Mackenzie... *naquele tempo* Mackenzie College”. (DID – 242/SP/70 – linhas 10-15)

(22). “*Inf. 1-* [...] normalmente em passeio a tendência do povo é pra fora... você não reputaria isso por exemplo a dificuldade que se tinha a distâncias muito longas entre por exemplo o norte o nordeste e o sul... por exemplo você ter que sair de navio... ou você ter *naquele tempo*... seria um... um mês por exemplo ou dois meses de carro... quando se... viajava hoje não tem as estradas mas aí tem o problema da gasolina [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 1510-1517)

(23). “*Inf. 1-* *naquele tempo* que a mulher era uma escrava né?

Inf. 2- naquela época

Inf. 1- então ela tinha aquelas dores coitada gritava aquele negócio todinho

Inf. 2- e o marido cansava de ouvir né?

Inf. 1- então a dor é:

Inf. 2- ela ()

Inf. 1- ele dizia não: coitada eu fiz isso e ela... tá agora sofren:do e coisa então tinha pena e valorizava né?... então a avó disse à mãe a mãe disse à filha... e hoje em dia é essa confusão todinha”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1471-1481)

(24). “*Inf. 2-* a minha experiência com cavalo foi interessante... porque toda família sabia que eu não gostava de bicho de espécie alguma... um dia... nós fomos convidados por uns amigos que tinham uma fazenda... um sítio... fazenda não um sítio... num lugar qualquer aí do estado do Rio... e avisaram... ‘olha... vocês levem roupa de andar a cavalo’... usava-se muito *naquele tempo* a saia-calça né?

Inf. 1- hum”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 828-836)

(25). “*Inf. 1-* [...] *naquele tempo* eu era advogado-chefe do Banco do Estado do Rio Grande do Sul e... e lá... naquelas noites enormes... que eram noites de black-out... a gente conversava muito e entre... entre as pessoas que estavam no hotel... eu conheci um americano que havia sido chamado por uma daquelas grandes indústrias de peixe... todas elas naquela ocasião trabalhando a todo vapor para os aliados... porque os aliados haviam imposto ao Brasil uma obrigação de... de fornecer alimentos... dentro do... dos tratados que havia [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 138-147)

(26). “*Inf. 1-* [...] se conta uma piada do meu bisavô Devoto... que ele ia saltando do navio... né? *naquele tempo*... era... chegavam não o... os italianos e os franceses e alemães... imigrantes... acho que ele era... uma dessas levas... ele saltou em Salvador... aí o.. o mendigo virou-se pra ele e disse: ‘Devoto em esmolinha’ ele disse: ‘poxa... até aqui eu já sou famoso (risos) e o meu outro avô veio fugido de casa... da Itália... da Itália... porque ele foi escolhido pra ser padre”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 850-855)

(27). “*Inf. 1-* me formei em setenta e quatro... por aí você tira quanto tempo ele levou parado... o Salvador Praia Hotel

Inf. 2- agora... muitos hotéis ficaram parados desde aquele tempo... né? porque *naquele tempo* não havia verbas pra... (superp)

Inf. 1- *naquele tempo* faltava (sic) verbas. (superp)

Inf. 2- turismo

Inf. 1- hoje em dia... é mais fácil (superp)”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 983-989)

(28). “*Inf. 2-* [...] *naquele época*... Salvador devia ter seus... ter seus setecentos e cinquenta mil habitantes... (superp)

Inf. 1- mil habitantes (superp)

Inf. 2- e hoje já tem um milhão e tanto... né (superp)

Inf. 1- já está quase com o dobro... (superp)

Inf. 2- quase com o dobro... então... no... as estações que existiam *naquele tempo* são praticamente as que existem hoje... tem uma a mais

Inf. 1- é”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1288-1295)

(29). “*Inf. 2-* em princípio os bondes de uma e de vistoria estreita vinham para o Tororó e etc... os bondinhos que mal viravam e as pessoas saiam e colocavam de volta no trilho... e era uma coisa engraçada os bondinhos... mas eu estou aí... trabalhando no comércio... muito satisfeito *naquele tempo*... *naquele tempo* que não tinha certa condução e certas coisas de... de hábitos caseiros que hoje tem... mas trabalhei cinco anos no comércio muito satisfeito... muito satisfeito”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 36-40)

Ocorrência de NESSA ÉPOCA

(1). “[...] faz tanto tempo... tanto tempo que não dá MUIto pra mim... ah porque todo aquele... aquelas... salas de recreação... tudo isso *nessa época*... não estava funcionando ainda... as viagens eram... eram feitas de maneira tão precária... e com tantos riscos... que essas salas não funcionavam de noite... escuridão completa... não é? [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 250-259)

(2). “*Inf. 1-* pleiteando aí... fico careteando... fazendo essas coisa(s) aí por fora... porque é muito difícil... ainda mais uma boa remuneração... eu vejo pelo meu irmão que ele terminou o curso de economia aqui em Porto Alegre... ele conseguia empregos assim em firmas de bom nome inclusive... consegui no Záfari um emprego... consegui na Zivi Hércules que montou uma firma aqui em Porto Alegre pra administra(r) certos setores... ofereceram um salário entre mil e mil e quinhentos... ele de modo nenhum aceitou... foi trabalha(r) na Foz do Iguaçu por causa *nessa época* o sogro dele era prefeito lá... depois veio a falece(r)... foi... foi pra lá assim... no peito e na raça... em seguida conseguiu... apesa(r) claro... ainda escoltado ali pelo sogro... mas conseguiu um emprego até agora (es)ta lá e cada vez melhor... na base inicial de cinco mil... na capital não consegue... mas no interior”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1337-1349)

(3). “*Inf. 2-* [...] a mulher de alguns(mas) décadas passadas... ela se sujeitava digamos a um... uma linha... um tratamento doméstico e... muitas vezes não se rebelava com ele... contra ele porque... mas era uma coisa lógica... *nessa época*... a mulher não estava preparada pra isso... ela não tinha condições de enfrentar a vida e tornar-se independente... hoje com o grande número de moças e senhoras que estudam a situação... mudou totalmente [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 347-354)

Ocorrência de NESSA OCASIÃO

(1). “*Inf. 1-* [...] na época da guerra... eu fui atende(r) um serviço em Rio Grande e naquele tempo estava em blacaute (**black-out**) como se chamava

Inf. 2- sei...

Inf. 1- porque justamente nas costas do Rio Grande tinha sido bombardeado um navio mercante inglês cujos naufragos foram recolhidos a Rio Grande... depois de uma semana de peripécia... e estavam hospedados no velho hotel de Rio Grande que eu não me lembro o nome... era um hotel daqueles comentários... eu... justamente... tive... *nessa ocasião*... lá tratando de um caso muito grande... de muita repercussão pois naquele tempo eu era advogado-chefe do Banco do Estado do Rio Grande do Sul e... e lá... naquelas noites enormes... que eram noites de black-out... a gente conversava muito e entre... entre as pessoas que estavam no hotel... eu conheci um americano que havia sido chamado por uma daquelas grandes indústrias de peixe... todas elas naquela ocasião trabalhando a todo vapor para os aliados... porque os aliados haviam imposto ao Brasil uma obrigação de... de fornecer alimentos... dentro do... dos tratados que havia [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 128-147)

Ocorrência de NESSA REVOLUÇÃO

(1). “*Inf. 2-* *nessa* (superp) *revolução*

Inf. 1- ah! você estava lá... estava *nessa* revolução de... (inint) (superp)

Inf. 2- eu não estava (superp) quer dizer eu ia passando... nos dez dias depois... e... como era só uma parada do avião... eles não deixaram a gente saltar... eh... a gente... nós fomos passar uma semana em Paris”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1404-1408)

Ocorrência de NESSE DIA

(1). “*Inf. 1-* [...] ahn compositores gostariam de... de ter acesso à televisão mas ela se fecha... na famosa muralha de mediocridade que agora é um pouco discutível... e não se abre mas:: *nesse dia*... eu estava aqui na minha sala... sintonizei para o canal quatro... um programa da::... Elizeth Cardoso e daí a pouco quem eu vejo Marília Medalha... cantan::do... umas músicas lin::das... e com uma presen::ça extraordinária [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 548-557)

Ocorrência de NESSE MÊS

(1). “*Inf. 2-* [...] esse ano nós estamos... ah... prontos pra aproveitar o verão todo... se Deus quiser... já foram postos... ahn... dez tubos... mais um hoje... onze *nesse mês*... (superp) ”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 605-607)

Ocorrência de NESSE TEMPO

(1). “[...] *nesse nesse tempo* eu não trabalhava... comecei a trabalhar depois de viúva... e então nós... tínhamos assim... verduras bem fresqui:nhas... e eu ia temperar a comida ia: no jardim tirava coentro... tomate... foi uma época muito gostosa assim de comida de planta [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 16-19)

(2). “[...] eu morava aqui... com a M.... já há uns quinze... dezesseis anos... tem vinte... vinte e um que estou aqui... e ela foi fazer um retiro... que ela é muito religiosa... lá em Belo Horizonte... eu então convidei três pessoas pra virem fazer um joguinho... *nesse tempo* eu jogava... enjoei... bom... às nove horas... eu mandei as empregadas servirem um cafezinho [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 815-821)

Ocorrência de NESSES ÚLTIMOS ANOS

(1). “[...] bem o que me levou eu acho que foi a minha inclinação... pelas letras... pela cultura... e também porque eu acho que:: seria a mais compatível com::... as... profissões que na ocasião isso há:: trinta anos atrás quase... existiam para as mulheres... a senhora tem que se lembrar que:: a evolução veio *nesses últimos anos*... apareceu recentemente... e:: o fato de eu ter ficado viúva... e sem filhos e sem uma ocupação definitiva... ah:: para encher a minha vida eu achei... que o melhor lug/ ah:: o melhor caminho seria ingressar na universidade [...]”. (DID – 344/POA/70 – linhas 03-14)

Ocorrência de NESSES ÚLTIMOS VINTE ANOS

(1). “*Inf. I-* [...] eu não me lembro *nesses últimos vinte anos* de um loteamento organizado... não existe... o que tem havido é demolição de casas... para... em cima daquele terreno de fazer novas construções... enquanto que há bem próximo áreas nobres... áreas bem situadas que poderiam ser loteadas... urbanizadas... beneficiadas”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 506-511)

Ocorrência de NESTA ÉPOCA

(1). “[...] na minha vida profissional... lecionei aPenas três meses... em na escola primária do... Mackenzie mesmo a Escola Americana... e... já fui convidada... para... dirigir a seção feminina do Mackenzie e *nesta época* eu tinha apenas dezessete anos... comecei a trabalhar... e:: quando se fundou... a primeira escola de Biblioteconomia... do Brasil... eu entrei para essa escola... e lá fiz o meu curso de bibliotecária [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 34-41)

Ocorrência de NESTA OCASIÃO

(1). “[...] quando eu terminei a escola... de Biblioteconomia... eu me interessei demais pela profissão... e *nesta ocasião*... a::... o Ministério da Educação criou... uma cadei::ra... de Biblioteconomia arquiVÍstica... no... ensino comercial... coisa muito interessante [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 49-54)

Ocorrência de NESTE ANO

(1). “*Inf. I-* [...] atriz Irene Ravache que este ano... tirou o prêmio... da P.C.A.... de melhor atriz... tirou o prêmio... da P.C.A de melhor atriz de televisão... e tirou o Molière agora...

essa:: atriz revelou-se realmente *neste ano...* fazendo um papel duma::... parece que (era) Amélia Batalha... é um texto de Leilah Assunção... bastante discutível... em que ela faz a análise do:: da guerra entre os sexos... oh:::... do papel... que a mulher... poderia ter:: deveria ter:: que lhe é rouBAdo”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 848-856)

Ocorrência de NESTE EXATO MOMENTO

(1). “*Inf. 1-* mas você sabe que a eu me lembro quando o:: o o chanceler Gibson Barbosa era nosso... Ministro das Relações Exteriores não é?... éh eu estive com ele em Brasília... ((tosse)) então se dizia lá que ele... ah:: na na hora em que ia para o ar O BEM Amado... ele se trancava no:: gabinete dele... e dizia que ele tinha despachos urgentes... e ficava lá trancado... então eu pensava – eu chegava aqui em casa a minha cozinheira não perdia O Bem Amado não é?... então eu dizia ‘mas é uma coisa estranha... neste Brasil inteiro neste país continente *neste exato momento...* naquela hora... parece que não sei se era oi/dez da noite... dez da noite... o:: as criaturas mais diversas as faixas sociais mais diversas... estão presas a esse... esse enredo essa história que se processa”’. (D2 – 333/SP/70 – linhas 447-461)

Ocorrência de NESTE TEMPO

(1). “*Inf. 2-* ah sei... o macaco
Inf. 1- ele que estava na... *neste tempo* que ele estava na gaiola... no Instituto de Hematologia ele era... era muito agressivo”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 618-621)

Ocorrência de NO ANO DE TRINTA E UM ATÉ QUASE TRINTA E QUATRO

(1). “*Inf. 1-* isso eu po... isso eu posso falar... porque propriamente eu nunca fui professora lá assim... fui assistente... o que hoje vocês chamam de professor auxiliar... eu trabalhei com A S. C. *no ano de trinta e um até quase trinta e quatro...* depois trabalhei em mil novecentos e cinqüenta... eu passei um período grande trabalhando como médica do estado... e também fui professora um ano do Ginásio e fui sete anos professora aqui da escola normal [...]”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 639-642)

Ocorrência de NO ANO PASSADO

(1). “[...] *no ano passado...* no ano retrasado eu tinha que me dedicar muito aos estudos e a... e:: os livros e então eu escutava só Uma novela assim mesmo quando eu chegava da faculdade que eu pegava a me a a me servir pra jantar e ficava () jantando na frente da televisão aqui em casa já tinham jantado... aí então eu via aquele horariozinho só e depois eu ia estudar ou ia fazer qualquer coisa pra a faculdade quer dizer não podia me dedicar à televisão... ((forte som de um relógio de parede ou de mesa)) assim então eu ouvia só o rádio só músicas ()... (né) e atualmente que estou (de novo) voltei à televisão que eu não tenho nada pra fazer de noite ((risos))”. (DID – 121/POA/70 – linhas 482-496)

Ocorrência de NO ANO RETRASADO

(1). “[...] *no ano retrasado* eu tinha que me dedicar muito aos estudos e a... e:: os livros e então eu escutava só uma novela assim mesmo quando eu chegava da faculdade que eu pegava a me a a me servir pra jantar e ficava () jantando na frente da televisão aqui em casa já tinham jantado... aí então eu via aquele horariozinho só e depois eu ia estudar ou ia fazer qualquer coisa pra a faculdade quer dizer não podia me dedicar à televisão... ((forte som de um relógio de parede ou de mesa)) assim então eu ouvia só o rádio só músicas ()... (né) e atualmente que estou (de novo) voltei à televisão que eu não tenho nada pra fazer de noite ((risos))”. (DID – 121/POA/70 – linhas 482-496)

Ocorrência de NO DIA DEZENOVE DE SETEMBRO DE MIL NOVECENTOS E TRINTA E CINCO

(1). “[...] a a:: formatura da minha turma coincidiu... com as festividades... Farroupilha... Centenário Farroupilha... isto em mil novecentos e trinta e cinco... de modo que tivemos uma:: formatura muito boni::ta... uma colação de grau sole::ne... todos nós de casa::cas... e eu até estou me vendo assim muito garBO::so naquela ocasião não tinha cabelos brancos como tenho agora... o que já era uma grande vantagem... e nos formamos então... *no dia dezanove de setembro de mil novecentos e trinta e cinco*... a solenidade... da formatura... foi incluída no programa oficial... dos festejos... dessa comemoração”. (DID – 06/POA/70 – linhas 40-53)

Ocorrência de NO DIA DOIS DE JANEIRO

(1). “[...]uma babá que nós tínhamos aqui... que morreu agora... *no dia dois de janeiro* vai fazer do... um ano agora... que era um amor de pessoa... disse... dona L... que ela era muito mais **rafinée** do que eu... muito mais... você pensa que ela ia deixar eu sair assim? jamais [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 845-857)

Ocorrência de NO DIA QUE EU ME FORMEI

(1). “[...] hoje eu já: me tornei um pouco cauteloso em afirmativas... desse tipo vou fazer isso ou aquilo outro... porque eu me lembro que:: *no dia que eu me formei*... éh: aquela festa toda aquela alegria... éh: coloca-se o anel no Dedo então todo mundo faz seus juramentos profissionais ‘olhe eu vou ser isso eu vou ser aquilo outro’esse negócio todo eu me lembro que eu fiz um juramento negativo... eu disse ‘duas coisas na minha vida eu jamais farei... processo crime e ensinar’ ... são duas que eu faço hoje e gosto... ((rindo)) [...]”. (DID – 004/RE/70 – linhas 492-499)

Ocorrência de NO FIM DE SESSENTA E SEIS

(1) “*Inf. 2-* então tu fizeste(s) *no fim de sessenta e seis*

Inf. 1- fiz vestibular em sessenta e seis

Inf. 2- mas eu também fiz em sessenta e seis... mas na minha época ainda era... cada um fazia...

Inf. 1- aqui na úrguis?

Inf. 2- foi

Inf. 1- mas já era prova integrada

Inf. 2- não... em sessenta e seis não... foi quando eu fiz... eu entrei na umi... eu entrei aqui em sessenta e seis... e eu me lembro ”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 381-384)

Ocorrência de NO FIM DO GOVERNO JOÃO GOULART

(1). “*Inf. 1-* [...] nós contratamos... nós demos uma sorte danada... porque foi na época do auge... do auge da inflação... já *no fim do governo João Goulart*... né... antes da Revolução... e aqui tinha um representante da **Air France**... que... sempre as embaixadas faziam viagem pela **Air France**... e ele... não sei porque cargas d’águas... ele sabia que o dólar ia subir de seiscentos cruzeiros... naquela época... pra mil cruzeiros... não sabe?

Inf. 2- hum”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1484-1489)

Ocorrência de NO INÍCIO

(1). “*Inf. 2-* rapaz... esse terreno aqui... *no início*... deu um bolo danado... porque nós não sabíamos que ele era da Embasa e a Embasa... queria fazer a obra... então nós naturalmente mandamos uma cartinha... pedindo pra Embasa liberar o terreno etc... etc... mas... não deu tempo... então no dia seguinte estavam os tratores aqui... fazendo uma terraplanagem (risos) (tosse)... derrubando árvores... o diabo a quatro [...]”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 113-117)

Ocorrência de NO INÍCIO DO SÉCULO

(1). “*Inf. 2-* [...] um estudo muito interessante sobre a psicologia dos pigmeus que hoje em dia está no cinema... está até na televisão né?... mas que *no início do século* me impressionou muito... ‘vê porque eu não sou macaco?’ ((risos))”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 690-694)

Ocorrência de NO INÍCIO O HOMEM VALIA O QUE ERA

(1). “*Inf. 2-* não isso eu não faço nunca não

Inf. 1- já foi o tempo que o homem valia o que tinha... de

Inf. 2- isso eu não faço não

Inf. 1- *no início o homem valia o que era*... depois o homem passou... a valer o que tinha

Inf. 2- () agora o que acon?

Inf. 1- hoje o homem tá valendo o que apresenta [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 898-904)

Ocorrência de NO JARDIM DE INFÂNCIA

(1). “*Inf. 2-* eu tinha Catecismo... eu acho que um pouco da minha... da minha revolta com religião começou no... começou no... *no jardim de infância* a minha mãe me botou no jardim da infância que naquela época... chique era a gente (es)ta(r) lá num colégio de freira que tinha lá perto de casa... então a minha mãe me botou lá naquele colégio de freira... então chegava uma certa hora o jardim de in... o jardim de infância... elas mandavam a gente dormir que aí então o nosso senhor vinha traze(r) uma balinha pra nós... então todo mundo se (inint.)... dormia... até que um dia eu resolvi espia(r) e fui ve(r) que não era Jesus coisíssima nenhuma que trazia a bala... era ela que botava [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 474-483)

Ocorrência de NO MEU TEMPO

- (1). “*Inf. 1-* é... inclusive agora... que eu (es) tou fazendo pedagogia... eu voltei assim (ininteligel) mais velha... em trabalhos de grupo... eu assumo mais como mãe das meninas do que... ah... apesar da da diferença não tão grande de tempo que nos separa... há uma diferença e as... e as meninas que trabalham comigo... eu vejo assim... são bem mais desligadas... bem menos envolvidas... envolvidas do que eu era *no meu tempo*”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 77-82)
- (2). “*Inf. 2-* e e aí chegava um pouco a diante parava... tinha um elevador... coisa que ninguém... nenhuma pessoa... *no meu tempo* não tem... tinha um elevador aí parava o bonde... o bonde... mas não descia porque era bom... dali”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 224-225)
- (3). “[...] no Ginásio Rosário *no meu tempo*... e se usava muito:: naturalmente caderno caderno de desenhos... caderno pros temas... afora os livros de de:: naturalmente de acordo com as matérias... e:: falar em tarefas de coLÉgio assiM... era muito interessante quando nós íamos pras Férias... terminava o ano letivo... então nós entrávamos em férias... que eu achava sempre as férias muito curtas e o ano letivo MUIto comprido”. (DID – 06/POA/70 – linhas 474-483)

Ocorrência de NO MEU TEMPO DE FAZER CURSO DE PSICOLOGIA INFANTIL

- (1). “[...] a... a empregada fica sem a chave com uma corrente passada... quer dizer... quando ela abre a porta dá uma pequena passagem pra você se comunicar com a pessoa que está do lado de fora... sem haver o perigo de uma intromissão... agora atualmente em matéria de segurança também nós pretendemos colocar grades na janela... isso aí é uma coisa engraçada... é uma tese que eu... *no meu tempo de fazer curso de psicologia infantil* nós discutíamos muito... se devíamos ou não confiar nas crianças em relação à segurança delas [...]”. (DID – 084/RJ/70 – linhas 498-508)

Ocorrência de NO MEU TEMPO DE MENINO

- (1). “[...] o beco de Maria Paz... por exemplo... o beco era o tipo de rua que hoje está realmente desaparecendo e que se caracterizava principalmente pela estreiteza... né? então... alguns becos... hoje já há alguns... mas *no meu tempo de menino* vi muitos [...]”. (DID – 094/SSA/70 – linhas 169-173)

Ocorrência de NO MEU ÚLTIMO ANO DE CURSO NORMAL

- (1). “[...] eu iria começar a ensinar... mas justamente eu tive uma oportunidade excelente *no meu último ano de curso normal*... que foi trabalhá/ ... trabalhar algumas horas num departamento de atividades extracurriculares... dirigido por Dra. Noemi Silveira que havia chegado dos Estados Unidos... com idéias completamente novas... e... este... esta CONvivência que eu tive com ela... como secretária dela no departamento de atividades

extracurriculares... foi excelente... me abriu muitos horizontes... e eu vi... novas possibilidades na minha vida profissional [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 24-34)

Ocorrência de NO MOMENTO

(1). “*Inf. 2-* é isso aí só quando o Brasil passar assim prum regime... social democrático ou: ou coisa assim que... que o vala né? porque... *no momen:to...* como você sabe nós nós somos o país que tem a gasolina mais cara do mundo”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 532-536)

(2). “*Inf. 1-* Deus mandou multiplicar mas *no momento* não tá dando mas naquela época

Inf. 2 - mas naquela época

Inf. 1- naquela época... eu pergunto

Inf. 2- né?

Inf. 1- naquela época quantos habitantes tinha... a terra?

Inf. 2- mas a questão é que a ()

Inf. 1- nos últimos vinte anos duplicou:”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 106-112)

(3). “*Inf. 2-* porque de fato há aquela mata virgem maravilhosa... né? no fundo do... conhece Foz do Iguaçu né?... a gente chega lá e vê no fundo do... conhece Foz do Iguaçu né?... a gente chega lá e vê no fundo... uma mata cerrada... mata virgem mesmo né... da qual vem os animais... né... agora... *no momento...* eles estão construindo demais ali né... a cidade... a cidadezinha de Iguaçu... que era apenas um ponto de passagem... agora está cheia de hotéis... né... dos dois lados da rua [...]”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 534-540)

(4). “*Inf. 2-* não... eu não sei dizer não... *no momento* eu não recordo não...

D1- como são? tem alguma peculiaridade que elas...

Inf. 1- bom... elas têm uma peculiaridade de...

Inf. 2- [

Bom são... mamíferos né?”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 1054-1059)

(5). “*D1-* qual seria a melhor maneira de empregar o dinheiro?

Inf. 1- *no momento* aqui no Brasil... pelo mínimo na área urbana... é o imóvel... não há investimento na época atual... no Brasil... com esse crescimento urbano desordenado em que as cidades não crescem... pulam... não é... não há melhor investimento do que o imóvel... por quê? é da velha lei da oferta e da procura [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 489-499)

Ocorrência de NO MOMENTO EM QUE ELE IMIGROU

(1). “*Inf. 1-* [...] é muito engraçado porque o imigrante... preservou a linguagem do seu país... *no momento em que ele imigrou...* e guardou esta linguagem para seus filhos para sua descendência... como patrimônio como se fosse realmente um reTRAto da sua Pátria... então nossa linguagem vai evoluindo no seu país de origem... e no país... jovem para o qual ela foi transposta ela fica mais ou menos estagnada [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 236-243)

Ocorrências de NO NOSSO TEMPO

(1). “*Inf. 2-* olha... eu não sei... se isso... se isso é verdade porque até agora não se... nós vivemos numa numa educação repressiva... nós viemos disso... *no nosso tempo* era... nosso tempo de gi... de primário era assim... era... era... o professor era o... o supra-sumo de inteligência [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 77-84)

(2). “[...] ah se pode comprar e:: como *no nosso tempo* quando o padeiro trazia o pão em casa e o... verdureiro batia na porta... o carneiro trazia carne escolhida... o armazém vinha perguntar de manhã quanto que precisa... acho que hoje não tem mais condições acho que foi uma era que passou né?”. (DID – 344/POA/70 – linhas 763-769)

Ocorrência de NO PRINCÍPIO DO SÉCULO

(1). “*Inf. 1-* naquela época... *no princípio do século* mais ou menos... que minha vó... o pessoal morava muito na ladeira de São Bento

Inf. 2- certo... tinha umas casas na Ladeira de São Bento (superp)

Inf. 1- exato... (superp) na ladeira de São Bento

Inf. 2- o... as... os meus avós... moravam em São Pedro...

Inf. 1- é... aliás... já era

Inf. 2- ali era (superp) lugar de residência!”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 916-922)

Ocorrência de NO SÉCULO DEZENOVE

(1). “*Inf. 2-* [...] aquele jornalista que escreveu o livro () ele estava contando de um... de um camarada que ele descobriu aí... um francês que que viveu *no século dezenove*... que era paranormal e... éh::... não estou lembrando o nome do camarada... mas além de ter um poder de curar incrível... assim... desses tipo... sei lá... éh:: Arigó né?

Inf. 1- uhn

Inf. 2- que... tocava na pessoa... e... tchã... desaparecia tudo... e o gozado é que o cara tinha todas as doenças... era assim estropiado na vida... mas... mas...

Doc.- que azar não?

Inf. 2- curava todo mundo né?”. (D2-343/SP/70 – linhas 999-1011)

Ocorrência de NO TEMPO

(1) “*Inf. 1-* [...] eu estudei no Americano um colégio imenso... com um parque lindo... ainda mais como eu era pequeninha... eu achava que o colégio era imenso... que o parque era muito grande... hoje em dia quando eu vou ve(r) lá... eu acho que o parque não é tão grande assim... mas *no tempo* parecia... tinha capela... aquela capela parecia gigantesca... hoje me dia... é uma capelinha... as me... bom... na memória das coisas ficam assim mesmo [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 344-350)

Ocorrência de NO TEMPO DA GUERRA

(1). “*Inf. 2-* [...] eu acho o seguinte que no Rio de Janeiro também teve teve influência americana *no tempo da guerra* e talvez até mais do que aqui por ser na época ca capital federal... e:/ mas eu acho é o seguinte... que aqui... a influência estrangeira foi menor do que lá... e por isso os hábitos sociais de lá são completamente diferentes daqui [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 57-63)

Ocorrência de NO TEMPO DE DOM PEDRO SEGUNDO

(1). “*Inf. 1- [...] eles já construíram por exemplo o Frei Caneca que seria o palácio de trabalho do governador totalmente num num num sistema moder: no avançado... que vai de choque com:: o hospital... construído em mil oitocentos e pouco pelo imperador... aquele hospital do câncer no caso... aquele que foi construído no tempo de Dom Pedro Segundo... éh: bem parecido com o hospital Pedro Segundo... éh: bem parecido com o hospital Pedro Segundo que fica cá ao lado de Recife [...]*”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 351-359)

Ocorrência de NO TEMPO DELE

(1). “[...] tive um irmão que trabalhou em banco... quer dizer... aPenas no grau de funcionário... onde adquiriu muito renome... chamava-se M... esse meu irmão... M. de A. e S... éh::... embora *no tempo dele* ele tenha si/ sido mais célebre como... futebolista... amador... no Clube Atlético Paulistano... do que como funcionário de banco... mas em todo caso foi funcionário do Banco Comercial [...]”. (DID – 250/SP/70 – linhas 19-27)

Ocorrência de NO TEMPO DO BRASIL IMPÉRIO

(1). “*Inf. 1- [...] fui ver as filmagens... aquele outro:: se eu não me engano é a Moreninha... não tenho... bem lembrança ma tem um outro... elaborado no tempo do Brasil Império... e... também teve uma assistência total... eu acredito que a gente tá bem desenvolvido nesse setor de telenovela [...]*”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 1084-1090)

Ocorrência de NO TEMPO EM QUE BOA VIAGEM ERA MAR

(1). “[...] quando eu era MUIto peque:na... em Boa Via:gem *no tempo em que Boa Viagem* era mar porque hoje em dia é só... óleo de bronzear... né?... xixi né? ((ri)) então tinha muito... daquilo... e a gente ia PEScar em Boa Viagem imagina... PESCAR oh de sair com saburá cheio... hoje em dia você pode ir lá sentar na pedra o dia todinho que não vem nada... acabou-se a praia... não presta mais pra nada [...]”. (DID – 150/RE/70 – linhas 518-523)

Ocorrência de NO TEMPO EM QUE EU AINDA FIZ PROGRAMA EM TELEVISÃO

(1). “*Inf. 2- [...] eu noto () uma diferença enorme porque no tempo em que eu ainda fiz um programa em televisão... eu ainda ficava inclusive tive que fazer programa com... programa infantil*”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 349-352)

Ocorrência de NO TEMPO EM QUE EU TRABALHAVA NO CURSO SECUNDÁRIO

(1). “[...] *no tempo em que eu trabalhava no:: no curso secundário... o::... Liceu Panamericano que era mantido pela Escola Paulista de Medicina... teve as suas atividades interrompidas... por decisão da instituição mantenedora... quer dizer a escola resolveu encerrar as atividades do Liceu [...]*”. (DID – 250/SP/70 – linhas 149-155)

Ocorrência de NO TEMPO QUE MEU MARIDO SERVIU NO EXÉRCITO NA GUERRA

(1). “[...] *no tempo que meu marido serviu no exército na guerra* ele era médico... e foi convocado... nós tínhamos uma ordenança e: como eu não dava serviços em casa assim porque eu não gostava achava assim um pouco de exploração e ele tinha que ficar lá o dia todo... então ele começou a: me perseguir pra fazer uma horta [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 08-12)

Ocorrência de NO TEMPO QUE SE USAVA PSICOLOGIA PORTUGUESA

(1). “*Inf. 2-* é o psicólogo tem uma porção de coisa junta
Inf. 1- seja ESSES no essas inovações agora... esteja fazendo tanto fumo de maconha tanta alteração... tanto doente tanto tarado né?
Inf. 2- *no tempo que se usava a psicologia portuguesa:sa...* com certeza ela funcionava viu?... hoje em dia:: éh:: essa questão de direitos
Inf. 1- porque esse negócio de deixar:... ah porque os filhos vamos acabar com essa estória nós estamos vivendo e os pais hoje em dia estão vivendo em função dos filhos [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 224-234)

Ocorrência de NO TEMPO QUE SÉCULOS E SÉCULOS ATRÁS O TEATRO FAZIA SUCESSO

(1). “[...] *no tempo que:: séculos e séculos atrás o teatro fazia sucesso...* atingia totalmente as massas... em Roma na Grécia... e:: não existia cenário nenhum... os artistas interpretavam em cima de blocos de pedras e:: faziam sucesso... quer dizer cenário é puramente secundário PRINCIPAL É a interpretação é o valor DO artista só isso”. (DID – 161/SP/70 – linhas 600-606)

Ocorrência de NO TEMPO QUE TEVE AÍ UNS CABELO COMPRIDO

(1). “[...] ah... hoje é sunga... só... não é... sunga... e também todos apertados... todos... ((risos))... a gente vê aí casais... às vezes eu não sei se é um... se são... se é casal... ou se são dois homens... ou se são duas mulheres... então *no tempo que teve aí uns cabelo comprido...* as meninas quase não têm busto... como eu disse a você... elas com uns corpos maravilhosos... acho que é negócio de balé... massagem... enfim... e a gente não sabia distinguir... minha filha... que às vezes pelo busto... nem pelo busto você distingue algum... eh... algumas mulheres e o homens não têm nada pra distinguir [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 696-705)

Ocorrência de NOS DEZ DIAS DEPOIS

(1). “*Inf. 2-* nessa (superp) revolução
Inf. 1- ah! você estava lá... estava nessa revolução de... (inint) (superp)
Inf. 2- eu não estava (superp) quer dizer eu ia passando... *nos dez dias depois...* e... como era só uma parada do avião... eles não deixaram a gente saltar... eh... a gente... nós fomos passar uma semana em Paris”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1404-1408)

Ocorrência de NOS TEMPOS DE HOJE

(1). “*Inf. 2-* [...] logo no início do século... quando começaram os primeiros contatos... com aquela grande escola de História Cultural de Viena... então eles foram fazer observações... para testarem a possibilidade dos primeiros homens que existissem na face da terra... e algumas... amostras que tivesse ficado *nos tempos de hoje*... aquela experiência toda da escola... e eles encontraram os pigmeus... esses pigmeus do centro da África são os homens pequenos eh... com os pêlos muito longos né [...]”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 663-671)

Ocorrência de NOS ÚLTIMOS TEMPOS

(1). “*Inf. 2-* mas acontece mas acontece que talvez... as modificações da vida... talvez as nuances que a vida da mulher... sofreu *nos últimos tempos*... tenha tirado... as condições
Inf. 1- ah: modificou tudo tem adaptação
Inf. 2- de mulher mãe... não é?
Inf. 1- é a evolução da espécie”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1666-1672)

Ocorrência de NOS ÚLTIMOS VINTE ANOS

(1). “*Inf. 1-* Deus mandou multiplicar mas no momento não tá dando mas naquela época
Inf. 2- mas naquela época
Inf. 1- naquela época... eu pergunto
Inf. 2- né?
Inf. 1- naquela época quantos habitantes tinha... a terra?
Inf. 2- mas a questão é que a ()
Inf. 1- *nos últimos vinte anos* duplicou:”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 106-112)

Ocorrências de NOSSO TEMPO DE PRIMÁRIO

(1). “*Inf. 2-* olha... eu não sei... se isso... se isso é verdade porque até agora não se... nós vivemos numa educação repressiva... nós viemos disso... no nosso tempo era... *nosso tempo de gi... de primário* era assim... era... era... o professor era o... o supra-sumo de inteligência [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 77-84)

Ocorrência de NUM PERÍODO DE DECADÊNCIA

(1). “*Inf. 2-* [...] se você for ver as civilizações que já existiram até hoje... o que teve de queda né?... é ascensão de novos ((alguém tosse))
Inf. 1- não... eu acho que não
Inf. 2- e eu acho que a gente está *num período de decadência*
Inf. 1- veja o seguinte... cada vez não aumenta mais a prioridade de... ter hecatombe?... ou é mais fácil?...
Inf. 2- atualmente?
Inf. 1- pelo menos teoricamente”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1685-1694)

Ocorrência de NUMA ÉPOCA ANORMAL

(1). “[...] bem... há uma outra viagem... que quase que dá pra fazer um livro... quer dizer ((riso)) um verdadeiro romance... porque foi feita *numa época anormal*... que foi... a viagem que eu fiz por navio... para:: o nordeste... e essa viagem eu fiz na época da guerra... então com... nessa situação... os navios saíam do Rio comboiados [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 243-248)

Ocorrência de NUMA ÉPOCA EM QUE POR EXEMPLO O TRABALHO ERA BEM ARTESANAL

(1). “*Inf. 2-* [...] se você pensar... assim *numa época em que... por exemplo... o trabalho era bem artesanal*... então você tinha o sapateiro... o:: ((tosse)) (cocheiro) não sei quê não sei quê né?... todo mundo muito em simbiose muito dependendo um dos trabalhos dos outros... acho que a especialização veio com... com a diferença humana”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 936-942)

Ocorrência de NUMA ÉPOCA OU NOOUTRA

(1). “*Inf. 1-* ou seja... uma época há vontade de fazer hecatombe outra época não há... de qualquer maneira... *numa época ou noutra* a tua possibilidade de fazer hecatombe aumenta né? então você veja a própria bomba atômica né?... no que foi descoberta não conseguia... arrebentar com o mundo... hoje em dia se eles quiserem já arrebenta... racha o mundo em dois... assim né? o que não viram na própria bomba atômica... **okay**?... então você pode dizer ‘bom antigamente eu tava com idéia de arrebentar gente muito mais do que agora’... mas não interessa eles estão com a potencialidade de arrebentar maior... pó mesmo sem ser para matar ou não matar”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1534-1545)

Ocorrência de NUMA OCASIÃO EM QUE EU MUDEI DE EDITORA

(1). “[...] *numa ocasião em que eu mudei... de editora*... para:: lançar os meus livros... eu... ele me pediu que trocasse os títulos... e eu troquei... hoje... ele é publicado como título de ... **A técnica de arquivar** um... e o outro... **Organize sua Biblioteca** [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 94-98)

Ocorrência de O ANO PASSADO

(1). “[...] eu acho que a produção não é bastante porque vê você veja mesmo aqui... no Brasil... você comprar a cebola por trinta e três cruzeiros o quilo... quando nós temos de botar fora como botamos *o ano passa:do* quer dizer deve ser uma falta de planejamento: e de lo/ loca:l e de um modo de qualquer/ de conservação... da cebola né? [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 83-87)

(2). “*Inf. 1-* [...] você vê por exemplo na Inglaterra *o ano passado* a compainha telefônica por ser uma compainha do governo... teve um lucro alto... quer dizer não muito alto como o nosso aqui... em relação a deles... mas alto... pra: a função dela de empresa governamental... quando o governo obrigou a compainha a devolver se eu não me engano vinte libras... a cada proprietário de de telefone... isso eu acho que vai acontecer muito no Brasil”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 523-531)

(3). “*Inf. 1-* olha o cinema na/ o atu/ o atual brasileiro eu tenho visto muito pouco... eu vi: *o ano passado* o filme que me deixou MUIto impressionada... porque esse filme... aliás vi dois filmes... nacionais ((batidas de hora de relógio))

Inf. 2- Rainha Diaba

Inf.1- é **A Rainha DiAba**... que me pareceu assim cem por cento nacional... sem nenhuma influência... de daqueles:: filmes... de **gangsters** americanos né? que era um marginal bem NO::sso aquele marginal ((rindo)) pobre triste com as... peculiaridades Nossas do submundo nosso... e aquele tirado da... do Marques Rebelo **A Estrela Sobe**... que eu também achei magnífico... como retrato de uma época... como justiça que o cinema fez a um grande escritor... que foi Marques Rebelo... então são dois filmes... foram acho que foram os dois únicos filmes nacionais”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 627-644)

(4). “*Inf. 2-* participa(r) de um Congresso... pode... qualque(r) um pode... teatro é que nós fomos agora

Inf. 1- mas perde a informação

Inf. 2- *o ano passado*... nós fomos... fomos até Aracaju... pra participa(r) de um Congresso... tinha gente de quase todo o Brasil (inint) para participa(r)... que(r) dize(r)... não... eu... não acho que isso seja... seja desculpa... pra mim... a desculpa pura e simples é que o pessoal não que(r) sai(r)... não que(r) sai(r) do centro grande... (es)tá acostumado com a vida de centro gran... grande e que(r) mante(r) aquela vida [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1421-1430)

Ocorrência de O FIM DO SÉCULO PASSADO

(1). “*Inf. 2-* também que aliás até algum... até o:: acho que *o fim do século passado*... éh mamãe sempre como:: contava que elas tinham umas amigas que eram sempre carinhosas eram umas velhinhas muito simpáticas então elas se vi/iam visitá-las... e almoçavam com elas e elas diziam ‘comei batatin::nha’...

Inf. 1- comei? ((riu))

Inf. 2- ‘comei batatinha’ quer dizer ofereciam as coisas assim... nessa nessa... nessa linguagem usavam ainda normalmente essa linguagem isso não é... começo do século não é?”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 262-272)

Ocorrência de O NOSSO TEMPO

(1). “[...] eu... eu noto... eu noto que... ah... essas meninas de hoje são todas bem lançadas... altas... esguias... sem barriga... pouco busto... ao passo que *o nosso tempo*... acho que era até era bonito mulher bem avantajada... né?” (DID – 317/RJ/70 – linhas 634-637)

Ocorrência de O TEMPO DE SEUS AVÓS... SEUS BISAVÓS

(1). “*Inf. 1-* outra coisa que eu acho também aqui... em todo nordeste principalmente em Recife também é a maneira de fazer política... se você olhar pra trás *o tempo de seus avós*... *seus bisavós*... da maneira que o pessoal fala a maneira/ o: a política atual é feita nos mesmos moldes... do que se fazia antigamente quer dizer o voto de cabresto... o voto de imposição [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 388-394)

Ocorrência de OUTRA ÉPOCA

(1). “*Inf. 1-* ou seja... uma época há vontade de fazer hecatombe *outra época* não há... de qualquer maneira... numa época ou noutra a tua possibilidade de fazer hecatombe aumenta né? então você veja a própria bomba atômica né?... no que foi descoberta não conseguia... arrebentar com o mundo... hoje em dia se eles quiserem já arrebenta... racha o mundo em dois... assim né? o que não viram na própria bomba atômica... **okay**?... então você pode dizer ‘bom antigamente eu tava com idéia de arrebentar gente muito mais do que agora’... mas não interessa eles estão com a potencialidade de arrebentar maior... pó mesmo sem ser para matar ou não matar”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1534-1545)

Ocorrência de OUTRO DIA

(1). “*Inf. 1-* [...] agora *outro dia* estive aqui na minha casa me visitando uma autora teatral jovem que eu não conheço não conhecia e fiquei conhecendo pessoalmente... Consuelo de Castro... ela veio me trazer um... um caso especial que ela escreveu para a Globo [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 878-883)

(2). “[...] é um absurdo... absurdo tremendo... *outro dia* eu discutindo... com um desembargador... na presença de outro desembargador e de outro juiz... eu disse... ‘vocês mesmo estão levando a justiça ao ridículo [...]’”. (DID – 145/RE/70 – linhas 136-138)

(3). “*Inf. 2-* [...] você vê o Jornal do Comércio por exemplo... já foi um grande jornal hoje: quase ninguém lê o Jornal do Comércio ninguém procura... eu *outro dia* estava falando com um rapaz... e chegou um representante do Jornal do Comércio... querendo colocar uns certos anúncios dessa firma... no jornal né? então o rapaz disse não porque lia só... o Diário de Pernambuco... o Jornal do Comércio não era lido... então aqui: em Pernambuco nós só temos o jornal Diário de Pernambuco Jornal do Comércio ninguém lê[...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 565-574)

(4). “*Inf. 2-* O de V. eu tenho um livrinho pequeno... mas não conta sobre o elevador... pois tinha o elevador e *outro dia* eu dizendo a um neto postiço A M. e a gente tinha o elevador... não podia ser e quantos vezes a gente gostava e queria ver assim um pedacinho de elevador... mas nunca... mas nunca e hoje tem aquele edifício de Ouro Preto... Ouro Branca e ali descia uma rampa... mas era uma rampa tão alta”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 238-241)

Ocorrência de PARA SÉCULOS E SÉCULOS

(1). “*Inf. 2-* [...] a proteção do emissário... em parte é obra...

Inf. 1- sei (superp)

Inf. 2- e... ela está... inclusive... convencionado... terminar no mês de junho... a proteção do emissário

Inf. 1- sei... consta da colocação de... de pedras...

Inf. 2- eh... para fixar a tubulação *para séculos e séculos*... porque... eh... esses cálculos de... de... de correntes e temporais é feito pra uma hipótese muito difícil de ocorrer

Inf. 1- sei (superp)”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 253-261)

Ocorrência de POUCO TEMPO ATRÁS

(1). “[...] às vezes o... a branca é que faz o **black-power**... né? se bem que ele já está caindo... e o preto alisando o cabelo e a... e a branca às vezes encrespando e... agora já

acabou essa moda () *pouco tempo atrás*... uns poucos anos [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 611-614)

Ocorrência de POUÇOS ANOS ATRÁS

(1). “*Inf. 1-* eu não sei a minha experiência com essa história de telefone éh:: simplesmente catastrófica... antigamente... digo antigamente digo *poucos anos atrás* os telefones pelo menos os nossos funcionavam normalmente... agora... eles vão abrindo novas linhas novas linhas as centrais são muito pequenas pra... absorver... todas essas linhas novas que eles estão abrindo conclusão a gente só consegue ligação na minha casa entre seis e oito horas da manhã [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 433-441)

Ocorrência de PRA ÉPOCA

(1). “[...] Cacique já não é mais aquilo que antiga/logo que ele abriu era um cinema *pra época* mas eu acho que eles deviam reformar... tem aqui o:: o que o:: Astor que:: o Àstor que reformaram... que está mais ou menos depois tem aquele... que reformaram também lá embaixo”. (DID – 121/POA/70 – linhas 779-783)

Ocorrência de PRA MINHA ÉPOCA

(1). “*Inf. 2-* [...] essa história não faça que papai do céu BRIGA... isso é coisa que já ERA
Inf. 1- isso já acabou
Inf. 2- compreende?... isso é *pra minha época* quando eu tinha seis anos... ‘não faça que papai do céu fica triste... desagrada mamãe do céu e não sei o quê’ hoje em dia... ‘manda pra lavanderia quando tá sujo... tira a alcatifa e a cortina... telefona chama o homem’ [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 376-384)

Ocorrência de PRO MEU TEMPO DE ACADÊMICO

(1). “[...] a Faculdade de Medicina do meu tempo... porque:: nós precisamos fazer::... uma diferença... muito grande de hoje *pro meu tempo de acadêmico*... e eu ACHAVA que ela era bem aparelhada... nós tínhamos... naturalmente:: era outra época... mas nós podi/podíamos estudar... a pleno contento... tinha deficiências como aliás tem hoje aINDA... não a de HOJE indiscutivelmente... mas nós podíamos estudar perfeitamente [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 324-333)

Ocorrência de QUANDO A CRIANÇA NASCE

(1). “[...] *QUANdo a criança nasce*... já há um certo preparo para a vida... este preparo... DEPENde muiTÍssimo... dos an-te-ce-dentes familiares [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 13-14)

Ocorrência de QUANDO A GENTE ATRAVESSASSE O RIO PARANÁ NAQUELE VAPORIZINHO

(1). “*Inf. 2- [...] houve uma experiência que nós fizemos agora... este ano... quando nós fomos fazer aquela viagem lá em Iguaçu e Salto das Sete Quedas...*

Inf. 1- hum...

Inf. 2- foi... uma decepção que nós tivemos pela ausência dos bichos... que tinham nos contado... que... no Rio Paraná... uma das grandes maravilhas do lado do Mato Grosso quando a gente atravessasse o Rio Paraná naquele vaporzinho... seria ver as garças... ficamos empolgadas né?... devia ser uma vista muito bonita... né... aqueles... aquelas planícies imensas... com aquelas garças no cair da tarde então a nossa imaginação criou logo uma coisa maravilhosa... quando nós chegamos a Iguaçu foi a primeira decepção... nós perguntamos... ‘onde estão os periquitos... que na outra vez que nós viemos a Iguaçu passavam pela janela do nosso quarto... pela manhã?’... ‘os turistas afastaram os periquitos’ [...].” (D2 – 374/RJ/70 – linhas 117-133)

Ocorrência de QUANDO A GENTE ESCOLHE UMA PROFISSÃO

(1). “*Inf. 1- ah! ih! minha minha nossa... o que pesa na escolha da profissão? e o grupo... ah! eu acho que quando... não sei... quando a gente escolhe uma profissão a gente é tão jovem*

Inf. 2- é... a gente (superp)

Inf. 1- que a gente não chega a pensa(r) no mais fácil... no mais difícil... eu por exemplo... quando... primeiro curso que eu escolhi foi Filosofia... ah... eu gostava de Filosofia... desde que tinha entrado no primeiro colegial... é claro... (inint) de primeiro momento fiz o curso gostando muito... quando eu tive que trabalha(r) foi que eu senti”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1468-1477)

Ocorrência de QUANDO A GENTE IA FICANDO MAIS MOÇO

(1). “[...] me lembro... que depois de certo tempo *quando a gente ia ficando mais... mais moço... é que nós saímos do ginásio... e o Ginásio Rosário ficava onde é hoje... a casa do Senhor Arcebispo... sabe onde é? na::quela descida... na esquina da Catedral tem aquela descida... chamava-se antigamente o Beco do Império... hoje eu não sei o nome”. (DID – 06/POA/70 – linhas 381-388)*

Ocorrência de QUANDO A GENTE VINHA DE FARRA DE BOATE

(1). “*Inf. 1- é normalmente quando a gente saía agora não que a gente comprou assinatura mas... quando a gente vinha de farra de boate tavam eles gritando de manhã cedo comendo aqueles cachorro quente cheirosos... tomando aquelas... aquelas acho que é geladas né ou qualquer coisa com isso”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 674-679)*

Ocorrência de QUANDO A IRMÃZINHA FALECEU

(1). “*Inf. 2- a... árvore do tempo... da A. L. que ela justamente fala isso... né quando a irmãzinha faleceu... ela queria demais saber o que estava acontecendo com a irmãzinha lá no céu que ninguém contava a ela só disseram que a menina foi pro céu e ela não sabia o que era... então ela imaginou... ‘como eu posso ir lá pra ver o que tá acontecendo com a J.? ah: se eu pudesse ser um urubu...’ ... e viu os urubus passando... assim... e ela disse... ‘ah...*

eu gostaria tanto de ser um urubu porque eles voam tão alto... tão alto... que eles devem mergulhar um pouco no mistério do céu'... mas depois ela se lembrou... 'ah... os urubus... são os encarregados da higiene da cidade... ah... não quero mais ser urubu não... prefiro não saber o mistério'... ((risos))". (D2 – 374/RJ/70 – linhas 212-224)

Ocorrência de QUANDO A MINHA CASA SILENCIOU

(1). "*Inf. 1-* depende da mulher... eu tive pensando ontem mesmo quando a minha casa silenciou que eu pude estuda(r) e le(r) um pouco... a mulher casada com filhos não adianta... o filho vem antes... depois vem a profissão". (D2 – 283/POA/70 – linhas 1498-1501)

Ocorrência de QUANDO ACABOU A HISTÓRIA

(1). "*Inf. 2-* agora eu tenho móveis antigos... eu tenho móveis antigos perdi

Inf. 1- pra o

Inf. 2- peguei meio metro de cheia dentro de casa

Inf. 1- hã

Inf. 2- quando acabou... a história... estava na época de eu me mudar pro apartamento... chamei um camarada... mandei ele envernizar... passou um bombril e tal e coisa envernizou... estão to-dinhos lá: [...]". (D2 – 266/RE/70 – linhas 759-766)

Ocorrência de QUANDO ÁUREOS ERAM OS TEMPOS DO FASCISMO

(1). "*Inf. 1-* [...] não se esqueça que a nossa consolidação das leis do trabalho é de novembro de mil e novecentos e quarenta e três... portanto... *quando áureos eram os tempos do fascismo*... ainda não... ainda não tinha chegado a... a debate... e ela é produto de uma elaboração que já vinha de dois ou três anos [...]". (D2 – 365/POA/70 – linhas 972-976)

Ocorrência de QUANDO CAIU A BOMBA ATÔMICA

(1). "*Inf. 2-* [...] eu vejo assim.. por exemplo... a bomba atômica é um mito atualmente... pouca gente sabe que::... eh::... em termos de segunda gue::rra...

Inf. 1- ahn

Inf. 2- teve um ba/ um bombardeio de uma noite... em Nuremberg se não me engano na Alemanha...

Inf. 1- ahn

Inf. 2- não sei de americanos e ingleses que matou muito mais gente do que::... *quando caiu a bomba atômica*... só que o bombardeio de lá era com bombas simplinhas que todo mundo conhecia e tal [...]". (D2 – 343/SP/70 – linhas 1588-1599)

Ocorrência de QUANDO CHEGAVA

(1). "*Inf. 1-* as... quando eu era pequena meu pai tinha uma fazenda em Queluz... cidade de São Paulo... às vezes nós íamos... lá... e uma das coisas que me impressionavam era quando o pessoal saía da calçada...

Inf. 2- ah... pois é...

Inf. 1- então... *quando chegava*... ‘ah trouxe pato... é... porco-do-mato’... aquilo pra mim era uma coisa assombrosa... porco-do-mato né?... quando a gen/... você viu alguma vez porco-do-mato?

Inf. 2- eu nunca vi...

Inf. 1- tem uns dentes enormes né... e... pêlo... e todo mundo ‘ah... carne deliciosa... que fazia uma impressão tremenda... como é que se comia carne de porco-do-mato [...]’”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 236-249)

Ocorrência de QUANDO CHEGUEI

(1). “*Inf. 1-* sabe que eu já pensei há... há pouco tempo pelo... dissabor de ter uma espinha presa... na garganta... e que deu muito trabalho... porque... eu comecei a... ficar... aflita com a espinha não é?

Inf. 2- [nervosa né?

Inf. 1- e eu estava em casa de meu irmão que tem um:... amigo... eh otorrinolaringologista...

Inf. 2- estava lá presente?

Inf. 1- não... não estava presente mas ele mora no... um ou dois andares em cima dele... então... fomos à casa do... aliás ele veio à casa do meu irmão e disse... ‘não... vamos lá eu... isso com uma pinça sai fácil’... subi à casa dele e... ele tentou tirar com uma pinça... e não saía... então ‘vamos ao consultório’... era domingo... o consultório... felizmente era aqui em Copacabana estava ele... podia entrar...

Inf. 2- mas esses minutos pareciam anos né?

Inf. 1- e... viemos... viemos pro consultório... eu eu vim naturalmente falando né durante o caminho apesar da... da espinha... e *quando cheguei*... e que ele se preparou todo eh... ferveu os instrumentos... não sei o quê... e veio com uma pinça circular... porque a pinça reta não tirava não atingia... estava muito fundo não é? a... tinha descido a espinha”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 1277-1299)

Ocorrência de QUANDO COMEÇAMOS

(1). “[...] *quando começamos* ainda podíamos fazer uma previsão de despesas... HOje éh: quem começa a construí:r não sabe se vai acabar a casa porque não sabe na verdade se vai te:r dinheiro para isso [...]” . (DID – 004/RE/70 – linhas 408-411)

Ocorrência de QUANDO COMEÇARAM OS PRIMEIROS CONTATOS COM AQUELA GRANDE ESCOLA DE HISTÓRIA CULTURAL DE VIENA

(1). “*Inf. 2-* [...] logo no início do século... *quando começaram os primeiros contatos*... com *aquela grande escola de História Cultural de Viena*... então eles foram fazer observações... para testarem a possibilidade dos primeiros homens que existissem na face da terra... e algumas... amostras que tivesse ficado nos tempos de hoje... aquela experiência toda da escola... e eles encontraram pos pigmeus... esses pigmeus do centro da África são os homens pequenos eh... com os pêlos muito longos né [...]” . (D2 – 374/RJ/70 – linhas 663-671)

Ocorrência de QUANDO CRIANÇA

- (1). “*DI-* [nunca estiveram num matadouro não né?
Inf. 1- eu já estive *quando criança* né? e você também?
Inf. 2- [eu já estive”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 1008-1012)

Ocorrência de QUANDO DAVAM BONS RESULTADOS

- (1). “[...] o Mackenzie não dá apoio pra ninguém pra nada lá dentro... ele gosta de de receber os elogios... quando uma coisa dá certo... então aparece todo mundo... principalmente naquela época era:: a famosa Esther de Figueiredo Ferraz que era reitora... então ela::... aproveitava os frutos *quando davam bons resultados* mas ajuda::r... para que os frutos fossem::... colhidos... ajuda não se tinha nenhuma MUIto pelo contrário... se tinha empecilhos de toda e qualquer espécie”. (DID – 161/SP/70 – linhas 136-145)

Ocorrência de QUANDO DEIXA PRA CASAR DEPOIS

- (1). “*Inf. 2-* [...] hoje em dia... quando o camarada casa com vinte anos com vinte e dois com vinte e três... em geral é um casamento mal ajustado em geral é um casamento mal ajustado... e *quando deixa pra casar depois* começa a ter medo de casar eu acho aí o sujeito atinge a faixa dos trinta anos cadê a coragem pra casar... o camarada tem medo de casar [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1128-1134)

Ocorrência de QUANDO É QUE NÓS VAMOS TER METRÔ

- (1). “*Inf. 1-* eu gostaria de saber *quando é que nós vamos ter metrô* né?... porque cada vez (não sei se) você percebe... fica mais caro fazer metrô né?... porque digamos que você começasse fazer... metrô em mil novecentos e trinta... então ia aproveitar a linha da... do bon::de... éh::... você vai fazer... metrô... tipo túnel né? tem prédio em cima... você só... faz o... casamata em::baixo... proíbe de construir prédio em cima... mas não você vai fazer metrô subterrâneo... você tem que ter máquina Schield para cavar... e proteger as paredes”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 402-410)

Ocorrência de QUANDO ELA CRESCE

- (1). “*Inf. 1-* quando era pequena e quando era grande... ela mesma... problemática básica... só que... *quando ela cresce* isso se::: se torna... aparente... não tem que ver com nada de mudança... tipo amadurecimento...certo? cidade pequena em CARro... já que o número de carros é pequeno então não tem trânsito”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 305-309)

Ocorrência de QUANDO ELA NASCEU

- (1) “*Inf. 2-* eu nunca usei nada... nada... nada do INPS... quando eu tive a minha filha... eu tenho o meu médico... também tem o pediatra dela... eu tive... quando eu tive a Ângela foi particular e foi muito (superp)

Inf. 1- ah! eu só usei também INPS *quando ela nasceu* porque aí eu fi aquela carteirinha de gestante... era muito... muito facilitado

Inf. 2- é... é

Inf. 1- juntei hospital... juntei IPÊ... INPS... olha deu uma barbada... o hospital ficou bem baratinho”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 854-861)

Ocorrência de QUANDO ELAS PÕEM AQUELE MANTO

(1). “*Inf. 1-* [...] as únicas vitoriosas tristes que eu conheço que CHOram... são as cinderelas do Sílvio do Sílvio Santos... porque *quando elas põem aquele manto* coitadas elas sabem que foram escolhidas porque elas são as mais pobres né? as MAIS miseráveis né?”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 1135-1140)

Ocorrência de QUANDO ELE ACABA DE PAGAR

(1). “*Inf. 2-* *quando ele acaba de pagar*

Inf. 1- ((produz um ruído))

Inf. 2- efetivamente o imó:vel que ele comprou:: vamos admitir até o car:ro ou um um uma utilidade domés::tica que ele ha:ja comprado... chegou a um está por um preço tal que às vezes o preço da financeira... do tal crédito ao consumidor... tão badala:do que o governo vai por

Inf. 1- é

Inf. 2- dez por cento de abatimento [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 470-478)

Ocorrência de QUANDO ELE ME INCUBIU DISSO

(1). “*Inf. 1-* olha I. ... eu... como você sabe... u::ma pessoa um diretor lá da Folha... certa feita me chamou... e me incumbiu de escrever sobre televisão... o que me parece é que na ocasião... *quando ele me incubiu disso*... ele pensou... que ele ia::... ficar em face de uma recusa... e que eu ia... esnoBAR ((ri)) – agora vamos usar um termo... que eu uso bastante que todo mundo usa muito – eu iria esnoabar a televisão... como todo intelectual realmente esnoba [...]”. (D2– 333/SP/70 – linhas 3-11)

Ocorrência de QUANDO ELE PRECISA DE DINHEIRO

(1). “*Inf. 1-* e agora dão... antes eu não... não usava IPÊ... porque eu tinha... meu médico ginecologista é muito amigo e ele quase não cobra... *quando ele precisa de dinheiro* ele telefona e diz aí... será que tu me consegue(s) um dinheirinho (inint.) ele joga muito... (es)tá apertado de jogo... telefona e pede... aí eu dou o que ele pede ou quanto eu tenho para da(r)... eu dou”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 838-843)

Ocorrência de QUANDO ELE VEIO PARA SÃO PAULO

(1). “*Inf. 2-* [...] em São Paulo acho que tem um problema específico de::... ter-se tornado um centro industri/ industrial... grande essas coisas tem um professor meu que vai agora

pra:: Belém... ele estava falando que... *quando ele veio para São Paulo...* ele é argentino tal... em cinquenta e quatro era menor que o Rio”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 106-112)

Ocorrência de QUANDO ELES VOLTAM DAS FÉRIAS

(1) “*Inf. 1-* é... eu não sei como é que pode vive(r)... sinceramente... é impressionante tem uns alunos que chegam pra mim e dizem ah! professora... eu ganho tão bem... eu ganho quatrocentos cruzeiros... fazem duas viagens ida e volta pro centro... duas vez(es) por dia... claro... porque vão almoça(r) em casa... que não dá pra almoça(r) no centro... inda acham que (es)tão ganhando muito... os pobrezinho(s)... a gente nota *quando eles voltam das férias...* eles voltam mais gordinhos... começam as aulas... começam a emagrece(r)”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1320-1327)

Ocorrência de QUANDO ENTREI PRA ESCOLA

(1). “*Inf. 2-* já faz tanto tempo... ah! uma coisa que eu me lembro que eu acho assim que... é cômico... mas... um troço assim que agora... fala(r)... isso me veio na cabeça... eu *quando entrei pra escola...* eles não queriam me deixa(r)... não queriam se negavam porque eu não tinha idade... eu entrei com cinco... cinco anos num voleginho lá... de beir(a)... de beira de morro... só descia toda maloqueirada descia pro colégio esse... mas como a madrinha da minha mãe lecionava lá... ela disse não... pode deixa(r) que eu pego a guria [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 280-286)

Ocorrência de QUANDO ERA ALUNO DA ESCOLA

(1). “[...] atualmente é... e o ônibus não é? mas usei muito tam/ muito o avião quando estava... quando estava... *quando era aluno da escola* pra essas viAgens todas que nós fazíamos aí... de instrução... viajávamos quase sempre de avião... por causa do tempo [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 337-341)

Ocorrência de QUANDO ERA CRIANÇA

(1). “*Inf. 1-* eu já vi o o matadouro por exemplo de Petrópolis várias vezes... mas não tenho...

Inf. 2- eu *quando era criança* que eu via... em Teresópolis... havia um matadouro de uma família... tinha de fato () acho que era com guilhotina né?

Inf. 1- é...

Inf. 2- tenho a impressão que era”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 1013-1019)

Ocorrência de QUANDO ERA GRANDE

(1). “*Inf. 1-* quando era pequena e *quando era grande...* ela mesma... problemática básica... só que... quando ela cresce isso se::: se torna... aparente... não tem que ver com nada de mudança... tipo amadurecimento...certo? cidade pequena em CARro... já que o número de carros é pequeno então não tem trânsito”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 305-309)

Ocorrência de QUANDO ERA MENINA

(1). “[...] não... mas eu já morei uma... em uma que era... *quando era menina*... que tinha... você se... você fala aquele... aquela... aquele braço de madeira que é colocado atrás da porta... né?”. (DID – 173/SSA/70 – linhas 455-458)

Ocorrência de QUANDO ERA MENINO

(1). “[...] *quando era*:... *era menino* ainda... era garoto... isso com meus quatorze... quinze anos... surgiu lá em Irajá... uma casa de espetáculo muito muito muito estranha... que chamou muito (a) atenção de todo mundo... porque era uma:... uma casa com o formato de uma casa de habitação... só que ela era de de... de folhas de zinco pintadinhas coloridas... em que se levava:... qualquer tipo de representação... havia espetáculos teatrais... espetáculos circenses... cinemas [...]”. (DID – 012/RJ/70 – linhas 392-400)

Ocorrência de QUANDO ERA PEQUENA

(1). “*Inf. 1- quando era pequena* e quando era grande... ela mesma... problemática básica... só que... quando ela cresce isso se::: se torna... aparente... não tem que ver com nada de mudança... tipo amadurecimento...certo? cidade pequena em CARro... já que o número de carros é pequeno então não tem trânsito”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 305-309)

Ocorrência de QUANDO ERA PEQUENININHO

(1). “*Inf. 1- [...]* porque a família dele pra variar tambÉM... porque até hoje nunca me relacionei com uma pessoa que tivesse família... integrada... então a... eh... ele... *quando era pequenininho*... aos sete anos ele... viu os pais brigando uma vez... e o pai quis agredir a mãe e ele foi... sabe criança né? foi socorrer a mãe... o pai jogou ele pra fora... aí ele bateu com as costas na porta... foi horrível... você imagina uma cena dessas [...]”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 837-844)

Ocorrência de QUANDO ERA PERTO DO NATAL OU DO SÃO JOÃO

(1). “*Inf. 1- [...]* o pessoal que vem entregar as cartas eles têm um farda e:... pelo menos tão primando pela limpeza porque/ e parecem saudáveis também porque antigamente pareciam esqueléticos pessoas até tuberculosas... eles... devem tá recebendo melhor porque... tão mais fortes então tão comendo melhor e:... tem um grau de humanidade bem maior que os anteriores... antigamente... se lembravam somente de dar um bom dia ou um boa tarde ou bater palma com mais força pra chamar a gente *quando era perto do natal ou do São João* pra cobrar o milho ou pra cobrar o: presente do natal ou ainda pra pedir o jejum na Páscoa... hoje não hoje eles riem cumprimentam entregam carta quando a gente não tá insistem entregam no vizinho... quer dizer o atendimento tá MUITO melhor muito melhor [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 762-778)

Ocorrência de QUANDO ÉRAMOS PEQUENA

(1). “[...] lá em casa nós usamos muito *quando éramos pequena* como xampu pra caspa... não era tão usual... o xampu era... sabão de coco ou sabonete... e mamãe fazia muito o juá... mas... eu eu não sou muito adepta de chá não por isso porque saiu mesmo da... da nossa rotina né? [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 147-151)

Ocorrência de QUANDO ESSAS GERAÇÕES MUDAREM

(1). “*Inf. 2- [...] minha família... transa com política... e... acontece muito isso e o pessoal fica... quase que: obcecado na época da política e não adianta você querer... é mudar o roteiro do cara... que vá... votar no outro candidato... porque:... ele fica como se fosse... devendo () aquele grande favor a você... e vai votar no seu: candidato e ainda quando essas gerações mudarem é que: isso vai mudar*”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 414-422)

Ocorrência de QUANDO ESTAVA EM CASA

(1). “[...] eu não ouvia muit/ quer dizer sempre:: em casa quand/ *quando estava em casa* eu ouvia muito porque eu gosto de música entende não... podia estar em casa assim fazer tema qualquer coisa sem ouvir música então eu ligava o rádio... aí... aGora principalmente que estou em casa () inclusive eu vou dormir eu ligo o radinho estou sempre com rádio ligado... mas não que eu tivesse uma pre/ preferência PElo rádio tudo... e atualmente eu só us/ eu só vejo televisão num... das::sete e meia em diante das sete meia e diante... (e assim) muito pouco também”. (DID – 121/RS/70 – linhas 50-62)

Ocorrência de QUANDO ESTAVA EM JUZ DE FORA

(1). “[...] o... Departamento de Estradas já obrigou... um limite mínimo de... de horas pra se fazer a viagem... não é? antigamente não havia esse limite... eu mesmo... *quando estava em Juiz de Fora*... fiz viagens uma ocasião com quatro horas... verdadeiro absurdo que o ônibus vinha se despencando por aí a fora... hoje ninguém pode fazer uma viagem... de Juiz de Fora ao Rio... com menos de cinco horas [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 181-188)

Ocorrência de QUANDO ESTAVAM FAZENDO A OBRA DO ESGOTO ALI NA RUA DA PACIÊNCIA

(1). “*Inf. 1- [...] eu soube que... quando estavam fazendo... eh... a obra do esgoto ali na... na rua da Paciência* que houve... ali no Rio Vermelho... aqui pertinho... (superp)

Inf. 2- sei... sei (superp)

Inf. 1- sabe onde é... a Rua da Paciência? (superp)

Inf. 2- sei... sei onde é... sei onde é (superp)

Inf. 1- que havia uma... uma fundação de um forte antigo ali... saiu qualquer coisa dessa no jornal...

Inf. 2- não soube

Inf. 1- eu... não sei

Inf. 2- eh... não foi nossa obra ali... ali foi a sibra (superp)

Inf. 1- ah! realmente (superp) eh... aquela ali já não faz parte mais

Inf. 2- é possível que tenha havido mesmo... porque... ali eles levaram quase um ano (inint) (superp)

Inf. 1- um ano (superp) no... na rua da Paciência... o nome da rua mesmo já justifica... (risos)

Inf. 2- é

Inf. 1- leva um ano fechado... não é? (inint) (superp)”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1066-1080)

Ocorrência de QUANDO EU AINDA ERA BEM MENINA

(1). “[...] eu ainda me lembro... *quando eu ainda era bem menina* e que nós precisávamos de um médico e ele aparecia em minha casa... assim... era casaca que usavam naquele tempo... imagine... em plena luz... em pleno dia (rindo)... e nós achávamos aquilo tão natural... nem... hoje... é... quando eu penso... assim... é que acho aquilo (inint) esquisita... né?”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 07-13)

Ocorrência de QUANDO EU CHEGAVA DA FACULDADE

(1). “[...] no ano retrasado eu tinha que me dedicar muito aos estudos e a... e:: os livros e então eu escutava só uma novela assim mesmo *quando eu chegava da faculdade* que eu pegava a me a a me servir pra jantar e ficava () jantando na frente da televisão aqui em casa já tinham jantado... aí então eu via aquele horariozinho só e depois eu ia estudar ou ia fazer qualquer coisa pra a faculdade quer dizer não podia me dedicar à televisão... ((forte som de um relógio de parede ou de mesa)) assim então eu ouvia só o rádio só músicas ()... (né) e atualmente que estou (de novo) voltei à televisão que eu não tenho nada pra fazer de noite ((risos))”. (DID – 121/POA/70 – linhas 482-496)

Ocorrência de QUANDO EU COMECEI A DAR AULA NA UNIVERSIDADE

(1). “*Inf. 2-* [...] eu acho que *quando eu comecei a da(r) aula na universidade* eu tinha aluno mais velho do que eu... eu acho que até esse ano eu tive alunos mais velhos do que eu... entende? eu acho que o pessoal é que a gente já vive de uma maneira diferente... então... a gente encara com mais seriedade o problema... entende? pra nós estudar não é... não é (es)ta(r) indo a reuniõezinhas... não... eu acho que isso já nem existe mais”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 83-84)

Ocorrência de QUANDO EU ERA BEM RAPAZ

(1). “*Inf. 1-* acho (superp) *quando eu era bem rapaz*... lá pros meus doze... treze anos... aqui o clima de Salvador não passava de vinte e dois e vinte e seis graus o ano inteiro... hoje em dia... aqui você vê trinta e um... trinta e dois graus... coisa que não acontecia”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 626-628)

Ocorrência de QUANDO EU ERA CRIANÇA

(1). “*Inf. 2-* bom: aquilo ali é mais é quer dizer a parte mais sofisticada do código mor:se... a parte de rádio telegrafia... agora... eu vi muito no interior *quando eu era criança*... éh: telefone aquele que dava cor:da que tinha uma pilha... uma pilha”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 981-985)

(2). “*Inf. 1-* tenho nojo de baratas...

Inf. 2- é... que é comum haver esses animais né depois então que... sei lá... a cidade ficou tão... cheia de... tantos desses animais... as... *quando eu era criança*... não havia né?... não era comum numa casa normal... de família a... higiene”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 1364-1368)

Ocorrência de QUANDO EU ERA GURI

(1). “[...] eu me lembro *quando eu era guri* quando... em mil novecentos e:: quarenta e sete quarenta e oito eu não sou tão velho assim viu? em quarenta e sete quarenta e oito eu devia ter... sete oito anos de idade... (tinha) oito anos... eu nasci em quarenta... é tinha oito... naquele tempo:: eu me lembro que tinha:: na:: um pessoal que fazia o:: que eh:: a distribuição por exemplo de PÃO [...]”. (DID – 08/RS/70 – linhas 458-466)

Ocorrência de QUANDO EU ERA MENINA

(1). “[...] eu acho que é muita questão de adubo... *quando eu era menina* que ia a Boa Viagem só tinha boa-noite que é essa florzinha roxa... e branca muito silvestre muito do mato [...]” (DID – 156/RE/70 – linhas 420-422)

(2). “[...] e a mulher cha nós chamamos um casaco... um manto... antigamente... *quando eu era menina* se chamava capote”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 703-705)

Ocorrência de QUANDO EU ERA MENOR

(1). “*Inf. 2-* [...] *quando eu era menor*... minha também não deixava usar tal coisa ou queria... vestir eu e minha irmã iguais e achava ()... então agora faço questão de ser diferente... uma dia eu sou bem assim... cética... fechada... ponho uma roupa bem:... bem tradicional... noutro dia eu ando parecendo uma... uma ‘hippa’ louca como diz minha irmã... ‘parece uma hippie louca’... é... é verdade”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 653-381)

Ocorrência de QUANDO EU ERA MOÇA

(1). “[...] cortar cabelo... sim... eu faço corte... já me penteei... quando eu morava na Tijuca... *quando eu era moça*... eu tinha cabeleireira... enrolava todo o cabelinho [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 517-519)

(2). “[...] outro dia eu fui aí... a se/mulher de **Sears** queria me empurrar um creme... eu digo... minha filha... eu nunca usei nada... *quando eu era moça*... agora é que eu não vou usar... eu gosto é de apanhar sol... me queimar... me descascar... não me descasco não... que eu agora já estou curtida... gosto é disso... minha filha... não... não quero nada de creme... não [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 573-579)

Ocorrência de QUANDO EU ERA MOCINHA

(1). “*Inf. 1-* eu me lembro *quando eu era... moci::nha*... eu tive uma empreGAda... éh que ela atendia o telefone e dizia... ‘aqui é a casa da madame H.... aí... eu fiz ver que não se

dizia assim que que eu que eu não era madame H...”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 277-281)

(2). “[...] *quando eu era moci:nha* era mais uma estaca... um ca:ibro assim ela prende ali... e dá aqueles cachos... em finados aparece muito orquídea coral... bastão-do-imperador... borboleta [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 200-202)

Ocorrência de QUANDO EU ERA MUITO PEQUENA

(1). “[...] *quando eu era MUIto peque:na*... em Boa Via:gem no tempo em que Boa Viagem era mar porque hoje em dia é só... óleo de bronzea:r... né?... xixi né? ((ri)) então tinha muito... daquilo... e a gente ia PEScar em Boa Viagem imagina... PESCAR oh de sair com saburá cheio... hoje em dia você pode ir lá sentar na pedra o dia todinho que não vem nada... acabou-se a praia... não presta mais pra nada [...]”. (DID – 150/RE/70 – linhas 518-523)

Ocorrências de QUANDO EU ERA PEQUENA

(1). “[...] eu tenho até muita raiva do saberé porque *quando eu era pequena* eu tinha um tio que me chamava de boca de saberé (rindo) pra dizer que a boca era pequena [...]”. (DID – 150/RE/70 – linhas 537-539)

(2). “[...] eu tinha um livro de gravu:ras que eu via muito *quando eu era pequena*... que falava do mar... falava das camadas abissais não é?... profundidades assim imensas... e fala:va pelo menos tinha fotografias de uns peixes que tinham PONtos coloridos de luz [...]”. (DID – 150/RE/70 – linhas 593-596)

(3). “[...] até mastruz... plantas assim medicinais áh compradas... flor folha de pimenta pra tumo:r... pra abscessos pra abrir furúnculos né/ mamãe botava muito com: azeite doce... bemquentinho... isso nós usamos muito... *quando eu era pequena* [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 133-136)

(4). “*Inf. 1-* [

um balangandã... eu era uma árvore de natal *quando eu era pequena*... sabe que minha vó me chamava de cigana né?

Inf. 2- [

porque você usava muito...

Inf. 1- porque eu tinha os badulaques minha filha... eu ia pras reuniões da minhas ti/... das minhas tias em São Paulo... pegava jóias pulseiras e () colar... quer dizer... eu tinha um prazer... o prazer não era estético naquela época... era um prazer incrível... eh:... era um prazer quase erótico [...]”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 483-492)

(5). “*Inf. 1-* as... *quando eu era pequena* meu pai tinha uma fazenda em Queluz... cidade de São Paulo... às vezes nós íamos... lá... e uma das coisas que me impressionavam era quando o pessoal saía da calçada...

Inf. 2- ah... pois é...

Inf. 1- então... quando chegava... ‘ah trouxe pato... é... porco-do-mato’... aquilo pra mim era uma coisa assombrosa... porco-do-mato né?... quando a gen/... você viu alguma vez porco-do-mato?

Inf. 2- eu nunca vi...

Inf. 1- tem uns dentes enormes né... e... pêlo... e todo mundo ‘ah... carne deliciosa... que fazia uma impressão tremenda... como é que se comia carne de porco-do-mato [...]’”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 236-249)

(6). “*Inf. 2- [...] quando eu era pequena* diziam que era extremamente difícil criar peru... mas agora... a gente vê tanto peru... que eu tenho impressão que eles já descobriram uma técnica de... tratar o peru... uma coisa muito mais aperfeiçoada né”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 307-310)

Ocorrência de QUANDO EU ERA PROFESSORA

(1). “*Inf. 1- era um pouquinho da índia branco... agora sabe que coisa curiosa que está me acontecendo? é que eu não estou me lembrando do nome do porquinho da índia em português... só me lembro de () pig... cobaia... pronto ((risos))*

Inf. 2- comigo aconteceu uma coisa muito interessante... quando eu era professora...

Inf. 1- mas o... porquinho da índia furou um túnel e foi embora né?”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 894-900)

Ocorrência de QUANDO EU ERA PROFESSORA PRIMÁRIA

(1). “*Inf. 2- quando eu era professora primária...*

Inf. 1- se afeiçãoou lá...

Inf. 2- eu trabalhei numa escola ali na Praia Vermelha... Escola Minas Gerais... que adotou um método experimental do Sistema Palatum... com criança de escola primária... e cada professora devia ficar com uma matéria... e eu fiquei com ciências físicas e naturais então os alunos acharam que eu devia gostar de mais de bicho né... professora de ciências naturais... então um dia... um me aparece lá com um tucano que não sei de que maneira o pai com/... caçou... eu sei que... apareceu com um tucano morto... e nós tínhamos na escola um grupo... alguns animais empalhados que o governo mandava mesmo para o ensino né?... então o menino chegou feliz com aquele tucano morto para que eu preparasse... como professora que era... para colocar junto dos outros animais... ah... que horror... eu nem conseguia olhar pro animal ((risos))... tive que pedir socorro de uma outra colega... G.F [...]”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 913-931)

Ocorrência de QUANDO EU ESTIVE EM WASHINGTON

(1). “[...] eu visitei por exemplo () americano... que:: atuou aqui em Porto Alegre *quando eu estive em Washington* fui visitá-lo... e ele... ele me disse com a maior naturalidade com a maior simplicidade... que os meninos não estavam na ocasião porque tinham saído saíram para... distribuir o jornal... estavam DISTRIBUINDO o jornal na vizinhança [...]”. (DID – 344/POA/70 – linhas 255-262)

Ocorrência de QUANDO EU ESTIVE UMA VEZ EM UBERABA

(1). “*Inf. 2- quando eu estive uma vez em Uberaba* houve uma exposição de gado... impressionante os fazendeiros daqueles lugares todos...

Inf. 1- [os entusiasmos né?

Inf. 2- mas... a fortuna que eles davam pelos diferentes exemplares né?... e aquilo... eles sabiam toda a filiação e aquilo era tudo muito estudado... era a principal ocupação do povo de Uberaba ir ver aquele... aquele comércio”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 968-976)

Ocorrência de QUANDO EU ESTOU PRECISANDO

(1). “*Inf. 2- [...] eu resolvi espia(r) e fui ve(r) que não era Jesus coisíssima nenhuma que trazia a bala... era ela que botava aí então eu aí peguei... levantei e disse pra ela... elas pegaram me mandaram cala(r) a boca... eu disse que não calava e nunca mais fui no colégio... eu acho que um pouquinho da minha... da minha revolta contra isso tudo... vem daí (es)ta... nunca mais consegui acredita(r)... acredito agora muitas vezes eu acho que vou... vou a uma igreja... quando eu estou precisando eu acho que é um ambiente calmo... bom pra gente pensa(r) um pouco... toma(r) alguma decisão”.* (D2 – 283/POA/70 – linhas 482-490)

Ocorrência de QUANDO EU ESTUDEI

(1). “*Inf. 1- [...] quando eu estudei éh::... tive que... éh:: aprender uma série de métodos de... cálculo dimensionamento de pontes*

Inf. 2- ahn

Inf. 1- mas vários desses... vários desses métodos não não não são mais necessários... não se aprende porque:: eles estão suplantados né? você não precisa mais calcular o compu/ o computador calcula... e cada vez mais o computador adquire... uma:: capacidade de calcular as coisas [...]”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 858-866)

Ocorrência de QUANDO EU FIZ O MEU CURSO

(1). “[...] *quando... eu fiz... o meu curso... o Mackenzie tinha um curso Excelente... e:: pr::prio... porque nós não estávamos ainda com obrigatoriedade de programas... não só no Mackenzie como em outros colégios... e o programa que nós seguimos... no Mackenzie... era um programa tão bom... que... quando nós terminávamos o curso secundário... nós poderíamos entrar diREtamente na escola de Engenharia ou de Arquitetura sem fazer vestibular [...]”.* (DID – 242/SP/70 – linhas 120-129)

Ocorrência de QUANDO EU FUI...

(1) “*Inf. 2- [...] eu (es)tava apavorada aquela hora... né... e as mulheres ainda vinham daquele jeito... eu sei que depois quando eu... quando eu fui... eu fui às sete... ass-... essa hora foi de madrugada... aí então quando souberam que era particular... o troço mudou cento e oitenta graus... o tratamento das enfermeiras com a gente... de noite... quando eu fui... aí então... pra fica(r) o hospital... eles tiraram uma moça que já estava em trabalho de parto daquela sala de preparação... tiraram de lá [...]”.* (D2 – 283/POA/70 – linhas 884-891)

Ocorrência de QUANDO EU FUI ARTISTA

(1). “[...] *todo artista deve sabe::r... ah::o conteúdo da da peça o que vai aconteê/ e conhecer bem a peça... e... com seu talento... não estou queren::do com:: isso dizer que sou um grande artista porque quando eu fui artista longe disso... fui o pior possível... ma::s acho que o camarada deve:: eh:: valorizar... o espetáculo que está do qual ele está participando [...]”.* (DID – 161/SP/70 – linhas 342-337)

Ocorrência de QUANDO EU... QUANDO EU FUI... EU FUI ÀS SETE

(1) “*Inf. 2-* [...] eu (es)tava apavorada aquela hora... né... e as mulheres ainda vinham daquele jeito... eu sei que depois *quando eu... quando eu fui... eu fui às sete... ass-... essa hora foi de madrugada... aí então quando souberam que era particular... o troço mudou cento e oitenta graus... o tratamento das enfermeiras com a gente... de noite... quando eu fui... aí então... pra fica(r) o hospital... eles tiraram uma moça que já estava em trabalho de parto daquela sala de preparação... tiraram de lá [...]*”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 884-891)

Ocorrência de QUANDO EU IA DE FRANKFURT PRA MARBOURG

(1). “*Inf. 1-* é na... na Serra da Mantiqueira... então havia muita caça ali e assim em viagem... eu vi... duas coisas muito bonitas... na:... Alemanha... *quando eu ia de Frankfurt pra Marbourg... que ia visitar a fábrica da:... dessa compainha aqui Hoecht... né... do Brasil... eles têm a fábrica principal lá em Marbourg... passando pela estrada... que é linda a região... vi... lebres atravessando a estrada [...]*”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 254-260)

Ocorrência de QUANDO EU JÁ ESTAVA ACHO QUE COMEÇANDO NA MINHA CARREIRA DE JORNALISTA

(1). “*Inf. 1-* mas olha a propó::sito da língua da terra jovem e da terra antiga da terra de origem que no caso seria Portugal... eu::... há muitos anos *quando eu já estava acho que começando na minha carreira de jornalista... eu::... tive uma uma entrevista... com uma senhora que era embaixatriz do::... do Canadá... em... eh:: no Bra/ eh:: no Brasil... Madame () ... o:: marido dela o embaixador era poeta... é é era um embaixador poeta um embaixador intelectual... e::: tinha muitos::: livros diversos publicados em francês [...]*”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 218-227)

Ocorrência de QUANDO EU LEVEI MUITO BOLO

(1). “[...] o: Senhor do Ministério da Educação não permite... não é?... que se to:que na criança... *quando eu levei MUItO bolo... muito bolo... né? de palmatória... mu:itas vezes fiquei de joelhos horas seguidas... e NEM por isso fiquei traumatizado [...]*”. (DID – 145/RE/70 – linhas 349-352)

Ocorrência de QUANDO EU ME CASEI

(1). “[...] foi aliás a a mulher do primeiro reitor... da universidade que ela se dava muito comigo e tinha muito... *quando eu me casei* ela me deu os pé:s e alguns galhos então é uma coisa linda [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 189-191)

Ocorrência de QUANDO EU ME LEMBRO

(1) “*Inf. 1- [...] eu brigava com o filho da diretora do colégio... de pedra... eu deixei o olho do guri roxo uma vez... mas eu era tirana... quando eu me lembro... como é que eu podia se(r) assim... hoje em dia eu sou tão tímida e tão quieta... naquela época não*”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 359-362)

Ocorrência de QUANDO EU MORAVA NA MINHA CASA

(1). “[...] *quando eu morava na minha casa... as minhas filhas eram menores... e eu tinha muito sobrinho que iam muito lá ((pigarreia)) e eu tinha medo porque em geral eles têm espinhos... não é? e um espinho de cactos quando entra é difícil de tira:r [...]*”. (DID – 156/RE/70 – linhas 271-274)

Ocorrência de QUANDO EU MORAVA NA TIJUCA

(1). “[...] *cortar cabelo... sim... eu faço corte... já me penteei... quando eu morava na Tijuca... quando eu era moça... eu tinha cabeleireira... enrolava todo o cabelinho [...]*”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 517-519)

Ocorrência de QUANDO EU NOIVEI

(1). “[...] *QUANDO... eu noivei* vou contar o meu caso agora... eu era muito amigo do meu sogro... era pro-fe-ssor de minha mulher... né? [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 227-228)

Ocorrência de QUANDO EU PASSO MUITO TEMPO NA CIDADE

(1). “*Inf. 1- [...] quando eu vou pra:: estrada vou para o interior de moto... eu pego mais vento e não chora nada então eu chego à conclusão que não é o vento que... que faz sair lágrimas e:: é a poluição arde o olho...*

Inf. 2- unh unh... para mim quando eu passo muito tempo na cidade também arde andando de carro inclusive”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 172-177)

Ocorrência de QUANDO EU PEGO O CARRO

(1). “*Inf. 2- quando você vai pra:: para Aliança né?*

Inf. 1- é quando eu pego o carro... e:: também é concreto... sem nenhum aspecto humano certo? os prédios sem:: estilo arquitetônico... ou de estilo arquitetônico tudo desencontrado não tem não tem integração”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 30-36)

Ocorrência de QUANDO EU SAIO E COMPRO UM PERFUME CARO

(1). “*Inf. 2- [...] eu... pelo menos... me sinto realizada quando eu saio e compro um perfume caro... é... eu compro uma bolsa que meu marido vai me matar depois pelo preço... mas eu acho que aquilo me... me realiza... pode ser maluca hippie... de pena... de pode ser o que for... fico maluca... talvez eu nem vá usar... mas só saber que eu TENHO... pronto... está aí [...]*”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 646-652)

Ocorrência de QUANDO EU TERMINEI A ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA

(1). “[...] *quando eu terminei a escola... de Biblioteconomia... eu me interessei demais pela profissão... e nesta ocasião... a:... o Ministério da Educação criou... uma cadei::ra... de Biblioteconomia arquiVÍstica... no... ensino comercial... coisa muito interessante [...]*”. (DID – 242/SP/70 – linhas 49-54)

Ocorrência de QUANDO EU TINHA DOIS ANOS E MEIO... TRÊS ANOS DE IDADE

(1). “[...] eu tenho boa memória eu (me) lembro de coisas assim por exemplo como *quando eu tinha:: ... ah:: ... dois anos e meio três anos de idade* que eu me lembro assim por exemplo... da onde eu mora::va ah:: os brinque::dos de coisas que eu fazia assim eu me lembro assim desde... muito tenra idade”. (DID – 08/POA/70 – linhas 746-752)

Ocorrência de QUANDO EU TINHA SEIS ANOS

(1). “*Inf. 2- [...]* essa história não faça que papai do céu BRIGA... isso é coisa que já ERA *Inf. 1-* isso já acabou *Inf. 2-* compreende?... isso é pra minha época *quando eu tinha seis anos...* ‘não faça que papai do céu fica triste... desagrada mamãe do céu e não sei o quê’ hoje em dia... ‘manda pra lavanderia quando tá sujo... tira a alcatifa e a cortina... telefona chama o homem’ [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 376-384)

Ocorrência de QUANDO EU TIVE A ÂNGELA

(1) “*Inf. 2-* eu nunca usei nada... nada... nada do INPS... quando eu tive a minha filha... eu tenho o meu médico... também tem o pediatra dela... eu tive... *quando eu tive a Ângela* foi particular e foi muito (superp) *Inf. 1-* ah! eu só usei também INPS quando ela nasceu porque aí eu fi aquela carteirinha de gestante... era muito... muito facilitado”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 854-858)

Ocorrência de QUANDO EU TIVE A MINHA FILHA

(1) “*Inf. 2-* eu nunca usei nada... nada... nada do INPS... *quando eu tive a minha filha...* eu tenho o meu médico... também tem o pediatra dela... eu tive... quando eu tive a Ângela foi particular e foi muito (superp) *Inf. 1-* ah! eu só usei também INPS quando ela nasceu porque aí eu fi aquela carteirinha de gestante... era muito... muito facilitado”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 854-858)

Ocorrência de QUANDO EU TIVE NO RIO

(1). “[...] *quando eu tive no Rio...* no zoológico do Rio tinha:... hipopótamo com um filhotinho... aliás... o pai... e a mãe e o filhotinho... mas tão engraçado a coisa mais safada do mundo [...]”. (DID – 150/RE/70 – linhas 518-523)

Ocorrência de QUANDO EU TIVE QUE TRABALHAR

(1). “*Inf. 1-* [...] a gente não chega a pensa(r) no mais fácil... no mais difícil... eu por exemplo... quando... primeiro curso que eu escolhi foi Filosofia... ah... eu gostava de

Filosofia... desde que tinha entrado no primeiro colegial... é claro... (inint) de primeiro momento fiz o curso gostando muito... *quando eu tive que trabalha(r)* foi que eu senti”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1472-1477)

Ocorrência de QUANDO EU VEJO O ECUMENISMO

(1). “[...] na ocasião... algumas pessoas condenavam ‘você... católica... numa escola protestante’ não tinha importância nenhuma porque eu não sofri influência nenhuma de/desse protestantismo... e hoje *quando eu vejo o ecumeNISmo*... aqui... entre as igrejas... eu vejo que nós fomos PREcursosores disso num é? [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 338-343)

Ocorrência de QUANDO EU VIA ESSES ANIMAIS COM ESSE PODER TODO

(1). “*Inf. 2- [...] quando eu via esses animais com esse poder todo* aquilo aquilo para mim... representava um mundo diferente né... poder... e por outro lado também gostava das... aves coloridas: quanto mais coloridas as aves mais bonitas eu achava [...]”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 705-709)

Ocorrência de QUANDO EU VIAJO

(1). “*Inf. 1- quando eu viajo*... eu compro... né... livros principalmente... que aqui (es)tá cada vez mais difícil de se te(r) os que precisa... e roupas... tecidos... comida... a última vez que eu fui à Argentina... eu voltei assim carregada... carregada... trouxe vinho... trouxe queijo... doce de leite... quase não agüentava mais... tive de traze(r) tudo na mão”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 914-917)

Ocorrência de QUANDO EU VOU À SÃO PAULO

(1). “*Inf. 1- [...] a família toda da minha mãe é de São Paulo*... então... *quando eu vou à São Paulo* ocorre... ocorrem coisas engraçadíssimas... porque eu não sou desse jeito que eu sou... contente... eu me visto do jeito que eu SINTO que eu gosto de me vestir... vestido é curto... biquíni é bem biquíni... mas... é de acordo com o meio que eu vivo e tal”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 401-407)

Ocorrência de QUANDO EU VOU ASSIM À FAZENDA

(1). “[...] eu gosto muito de bicho... eu gosto muito de sítio... eu nunca tive... mas adoro *quando eu vou assim à fazen:da* ou um sítio eu gosto de granja [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 102-104)

Ocorrência de QUANDO EU VOU PARA O CENTRO

(1). “*Inf. 1- [...] quando eu vou para a ci/ para o centro*... se eu vou de moto eu choro... sai lágrimas ((tossiu))... então inicialmente eu pensava bom é que estou andando sem óculos... tal... então sai água... aí eu reparei que quando eu vou pra:: estrada vou para o interior de

moto... eu pego mais vento e não hora nada então eu chego à conclusão que não é o vento que... que faz sair lágrimas e:: é a poluição arde o olho”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 168-175)

Ocorrência de QUANDO EU VOU PRA ESTRADA

(1). “*Inf. 1- [...] quando eu vou para a ci/ para o centro... se eu vou de moto eu choro... sai lágrimas ((tossiu))... então inicialmente eu pensava bom é que estou andando sem óculos... tal... então sai água... aí eu reparei que quando eu vou pra:: estrada vou para o interior de moto... eu pego mais vento e não chora nada então eu chego à conclusão que não é o vento que... que faz sair lágrimas e:: é a poluição arde o olho”.* (D2 – 343/SP/70 – linhas 168-175)

Ocorrência de QUANDO FIZERAM A AVENIDA SETE

(1). “*Inf. 2- é... quando fizeram a Avenida Sete... foi que começaram a existir casa na Vitória...*

Inf. 1- na Vitória... que eram tipo chácaras (inint)

Inf. 2- é... inclusive... tinha aquela casa antiquíssima que é... hoje a Secretaria de Educação... né?

Inf. 1- (inint) exato (superp)”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 924-928)

Ocorrência de QUANDO FOI LANÇADA A PRIMEIRA TELEVISÃO

(1). “*Inf. 2- eu estava na Tupi trabalhando como::... funcionária da Tupi... da rádio... Tupi... quando foi lançada a primeira... (primeira) televisão... de modo que eu vi nascer propriamente a a ... televisão”.* (D2– 333/SP/70 – linhas 24-27)

Ocorrência de QUANDO FUI

(1). “*Inf. 2- [...] eu não conhecia Paris... quando fui... passamos por Buenos Aires e imaginei que fosse parecido com Paris e coincidiu”.* (D2 – 095/SSA/70 – linhas 33-34)

Ocorrência de QUANDO INSTALAREM ESSAS NOVAS CENTRAIS

(1). “*Inf. 2- na parte do telefone melhorou um bocado agora com essa expansão... você sabe que: anteriormente... nós tínhamos muitos poucos telefones... e: com essa expansão a coisa melhorou... mas mesmo assim... ainda tá dando uma grande confusão aí que você não consegue linha... vamos ver se normaliza quando: instalem essas novas centrais [...]”.* (D2 – 151/RE/70 – linhas 426-432)

Ocorrência de QUANDO ME CASEI

(1). “*Inf. 2- quando me casei...*

Inf. 1- sei

Inf. 2- nós fomos passar a lua-de-mel em... em Buenos Aires e Bariloche... e estava justamente em pleno inverno... porque uma das razões da escolha foi justamente porque eu gosto muito de esquiar na neve”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 5-9)

Ocorrência de QUANDO MEU IRMÃO DIVISOU DO OUTRO LADO DAQUELA FILA PRA ENTRAR

(1). “*Inf. 1-* [...] eu gosto muito de todos dois e era filme de terror... então eu... eles me chamaram mas eu quis ir com eles né... então meu irmão falou assim ‘bom... vamos às dez horas... até que a gente compre a entrada... e tome um chopinho lá perto e volte pro cinema...’ chegamos lá às dez e meia... eis que chegamos... hã... ‘que é aquilo ali?’ fila da carne não era... só pode ser fila do cinema... na fila de dez e meia até depois de meia-noite... uma fila... a gente () ‘vão gostar de filme de terror assim na China’... né... eu não sabia que tinha tantos adeptos...

Inf. 2- como gostam né...

Inf. 1- aí era uma fila pra comprar... e uma fila para entrar... ah minha filha... *quando meu irmão di/divisou do outro lado daquela fila pra entrar* meu irmão ‘I... eu estou olhando bem... deixa... deixa até botar o óculos pra ver se aquilo ali é fila pra entrar’... era...

Inf. 2- hum-hum

Inf. 1- ficamos de DEZ e meia à meia-noite e dez em PÉ... em fila de cinema pra ver um Frankstein muito do mixuruca [...]”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 1082-1100)

Ocorrência de QUANDO MEUS SOBRINHOS TAVAM LÁ

(1). “*Inf. 1-* [...] tem tem duas televisões... então... e tem criança também então a gente tem que ter cuidado com a educação da criança... e pra... ter cuidado você tem que observar alguma coisa... eu pelo menos quando eles *quando meus sobrinhos tavam lá* em casa... eu tinha preocupação de olhar no jornal do dia [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 1323-1329)

Ocorrência de QUANDO MUITO PEQUENO

(1). “*quando MUIto pequeno*... até estive no Colégio dos Anjos colégio de de:: que hoje nem existe mais o Colégio dos Anjos... era um colégio de freiras... mas aí muito pequeno por isso que até nem citei de de início [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 70-74)

Ocorrência de QUANDO NÃO EXISTIA O REGIME DE TEMPO INTEGRAL

(1). “[...] hoje em dia o:: o:: magistério ao menos ah:: que se tem visto aqui na Universidade... em sua totalidade tem sido encarada como uma profissão a:: que a pessoa se dedica... mesmo *quando não existia o regime de tempo integral* que hoje existe na Universidade ah:: já existiam professores que faziam DO magistério uma arte uma ciência uma vocação [...]”. (DID – 08/POA/70 – linhas 313-321)

Ocorrência de QUANDO NÃO HAVIA GADO

(1). “*Inf. 2-* [...] eu me pergunto... eu lhe pergunto... existe leite em pó?... leite condensado não sei o quê há mais de cinquenta anos? eu tenho impressão que não... eu tenho impressão que é do século vinte essa história... não é? embora antigamente....

Inf. 1- quando...

Inf. 2- *quando não havia gado* leite de jumen-TA

Inf. 1- era exceção”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1706-1713)

Ocorrência de QUANDO NO CINEMA

(1). “*Inf. 1-* olhe de telégrafo realmente eu vou dizer uma coisa... eu só só entendo uma coisa aquele telégrafo rudimentar... que eu tinha muita curiosidade de olhar no interior... o:: quando assim achava aquilo muito interessante o cara batendo naquela maquinazinha e:: o ti ti ti ti ti ti simplesmente aquela fitinha saindo eu achava aquilo formidável... porque eu via muito aquilo em criança *quando no cinema*... principalmente nestes filmes de faroeste de **cowboy** e tudo mais... e: então tive oportunidade de ver isso... a única coisa que eu posso falar de de de telégrafo num sei como eles fazem atualmente não tenho idéia”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 969-980)

Ocorrência de QUANDO NÓS CASAMOS

(1). “[...] *quando nós casamos*... nós não pudemos comprar nossa mobília... então mandamos vir da fazenda e até hoje continua conosco... está aí [...]”. (DID – 084/RJ/70 – linhas 195-197)

Ocorrência de QUANDO NÓS CHEGAMOS À IGUAÇU

(1). “*Inf. 2-* [...] *quando nós chegamos a Iguaçu* foi a primeira decepção... nós perguntamos... ‘onde estão os periquitos... que na outra vez que nós viemos a Iguaçu passavam pela janela do nosso quarto... pela manhã?’... ‘os turistas afastaram os periquitos’... muito bem... um movimento muito grande Itaipu também que lá se transformou agora numa cidade... não é mais um lugar... assim mais abandonado... não há mais periquitos... ‘tá bem... então vamos ver as garças né?’ ... lá embarcamos nós no navio à procura das garças... pra consolo vimos duas”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 129-138)

Ocorrência de QUANDO NÓS CHEGAMOS AQUI

(1). “[...] *quando nós chegamos aqui* não havia nenhuma casa nem mesmo por perto *agora* que você vê que existe algumas construções [...]”. (DID – 004/RE/70 – linhas 172-173)

Ocorrência de QUANDO NÓS ÉRAMOS MAIS VELHOS

(1). “[...] o mais chocante não sei se terminei de dizer... de entrar em fila pra AUla isto aí não:: não nos causava embaraço nenhum nós estávamos dentro dum pátio dum colégio... mas nós saímos do giNÁsio... aí que está... é onde mora o Arcebispo... é no meio mais ou menos do liceu... aTÉ ali em Cima... a subida até a esquina da:: da cathedral HOje... em fila também... e aquilo era muito ruim... era muito:: muito ruim para NÓS e causava um certo embaraço *quando nós éramos mais Velhos* e o:: tinha a escola Normal ali perto e começavam a passar nossas namoradas e nós todos de fila”. (DID – 06/POA/70 – linhas 418-430)

Ocorrência de QUANDO NÓS FOMOS FAZER AQUELA VIAGEM LÁ EM IGUAÇU E SALTO DAS SETE QUEDAS

(1). “*Inf. 2- [...] houve uma experiência que nós fizemos agora... este ano... quando nós fomos fazer aquela viagem lá em Iguaçu e Salto das Sete Quedas...*

Inf. 1- hum...

Inf. 2- foi... uma decepção que nós tivemos pela ausência dos bichos [...]”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 117-122)

Ocorrência de QUANDO NÓS ÍAMOS PRAS FÉRIAS

(1). “[...] no Ginásio Rosário no meu tempo... e se usava muito:: naturalmente caderno caderno de desenhos... caderno pros temas... afora os livros de de:: naturalmente de acordo com as matérias... e:: falar em tarefas de coLÉgio assiM... era muito interessante *quando nós íamos pras Férias...* terminava o ano letivo... então nós entrávamos em férias... que eu achava sempre as férias muito curtas e o ano letivo MUIto comprido”. (DID – 06/POA/70 – linhas 474-483)

Ocorrência de QUANDO NÓS NÃO NOS COMPORTÁVAMOS MUITO BEM

(1). “[...] os padres tinham um::... carinho especial pela aquela turma... de modo que de vez em *quando nós não nos comportávamos muito bem* no:: nas aulas... não estudávamos chegávamos com a matéria um pouco atrasada... nós então dizíamos por:: pro pros irmãos professores olha irmão mas eu tenho que sair... mais cedo... porque nós temos um:: hoje que:: fazer um ensaio na BANda... e eles estão abriam mão [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 96-105)

Ocorrência de QUANDO NÓS TEMOS DE BOTAR FORA

(1). “[...] eu acho que a produção não é bastante porque vê você veja mesmo aqui... no Brasil... você comprar a cebola por trinta e três cruzeiros o quilo... *quando nós temos de botar fora* como botamos o ano passa:do quer dizer deve ser uma falta de planejamento: e de lo/ loca:l e de um modo de qualquer/ de conservação... da cebola né? [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 83-87)

Ocorrência de QUANDO NÓS TERMINÁVAMOS O CURSO SECUNDÁRIO

(1). “[...] quando... eu fiz... o meu curso... o Mackenzie tinha um curso Excelente... e:: pró::prio... porque nós não estávamos ainda com obrigatoriedade de programas... não só no Mackenzie como em outros colégios... e o programa que nós seguimos... no Mackenzie... era um programa tão bom... que... *quando nós terminávamos o curso secundário...* nós poderíamos entrar diREtamente na escola de Engenharia ou de Arquitetura sem fazer vestibular [...]”. (DID – 242/SP/70 – linhas 120-129)

Ocorrência de QUANDO NÓS VAMOS DESAPROPRIAR ALGUM TERRENO

(1). “*Inf. 1-* é... é uma das... das tarefas mais espinhosas que existe porque geralmente *quando nós vamos desapropriar algum terreno...* o dono pensa logo que tirou a loteria esportiva... né... que vai ficar rico...

Inf. 2- de repente

Inf. 1- ... de repente porque nós temos que pagar (rindo) a desapropriação daquele terreno... e também outra coisa desagradável em desapropriação de terreno é quando você lida com gente que tem uma certa... gente importante... por assim dizer... que ocupa certos cargos do governo e que botam certas dificuldades e você fica numa situação difícil de como resolver aquele problema”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 87-95)

Ocorrência de QUANDO O CAMARADA CASA COM VINTE ANOS... COM VINTE E DOIS... COM VINTE E TRÊS

(1). “*Inf. 2-* [...] hoje em dia... *quando o camarada casa com vinte anos... com vinte e dois... com vinte e três...* em geral é um casamento mal ajustado em geral é um casamento mal ajustado... e quando deixa pra casar depois começa a ter medo de casar eu acho aí o sujeito atinge a faixa dos trinta anos cadê a coragem pra casar... o camarada tem medo de casar... porque o brasileiro o homem brasileiro deve ter aquele complexo de machão... e a coisa que ele tem mais medo na vida é ser enganado”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1128-1137)

Ocorrência de QUANDO O CHANCELER GIBSON BARBOSA ERA NOSSO MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

(1). “*Inf. 1-* mas você sabe que a eu me lembro *quando o:: o o chanceler Gibson Barbosa era nosso... Ministro das Relações Exteriores não é?... éh eu estive com ele em Brasília...* ((tosse)) então se dizia lá que ele... ah:: na na hora em que ia para o ar **O Bem Amado**... ele se trancava no:: gabinete dele... e dizia que ele tinha despachos urgentes... e ficava lá trancado... então eu pensava... eu chegava aqui em casa a minha cozinheira não perdia **O Bem Amado** não é?... então eu dizia ‘mas é uma coisa estranha... neste Brasil inteiro neste país continente neste exato momento... naquela hora... parece que não sei se era oi/dez da noite... dez da noite... o:: as criaturas mais diversas as faixas sociais mais diversas... estão presas a esse... esse enredo essa história que se processa’”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 447-461)

Ocorrência de QUANDO O FILHO NASCE

(1). “*Inf. 1-* [...] nós estamos vivendo e os pais hoje em dia estão vivendo em função dos filhos

Inf. 2- certo

Inf. 1- então você tem que fazer as coisas que... é melhor pra o filho não se pensa em si mesmo não mais...

Inf. 2- começa *quando o filho nasce...*

Inf. 1- quando tem filho... pronto que a gente deixa de ser seu fulano de tal pra ser o pai de fulano

Inf. 2- o pai de fulano e eu hoje em dia ouço demais e eu sou o pai de Bartolomeu... o pai de ciclano o pai de beltrano o pai...

Inf. 1- é a é o início é a perda da personalidade *quando o filho nasce [...]*". (D2 – 266/RE/70 – linhas 233-246)

Ocorrência de QUANDO O GOVERNO OBRIGOU A COMPAINHA A DEVOLVER

(1). "*Inf. 1-* [...] você vê por exemplo na Inglaterra o ano passado a compainha telefônica por ser uma compainha do governo... teve um lucro alto... quer dizer não muito alto como o nosso aqui... em relação a deles... mas alto... pra: a função dela de empresa governamental... *quando o governo obrigou a compainha a devolver* se eu não me engano vinte libras... a cada proprietário de de telefone... isso eu acho que vai acontecer muito no Brasil". (D2 – 151/RE/70 – linhas 523-531)

Ocorrência de QUANDO O JAPÃO ATACOU OS ESTADOS UNIDOS

(1). "*Inf. 1-* pois é... era o Kaisal que fazia os navios... resolveu faze(r)... *quando... quando o Japão atacou os Estados Unidos* estavam sem... sem nada... ele resolveu em vez de construir navio como se construía... toda a vida chapa a chapa... ele resolveu fazer em terra quatro partes... plum... e... e chegava e colocava uma na outra e já saía... que(r) dize(r)... ele resolveu faze(r) navio em... em massa... e ele enfrentou os sindicatos... porque ele chegava aqui... não... aqui não... aqui... de acordo coma convenção [...]" (D2 – 365/POA/70 – linhas 1013-1021)

Ocorrência de QUANDO O PADEIRO TRAZIA O PÃO EM CASA E O VERDUREIRO BATIA NA PORTA... O CARNICEIRO TRAZIA CARNE ESCOLHIDA... O ARMAZÉM VINHA PERGUNTAR DE MANHÃ QUANTO QUE PRECISA

(1). "[...] ah se pode comprar e:: como no nosso tempo *quando o padeiro trazia o pão em casa e o... verdureiro batia na porta... o carniceiro trazia carne escolhida... o armazém vinha perguntar de manhã quanto que precisa... acho que hoje não tem mais condições acho que foi uma era que passou né?*" (DID – 344/POA/70 – linhas 763-769)

Ocorrência de QUANDO O PALÁCIO IA DAR FESTA NO JARDIM

(1). "[...] você conhece bastão-do-imperador? um que dá muito perto da água... tinha MUIto em Casa Forte... naquele tempo... tanto que... na época... *quando: o palácio: ia dar festa no jardim... mandava buscar a plan/ bastão-do-imperador lá: em Casa Forte... e é uma planta linda cor-de-rosa você você conhece?*" (DID – 156/RE/70 – linhas 358-362)

Ocorrência de QUANDO O PESSOAL SAÍA DA CALÇADA

(1). "*Inf. 1-* as... quando eu era pequena meu pai tinha uma fazenda em Queluz... cidade de São Paulo... às vezes nós íamos... lá... e uma das coisas que me impressionavam era *quando o pessoal saía da calçada...*

Inf. 2- ah... pois é...

Inf. 1- então... quando chegava... ‘ah trouxe pato... é... porco-do-mato’... aquilo pra mim era uma coisa assombrosa... porco-do-mato né? [...]”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 236-243)

Ocorrência de QUANDO O SUJEITO PUDESSE BOTAR DE VINTE EM DIANTE

(1). “*Inf. 2-* a poupança hoje... tem o propósito

Inf. 1- quando o sujeito pudesse botar de vinte... em diante... mas botar dois mil... mil cruzeiros

Inf. 2- tá mais certo [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 605-608)

Ocorrência de QUANDO PAPAI ERA DIRETOR DE UM DETERMINADO INSTITUTO AQUI DE RECIFE

(1). “*Inf. 1-* [...] foi até *quando papai era diretor de um: deter de de determinado instituto aqui de Recife* então a gente freqüentava muito jornal que eles pediam/ telefonavam dizendo ‘tamo carecendo de matéria... que é que vocês têm aí pra oferecer pra gente de novidade pra poder a gente encher aqui a página’... aí era aquele corre-corre tirar fotografia: e criavam coisa faziam entrevista e tudo mais”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 638-646)

Ocorrência de QUANDO PASSA PARA ADULTO

(1). “*Inf. 1-* desenvolvimento... então:: você pode dizer criança::... *quando passa para adulto* então amadurece acontece uma série de coisas... uma cidade pequena para uma cidade GRANde você não pode dizer... (provavelmente) ela amaduREce então () apresentou problemas porque... cresceu”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 298-303)

Ocorrência de QUANDO PEQUENO

(1). “[...] o que eu sonhava ser *quando pequeno*... eu acho que::... era médico mesmo... porque esse negócio vem há muito tempo na minha cachola”. (DID – 08/POA/70 – linhas 541-544)

Ocorrência de QUANDO SE DÁ PREÇO

(1). “*Inf. 2-* você vê que toda pessoa que chega no consultório hoje *quando se dá preço*... a pessoa pergunta ‘doutor eu vou pagar isso como?’

Inf. 1- como? vai diz logo ‘é imediatamente’

Inf. 2- ‘como eu vou pagar’ quer dizer não sabe nem ao menos... dizer o que é que eles desejam... porque perguntam ‘como é que eu vou pagar?’ e eu sei como é que ele vai pagar... pagar é problema dele o meu é receber... que já é um

Inf. 1- é receber [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 532-541)

Ocorrência de QUANDO SE FUNDOU A PRIMEIRA ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA DO BRASIL

(1). “[...] nesta época eu tinha apenas dezessete anos... comecei a trabalhar... e:: *quando se fundou... a primeira escola de Biblioteconomia... do Brasil*... eu entrei para essa escola... e

lá fiz o meu curso de bibliotecária... depois passei a dirigir a biblioteca do Mackenzie e... dirigi durante... vinte e cinco anos... terminado... eu... me aposentei... mas continuei como supervisora da biblioteca... onde estou até hoje”. (DID – 242/SP/70 – linhas 37-45)

Ocorrência de QUANDO SE OUVE UM RÁDIO BRASILEIRO

(1). “*Inf. 1-* [...] no que tange a nossa música popular eu acho que: agora a televisão está abrindo as portas... para a nossa música popular eu acho que:: agora a televisão está abrindo as portas... para a nossa música popuLAR coisa que o rádio não fez porque o rádio *quando se ouve um rádio brasileiro*... tem-se a impressão que está nos Estados Unidos... não é? ”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 337-341)

Ocorrência de QUANDO SE PEDE À TV

(1). “*Inf. 1-* a evolução da TV... eu estou vendo:: a TV evidentemente... muito presa a singularidades brasileiras... e não se pode mesmo analisá-lo fora do contexto brasileiro... então *quando se pede à TV*... a altura o nível... de uma televisão eu/européia... digo ‘meu Deus mas por que só a televisão tem que ter esta altura... quando as outras... os outros setores estão ainda claudicando... sob diversos aspectos?’... eu acho então que nesse caso comparativamente até que a televisão está além [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 302-310)

Ocorrência de QUANDO SOMOS PEQUENOS

(1). “*Inf. 2-* [...] o Meridien foi feito sem uma concepção... ao meu ver... boa e... ele agrediu praticamente o mar... aquela idéia que às vezes nós temos *quando somos pequenos* que a nossa casa vai ser na... numa pedra que tem no mar... projetada para dentro d’água”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 956-958)

Ocorrência de QUANDO SOUBERAM QUE ERA PARTICULAR

(1) “*Inf. 2-* [...] eu (es)tava apavorada aquela hora... né... e as mulheres ainda vinham daquele jeito... eu sei que depois quando eu... quando eu fui... eu fui às sete... ass-... essa hora foi de madrugada... aí então *quando souberam que era particular*... o troço mudou cento e oitenta graus... o tratamento das enfermeiras com a gente... de noite... quando eu fui... aí então... pra fica(r) o hospital... eles tiraram uma moça que já estava em trabalho de parto daquela sala de preparação... tiraram de lá [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 884-891)

Ocorrência de QUANDO SURTIU

(1). “*Inf. 1-* sei... você trabalha já na Noberto há muito tempo O.?”

Inf. 2- eu trabalho desde que me formei... ou melhor um pouquinho antes... eh... nós... eh... da da escola éramos colegas de E.... então... (superp)

Inf. 1- sei (superp)

Inf. 2- ... *quando surgiu*... (superp)

Inf. 1- já teve (superp) oportunidade de... de fazer muita desapropriação”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 75-78)

Ocorrência de QUANDO TEM FILHO

(1). “*Inf. 1-* [...] nós estamos vivendo e os pais hoje em dia estão vivendo em função dos filhos

Inf. 2- certo

Inf. 1- então você tem que fazer as coisas que... é melhor pra o filho não se pensa em si mesmo não mais...

Inf. 2- começa quando o filho nasce...

Inf. 1- *quando tem filho...* pronto que a gente deixa de ser seu fulano de tal pra ser o pai de fulano

Inf. 2- o pai de fulano e eu hoje em dia ouço demais e eu sou o pai de Bartolomeu... o pai de ciclano o pai de beltrano [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 233-243)

Ocorrência de QUANDO TINHA SETE... NOVE... ONZE

(1). “*Inf. 1-* passei ali em frente à:: Faculdade de Direito... então estava lembrando... que eu ia muito lá *quando tinha sete... nove... onze...* (com) a titia sabe?... e:: está muito pior a cidade... está... o aspecto dos prédios assim é bem mais sujo... tudo acinzentado né?

Inf. 2- uhn:: poluição né?”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 20-25)

Ocorrência de QUANDO UM LOCUTOR IA FAZER UM TESTE

(1). “*Inf. 2-* que eram justamente um dos... um dos defeitos muito grandes do rádio... daquele tempo que era... *quando:: um::... locutor ia fazer um teste...* o::... o chefe dizia a ele... ‘diga aí os ef/ os esses e os erres’... esse era o teste”. (D2– 333/SP/70 – linhas 36-40)

Ocorrência de QUANDO UMA COISA DÁ CERTO

(1). “[...] o Mackenzie não dá apoio pra ninguém pra nada lá dentro... ele gosta de de receber os elogios... *quando uma coisa dá certo...* então aparece todo mundo... principalmente naquela época era:: a famosa Esther de Figueiredo Ferraz que era reitora... então ela::... aproveitava os frutos quando davam bons resultados mas ajuda::r... para que os frutos fossem::... colhidos... ajuda não se tinha nenhuma MUIto pelo contrário... se tinha empecilhos de toda e qualquer espécie”. (DID – 161/SP/70 – linhas 136-145)

Ocorrência de QUANDO UMA MÃE DÁ LIBERDADE TOTAL PRA CRIANÇA

(1). “*Inf. 1-* mas essas pesquisas que estão sendo feitas agora... pelo menos agora (es)tão chegando resultados... é difí(cil) a criança criada com repren... com certa repressão e com um certo cuidado no... no... um certo assim exag() exagero não... mas uma certa assim... moderação em exigências inclusive em nível pessoal parece que resulta em jovens mais ajustados do que *quando uma mãe dá liberdade total pra criança* e não organiza a atividade dum criança... diz que aquela criança se sente muito infeliz e fica quase que odian(do)... passa a odiar a mãe por ela... ela não ser aquilo que ele esperava [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 225-233)

Ocorrência de QUANDO VÊ UMA GAROTA COM AQUELA ROUPA

(1). “*Inf. 1-* [

e hoje em dia...

Inf. 2- sondando homens... rapazes assim de deze/... dezenove... homens com... da idade do meu marido... entre trinta e trinta e um... pra saber que que eles acham *quando vê uma garota com aquela... aquela roupa* tal que é tão curta não é... curta da calcinha aparecer mesmo [...]”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 1186-1193)

Ocorrência de QUANDO VÊM OS FILHOS

(1). “*Inf. 1-* [...] tem elementos que abalam muito mais... do que antigamente... (sabe)

Inf. 2- por exemplo? ((som de motor))

Inf. 1- uhn... eu sinto isso não consigo dar um exemplo ((longo silêncio)) dar um exemplo de um mecanismo que teria que se repetir que vão tentar não deixar ele se repetir é:: o sadomasoquismo na família... sabe você pega assim:: sem pensar no que veio atrás né? um casal que tem um relacionamento sadomasoquista... aí *quando vêm os filhos...* MUIto por cima assim dizendo como a coisa funciona... eles vão transmitir isso de uma certa forma né?”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1260-1280)

Ocorrência de QUANDO VIAJOU COM MEU PAI

(1). “*Inf. 1-* [...] minha mãe estava co... comentando... *quando viajou com meu pai...* tinha certos lugares... no restaurante... que eles não compreendiam... precisava perguntar duas... três vezes... pra saber o que é que o sujeito estava falando

Inf. 2- é... coisa horrível”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1386-1389)

Ocorrência de QUANDO VINHA O (SARRAZANE) AQUI NO RIO

(1). “*Inf. 2-* [...] eu estou lendo a vida de R... então ele diz ‘pois é... só havia para as crianças e os jovens três tipos de diversão... teatro... concerto e circo’... pra mim só o circo bastava né?... a até pouco tempo... *quando vinha o (sarrazane) aqui no Rio* né?

Inf. 1- [

não mas eu acho que...

Inf. 2- as famílias iam totalmente né?... agora é mais esse gelo né... patinação no gelo”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 727-736)

Ocorrência de QUANDO VIRAM QUE ERA PARTICULAR

(1). “*Inf. 2-* não tinha nem lugar no hospital... né... não tinha... e quando... *quando viram que era particular...* então... apareceu apartamento com ar condicionado... com telefone... com isso e com aquilo aí/ apareceu... aí tinha lugar... o troço... o troço é revoltante sabe”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 914-917)

Ocorrência de QUANDO VIVE NO INTERIOR

(1) “*Inf. 1-* [...] na Bahia tem um médico para cada vinte mil pessoas... em Porto Alegre... tem uma outra cidade... tem um médico... para cada duas ou pra cada vinte pessoas... uma coisa assim... eu sei que o médico é na base do dois... uma coisa incrível claro... eles não querem sai(r) daqui... não querem sai(r) por razões pessoais e por razões profissionais... que

nenhum médico fica com o mesmo status diante dum grupo de médicos *quando vive no interior*”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 1364-1370)

Ocorrência de QUANDO VOCÊ CONSEGUE UMA MUDANÇA DE CASTA

(1). “*Inf. 2- éh:: falava de::... de modo como a gente tem castas atualmente né? se você pensar em termos de Idade Média... você tinha honrarias que eram concedidas porque fulano era duque:: outro era... sabe era bem... definido né?... e atualmente você tem o quê? você precisa de... cinco mil não sei quantas horas para tirar um título universitário todo mundo vai atrás disso... não deixa de ser uma::... quando você consegue uma mudança de casta né? bom eu sou universitário agora... agora já não está adiantando mais você tem que fazer uma pós para ascender mais ainda mas isso... é uma hierarquia não deixa de ser né?*”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1223-1234)

Ocorrência de QUANDO VOCÊ ESTÁ FALANDO DE AGORA SER MAIS FÁCIL

(1). “*Inf. 2- [...] quando você estava falando de:: agora ser mais fácil... é::... porque os mecanismos assim são mais perigo::sos... mecanismo assim... que nem você falou entre carro e cavalo o ca/ o carro é mais perigoso... mas aí eu não sei eu estava pensando [...]*”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 1388-1394)

Ocorrência de QUANDO VOCÊ LIDA COM GENTE QUE TEM UMA CERTA GENTE IMPORTANTE

(1). “*Inf. 1- [...] outra coisa desagradável em desapropriação de terreno é quando você lida com gente que tem uma certa... gente importante... por assim dizer... que ocupa certos cargos do governo e que botam certas dificuldades e você fica numa situação difícil de como resolver aquele problema*”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 92-95)

Ocorrência de QUANDO VOCÊ VAI AO PARANÁ

(1). “*Inf. 1- mas... ô B... sabe o que que é... isso é problema de grande cidade particularmente de São Paulo... de Rio de Janeiro no Brasil sabe... você sabe quando você vai ao Paraná... você não sente tanto... é São Paulo e Rio de Janeiro... é uma coisa assim... é uma constatação tão clara que se pode fazer... sabe é aquela massificação... o indivíduo ele se sente massificado... daí () uma neurose crescente... que você hoje em dia você... a gente sabe que morar no Rio e São Paulo você tem que necessariamente ter um grau de neurose qualquer*”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 87-96)

Ocorrência de QUANDO VOCÊ VAI PARA ALIANÇA

(1). “*Inf. 2- quando você vai pra:: para Aliança né? Inf. 1- é quando eu pego o carro... e:: também é concreto... sem nenhum aspecto humano certo? os prédios sem:: estilo arquitetônico... ou de estilo arquitetônico tudo desencontrado não tem não tem integração*”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 30-36)

Ocorrência de QUASE UM ANO

(1). “*Inf. 2-* eh... não foi nossa obra ali... ali foi a sibra (superp)
Inf. 1- ah! realmente (superp) eh... aquela ali já não faz parte mais
Inf. 2- é possível que tenha havido mesmo... porque... ali eles levaram *quase um ano* (inint) (superp)
Inf. 1- um ano (superp) no... na rua da Paciência... o nome da rua mesmo já justifica... (risos)
Inf. 2- é
Inf. 1- leva um ano fechado... não é? (inint) (superp)”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1074-1080)

Ocorrência de QUATROCENTOS E CINQUENTA ANOS

(1). “*Inf. 2-* [...] o troço tá aí pra quem quiser ver... o índio pegando moléstias venéreas pegando gripe sarampo catapora...
Inf. 1- vírus
Inf. 2- eticétera eticétera
Inf. 1- e dizimando tudo
Inf. 2- tinha tinha DOIS milhões de índios hoje tem o quê? tem duzentos mil trezentos mil em quanto? *quatrocentos e e::: e::: cinqüenta anos...* quatrocentos e oitenta anos”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1755-1763)

Ocorrência de QUATROCENTOS E OITENTA ANOS

(1). “*Inf. 2-* [...] o troço tá aí pra quem quiser ver... o índio pegando moléstias venéreas pegando gripe sarampo catapora...
Inf. 1- vírus
Inf. 2- eticétera eticétera
Inf. 1- e dizimando tudo
Inf. 2- tinha tinha DOIS milhões de índios hoje tem o quê? tem duzentos mil trezentos mil em quanto? *quatrocentos e e::: e::: cinqüenta anos...* *quatrocentos e oitenta anos*”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 1755-1763)

Ocorrência de SÉCULO DEZENOVE

(1). “*Inf. 1-* [...] aquela fábrica Tacaruna de cobertores que foi de Delmiro Golveia... e uma casa colonial de engenho típica de:... do século dezoito *século dezenove...* e então eles... já que estão construindo ali prédios... um centro de convenção moderníssimo como poderiam então aproveitar uma área... e conservar... um estilo de de de arquitetura que não chocasse tanto [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 361-368)

Ocorrência de SESSENTA E NOVE

(1). “*Inf. 1-* eu não tenho uma informação segura hoje houve um determinado momento em que nosso cruzeiro... pelo menos na América Latina tinha uma força tremenda... naquele período... vamos dize(r)... áureo de sessenta e oito... *sessenta e nove...* setenta... para nós que disputávamos com o dólar”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 748-752)

Ocorrência de SETENTA

(1). “*Inf. 1-* eu não tenho uma informação segura hoje houve um determinado momento em que nosso cruzeiro... pelo menos na América Latina tinha uma força tremenda... naquele período... vamos dize(r)... áureo de sessenta e oito... sessenta e nove... *setenta...* para nós que disputávamos com o dólar”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 748-752)

Ocorrência de TEM VINTE E UM

(1). “[...] eu morava aqui... com a M.... já há uns quinze... dezesseis anos... *tem vinte... vinte e um* que estou aqui... e ela foi fazer um retiro... que ela é muito religiosa... lá em Belo Horizonte... eu então convidei três pessoas pra virem fazer um joguinho... nesse tempo eu jogava... enjoei... bom... às nove horas... eu mandei as empregadas servirem um cafezinho [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 815-821)

Ocorrência de TINHA ÉPOCA QUE

(1). “[...] *tinha época que* eu plantava assim Benedita aí... criava aquela Benedita [...]”. (DID – 156/RE/70 – linhas 185-186)

Ocorrência de TINHA ÉPOCAS QUE

(1). “[...] eu não sou de assistir novela eu assisto assim uma ou duas *tinha épocas que* eu ficava assistindo três ou quatro às vezes até cinco mudava de uma pra outra era fanática () na televisão era a única que escutava televisão era eu eu vi uma no/ só via novela mas atualmente não porque não porque no ano passado no ano retrasado eu tinha que me dedicar muito aos estudos e a... e:: os livros e então eu escutava só uma novela [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 475-486)

Ocorrência de TRÊS MESES ANTES

(1). “*Inf. 1-* seis... vi (inint) nascer com nove anos e o último nasceu *três meses antes* da morte de meu pai e logo ele faleceu traumatizado... ela fez aquilo que mãe faz com a... a gente e nós ficamos à mercê de parentes e amigos entre eles a família S. que ele falou [...]”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 82-84)

Ocorrência de TREZENTOS E SESSENTA ANOS

(1). “*Inf. 1-* bom... passou o primeiro agora na na guerra... tá?
Inf. 2- bota ano nisso viu?
Inf. 1- passou agora... *trezentos e sessenta anos* vai... um número que você gosta né?
Inf. 2- ahn ahn
Inf. 1- não teve agora”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1733-1738)

Ocorrência de UM ANO

(1). “*Inf. 2-* eh... não foi nossa obra ali... ali foi a sibra (superp)

Inf. 1- ah! realmente (superp) eh... aquela ali já não faz parte mais

Inf. 2- é possível que tenha havido mesmo... porque... ali eles levaram quase um ano (inint) (superp)

Inf. 1- *um ano* (superp) no... na rua da Paciência... o nome da rua mesmo já justifica... (risos)

Inf. 2- é

Inf. 1- leva um ano fechado... não é? (inint) (superp)”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1075-1080)

Ocorrência de UM DIA

(1). “*Inf. 2-* eles começaram a negociar: aqui na Ponte da Boa Vista que àquela época... não é? antes de Dom Pedro... era uma ponte de madeira lá *um dia* veio uma cheia... e levou tudo... e depois dessa história eu não sei como eles recomeçaram a vida [...]”. (D2 – 266/RE/70 – linhas 810-814)

(2). “*Inf. 2-* [...] *um dia* um gato comeu o mais lindo dos nosso canarinhos... foi um desgosto tremendo... porque eles ficam como que hipnotizando né o bicho... não sei se já viu isso né... era impressionante... o gato chegava e ficava olhando pro canarinho... o canarinho se debatia dentro da gaiola... sentindo a força... do olhar... a força hipnótica mesmo do animal né?... nós íamos correndo... afastávamos os gatos... *um dia* nós não vimos... o canarinho... o... o gato pulou... segurou na gaiola forçou e matou o... canarinho... desde aí nós nunca mais quisermos ter né... porque gato não se pode evitar que pule no quintal da gente né ((risos))... então acabamos com os canários ”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 783-794)

(3). “*Inf. 2-* [...] *um dia*... nós fomos convidados por uns amigos que tinham uma fazenda... um sítio... fazenda não um sítio... num lugar qualquer aí do estado do Rio... e avisaram... ‘olha... vocês levem roupa de andar a cavalo’... usava-se muito naquele tempo a saia-calça né?

Inf. 1- hum...

Inf. 2- porque... a fa/... o sítio é um pouco distante de onde para o trem... o trem é uma paradinha apenas... não é estação... fazem uma parada para gente saltar’... eu fui mas disse ‘ah... isso a gente vai andando a pé... não... não há problema de tomar... ter que montar a cavalo’... quando nós saltamos... estavam três cavalos a nossa espera... e a fazenda era bem distante da estrada [...]”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 830-843)

(4). “*Inf. 2-* eu trabalhei numa escola ali na Praia Vermelha... Escola Minas Gerais... que adotou um método experimental do Sistema Palatum... com criança de escola primária... e cada professora devia ficar com uma matéria... e eu fiquei com ciências físicas e naturais então os alunos acharam que eu devia gostar de mais de bicho né... professora de ciências naturais... então *um dia*... um me aparece lá com um tucano que não sei de que maneira o pai com/... caçou... eu sei que... apareceu com um tucano morto... e nós tínhamos na escola um grupo... alguns animais empalhados que o governo mandava mesmo para o ensino né?... então o menino chegou feliz com aquele tucano morto para que eu preparasse... como professora que era... para colocar junto dos outros animais... ah... que horror... eu nem conseguia olhar pro animal ((risos))... tive que pedir socorro de uma outra colega... G.F... não sei se conhecem...né”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 915-931)

(5). “*Inf. 2-* eu tinha Catecismo... eu acho que um pouco da minha... da minha revolta com religião começou no... começou no... no jardim de infância a minha mãe me botou no

jardim da infância que naquela época... chique era a gente (es)ta(r) lá num colégio de freira que tinha lá perto de casa... então a minha mãe me botou lá naquele colégio de freira... então chegava uma certa hora o jardim de in... o jardim de infância... elas mandavam a gente dormir que aí então o nosso senhor vinha traze(r) uma balinha pra nós... então todo mundo se (inint.)... dormia... até que *um dia* eu resolvi espia(r) e fui ve(r) que não era Jesus coisíssima nenhuma que trazia a bala... era ela que botava [...]”. (D2 – 283/POA/70 – linhas 474-483)

Ocorrência de UM DIA DESSES

(1). “[...] ah:: *um dia desses* num:: laboratório Geyer... uma moça:: que me atendeu... (quando) e ela disse que ela era esPEcialista por exemplo... dentro da:: da bioquímica ela era especialista unicamente para atendimento de laboratório... o processamento dos exames... e:: o:: digamos o recolhimento do material... e também as análises... então isso eh:: já não é farmácia né?... já é seria bioquímica”. (DID – 344/POA/70 – linhas 440-448)

(2). “*Inf. 2-* é... sei lá... pode ser que instalem *um dia desses*...

Inf. 1- mas só cobrando novamente o... o preço que você

Inf. 2- não... a... atualmente só desapropriação...

Inf. 1- para águas e esgotos (superp)

Inf. 2- para águas e esgotos... é (superp)

Doc.- (inint) pensei que trabalhasse também”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1229-1236)

Ocorrência de UM POUQUINHO ANTES

(1). “*Inf. 1-* sei... você trabalha já na Noberto há muito tempo O.?”

Inf. 2- eu trabalho desde que me formei... ou melhor *um pouquinho antes*... eh... nós... eh... da da escola éramos colegas de E.... então... (superp)

Inf. 1- sei (superp)

Inf. 2- ... quando surgiu... (superp)

Inf. 1- já teve (superp) oportunidade de... de fazer muita desapropriação”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 75-78)

Ocorrência de UMA CERTA ÉPOCA

(1). “*Inf. 1-* [...] acho que não há mais aquário no Rio de Janeiro... a não ser *uma certa época* em que muita gente fez pequenos aquários né... a domicílio”. (D2 – 374/RJ/70 – linhas 1329-1332)

Ocorrência de UMA ÉPOCA

(1). “*Inf. 1-* ou seja... *uma época* há vontade de fazer hecatombe outra época não há... de qualquer maneira... numa época ou noutra a tua possibilidade de fazer hecatombe aumenta né? então você veja a própria bomba atômica né?... no que foi descoberta não conseguia... arrebentar com o mundo... hoje em dia se eles quiserem já arrebenta... racha o mundo em dois... assim né? o que não viram na própria bomba atômica... **okay**?... então você pode dizer ‘bom antigamente eu tava com idéia de arrebentar gente muito mais do que agora’...”

mas não interessa eles estão com a potencialidade de arrebentar maior... pó mesmo sem ser para matar ou não matar”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1534-1545)

(2). “*Inf. 1-* (risos) teve *uma época* (superp) que foi uma crise...

Inf. 2- com a chuva mesmo (superp)

Inf. 1- lá fazia manobra... só tinha água três vezes por semana... mas geralmente... devido a essa crise... as casas todas construíram tanques...

Inf. 2- imensos... né?”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1367-1371)

(3). “*Inf. 2-* [...] é realmente muito poluído eu eu... já tive essa experiência morei *uma época* na... na Manuel Borba... e a poluição era grande muita muita fuligem muita poeira muita fumaça... e barulho”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 184-187)

Ocorrência de UMA ÉPOCA NA MINHA VIDA

(1). “*Inf. 1-* [...] houve *uma época na minha vida* que a literatura:: me fazia prestar muita atenção... e eu queria uma fuga... então a minha fuga... era me deitar na cama... ligar o:: receptor e ficar vendo... ficar vendo [...]”. (D2– 333/SP/70 – linhas 13-16)

Ocorrência de UMA VEZ QUE FIZ TEATRO

(1). “[...] eu mesmo *uma vez que fiz teatro*... um:: uma manca/ uma falta de atenção do contra-regra... que esqueceu de tocar a:: uma campainha na hora que:: que devia... eu fui obrigado a entrar com uma frase ‘eu acho que ouvi a campainha’... porque a campainha devia ter tocado aquele momento... e com (fora) com essa frase que eu falei ‘eu acho que que eu ouvi uma campai/ uma campainha tocar... a campainha tocar’... o contra-regra acordou e tocou a campainha realmente quer dizer salvei aquele pedaço da peça [...]”. (DID – 161/SP/70 – linhas 342-351)

Ocorrência de UNS CEM ANOS ATRÁS

(1). “*Inf. 1-* não não daria bem com com o exemplo... que gente estava tratando... talvez você olhando::... mais atrás ainda *uns::... uns cem anos atrás* não tinha... histeria

Inf. 2- então é isso que eu digo é cultural também

Inf. 1- certo então não tem muito... é cultural mas não::... tem que ver com::... evolução”. (D2 – 343/SP/70 – linhas 1367-1373)

Ocorrência de UNS POUCOS ANOS

(1). “[...] às vezes o... a branca é que faz o **black-power**... né? se bem que ele já está caindo... e o preto alisando o cabelo e a... e a branca às vezes encrespando e... agora já acabou essa moda () pouco tempo atrás... *uns poucos anos* [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 611-614)

Ocorrência de UNS TRÊS ANOS ATRÁS

(1). “*Inf. 1-* eles dizem assim ‘ah mas que incrível a fama de Ipanema’ a gente tinha ido no Paraná *uns três meses atrás*... o que eu me dei mal... o que eu me aborreci... não está no gibi... o que eu me aborreci... não está no gibi... sabe essa aparência da gente ser... esse

modo de vestir? você e nem me pergunte quantos convites eu recebi nem me pergunte quantos [...]”. (D2 – 147/RJ/70 – linhas 1317-1322)

Ocorrência de VINTE ANOS ATRÁS

(1). “*Inf. 1-* [...] nós temos um acórdão que aliás parece que foi o primeiro que abriu clareira nesse sentido... em que um sacristão da Bahia pleiteava seus vencimentos de empregado... foi reconhecido seu mérito *vinte anos atrás*... e de lá pra cá... tem havido decisões mais ou menos [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 1097-1102)



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



NORMA URBANA, Identidade Social e Variação
(TOMO III)

por

MARCELA MOURA TORRES PAIM

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Suzana Alice Marcelino Cardoso

SALVADOR
2007





Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br

NORMA URBANA, Identidade Social e Variação
(TOMO III)

por

MARCELA MOURA TORRES PAIM

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Suzana Alice Marcelino Cardoso

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutora em Letras.

SALVADOR
2007

ANEXO II

INTRODUÇÃO

Esse tomo compreende o anexo II constituído da ficha utilizada para realização do teste de controle e da listagem dos itens lexicais denunciadores da faixa etária.

A ficha usada para realizar o teste de controle foi criada com o objetivo de verificar se os itens lexicais classificados como denunciadores de faixa etária se confirmariam como tal, a partir da ótica dos entrevistados da cidade de Salvador pertencentes à primeira faixa etária e com nível superior completo que foram consultados no ano de 2006.

As ocorrências documentadas vêm apresentadas em dois tipos de listagens: inicialmente, em ordem alfabética e, a seguir contextualizados.

Tal organização tem por objetivo mostrar:

- (1) o que na época em que o discurso foi produzido já era uma referência à fato anterior, portanto, antigo.
- (2) o que é considerado antigo nos tempos atuais.

Universidade Federal da Bahia
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística

Tese: NORMA URBANA, Identidade Social e Variação

Doutoranda: Marcela Moura Torres Paim
Orientadora: Profa. Dra. Suzana Cardoso

✓ **DADOS PESSOAIS**

- nome
- naturalidade

- endereço
- sexo
- idade / faixa etária
- profissão

Itens Lexicais

1. A Moreninha
2. A Muralha
3. A Rosa com Amor
4. Aládia Centenário
5. Algemas de Ouro
6. Amélia Batalha
7. Anágua
8. Anti-chuva
9. Ari Toledo
10. Avenida Sete de Setembro
- 11. Babyzinha**
12. Baile de gala
13. Bailes do Politeama
14. Baixada Africana
15. Balança mas não cai
16. Banco de madeira
17. Banco para transporte de carga
18. Bela da Tarde
19. Bibi Ferreira
- 20. Black-power**
- 21. Blaser**
22. Bonde de burro
23. Bonde de uso da light
24. Bonde elétrico
25. Bonde misto
26. Bonde pra transporte de material
27. Bonde(inho)
28. Brigadeiro Faria Lima
29. Café Amazonas
30. Capote
31. Caradura
32. Carniceiro
33. Casaca
34. Catirina
35. Cavalheiros do Amor
36. Ceroulas
37. Chacrinha
38. Chambre(s)
39. Charles Chaplin
40. Cinderela
41. Cláudia Cardinale
- 42. Clergyman**
43. Clube da Avenida Geral
44. Colégio dos Anjos
45. Coleteira(s)
46. Comboio

47. Comer
48. Companhia Linas e Ralfer
49. Condutor
50. Condutor Antigo
51. Condutor de Carga
52. Contos
53. Crause
- 54. Crayon**
55. Cruz Vermelha
56. Cruzador
57. Cruzador da Bahia
58. Cruzeiro(s)
59. Culote
60. (Da) (Na) Tupi
61. Da Rádio Tupi
62. Depois de velha
63. Diabo a quatro
64. Doris Day
65. Edu Lobo
66. Eletrola
67. Elizabeth Taylor
68. Elizeth Cardoso
69. Enfeste
70. Entretela
71. Estação dos Burros
72. Esther de Figueiredo Ferraz
73. Festa de embalo
74. Flávio Cavalcanti
75. Foguista
76. Ford-bigode
77. Forte de São Pedro
- 78. Foulard(s)**
79. Gianfrancesco Guarnieri
80. Ginkana da Madrugada
- 81. Givenchy**
82. Goma
83. Governo (de) Seabra
84. Guilherme Guimarães
- 85. High Society**
86. Igreja do Espírito Santo
87. Isto É
88. Janet Mc Donald
89. Jardineira
90. Jean Paul Belmondo
91. Jece Valadão
92. João Carlos Berarti
93. José de Vasconcelos

94. Jota Silvestre
95. Lando Busanca
96. Leila Diniz
97. Leilah Assunção
98. Lisa Minelli
99. Locomotiva à lenha a carvão a diesel portanto a óleo e a elétrica
100. Locomotiva puxada a carvão
101. Madame
102. Madamia
103. Magalhães
104. Mancada
105. Maquinista
106. Marcelo Mastroiani
107. Marília Medalha
108. Meretrício
109. Morosa
110. Motorneiro
111. Mulheres de Areia
112. Mundo Cão
113. Na Crista da Onda
114. Normalista
115. O Beco de Maria Paz
116. O Bem Amado
117. O diabo perdeu as precatas e nunca mais vortou pa buscá
118. O gordo e o magro
119. O Inspetor
120. O Predileto
121. (O) Seabra
122. Orfeu do Carnaval
123. Os Concertos para a Juventude da Globo
124. Palmatória
125. Parafina
126. Peitilho
127. Polainas
128. Ponteio
129. Que o tempo não apaga
130. Radiola
- 131. Rafinée**
132. Rainha Diaba
133. Receptor
134. Richard Burton
135. Roda cor de roda
136. Rua de Baixo
137. Ruge
138. Sabatina(s)
139. Selva de Pedra
140. Senhor Cruz

- 141. Senhor Gonçalves da Silva
- 142. Sofia Loren
- 143. Speakers**
- 144. Tanga (uinha)
- 145. Terezoca Souza Campos
- 146. Transa
- 147. Trem a Lenha
- 148. Trem de bitola estreita
- 149. Trem de bitola larga
- 150. Trem de carreira
- 151. Trem de madeira
- 152. Trem muito moroso
- 153. Trem pra transporte pra gado
- 154. Trem subterrâneo
- 155. Um asilo muito louco
- 156. Um grito parado no ar
- 157. Unique sexe**
- 158. Up-to-date**
- 159. Vitrola
- 160. Yves Montand
- 161. Zoeira

LISTAGEM DOS ITENS LEXICAIS

A Estrela Sobe
A Fábrica
A Moreninha
A Muralha
A Rosa com Amor
Agnaldo Rayol
Aládia Centenário
Algemas de Ouro
Amélia Batalha
Anágua
Anti-chuva
Avacalharam
Avacalhou
Avenida Sete de Setembro
Babyzinha
Baile de gala
Bailes do Politeama
Baixada Africana
Balança mas não cai
Banco de madeira
Banco para transporte de carga
Bela da Tarde
Bibi Ferreira
Black-power
Blaser
Bonde de burro
Bonde de uso da light
Bonde elétrico
Bonde misto
Bonde pra transporte de material
Bonde(inho)
Brasil som setenta e seis
Brigadeiro Faria Lima
Cabaré
Caça
Café Amazonas
Capanga
Capote
Caradura
Carniceiro
Casaca
Catirina
Cavalheiros do Amor

Ceroulas
Chacrinha
Chambre(s)
Charles Chaplin
Cinderela
Cláudia Cardinale
Clergyman
Clube da Avenida Geral
Colégio dos Anjos
Coleteira(s)
Combinação(ões)
Comer
Companhia Linas e Ralfer
Condutor
Condutor Antigo
Condutor de Carga
Consuelo de Castro
Contos
Crause
Crayon
Cruz Vermelha
Cruzador
Cruzador da Bahia
Cruzeiro(s)
Culote
(Da) (Na) Tupi
Da Rádio Tupi
Depois de velha
Diabo a quatro
Dom Quixote
Doris Day
Edu Lobo
Eletrola
Elizabeth Taylor
Elizeth Cardoso
Enfeste
Entretela
Estação dos Burros
Esther de Figueiredo Ferraz
Fantoches
Festa de embalo
Fiscal
Flávio
Flávio Cavalcanti
Foguista
Ford-bigode
Foulard(s)

Gagá
Gianfrancesco Guarnieri
Gigolô
Ginkana da Madrugada
Givenchy
Goma
Governo (de) Seabra
Guilherme Guimarães
Guinde
High Society
Igreja do Espírito Santo
Isto É
Janet Mc Donald
Jardineira
Jean Paul Belmondo
Jece Valadão
João Carlos Berarti
José de Vasconcelos
Jota Silvestre
Lando Busanca
Leila Diniz
Leilah Assunção
Lisa Minelli
Locomotiva à lenha... a carvão... a diesel... portanto a óleo e a elétrica
Locomotiva puxada a carvão
Madame
Madamia
Mancada
Maquinista
Marcelo Mastroiani
Marília Medalha
Meretrício
Mirréis
Moacir Franco
Morosa
Motorneiro
Mulheres de Areia
Mundo Cão
Na Crista da Onda
Na Onda
Navio Cargueiro
Navio de Guerra
Navio de Passageiros
Navio Petroleiro
Normalista
O Bem Amado
O diabo perdeu as precata e nunca mais vortou pa buscá

O gordo e o magro
O governo Seabra
O Inspetor
O Predileto
(O) Seabra
Orfeu do Carnaval
Os Concertos para a Juventude da Globo
Palmatória
Parada
Parafina
Peitilho
Polainas
Ponteio
Porte-monnaie
Praça da alegria
Pulôver
Que o tempo não apaga
Radiola
Rafinée
Rainha Diaba
Receptor
Richard Burton
Rio Moji Guaçu
Roda cor de roda
Rua Conselheiro Almeida Couto
Rua de Baixo
Ruge
Sabatina(s)
Selva de Pedra
Senhor Cruz
Senhor Gonçalves da Silva
Seresta
Sílvio Santos
Sofia Loren
Sou uma velha
Speakers
Taioba
Tanga (uinha)
Terezoca Souza Campos
Transa
Trem a Lenha
Trem de bitola estreita
Trem de bitola larga
Trem de carreira
Trem de madeira
Trem muito moroso
Trem pra transporte pra gado

Trem subterrâneo
Um asilo muito louco
Um grito parado no ar
Unique sexe
Up-to-date
Vitrola
Yves Montand
Zoeira

LISTAGEM DOS ITENS LEXICAIS EM SEUS CONTEXTOS DE OCORRÊNCIA QUE DENOTAM REFERÊNCIAS A FATOS ANTERIORES AO MOMENTO DO DISCURSO

Ocorrências de A ESTRELA SOBE¹

(1). “*Inf. 1-* olha o cinema na/ o atu/ o atual brasileiro eu tenho visto muito pouco... eu vi: o ano passado o filme que me deixou MUITO impressionada... porque esse filme... aliás vi dois filmes... nacionais ((batidas de hora de relógio))

Inf. 2- Rainha Diaba

Inf.1- é A Rainha DiAba... que me pareceu assim cem por cento nacional... sem nenhuma influência... de daqueles:: filmes... de **gangsters** americanos né? que era um marginal bem NO::sso aquele marginal ((rindo)) pobre triste com as... peculiaridades Nossas do submundo nosso... e aquele tirado da... do Marques Rebelo A *Estrela Sobe*... que eu também achei magnífico [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 627-640)

(2). “*Inf. 1-* A *Estrela Sobe*... com artista de televisão... quase todos eles... e a maior parte deles caso da Rainha Diaba... enfim... éh éh... eu vejo a Telenovela... como um verdadeiro laboratório posto no ar [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 928-932)

Ocorrências de A FÁBRICA²

(1). “[...] a A *fábrica* a Algemas de ouro... m/mas tanta tanta () tu sabe que quando é pra dizer os nomes assim fulano trabalhou em tal no/ novela eu não consigo... dizer porque foram porque eu me es/ esqueço o nome das novelas de tantas que eu assisti... mas a/ () a mais atual... é A *fábrica* a Al/ aAlgemas de ouro... hm... Que o tempo não apaga que foi a... última que eu assiti... depois Selva de Pedra... acho que as que eu me lembro são essas... as... mais recentes [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 465-475)

Ocorrências de A MORENINHA³

(1). “[...] teve aquele A *Moreninha* também aquele foi bom porque foi um filme que mostrou paisagem teve conteúdo... e::... cenas alegres cenas eh de dança de de amor... tudo... agora também teve aquele outro que eu vi (já) ah:: que eu assisti Gigolô também já já explorava o sexo e prostituição (tudo) [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 714-720)

(2). “*Inf. 2-* [...] A *Moreninha* né?

Inf. 1- ah mas é ()

Inf. 2- A *Moreninha* foi um filme LIMpo [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 781-783)

(3).“*Inf. 1-* e... e A *Moreninha* ficou justamente naquele mu-si-CAL... naquela era dos musicais que eram tão gos/éh produziam coisas tão gostosa aquela era produziu... realmente

¹ A Estrela Sobe foi um filme brasileiro de 1974, do gênero drama, dirigido por Bruno Barreto e com roteiro baseado no livro homônimo de Marques Rebelo.

² A Fábrica foi uma telenovela exibida na TV Record, de março de 1969 a março de 1970, e escrita por Benedito Ruy Barbosa e Dulce Santucci.

³ A Moreninha foi um filme lançado no Brasil, em 1971, de Glauco Mirko Laurelli.

ahn ahn você lembra daqueles filmes de Janet Mc Do::nald aquelas... lindos... e depois que cessou essa época agora estão voltando parece com a ópera rock também

Inf. 2- a ópera rock () vem aí

Inf. 1- é

Inf. 2- já está aí o (Tony) né?

Inf. 2- (Tony)... mas:: a:: A *Moreninha*... mais ou menos se encaixa naquela... naquele filão... do musical [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 791-802)

Ocorrências de AGNALDO RAYOL⁴

(1). “*Inf. 2-* [...] quando chegou aqui na época *Agnaldo Rayol*

Inf. 1- isso eu lembro

Inf. 2- é de seu tempo?

Inf. 1- é”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 520-524)

Ocorrências de ALGEMAS DE OURO⁵

(1). “[...] a A fábrica a *Algemas de ouro*... m/mas tanta tanta () tu sabe que quando é pra dizer os nomes assim fulano trabalhou em tal no/ novela eu não consigo... dizer porque foram porque eu me es/ esqueço o nome das novelas de tantas que eu assisti... mas a/ () hm mais atual... é A fábrica a Al/ a*Algemas de ouro*... hm... Que o tempo não apaga que foi a... última que eu assiti... depois Selva de Pedra... acho que as que eu me lembro são essas... as... mais recentes [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 465-475)

Ocorrência de AMÉLIA BATALHA⁶

(1). “*Inf. 1-* [...] atriz Irene Ravache que este ano... tirou o prêmio... da P.C.A.... de melhor atriz... tirou o prêmio... da P.C.A de melhor atriz de televisão... e tirou o Molière agora... essa:: atriz revelou-se realmente neste ano... fazendo um papel duma::... parece que (era) *Amélia Batalha*... é um texto de Leilah Assunção... bastante discutível [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 848-854)

Ocorrências de ANÁGUA⁷

⁴ Agnaldo Rayol começou como cantor na Rádio Nacional aos 8 anos de idade. Nos anos 50 retornou ao Rio de Janeiro, onde fez cinema e foi contratado pela Rádio Tupi. Gravou discos pelo selo Copacabana, celebrizando-se pela interpretação de versões de sucessos internacionais.

⁵ *Algemas de Ouro* foi uma telenovela exibida na TV Record nos anos 70.

⁶ *Amélia Batalha* foi uma grande personalidade portuguesa de notável sucesso dos anos 30.

⁷ Originalmente a anágua era uma peça, usada sob a camisa masculina, que chegava até a altura dos quadris. Na Idade Média, transformou-se em peça feminina, semelhante a um colete acolchoado. Porém, com a moda substituiu essa peça pela camisa íntima, a anágua alongou-se e converteu-se em saia de baixo, amarrada em volta da cintura com fitas ou tiras. No início do século XIX, as linhas delgadas do diretório exigiram o abandono temporário da anágua. Mas em torno de 1840 estava novamente em uso, às vezes expostas sob as saias. Na década de 1860, o apoio aos "camisas-vermelhas" de Garibaldi criou a voga de anáguas de flanela vermelha. No decorrer do século XIX, as anáguas caem geralmente feitas de linho, algodão, musselina ou outros tecidos.

(1). “[...] íntima era combinações bordadas... eh... de seda... seda natural ou... ou não... mas era todas bordadinhas e... vestido ve/ como era? transparente... ficava a combinação até aqui... ficava muito... e hoje em dia... não... é *anágua* ou nem *anágua*... sutiã... calcinha e olhe lá... porque as... as que não precisam usar sutiã... nem o sutiã usam [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 622-628)

Ocorrência de ANTI-CHUVA⁸

(1). “[...] uma capa que seja de um tecido impermeável... não plástico... mas um tecido relativamente impermeável... um guarda-chuva e um... eu não sei o nome... mas... há mais tempo... vendiam como *anti-chuva* [...]”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 715-719)

Ocorrências de AVACALHAR

(1). “[...] a terceira peça... foi a que eu mais gostei na qual... eu:... sei lá me entrosei realMENTe entende? me senti bem no:: no papel que me foi conferido e tudo... fo::i O () inspetor de J.B. () que inclusive foi apresentado... há pouco tempo atrás ((riu)) pela Rede Globo... que avacalhou por sinal com a peça... modernizaram dema::is colocaram coisas que estavam fo::rãs... mas completamente fora da da do TEMA... mudaram o enredo do:: do escritor... quer dizer *avacalharam*... *avacalharam* completamente a peça [...]”. (DID – 161/SP/70 – linhas 40-45)

(2). “[...] a terceira peça... foi a que eu mais gostei na qual... eu:... sei lá me entrosei realMENTe entende? me senti bem no:: no papel que me foi conferido e tudo... fo::i O () inspetor de J.B. () que inclusive foi apresentado... há pouco tempo atrás ((riu)) pela Rede Globo... que *avacalhou* por sinal com a peça... modernizaram dema::is colocaram coisas que estavam fo::rãs... mas completamente fora da da do TEMA... mudaram o enredo do:: do escritor... quer dizer *avacalharam*... *avacalharam* completamente a peça [...]”. (DID – 161/SP/70 – linhas 40-45)

Ocorrência de BABYZINHA

(1). “[...] no bromatológico... tinha um diretor velhinho... quando ele chegava... eu me levantava... e me espantava colegas mais novas do que eu... que estavam sentadas em cima... que fosse *babyzinha* não... heim... pouco mais mo...ça do que eu... talvez uns dez anos mais... mas rece... mais nova na casa... estavam sentadas [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 238-243)

Ocorrência de BAILE DE GALA

(1). “[...] fizemos um *baile de gala*... Todos nós de casaca... traje a rigor... que marcou época naquela ocasião esse baile [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 57-59)

⁸ Anti-chuva é uma capa com elástico removível confeccionada nos anos 50 em tecido de brim e frontais diagonais nas laterais da capa na altura da cintura, com proteção de plástico.

Ocorrência de BAILES DO POLITEAMA⁹

(1). “*Inf. 2-* [...] o que era o Fantoche o que era o Cruz Vermelha e os *bailes do do Politeama* era eram em peso... eram em peso... o carnaval predominava nesses clubes”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 397-398)

Ocorrência de BAIXADA AFRICANA¹⁰

(1). “*Doc.* - e como é que era o carnaval de antigamente?

***Inf. 1-* era muito bom nos clubes... tem os clubes mas eu não ia muito não**

Inf. 2- ah... nos clubes? os clubes... os clubes

Inf. 1- Fantoches... Cruz Vermelha e Cavalheiros do Amor tinha?

Inf. 2 - é tinha... tinha *Baixada Africana* etc... mas os principais era Fantoche e Cruz vermelha?”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 382-388)

Ocorrência de BANCO DE MADEIRA

(1). “[...] ora... bancos péssimos... todos *bancos de madeira*... bem duros... está ouvindo? e o: restaurant’ bem fraco... e o trem muito moroso [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 27-29)

Ocorrência de BANCO PARA TRANSPORTE DE CARGA

(1). “[...] esses que eles chamavam de Taioba... ele era um bonde... uma espécie de bonde misto... que ele transportava o passageiro... mas também transportava bagagem... não é... e poucos bancos... enquanto que o outro o outro eles chamavam de primeira classe só tinha... *banco para transporte de carga*”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 607-612)

Ocorrência de BELA DA TARDE¹¹

(1). “[...] no caso daquele filme que passou:: passou a *Bela da Tarde*... eh:: na época de apresentação do filme... você chegava pra uma pessoa você falava ‘você entende::? você assistiu o filme e gostou?’ ‘ah gostei poxa quem é que não gostou do filme? nossa pelo amor de Deus é claro que gostei todo mundo gosta [...]”. (DID – 161/SP/70 – linhas 281-286)

Ocorrência de BIBI FERREIRA¹²

⁹ Baile do Politeama era o baile de carnaval que ocorria no bairro de Politeama desde 1888 na cidade de Salvador.

¹⁰ Baixada Africana era o préstito que desfilava nas ruas da cidade de Salvador no carnaval no ano de 1894.

¹¹ Bela da tarde foi o filme lançado em 1967 do diretor Luis Buñuel que conta a história de uma jovem rica e infeliz que busca em um bordel realizar suas fantasias sexuais.

¹² Bibi Ferreira, pseudônimo de Abigail Izquierdo Ferreira que nasceu em Salvador no dia 10 de junho de 1922, é uma atriz, cantora, diretora e compositora brasileira.

(1). “*Inf. 1-* [...] ultimamente de coisas boas que eu tenho visto... ah:... deixa eu ver... eu (não)... quer dizer eu não poderia dizer assim a rigor porque muitos espetáculos me escaparam... um deles que eu gostei... mas que não é um espetáculo brasileiro... porque:... foi todo adaptado do... do musical... americano... foi o Dom Quixote... com a *Bibi Ferreira*”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 826-832)

Ocorrências de *BLACK-POWER*

(1). “[...] às vezes o... a branca é que faz o *black-power*... né? se bem que ele já está caindo... e o preto alisando o cabelo e a... e a branca às vezes encrespando e... agora já acabou essa moda () pouco tempo atrás... uns poucos anos... *black-power*... as brancas... os pretos também entraram na onda... mas pra eles não era difícil ((riso))”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 611-616)

Ocorrências de BONDE DE BURRO¹³

(1). “[...] é dá pra lembrar alguma coisa... sim... só não dá pra lembrar o *bonde de burro* não... está ouvindo? ((risos)) porque o tempo já passou... mas eu não peguei o *bonde de burro*... quer dizer... não peguei não... pode ser que tenha pegado... mas não tenho lembrança nenhuma pode ser que... quando eu nasci... que existisse alguma coisa... ainda... bom... mas... já peguei o bonde elétrico... não é?”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 589-595)

(2). “*Inf. 2-* e o movimento... estreitíssimas e cadê seu Vieira o outro chamava Duarte e dia o Vieira aqui... o Vieira aqui talvez é dois tantos disso aqui... uma linha de bonde traspasado... o bonde da Graça... Graça... Barra... (inint).

Inf. 1- e bonde de burro

Inf. 2- Bonde de burro

Doc.- e como que era esse bonde de burro... como era esse bonde de burro?

Inf. 1- um bonde guiado por quatro animais

Inf. 2- um bonde assim que eu não tenho como lhe dizer”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 199-205)

(3). “*Inf. 1-* acabaram os *bondes de burro* e começaram os elétricos

Inf. 2- é começaram os *bondes*”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 271-282)

(4). “*Inf. 2-* quando vim pra esta casa que moro... em 1901... era *bonde de burro*

***Inf. 1-* aqui?**

***Inf. 2-* aqui**

Inf. 1- mas lá embaixo era elétrico já

Inf. 2- lá embaixo era elétrico... é... lá embaixo mas no tempo em que eu era empregado do Comércio... ficava às vezes na janela pra ver os *bondes elétricos*... tinham as *compainhas* muito grandes... os assentos muito largos de madeira confortabilíssimos... não há dúvida sempre viajava tranqüilo pro Senhor do Bonfim todo satisfeito... depois é que foi saindo aqueles *bondes*... veio a Light também”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 287-294)

Ocorrência de BONDE DE USO DA LIGHT

¹³ Bondes de burros foram os primeiros bondes de tração animal que surgiram no ano de 1868.

(1). “[...] e havia um de... de... de... carga... fora estes *bondes de... de uso da... da... da Light* que esses *bondes pra transporte de material para conserto de rua... não é?*”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 597-599)

Ocorrências de BONDE ELÉTRICO¹⁴

(1). “[...] é dá pra lembrar alguma coisa... sim... só não dá pra lembrar o bonde de burro não... está ouvindo? ((risos)) porque o tempo já passou... mas eu não peguei o bonde de burro... quer dizer... não peguei não... pode ser que tenha pegado... mas não tenho lembrança nenhuma pode ser que... quando eu nasci... que existisse alguma coisa... ainda... bom... mas... já peguei o *bonde elétrico... não é?*”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 589-595)

(2). “*Inf. 1-* eu acho que foi depois de dois... depois do governo de Seabra que apareceram os *bondes elétricos... não é assim?*”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 273-274)

(3). “*Inf. 1-* acabaram os bondes de burro e começaram os *elétricos*
Inf. 2- é começaram os bondes”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 271-282)

(4). “*Inf. 2-* quando vim pra esta casa que moro... em 1901... era bonde de burro

Inf. 1- aqui?

Inf.2- aqui

Inf. 1- mas lá embaixo era *elétrico* já

Inf. 2- lá embaixo era *elétrico... é... lá embaixo mas no tempo em que eu era empregado do Comércio... ficava às vezes na janela pra ver os *bondes elétricos... tinham as compainhas muito grandes... os assentos muito largos de madeira confortabilíssimos... não há dúvida sempre viajava tranquilo pro Senhor do Bonfim todo satisfeito... depois é que foi saindo aqueles bondes... veio a Light também*”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 287-294)*

Ocorrência de BONDE MISTO¹⁵

(1). “[...] esses que eles chamavam de Taioba... ele era um bonde... uma espécie de *bonde misto... que ele transportava o passageiro... mas também transportava bagagem... não é... e poucos bancos... enquanto que o outro o outro eles chamavam de primeira classe só tinha... banco para transporte de carga*”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 607-612)

Ocorrência de BONDES PRA TRANSPORTE DE MATERIAL

(1). “[...] e havia um de... de... de... carga... fora estes *bondes de... de uso da... da... da Light* que esses *bondes pra transporte de material para conserto de rua... não é?*”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 597-599)

Ocorrências de BONDE(INHO)

(1). “[...] naquele tempo... nós íamos... já havia o *bonde... que eles chamavam... de primeira... não é? havia o Caradura... havia um que eles chamavam... de Taioba [...]*”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 597-599)

(2). “[...] esses que eles chamavam de Taioba... ele era um *bonde... uma espécie de bonde misto... que ele transportava o passageiro... mas também transportava bagagem... não é... e*

¹⁴ Bonde elétrico foi o bonde de tração elétrica que surgiu em 1892 no Rio de Janeiro.

¹⁵ Bonde misto era o bonde que transportava passageiros e bagagens que surgiu em 1868 no Rio de Janeiro.

poucos bancos... enquanto que o outro o outro eles chamavam de primeira classe só tinha... banco para transporte de carga [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 607-612)

(3). “*Inf. 2-* Ooo porque da cidade eu não quero nem lembrar... quando eu vim para aí eu em 1901... 4 de maio... trás do muro das freiras... que era estreitíssimo mal passava... passava as duas linhas de *bonde*... *bonde* porém tão junto ao muro que não podia parar nem nada... tinha que ir correndo... daí melhorou com o governo Seabra... foi que então recuou o muro e passou o muro das freiras... por trás do muro das freiras pra entrar essa rua larga a avenida Joana Angélica e o Seabra também prometeu recuar a parte de Santa Clara que também era estreitíssima mal passava uma carroça... mal passava uma carroça na rua de santa Clara... então ele recuou tudo isso e passou a ser a avenida, não a Avenida Joana Angélica ainda... era a Rua Conselheiro Almeida Couto... quando eu vim pra qui era Rua Conselheiro Almeida Couto e ficou depois de muito tempo é que mudaram para a Avenida Joana Angélica... mas era um erro... um erro... esta rua aqui ah... era de fazer medo de noite... não dos ladrão porque ficava completamente abandonada... passava aquele de *bonde* uma hora... outra... entendeu? em princípio os *bondes* de uma e de vistoria estreita quando vinham para o Tororó e etc... os *bondinhos* que mal viravam e as pessoas saiam e colocavam de volta no trilho... e era uma coisa engraçada os *bondinhos*”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 26-37)

(4).“*Inf. 2-* muito pouco... muito poucos meses eu fiquei no que era a prática de palácio... o antigo elevador... os *bonde* passando pelo lado de fora... é do seu tempo? os *bondes* vinham de Nazaré e passava por fora do palácio daquelas casas todas da rua Chile”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 129-131)

(5). “*Inf. 2-* e o movimento... estreitíssimas e cadê seu Vieira o outro chamava Duarte e dia o Vieira aqui... o Vieira aqui talvez é dois tantos disso aqui... uma linha de *bonde* traspassado... o *bonde* da Graça... Graça... Barra (inint).

Inf. 1- e bonde de burro

Inf. 2- bonde de burro

Doc.- e como que era esse bonde de burro... como era esse bonde de burro?

Inf. 1- um *bonde* guiado por quatro animais

Inf. 2- um *bonde* assim que eu não tenho como lhe dizer”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 199-205)

(6). “*Inf. 2-* [...] tinha a estação dos burros... dos animais e dizia que era um horror... então ali o *bonde* fazia a curva não é? e descia com dois ou três... com quatro saía com quatro e quando chegava na rua Chile... na casa de Eduardo Moraes né? aí tirava os burros”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 207-209)

(7). “*Inf. 2-* o que era a Sé... o que era a Sé... estreitíssima... mas bem quando chegava aí subia os *bondes* e iam... Graça... Barra e o que ia pra Graça passava hoje no Hospital Português”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 221-222)

(8). “*Inf. 2-* [...] o elevador e o *bonde* esperava o outro lá embaixo... depois a mesma coisa... descia o elevador e o *bonde* esperava outro lá embaixo... depois lá vinha outro e a mesma coisa... subia elevador e tomava posição

Inf. 1- outra baldeação

Inf. 2- outra baldeação... coisas engraçadas como os *bondes* para o Rio Vermelho da linha de baixo... trilhos centrais né? coisa engraçada saíam da Barroquinha e ali três... três... três ramais... Soledade... Retiro e Rio vermelho que tinha as as os faróis... Rio Vermelho era vermelho... Soledade era verde e Retiro era era azul e era ali os *bondes* por ali pela pela

estrada estrada nova e depois rua Dr Seabra... rua Nova”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 243-250)

(9). “*Inf. 2-* não senhora... teve as linhas lá debaixo... teve as linhas lá debaixo... foi da companhia Linas e Ralfer foi quem primeiro botou *bonde* lá embaixo?”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 275-276)

(10). “*Inf. 2-* foi... os *bondes* grandes né? que viajavam ali pro Bonfim é verdade? se fosse isso depois ficavam lá embaixo e depois a circular o Guinde... depois que o Guinde fundou os *bondes* lá em cima... tomou a compainha lá embaixo... acabou foi aí que uniformizaram os antigos *bondes*?”

Inf. 1- acabaram os bondes de burro e começaram os elétricos

Inf. 2- é começaram os *bondes*”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 278-282)

(11). “*Inf. 2-* quando vim pra esta casa que moro... em 1901... era bonde de burro

***Inf. 1-* aqui?**

***Inf. 2-* aqui**

Inf. 1- mas lá embaixo era elétrico já

Inf. 2- lá embaixo era elétrico... é... lá embaixo mas no tempo em que eu era empregado do Comércio... ficava às vezes na janela pra ver os bondes elétricos... tinham as compainhas muito grandes... os assentos muito largos de madeira confortabilíssimos... não há dúvida sempre viajava tranqüilo pro Senhor do Bonfim todo satisfeito... depois é que foi saindo aqueles *bondes*... veio a Light também”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 287-294)

(12). “*Inf. 2-* também foi o governo Seabra que alargou que era rua estreitíssimas... bequinhos bequinhos que mal passava o *bonde*”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 557-558)

Ocorrência de BRASIL SOM SETENTA E SEIS¹⁶

(1). “*Inf. 1-* [...] ahn compositores gostariam de... de ter acesso à televisão mas ela se fecha... na famosa muralha de mediocridade que agora é um pouco discutível... e não se abre mas:: nesse dia... eu estava aqui na minha sala... sintonizei para o canal quatro... um programa da::... Elizeth Cardoso – *Brasil Som Setenta e Seis* – eu gosto muito da Elizeth Cardoso [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 548-555)

Ocorrência de BRIGADEIRO FARIA LIMA¹⁷

(1). “[...] de quem nós tivemos apoio? de ninguém... mas DE NINGUÉM MESMO... inclusive:: apesar da peça eh estar sendo apresentada pela Comissão Estadual de Teatro... com apoio dela... Financeiro nós não tivemos apoio nenhum... com exceção de POUquíssimas coisa que nos foi conferida pela:: Prefeitura de São Paulo... o então prefeito era o:: *Brigadeiro Faria Lima* saudoso não? [...]”. (DID – 161/SP/70 – linhas 120-126)

¹⁶ Brasil Som Setenta e Seis foi um programa musical de grande sucesso na década de 70.

¹⁷ Referência a José Vicente de Faria Lima que nasceu no Rio de Janeiro em 7 de outubro de 1909 e faleceu em 4 de setembro de 1969, foi um militar e político brasileiro. Com 21 anos de idade iniciou sua carreira na Faculdade Aérea do Brasil, chegando em 1958 a brigadeiro do ar. Em março de 1965, foi eleito prefeito de São Paulo.

Ocorrência de CABARÉ¹⁸

(1). “[...] eu gostava dos fil/ gostava muito dos filmes dela... a Cláudia Cardinale também... agora a Elizabeth Taylor eu assisti dois filmes que eu dela que eu gostei do desempenho dela... ah e vi também com a Lisa a Lisa Minelli dois filmes inclusive o *Cabaré* antes de ser premiado eu tinha assistido [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 634-641)

Ocorrência de CAFÉ AMAZONAS

(1). “*Inf. 2-* também foi o governo Seabra que alargou que era rua estreitíssimas... bequinhos bequinhos que mal passava o bonde e a pessoa ficava bebendo junto a Crause... junto a Crause aí era estreitíssimo tinha um bar no *Café Amazonas*... aí depois tinha as iguarias de Catirina que reunia o pessoal

Doc.- o pessoal da época

Inf. 2- é os professores... tudo iam pro Catirina... era no Catirina... o que recebia... o que apresentava... mas tudo a respeito do ensino... Seabra fez tudo aquilo?”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 557-562)

Ocorrências de CAPOTE¹⁹

(1). “[...] nós chamamos um casaco ou um mantô... né? antigamente... quando eu era menina... se chamava *capote* (rindo)... hoje ninguém mais usa... se eu perguntar a um neto o que é um *capote*... ele não sabe o que é (rindo)”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 703-707)

(2). “*Inf. 2-* mais do que a umidade... o vento... porque o vento... ele pega o... vamos dizer... num lugar frio você com um *capote*... eh... e não tendo vento... ele cria um... um volume... uma espécie dum colchão de ar... perto da su... do seu corpo e você acaba tendo realmente um ambiente quente”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 60-63)

(3). “*Inf. 2-* [...] eu olhava... todo mundo de *capote*... aquele negócio... nos pés... cacheco!! (superp)”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1455-1456)

Ocorrência de CARADURA²⁰

(1). “[...] naquele tempo... nós íamos... já havia o bonde... que eles chamavam... de primeira... não é? havia o *Caradura*... havia um que eles chamavam... de Taioba [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 597-599)

¹⁸ Cabaré foi o filme lançado em 1972, dirigido por Bob Fosse, que também dirigiu o filme “O show deve continuar”, e com Liza Minnelli no elenco.

¹⁹ Capote é o termo utilizado para se referir a capa que descia até aos pés, com colarinho e capuz no início do século XIX.

²⁰ Caradura era o nome dado aos bondes mistos que surgiram em 1868 e ao banco que, nos bondes de passageiros, fica de frente para os demais.

Ocorrência de CARNICEIRO

(1). “[...] ah se pode comprar e:: como no nosso tempo quando o padeiro trazia o pão em casa e o... verdureiro batia na porta... o *carniceiro* trazia carne escolhida... o armazém vinha perguntar de manhã quanto que precisa [...]”. (DID – 344/POA/70 – linhas 763-767)

Ocorrência de CASACA

(1). “[...] fizemos um baile de gala... T^Odos nós de *casaca*... traje a rigor... que marcou época naquela ocasião esse baile [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 57-59)

Ocorrências de CATIRINA

(1). “*Inf. 2-* também foi o governo Seabra que alargou que era rua estreitíssimas... bequinhos bequinhos que mal passava o bonde e a pessoa ficava bebendo junto a Crause... junto a Crause aí era estreitíssimo tinha um bar no café Amazonas... aí depois tinha as iguarias de *Catirina* que reunia o pessoal

Doc.- o pessoal da época

Inf. 2- é os professores... tudo iam pro *Catirina*... era no *Catirina*... o que recebia... o que apresentava... mas tudo a respeito do ensino... Seabra fez tudo aquilo?”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 557-562)

Ocorrência de CAVALHEIROS DO AMOR²¹

(1). “*Doc.-* e como é que era o carnaval de antigamente?

***Inf. 1-* era muito bom nos clubes... tem os clubes mas eu não ia muito não**

Inf. 2- ah... nos clubes? os clubes... os clubes

Inf. 1- Fantoches... Cruz Vermelha e *Cavalheiros do Amor* tinha”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 382-386)

Ocorrência de CEROULAS²²

(1). “[...] eu me lembro... ainda... das *ceroulas*... de meu pai... de meu tio... e dos chambres... ele... o chambre mesmo... eh... eles usavam pijama [...]”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 35-40)

²¹ Cavalheiros do amor era o préstito que desfilava nas ruas da cidade de Salvador no carnaval no ano de 1894.

²² Ceroulas é uma cueca semelhante a um short, muito utilizada na década de 50, que agora se chama sambacção. Atualmente, ela está em desuso, mas, uma de qualidades diferentes, que ainda está em venda é a boxer.

Ocorrências de CHAMBRE(S)²³

(1). “[...] eu me lembro... ainda... das ceroulas... de meu pai... de meu tio... e dos *chambres*... ele... o *chambre* mesmo... eh... eles usavam pijama... eu me lembro bem de meu pai e um tio que eu tinha... que ele era médico... residia em Penedo... em Alagoas... e... quando eles chegavam... ao meio-dia... chegava cansado... suado... então ele ia pro quarto... botava o *chambre* comprido... todo abotoadinho... e almoçava... depois trocava de roupa... e à noite também... ele dormia de *chambre* [...]”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 35-46)

Ocorrências de CHARLES CHAPLIN²⁴

(1). “[...] eu adorava aqueles filmes do *Charles Chaplin* O gordo e o magro então eu morria de rir parecia uma debilóide na frente da televisão [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 657-660)

Ocorrência de CLÁUDIA CARDINALE²⁵

(1). “[...] a Sofia Loren a Doris Day que eu gostava dos fil/ gostava muito dos filmes dela... a *Cláudia Cardinale* também... agora a Elizabeth Taylor eu assisti dois filmes que eu dela que eu gostei do desempenho dela... ah e vi também com a Lisa a Lisa Minelli dois filmes inclusive o Cabaré antes de ser premiado eu tinha assistido [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 621-631)

Ocorrências de CLERGYMAN²⁶

(1). “[...] os religiosos estão deixando o hábito... né... e usando... de início... o *clergyman*... né? mas hoje eles botam sua camisinha esporte e... às vezes... uma cruzinha na lapela ou na gola da... da camisa esporte... isso quando colocam... né?”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 133-137)

Ocorrência de CLUBE DA AVENIDA GERAL

(1). “[*Inf.* 2- tinha... o o Cruz Vermelha era do Avenida sete... onde tem aquele clube... onde era o *clube da Avenida Geral*... ali o Cruz Vermelha fazia ali”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 406-407)

²³ Chambre é um roupão comprido utilizado, na maioria das vezes, quando se sai do banho.

²⁴ Charles Chaplin foi o mais famoso ator dos primeiros momentos do cinema hollywoodiano, e posteriormente um notável diretor. No Brasil é também conhecido como Carlitos (equivalente a Charlie), nome de um dos seus personagens mais conhecidos e de grande sucesso de meados do século XX.

²⁵ Nascida Claude Josephine Rose Cardinale de pais sicilianos na capital tunisiana, iniciou no cinema após ganhar um concurso de beleza em 1957. Seu primeiro filme foi *Goha* em (1958), neste mesmo ano ela fez um pequeno papel no sucesso internacional *I soliti ignoti*. No início, a sua carreira foi praticamente conduzida pelo produtor Franco Cristaldi. Nos anos 60 ela apareceu em muitos filmes italianos incluindo: *Il Gattopardo* (O leopardo, 1963) e *Rocco e i suoi fratelli* (Rocco e seus irmãos, 1963) de Luchino Visconti, *8½* de Federico Fellini e no épico de Sergio Leone *Once Upon a Time in the West* (Era uma vez no oeste, 1968).

²⁶ Clergyman é uma camisa clerical usada pelos religiosos antigamente.

Ocorrências de COLÉGIO DOS ANJOS

(1). “[...] quando MUIto pequeno... até estive no *Colégio dos Anjos* colégio de de:: que hoje nem existe mais o *Colégio dos Anjos*... era um colégio de freiras... mas aí muito pequeno por isso que até nem citei de de início [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 70-74)

Ocorrências de COLETEIRA(S)

(1). “*Inf. 1-* eu me lembro quando eu era... moci::nha... eu tive uma empreGAda... éh que ela atendia o telefone e dizia... ‘aqui é a casa da madame H... aí... eu fiz ver que não se dizia assim que que eu que eu não era madame H... e:: expliquei eu diSSE... ‘olha fulana você não:: não me chama da madame H... porque maDAME aqui no Brasil... é mais ou menos empregado no caso casa de madame... como se fosse uma casa de uma *coleteira* – não tenho nada contra ((rindo)) a classe de *coleteiras* prezo muito... mas enfim na ((pigarreu)) – fosse uma *coleteira* ((pigarreu duas vezes))... uma cabeleireira... que não é o caso... de uma:: residência particular então você não... não diga ‘casa de madame H. e não e nem me chame de madame – eu acho muito desagradável () você me chame dona H. não me chame de madame’... aí ela pôs a mão no quadril me olhou – eu nunca hei de me esquecer isso faz tantos anos... ‘por que que a senhora não quer que eu lhe dê madamia?’ mas

Inf. 2- madamia... delicioso

Inf. 1- é madamia

Inf. 2- que eu lhe dê madamia ((riram))”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 277-300)

Ocorrências de COMBINAÇÃO(ÕES)²⁷

(1). “[...] íntima era *combinações* bordadas... eh... de seda... seda natural ou... ou não... mas era todas bordadinhas e... vestido ve/ como era? transparente... ficava a *combinação* até aqui... ficava muito... e hoje em dia... não... é anágua ou nem anágua... sutiã... calcinha e olhe lá... porque as... as que não precisam usar sutiã... nem o sutiã usam [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 622-628)

Ocorrências de COMER

(1). “*Inf. 2-* também que aliás até algum... até o:: acho que o fim do século passado... éh mamãe sempre como:: contava que elas tinham umas amigas que eram sempre carinhosas eram umas velhinhas muito simpáticas então elas se vi/iam visitá-las... e almoçavam com elas e elas diziam ‘*comei* batatin::nha’...

Inf. 1- *comei?* ((riu))

Inf. 2- ‘*comei* batatinha’ quer dizer ofereciam as coisas assim... nessa nessa... nessa linguagem usavam ainda normalmente essa linguagem isso não é... começo do século não é?”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 262-272)

Ocorrência de COMPANHIA LINAS E RALFER

²⁷ Combinação era uma peça de roupa interior de senhora semelhante a um vestido curto muito utilizada no início do século XX.

(1). “*Inf. 2-* não senhora... teve as linhas lá debaixo... teve as linhas lá debaixo... foi da *Companhia Linas e Ralfer* foi quem primeiro botou bonde lá embaixo?”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 275-276)

Ocorrência de CONDUTOR

(1). “[...] o motorneiro... o bonde exigia o motorneiro... pra dirigir... exigia o *condutor* para fazer a cobrança... e o fiscal que fiscalizava a obra”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 616-618)

(2). “o motorneiro ficava na frente... e o *condutor* ia... ia pulando mesmo pelo estribo a fora”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 620-621)

Ocorrência de CONDUTOR ANTIGO

(1). “[...] eu conhecia... havia o *condutor antigo*... havia o fiscal... havia um inspetor... havia o maquinista... havia o foguista... tá ouvindo”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 224-225)

Ocorrência de CONDUTOR DE CARGA

(1). “[...] os outros quase todos só tinham motorneiro e *condutor*... não é? o *de carga*... que havia um... que era todo verde assim fechado... não é? esse era para transportes de bagagem mesmo e até móveis ele transportava... não é? enquanto o Taioba não transportava bagagem e tal... pequena... mas esses outros... que acabaram aliás muito depressa”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 626-632)

Ocorrência de CONSUELO DE CASTRO²⁸

(1). “*Inf. 1-* [...] agora outro dia estive aqui na minha casa me visitando uma autora teatral jovem que eu não conheço não conhecia e fiquei conhecendo pessoalmente... *Consuelo de Castro*... ela veio me trazer um... um caso especial que ela escreveu para a Globo [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 878-883)

Ocorrências de CRAUSE

(1). “*Inf. 2-* Também foi o governo Seabra que alargou que era rua estreitíssimas... bequinhos bequinhos que mal passava o bonde e a pessoa ficava bebendo junto a *Crause*... junto a *Crause* aí era estreitíssimo tinha um bar no café Amazonas... aí depois tinha as iguarias de Catirina que reunia o pessoal *Doc.-* O pessoal da época”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 557-560)

Ocorrências de CRUZ VERMELHA²⁹

(1). “*Doc.-* e como é que era o carnaval de antigamente?

²⁸ Consuelo de Castro é participante do movimento dos artistas pela Anistia e grandes autora do final da década de 60 e dos anos 70 dentro do ciclo da Dramaturgia.

²⁹ Cruz Vermelha era o préstito que desfilava nas ruas da cidade de Salvador no carnaval no ano de 1894.

Inf. 1- era muito bom nos clubes... tem os clubes mas eu não ia muito não

Inf. 2- ah... nos clubes? os clubes... os clubes

Inf. 1- Fantoches... *Cruz Vermelha* e Cavalheiros do Amor tinha?

Inf. - é tinha... tinha Baixada Africana etc... mas os principais era Fantoche e *Cruz vermelha*

Inf. 1- ainda existem... agora não se tem a possibilidade de (inint)

Inf. 2- no Fantoche... o Fantoche saia sempre coisas extraordinárias né? carros alegóricos lindos né?”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 382-388)

(2). “Inf. 2- [...] o que era o Fantoche o que era o *Cruz Vermelha* e os bailes do do Politeama era eram em peso... eram em peso... o carnaval predominava nesses clubes principalmente o Fantoche e o *Cruz vermelha*... cada qual que ia sair melhor... mais bem preparado... depois vinha o licença e progresso... mas o principal era o *Cruz Vermelha* e o Fantoche”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 397-400)

(3). “Inf. 2- tinha... o o *Cruz Vermelha* era do Avenida sete... onde tem aquele clube... onde era o clube do Avenida Geral... ali o *Cruz Vermelha* fazia ali.

Inf. 1- E tinha um as casas ali na esquina da *Cruz vermelha*”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 406-408)

Ocorrência de CRUZADOR³⁰

(1). “[...] fomos para o Nordeste... e o comboio era feito por caça minas... e por uma... um *cruzador*... *cruzador* esse que explodiu numa das viagens... numa... numa viagem cerca de dois anos depois... foi o *cruzador da Bahia*... ele bateu numa mina [...] não... ele não tinha passageiros... era um navio de guerra... navio de guerra”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 315-322)

Ocorrência de CRUZADOR DA BAHIA

(1). “[...] fomos para o Nordeste... e o comboio era feito por caça minas... e por uma... um *cruzador*... *cruzador* esse que explodiu numa das viagens... numa... numa viagem cerca de dois anos depois... foi o *cruzador da Bahia*... ele bateu numa mina [...] não... ele não tinha passageiros... era um navio de guerra... navio de guerra”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 315-322)

Ocorrência de CULOTE³¹

(1). “Doc.- e lembra se as calças eram especiais... tinham modelos especiais mesm...

Inf.- Creio que sim... elas eram... assim... bem... mais largas em cima... com... assim... uma espécie de *culote*... né?”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 154-158)

³⁰ O termo Cruzador começou a ser comum na marinha em meados do século XIX para designar um navio oceânico maior e mais armado que uma fragata. Na primeira década do século XX, praticamente todas as armadas tinham cruzadores que variavam dos pequenos cruzadores (classe Bahia) de escolta com canhões de 4 a 5 polegadas (100 a 127 mm) e deslocamento de 3000 toneladas a cruzadores de batalha com canhões de 12 a 15 polegadas (305 a 406 mm).

³¹ Culote é um pagão em malha com joelheira.

Ocorrências de (DA) (NA) TUPI³²

(1). “*Inf. 2-* eu estava *na Tupi* trabalhando como::... funcionária *da Tupi...* da rádio... Tupi... quando foi lançada a primeira... (primeira) televisão... de modo que eu vi nascer propriamente a a... televisão”. (D2– 333/SP/70 – linhas 24-27)

(2). “*Inf. 1-* naquela ocasião eu estava vendo uma novela *da Tupi...* ela disse... ‘escute uma coisa por favor me diga... a Maria morreu?...’”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 428-430)

Ocorrência de DA RÁDIO TUPI

(1). “*Inf. 2-* eu estava na Tupi trabalhando como::... funcionária da Tupi... *da rádio... Tupi...* quando foi lançada a primeira... (primeira) televisão... de modo que eu vi nascer propriamente a a... televisão”. (D2– 333/SP/70 – linhas 24-27)

Ocorrência de DEPOIS DE VELHA

(1). “[...] detesto provar roupa... ultimamente eu compro vestido pronto... porque agora... então... *depois de velha...* a... a preguiça aumentou... né? [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 7-9)

Ocorrência de DIABO A QUATRO

(1). “*Inf. 2* – [...] no dia seguinte estavam os tratores aqui... fazendo uma terraplanagem (risos) (tosse)... derrubando árvores... o *diabo a quatro* [...]”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 116-117)

Ocorrência de DOM QUIXOTE

(1). “*Inf. 1-* [...] ultimamente de coisas boas que eu tenho visto... ah::... deixa eu ver... eu (não)... quer dizer eu não poderia dizer assim a rigor porque muitos espetáculos me escaparam... um deles que eu gostei... mas que não é um espetáculo brasileiro... porque::... foi todo adaptado do... do musical... americano... foi o *Dom Quixote...* com a Bibi Ferreira”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 826-832)

Ocorrência de DORIS DAY³³

(1). “[...] a Sofia Loren a *Doris Day* que eu gostava dos fil/ gostava muito dos filmes dela... a Cláudia Cardinale também... agora a Elizabeth Taylor eu assisti dois filmes que eu dela

³² A Rádio Tupi do Rio de Janeiro foi fundada no dia 25 de setembro de 1935 pelas Emissoras e Diários Associados do Brasil de Assis Chateaubriand. Na década de 1940, a Rádio Tupi tinha um elenco com grandes nomes da música brasileira.

³³ Doris Mary Ann von Kappelhoff, conhecida como Doris Day, é uma cantora e atriz estadunidense das mais populares nas décadas de 50 e 60.

que eu gostei do desempenho dela... ah e vi também com a Lisa a Lisa Minelli dois filmes inclusive o Cabaré antes de ser premiado eu tinha assistido [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 634-641)

Ocorrências de EDU LOBO³⁴

(1). “*Inf. 1-* [...] vocês devem estar lembrados do sucesso... ah da interpretação dela de Ponteio... que fo/ do:: daquele menino

Inf. 2- Ponteio

Inf. 1- do::... como é que ele chama? do autor do Ponteio?

Inf. 2- Edu... *Edu Lobo* não é?

Inf. 1- *Edu Lobo*... *Edu Lobo*... que foi premiado num festival [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 561-568)

Ocorrências de ELETROLA³⁵

(1). “[...] é totalmente diferente... hoje em dia você não pode nem dizer mais que seja uma vitrola... uma *eletrola*... é um aparelho de som... né? nós aqui nem falamos de vitrola ou *eletrola*... dizemos os nossos aparelhos de som... que a falha disso aqui é que aqui não cabe... tem milhões de coisas... tem o gravador [...]”. (DID – 084/RJ/70 – linhas 711-716)

Ocorrências de ELIZETH CARDOSO³⁶

(1). “*Inf. 1-* [...] ahn compositores gostariam de... de ter acesso à televisão mas ela se fecha... na famosa muralha de mediocridade que agora é um pouco discutível... e não se abre mas:: nesse dia... eu estava aqui na minha sala... sintonizei para o canal quatro... um programa da::... *Elizeth Cardoso* – Brasil Som Setenta e Seis – eu gosto muito da *Elizeth Cardoso* [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 548-555)

Ocorrências de ENFESTE³⁷

(1). “[...] ah... antigamente o *enfeste*... o *enfeste*... quando as... o... os homens usavam as calças menos ajustadas... o *enfeste* era impecável... mas... uma vez que as calças são usadas mais justas... o *enfeste* vai desaparecendo... né... ou melhor... não fica tão marcado... embora a calça seja passada marcando o *enfeste*... raramente esse *enfeste* é pespontado... como para calça de senhoras né? [...]”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 133-137)

Ocorrência de ESTAÇÃO DOS BURROS

(1). “*Inf. 2-* [...] tinha a *estação dos burros*... dos animais e dizia que era um horror... então ali o bonde fazia a curva não é? e descia com dois ou três... com quatro saia com quatro e

³⁴ Eduardo de Góis Lobo, conhecido como Edu Lobo, nasceu no Rio de Janeiro em 29 de agosto de 1943, é um cantor, compositor, arranjador e instrumentista brasileiro que fez sucesso nos anos 60.

³⁵ Eletrola era o aparelho muito utilizado até a década de 80 com a função de tocar discos de vinil.

³⁶ Elizeth Moreira Cardoso foi uma cantora brasileira de grande sucesso que nasceu no Rio de Janeiro em 16 de julho de 1920 e morreu na mesma cidade em 7 de maio de 1990.

³⁷ Enfeste era um vinco feito na calça ao passá-la no ferro.

quando chegava na rua Chile... na casa de Eduardo Moraes né? aí tirava os burros”. (D2–298/SSA/70 – linhas 207-209)

Ocorrência de ESTHER DE FIGUEIREDO FERRAZ³⁸

(1). “[...] o Mackenzie não dá apoio pra ninguém pra nada lá dentro... ele gosta de receber os elogios... quando uma coisa dá certo... então aparece todo mundo... principalmente naquela época era:: a famosa *Esther de Figueiredo Ferraz* que era reitora... então ela::... aproveitava os frutos quando davam bons resultados mas ajuda::r... para que os frutos fossem::... colhidos... ajuda não se tinha nenhuma MUITO pelo contrário... se tinha empelinhos de toda e qualquer espécie”. (DID – 161/SP/70 – linhas 136-145)

Ocorrências de FANTOCHES³⁹

(1). “*Doc.*- e como é que era o carnaval de antigamente?

***Inf. 1-* era muito bom nos clubes... tem os clubes mas eu não ia muito não**

Inf. 2- ah... nos clubes? os clubes... os clubes

Inf. 1- *Fantoches*... Cruz Vermelha e Cavalheiros do Amor tinha?

Inf. 2- é tinha... tinha Baixada Africana etc... mas os principais era *Fantoche* e Cruz vermelha

Inf. 1- ainda existem... agora não se tem a possibilidade de (inint)

Inf. 2- no *Fantoche*... o *Fantoche* saia sempre coisas extraordinárias né? carros alegóricos lindos né?”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 382-388)

(2). “*Inf. 2-* [...] o que era o *Fantoche* o que era o Cruz Vermelha e os bailes do do Politeama era eram em peso... eram em peso... o carnaval predominava nesses clubes principalmente o *Fantoche* e o Cruz vermelha... cada qual que ia sair melhor... mais bem preparado... depois vinha o licença e progresso... mas o principal era o Cruz Vermelha e o *Fantoche*”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 397-400)

(3). “*Inf. 2-* [...] o *Fantoche* é de meu tempo... *Fantoche* é de meu tempo”. (D2– 298/SSA/70 – linha 411)

Ocorrências de FISCAL

(1). “[...] eu conhecia... havia o condutor antigo... havia o *fiscal*... havia um inspetor... havia o maquinista... havia o foguista... tá ouvindo”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 224-225)

(2). “[...] o motoneiro... o bonde exigia o motoneiro... pra dirigir... exigia o condutor para fazer a cobrança... e o *fiscal* que fiscalizava a obra”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 616-618)

Ocorrências de FLÁVIO

(1). “*Inf. 2-* você se lembra o caso do::

³⁸ Na década de 50, Esther de Figueiredo Ferraz se tornou a primeira professora do curso de direito da USP. Foi a primeira reitora da Universidade Mackenzie, primeira secretária da Educação de São Paulo e, em 1982, a primeira ministra do Brasil, assumindo a pasta da Educação no governo João Figueiredo (1979-1985).

³⁹ Fantoche era um préstito que desfilava nas ruas da cidade de Salvador no carnaval no ano de 1894.

Inf. 1- de programas... Mundo Cão não é?
Inf. 2- do Flávio
Inf. 1- é do Flávio Cavalcanti
Inf. 2- lembra-se do caso do Flávio... que que acabou...
Inf. 1- que por sinal agora... que por sinal agora
Inf. 2- acabou ()”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 1159-1167)

Ocorrências de FLÁVIO CAVALCANTI⁴⁰

(1). “[...] olha não gosto do Chacrinha porque acho que ele debocha muito da pessoa humana... apesar que todo mundo gosta mas eu não gosto eu acho que (a gente) tem que respeitar a pessoa humana... depois... eu gostava do *Flávio Cavalcanti* antigamente porque o programa dele era de alto nível mas de repente ele começou a se bobear... principalmente quando ele voltou da da viagem dele da Europa... o Jota Silvestre acho Fabuloso... acho que ele... prende a atenção da gente... ele é uma pessoa simpática agradável... comunicativa também e respeita o outro o próximo... o Moacir Franco também é apresentador eu gosto... dele... o Sílvio Santos também... mas (na) apesar de não assistir o programa dele... eu acho que é só que eu me lembre [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 371-387)

(2). “*Inf. 2-* você se lembra o caso do::

Inf. 1- de programas... Mundo Cão não é?

Inf. 2- do Flávio

Inf. 1- é do *Flávio Cavalcanti*

Inf. 2- lembra-se do caso do Flávio... que que acabou...

Inf. 1- que por sinal agora... que por sinal agora

Inf. 2- acabou ()

Inf. 1- em falando em *Flávio Cavalcanti* por sinal agora... é um novo contratado do Sílvio Santos... então

Inf. 2- é

Inf. 1- para nova emissora... ele levará... o *Flávio Cavalcanti* talvez com todas as suas desgraças também (que)... quem é que vai levar para o :: trono? é o canceroso? é o leproso?

Inf. 2- ahn ”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 1159-1174)

Ocorrência de FOGUISTA

(1). “[...] eu conhecia... havia o condutor antigo... havia o fiscal... havia um inspetor... havia o maquinista... havia o *foguista*... tá ouvindo”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 224-225)

Ocorrência de FORD-BIGODE⁴¹

(1). “[...] ainda encontrei... ainda encontrei aí fora uma série de carros... de automóveis daquele tipo bem antigo desse *Ford-bigode* que existe muito aí por fora”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 647-649)

⁴⁰ Flávio Antônio Barbosa Nogueira Cavalcanti nasceu no Rio de Janeiro em 15 de janeiro de 1923 e faleceu em São Paulo, em 16 de maio de 1986. Ele foi um jornalista, apresentador de rádio e TV brasileiro.

⁴¹ Ford-bigode foi um automóvel fabricado pela Ford na década de 60.

Ocorrências de *FOULARD(S)*⁴²

(1). “[...] porque... você vê... eles têm tanta coisa bonita... camisas lindas... *foulards*... *foulards*... não sei... que antigamente eles usavam... eu tinha amigos que jogavam tênis do Fluminense que usavam seu *foulard*... mas a gente sentia masculinidade... mas hoje em dia eles são tão... eu estou com a impressão que o homem hoje em dia está mais apurado do que a mulher... no vestir”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 457-462)

Ocorrência de GAGÁ

(1). “[...] você não sabe que tinha uma mulher aí na cidade que... que se pintava muito e a gente olhava pra ela e ela desatava em palavrão... e alguém gritava de longe... perua... pra quê? amanhã... se eu sair com um sapato vermelho e outro preto... vão pensar que eu estou *gagá*... que eu estou com esclerose ((risos))... não posso... isso eu não posso”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 770-774)

Ocorrência de GIANFRANCESCO GUARNIERI⁴³

(1). “[...] tudo é válido né?... muita coisa:: que:: foge a qualquer... como:: a peça de *Gianfrancesco Guarnieri*... um grito parado no ar... está fazendo muito sucesso... não sei... parece que ainda está em cartaz... creio que ainda não tenha saído ainda ((tossiu)) [...]”. (DID – 161/SP/70 – linhas 548-552)

Ocorrência de GIGOLÔ

(1). “[...] teve aquele *A moreninha* também aquele foi bom porque foi um filme que mostrou paisagem teve conteúdo... e::... cenas alegres cenas eh de dança de de amor... tudo... agora também teve aquele outro que eu vi (já) ah:: que eu assisti *Gigolô* também já já explorava o sexo e prostituição (tudo) [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 714-720)

Ocorrência de GINKANA DA MADRUGADA

(1). “[...] tivemos... o:: algum apoio da Folha de S. Paulo... e:: da:: *Jovem Pan*... naquela época tinha um programa chamá/ parece que *Ginkana da madrugada* não me recordo [...]”. (DID – 161/SP/70 – linhas 477-480)

Ocorrência de GOMA

⁴² *Foulards* eram camisas especiais de manga pólo utilizadas para jogar tênis antigamente.

⁴³ Gianfrancesco Sigfrido Benedetto Martinenghi de Guarnieri nasceu em Milão no dia 6 de agosto de 1934 e morreu em São Paulo em 22 de julho de 2006. Ele foi um ator, diretor, dramaturgo e poeta ítalo-brasileiro.

(1). “[...] quando havia quem fosse capaz de passar o colarinho e ficar impecável... mas isso foi desaparecendo... usavam *goma* e parafina... etc. um tecido... assim... muito **up-to-date**... (rindo)”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 354-357)

Ocorrências de GOVERNO (DE) SEABRA

(1). “*Inf. 1-* eu acho que foi depois de dois... depois do *governo de Seabra* que apareceram os bondes elétricos... não é assim?”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 273-274)

(2). “*Inf. 2-* também foi o *governo Seabra* que alargou que era rua estreitíssimas... bequinhos bequinhos que mal passava o bonde e a pessoa ficava bebendo junto a Crause... junto a Crause aí era estreitíssimo tinha um bar no café Amazonas... aí depois tinha as iguarias de Catirina que reunia o pessoal *Doc.-* o pessoal da época”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 557-560)

Ocorrências de GUINDE

(1). “*Inf. 2-* foi... os bondes grandes né? que viajavam ali pro Bonfim é verdade? se fosse isso depois ficavam lá embaixo e depois a circular o *Guinde*... depois que o *Guinde* fundou os bondes lá em cima... tomou a companhia lá embaixo... acabou foi aí que uniformizaram os antigos bondes?”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 278-280)

Ocorrências de IGREJA DO ESPÍRITO SANTO

(1). “[...] *a igreja do Espírito Santo*... uma igreja pequena... e do... lado ficava a catedral depois desmancharam *a igreja... do Espírito Santo*... pra fazer... então a Catedral [...]”. (DID – 06/POA/70 – linhas 392-396)

Ocorrência de JANET MC DONALD⁴⁴

(1).“*Inf. 1-* e... e A Moreninha ficou justamente naquele mu-si-CAL... naquela era dos musicais que eram tão gos/éh produziam coisas tão gostosa aquela era produziu... realmente ahn ahn você lembra daqueles filmes de *Janet Mc Do::nald* aquelas... lindos... e depois que cessou essa época agora estão voltando parece com a ópera rock também [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 791-797)

Ocorrência de JECE VALADÃO⁴⁵

(1). “[...] esse ano eu não acompanhei agora o... o:: ÚLTimo o priMEIro festival que houve há dois anos atrás eu acompanhei todinho... inclusive tinha filmes tinha aquele filme Um asilo muito louco com a:: Leila Diniz que EU trabalhando no São Pedro eu não consegui entender o filme trabalhando com pessoas debéis mentais eu não consegui entender o filme não consegui ver a mensagem que ele trazia... e:: inclusive achei muito estranho até muito gozado que o J/ o *Jece Valadão* está/ estava junto ele disse ‘mas que filme que eu não

⁴⁴ Janet Mc Donald foi uma grande referência no cinema internacional em meados do século XX.

⁴⁵ Jece Valadão, pseudônimo de Gecy Valadão, nasceu em Campos em 24 de julho de 1930 e faleceu em São Paulo, 27 de novembro de 2006. Ele foi um ator e diretor brasileiro.

entendo nada que filme' (esse quer dizer) o próprio artista estava ah ahm::... como é que vou dizer... depreciando o filme brasileiro [...]" (DID – 121/POA/70 – linhas 694-708)
Ocorrência de LEILA DINIZ⁴⁶

(1). “[...] esse ano eu não acompanhei agora o... o:: Último o priMEIro festival que houve há dois anos atrás eu acompanhei todinho... inclusive tinha filmes tinha aquele filme Um asilo muito louco com a:: *Leila Diniz* que EU trabalhando no São Pedro eu não consegui entender o filme trabalhando com pessoas debéis mentais eu não consegui entender o filme não consegui ver a mensagem que ele trazia... e:: inclusive achei muito estranho até muito gozado que o J/ o Jece Valadão está/ estava junto ele disse ‘mas que filme que eu não entendo nada que filme’ (esse quer dizer) o próprio artista estava ah ahm::... como é que vou dizer... depreciando o filme brasileiro [...]" (DID – 121/POA/70 – linhas 694-708)

Ocorrência de LEILAH ASSUNÇÃO⁴⁷

(1). “*Inf. I-* [...] atriz Irene Ravache que este ano... tirou o prêmio... da P.C.A.... de melhor atriz... tirou o prêmio... da P.C.A de melhor atriz de televisão... e tirou o Molière agora... essa:: atriz revelou-se realmente neste ano... fazendo um papel duma::... parece que (era) Amélia Batalha... é um texto de *Leilah Assunção*... bastante discutível [...]” (D2 – 333/SP/70 – linhas 848-854)

Ocorrência de LOCOMOTIVA À LENHA A CARVÃO A DIESEL PORTANTO A ÓLEO E A ELÉTRICA

(1). “bom... eu conheci *locomoti/ locomotiva... à lenha... tá ouvindo? A carvão... a diesel... portanto a óleo... e a elétrica*” (DID – 112/RJ/70 – linhas 224-225)

Ocorrência de LOCOMOTIVA PUXADA A CARVÃO

(1). “[...] esse trem era aquele trem de madeira... está ouvindo? E *locomotiva puxada a carvão*... então um bocadão de fa/ faísca caindo em cima da gente... e poeira à vontade durante... durante a viagem toda [...]” (DID – 112/RJ/70 – linhas 16-19)

Ocorrências de MADAME

(1). “*Inf. I-* eu me lembro quando eu era... moci::nha... eu tive uma empreGAda... éh que ela atendia o telefone e dizia... ‘aqui é a casa da *madame H*... aí... eu fiz ver que não se dizia assim que que que eu que eu não era *madame H*... e:: expliquei eu diSSE... ‘olha fulana você não:: não me chama da *madame H*... porque *maDAME* aqui no Brasil... é mais ou menos empregado no caso casa de *madame*... como se fosse uma casa de uma coleteira – não tenho nada contra ((rindo)) a classe de coleteiras prezo muito... mas enfim na

⁴⁶ Leila Roque Diniz foi uma atriz brasileira que nasceu em Niterói no dia 25 de março de 1945. Foi uma mulher à frente de seu tempo, ousada e que detestava convenções. Foi invejada e criticada pela sociedade machista das décadas de 1960 e 1970. Ela morreu no desastre de um avião no dia 14 de julho de 1972, aos 27 anos, no auge da fama, quando voltava de uma viagem a Austrália.

⁴⁷ Leilah Assunção é uma escritora e autora de peças teatrais de sucesso da década de 70.

((pigarreou)) – fosse uma coleteira ((pigarreou duas vezes))... uma cabeleireira... que não é o caso... de uma:: residência particular então você não... não diga ‘casa de madame H. e não e nem me chame de madame – eu acho muito desagradável () você me chame dona H. não me chame de *madame*’... aí ela pôs a mão no quadril me olhou – eu nunca hei de me esquecer isso faz tantos anos... ‘por que que a senhora não quer que eu lhe dê *madamia*?’ mas

Inf. 2- *madamia*... delicioso

Inf. 1- é *madamia*

Inf. 2- que eu lhe dê *madamia* ((riram))”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 277-300)

Ocorrências de MADAMIA

(1). “*Inf. 1-* eu me lembro quando eu era... *moci::nha*... eu tive uma empreGAda... éh que ela atendia o telefone e dizia... ‘aqui é a casa da madame H.... aí... eu fiz ver que não se dizia assim que que eu que eu não era madame H... e:: expliquei eu diSSE... ‘olha fulana você não:: não me chama da madame H... porque maDAME aqui no Brasil... é mais ou menos empregado no caso casa de madame... como se fosse uma casa de uma coleteira – não tenho nada contra ((rindo)) a classe de coleteiras prezo muito... mas enfim na ((pigarreou)) – fosse uma coleteira ((pigarreou duas vezes))... uma cabeleireira... que não é o caso... de uma:: residência particular então você não... não diga ‘casa de madame H. e não e nem me chame de madame – eu acho muito desagradável () você me chame dona H. não me chame de madame’... aí ela pôs a mão no quadril me olhou – eu nunca hei de me esquecer isso faz tantos anos... ‘por que que a senhora não quer que eu lhe dê *madamia*?’ mas

Inf. 2- *madamia*... delicioso

Inf. 1- é *madamia*

Inf. 2- que eu lhe dê *madamia* ((riram))”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 277-300)

Ocorrência de MANCADA

(1). “[...] eu:: já vi muita peça de teatro... em que:: a técnica deu muita *mancada*... fez cair chuva em hora que devia aparecer sol... deu tiro quando o camarada puxou faca... e nem por isso o espetáculo perdeu... o seu conteúdo [...]”. (DID – 161/SP/70 – linhas 335-339)

Ocorrência de MAQUINISTA

(1). “[...] eu conhecia... havia o condutor antigo... havia o fiscal... havia um inspetor... havia o *maquinista*... havia o foguista... tá ouvindo”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 224-225)

Ocorrências de MARÍLIA MEDALHA⁴⁸

(1). “*Inf. 1-* [...] ahn compositores gostariam de... de ter acesso à televisão mas ela se fecha... na famosa muralha de mediocridade que agora é um pouco discutível... e não se abre mas:: nesse dia... eu estava aqui na minha sala... sintonizei para o canal quatro... um programa da::... Elizeth Cardoso – Brasil Som Setenta e Seis – eu gosto muito da Elizeth

⁴⁸ Marília Medalha foi uma cantora de grande sucesso da década de 60.

Cardoso -- ... e daí a pouco quem eu vejo *Marília Medalha*... cantan::do... umas músicas lin::das... e com uma presen::ça extraordinária... eu acho::... a *Marília Medalha* uma das nossas atrizes MAIS significativas”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 548-559)

Ocorrência de MERETRÍCIO⁴⁹

(1). “*Inf. 2- [...] já subia na rua de Baixo*

Inf. 1- Rua de Baixo é...

Inf. 2- Rua de Baixo que hoje é a rua Carlos Gomes e que era estreita também... que era estreitíssima.

Inf.1-* e que um argumento terrível porque uma parte é usada pelo *meretrício né?

Inf. 2- justo

Inf. 1- uma parte era a rua de Baixo

Inf. 2- era... era a rua de Baixo

Inf. 1 - decadência”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 213-220)

Ocorrência de MIRRÉIS⁵⁰

(1).“*Inf. 2- [...] não fiz terceiro ano de ginásio porque não podia continuar... não havia capital pra isso... então não sei como arranjar os cinquenta mirréis para me matricular no primeiro ano... me matriculei e passei... passei no segundo também... passei que era cinquenta mirréis a matrícula*”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 43-45)

Ocorrência de MOROSA

(1). “[...] olha eu... eu... conheci... o trem daqui... de bitola larga... o trem do Nordeste... de bitola estreita... está ouvindo? de tanta velocidade que nas curvas era melhor a gente saltar e: empurrar o trem ((riso))... bom isso é... um pouquinho de ironia mas o fato era esse mesmo... quando nós saíamos de Pernambuco para o interior... em determinados trechos... fazíamos verdadeira agonia... a: a velocidade do trem... não dá... não puxa... porque o trem é a lenha... anh? e não... não tem força suficiente... de sorte que fica... uma coisa muito *morosa*... uma viagem que pode ser feita talvez em quatro horas... a gente acaba em nove dez horas é muito *morosa* [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 84-94)

Ocorrências de MOTORNEIRO⁵¹

(1). “[...] o *motorneiro*... o bonde exigia o *motorneiro*... pra dirigir... exigia o condutor para fazer a cobrança... e o fiscal que fiscalizava a obra”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 616-618)

(2). “[...] o *motorneiro* ficava na frente... e o condutor ia... ia pulando mesmo pelo estribo a fora [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 620-621)

⁴⁹ Meretrício era o local onde ficavam as mulheres que praticavam ato sexual por dinheiro.

⁵⁰ Mirréis era uma variação de “mil réis” que é o plural da unidade monetária do Brasil denominada também real, utilizada desde o período colonial até o advento do cruzeiro em 1942.

⁵¹ Motorneiro era o termo utilizado para designar o condutor de bonde elétrico.

(3). “[...] os outros quase todos só tinham *motorneiro* e condutor... não é? o de carga... que havia um... que era todo verde assim fechado... não é? esse era para transportes de bagagem mesmo e até móveis ele transportava... não é? enquanto o Taioba não transportava bagagem e tal... pequena... mas esses outros... que acabaram aliás muito depressa”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 626-632)

Ocorrência de MUNDO CÃO⁵²

(1). “*Inf. 2*- você se lembra o caso do::

Inf. 1- de programas... *Mundo Cão* não é?

Inf. 2- do Flávio

Inf. 1- é do Flávio Cavalcanti”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 1159-1163)

Ocorrência de NAVIO CARGUEIRO

(1). “[...] muito por alto... não é? muito por alto... o navio de passageiros... o *navio cargueiro*... navio petroleiro... esses eu... sei mais ou menos assim... mas mais nada”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 297-299)

Ocorrências de NAVIO DE GUERRA

(1). “[...] fomos para o Nordeste... e o comboio era feito por caça minas... e por uma... um cruzador... cruzador esse que explodiu numa das viagens... numa... numa viagem cerca de dois anos depois... foi o cruzador da Bahia... ele bateu numa mina [...] não... ele não tinha passageiros... era um *navio de guerra*... *navio de guerra*”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 315-322)

Ocorrência de NAVIO DE PASSAGEIROS

(1). “[...] muito por alto... não é? muito por alto... o *navio de passageiros*... o navio cargueiro... navio petroleiro... esses eu... sei mais ou menos assim... mas mais nada”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 297-299)

Ocorrência de NAVIO PETROLEIRO

(1). “[...] muito por alto... não é? muito por alto... o navio de passageiros... o navio cargueiro... *navio petroleiro*... esses eu... sei mais ou menos assim... mas mais nada”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 297-299)

Ocorrências de O BEM AMADO⁵³

⁵² Mundo Cão era um programa televisivo que abordava as injustiças e a violência do mundo.

⁵³ O Bem Amado foi uma telenovela escrita por Dias Gomes, levada ao ar de janeiro a outubro de 1973 pela Rede Globo de Televisão, às 22 horas, com direção de Régis Cardoso e supervisão de Daniel Filho.

(1). “*Inf. 1*– mas você sabe que a eu me lembro quando o:: o o chanceler Gibson Barbosa era nosso... Ministro das Relações Exteriores não é?... é eu estive com ele em Brasília... ((tosse)) então se dizia lá que ele... ah:: na na hora em que ia para o ar *O Bem Amado*... ele se trancava no:: gabinete dele... e dizia que ele tinha despachos urgentes... e ficava lá trancado... então eu pensava – eu chegava aqui em casa a minha cozinheira não perdia *O Bem Amado* não é? - ... então eu dizia ‘mas é uma coisa estranha... neste Brasil inteiro neste país continente neste exato momento... naquela hora – parece que não sei se era oi/dez da noite – dez da noite... o:: as criaturas mais diversas as faixas sociais mais diversas... estão presas a esse... esse enredo essa história que se processa’”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 447-461)

Ocorrência de O DIABO PERDEU AS PRECATA E NUNCA MAIS VORTOU PA BUSCÁ

(1). “*Inf. 2* - [...] os homens locais que moram no último resquício de civilização dizem que aqueles lugares pra lá do São Francisco ou próximo... é o... lugar onde ‘*o diabo perdeu as precata e nunca mais vortou pa buscá*’”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 1660-1662)

Ocorrência de O GORDO E O MAGRO⁵⁴

(1). “[...] eu adorava aqueles filmes do Charles Chaplin *O gordo e o magro* então eu morria de rir parecia uma debilóide na frente da televisão [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 657-660)

Ocorrência de O GOVERNO SEABRA

(1). “*Inf. 2* - Ooo porque da cidade eu não quero nem lembrar... quando eu vim para aí eu em 1901... 4 de maio... trás do muro das freiras... que era estreitíssimo mal passava... passava as duas linhas de bonde... bonde porém tão junto ao muro que não podia parar nem nada... tinha que ir correndo... daí melhorou com *o governo Seabra*... foi que então recuou o muro e passou o muro das freiras... por trás do muro das freiras pra entrar essa rua larga a avenida Joana Angélica e o Seabra também prometeu recuar a parte de Santa Clara que também era estreitíssima mal passava uma carroça”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 26-31)

Ocorrência de O INSPETOR

(1). “[...] a terceira peça... foi a que eu mais gostei na qual... eu::... sei lá me entrosei realMENTe entende? me senti bem no:: no papel que me foi conferido e tudo... fo::i *O () inspetor* de J.B. () que inclusive foi apresentado... há pouco tempo atrás ((riu)) pela Rede Globo... que avacalhou por sinal com a peça... modernizaram dema::is colocaram coisas que estavam fo::rãs... mas completamente fora da da do TEMA... mudaram o enredo do:: do escritor... quer dizer avacalharam... avacalharam completamente a peça [...]”. (DID – 161/SP/70 – linhas 40-45)

Ocorrências de (O) SEABRA

⁵⁴ O Gordo e o magro era um filme americano de muito sucesso na década de 70.

(1). “*Inf. 2-* ooo porque da cidade eu não quero nem lembrar... quando eu vim para aí eu em 1901... 4 de maio... trás do muro das freiras... que era estreitíssimo mal passava... passava as duas linhas de bonde... bonde porém tão junto ao muro que não podia parar nem nada... tinha que ir correndo... daí melhorou com o governo Seabra... foi que então recuou o muro e passou o muro das freiras... por trás do muro das freiras pra entrar essa rua larga a avenida Joana Angélica e o *Seabra* também prometeu recuar a parte de Santa Clara que também era estreitíssima mal passava uma carroça”. (D2 – 298/SSA/70 – linhas 26-31)

(2).“*Inf. 2-* aquela capelinha na Piedade... São Pedro da Piedade... mas o que era aquilo ali... era nada... ruas estreitas... mas também se não fosse *Seabra* não tínhamos o que tivemos porque também o Magalhães fez muita coisa mas o *Seabra* também”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 153-155)

(3). “*Inf. 2-* também foi o governo Seabra que alargou que era rua estreitíssimas... bequinhos bequinhos que mal passava o bonde e a pessoa ficava bebendo junto a Crause... junto a Crause aí era estreitíssimo tinha um bar no café Amazonas... aí depois tinha as iguarias de Catirina que reunia o pessoal

Doc.- o pessoal da época

Inf. 2- é os professores... tudo iam pro Catirina... era no Catirina... o que recebia... o que apresentava... mas tudo a respeito do ensino... *Seabra* fez tudo aquilo?”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 557-562)

Ocorrências de ORFEU DO CARNAVAL

(1). “*Inf. 2-* um belo filme foi *Orfeu do Carnaval*

Inf. 1- foi... mas esse já é antigo e foi uma co-produção não é?”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 679-680)

(2). “*Inf. 1-* com o Camus que seria até parente de Albert Camus não é? que era o... o o... diretor do do *Orfeu do Carnaval*... agora você vê não teve seqüência... depois então houve um hiAto grande... com más produçõ::es... e agora... eu acho () éh éh estamos vendo... a tentativa de um cinema... mais... expressivo do que seja... do Brasil... eu tenho confiança nesse cinema”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 690-697)

(3). “[...] o *Orfeu do Carnaval* eu eu não:: estou bem lembrada da data... mas me parece que foi num momento... em que cessando a guerra... a última guerra... o::... a platéia do mundo todo se mostrou... MUIto enfasiada da receita de Hollywood”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 703-707)

(4). “*Inf. 1-* [...] o nosso grande poetinha... Vinícius de Moraes não é? que foi o autor do roteiro... e que engendrou aquela idéia tão linda do *Orfeu do Carnaval* [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 703-707)

Ocorrência de PALMATÓRIA

(1). “[...] o: senhor Ministério da Educação não permite... não é?... que se to:que na criança... quando eu levei MUIto bolo... muito bolo... né? de *palmatória*... mu:itas vezes fiquei de joelho horas seguidas... e NEM por isso fiquei traumatizado... nem por isso eu fiquei traumatizado não sou doido... não é?... graças a Deus [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 349-353)

Ocorrência de PARAFINA

(1). “[...] quando havia quem fosse capaz de passar o colarinho e ficar impecável... mas isso foi desaparecendo... usavam goma e *parafina*... etc. um tecido.. assim... muito **up-to-date**... (rindo)”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 354-357)

Ocorrências de PEITILHO⁵⁵

(1). “[...] essa parte da frente... esse *peitilho*... vamos dizer... era pregueado... ou então de fustão e... se nós voltarmos ao século passado... teríamos cola... ah... como é que chama? o que foi que eu falei? – o *peitilho* era bordado... com rendinhas... fitinhas (risos)”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 365-370)

Ocorrência de POLAINAS⁵⁶

(1). “*Doc.*- Hum... e o... pros pés... usavam alguma coisa (inint)
Inf.- U... usavam antigamente *polainas*”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 159-161)

Ocorrências de PONTEIO

(1). “*Inf. 1*- [...] eu acho::... a Marília Medalha uma das nossas atrizes MAIS significativas... e ela está se dedicando muito à música popular e SEMpre – creio – sempre na carreira dela ela se dedicou à nossa música... vocês devem estar lembrados do sucesso... ah da interpretação dela de *Ponteio*... que fo/ do:: daquele menino

Inf. 2- *Ponteio*

Inf. 1- do::... como é que ele chama? do autor do *Ponteio*?

Inf. 2- Edu... Edu Lobo não é?”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 548-566)

(2). “*Inf. 2*- o Buarque...

Inf. 1- Chico Buarque

Inf. 2- o o Buarque queriam dar... o prêmio para ele... e ele brigou e disse

Inf. 1- ahn

Inf. 2- que não aceitaria... não isso não é fofoca de:: de bastidor mas eu:: () você é autêntica... e ele se negou ele disse que NÃO receberia se não fosse... o::... se não recebesse TAMbém o *Ponteio*

Inf. 1- o *Ponteio*

Inf. 2- e:: e:: e *Ponteio* é uma música maravilhosa”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 573-583)

Ocorrência de PORTE-MONNAIE

(1). “[...] ah... no paletó se usava dois bolsos externos... na altura da cintura... vamos dizer... e um bolso à esquerda... menor... mais pra cima... e... na parte interna... eu penso que eram três bolsos: na altura do peito... dos dois lados... não é... e um à esquerda... creio eu (rindo) do lado de dentro... onde os homens colocavam o *porte-monnaie*... né?”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 476-482)

Ocorrência de PRAÇA DA ALEGRIA⁵⁷

⁵⁵ Peitilho é a peça ou parte do vestuário que cobre ou reveste o peito.

⁵⁶ Polaina é a peça do vestuário que protege a parte inferior da perna e superior do pé.

(1). “[...] olha atualmente eu acho que estão abaixo da crítica os programas humorísticos antigamente eu assistia aquele *Praça da alegria* o Golias as:: hoje não tem programa bom... ahn:: tem um... por exemplo... o:: hoje tem s::... (como se como é)... tem o Caça não... eh... Balança mas não cai mas são... piadas tão bestas [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 247-254)

Ocorrência de QUE O TEMPO NÃO APAGA⁵⁸

(1). “[...] a a fábrica a Algemas de ouro... m/mas tanta tanta () tu sabe que quando é pra dizer os nomes assim fulano trabalhou em tal no/ novela eu não consigo... dizer porque foram porque eu me es/ esqueço o nome das novelas de tantas que eu assisti... mas a/ () hm mais atual... é a fábrica a Al/ aAlgemas de ouro... hm... *Que o tempo não apaga* que foi a... última que eu assisti... depois Selva de Pedra... acho que as que eu me lembro são essas... as... mais recentes [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 465-475)

Ocorrências de RADIOLA

(1). “[...] aparelhos elétricos: *radiola*... normalmente a gente encontra... e televisor... você encontra... se fosse na minha casa... por exemplo... você encontraria televisor... *radiola* [...]”. (DID – 173/SSA/70 – linhas 558-561)

(2). “[...] eu tô esperando... possuí os bens primeiros e: sentar aqui um dia e imaginar se: eu morasse... e fosse utilizar... éh esse: essa *radiola* tudo isso como é que eu gostaria que ela ficasse... onde é que eu utilizaria tal ou qual objeto [...]”. (DID – 004/RE/70 – linhas 503-506)

Ocorrência de RAFINÉE

(1). “[...] uma babá que nós tínhamos aqui... que morreu agora... que era um amor de pessoa... disse... dona L... que ela era muito mais *rafinée* do que eu...muito mais... você pensa que ela ia deixar eu sair assim? jamais [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 845-849)

Ocorrências de RAINHA DIABA⁵⁹

(1). “*Inf. 1-* olha o cinema na/ o atu/ o atual brasileiro eu tenho visto muito pouco... eu vi:: o ano passado o filme que me deixou MUIto impressionada... porque esse filme... aliás vi dois filmes... nacionais ((batidas de hora de relógio))

Inf. 2- Rainha Diaba

⁵⁷ A Praça da Alegria surgiu em 1957, na TV Paulista (atual TV Globo). O criador da atração, Manoel da Nóbrega, foi inspirado após uma viagem a Buenos Aires.

⁵⁸ Que o tempo não apaga foi uma telenovela exibida na TV Record nos anos 70.

⁵⁹ Rainha Diaba foi um filme dirigido por Antônio Carlos Fontoura (Gatão de Meia Idade) e com Milton Gonçalves, Stepan Nercessian, Odete Lara e Néelson Xavier no elenco que foi lançado em 1971.

Inf.1- é Rainha DiAba... que me pareceu assim cem por cento nacional... sem nenhuma influência... de daqueles:: filmes... de gangsters americanos né? que era um marginal bem NO::sso aquele marginal ((rindo)) pobre triste com as... peculiaridades Nossas do submundo nosso... e aquele tirado da... do Marques Rebelo A Estrela Sobe... que eu também achei magnífico [...]". (D2 – 333/SP/70 – linhas 627-640)

(2). *"Inf. 1- A Estrela Sobe... com artista de televisão... quase todos eles... e a maior parte deles caso da Rainha Diaba... enfim... éh éh... eu vejo a Telenovela... como um verdadeiro laboratório posto no ar [...]"*. (D2 – 333/SP/70 – linhas 928-932)

Ocorrências de RECEPTOR⁶⁰

(1). *"Inf. 1- [...] houve uma época na minha vida que a literatura:: me fazia prestar muita atenção... e eu queria uma fuga... então a minha fuga... era me deitar na cama... ligar o:: receptor e ficar vendo... ficar vendo [...]"*. (D2 – 333/SP/70 – linhas 13-16)

Ocorrência de RIO MOJI GUAÇU

(1). *"Inf. 1- [...] num grande trecho do Globo Repórter de ontem foi terça-feira... enfocava o problema da poluição das águas... e da MORte ou do deCREto da morte do rio Mo/Moji Guaçu"*. (D2 – 333/SP/70 – linhas 1028-1031)

Ocorrências de RUA CONSELHEIRO ALMEIDA COUTO

(1).*"Inf. 2. [...] a Avenida Joana Angélica ainda era a Rua Conselheiro Almeida Couto... quando eu vim pra qui era Rua Conselheiro Almeida Couto e ficou depois de muito tempo é que mudaram para a Avenida Joana Angélica"*. (D2– 298/SSA/70 – linhas 32-34)

Ocorrências de RUA DE BAIXO

(1). ***"Inf. 2- [...] já subia na rua de Baixo***

Inf. 1- Rua de Baixo é a Rua Barreto

Inf. 2- Rua de Baixo que hoje é a rua Carlos Gomes e que era estreita também... que era estreitíssima.

Inf.1- e que um argumento terrível porque uma parte é usada pelo meretrício né?

Inf. 2- justo

Inf. 1- uma parte era a rua de Baixo

Inf. 2- era... era a rua de Baixo

Inf. 1 - decadência". (D2– 298/SSA/70 – linhas 213-220)

Ocorrências de SABATINA(S)

⁶⁰ Receptor era o termo usado antigamente para referir-se à televisão.

(1). “bom agora eu não estou muito a par de como era mas nós tínhamos as nossas *sabatinas*... avaliavam por *sabatina*... nós tínhamos as aulas e depois tínhamos *sabatinas*... e essas *sabatinas*... naturalmente:... com GRAU... e esse grau é que iam nos avaliando... a avaliação era feita através de *Sabatinas*... essas *sabatinas* às vezes eram... *sabatinas* escritas *sabatinas* orais... e de modo que então... aí é que se avaliava... o aproveitamento do aluno... me parece que:... era só esta maneira... de se avaliar... o aproveitamento... do aluno durante... o ano letivo... e nós fazíamos *sabatinas* SEmpre... de todas a:: as matérias dadas”. (DID – 06/POA/70 – linhas 570-584)

Ocorrência de SELVA DE PEDRA⁶¹

(1). “[...] a A fábrica a Algemas de ouro... m/mas tanta tanta () tu sabe que quando é pra dizer os nomes assim fulano trabalhou em tal no/ novela eu não consigo... dizer porque foram porque eu me es/ esqueço o nome das novelas de tantas que eu assisti... mas a/ () hm mais atual... é A fábrica a Al/ aAlgemas de ouro... hm... que o tempo não apaga que foi a... última que eu assisti... depois *Selva de Pedra*... acho que as que eu me lembro são essas... as... mais recentes [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 465-475)

Ocorrências de SENHOR CRUZ

(1). “*Inf. 1- lá tinha vigário... se lembra?*”

Inf. 2- Vigário o senhor Cruz

Inf. 1- é o senhor Gonçalves da Silva que era também político e foi presidente da Câmara Municipal por muito tempo não é verdade?

Inf. 2- é senhor Cruz... o saudosa memória... não fazia mal a ninguém... não fazia mal a ninguém”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 329-333)

Ocorrência de SENHOR GONÇALVES DA SILVA

(1). “*Inf. 1- lá tinha vigário... se lembra?*”

Inf. 2- Vigário o senhor Cruz

Inf. 1- é o senhor Gonçalves da Silva que era também político e foi presidente da Câmara Municipal por muito tempo não é verdade?

Inf. 2- é senhor Cruz... o saudosa memória... não fazia mal a ninguém... não fazia mal a ninguém”. (D2– 298/SSA/70 – linhas 329-333)

Ocorrências de SOFIA LOREN

⁶¹ Selva de Pedra foi uma telenovela brasileira produzida e exibida pela Rede Globo entre abril de 1972 e janeiro de 1973. Foi escrita por Janete Clair e dirigida por Daniel Filho, Walter Avancini, Milton Gonçalves e Reynaldo Boury e produzida em preto-e-branco. Entre fevereiro e agosto de 1986, uma versão atualizada da história foi exibida na TV Globo, escrita por Regina Braga e Eloy Araújo.

(1). “[...] eu não presto muita atenção ao diretor... e artista de:... atualmente eu tenho assim como homem mas não assim o traBAIho que eles fazem mais o Tipo deles... tem o Yves Montand o Jean Paul Belmondo o:: Richard Burton que eu também acho que o trabalho dele em certos filmes que eu assisti foram muito bom... o::... Marcelo Mastroiani... aquele italiano Lando Busanca aquele que sempre faz o papel de:... de homem das mil mulheres... de mulheres eu tenho a *Sofia Loren*... mais pelo tipo dela não sei (se porque eu) acho que peguei desde adolescente trazendo isso a *Sofia Loren* a Doris Day que eu gostava dos fil/gostava muito dos filmes dela [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 621-635)

Ocorrências de TAIOBA

(1). “[...] naquele tempo... nós íamos... já havia o bonde... que eles chamavam... de primeira... não é? havia o Caradura... havia um que eles chamavam... de *Taioba* [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 597-599)

(2). “[...] os outros quase todos só tinham motorneiro e condutor... não é? o de carga... que havia um... que era todo verde assim fechado... não é? esse era para transportes de bagagem mesmo e até móveis ele transportava... não é? enquanto o *Taioba* não transportava bagagem e tal... pequena... mas esses outros... que acabaram aliás muito depressa”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 626-632)

Ocorrência de TREM A LENHA

(1). “[...] olha eu... eu... conheci... o trem daqui... de bitola larga... o trem do Nordeste... de bitola estreita... está ouvindo? de tanta velocidade que nas curvas era melhor a gente saltar e: empurrar o trem ((riso))... bom isso é... um pouquinho de ironia mas o fato era esse mesmo... quando nós saíamos de Pernambuco para o interior... em determinados trechos... fazíamos verdadeira agonia... a: a velocidade do trem... não dá... não puxa... porque o *trem* é *a lenha*... anh? e não... não tem força suficiente... de sorte que fica... uma coisa muito morosa... uma viagem que pode ser feita talvez em quatro horas... a gente acaba em nove dez horas [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 84-94)

Ocorrência de TREM DE BITOLA ESTREITA

(1). “[...] olha eu... eu... conheci... o trem daqui... de bitola larga... o *trem* do Nordeste... *de bitola estreita*... está ouvindo? de tanta velocidade que nas curvas era melhor a gente saltar e: empurrar o trem ((riso))... bom isso é... um pouquinho de ironia mas o fato era esse mesmo [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 84-88)

Ocorrência de TREM DE BITOLA LARGA

(1). “[...] olha eu... eu... conheci... o *trem* daqui... *de bitola larga*... o trem do Nordeste... de bitola estreita... está ouvindo? de tanta velocidade que nas curvas era melhor a gente saltar e: empurrar o trem ((riso))... bom isso é... um pouquinho de ironia mas o fato era esse mesmo [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 84-88)

Ocorrência de TREM DE CARREIRA

(1). “[...] eu viajava num... pra pra uma manobra no estado de São Paulo e... por coincidência... viajei no *trem de carreira* porque a escola tinha fretado [...]”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 142-145)

Ocorrência de TREM DE MADEIRA

(1). “[...] esse trem era aquele *trem de madeira*... está ouvindo? e locomotiva puxada a carvão... então um bocado de fa/ faísca caindo em cima da gente... e poeira à vontade durante... durante a viagem toda”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 16-19)

Ocorrência de TREM MUITO MOROSO

(1). “[...] ora... bancos péssimos... todos bancos de madeira... bem duros... está ouvindo? e o: ‘restaurant’ bem fraco... e o *trem muito moroso*”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 27-29)

Ocorrência de TREM PRA TRANSPORTE PRA GADO

(1). “*Doc.*- ah... e outros tipos de trem desse de transporte assim... qual outro tipo? *Inf.*- *trem pra transporte pra gado* de antigamente[...]”. (DID – 112/RJ/70 – linha 99)

Ocorrência de UM ASILO MUITO LOUCO⁶²

(1). “[...] esse ano eu não acompanhei agora o... o:: ÚLTimo o priMEIro festival que houve há dois anos atrás eu acompanhei todinho... inclusive tinha filmes tinha aquele filme *Um asilo muito louco* com a:: Leila Diniz que EU trabalhando no São Pedro eu não consegui entender o filme trabalhando com pessoas debéis mentais eu não consegui entender o filme não consegui ver a mensagem que ele trazia [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 694-703)

Ocorrência de UP-TO-DATE

(1). “[...] quando havia quem fosse capaz de passar o colarinho e ficar impecável... mas isso foi desaparecendo... usavam goma e parafina... etc... um tecido... assim... muito *up-to-date*... (rindo)”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 354-357)

Ocorrência de VITROLA⁶³

(1). “[...] é totalmente diferente... hoje em dia você não pode nem dizer mais que seja uma *vitrola*... uma eletrola... é um aparelho de som... né? nós aqui nem falamos de *vitrola* ou eletrola... dizemos os nossos aparelhos de som... que a falha disso aqui é que aqui não cabe... tem milhões de coisas... tem o gravador [...]”. (DID – 084/RJ/70 – linhas 711-716)

⁶² Um asilo muito louco foi um filme de grande sucesso lançado nos anos 60.

⁶³ Vitrola era o aparelho muito utilizado até a década de 80 com a função de tocar discos de vinil.

LISTAGEM DOS ITENS LEXICAIS EM SEUS CONTEXTOS DE OCORRÊNCIA QUE DENOTAM REFERÊNCIAS ANTIGAS COM RELAÇÃO AO TEMPO ATUAL

Ocorrências de A MURALHA⁶⁴

(1). “*Inf. 2-* vamos esperar *A Muralha* não

Inf. 1- agora vamos ver se vai sair

Inf. 2- se Deus quiser

Inf. 1- *A Muralha* né?

Inf. 2- é

Inf. 1- vamos ver há tanto tempo prometida”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 645-650)

(2). “*Inf. 2-* [...] esperanças de levar agora *A Muralha*

Inf. 1- mas agora estão dizendo que estão passando aí um filme muito bom *O Predileto* não é?... você ouviu falar?”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 652-655)

Ocorrências de A ROSA COM AMOR⁶⁵

(1). “[...] assisto *A rosa com amor* e agora:: *Mulheres de areia*”. (DID – 121/POA/70 – linhas 415-416)

(2). “[...] ess? *A rosa com amor* por exemplo tem uma mensagem... ahn e depois ela traz *aleGRIA*”. (DID – 121/POA/70 – linhas 425-427)

(3). “[...] n? *A rosa com amor* também tem pa/ pessoas que não trabalham bem que fazem () papéis de italiano não sabem trabalhar”. (DID – 121/POA/70 – linhas 451-453)

Ocorrências de ALÁDIA CENTENÁRIO⁶⁶

(1). “*Inf. 1-* na:: na Tupi eles têm daquela::... aquela moça – como é que ela chama... interessante - ... é uma ... a *Aída*...

Inf. 2- não

Inf. 1- ()

Inf. 2- eu não estou agora por dentro da:: dos nomes sabe? Que:: me esqueci o nome da da coreógrafa em que apresenta os *Aládia Centenário*...

Inf. 1- uhn

Inf. 2- da da Tupi... é *Aládia Centenário* e o João Carlos Berarti”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 369-378)

Ocorrência de BALANÇA MAS NÃO CAI⁶⁷

⁶⁴ *A Muralha* foi um filme dos anos 70 que retratava o Brasil do século XVII mostrando o princípio da formação do nosso povo e as expedições bandeiristas de uma forma bem real.

⁶⁵ *A Rosa com Amor* foi uma telenovela brasileira produzida e exibida no horário das 19 horas pela Rede Globo entre 1972 e 1973. Foi escrita por Vicente Sesso e estrelada por Marília Pêra e Paulo Goulart. Foi produzida em preto-e-branco.

⁶⁶ *Aládia Centenário* é uma coreógrafa do corpo de bailarinas da TV Record dos anos 70.

⁶⁷ *Balança mas não cai* foi um programa humorístico de grande sucesso da década de 70.

(1). “[...] olha atualmente eu acho que estão abaixo da crítica os programas humorísticos antigamente eu assistia aquele Praça da Alegria o Golias as:: hoje não tem programa bom... ahn:: tem um... por exemplo... o:: hoje tem s::... (como se como é)... tem o Caça não... eh... *Balança mas não cai* mas são... piadas tão bestas e... sei lá o o o nível acho que está tão baixo que não dá mais pra assistir... antes a gente ficava... alegre se alegrava tu via o programa tu te distraía hoje... não sei não não... não vejo... mais por que assistir... esses programas [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 247-259)

Ocorrência de *BLASER*

(1). “[...] eu acho que as lojas de homem são lindíssimas... a gente encontra até coisa mais bonita em homem do que em... então... agora... com unique sexe então... está pra mim... porque às vezes a gente quer comprar um *blaser* que a gente não encontra na loja de mulher e vai na loja de homem e encontra [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 301-303)

Ocorrência de *CAÇA*⁶⁸

(1). “[...] olha atualmente eu acho que estão abaixo da crítica os programas humorísticos antigamente eu assistia aquele Praça da Alegria o Golias as:: hoje não tem programa bom... ahn:: tem um... por exemplo... o:: hoje tem s::... (como se como é)... tem o *Caça* não... eh... *Balança mas não cai* mas são... piadas tão bestas e... sei lá o o o nível acho que está tão baixo que não dá mais pra assistir... antes a gente ficava... alegre se alegrava tu via o programa tu te distraía hoje... não sei não não... não vejo... mais por que assistir... esses programas”. (DID – 121/POA/70 – linhas 247-259)

Ocorrências de *CAPANGA*⁶⁹

(1). “[...] estão tirando os bolsos dos homens... então... eles hoje não têm mais (rindo) onde guardar um lenço... onde guardar (rindo) coisa alguma... são obrigados a usar o... a bolsinha... que tem o nome de... acho que é *capanga* né? chamam *capanga* né? isso... eu acho que nessa parte foi que houve a diferença e também... em vez de braguilha... eles usam agora écler”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 72-80)

Ocorrência de *CHACRINHA*⁷⁰

(1). “[...] olha não gosto do *Chacrinha* porque acho que ele debocha muito da pessoa humana... apesar que todo mundo gosta mas eu não gosto eu acho que (a gente) tem que respeitar a pessoa humana... depois... eu gostava do Flávio Cavalcanti antigamente porque o programa dele era de alto nível mas de repente ele começou a se bobear... principalmente quando ele voltou da da viagem dele da Europa [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 371-379)

Ocorrência de *CINDERELA*⁷¹

⁶⁸ Caça era um programa humorístico de grande sucesso nas décadas de 70 e 80.

⁶⁹ Capanga era um bolsa pequena de mão usada por homens.

⁷⁰ Chacrinha foi um comunicador de rádio e televisão brasileiro, além de apresentador de programas de auditório, sucesso na TV dos anos 50 aos 80.

(1). “*Inf. 2- [...] o que me revolta profundamente é o programa Cinderela*

Inf. 1- ah bom ()

Inf. 2- aquele aquele programa aquilo é abaixo da crítica [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 1117-1119)

Ocorrências de CONTOS⁷²

(1). “*Inf. 1- o hotel (superp) da classe média... simples... que seja sessenta... setenta contos diários... não tem (superp)”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 707-708)*

(2). “*Inf. 2- as despesas (superp) são imensas porque o local não tem infra-estrutura... imagine que eu comprei um quilo de peixe em conserva por oitenta contos”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 707-708)*

Ocorrência de CRAYON

(1). “[...] eu acredito que essas senhoras de sociedade... que devem freqüentar **Renault** e outros por aí... devem ter lá o... a sua... como se diz? ritual de massagens... de maquiagem... de creme... de sombras... de *crayon*... de **ruge**... batom... pode ser isso... e depois vem a parte do cabelo... não é? deve ser massageado com isso... massageado com aquilo... de... deve de tomar muito tempo... mas eu... eh... é válido porque são mulheres que estão sempre na... na crista da onda... estão sempre citadas... já criaram uma fama... um... elas são quase mitos... tem umas mulheres aí que são mitos... mulheres não saem da... não deixam de sair na coluna”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 579-590)

Ocorrências de CRUZEIRO(S)⁷³

(1). “[...] o camarada... para ir no teatro ele vai gastar... põe aí uns vinte *cruzeiros* dez vinte *cruzeiro* de táxi pra ir ou de condução que seja... que reduza esse preço... uns sessenta *cruzeiros* pro ingresso de teatro... pra assistir um espetáculo... e às vezes não é TÃO bom [...]”. (DID – 161/SP/70 – linhas 670-675)

(2). “[...] se você for cuidadosa... você controla... porque você tem você assentou que você tem cinco mil *cruzeiros* no banco... e no cheque número tal você tirou mil... então no canhotinho do cheque você faz a subtração... cinco menos um quatro... então na data daquele cheque o seu saldo passou a ser quatro mil... inversamente se você depois dessa retirada ou desse pagamento de mil *cruzeiros*... depositou dois mil... – vamos figurar sempre a hipótese de que a gente deposita mais do que tira né? ((risos)) – então... então se nesse meio tempo você depositou dois mil... nesse momento você passa a ter o disponível... como eles dizem em linguagem bancária... o disponível de seis mil *cruzeiros*... e assim você vai controlando [...]”. (DID – 250/SP/70 – linhas 670-675)

⁷¹ Boa noite Cinderela foi um programa de grande audiência dos anos 70, apresentado por Silvio Santos, que premiava mulheres de baixa renda que disputavam uma gincana com jogos.

⁷² Contos era a maneira usada para referir-se à unidade monetária do Brasil desde o período colonial, onde a representação de 1 milhão de réis era escrita Rs 1:000 \$ 000 e devia-se “1 conto de réis”.

⁷³ Cruzeiro é a unidade monetária brasileira que circulou de novembro de 1942 a março de 1986, e voltou a circular em março de 1990, em substituição ao cruzado novo.

(3). “[...] se uma criança... tem por mensalidade quinhentos *cruzeiros*... que nem todos os divorciados... podem pagar... por cada filho... e ELE se casa novamente e tem no/ novo filho... e se divorcia então esses quinhentos *cruzeiros*... a que o menino faz jus... terão que ser divididos por dois... ficará com duzentos e cinquenta *cruzeiros*... tem outra família... então esses duzentos e cinquenta *cruzeiros* o camarada vai ficar com CENto e vinte e cinco... ora... se quinhentos *cruzeiros*... mal... CHEgam... para sustentar UMA só pessoa da família... o que se dirá... de cento e vinte e cinco *cruzeiros*?... é tremendo esse problema [...]”. (DID – 145/RE/70 – linhas 120-128)

(4). “*Inf. 2-* nosso dinheiro valorizado? eu acho o seguinte: o preço... o pré... o peso uruguaio está a três *cruzeiros*... tanto que desapareceu aquele interesse do turismo ao Uruguai com a finalidade de fazer compras... né? [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 731-735)

(5). “*Inf. 2-* [...] sendo o Uruguai um país pequeno como é... vindo de uma série de dificuldades que me parece que ainda está atravessando... se ele consegue manter o seu... o seu peso três vezes superior ao *cruzeiro* a gente fica em dúvida... né... como é que eles conseguiram isso [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 737-741)

(6). “*Inf. 2-* [...] eu tenho dúvida sobre essa valorização... a senhora perguntou sobre a valorização do *cruzeiro*... né?”

Inf. 1- eu não tenho uma informação segura... hoje houve um determinado momento em que nosso *cruzeiro*... pelo na América Latina tinha uma força tremenda... naquele negócio... vamos dizer... áureo de sessenta e oito... sessenta e nove... setenta... para nós que disputávamos com o dólar [...]”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 746-752)

(7). “*Inf. 1-* tudo é de duzentos e tantos... trezentos *cruzeiros* por dia

Inf. 2- é... isso... não... o Hotel... por exemplo... Ondina não é de trezentos *cruzeiros*... é cento e poucos”. (D2 – 095/SSA/70 – linhas 712-714)

Ocorrências de (DA) (NA) TUPI⁷⁴

(1). “*Inf. 1-* [...] mas aqui nós não temos os Concertos para a Juventude da Globo?... e não temos boas orquestras também ()... inclusive *na Tupi* temos boas orquestras”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 334-336)

(2). “*Inf. 1-* na:: *na Tupi* eles têm daquela::... aquela moça – como é que ela chama... interessante - ... é uma ... a Aída...”

Inf. 2- não

Inf. 1- ()

Inf. 2- eu não estou agora por dentro da:: dos nomes sabe? que:: me esqueci o nome da da coreógrafa em que apresenta os Aládia Centenário...

Inf. 1- uhn

Inf. 2- *da da Tupi*... é Aládia Centenário e o João Carlos Berarti”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 369-378)

Ocorrência de ENTRETELA⁷⁵

⁷⁴ A Rádio Tupi do Rio de Janeiro foi fundada no dia 25 de setembro de 1935 pelas Emissoras e Diários Associados do Brasil de Assis Chateaubriand. Na década de 1940, a Rádio Tupi tinha um elenco com grandes nomes da música brasileira.

⁷⁵ Entretela era um tecido grosso ou armado que se colocava entre a parte externa e o forro de uma roupa.

(1). “[...] agora... os colarinhos têm uma *entretela* e pela... pelo lado do avesso vem uma parte com um pospontozinho... onde se introduz uma como que lingüeta de matéria plástica... para que o colarinho fique bem aprumado [...]”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 358-361)

Ocorrência de ELIZABETH TAYLOR⁷⁶

(1). “[...] a Sofia Loren a Doris Day que eu gostava dos fil/ gostava muito dos filmes dela... a Cláudia Cardinale também... agora a *Elizabeth Taylor* eu assisti dois filmes que eu dela que eu gostei do desempenho dela... ah e vi também com a Lisa a Lisa Minelli dois filmes inclusive o Cabaré antes de ser premiado eu tinha assistido [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 634-641)

Ocorrência de FESTA DE EMBALO

(1). “[...] hoje eu ouço dizer... ah... tem que dar roupa pra menina toda semana... porque toda semana a menina tem *festa de embalo* [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 301-303)

Ocorrência de GIVENCHY⁷⁷

(1). “[...] vou dizer uma coisa a você que talvez você vá se espantar... se eu fosse milionária... eu ia freqüentar o **high society**... eu adoraria ser uma Terezoca Souza Campos... adoraria... todo mundo fica bobo comigo... diz que não é possível você gostar de ter modelos de *Givenchy*... de Guilherme Guimarães... ah... adoraria [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 282-287)

Ocorrência de GUILHERME GUIMARÃES⁷⁸

(1). “[...] vou dizer uma coisa a você que talvez você vá se espantar... se eu fosse milionária... eu ia freqüentar o **high society**... eu adoraria ser uma Terezoca Souza Campos... adoraria... todo mundo fica bobo comigo... diz que não é possível você gostar de ter modelos de *Givenchy*... de *Guilherme Guimarães*... ah... adoraria [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 282-287)

Ocorrência de HIGH SOCIETY

(1). “[...] vou dizer uma coisa a você que talvez você vá se espantar... se eu fosse milionária... eu ia freqüentar o **high society**... eu adoraria ser uma Terezoca Souza Campos... adoraria... todo mundo fica bobo comigo... diz que não é possível você gostar de

⁷⁶ Elizabeth Taylor começou a carreira cinematográfica ainda criança, quando foi descoberta aos 10 anos. A partir de 1963, com o reconhecimento do prêmio máximo do cinema mundial, consagrou-se como a mais bem paga atriz de Hollywood.

⁷⁷ *Givenchy* era uma grife de roupas de preço altíssimo que se destacava por ser marca de status social nos anos 60.

⁷⁸ Guilherme Guimarães foi considerado o maior costureiro de alta costura do Brasil dos anos 60. Atualmente é um dos estilistas de noivas mais requisitados e não conta por nada quanto cobra por criação.

ter modelos de Givenchy... de Guilherme Guimarães... ah... adoraria [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 282-287)

Ocorrências de ISTO É

(1). “*Inf. 1* – [...] ah... eu... se não me falha a memória foi ontem que eu li nessa revistinha nova ‘*Isto é*’... uma página humorística... me parece que do Millôr... não sei se... não me lembro qual é o humorista dessa nova revista que saiu agora... ‘*Isto é*’... uma revista mais profunda... procura... ela se situa acima da... das outras por assim dizer”. (D2 – 365/POA/70 – linhas 328-333)

Ocorrências de JARDINEIRA

(1). “[...] foi o mais primitivo que eu vi... e ônibus... tão... TÃO... tão... e nem (ninguém pode) chamar aquilo de ônibus... que eles chamam aí fora de... de *jardineira*... tem um outro nome que eles dão também... não me lembro agora”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 642-645)

(2). “[...] eu ainda acredito que haja... a gente vê aí na televisão... esses homens combinando tudo... camisa... ainda há... esses **speakers** e... às vezes... eu sei as modas por essas mulheres aí da televisão... esses homens... que já cortam o cabelinho assim... *jardineira*... eu já sei que é moda [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 384-389)

Ocorrência de JEAN PAUL BELMONDO⁷⁹

(1). “[...] eu não presto muita atenção ao diretor... e artista de:... atualmente eu tenho assim como homem mas não assim o traBAlho que eles fazem mais o Tipo deles... tem o Yves Montand o *Jean Paul Belmondo* o:: Richard Burton que eu também acho que o trabalho dele em certos filmes que eu assisti foram muito bom... o::... Marcelo Mastroiani... aquele italiano Lando Busanca aquele que sempre faz o papel de:... de homem das mil mulheres... de mulheres eu tenho a Sofia Loren... mais pelo tipo dela não sei (se porque eu) acho que peguei desde adolescente [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 621-633)

Ocorrência de JOÃO CARLOS BERARTI⁸⁰

(1). “*Inf. 1*- na::: na Tupi eles têm daquela::... aquela moça – como é que ela chama... interessante - ... é uma ... a Aída...

Inf. 2- não

Inf. 1- ()

Inf. 2- eu não estou agora por dentro da:: dos nomes sabe? que:: me esqueci o nome da da coreógrafa em que apresenta os Aládia Centenário...

Inf. 1- uhn

⁷⁹ Jean Paul Belmondo é um ator francês que nasceu em 1933. Sua primeira grande performance foi em *À bout de souffle* (*Breathless*) de Jean-Luc Godard em (1960), que o tornou um dos grandes atores da Nouvelle Vague. Em 1964 esteve no Brasil para filmar *O Homem do Rio*, em cenas no qual aparece a recém-fundada Brasília.

⁸⁰ João Carlos Berarti era uma coreógrafo do corpo de bailarinas da TV Record dos anos 70.

Inf. 2- da da Tupi... é Aládia Centenário e o João Carlos Berarti". (D2 – 333/SP/70 – linhas 369-378)

Ocorrência de JOSÉ DE VASCONCELOS⁸¹

(1). “[...] os monólogos... de:: artistas famosos... eh principalmente os monólogos humorísticos como:: os espetáculos do uh:: uh:: Chico Aní::sio... do:: Juca Cha::ves... eh:: Ari Tole::do... *José de Vasconcelos* e outros que sempre faz sucesso... com algumas:: raras exceções... às vezes a peça não agrada tanto... ma::s normalmente... éh:: esse:: esses indivíduos esses humoristas fazem muito sucesso com (todos) seus moNÓlogos teatrais [...]”.

Ocorrência de JOTA SILVESTRE⁸²

(1). “[...] eu gostava do Flávio Cavalcanti antigamente porque o programa dele era de alto nível mas de repente ele começou a se bobear... principalmente quando ele voltou da da viagem dele da Europa... o *Jota Silvestre* acho Fabuloso... acho que ele... prende a atenção da gente... ele é uma pessoa simpática agradável... comunicativa também e respeita o outro o próximo [...]”.

Ocorrência de LANDO BUSANCA⁸³

(1). “[...] eu não presto muita atenção ao diretor... e artista de::... atualmente eu tenho assim como homem mas não assim o traBAIho que eles fazem mais o tipo deles... tem o Yves Montand o Jean Paul Belmondo o:: Richard Burton que eu também acho que o trabalho dele em certos filmes que eu assisti foram muito bom... o::... Marcelo Mastroiani... aquele italiano *Lando Busanca* aquele que sempre faz o papel de::... de homem das mil mulheres... de mulheres eu tenho a Sofia Loren... mais pelo tipo dela não sei (se porque eu) acho que peguei desde adolescente [...]”.

Ocorrência de LISA MINELLI⁸⁴

(1). “[...] a Sofia Loren a Doris Day que eu gostava dos fil/ gostava muito dos filmes dela... a Cláudia Cardinale também... agora a Elizabeth Taylor eu assisti dois filmes que eu dela que eu gostei do desempenho dela... ah e vi também com a Lisa a *Lisa Minelli* dois filmes

⁸¹ José Tomás da Cunha Vasconcelos Neto (Rio Branco, Acre, 20 de março de 1926), mais conhecido por José Vasconcelos, é um ator e humorista brasileiro. Começou no rádio, onde tornou-se célebre por fazer imitações perfeitas das vozes de outros locutores, como a imitação de Ary Barroso apresentando um programa de calouros. Produziu e atuou no primeiro programa humorístico da televisão brasileira, "A Toca do Zé", exibido pela TV Tupi de São Paulo em 1952. Em 1960 gravou um disco pela Odeon, "Eu Sou o Espetáculo", sendo provavelmente o primeiro humorista a vender mais de 100 mil cópias de um LP do gênero.

⁸² João Silvestre nasceu em 1922 e faleceu em 7 de janeiro de 2000. Ele foi um ator, escritor e apresentador de TV brasileiro. Desde o início da Televisão no Brasil em 1950, J. Silvestre (como passou a ser conhecido) brilhou na telinha com muito sucesso e criatividade.

⁸³ Lando Busanca foi um ator italiano que nasceu em 1925 e que fez grande sucesso no cinema nos anos 60.

⁸⁴ Lisa Minelli nasceu em 1946, é uma atriz e cantora estadunidense, participou do primeiro filme em 1949. Os anos 70 foram anos de muito trabalho para Lisa. Nos últimos anos, sua carreira tem estado voltada mais para os palcos e para a música.

inclusive o Cabaré antes de ser premiado eu tinha assistido [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 634-641)

Ocorrência de MARCELO MASTROIANI⁸⁵

(1). “[...] eu não presto muita atenção ao diretor... e artista de:... atualmente eu tenho assim como homem mas não assim o traBAIho que eles fazem mais o Tipo deles... tem o Yves Montand o Jean Paul Belmondo o:: Richard Burton que eu também acho que o trabalho dele em certos filmes que eu assisti foram muito bom... o::... *Marcelo Mastroiani*... aquele italiano Lando Busanca aquele que sempre faz o papel de:... de homem das mil mulheres... de mulheres eu tenho a Sofia Loren... mais pelo tipo dela não sei (se porque eu) acho que peguei desde adolescente [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 633-641)

Ocorrência de MOACIR FRANCO⁸⁶

(1). “[...] olha não gosto do Chacrinha porque acho que ele debocha muito da pessoa humana... apesar que todo mundo gosta mas eu não gosto eu acho que (a gente) tem que respeitar a pessoa humana... depois... eu gostava do Flávio Cavalcanti antigamente porque o programa dele era de alto nível mas de repente ele começou a se bobear... principalmente quando ele voltou da da viagem dele da Europa... o Jota Silvestre acho Fabuloso... acho que ele... prende a atenção da gente... ele é uma pessoa simpática agradável... comunicativa também e respeita o outro o próximo... o *Moacir Franco* também é apresentador eu gosto... dele... o Sílvio Santos também... mas (na) apesar de não assistir o programa dele... eu acho que é só que eu me lembre [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 371-387)

Ocorrências de MULHERES DE AREIA⁸⁷

(1). “[...] assisto a rosa com amor e agora::*Mulheres de areia*”. (DID – 121/POA/70 – linhas 415-416)

(2). “[...] estou vendo essa *Mulheres de areia* porque são artistas muito bons”. (DID – 121/POA/70 – linhas 435-436)

Ocorrência de NA CRISTA DA ONDA

(1). “[...] eu acredito que essas senhoras de sociedade... que devem freqüentar **Renault** e outros por aí... devem ter lá o... a sua... como se diz? ritual de massagens... de maquiagem... de creme... de sombras... de **crayon**... de **ruge**... batom... pode ser isso... e depois vem a parte do cabelo... não é? deve ser massageado com isso... massageado com aquilo... de...

⁸⁵ Marcelo Mastroiani foi um grande ator italiano que fez sucesso no cinema nos anos 60.

⁸⁶ Moacir Franco nasceu em 1936, é um ator, cantor, compositor e humorista brasileiro. Começou sua carreira nos anos 60 no programa Praça da Alegria interpretando o personagem "Mendigo", emplacou um grande sucesso ao gravar a marchinha de carnaval "Me dá um dinheiro aí".

⁸⁷ Mulheres de Areia foi uma telenovela brasileira produzida pela extinta Rede Tupi e exibida em 1973/1974, com Eva Wilma interpretando os dois personagens principais da trama, as gêmeas Ruth e Rachel.

deve de tomar muito tempo... mas eu... eh... é válido porque são mulheres que estão sempre na... *na crista da onda*... estão sempre citadas... já criaram uma fama... um... elas são quase mitos... tem umas mulheres aí que são mitos... mulheres não saem da... não deixam de sair na coluna”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 579-590)

Ocorrência de NA ONDA

(1). “[...] não... larga... gravatinha comum... não é como essas borboletonas agora... essas borboletaças que usam... que eu acho bonito... ah... eu estou dizendo a você que eu estou *na onda*... M.H eu adoro tudo que é moderno... tenho uma inveja de não ter vinte anos... que eu ia sair com uma... com um sapato verde... outro vermelho e eu ia lançar moda [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 757-762)

Ocorrência de NORMALISTA⁸⁸

(1). “[...] professora primária (é) ela é totalmente desvaloriZAda incu/inclusive o nível... o:... nível cultural dela é considerado baixo um nível cultural baixo uma pessoa que tem curso normal hoje SÓ... é considerada assim de nível o... BAIxo inclusive EU senti Isso... que eu sou *normalista*... e por isso que EU... procurei fazer outros cursos entendeu? [...]”. (DID – 251/SP/70 – linhas 33-39)

Ocorrência de O PREDILETO⁸⁹

(1). “*Inf. 2-* [...] esperanças de levar agora A Muralha
Inf. 1- mas agora estão dizendo que estão passando aí um filme muito bom *O Predileto* não é?... você ouviu falar?”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 652-655)

Ocorrência de OS CONCERTOS PARA A JUVENTUDE DA GLOBO⁹⁰

(1). “*Inf. 1-* [...] mas aqui nós não temos os *Concertos para a Juventude da Globo*?... e não temos boas orquestras também ()... inclusive na Tupi temos boas orquestras”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 334-336)

Ocorrência de PARADA

⁸⁸ Normalista é o termo utilizado para aquele que tem o curso de uma escola normal.

⁸⁹ O Predileto foi um filme de bastante sucesso no cinema nos anos 70.

⁹⁰ Os Concertos para Juventude da Globo era um programa musical onde se apresentavam cantores de grandes sucessos das décadas de 70 e 80.

(1). “[...] tem um pouco aqui... um pouco ali... mas isso aí é... é uma parcela mínima do que nós temos... tem metade na casa da minha sogra... a parte de cima dos meus armários estão cheias... quer dizer que é muito complicado... disco e livro é uma *parada*”. (DID – 084/RJ/70 – linhas 739-743)

Ocorrências de PULÔVER⁹¹

(1). “[...] sim... o *pulôver*... né? *pulôver*... em geral... é de... de malha... né? é feita com lã... mas em malha... em geral... não tem gola... o decote... não sei se obrigatoriamente é em vê... há uma distinção aí... quando tem manga... ou não tem manga... mas... realmente... eu não sei se existe outra diferença entre suéter e *pulôver*”. (DID – 159/SSA/70 – linhas 562-569)

Ocorrência de RICHARD BURTON⁹²

(1). “[...] eu não presto muita atenção ao diretor... e artista de:... atualmente eu tenho assim como homem mas não assim o traBAIho que eles fazem mais o Tipo deles... tem o Yves Montand o Jean Paul Belmondo o:: *Richard Burton* que eu também acho que o trabalho dele em certos filmes que eu assisti foram muito bom [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 621-628)

Ocorrência de RODA COR DE RODA

(1). “*Inf. 1-* [...] a peça *Roda cor de roda*... éh com a interpretação maior de uma atriz Irene Ravache que este ano... tirou o prêmio... da P.C.A.... de melhor atriz [...]”. (D2 – 333/SP/70 – linhas 847-849)

Ocorrências de RUGE⁹³

(1). “[...] eu acredito que essas senhoras de sociedade... que devem freqüentar **Renault** e outros por aí... devem ter lá o... a sua... como se diz? ritual de massagens... de maquiagem... de creme... de sombras... de crayon... de **ruge**... batom... pode ser isso... e depois vem a parte do cabelo... não é? deve ser massageado com isso... massageado com aquilo... de... deve de tomar muito tempo... mas eu... eh... é válido porque são mulheres que estão sempre na... na crista da onda... estão sempre citadas... já criaram uma fama... um... elas são quase mitos... tem umas mulheres aí que são mitos... mulheres não saem da... não deixam de sair na coluna”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 579-590)

(2). “ah... não... completamente... você vê que elas não usam mais pintura nem nada... né? nem batom... nada... **ruge** então... ah... eu acho que elas nem sabem o que é **ruge**... batom não usam mesmo”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 498-501)

Ocorrência de SERESTA⁹⁴

⁹¹ Pulôver é um agasalho de malha de lã, com ou sem mangas, que se veste pela cabeça.

⁹² Richard Burton foi um ator que alcançou o status de estrela internacional só nos anos 60, quando atuou ao lado de sua mulher Elizabeth Taylor em grandes produções como "Cleópatra" em 1962, "Gente muito importante" em 1963, "Quem tem medo de Virgínia Woolf" em 1966 e "A Megera domada" em 1967.

⁹³ *Ruge* era o termo utilizado antigamente para o cosmético em pó ou pasta, usado para colorir as faces.

(1). “[...] olha eu... eu sou avançadíssima... gosto de tudo que é moderno... não sou saudosista... até em música sou moderninha... *seresta*... uma ou outra... eu gosto é de pop... é roque... eu estou dizendo a você que eu sou uma velha... bom [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 208-212)

Ocorrência de SÍLVIO SANTOS

(1). “[...] o Jota Silvestre acho Fabuloso... acho que ele... prende a atenção da gente... ele é uma pessoa simpática agradável... comunicativa também e respeita o outro o próximo... o Moacir Franco também é apresentador eu gosto... dele... o *Silvio Santos* também... mas (na) apesar de não assistir o programa dele... eu acho que é só que eu me lembre”. (DID – 121/POA/70 – linhas 379-387)

Ocorrência de SOU UMA VELHA

(1). “[...] olha eu... eu sou avançadíssima... gosto de tudo que é moderno... não sou saudosista... até em música sou moderninha... *seresta*... uma ou outra... eu gosto é de pop... é roque... eu estou dizendo a você que eu *sou uma velha*... bom [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 208-212)

Ocorrência de *SPEAKERS*

(1). “[...] eu ainda acredito que haja... a gente vê aí na televisão... esses homens combinando tudo... camisa... ainda há... esses *speakers* e... às vezes... eu sei as modas por essas mulheres aí da televisão... esses homens... que já cortam o cabelinho assim... jardineira... eu já sei que é moda [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 384-389)

Ocorrências de TANGA (UINHA)⁹⁵

(1). “[...] a moda vem do estrangeiro... a única moda que o Brasil exportou é a *tanga*... né? essas *tanguinhas* aí de... destas meninas aí da praia... me parece que é a única coisa ((riso))”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 167-170)

Ocorrência de TEREZOCA SOUZA CAMPOS

(1). “[...] vou dizer uma coisa a você que talvez você vá se espantar... se eu fosse milionária... eu ia freqüentar o **high society**... eu adoraria ser uma *Terezoca Souza Campos*... adoraria... todo mundo fica bobo comigo... diz que não é possível você gostar de ter modelos de Givenchy... de Guilherme Guimarães... ah... adoraria [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 282-287)

Ocorrência de TRANSA

⁹⁴ Seresta era um peça vocal acompanhada por um ou diversos instrumentos.

⁹⁵ Tanga era uma calcinha reduzida usada como roupa íntima ou como peça de traje de banho.

(1). “[...] minha família... *transa* com política... e... acontece muito isso e o pessoal fica... quase que: obcecado na época da política [...]”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 414-416)

Ocorrência de TREM SUBTERRÂNEO

(1). “*Doc.*- que é que é o metrô... general?
Inf.- ah é um *trem subterrâneo* que existe hoje”. (DID – 112/RJ/70 – linhas 757-758)

Ocorrência de UM GRITO PARADO NO AR⁹⁶

(1). “[...] tudo é válido né?... muita coisa:: que:: foge a qualquer... como:: a peça de Gianfrancesco Guarnieri... *Um grito parado no ar*... está fazendo muito sucesso... não sei... parece que ainda está em cartaz... creio que ainda não tenha saído ainda ((tossiu)) [...]”. (DID – 161/SP/70 – linhas 548-552)

Ocorrência de UNIQUE SEXE

(1). “[...] eu acho que as lojas de homem são lindíssimas... a gente encontra até coisa mais bonita em homem do que em... então... agora... com *unique sexe* então... está pra mim... porque às vezes a gente quer comprar um blaser que a gente não encontra na loja de mulher e vai na loja de homem e encontra [...]”. (DID – 317/RJ/70 – linhas 301-303)

Ocorrência de YVES MONTAND⁹⁷

(1). “[...] eu não presto muita atenção ao diretor... e artista de:... atualmente eu tenho assim como homem mas não assim o traBALho que eles fazem mais o tipo deles... tem o *Yves Montand* o Jean Paul Belmondo o:: Richard Burton que eu também acho que o trabalho dele em certos filmes que eu assisti foram muito bom... o::... Marcelo Mastroiani... aquele italiano Lando Busanca aquele que sempre faz o papel de:... de homem das mil mulheres [...]”. (DID – 121/POA/70 – linhas 621-631)

Ocorrência de ZOEIRA

(1). “EU pelo menos não poderia... fazer uma crônica ou escrever alguma reportagem dentro de uma zoadeira daquela... uma *zoeira* tremenda”. (D2 – 151/RE/70 – linhas 414-416)

⁹⁶ Um grito parado no ar foi um peça de grande sucesso na década de 70 cujo autor era o ator de origem italiana Gianfrancesco Guarnieri.

⁹⁷ Yves Montand foi um ator do cinema francês que nasceu em 1921, teve seu auge no cinema nos anos 50 e faleceu em 9 de novembro de 1991.